POR QUE AMO MARIA

TRATADO SUBSTANCIAL E COMPLETO DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DE DEVOÇÃO PARA COM A VIRGEM MARIA SEGUNDO OS SANTOS PADRES, OS DOUTORES E OS SANTOS,

PELO PADRE JÚLIO MARIA
MISSIONARIO DE N. SENHORA DO SS. SACRAMENTO

VITA, DULCEDO ET SPES NOSTRA,
SALVE!

Reformatado by:

† Livros Católicos para Download

1945
EDITORA VOZES Ltda., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. BISPO DE NITERÓI,
D. JOSÉ PEREIRA ALVES. PETRÓ-
POLIS, 10 DE OUTUBRO DE 1945. FR.
MATEUS HOEPERS, O. F. M.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

CARTA-PREFACIO
do revmo. P. J.-M. Texier,
Diretor da "Revista dos Sacerdotes de Maria, Rainha dos Corações"

Meu caríssimo padre,

Pedistes-me fazer o prefácio de vosso novo livro: *"Por que amo Maria?"* Em vão vos objetei que não era senão um obscuro escritor, sem crédito junto aos leitores a quem especialmente vos dirigis; não escutastes minhas razões. Pretendestes que fôsse o diretor desta revista destinada aos sacerdotes de Maria[1], na qual colaborais com tão grande talento, zêlo e unção, que apresentasse vossa obra aos servos de Maria, e que lhes dissesse: "Se quiserdes que a vossa devoção para com a Virgem cresça cada vez mais, que o vosso amor por ela se torne mais ardente e vossa piedade filial mais terna e mais submissa, "tolle et lege", tomai e lêde. Tomai êste volume, devorai-o, e êle será para vosso coração mais doce que o mel. Será êle quem revolverá em vós tôdas as fibras da afeição, inspirar-vos-á a dar a Maria vosso espírito e vosso coração e a dispensar no seu santo serviço tôdas as fôrças de vosso ser".

Por que amo Maria? — eis um belo titulo que desperta de relance um mundo de idéias. Muitos cristãos, que a si mesmos fizeram igual pergunta, serão felizes por ver que respondeis por êles, e com que encanto e superabundância de pensamentos! Admirados, êles verão passar ante seus olhos as razões gerais e particulares que produziram e conservaram em sua alma o amor de Maria.

Por que amo Maria? Porque amo o que é grande, o que é belo, o que é virtuoso, o que é santo.

A menor parcela de bem, que sùbitamente aparece ao meu olhar, excita a minha admiração e me comove o coração. Mas aqui eu vejo a obra prima de Deus, a

---

1) Revista dos Sacerdotes de Maria Rainha dos Corações, 8 fr. para a França, 10 fr. para o estrangeiro. — S. Lourenço s/Sèvre (Vendée) França.

obra por excelência, onde o Pai prodigalizou as maravilhas do seu poder; o Filho, os recursos de sua sabedoria; o Espírito Santo, as ternuras do seu amor. Aqui eu vejo a criatura ideal, à qual nada falta que a possa tornar perfeita, a criatura segundo o coração de Deus, e também segundo o coração do homem de boa vontade, a criatura sem mancha, sem defeito, a criatura que, dócil às vontades de Deus, se elevou até às alturas por um progresso constante e prodigioso.

E vós nos colocais em presença dêste espetáculo tão belo e tão reconfortante! Mostrais-nos as preferências, as complacências da Santíssima Trindade por esta virgem de Nazaré, admitida às honras mais sublimes; descreveis as relações admiráveis de Maria com as três pessoas divinas, o papel imenso que ela desempenha no universo, e, então, vossa alma, fascinada de admiração, exclama: "Eu também devo amar aquela que Deus tanto amou!" Quanto ao vosso plano, êle é verdadeiramente belo. Sois rico de idéias, e estas idéias são belas, abundantes e fecundas. E sabeis exprimi-las tão bem, com vivacidade e fogo que logo se comunicam.

A augusta Virgem, caríssimo padre, aparece-nos tão bela em vossa obra! E' que a tendes freqüentado constantemente desde a vossa infância e já a conheceis perfeitamente. Sim, Maria é boa, imensamente boa, porque ela é tudo junto a Deus, porque ela é a mais viva expressão de Deus, depois da santa humanidade do Verbo. Boa, e com esta bondade divina que ela vai haurindo constantemente no coração de seu Filho, coloca a sua felicidade em fazer bem aos homens. Esta bondade de Maria está encerrada em um coração de mãe e de virgem, e êste coração é tudo para nós, com sua afeição, suas ternuras e suas delicadezas.

Esforçastes-vos com todo o vosso amor de filho para expor êste papel de Maria ao nosso olhar. Como somos felizes em contemplar convosco Maria ocupando-se, com uma solicitude tocante, das necessidades de todos os seus filhos, velando-os, protegendo-os, consolando-os, encorajando-os, formando-os na virtude, para os ajudar a conquistar o trono que a Providência eternamente lhes predestinou. Oh! quem nos descreverá os benefícios, as manifestações de ternura e as carícias deliciosas de nossa mãe? Experimentastes fazê-lo, caro padre, confessando-

vos impotente para dizer tudo. Repetis algumas vêzes e confessais que, em presença dêste milagre que é a santíssima Virgem, não podeis senão balbuciar como a criança.

Não obstante, dissestes bem e se a Virgem vos aparecesse como Jesus a Santo Tomás, ela vos diria também: "Bene scripsisti de me — escreveste bem de mim". E se ela ajuntasse esta outra palavra: "Quam mercedem accipies — que recompensa queres receber?" estou certo de que responderíeis como o santo doutor: "Non aliam, Domine, nisi teipsum — nenhuma outra senão vós, ó minha Soberana"; porque a vossa ambição é amar a esta Virgem imaculada e a fazer amar. Quereis conquistar para a vossa Rainha, não domínios terrestres, nem tesouros perecíveis, mas corações onde ela possa mover-se à vontade, satisfazer aos seus anseios de fazer o bem e reinar sôbre todos os corações.

O vosso livro terá êsse feliz resultado. Todos os que o lerem, sentir-se-ão impelidos a amar cada vez mais a Santíssima Virgem e verão, contristados, que no passado não tiveram talvez os sentimentos de afeição filial que ela merece, prometendo compensá-la no futuro por um redôbro de ternura. Vós os ganhareis seguramente para Maria, porque sois um bom conquistador. *Pectus est quod disertos facit.* Vosso coração é eloqüente, porque está cheio de amor a transbordar. Semelhante a um rio caudaloso, vosso livro, por suas demonstrações sólidas, por seus quadros emocionantes, como por outras tantas vagas bravias, levará tudo para aquela que o bem-aventurado de Montfort chama o mar, o oceano das misericórdias divinas.

Estamos numa hora decisiva na história da sociedade, em uma hora de batalha, onde dois exércitos se defrontam: o exército do mal e o exército do bem. O primeiro é comandado por Satanás e reúne em suas fileiras uma multidão de réprobos... O seu estado maior é composto dos renegados, de vendidos, de repudiados, dos escravos do demônio. O exército do bem tem como general Nossa Senhora. Aqui também é preciso um escol. A Virgem Santíssima chama ao redor de si almas valorosas, devotadas, prontas a lhe obedecer e se sacrificar por sua causa. Ela pede servos inteiramente livres, não tendo outro desejo senão o de fazer tôdas as suas vontades. Pois

bem! vosso belo livro ajudará a formar êste escol. Vós sereis para os batalhões de Maria como um sargento recrutador.

Praza a Deus encontrásseis muitos, muitos dêsses corações generosos que a Virgem espera para travar a batalha e alcançar o triunfo!

Eis o voto que por vós formula a minha amizade, isto é, que vossa obra concorra para maior extensão do reino de Maria Santíssima, para felicidade da humanidade.

São Lourenço sur-Sèvre, 23 de janeiro, festa dos esponsórios de Nossa Senhora e S. José.

P. J. M. Texier

INTRODUÇÃO

O' Maria, com que coroa cingirei a vossa nobre fronte!
S. João Damasceno

A melhor introdução de um livro piedoso é uma prece ao Deus todo-poderoso, para que êle se digne abençoar as suas páginas.

"O' meu Deus, direi eu, portanto, com Sto. Agostinho, sinto o meu coração comover-se profundamente ao pensar que vou empreender o elogio de vossa Mãe, desta Mãe augusta, elevada a um grau tão elevado em graça e dignidade, que homem algum jamais, nem algum anjo pode sequer conceber a sua sublimidade."[1]

E com S. João Damasceno: "Abri, Verbo divino, abri vós mesmo os meus lábios, incapazes como são de dizer algo de conveniente a vosso respeito.

Depositai sôbre os meus lábios palavras que tenham a doçura do mel e a suavidade dos céus.

Concedei-me uma graça semelhante àquela que o Espírito Santo se dignou conceder outrora a simples pescadores da Galiléia, aos quais inspirou uma eloqüência sôbre-humana, para que eu proclame os insignes privilégios de vossa Mãe querida, menos indignamente do que o faria, entregue às minhas débeis fôrças."[2]

E que vos direi eu, ó doce e arrebatadora Mãe de amor?

E' de joelhos, ao pé da vossa imagem, que começo êste livro.

Desde há muito tempo o seu plano estava traçado em meu espírito, meu coração fecundava-o sem cessar e minha alma aí depunha a sua vida e os seus afetos, mas é sòmente hoje que me é dado fixá-lo sôbre o papel, dizendo:

algo do que entrevi;

---

1) S. Aug. Homil. 4 de Assumpt.
2) S. J. Damasc. serm 1 de Dormit. B. V. M. n. 3.

algo do que saboreei;

algo do que desejava fazer entrever e saborear aos outros.

Antes de começá-lo, tudo se desenhava claro e preciso ante os olhos de minha alma, mas, no momento de executar o quadro já esboçado, sinto quanto é difícil falar bem de vós... e minha mão vacila e meu espírito se aterroriza diante da tarefa já começada.

Tem-se falado tanto de vós... e, entretanto, nada se disse ainda... nada!... em comparação do que se poderia dizer!...

Têm-se haurido algumas gotas sòmente no oceano de vossas grandezas e perfeições... apenas algumas gotas tão saborosas, mas em tão pouca quantidade! Oh! feliz daquele que pode entrever um pouco êste oceano.

Que me seja permitido haurir ali mais uma gôta ainda e expandi-la sôbre as almas desejosas de amor e generosidade.

Como vos explicarei o fim destas páginas, caro leitor, e filho muito amado de nossa Mãe?...

Como o filho que nunca viu sua mãe, mas que sente, entretanto, seu coração e sua alma cheios de emoção e de amor ao pensar nela, para iludir a impaciência que tem de conhecê-la, importuna com infatigáveis perguntas àqueles que a viram, que a conheceram, ou que dela ouviram falar, assim também eu quis interrogar:

ao céu, que vê Maria,

à Igreja, que a conhece,

aos santos, que ouviram falar dela;

e, apoiado sôbre êles e seus testemunhos, tentei reconstituir algo da radiosa e inefável fisionomia da Mãe de Deus. E eis por que recolhi os diversos motivos que nos induzem a honrar e amar esta incomparável rainha e soberana dos corações.

Pareceu-me que era mais uma obra a fazer.

Existem muitos livros que tratam da Santíssima Virgem, mas não conheço um sequer que tenha por fim darnos uma percepção clara, raciocinada e sólida dos diversos motivos por que devemos amar Maria Santíssima.

Era uma lacuna lamentável, pois o "porquê" desempenha sempre um papel importante em nosso amor, como em tôdas as nossas emprêsas.

Experimentei, em parte, preencher esta falta no presente trabalho, ao qual seguirá, como espero, um segundo, intitulado: *"Como amo Maria"*, e que será a prática da doutrina exposta neste volume.

Eis a ordem seguida no presente volume, onde todos os motivos estão enfeixados sob cinco títulos principais:

1. a vontade de Deus, que me fêz conhecer a Maria e a necessidade de amá-la;

2. a grandeza de Maria, que excita a minha admiração;

3. seu poder, que me move a confiar nela;

4. sua beleza, que me atrai e me incita a desprezar tôda a beleza terrestre, indigna de merecer o meu amor;

5. seus benefícios, que me obrigam a amá-la, por reconhecimento e reciprocidade de amor.

Êste plano pareceu-me completo, lógico e fecundo, pois toma a alma tal qual é e a conduz sucessivamente ao conhecimento, à admiração, à confiança, à preferência e ao amor.

Não é êste o caminho que segue o nosso coração na escolha do objeto de seu amor?

A que categoria de leitores se dirige êste livro?

A presente obra se dirige a todos aquêles que desejam conhecer e amar Nossa Senhora. Dirige-se aos padres, que têm em vista propagar o culto e estender o amor de sua divina Mãe, os quais nêle acharão matéria abundante e sólida para pregar sua sublime devoção; aos religiosos, que encontrarão assuntos de meditação fecunda; e, finalmente, a todos os filhos de Maria, que aí virão colhêr e auferir luzes e exposições sumárias que lhes eram talvez até agora desconhecidas. A todos êles ensinará a amá-la mais generosamente, apresentando e descobrindo-lhes o mais claramente possível a sua divina Mãe, ensinando a amá-la com mais generosidade e a conhecê-la com mais zêlo.

Êste trabalho, em que pus todos os meus esforços, para fazê-lo tão completo e substancial quanto possível, ainda está muito imperfeito. Êle não é mais que o resultado diminuto do esfôrço de uma alma incapaz de realizar completamente o que antes concebera.

Quando se trata de Maria, a alma anseia por uma exclamação mais divina, o coração requer uma língua-

gem mais suave, e o amor, um acento mais vivo e mais afetuoso.

Eu o sei... bem o sinto. Mas, se não me é dado realizar o quadro que meu coração tinha esboçado, espero que entre os leitores destas páginas haverá alguma alma que dará êste grito divino, algum coração que falará esta linguagem tão sublime, algum filho de Maria, ao qual o amor à sua Mãe do céu arrancará do seu peito êste acento apaixonado que eu mesmo não pude achar. E se algum dia me fôr dado sabê-lo, seja aqui na terra ou lá no céu, de antemão terei gozado a minha recompensa.

P. Júlio Maria

PRIMEIRO MOTIVO

A VONTADE DE DEUS

Introdução

Deus quer que amemos a Maria Santíssima. E' o primeiro e mais transcendente dos motivos. E' a sua vontade formalmente expressa sem ambigüidade nem subterfúgios. *Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita et vos faciatis — eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, assim façais vós também* (Jo 13, 15).

E como fêz êle?

Abri o Evangelho e ai encontrareis o amor, a ternura de Jesus por sua Mãe, resumidos nesta frase tão bela e luminosa: *Et erat subditus illis* — e lhes era submisso.

Mas, para ver, em sua plenitude, esta divina vontade, é preciso considerar Nossa Senhora nos desígnios de Deus, isto é, com tudo o que Deus fêz para torná-la bela, grande, poderosa, amante e amada e para fazê-la aparecer como a arrebatadora dos corações — *Raptrix cordium,* segundo a expressão de São Bernardo.

E' preciso percorrer, meditando um instante, a predestinação, a preconização, as figuras e os emblemas da incomparável Virgem, e vê-la pairar, radiante de graças, por sôbre nossa raça decaída, como um penhor seguro de esperança e perdão.

Após a vinda do Salvador, não é mais simplesmente a Virgem prometida — *Virgo paritura,* mas é a Virgem aureolada de tôda a glória de seu Filho e amante com tôda a pureza de seu coração imaculado.

E' Maria Santíssima vivendo na Igreja, fecundando-a, estendendo-a pelo encanto de sua virtude e pelo atrativo de seu amor, aparecendo no meio dos apóstolos e dos primeiros fiéis, como um escudo divino a proteger e conservar intata e pura a doutrina de seu Filho e de seu Deus. E' o culto da Virgem em suas origens e através dos séculos.

E' preciso estudá-la, enfim, na obra da nossa santificação, penetrar nas almas, e ver ai o seu papel santificador. E' mais uma página sublime da história de Maria,

e que nos fornece poderosos motivos que nos induzem a ter amor e afeição por ela, porque, como o diz Santo Afonso de Ligório: "Um verdadeiro filho de Maria não pode se perder".

Êstes três aspectos, ou, antes, êstes três lados do culto de Maria Santíssima são como a expressão completa da vontade de Deus.

I. Maria nos desígnios de Deus, ou a solicitude que teve o Altíssimo em fazer que Maria fôsse honrada e amada de modo especial.

II. Maria na Igreja, ou Deus estendendo através das idades, de modo maravilhoso, o culto à bendita Virgem de Nazaré.

III. Maria nas almas, ou a necessidade que todos têm de possuir uma grande devoção à Mãe de Deus e de encontrar neste culto um poderoso meio de santificação e de união a Deus.

Êstes são os três pontos de vista que se completam mùtuamente, os quais experimentaremos penetrar um instante, a fim de compreendermos em tôda a sua fôrça e grandiosa extensão o primeiro motivo de amor a Maria Santíssima.

CAPÍTULO I

MARIA SANTÍSSIMA NOS DESÍGNIOS DE DEUS

I

No começo!...

> Quando Deus prescrevia uma lei às chuvas, e um caminho às tempestades ruidosas, então êle a viu, e a manifestou, a estabeleceu e preparou para sua futura grandeza
>
> (Jó 28, 26-27)

Era no começo, antes de todo começo... As barreiras infindas do nada não tinham visto se elevar ainda sôbre elas o sol da vida. Deus repousava na contemplação do seu "pensamento", na beatitude infinita de seu amor. Nada era então criado e a terra e céu não existiam. Mas todos os sêres que se deviam agitar um dia ao sôpro maravilhoso de sua palavra criadora, como uma onda de pó levantada pelo vento, passam diante do Eterno.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo, no seio de sua glória e de sua eternidade, contemplavam os sêres dotados de espírito e liberdade. Êles os viam sair de suas mãos radiantes e cheios de vida e aspirações...

O olhar das três pessoas divinas já os seguia ao longo do caminho que deviam percorrer um dia, senhores de seus destinos, fiéis ou desertores, vencedores ou vencidos, cumprindo, entretanto, com liberdade, os desígnios determinados por seu Criador. Êles os viam, após a morte, ao voltarem à pátria celeste e diante do tribunal divino, diante do castigo, diante da glória...

E ao mesmo tempo, dominando todo êste conjunto, em cima desta admirável e majestosa evolução de tôda a criatura, aparece uma figura e destaca-se luminosa e pura, aureolada de virtude e coroada de glória. À sua vista,

o olhar de Deus, antes majestoso e real, torna-se terno como o olhar comovido de quem ama, pede e espera.

Todavia, esta criatura também será tirada do pó. Pertencerá à raça decaida. Será filha de Eva.

Semelhante a estas estalactites que se vêem cintilar às vêzes em uma gruta lamacenta, sob a impressão de um raiozinho de luz nela infiltrado, não se sabe como, assim também ela aparece brilhante e luminosa... e pura, cercada de um atrativo irresistivel. E' filha da noite, mas nasceu em pleno dia, em plena santidade — *cheia de graça.*

Sois vós, ó Maria... radiosa aparição que paira acima do mundo para o iluminar, aquecer, guiar e amar...

Sois vós! Meu coração vos aplaude e meus olhos não podem mais desviar-se de vossa maternal beleza: *Specie tua et pulchritudine tua, intende, prospere procede, et regna* (Sl 44, 5).

E como vos não hei de admirar e considerar-vos atentamente, quando vejo a augusta Trindade contemplar-vos com admiração!...

As três pessoas aplaudem esta radiosa aparição e se rejubilam à vista da obra de seu amor mútuo!

— Sim, ela é digna de ser minha filha, associada às minhas obras, diz o Pai. Tôda bela e perfeita, eu hei de fazer reluzir nesta prodigiosa criatura todo o meu amor para com o Verbo encarnado. Ela será a mãe daquele de quem eu sou Pai. Eu a amo e ela será amada.

— E' de seu sangue virginal, continua o Filho, que será formado o meu corpo. Ela será minha mãe muito amada, digna de colaborar comigo na grande obra da salvação da humanidade. Eu a amo e ela será por mim amada!

— Eu descerei sôbre ela, ajunta por sua vez o Espirito Santo, e minha virtude cobri-la-á com a sua sombra. Ela será meu santuário, minha amiga, minha espôsa. Dela nascerá o Filho de Deus, e, graças ao seu consentimento, unir-se-á às almas para fecundá-las com meus dons. Eu a amo e ela será amada.

E a aparição radiosa, aureolada de amor e coroada de glória, que evocam, em sua imutável eternidade, as três pessoas divinas, parecia inclinar-se sorridente, a transbordar de ternura, de atração e de anelo a Deus.

E o Pai, a fitá-la, lhe diz: O' minha filha, minha bem amada, serás a obra-prima de minha onipotência, terás uma parte tão grande de meu poder total, que jamais criatura alguma poderá alcançar. A extensão de tua influência não será igualada senão pelo esplendor de tua pureza. Triunfarás pelo poder e a misericórdia.

— O' Mãe de vida, minha futura mãe, ajunta o Filho, serás a obra prima da minha sabedoria. Ser-te-ei submisso, para mostrar aos homens como êles devem amar-te, modelando a sua própria vida pela tua. Triunfarás por tua beleza e sabedoria.

— O' espôsa do meu coração, continua o Espírito Santo, serás o objeto privilegiado de minha fidelidade. Pela inesgotável riqueza de teu coração, atrairás a confiança a jorrar exteriormente uma caudal corrente de benefícios. Triunfarás pelo amor e reinarás pela bondade.

E no esplendor do conhecimento infinito, no qual se envolve a augusta Trindade, e também os sêres futuros, no amor que ela tributa às criaturas privilegiadas que existirão um dia, o Altíssimo predestinava a gloriosa e imaculada Virgem, dotando-a de antemão de tôdas as belezas e de tôdas as grandezas que uma criatura possa encerrar.

E tudo isso se passava no começo... antes de todo o começo: *Dominus possedit me in initio viarum suarum antequam quidquam faceret a principio* — o Senhor me possuiu no princípio dos seus caminhos, desde o princípio, antes que criasse alguma coisa (Prov 8, 22).

II

A predestinação

E' assim que apareceu desde o começo (Prov 8, 23). antes de todo começo, *ab aeterno ordinata sum,* a radiosa figura da Virgem-Mãe, objeto das complacências eternas da adorável Trindade, objeto de amor e de admiração para os mortais.

Desde o começo já se lhe podem aplicar as célebres palavras de S. Bernardo: *Sic est voluntas Dei qui totum nos voluit habere per Mariam* — a vontade de Deus é que

tudo nos venha pelas mãos de Maria. Tudo por ela, nada sem ela.[1]

Desde tôda a eternidade havia Deus decidido que seu Verbo se faria carne e se revestiria da natureza humana. Mas a encarnação do Filho de Deus — união da terra e do céu — estava tão intimamente unida, nos decretos eternos, à maternidade divina de Nossa Senhora, que se eternamente o Verbo ocupou o pensamento de Deus, esta previsão devia naturalmente juntar-se à de Maria, Mãe de Deus. E então pode-se dizer com razão: E estava aí a Mãe de Deus — *Et erat mater Jesu ibi* (Jo 2, 1-5).

De uma maneira especial Maria foi escolhida antes de todos os tempos para a realização desta inefável obra da misericórdia divina. "A Mãe de Deus, diz Suarez, estava inseparàvelmente unida ao seu divino Filho, nos decretos do Eterno".[2]

Eis por que a Igreja procura escolher sempre os próprios têrmos da Escritura Sagrada, que falam da sabedoria incriada e representam as suas origens eternas, para dêles fazer aplicação à Santíssima Virgem, que foi, nos imutáveis desígnios de Deus, o objeto do mesmo decreto que a encarnação do Verbo divino.[3]

"O Senhor me possuiu no principio dos seus caminhos, desde o princípio, antes que criasse coisa alguma. Desde a eternidade fui constituída, e desde o principio, antes que a terra fôsse criada. Ainda não havia abismos e eu já estava concebida; ainda as fontes das águas não tinham brotado, ainda não tinham assentado os montes sôbre a sua pesada massa; antes de haver outeiros e eu tinha já nascido. Ainda êle não tinha criado a terra nem os rios, nem os eixos do mundo. Quando êle preparava os céus, eu estava presente; quando, por uma lei inviolável, encerrava os abismos dentro dos seus limites; quando firmava lá no alto a região etérea, e quando equilibrava as fontes das águas; quando circunscrevia ao mar o seu têrmo, e punha lei às águas, para que não passassem os seus limites; quando assentava os fundamentos da terra, eu estava com êle, regulando tôdas as coisas" (Prov 8, 22-28).

1) Esta doutrina tão gloriosa para Maria Santíssima e tão consoladora para nós, será explicada ao tratar-se das relações da Virgem com a augusta Trindade (VIII, 3-5).

2) In part. 3. disp. I. art. 3.

3) Pius IX, bula Ineffabilis, 1854.

E', portanto, com muita razão que a Virgem Maria é chamada a "Primogênita antes de tôdas as criaturas — *primogênita ante omnem creaturam*" (Ecli 24, 5), assim como Jesus Cristo nos é apresentado como "Primogênito de tôda criatura — *Primogenitus omnis creaturae*" (Col 1, 15).

São Bernardo, ilustre apologista da Mãe de Deus, resumindo todos os piedosos transportes da tradição católica acêrca desta verdade, assim se exprime: O' Maria, vós precedestes a tôdas as criaturas no pensamento do Eterno, de preferência a tôdas as outras, mesmo as mais favorecidas; fôstes escolhida e predestinada para ser a mãe do homem-Deus, nosso Salvador.[4]

Tal é, portanto, o segrêdo admirável da predestinação da Santíssima Virgem. Mas, como sondar êste abismo? Nenhuma palavra humana poderia traduzir convenientemente estas maravilhas; língua alguma, fôsse ela angélica, nos poderia revelar a compreensão dêste grande mistério, nem penetrar nas profundezas dêste santuário, onde Deus habita cercado e aureolado de uma luz inacessível.

E é sòmente pelo estudo dos diferentes aspectos e conseqüências da predestinação, assim como das intimas relações existentes entre Maria Santíssima e o seu divino Filho, que chegaremos a conceber uma pálida idéia da sublimidade dêste grandioso mistério.[5]

III

O mistério de amor

E' o amor quem nos pode dar a exata explicação desta sucessão de mistérios, que preparam a Virgem para as sublimes funções que a mesma deve exercer um dia.

Mais além teremos ocasião de discorrer sôbre êste assunto, considerando-o sob um ponto de vista especial, isto é, Maria, a bem-amada do Altíssimo. Aqui conside-

4) Serm. LI. c. 4.

5) Eis em que têrmos S. Bernardino exprime a tríplice predestinação de Nossa Senhora: "Tu ante omnem creaturam in mente Dei praeordinata fuisti ut, omnium feminarum castissima, Deum ipsum, hominem verum ex tua carne procreares; ut perdito mundo recuperares aditum et vitae perennis emolumentum praeparares; ut prae omnibus post Filium Regina caelorum effecta, gloriosa regnares (S. Bernardino. Serm. de concep. B. V. art. I).

raremos êste amor, sòmente enquanto é a causa da predestinação da Virgem imaculada.

O Deus de amor não age senão por amor. E neste amor, que constitui a sua essência — *Deus caritas est* — êle vai dar ao mundo uma criatura capaz de comover os corações mais empedernidos. E não sòmente esta criatura participará da caridade de Deus, mas trará em seu seio aquêle que é a plenitude e o autor desta caridade.

Poderia ela ser grande, rica e bela demais?...

O' Maria, como nos sentimos imergidos no amor, no meio de tão sublimes mistérios!... Como é possível que ainda haja homens que não vos amem?... porquanto Deus vos amou tanto e vos fêz tão amável!...

Escolhida e predestinada desde tôda a eternidade, Maria Santíssima foi amada por Deus mais que tôdas as outras criaturas, diz Paulo de Sta. Catarina.[6]

A princípio, Deus a amou mais que todos os descendentes de Adão, porque êle queria dar-lhe a graça da imaculada conceição, que a isentaria do pecado original e a preservaria de todo e qualquer pecado. Segue-se que a amizade que Deus nutre por ela foi perfeita e ininterrupta. Além disto, êle a amou com um amor maior do que aquêle que tributava aos anjos e aos nossos primeiros pais no estado de inocência, porque eternamente decretara conceder-lhe os maiores dons sobrenaturais.

Desde tôda a eternidade, Deus amou mais a Jesus Cristo como homem, do que as outras criaturas, visto ter-lhe dado um nome que está acima de todo o nome (Filip 2, 9).

Não podemos nós concluir disto que êle amou a Maria muito mais que tôdas as outras criaturas, pois que lhe deu um nome, que não concedeu a nenhuma outra, como é o nome de Mãe de Deus?

Quanto mais alguém nos é unido, mais o amamos. E nosso coração se inclina com preferência para o coração daqueles que nos são unidos por laços de amor. Isto é como uma lei estabelecida por Deus, e à qual o mesmo Eterno quis se submeter.

Primeiramente, êle ama a si mesmo, com um amor infinito, porque êle só, evidentemente, é o objeto adequado de seu amor. Depois, entre as criaturas, êle ama,

6) Paulus a Sancta Catharina, De B. Mariae praedest. et nat. lib. I. cap. I. sect. 2.

com um amor maior, aquêles que o tocam de perto e que lhe são unidos pelos laços do amor. E, sob êste ponto de vista, quem poderá avaliar o amor que tinha à Virgem Imaculada, pois que ela lhe era tão intimamente unida, que nela havia alguma coisa que, objetivamente, determinava o ato da vontade divina, como sendo próprio a Deus, isto é, esta substância da qual o Verbo divino devia formar para si um corpo humano.

Se Deus ama tudo em uma ordem perfeita, e se já é tão imenso o amor que êle dedica às simples criaturas, quem avaliará o amor que êle tem àquela que foi por êle predestinada para ser sua própria Mãe?

Se Deus, diz Sto. Agostinho, nos ama porque somos os membros daquele que êle ama, e se, por esta causa, êle nos amou antes que existíssemos, eu direi que êle ama a Maria mais que todos os outros, porque ela é a Mãe de seu Filho único, e, por esta causa, êle ama a Maria mais que tôdas as outras criaturas, porque êle queria, com efeito, que ela fôsse a Mãe de seu Filho único.[7]

A razão pela qual Maria foi predestinada a uma dignidade suprema, acima de tôda criatura, é de tê-la Deus amado mais que as outras criaturas.

De fato, que é a predestinação?

E' o fato pelo qual Deus quer, desde tôda a eternidade, eficazmente e em um momento determinado, conceder a glória a uma criatura racional. E esta vontade eficaz inclui em si todos os meios necessários para adquirir esta glória. Na verdade, Deus dá a tôdas as coisas meios proporcionados ao fim. Tendo, pois, decidido dar a Maria Santíssima maiores auxílios de graças, que às outras criaturas, êle devia preparar-lhe os meios de adquirir uma glória acima de tôdas as glórias que possam as criaturas adquirir.

Vemos, na Sagrada Escritura, que Deus predestinou almas privilegiadas para nelas manifestar as riquezas de sua glória e de sua bondade (Rom 9, 23), para mostrar assim as riquezas de sua glória sôbre os vasos de misericórdia.

Se, pois, desde tôda a eternidade Deus decretou distribuir favores especiais aos seus principais eleitos, a fim de provar sua singular liberalidade para com os mesmos, quanto mais deve ter colocado acima, muito acima

7) S. Ag. Tract. 110 in Jo.

dos santos, aquela que devia um dia ser a sua santa Mãe. Quanto não deve ter êle se esmerado em dispensar em seu favor dons mais inefáveis que os de todos os outros santos, para nela mostrar melhor as riquezas de sua caridade e os dons de sua glória.

Ora, desejar para alguém maiores bens que para outros, é provar que o amamos em grau mais elevado.

Predestinada a uma glória maior, Maria foi, pois, mais amada por Deus que tôdas as outras criaturas.

"Desde tôda a eternidade, diz o sábio Cornélio a Lapide, a bem-aventurada Virgem foi predestida para ser a principal das obras de Deus, isto é, a primeira entre tôdas as criaturas."[8]

Ela foi o modêlo de santidade sôbre o qual Deus devia plasmar os santos anjos, os apóstolos, os mártires, os confessores, as virgens, os religiosos e todos os fiéis.

Assim como Deus concebeu e predestinou em seu espírito a bem-aventurada Virgem, assim também predestina por ela e segundo ela todos os eleitos. Eis por que São João Damasceno chama a Santíssima Virgem o abismo, a fábrica dos milagres: *Miraculorum abyssus, miraculorum officina.*

"O' Maria, exclama um piedoso autor moderno[9], vós fôstes desde tôda a eternidade o objeto de uma soberana predileção, pois que quando apareceu o mundo, Deus vos deu tôdas as virtudes, com tôdas as graças, e pôs em vossa formação todo o esmêro para que fôsseis a obra-prima de tôda a predestinação. Quem, pois, não vos escolherá para objeto de seu amor? Quem não elevará os olhos de seu espírito para vossa divina beleza? Sim, *como és formosa, amiga minha, como és formosa, ó minha bem amada, e não há, pois, mácula em ti — tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te"* (Cant 4, 7).

Sim, se Deus fêz tanto por Maria, se lhe preparou tanta glória, tanto amor, tantos atrativos, é porque êle a ama verdadeiramente e quer vê-la por nós amada.

---

8) Serm. 1. de Nat. B. V.
9) Barbier: La Ste. Vierge d'après les Pères.

IV

As graças reservadas a Maria

O decreto, que, desde a eternidade, destinava Maria Santíssima à incomparável honra da maternidade divina, encerrava virtualmente um outro desígnio não menos glorioso a esta augusta Mãe, sôbre o qual devemos fixar também a nossa atenção.

Com efeito, se é certo dizer que a Santíssima Virgem, pela mesma razão de sua vocação, foi elevada a um grau tão elevado de grandeza que nenhuma criatura jamais alcançará, não é menos evidente que desde tôda a eternidade Deus lhe destinara um cabedal imenso de graças proporcionadas à sublimidade de suas esplêndidas funções.

E' evidentemente isto o que se deve concluir da doutrina de São Paulo, ao falar da predestinação: *"Aquêles que,* diz êle, *Deus conheceu em sua presciência infinita, predestinou para serem conformes à imagem de seu divino Filho... Aquêles que êle predestinou, chamou, e aquêles que êle chamou justificou"* (Rom 8, 29-30).

S. Bernardino de Sena, tratando dos grandiosos destinos de S. José, amplia assim o pensamento do apóstolo: "Há uma regra, diz êle, que se deve considerar como geral, ao tratar-se das graças especiais outorgadas a certas criaturas privilegiadas: é que, quando a divina bondade destina alguém para uma missão particular ou a um estado eminente, afora das disposições que êste estado exige, lhe confere, ao mesmo tempo, grandiosas prerrogativas para o exercer dignamente".[10]

Ora, a quem poderemos nós aplicar melhor estas palavras do que à Virgem Maria, que foi predestinada a uma grandeza, a uma missão e a uma dignidade que sobrepuja imensamente o destino de todos os anjos e de todos os homens juntos?

Devemos, pois, dizer com S. Germano de Constantinopla: "Eleita e predestinada, antes da criação do mundo, pelo autor de todos os dons, a bem-aventurada Virgem Maria, por um ato da Bondade infinita, foi elevada à mais alta perfeição."[11]

---

10) S. Bernardino de Sen. I. de S. Joseph. cap. I. — Sto. Tomás professa a mesma doutrina. Suma III. q. 27, 3 e 4.

11) S. Germ. C. P. Apr. B. V.

Tôdas as graças reservadas a Maria deviam, portanto, estar em relação com a sua tríplice vocação de Mãe de Deus, de co-redentora, de rainha do universo — três títulos que ultrapassam em magnificência e em grandeza tudo que nos podemos representar.

Como Mãe de Deus, Maria receberá tôdas as graças próprias a torná-la digna de seu sublime destino.

"Deus devia conceder a sua Mãe a plenitude da graça", escreveu S. Cipriano.[12]

Sto. Tomás exprime-se da mesma maneira: "A Santíssima Virgem, diz êle, era a criatura mais intimamente unida a Jesus Cristo, pois que é dela que êle recebeu a natureza humana; por conseguinte, ela deve ter obtido, de preferência a tôdas as criaturas, uma plenitude mais completa da graça".[13]

E já antes dêle Sto. Agostinho havia dito: "Nós sabemos que a Santíssima Virgem, em previsão de sua maternidade divina, foi elevada ao auge da graça."[14]

Tal é também o sentimento dos outros padres da Igreja.

São Bernardino de Sena, entre outras palavras, diz, depois de S. Jerônimo[15], que "tôdas as graças que foram derramadas, em parte, sôbre os outros santos, foram acumuladas sôbre a pessoa de Maria Santíssima, na medida mais plena e mais abundante".[16] "Deus outorgou à Santíssima Virgem, diz o mesmo S. Bernardino de Sena, tantas graças que mais é impossível conceder a uma criatura, exceto Jesus Cristo".[17]

Depois disto, ficaríamos espantados ao ouvir S. Boaventura assegurar que "Deus teria podido criar um mundo mais vasto, um céu mais belo, mas que não podia fazer uma mãe maior do que a mãe de Deus"?[18]

Há ainda outro título, que merece igualmente tôdas as nossas homenagens, o qual atrai sôbre Maria a plenitude da divina graça. Destinada, na qualidade de co-re-

---

12) De Nativitate Christi. 13) Summa III. q. 27. art. 5. 14) S. Ag. De natur. et grat. cap. XXVI. 15) Epist. 10 ad Paulam. 16) Quidquid in aliis Sanctis praeclari sparsum est, in Deipara plenissime cumulatissimeque invenitur collatum. Caeteris datur gratia per partes, B. Virg. tota se fudit gratia plenitudine (S. Bern. In Eccli. XXIV). 17) S. Bern. Senn. Serm. LXI art. 2. 18) Majorem mundum, majus caelum posset facere Deus sed non majorem Matrem Dei (St. Bonav. Spec. B. Virg.).

dentora, a expiar com o Homem-Deus os pecados do gênero humano, era preciso que ela, pela sua eminente santidade, ficasse afastada, não sòmente de todo e qualquer êrro, mas ainda da aparência de tôda imperfeição.

Tal é o pensamento que S. Bernardino de Sena exprime em seu Tratado sôbre a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem. Desde que graças especiais são reservadas a Maria para a auxiliar no desempenho da penosa missão que ela aceitou por amor, do mesmo modo seu coração maternal será dotado de uma sensibilidade rara, de uma extrema delicadeza, para mais vivamente sentir todos os sofrimentos do divino Redentor, partilhar as suas amarguras e expiar com êle o pecado da primeira mulher.

Por conseguinte, segundo o pensamento de S. Gregório de Nissa, os corações de Jesus e Maria assemelham-se a duas harpas afinadas, vibrando de comum acôrdo, e das quais uma, apenas é tocada, faz entrar em vibração as cordas da outra. Tôdas as dores com que o Homem-Deus será um dia assaltado, serão padecidas por sua divina Mãe, e isto em grau que ultrapassa tôda concepção.

Sua alma, exposta aos ardores da caridade infinita, inflamar-se-á de amor pelos filhos de Eva, que gemem sob as desgraças e padecimentos, aos quais jamais poder algum humano poderá subtraí-los. Ela terá para com elas uma compaixão tão grande, que chegará a identificar-se com os mesmos, apropriando-se de tôdas as suas misérias.[19]

Rainha do universo, Maria entrará, um dia, triunfante na glória e na beatitude do Rei eterno, seu divino Filho.

Rainha gloriosa, Maria ocupará no céu, onde todos os eleitos se assentarão sôbre tronos, um trono muito mais elevado e mais brilhante que todos êles. Aí ela terá como servidores os anjos e santos. E para poder ocupar êste lugar sublime, de maneira verdadeiramente digna, será de antemão ornada de tôdas as perfeições que êste lugar exige, pois não convinha que esta soberana única fôsse ultrapassada ou sequer igualada, sob qualquer respeito, por algum súdito seu.

19) C. H. T. Jamar. Maria Mãe de Jesus. Tomo I, cap. I.

Rainha feliz, sua felicidade não terá igual, pois ultrapassa àquela que os próprios anjos e santos podem conceber.

Rainha poderosa, Maria governará êste imenso universo, de acôrdo com o Rei imortal dos séculos, e haurirá, à vontade, nos inegualáveis tesouros da infinita bondade.

Rainha bondosa e misericordiosa, por excelência, esta gloriosa Virgem nada mais terá a fazer, que distribuir a mãos cheias seus benefícios a todos aquêles que nela depositarem inteira confiança.

E tôdas estas prerrogativas e favores sem número, que aprouve a Deus prodigalizar à Mulher bendita entre tôdas as mulheres, têm por fim preparar para si mesmo uma morada digna de sua majestade: "Deus preparou para si um céu especial em Maria", diz S. Bernardo. E, ainda mais, fêz tudo isso para propô-la à admiração e ao amor dos homens.

V

Influência de Maria sôbre o mundo

Após têrmos falado das graças reservadas à gloriosa Virgem, compreende-se melhor o papel preponderante que esta criatura deve exercer nos destinos do mundo.

Por isso, Sto. Antonino considerou-a como a causa das obras de Deus. Com efeito, êste sábio doutor pensa que, no ato da predestinação divina, Maria precedeu, como causa, a tôdas as outras criaturas. "Maria, diz êle, é a primeira de tôdas as criaturas, pois é a mais nobre e perfeito de tôdas elas. Ora, o que é primeiro em sua espécie, deve ser considerado como causa de todo o resto".[20]

Êste papel de Maria apareceu sobretudo no ato da criação e da conservação do mundo.

"Jesus Cristo e a sua bem-aventurada Mãe precederam a criação enquanto causa final. Daí se deduz que há uma relação mútua entre a criação do universo e a natividade de Jesus Cristo e da Santíssima Virgem, ou, antes, é por causa dêles que a criou".[21]

---

20) S. Anton. Summ. pars 4, tit. 15, c. 4.

21) Segùndo a doutrina escotista, tôda a criação teria sido concebida no pensamento de Deus, em vista do Verbo Encarnado,

Êle dispôs tudo para que o universo se referisse a Jesus Cristo, a Maria e à graça, como sendo êles a sua coroação.[22]

"Criando, diz M. Olier, Deus Pai tinha presente a auxiliar que havia escolhido para formar sua família e organizar com ela a morada temporal de seu Filho e de todos os seus filhos adotivos, como um espôso dispõe sua casa e suas terras com a participação de sua espôsa querida".

S. Bernardo aplica à Santissima Virgem o que S. Paulo havia dito de Jesus Cristo: "Tudo foi feito para êle: *Propter quem omnia"* (Heb 2, 10), e acrescenta: "E' por ela, depois de Cristo, que tudo foi feito — *propter quam, post Christum, omnia.*

"Sim, ajunta o mesmo santo, como se temesse não ter expresso claramente o seu pensamento, é para Maria que o mundo inteiro foi criado".[23]

Exprimindo o mesmo pensamento, assim fala Sto. Isidoro: "E' por causa dela que o homem foi criado no comêço, assim como tudo o que foi produzido para o homem".[24]

Pode-se mesmo ir além e dizer que o corpo de nossos primeiros pais foi feito segundo o modêlo dos corpos de Jesus e de Maria. "Formando o corpo de Adão, nota Tertuliano, Deus tinha diante dos olhos a forma sensível com que devia mais tarde revestir o Salvador".[25] E o mesmo pode-se dizer do corpo de Maria, considerado como modêlo do corpo de Eva.

E' evidente que foi por causa de Jesus e de Maria que o mundo foi criado, e foi, pois, segundo os seus tipos divinos que nossos primeiros pais foram modelados.

Ajuntemos ainda que é igualmente por causa de Jesus e de Maria que o mundo foi preservado da destruição merecida por suas iniqüidades. O olhar de Deus, abrangendo todo o tempo, como um ponto em sua eternidade, previa os desastres do futuro, a invasão do pecado, que destruiria a harmonia de sua obra, os crimes inumeráveis, o sangue a inundar a terra. — Tudo isto era presente aos olhos do Eterno...

---

e segundo a opinião tomista, em vista do Verbo Redentor e de sua Mãe. 22) Cornel. a Lapide, in Eccli. XXIV. 1.

23) Propter hanc totus mundus factus est (Sermo 3. sup. Salve).

24) Propter ipsam initio creatus est homo et quidquid productum est propter hominem (De annunt.). 25) Jamar, opus cit.

Mas, acima, muito acima da ingratidão dos homens, e de tôdas estas desordens, êle via a misericordiosa figura do Redentor, e, atrás dela, a imagem graciosa da imaculada Mãe de Jesus, cuja alma sem mancha brilhava como estrêla luminosa num céu límpido e puro, com um fulgor e encanto de tôdas as virtudes.

"Desde há muito tempo haveriam caído o céu e a terra, diz S. Fulgêncio, se, por sua intervenção, Maria não os tivesse preservado da ruína".[26]

A própria Santíssima Virgem disse um dia a Sta. Matilde: "Deus me amou muito mais do que a tôdas as suas criaturas. Muitas vêzes, por êsse motivo, e mesmo antes que eu nascesse, êle perdoou ao mundo ao olhar para mim".[27]

"Sim, Virgem Santíssima, exclama S. Boaventura, é graças à vossa proteção que o mundo se mantém".

S. Bernardino de Sena, parecendo atribuir, por assim dizer, exclusivamente a Maria a conservação do mundo, assim se exprime: "Adão e Eva, pela sua fatal transgressão, haviam merecido mais que o castigo da morte; êles estavam sujeitos a uma destruição completa, pois que a vingança divina teria podido punir mais rigorosamente ainda esta primeira falta por êles cometida. Mas o Senhor, em consideração aos méritos de Maria, e por amor a esta augusta virgem, apiedou-se dêles e lhes conservou a vida.

E tudo isto porque a amou eternamente, com um excessivo amor, acima de tôdas as criaturas. E' por esta razão que êle tratou com indulgência os nossos primeiros pais e não os relegou ao nada".[28]

Eis até onde os santos elevam a influência de Maria Santíssima sôbre o universo. Não devem, pois, causar-nos demasiado espanto as demonstrações de amor que cada uma das pessoas da Santíssima Trindade lhe prodigalizava. Assim tudo se explica, porque o resultado de um amor sem limites não pode ser senão uma confiança e um poder igualmente sem limites.

Todos nós devemos, pois, corresponder a tão amorosos convites, amando aquela a quem Deus tanto amou e a quem devemos a criação e a conservação do universo.

---

26) Myth. lib. IV. 27) Revel. lib. I, cap. 28.
28) De nativ. B. Virg. cap. 2.

"O' Maria, exclama S. Boaventura, à vista de tantas maravilhas, tôdas as gerações vos chamarão bem-aventurada, porque sois vós aquela de quem tôdas as gerações receberam a vida e a glória".

V

A preconização profética

Diz o profeta Amós (3, 7) que o Senhor, antes de pôr em execução os seus desígnios, costuma primeiro desvendá-los. Pode-se de modo particular aplicar esta regra à Santíssima Virgem Maria.

E se Deus assim procede nas obras ordinárias, com mais razão o faz quando se trata de sua obra-prima, do *negotium saeculorum,* como se exprime S. Bernardo, falando da Santíssima Virgem.

Maria foi, portanto, preconizada de um modo tão claro quão significativo. Ela foi apresentada aos anjos, prometida aos patriarcas e anunciada pelos profetas.

Nada mais tocante para nós e mais glorioso para Maria do que estas sublimes revelações. Assinalemo-las ligeiramente, a fim de encontrar aí um novo alimento para nosso amor, e uma nova luz para nosso espírito.

Apenas começavam os anjos a existir, e já Maria lhes foi proposta à sua veneração. "O grandioso mistério foi como que descoberto e desvendado aos espíritos muito tempo antes de ser manifestado aos séculos", diz Sto. Agostinho.[29]

"No começo dos tempos, diz também Sto. Tomás, Deus descobriu aos olhos dos anjos, mas com muito mais clareza, tudo o que a inspiração celeste faria conhecer mais tarde aos profetas, no que respeita às vistas misericordiosas da bondade infinita para com os homens".[30]

Com efeito, diz uma escola inteira de teólogos que, desde o começo de sua existência, os anjos tiveram conhecimento do futuro mistério da encarnação. E êles ajuntam ainda que, ao pensar que seria obrigado a curvar os joelhos diante de um homem, fôsse êle o Homem-Deus, Satanás revoltou-se, e que, pela formal recusa de adorar o Deus encarnado, cometeu um pecado que foi a causa de sua condenação eterna.

29) In Gen. lib. V, cap. 19.
30) Summa, I, q. 57. art. 5. ad I. et op. 64, art. I.

E então, não será que a admirável vocação da mulher, pela qual o Filho de Deus se tornaria filho do homem, se tenha apresentado à sua vista orgulhosa? Não é o seu olhar mais poderoso que todo o gênio humano, e, sobretudo, mais sutil em penetrar nas coisas sobrenaturais?

Diante da glória futura que aureolava a fronte do futuro Homem-Deus e diante da criatura pura e casta que Deus elegeria como Rainha dos anjos, o espírito soberbo, recalcitrante e obstinado, rugiu de humilhação e de ódio. Satanás odiava os homens por causa de Jesus Cristo, que devia exaltar em sua pessoa a humanidade decaída. A Mãe de Jesus Cristo, a sua candura imaculada, sua glória "quase divina", sua consangüinidade imediata com o Verbo encarnado, mudavam em raiva o seu orgulho.

"Tendo Deus decretado, diz um sábio autor[31], que a fonte de tôda a grandeza humana estaria nas entranhas da divina Mãe, o demônio conspirou a ruína da humanidade, pela queda daquela que devia ser a mãe de todos os viventes. O espírito infernal tomou às avessas a obra de Deus, que havia decretado que a Redenção se efetuaria por intermédio da Virgem".

Os anjos que não vacilaram no tempo de provação, que lhes foi imposta, receberam como recompensa de sua fidelidade a visão beatífica da Divindade, sendo admitidos ao mesmo tempo a contemplar através dos séculos futuros, de modo inexprimível, a glória inegualavel da mulher por excelência — Maria Santíssima. E' o pensamento de S. Bernardino de Sena.[32]

Esta revelação, a princípio confiada aos anjos, reproduziu-se sôbre a terra em ecos sucessivos.

Apenas tinham Adão e Eva cedido às sugestões perniciosas do tentador, e já uma primeira promessa fazia cintilar ante seus olhos, ainda marejados de lágrimas, a imagem daquela que seria a reparadora do êrro que acabavam de cometer.

A primeira mulher se escusa, e por aquelas palavras: *"A serpente me enganou"*, Deus dirige-se ao maldito sedutor e diz: *"Desde que assim agiste, porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a posteri-*

31) Henry Bolo. Cheia de graças.
32) Serm. de Assumpt. art. 2. cap. 1.

dade dela, e ela te esmagará a cabeça, e tu armarás traições ao seu calcanhar" (Gn 3, 13-15).

Notemos aqui que Deus faz repousar sôbre a mulher a realização da reconciliação futura.

Vejamos o pensamento de Sto. Agostinho: "Assim como está escrito que da mulher nasceu o princípio do pecado (Ecli 25, 33), assim também a restauração de nossa causa é devida à mulher, e a raiz da morte é supressa pela raiz da vida".[33]

Eis por que, desde êste momento solene, a expectativa da Heroína prometida permanece inseparàvelmente unida à esperança que as nações depositavam sôbre o seu filho, que seria o Libertador da humanidade.

Tôdas as promessas ulteriores relativas à vinda do Messias, tornando-se cada vez mais numerosas e mais acentuadas, fixarão com a mesma precisão a vinda de sua divina Mãe. E' por isso que os Padres da Igreja chamaram Maria: *"o Resumo dos oráculos divinos"*.[34]

Passam-se alguns séculos e uma segunda vem esclarecer a primeira, e Deus promete a Abraão que da sua posteridade é que sairia o Messias... Depois o Senhor reiterou esta promessa a Isaac, Jacó, Judá e Davi, concentrando-a progressivamente em pontos cada vez mais limitados, passando assim da generalidade do povo eleito para uma de suas tribos; desta tribo passa para uma família, fixando-a definitivamente num ramo determinado da família de Davi, da qual Salomão é o chefe.

E enquanto Deus, das alturas do céu, fixava assim a vinda da mulher que esmagaria a cabeça da serpente, pelo Filho que dela haveria de nascer, e que seria o Emanuel, os profetas, ou os enviados de Deus sôbre a terra, chamam a atenção dos homens para esta mulher privilegiada, traduzindo nos mais enérgicos acentos as promessas do Senhor. "Todos os oráculos dos profetas convergem para a Mãe de Deus", diz Sto. Ildefonso.[35]

"Um rebento sairá da tribo de Jacó, diz Balaão, e um rebento surgirá da terra de Israel" (Num 24, 17).

"Sairá uma vara do tronco de Jessé, ajunta Isaías, e uma flor brotará de sua raiz". (Is 11, 1).

---

33) S. Ag. De part. B. Virg.

34) S. Cyrill. Alex. Hom. 6; S. Andr. Cret. Encom. 2. de Dorm. B. V.

35) Sermo I. de Assumpt.

"E' evidente, diz Sto. Anselmo de Cantuária, que êste rebento representava a Santíssima Virgem, e esta flor o seu adorável Filho, sôbre o qual repousa a plenitude da Divindade".[36]

"Filho de Davi, diz o filho de Amós ao rei Acás, escutai: Por isso mesmo o Senhor há de dar êste sinal. Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emanuel (Deus conosco) (Is 7, 14).

Assim como Isaías, também o profeta Jeremias anuncia à terra que Deus lhe prepara um acontecimento inaudito: "Uma mulher, diz êle, dará à luz um homem", "não uma criança, nota S. Bernardo, mas um homem perfeito".[37]

"E tu, Belém, chamada Efrata, exclama o profeta Miquéias, tu és pequenina entre as milhares de Judá, mas de ti é que há de sair aquêle que há de reinar em Israel e cuja geração é desde o princípio, desde os dias da eternidade. Todavia, Deus vos entregará por algum tempo a vossos inimigos, até que dê à luz aquela que deve gerar" (Miq. 5, 2-3).

Escutemos ainda Davi, que seria chamado para ser o ancestral da mãe do Cristo: "Tôda a beleza da filha do Rei está no interior" (Sl 44, 14), e continua: "Escuta, ó filha, e vê e inclina o teu ouvido e esquece-te de teu povo e da casa de teu pai, e o rei cobiçará a tua beleza" (Sl 44, 11).

"O Altíssimo santificou o seu tabernáculo" (Sl 45, 5). "Aquêle que me criou descansou no meu tabernáculo" (Ecli 24, 12). E em outra parte exclama ainda o profeta-rei: "A rainha está à tua dextra" (Sal 44, 10).

"Serão apresentadas ao rei as virgens que formarão o séquito dela" (Sl 44, 15). "Elas virão vestidas de vários adornos, e os mestres e os poderosos da terra implorarão o seu rosto, e invocarão o seu poder" (Sl 44, 15).

"Escuta, ó filha... o Rei cobiçará a tua beleza" (Sl 44, 11-12).

Em outra parte a Virgem-Mãe descobre-se-lhe sob a figura de um sol deslumbrante, no qual o Eterno fixou sua morada (Sl 18, 6-7).

---

36) De concept. B. Virg. Ita Tertullianus: De carne Christi; S. Greg. Thaum. Sermo I. in Annunt; S. Ambr. De Spiritu Sancto, lib. 2; S. August. De Summ. Catech. lib. 3; S. Greg. Nazian. In lib. Reg. I. etc. 37) Sermo 2. Missus est.

Para citarmos tôdas as passagens qué se referem à Virgem gloriosa, seria preciso um volume.

Salomão encheu os livros que lhe foram ditados pelo Espírito Santo, de prerrogativas e louvores à Santíssima Virgem, e a liturgia, sem cessar, tem emprestado às páginas sublimes do mais sábio dos reis a apologia das grandezas de Maria.

"O Senhor possuiu-me no princípio dos seus caminhos" (Prov 8, 22), exclama a Virgem pelos lábios de Salomão. "Fui constituída desde a eternidade" (Ib 23). "Ainda não havia abismos, e eu estava já concebida" (Ib 24). "Eu sou a mãe do belo amor" (Ib 24). "Eu fiz penetrar as raízes de minha glória até às entranhas dos povos" (Ib 23). "Eu cresci como o plátano" (Ib 19). "Como o lírio aparece no meio dos espinhos, assim meu amigo no meio das virgens" (Cant 2, 2). "Vós sois tôda bela, ó minha amiga, não há mancha em vós" (Ib 4, 7).

"Quem é aquela, ajunta Salomão, que se adianta como a aurora, brilhante como o sol, bela como a lua, terrível como um exército disposto para a batalha?" (Ib 6, 9).

"Quem é aquela que sobe do deserto, inundada de delícias, apoiada sôbre o seu Bem-amado? Ela é semelhante ao vapor do incenso e da mirra" (Ib 8, 5).

E que ninguém mais pense que estas predições só foram averiguadas depois de uma exploração retrospetiva, e que aquêles a quem se dirigem, dela não tinham conhecimento.

"Não; no meio de tôdas as adversidades que atormentaram o povo de Deus, vemos que a nação deicida, hoje disseminada pelas nações do globo, não é mais que um grande profeta, proclamando antigas revelações", nos diz Sto. Agostinho. Em outros têrmos, o povo judaico, sem sequer o saber e compreender, é o perpétuo panegirista da Virgem, assim como do fruto bendito de seu casto seio.

E quando os séculos aclamam assim Maria, quando o céu e a terra se unem, num concêrto harmônico, para exaltar e aplaudir a obra-prima de Deus, poderiam os nossos corações permanecer frios e indiferentes? poderia a nossa alma ficar sem um élan estremecido e nossa bôca não ter sequer um brado de admiração?...

VII

As figuras de Maria

Nem a Providência nem o homem produzem de uma vez as suas grandes obras.

Se o artista e o poeta preludiam suas obras-primas por alguns ensaios, do mesmo modo Deus, não por falta de poder, mas para nos instruir, proporciona seus desígnios aos nossos pensamentos, conduzindo sucessiva e gradativamente para sua perfeita realização as suas obras mais maravilhosas.

E' por isto que êle emprega quatro mil anos em dispor os caminhos para a vinda de seu Filho.

Não nos admiremos, portanto, ao ver as três pessoas divinas prepararem, com uma harmonia e grande sabedoria e, ao mesmo tempo, manifestarem assim por traços cada vez mais acentuados, a bem-aventurada Virgem.

"A lei antiga, diz S. Paulo, não foi senão a sombra dos bens infinitos que o Redentor nos devia trazer — *umbram enim habens lex futurorum bonorum* (Heb 10, 1). E', pois, com razão que os doutôres da Igreja reconhecem, ao lado das sombras figurativas do Cristo, projetadas sôbre a primeira fase da história, um vasto simbolismo dos destinos de sua Mãe, Maria Santíssima.

E entre estas figuras simbólicas estão em primeiro plano sobretudo estas mulheres fortes, que, na verdade, não são senão um pálido reflexo das virtudes e das prerrogativas de Maria, mas a reunião de todos êstes traços esparsos, assim como de todos êstes bosquejos parciais, nos auxilia grandemente a completar o retrato da Virgem bendita. Na verdade, elas são como aquelas imagens aéreas que o viajante vê nos desertos do Oriente, e que aos seus olhos refletem panoramas cada vez diferentes da região risonha que êle espera brevemente alcançar.[38]

A primeira figura que se nos apresenta, na ordem dos tempos, é a da mãe comum dos homens.

Eva, em tôda beleza de sua primeira criação, com sua natureza perfeita sob todos os aspectos e relações, seus tão sublimes dons de justiça e de graça, a missão,

38) Jamar, Op. cit.

pela qual ela os deve comunicar aos seus inumeráveis filhos, anunciava a Santissima Virgem.

Mas, pela sua dignidade, suas graças, suas virtudes, seus méritos, seus privilégios e seus poderes, Maria devia ultrapassar sobremodo Eva, pois devia restituir a todos os homens o que a primeira mulher lhes tinha feito perder, porque se tornaria sua Mãe no sentido mais elevado e verdadeiro.

Eva é, pois, como que o complexo de tôdas as mulheres bíblicas, e, sobretudo, era a grande e mais aproximada figura de Maria Santíssima, mas, pela sua queda, perdeu a celestial beleza de sua origem.

Para reconstituir esta fisionomia desfigurada de Maria, suscitará Deus, através dos séculos, uma série grandiosa e completa de tipos femininos, que apresentarão, por suas virtudes especiais, tôdas as minúcias da grandeza primitiva de Eva.

Aqui é a castidade; ali é o valor; além a fidelidade; mais além é a beleza e mesmo até a dor.

E' doce contemplar a irradiação de glória que nos vem destas ilustres mulheres, assim como vê-las concentrar-se sôbre a fronte única da virginal mãe do Salvador.

Dividem-se em quatro grupos estas figuras bíblicas.

As que pertencem ao primeiro grupo representam a fecundidade de Maria. São elas: Sara, Rebeca e Raquel.

As três outras: Maria, Débora e Judite, recordam a fôrça e a coragem da Virgem-Mãe.

Abigail, a sulamita, e Ester simbolizam a beleza excepcional e a graça irresistivel da Mãe de Deus.

Finalmente, vêm os símbolos que põem a suprema auréola sôbre a fronte da Virgem: é a mãe que chora, a vitima resignada que se oferece e se imola e a mulher valorosa que apresenta com coragem varonil o cálice do martírio aos seus filhos. São Noemi, Resfa e a mãe dos macabeus.

a. A Virgem fecunda

Sara, Rebeca e Raquel são as três veneráveis matronas de Israel, espôsas dos patriarcas e suas companheiras na procriação do povo de Deus.

"Sara é uma figura da Santíssima Virgem, diz S. Bernardino de Sena, porque foi ela quem gerou o verda-

deiro Isaac, no qual foram abençoadas tôdas as gerações".[39]

"Maria é ainda comparada a Sara, por causa da sua maravilhosa beleza"[40], ajunta S. Lourenço Justiniano — e "por causa da alegria que lhe proporcionou o nascimento de Jesus".[41]

Sara dá à luz por um milagre, pois a velhice esgotara a fecundidade do seu seio. Entretanto, ela foi a mãe de uma inumerável posteridade.

Êste milagre simboliza a fecundidade virginal de Maria, que deu à luz o Homem-Deus, assim como gera à vida divina todos os homens.

Sara é uma figura de Maria, embora muito distante da realidade.

Rebeca, mais bela ainda do que Sara, é o modêlo das virgens que se aprestam a abraçar o estado conjugal. Ao encontrar pela primeira vez o seu noivo, dá àquelas que seguem as suas pegadas um admirável exemplo de modéstia. E' paciente, doce, um pouco fraca, mas hábil. Salva Jacó, impondo-lhe uma mentira e condenando-o a uma longa ausência.

Como Maria nos aparece mais bela, mais radiante e mais doce!...

Virgem, à qual nada deslumbra nem ofusca, ela prefere permanecer virgem a ser elevada às honras mais excelsas.

Que modéstia ostenta em face do anjo!

Como Rebeca era mãe de Jacó e de Esaú, figuras dos justos e dos pecadores, assim Maria é Mãe de ambos, mas, em vez de os livrar pela mentira, intercede por êles e lhes obtém misericórdia. Dêste modo ela é padroeira dos justos e reconciliadora dos pecadores.

Igualmente, Rebeca dá-nos uma idéia da beleza de Maria, porém é apenas uma figura muito diminuída da Virgem incomparável, que é Maria!

O texto sagrado mostra-nos, enfim, esta outra matrona, Raquel, como sendo uma mulher de rara beleza e de grande amenidade de caráter.

E' a mulher animada de uma infatigável ternura. Por amor de Raquel, Jacó aceita, sem se lastimar, as humilhações e os trabalhos que lhe são impostos.

---

39) Sermo 3 de glor. nom. M. 40) De laudib. BB. Virgo lib. 5. 41) Idem lib. 6.

O semblante delicado daquela a quem êle dera o seu coração, o consola e fortifica. Êle vive de esperanças.

Sob êste duplo aspecto, Raquel é uma imagem surpreendente de "tôda bela e amável Virgem" (*valde decora, dulcis Virgo Maria*), cujos atrativos irresistíveis mereceram ou mesmo provocaram êste elogio do divino espôso: *"Vós sois tôda bela e sem mácula, ó minha bem-amada"* (Cant 4, 7).

Deus viu Maria, a Virgem "bela e doce", amou-a e esperou divinamente por ela, reservando-a para si com uma invejável solicitude.

E é assim que, já aos três anos, Deus a arrebata e vai ocultá-la no interior do templo.

Passada a infância, revestida das primeiras graças da adolescência, embelezada com todos os encantos da natureza e da graça, envia-lhe Deus um príncipe da côrte celestial para pedir o seu consentimento.

Será a mãe do Messias e o seu filho é Deus, e êste Deus transgrediria tôdas as leis da natureza, se fôsse preciso, para fazer que nem sequer a menor mancha desfigurasse esta virginal beleza.

Êle não mais se contenta em chamá-la amorosamente "minha filha", mas diz-lhe com o mais veemente amor: "minha mãe".

Eis a primeira pincelada do artista divino.

Em Sara pinta a fecundidade de Maria Santíssima; em Rebeca a sua modéstia e em Raquel sua ternura e sua beleza.

Já entrevemos Maria, ou, antes, uma irradiação de Maria. Vemos um esbôço, um delineamento imperfeito e diferente, mas já tão belo, doce e atraente na figura de Raquel.

b. A Virgem forte

Vejamos agora os três tipos da fôrça e da coragem, que tão bem caracterizam a Virgem Maria. São Maria, irmã de Moisés, Débora e Judite, guerreiras cheias de heroísmo e de espírito patriótico.

Maria é a voz que canta a libertação.

Débora é a inspiração que conduz à vitória.

Judite é a mão que fere e prostra o inimigo.

Tôdas elas, em particular, recordam uma libertação do povo de Deus, assim como um hino que cada uma cantou no supremo entusiasmo.

Figuras da grande Libertadora do gênero humano, elas preludiam ao Magnificat que a Virgem entoaria um dia, como sendo o brado de triunfo de sua humildade e de sua fé.

A irmã de Moisés é a primeira mulher bíblica que nos aparece com o doce nome de Maria, o qual tantas virgens se ufanariam de possuir no decorrer dos tempos.

O povo, que seu irmão libertara, atravessara o mar Vermelho, e nas primeiras fileiras do povo de Deus, à frente do imenso côro das mulheres, a heroína canta o maravilhoso cântico de seu irmão: "Cantemos o Senhor, que é gloriosamente escoltado".

Mas Jesus está muito acima e sobrepuja a Moisés.

E assim como a ternura de uma mãe excede a de uma irmã, do mesmo modo a glória de Maria, Mãe de Jesus, eclipsa a de Maria, irmã de Moisés, embora seja esta última um dos primeiros esboços da Virgem, ainda vago e imperfeito.

Como aquela, também a Mãe de Jesus atravessou o mar Vermelho, — um mar tinto com o sangue redentor, que da terra de escravidão conduz à terra prometida da beatitude e do perdão.

Igualmente ela entoou um hino que dezenove séculos repetiram com um entusiasmo quase sempre renovado: *"Minha alma glorifica o Senhor*: *Magnificat anima mea Dominum"*.

Quase no mesmo tempo que a irmã de Moisés, aparecem ainda duas outras heroinas cuja coragem viril anuncia a vitória que um dia a mulher por excelência devia alcançar sôbre o dragão do abismo infernal.

Apesar da fraqueza e da timidez do seu sexo, Débora e Jael foram os instrumentos de que Deus se serviu para assegurar o triunfo dos israelitas sôbre Sísara, o seu figadal inimigo.

A Escritura exalta em têrmos magnificos estas intrépidas mulheres. Débora foi cognominada "a mãe de Israel", e Jael foi proclamada a "bendita entre tôdas as mulheres".

Débora igualmente entoa um vibrante cântico de fôrça, arrôjo e entusiasmo.

"Minha alma esmaga com o pé os poderosos", canta esta heroína.

Sísara saiu com a cabeça furada, foi vencido por nós, desfaleceu e caiu morto. Rolou aos nossos pés, desfalecido e sem vida. Assim pereçam os teus inimigos, ó Senhor, como teus amigos, ao contrário, resplandescem como o sol ao meio dia."

Mas como é maior e mais extenso o triunfo da Virgem de Nazaré, e como, no meio desta vitória, a sua alma permanece calma, doce, amável!

Ela também venceu um adversário, não de carne e sangue, mas o próprio inferno, esmagando com o seu calcanhar o orgulho feroz do demônio.

As torrentes inflamadas do abismo tragaram os anjos decaídos; mas, longe de pedir, como Débora, que esta seja a sorte de todos os inimigos de Deus, ao contrário, Maria intercede por êles e pede ao Senhor perdão e misericórdia.

Débora, triunfante, é a imagem do triunfo de Maria, mas quanto Maria lhe é superior, por sua intrepidez, calma e misericórdia!...

E' a doce e corajosa Judite quem deve terminar o quadro do poder de Maria...

Entre tôdas as matronas célebres nenhuma há que a tivesse simbolizado melhor do que ela.

Os elogios extraordinários, que o povo de Israel lhe dirigiu, parecem ter por objeto final a verdadeira Libertadora dos filhos de Deus.

A princípio ela aparece na solidão e na prece. E' a mais bela entre as filhas de Israel. Persevera no jejum, na oração e em macerações corporais. A sua vida austera, assim como a piedade exemplar, fazem-na digna da admiração pública. Ela deleita os próprios anjos pela pureza de sua alma (Jt 8, 1-8).

O Senhor se compraz em realçar os encantos de suas celestiais graças (Ibid 10, 3-4).

Conduzida pela mão do Altíssimo, irá ao encontro do príncipe inimigo.

Ao aproximar-se, um murmúrio de admiração se levanta entre os escravos do tirano, os quais não cessam de repetir: Jamais mulher alguma reuniu tão grande sabedoria, de par com tanto brilho e majestade (Ibid 11, 19).

Mas ela, sem prestar atenção a êstes elogios, recolhe-se um momento para orar. E depois, com a sua confiança em Deus, enquanto o inimigo se entrega ao gôzo e a tôda sorte de excessos, precipita-se sôbre o mesmo e desembainha a sua espada em uma atitude vitoriosa (Ibid 13, 8).

Então, um estupor indescritível apodera-se do exército, e logo todos os combatentes fogem gritando: Uma só mulher derribou o trono do nosso poder (Ibid 14, 16; 15, 1).

Êstes elogios são por demais elevados para poderem ser aplicados a Judite. Embora seja ela uma figura doce e forte, sem dúvida, não é virgem, e fingindo expor a sua virtude, mentiu para vencer.

O hino de reconhecimento, que em seu louvor canta o povo israelita, passando por cima de sua cabeça, atravessará os séculos, para celebrar a triunfadora imaculada, que, com a simplicidade de sua virtude, não sòmente salva uma cidade da Judéia, mas até a humanidade inteira.

"Uma mulher só venceu o tirano do abismo e seus sequazes", diz São Belarmino.[42]

"O céu e a terra bendizem-na à porfia... e os anjos e santos proclamam o seu triunfo".[43]

"Os anjos a aclamam, porque para êles é uma fonte de alegria; e os homens, por lhe deverem a libertação".[44]

Todos a aclamam e dizem com S. Bernardo: "Honra seja dada a vós, Virgem magnânima, que dispersastes as legiões armadas do abismo e que, em vossa humildade, outro titulo não quisestes senão o de escrava do Senhor".[45]

Eis a corajosa e piedosa Judite e eis também a Virgem Maria.

A figura é tocante, e a semelhança é impressionadora.

A heroína de Betúlia termina admiràvelmente o quadro profético da vitória de Maria sôbre o inferno.

Entretanto, em Judite há sombras. De modo algum pode haver sombras em Maria — a Virgem imaculada.

Em Maria tudo simboliza a vitória, e uma fôrça calma e doce. E' a vitória completa e misericordiosa e a condescendência cheia de humildade e de amor.

---

42) Sermo 2, 5; Missus est.
43) S. Bonavent. Spec. B. Virg. lect. 12.
44) S. Bern. ap. B. Alb. Mag. 45) S. Bern. Deprec. ad B. V.

c. A Virgem amável

Três outras figuras representam-nos o amor e a beleza da Virgem. São Abigail, a Sulamita e a doce Ester.

Abigail, não menos bela e prudente, impede Davi de derramar sangue.

Por sua causa Davi perdoa e lhe diz: "És bendita, pois que me impediste de derramar o sangue!"

Pouco tempo depois falece o espôso de Abigail, e ao lembrar-se Davi daquela corajosa mulher, assim como de suas palavras tão amáveis e doces, envia-lhe servos, com o fim de convidarem-na a participar com êle do seu trono, aos quais Abigail responde como o faria Maria, no dia da anunciação: "Eu sou a serva do Senhor". E dêste modo ela torna-se espôsa do rei.

A nova Abigail. a celeste criatura, da qual a mulher de Nabal, por mais bela que fôsse, não era mais que uma figura fugidia, também ora e intercede, e o seu olhar basta para exercer o poder de uma prece.

Quando Deus quer usar o gládio vingador, Maria vai ao seu encontro, fala-lhe com a sua voz doce e meiga, ajunta as mãos em atitude de adoração, e a esta vista Deus perdoa.

E quando, da parte de Deus, Gabriel dirige-lhe a saudação angélica, Maria compreende e responde: *"Eu sou a escrava do Senhor"*. E ei-la em uma tal intimidade com a Divindade, que jamais criatura alguma teve, ou sequer pôde imaginar.

Como Abigail, ela encantou o coração de seu príncipe, e tornou-se sua filha, sua mãe e sua espôsa.

Abigail é uma figura da Mãe de Deus, embora muito incompleta.

A Sulamita, espôsa de Salomão, reina por sua incomparável e sublime beleza. E' esta superioridade que sobremodo a caracteriza.

Ela nasceu rainha, e, como tal, nela foram acumuladas tôdas as belezas naturais.

E' com intraduzíveis transportes que Salomão celebra tôdas as magnificências do mundo nela reunidas.

Mas com o tempo desbotou-se a beleza da Sulamita, e chegou o dia em que não mais sôbre o seu leito embalsamado de perfumes, mas na estreita e derradeira morada do túmulo, vê-se aquela mesma mão, que anos antes traçara o deslumbrante epitalâmio, escrever agora esta

suprema e grandiosa sentença: *"Vaidade das vaidades... tudo é vaidade"*...

Ao contrário, Maria, cada vez mais bela, eternamente cativou o coração do Rei dos reis.

Superior à Sulamita, Maria possui a graça imortal que a eleva acima de todo e qualquer esplendor. Até ao fim dos tempos a Igreja cantará a supremacia desta Virgem sempre amável.

Maria, a amável e incomparável Virgem-Mãe, é mais majestosa que o cedro cujo cimo altivo domina as alturas do Líbano, ou que o cipreste que se eleva por cima da montanha de Sião; mais graciosa que a palmeira de Cades, é mais agradável e tem mais frescor que a rosa vermelha que perfuma Jericó; mais doce que a oliveira, a graciosa erva dos campos, e, finalmente, mais amável e fresca que o plátano que viceja à margem das águas.[46]

Eis, pois, alguns traços de tudo o que entrevemos de bondade, doçura e beleza, com que Deus mimoseou a Santíssima Virgem.

E' da beleza pura e misericordiosa de Ester que o quadro profético recebe suas últimas côres. Sua história é conhecida.

Virgem humilde, a todos graciosa e amável, por sua pudica beleza, Ester acha graça e misericórdia diante de Assuero, cujo amor por ela a todos sobrepuja, e é por isto que êle a coloca no lugar de Vasti, assim como Maria substituiria Eva.

Sòmente ela é isenta de uma lei que se estende a todos os outros (Et 4, 11; 5, 2). Por sua beleza Ester fascina o rei e dêle obtém a revogação do edito que fôra promulgado contra tôda a sua nação.

Também Maria vem à presença de seu Senhor, e, por seu soberano crédito, salva da morte a todos os seus irmãos, esmagando o sacrílego inimigo que usurpava as honras divinas.

Eis divinamente pintada por Deus a beleza, a doçura e a misericórdia de Maria.

Maria encanta o coração de Deus e está de posse de tôdas as suas riquezas, não sòmente para ela, mas também para nós, porque, como dizia Mardoqueu a Ester: *"Não sòmente para ela que foram acumuladas estas honras, mas para a salvação de todos nós"*.

46) H. Bolo. Op. cit.

E' por isto que S. Boaventura exclama: "Virgem santa, verdadeira Ester, vós sois o apôio e a consolação do gênero humano, pois frustrais as ciladas do inimigo de todo bem".[47]

d. A Virgem dolorosa

Seria incompleta a fisionomia da Virgem, se terminassem aqui as figuras proféticas.

Maria não é sòmente a mulher que dá à luz, como Sara, Rebeca e Raquel, ou a mulher que luta e triunfa como a irmã de Moisés, Débora ou Judite, ou ainda a mulher cuja beleza encanta o rei, como Abigail, a Sulamita e Ester... Não! Ela é ainda mãe que chora, a vítima resignada que se oferece com Jesus para salvação de todos.

Maria é, sobretudo, a "Virgem das dores — *Virgo dolorosa*".

Êste sinal característico da vida da Santíssima Virgem devia igualmente ter as suas figuras particulares. Aqui assinalaremos sòmente três dentre elas, mui notáveis.

Primeiramente vem Noemi, que deixa o seu nome de "Bela" para tomar o de "Amargurada": *"Ne vocetis me Noemi, id est pulchram, sed vocate me Mara, id est amaram"* (Rt 1, 20), porque o Senhor a cumulou de amarguras.

Com efeito, ela perdeu o seu espôso querido, perdeu os seus filhos, e ei-la só sôbre a terra, com seu coração repleto de soluços e seus olhos a derramarem copiosas lágrimas.

Fica-lhe, porém, uma única alegria e suprema consolação, e esta alegria e consolação é a piedosa e devotada Rute, que, também, devia ser um dos emblemas de Maria.

Maria perderá o seu filho; seu coração estará opresso pelas dores que a assaltam, sua alma, amargurada e sem consolação alguma.

E, em lugar de resplandecer como a tôda bela do Altíssimo, ela será a mãe cheia de dores e de angústias.

Dêste modo, Noemi é a primeira figura das dores da Virgem.

---

47) S. Boav. Carm. 15 de Laud. B. V.

Figura pálida, ainda vaga, mas que irá fixar-se de modo espantoso na pessoa de Resfa e da mãe dos macabeus.

Resfa é a espôsa de Saul. Seus filhos foram aprisionados pelos gabaonitas, que os crucificaram.

Era o tempo da seara. Sôbre uma pedra Resfa estendeu um cilício e permaneceu perto dêles até à estação chuvosa, isto é, durante seis meses, defendendo seus restos mortais, de dia contra as aves do céu, e, de noite, contra as feras da terra.

Ela só os abandonará no momento em que o rei os fará desatar do patíbulo e levar ao sepulcro (2 Rs 21)

Que mãe desolada, que função atroz, que amor maternal enérgico!

Sob os implacáveis ardores do sol, no meio dos terrores noturnos, na lentidão desesperadora das horas, essa mulher persiste em defender os restos mortais dos seus extremecidos mortos.

Nem a decomposição dos cadáveres, nem a desoladora certeza de que seu amor não os faria reviver, nada aborrecia o seu coração de mãe.

A antiguidade, em suas narrações mais comoventes e belas, nada descreveu ao mesmo tempo tão pungente e sublime do que êstes enforcados guardados por um fantasma.[48]

E tudo isso não é mais que a história da Virgem das dores.

Seus filhos, sob as garras de seus mortais inimigos, são pregados ao infame pelourinho do pecado. Mas foram também resgatados pelo sangue do cordeiro, pelo sangue do seu divino Filho, Jesus.

Por isso, ela lamenta-se sôbre a sua sorte, e permanece com êles sem os abandonar um instante sequer, impedindo assim que os poderes infernais os devorem e lancem aos abismos infernais.

Quantos, já resvalando sôbre o declive fatal que certamente os conduziria ao inferno, de repente param sem saber por que... sentem-se como que impedidos de continuar em um caminho tão escabroso, e dentro em breve acham-se sãos e salvos da morte eterna.

---

48) H. Bolo. Op. cit.

Um dia, porém, os favorecidos pela ternura e misericórdia de Maria saberão que é devido à intercessão de tão terna e boa mãe que devem a sua salvação.

Enfim, chegamos à última figura de Maria... E' a última pincelada que o divino artista traça sôbre a sua obra. E quanta expressão ela encerra!...

E' que a divina Mãe, com efeito, não limita o ciclo de sua ação sòmente em consolar e converter os seus filhos; ela também os eleva sobretudo na virtude e na glória... preparando-os e reabilitando-os para depois conceder-lhes a coroa.

Em face do suplicio assim falava a mãe dos macabeus: "Meu filho, dizia ela ao mais jovem de seus filhos, pelo amor que me tens, pois que te trouxe em meu seio, amamentei e nutri até hoje... olha o céu... não temas o carrasco, mostra-te digno de teus irmãos e recebe a morte de bom coração, a fim de que, pela misericórdia de Deus, possa eu tornar a ver-te na glória que esperaremos" (2 Mac 7, 27-29).

E esta mãe admirável, exortando assim os seus filhos, viu-os morrer todos um depois do outro no meio dos mais atrozes suplicios. E, finalmente, foi ela, alma viril em um corpo de mulher, entregue ao martírio (Ibid 7, 20-41).

Dizei-me agora vós se esta corajosa mulher não é a figura acabada daquela que a Igreja proclama a *"Rainha dos mártires"?!*

Seria possível imaginar maior dor para um coração de mãe? maior magnanimidade no meio dos sofrimentos?

Humanamente falando, já é o limite, mas, tratando-se da Virgem Santissima, não faleis de limites...

Limites?... isto é humano e parcial... e em Maria tudo é divinizado, como tudo nela está em sua plenitude.

Medi vós mesmos, se o podeis, a extensão de seu amor com Deus, e depois tereis então a medida exata de suas dores.

Maria, com o seu coração tão amante e sensível, assistiu também a igual espetáculo que o acima descrito.

Seu Filho foi imolado para a salvação dos pecadores. Com o sangue do Filho de Deus Maria misturou suas lágrimas e o sangue do seu virginal coração, para que, assim purificados neste banho de perdão, de misericór-

dia e de justiça, os pecadores se voltassem para a vida e para a glória.

Como a mãe dos macabeus, Maria, em nossas lutas e agonias, nos exorta a nos mostrarmos dignos de Jesus Cristo, o nosso irmão mais velho, e, como êle, preferirmos morrer na cruz do que consentir na obra de Satã.

Agora, sim, Maria, está completa a vossa fisionomia.

Até aqui havia eu apenas entrevisto a fecundidade, a fôrça, a beleza, e, agora, depois de tudo ter visto e contemplado, eu sinto sob a minha mão ou, para dizer melhor, bem pertinho de meu coração, o coração de minha mãe querida, e de que mãe!... Uma mãe coroada de todos os sacrifícios, heroísmos e dores.

Oh! a esta vista eu me prostro reverente, rejubilo-me e choro, porque sofrer por aquêles que amamos é a última palavra de amor.

E esta palavra eu a possuo... Tenho uma mãe digna de Deus... e digna dos homens.

Vinde, pois, ó Maria, e reinai sôbre nós, e que o vosso reino não tenha fim...

VIII

Os emblemas de Maria

Como acabamos de ver, as heroinas da Bíblia são um esbôço fiel, embora ainda imperfeito, daquela cuja santidade sobrepuja os mais favorecidos da natureza e da graça.

Por isso os padres da Igreja recolheram com todo o cuidado e afeição essas narrações, transmitindo-as a nós, referindo-se às mesmas com tocantes explicações.

São ainda os mesmos padres que nos falaram de numerosos emblemas que, de comum acôrdo, aplicam à Santíssima Virgem, porque vêm completar o quadro profético desta radiosa figura.

Dentre elas citemos doze, as quais formam e simbolizam aquelas doze estrêlas que S. João viu um dia circundar a fronte da Virgem.

1. **Paraíso terrestre**

Os santos padres são unânimes em dizer que o Jardim de delícias deve ser considerado como um emblema da Santíssima Virgem.

"Maria, diz S. Gregório, o taumaturgo, é o paraíso onde foi plantada a árvore da vida, da qual nos vêm os frutos da eternidade".[49]

"E' o paraíso habitado pelo novo Adão e no qual foi revogada a sentença de nossa condenação", ajunta S. João Damasceno.[50]

"Ela é um asilo impenetrável, continua S. Germano de Constantinopla, na entrada do qual Deus colocou querubins, encarregados de, com o seu gládio de fogo, afastar daí a serpente com suas perfídias infernais e seus projetos homicidas".[51]

2. A arca de Noé

Quando Deus, por meio do dilúvio, destruiu todos os homens, exceto Noé e sua família, que reservou para a propagação do gênero humano, encontramos ainda outro emblema de Maria. E' a arca de Noé.

"Vagando com segurança, ao abrigo de qualquer acidente, a arca de Noé domina sôbre as águas do dilúvio, enquanto que tôda a terra é devastada pelas ondas cruéis e vingadoras".[52]

Diz S. Bernardo que a arca representava a Arca da graça, isto é, a Santíssima Virgem.

A primeira era a obra de Noé e foi destinada a salvar a raça humana de uma ruína temporal. A nova arca foi construída pelo próprio Deus, para evitar que os homens se perdessem eternamente.

Para a primeira foram precisos cem anos de trabalho e cuidados; a segunda, porém, como sendo obra dos séculos, foi um prodígio de mil perfeições.

Como a primeira, também a segunda flutua intata sôbre o abismo, e nela jamais se infiltrará a menor mancha.[53]

3. A pomba do dilúvio

A pomba que, ao cair o crepúsculo da tarde, trouxe à família de Noé o ramo de oliveira, presságio da cessação do flagelo, diz Santo Alberto Magno, é evidentemente a imagem de Maria, que apareceu nos últimos vislumbres do mundo antigo, carregada da oliveira da paz.

---

49) Serm. 2. in Annunt.
50) Serm. I. de Dormit. B. Virg.
51) Serm. in Annunt.
52) Bulla "Ineffabilis".
53) S. Bern. De B. Virg.

Por estas palavras: "Eis aqui a serva do Senhor", ela anunciava o apaziguamento da cólera divina.[54]

"Maria é a pomba inocente, imaculada e bela", dizem Santo Epifânio, Santo André de Creta e São Lourenço Justiniano.

4. O arco-íris

Uma das mais expressivas figuras de Maria é o arco-íris, tão gracioso, formado pelas refrações dos raios solares sôbre as nuvens, diz Santo Antonino.

Maria igualmente resplandece no límpido céu da Igreja, pela irradiação do divino sol de amor sôbre as nuvens benfazejas das graças.

Por isso a intercessão de Maria é um indício certo de reconciliação e paz com Deus.[55]

5. A escada de Jacó

Uma noite, adormecendo Jacó no meio da solidão, aí teve uma visão. Uma escada misteriosa se elevava da terra ao céu; por ela os anjos subiam e desciam; no seu cume está sentado o Senhor. Ao acordar, o patriarca, tomado de religioso espanto, exclamou: "E' aqui a porta do céu".

"Pois bem, diz S. João Damasceno, esta escada misteriosa e simbólica representa a Virgem santa, que nasce neste mundo, mas cuja cabeça se eleva até aos céus".[56]

"E' ela quem liga a terra ao céu", diz por sua vez S. Pedro Damião.[57]

E acrescenta ainda Santo Agostinho: "E' por ela que Deus desce à terra e por ela que os homens se elevam ao céu".[58] Eis por que Maria é tão freqüentemente chamada "a porta do céu".

6. A sarça ardente

"Prodígio admirável, exclama S. Bernardo, uma sarça que arde sem se consumir! Mas admirai maravilha muitíssimo maior: uma mulher revestida do sol, sem ser consumida pelos seus ardores. O' Rainha, quão sublime é o vosso privilégio! Que estreito laço vos une ao Senhor! Êle está em vós e vós nêle. Vós o cobris com a substân-

54) Bibl. Mar. in Gen. 8, 11.
55) Sum. pars 4, tit. 15, cap. 39.
56) Sermo 1 de Nat. B. M. V.
57) Carm. de Assumpt.
58) Serm. 2. de Nat. B. M. V.

cia do vosso corpo, e êle vos inunda dos esplendores de sua glória".[59]

7. O velo de Gedeão

O' homem, diz o mesmo santo, admira os desígnios de Deus, reconhece as vistas de sua sabedoria e de sua misericórdia!

Desejando derramar sôbre a terra o orvalho celeste, o Senhor cobre-a a princípio com um velo; querendo resgatar o gênero humano, deposita o seu resgate nas mãos de Maria.

Elevemos, pois, o olhar, e consideremos com que sentimentos de devoção êle quer que honremos Maria, pois foi para isso que o mesmo a cumulou e a enriqueceu com a plenitude de seus bens.

E' a mesma coisa que dizermos que tôda a nossa esperança nela deve estar depositada, e que é dela, como de uma fonte abundantíssima, que devem distilar sôbre nós as graças da salvação.[60]

"Verdadeiramente, Maria é o velo imaculado sob o qual se abrigou o Cordeiro de Deus", diz o beato Bernardino de Bustis.[61]

8. A arca da aliança

Maria é, verdadeiramente, a arca da aliança — *Foederis arca.*

"Ela é a arca, diz S. João Damasceno, a qual jamais mão profana ousou tocar".[62]

"Ela é a arca, continua Sto. Antonino, que, após uma longa permanência em terra estrangeira, foi transportada ao seio da Jerusalém celeste, pelo novo Davi".[63]

"A imitação da arca da aliança, Maria era revestida do ouro mais puro da inocência", diz Sto. Ambrósio[64], "e ornada das pérolas brilhantes da virtude", ajunta S. Lourenço Justiniano.[65] "Seu corpo e sua alma resplandeciam com o brilho da santidade mais perfeita", diz S. Proclus[66] — "no qual abundavam todos os tesouros da santidade e beleza", continua S. Gregório, taumaturgo.

---

59) Super Missus est.
60) De aquaeduct.
61) Sermo 9 de Assumpt.
62) Carm. de Annunt.
63) Sum. pars 4, tit. 15, cap. 45.
64) De conf. Pont.
65) De nat. B. V.
66) Sermo 5 de laud. B. V.

A Arca da Aliança encerrava as tábuas da lei. "Maria, diz Ricardo de S. Lourenço, conservava cuidadosamente em seu coração tôdas as palavras do divino Legislador"[67] — e, maravilha mais prodigiosa, diz Sto. Ambrósio, "Maria levou em seu seio não só a lei, mas até o próprio autor da lei".[68]

9. O templo de Jerusalém

Exaltando a Santíssima Virgem, os Santos Padres costumam considerá-la "como sendo o templo em que Deus veio fixar a sua morada, não mais sob a forma de uma nuvem, mas realmente, substancialmente".[69]

S. João Crisóstomo[70] e Sto. André de Creta[71] chamam-na o "Templo do Senhor", e "o digno templo da divindade".[72] Por sua vez, S. João Damasceno chama-a: "o templo vivo de divinas claridades, mais magnífico que o próprio céu, iluminado de esplendores incriados".[73]

"Templo ornado do ouro da santidade, diz Sto. Tomás, resplendente de tôdas as suas virtudes, como outras tantas colunas, pinturas e ornatos onde tôda prece é atendida, onde o suplicante jamais se viu desprezado, nem repelidas as suas preces".[74]

10. A tôrre de Davi

Ainda hoje vêem-se em Jerusalém os alicerces dessa gigantesca e milenária construção.

Três mil anos já se passaram, e êstes enormes blocos lá estão inabaláveis, como que a desafiar a própria eternidade.

Foi essa tôrre que abrigava outrora o santuário venerável no qual permaneceu por algum tempo a arca da aliança.

Não é, pois, de admirar que os Padres aí encontrassem um símbolo da Virgem-Maria, que é "uma tôrre munida de baluartes inexpugnáveis", como diz S. Germano.[75]

"Que afronta os furacões e os ataques do inimigo", ajunta S. João Damasceno.[76]

---

67) De laud. B. V.
68) De conf. Pont.
69) S. Ildef. De Assumpt.
70) In Annunt.
71) De Concept. B. V.
72) St. Epiph. De laud. B. V.
73) In Paracl. B. V.
74) In Purif. B. V.
75) Sermo 2 in Dormit.
76) Paracl.

"Tôrre cujo cimo se perde nas nuvens", continua Sto. André de Creta.[77]

"Tôrre munida de armaduras para os combatentes, diz ainda Sto. Tomás de Vilanova, munida da fé dos apóstolos, da fôrça dos mártires, da ciência dos doutôres, da piedade dos confessores, numa palavra, de tôdas as virtudes de todos os santos".[78]

11. A fonte selada

Está nas proximidades, ao sul de Jerusalém. Talhada em penedias subterrâneas, é esta fonte que conduz água aos grandes reservatórios que Salomão mandara construir em redor do seu palácio.

E' o próprio Espírito Santo quem compara a Virgem a esta fonte: "Minha espôsa, diz êle, é semelhante à fonte selada" (Cant 4, 12). "Maria é a fonte selada do Cântico de Salomão", diz Sto. Epifânio.[79]

"Fonte privilegiada pelo sêlo da adorável Trindade", ajunta S. Jerônimo[80], "donde nasceu o rio da vida, continua S. João Damasceno, sem sequer romper a barreira virginal".[81]

12. O jardim fechado

Maria é ainda comparada ao jardim fechado de Salomão:

"Maria é o jardim fechado do Cântico dos Cânticos", diz Sto. Epifânio.

"Jardim de delícias, diz S. Lourenço, sòmente aberto ao sol e ao orvalho do céu".[82]

"Jardim onde florescem o casto lírio, a rosa da caridade e a violeta humilde", diz Sto. Alberto Magno.[83]

"Jardim tão cuidadosamente fechado, nota S. Jerônimo, que jamais receará ser profanado".[84]

"Jardim de delícias, inundado de uma torrente de graças excepcionais", nota S. Sabas.[85]

"Jardim, onde a serpente sedutora, diz Ricardo de S. Lourenço, não se pôde introduzir, como outrora no paraíso terrestre".[86]

---

77) Sermo 2 in Annunt.
78) Sermo 1 in Ass.
79) De laud. B. V.
80) Epist. ad Paul. et Eust.
81) Sermo 4 de Nat. B. V.
82) De laud. B. V.
83) Sermo 3 in Assumpt.
84) Epist. ad Paul.
85) In Menaeis Graec. ad 2 Jul.
86) De laud. B. V.

* * *

Eis, pois, os doze principais emblemas que formam como que o diadema formoso e radiante em redor da fronte virginal de Maria.

Traçamos, portanto, a fisionomia completa da Santíssima Virgem. Fizemos, pois, o quanto nos é possível, aos homens, a contemplar essa celestial aparição.

Pelas figuras podemos entrever a magnitude e a beleza de sua alma; os emblemas nos mostraram as sublimes funções que um dia a sublime e humilde Virgem haveria de exercer.

Diante de tantas e tão grandes maravilhas, preparadas desde tempos tão remotos, vistas antes que tivessem a sua perfeita realização, que nos resta fazer senão prostrarmo-nos aos seus pés, e, em transporte de admiração, reconhecimento e amor, exclamar como o Espírito Santo: *"Vós sois tôda bela, minha amada, e em vós não há a menor mancha"*.

Vinde, uni-vos e cada vez mais aprofundai em nós as raízes de vosso amor, e que nossos corações, unidos ao vosso, aprendam a consumir-se de amor por aquela que realizou tantas maravilhas de bondade e de amor.

CAPÍTULO II

MARIA SANTÍSSIMA NA IGREJA

I

A Igreja, depositária do culto de Maria

Criatura alguma (à exceção de Jesus Cristo, que não é compreendido nesta palavra) ocupou lugar no mundo, antes de nascer, e não cessou de ocupá-lo depois, a não ser Maria Santíssima. Com efeito, ela é a única criatura que preenche todos os tempos, e que é, segundo a bela expressão de S. Bernardo, o negócio dos séculos — *negotium saeculorum*.

A Igreja, fiel depositária dos segredos e sentimentos do Altíssimo, não podia ser mais que a continuação dêste "grande negócio".

Se Maria Santíssima brilhou com singular fulgor, antes mesmo de sua aparição, que seria então depois?...

Com que convicção e amor não fará a Igreja que os seus filhos se ajoelhem diante do altar da Virgem, para aclamá-la Rainha, mãe, medianeira, consolação e refúgio de todos os seus filhos!

E se Maria, apenas "prometida", já suscitava tal amor, com que confiança, ternura e expansão deve ser saudada a Virgem "dada"!

Para convencermo-nos perfeitamente disso, é preciso abrir o Evangelho, e escutar os primeiros cristãos, interrogar as catacumbas e meditar as palavras ardentes dos padres, doutôres e santos, lançando, depois, um olhar para o que se passa ao redor de nós, nos tempos atuais. — Eis o fim que nos propomos realizar neste capitulo...

Quantos motivos se acharão aí para amar a Maria Santíssima!

Que manifestação nos parecerá mais clara e grandiosa que a da Igreja, que não cessa de clamar nos seus louvores e súplicas a Maria: *Salve, Regina, Mater misericórdiae, vita, dulcedo et spes nostra, salve!*

Com efeito, a Virgem Maria é o mais profundo reflexo da doutrina da Igreja, porque nos mostra perfeitamente Jesus Cristo, fundador da mesma.

Ao primeiro encontro do céu e da terra, a Verdade divina apresenta-se no seu mais amplo desenvolvimento, contendo em si mesma todo o cristianismo, como veremos mais adiante, e pela sua união a Maria, por efeito de reciprocidade, todo o cristianismo está repleto da Virgem-Mãe.

Do mesmo modo que, para se ter uma idéia completa dos diferentes efeitos da luz sôbre a natureza, é preciso estudá-la sob a influência do sol, ou sob a influência da lua, que é o seu mais poderoso refletor, assim também, para ter a fisionomia integral e completa da religião cristã, é preciso contemplá-la, não só na irradiação de Jesus Cristo, sol de verdade, mas ainda no místico luar da Virgem imaculada, que a Escritura chama *"bela como a lua — pulchra ut luna"*.

Dêste modo é pelo conhecimento do culto de Maria que podemos estudar e contemplar tudo que há de interior e profundo na Igreja, da qual é boa e caridosa Mãe.

Como contra-prova, não se conhece perfeitamente Maria, e não podemos honrá-la dignamente, senão en-

trando no espírito desta mesma Igreja, a quem foi confiado o místico santuário de seu amor.

E', pois, com respeito e veneração que examinaremos os sentimentos, desejos, e como que as pulsações do coração da Igreja para com a Mãe de Deus.

Tarefa doce e consoladora, que fortificará singularmente as nossas convicções e nosso amor à Virgem, porque: *"Vox Ecclesiae, vox Dei* — a voz da Igreja é a voz de Deus".

II

Maria Santíssima no Evangelho

Diz-se que o Evangelho é conciso ao falar de Maria.

Disto concluíram alguns ser preciso proscrever tudo o que poderia elevar a Virgem acima dêste estado de inferioridade comum, como sendo isso uma superfetação, já reprovada pelo Evangelho.

Existe, realmente, êste mistério da obscuridade evangélica de Maria; qual é, pois, a sua razão de ser?

Como seria possível que aquela que já havia sido anunciada de tão longe, com figuras e emblemas tão admiráveis, fôsse relegada a segundo plano, e a uma quase completa obscuridade, por parte dos textos evangélicos?

Quem, pois, nos poderia explicar semelhante esquecimento?

São êstes os especiosos pretextos que alguns homens, tardos de espírito, costumam alegar, pretendendo ir diretamente a Jesus Cristo, sem aceitar intermediário algum.

Aos que nos vierem objetar esta aparente obscuridade da Virgem, citemos as palavras de um panegirista inesperado, insuspeito de exagêro, as quais resolvem o capital enigma, resumindo ao mesmo tempo a doutrina da Igreja sôbre êste ponto capital. As palavras seguintes são da autoria do próprio Lutero:

"Ser Mãe de Deus, diz êle, é uma prerrogativa tão alta e imensa, que ultrapassa tôda a concepção. Nenhuma honra e nenhuma beatitude seriam capazes de aproximar-se de tanta elevação, como ser, na universalidade do gênero humano, a única pessoa sem igual, por esta prerrogativa de possuir, com o Pai celeste, um filho comum. Nesta única palavra tôda a honra está contida

para Maria, e ninguém poderia publicar em seu louvor coisas mais magníficas, tivesse embora tantas línguas quantas são as flores e ervas sôbre a terra, as estrêlas no céu e os grãos de areia no mar".[1]

Com estas palavras: *Maria é Mãe de Deus,* o Evangelho exprime e esgota tudo o que se pode dizer para a glória da Virgem incomparável.

Êle a coloca a uma tal altura, que não pode ser alcançada pelas homenagens do universo inteiro, e que só as suas adorações ultrapassariam.

Falando acêrca desta sobriedade do Novo Testamento, Santo Tomás de Vilanova faz a seguinte observação: "Os Evangelhos elogiam muito o santo precursor, como também vários outros justos, que êles elevam às alturas do céu. Mas, ao chegarem a Maria, deixam-na quase esquecida, na sombra, apenas lembrando-se dela.

Nada nos dizem de suas virtudes, de seus méritos, da abundância de graças que de antemão lhe foram concedidas, porque, não dando asas à sua espantosa admiração, antes preferiram calar-se que falar, a fim de que nós adivinhássemos o que êles não podiam exatamente exprimir".[2]

Em conseqüência, pela razão de ser a Mãe de Deus, Maria é a mais santa de tôdas as criaturas, e ninguém duvida disto.

Objeta-se sòmente: Como é possível que ela tenha sido a menos favorecida do testemunho e das atenções de Jesus Cristo?

São dois fatos conciliáveis, porque são relacionados entre si.

Esta relação existe, e fácil nos será percebê-la.

Todos sabem que o Filho de Deus se fêz homem, para salvar a humanidade: é a sua grande missão; por isso chama-se "Jesus", isto é, Salvador.

Para quem se verterão, pois, as ternuras de seu coração?...

Não é para os pecadores e os infelizes?

Êle constituirá Pedro como o chefe de sua Igreja; do publicano Mateus fará o seu evangelista; do perseguidor

1) Super Magnif. T. V, p. 85. Êste escrito de Lutero é de 1521, o ano que seguiu à sua revolta. Foi em 15 de dezembro de 1520, que êle queimou a bula pontifícia na praça de Wittenberg.
2) Conc. 2 De Nat. Virg.

Saulo, o seu vaso de eleição; da pecadora Madalena, sua amante apaixonada; de um malfeitor público, o primeiro predestinado!...

Já refletiram sôbre êste fato?...

Poderia o coração amante e repleto do senso divino do Redentor associar a Virgem santa e imaculada a todos êstes pecadores convertidos, e colocar sôbre sua cabeça a mesma coroa de louvores?

Não! isto seria rebaixar Maria, em lugar de engrandecê-la.

Que significa, pois, êste aparente esquecimento de Jesus para com sua Mãe querida?

Precisamente o maior testemunho que êle podia prestar à sua santidade.

Assim como um médico, que acaba de curar os doentes, não se ocupa daqueles que gozam de saúde; assim como os de casa estão como que esquecidos, aí havendo hóspedes de quem são os servos, assim também Jesus não presta atenção a Maria.

Igualmente, Maria, que tinha pleno conhecimento desta conduta de Jesus, nunca fêz a menor queixa a êsse respeito.

E se ela algumas vêzes tivesse reclamado, Jesus Cristo ter-lhe-ia respondido como o pai do filho pródigo ao filho mais velho, que se indignara por ver-se esquecido: "Estás constantemente ao meu lado, e tudo o que eu tenho é teu, mas era necessário fazer um banquete e alegrar-nos, porque teus irmãos da raça humana, que aqui estão, estavam mortos, e eu os vim resgatar".

E, com efeito, se Nosso Senhor tivesse louvado e exaltado a sua Mãe, com os mesmos lábios que louvava Pedro, Mateus, Madalena, o bom ladrão e todos os que desejavam converter-se e que a êle se dirigiam, tê-la-ia, de certo modo, pôsto ao nível comum e assemelhado a êles... e, em vez de exaltar assim sua Mãe, tê-la-ia rebaixado.

Como sua conduta se nos mostra mais nobre, mais divina! Êle sabe que Maria está acima de todos os louvores. Por que, então, louvá-la?

Maria conhece as ternuras infinitas que lhe estão reservadas no coração de seu Filho. Por que, então, procurar certificar-se disto? Procurar algo que seja testemunha dêste amor, é quase, ou duvidar do mesmo amor,

e, neste caso, procurá-lo para tranqüilizar-se ou, ainda, procurá-lo para comprazer-se no seu amor próprio, o que se dá sòmente por orgulho.

Mas nada em Maria de tudo isso.

Ela sabe que é a filha primogênita de Deus, sua bem-amada e sua Mãe... ama-o e por êle é amada como tal.

E é o bastante...

Pode-se explicar ainda esta obscuridade, dizendo primeiramente, com certos doutôres, que Maria Santíssima pediu a Deus que a conservasse oculta e não a exaltasse, a fim de que ùnicamente sôbre Jesus se fixassem os olhares do mundo, ou ainda, como diz Sto. Agostinho, "que a medida da humildade deve ser também a da grandeza — *Mensura humilitatis cuique ex mensura ipsius magnitudinis data est*".

Segundo esta regra, Maria Santíssima, que é a mais elevada entre as criaturas, devia ser também a mais humilde.

Eis, portanto, resolvida a aparente indiferença do Salvador a respeito de sua Mãe, vista e comparada à sua expansiva bondade para com os pecadores.

Mas será verdadeiramente certo que o Evangelho não fala mesmo de Maria? e que, dêste modo, o culto de Maria teria aparecido sòmente mais tarde, como sendo um ornamento da religião?

Os que assim afirmam, mostram que não leram o Evangelho, porque é precisamente sôbre êle que querem apoiar a sua tese, mas que, na frase de um profundo filósofo[3], muito ao contrário, o Evangelho é o pedestal vivo, em que estão assentados os primeiros fundamentos históricos dêste culto, sendo êle como que a fonte primitiva de onde jorra e se estende através dos séculos êste grandioso culto.

E' justamente ai que a Virgem Santíssima aparece radiante de tôdas as luzes e de tôda a santidade, manifestadas neste livro.

Que culto mais evangélico pode haver que aquêle que, no Evangelho, começa por esta homenagem do próprio céu: *Ave, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus!*

Que culto mais evangélico que aquêle que nos representa Maria, cooperando pelo livre consentimento,

3) Nicolas: La Vierge Marie.

pela fé, virgindade e humildade, no ministério inicial do cristianismo, amparada pela sombra do Altíssimo, investida do Espírito Santo, e concebendo em seu seio virginal o Filho de Deus!

Que culto mais evangélico do que aquêle que nos representa Maria, Mãe de Deus, respirando com Jesus o mesmo hálito, com um mesmo sangue que circula em suas veias, levando-o em suas entranhas e comunicando-o, por sua vez, a João Batista e Isabel, que o honram com alegria e transportes.

Por intermédio de Maria, João Batista recebe a graça daquele que devia anunciar a todos os homens, na qualidade de precursor.

Isabel, cheia do Espírito Santo, exclama em alta voz: "Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre".

E é sob esta impressão que Isabel tributa à Virgem, a Mãe de seu Senhor, o culto de profunda veneração e atribui-lhe a dispensação da graça que nela acabava de operar milagrosamente, dizendo-lhe: *Bem-aventurada sois vós porque crêstes!*

Que culto mais evangélico do que aquêle que, no mesmo instante em que são pronunciadas as palavras de Isabel, o próprio Verbo de Deus outorga a sua Mãe e que o Espírito Santo concede à sua espôsa, inspirando-lhe o sublime *Magnificat,* em que tôdas as gerações futuras são como que impelidas a honrar Maria com êste mesmo culto que Isabel acaba de inaugurar, porque o Todo-poderoso nela operou maravilhas!...

Que culto mais evangélico do que aquêle que lhe renderam os pastôres e os magos, isto é, judeus e gentios, adorando o *Menino nos braços de Maria, sua Mãe;* do que aquêle em que o santo velho Simeão, pronunciada a sua profecia, associava esta Mãe a tôdas as contradições a que deveria ser exposto o seu divino Filho, e principalmente a êste *gládio de dor,* que os devia unir no grande suplício: *et tuam ipsius animam pertransibit gladius!*...

Que culto mais evangélico que esta homenagem filial de confiança, de ternura e abandono que o próprio Menino-Deus quis render a Maria, fazendo do seu seio virginal, onde já haurira a vida humana, o seu trono, seu refúgio e seu alimento.

Que coisa mais admirável que esta submissão que lhe tributa ainda, com todo o fulgor da sabedoria, que brilhara no templo, e que se prolongou na mais gloriosa obscuridade, para Maria, até aos trinta anos: *Et erat subditus illis.*

Que culto mais evangélico do que aquêle em que o Filho de Deus defere o pedido de Maria, a uma só palavra de sua Mãe, adiantando assim a hora de sua manifestação, pelo grande milagre de Caná e constituindo-nos devedores à sua maternal intercessão do dom de seus milagres, da fé de seus discípulos e, por meio dêles, da conversão do mundo?...

Que culto mais evangélico do que aquêle que é tributado a Maria por aquela mulher do Evangelho, que, deslumbrada ante a palavra de Jesus, assim exclama: *Bem-aventurados os seios que te geraram e benditos os peitos que te amamentaram.*

Que culto mais evangélico do que aquêle cuja solene inauguração teve lugar ao pé da cruz, quando Maria foi proclamada, pela divina Vitima, a Mãe de todo o gênero humano, na pessoa do apóstolo amado, que seria mais tarde quem descreveria melhor a divindade de Jesus e as ternuras de seu coração.

Eis, pois, como o culto de Maria provém do Evangelho, como de sua mais sublime fonte. Ei-lo, pois, divinamente proclamado à face do universo.

Escutaram-no os séculos, e é para corresponder a esta proclamação que os cristãos vão se prostrar aos pés de Maria, implorando seu socorro e intercessão![4]

III

Os apóstolos, servidores de Maria Santíssima

Mas, se é verdade que o Evangelho está tão repleto de Maria, como acabamos de ver, que veneração e que amor devem ter professado para com a Santíssima Virgem aquêles que viviam com ela, os seus familiares e intimos — os apóstolos.

Os apóstolos foram seus servidores fiéis e filhos amantes e amados.

"Os apóstolos e os discípulos, diz um judicioso autor[5], nutriam para com ela uma dedicação sem limites.

4) Nicolas, Op. cit.
5) Jamar: Maria, mãe de Jesus, c. 29.

Tiveram-lhe um amor tão intimo e tão ardente como o amor que o filho tem àquela a quem deve a vida.

A presença da amável e angélica Maria valia-lhes na terra as felicidades do céu".

Com efeito, não há dúvida que Maria tenha desempenhado um papel preponderante no colégio apostólico.

Sto. Tomás de Vilanova diz, a êste respeito: "Ao voltar para junto de seu Pai, Jesus Cristo, o doutor por excelência, legou sua *escola* e sua *cátedra* a Maria, não para que ela governasse a Igreja, como S. Pedro, mas a fim de que ensinasse aos outros a sabedoria celeste que havia aprendido desde o principio..

E a tradição nos diz que durante doze anos Maria foi como que a instrutora dos apóstolos, dos discípulos e das diversas igrejas".[6]

"Intimamente ligada ao colégio dos apóstolos, diz também Sto. Ildefonso, Maria também permanecia constantemente com êles; e como estava mais ao par de todos os atos da vida mortal de Jesus, conferenciava com êles para instrui-los na vida e nos exemplos de Cristo".[7]

Refletindo nisso, não é para admirar ouvir os Santos Padres chamarem Maria Santíssima: "A dispensadora dos ensinamentos da fé"[8], "a instrutora das nações"[9], "dos evangelistas"[10], dos apóstolos, dos discípulos de Cristo, da Igreja, como o diz Sto. Tomás de Vilanova.[11]

E é com tão justos títulos que nós a honramos sob a invocação de "Rainha dos apóstolos".

Ora, quem poderá avaliar a gratidão e afeição com que os apóstolos cercaram a sua rainha e sua doutôra?

Todo o seu amor pelo Salvador ausente não se concentrava, de certo modo, sôbre aquela que era sua mãe, a sua cópia viva?...

Aqui é impossível a dúvida. Verdadeiramente todos imitaram S. João — *"ex illa hora accepit eam discipulus in suam"*, o que o bem-aventurado de Montfort traduz por estas palavras: "E desde aquêle instante êle tomou Maria como o seu único e soberano bem".

---

6) Sermo 3 de Assumpt.
7) Sermo 5 de Assumpt.
8) São Lourenço Justiniano. De nat. B. Virg.
9) Sto. Agost. Sermo 6 de Temp.
10) S. Bonav. Psal. de B. V.
11) Sermo 3 de Assumpt.

Sim, a Virgem era todo o bem e o resumo do amor dos apóstolos!

Não podendo discorrer separadamente acêrca de cada um dêles em particular, citemos pelo menos aquêles que foram indicados pela tradição, que nos transmitiu alguns pormenores provando o amor dos mesmos para com a Mãe de Jesus.

1. **São João**

Comecemos pelo apóstolo que Jesus amava, e que teve o singular privilégio, diz o padre Olier, "de ser o capelão de Maria".

Quem poderia dizer a ternura com que o apóstolo-virgem seguia os passos da Mãe-Virgem?

Segundo afirma São Jerônimo, jamais alguém o sobrepujou em piedade e afeto para com a Mãe de Deus.

E a quem mais, entre os apóstolos, continua o grande doutor, poderia Maria estar melhor confiada senão a S. João?...

Não eram Maria e João como que dois luzeiros brilhando sempre e com maior fulgor?...

Êste amor filial de S. João assim como o seu culto de piedade e afeição para com Maria não terminaram com a vida terrestre da Santíssima Virgem.

Com efeito, viu-se o apóstolo construir igrejas em sua honra, preconizá-la em suas palavras e escritos e celebrar por tôda parte as suas perfeições e louvores.

Aliás, ainda no Apocalipse, êle apresentou, sob diferentes símbolos, a augusta Virgem... o que nos faz entender que, ao lado do divino Mestre, Maria Santíssima tinha um importante lugar nos pensamentos e afeições do grande apóstolo!...

2. **São Pedro**

Após a doce e sempre amável figura de S. João, que será sempre o apóstolo de Maria, é digno de menção S. Pedro.

Segundo tradições fidedignas, o chefe da Igreja excedia aos demais apóstolos, por seu amor e confiança ilimitada na santíssima Mãe de Jesus.

Diz S. Gregório Nazianzeno que foi devido à intercessão de Maria que S. Pedro alcançou a graça de poder

sair do abismo para onde o arrastara a sua tríplice negação.

Diz-se ainda que foi em sinal de reconhecimento que êle quis estender, tanto quanto lhe era possível, o culto de Maria Santíssima entre os fiéis, e que foi o primeiro a comemorar a Mãe de Deus no santo sacrifício da missa.

Pensa-se com aparências de verdade ter sido sua liturgia própria aquela em que dá a Maria o título de *Mãe imaculada e gloriosa de Nosso Senhor,* e ainda esta outra *Nossa Senhora, nossa Mestra e nossa Rainha.*

Nesta mesma liturgia S. Pedro recomenda de modo todo especial ao universo cristão o uso da Saudação Angélica, que êle reputava ser uma fonte inesgotável de graças, segundo observa Melquior Incofer.

Se dermos crédito a outros autores de renome, o príncipe dos apóstolos nem sequer esperou que Maria fôsse coroada na glória dos céus, para dedicar-lhe um santuário, mas que foi êle quem, na qualidade de chefe dos apóstolos e com assistência dos seus colegas, abençoou e consagrou, embora Maria ainda vivesse, a casa de Nazaré, transformando-a em oratório.

O cardeal Tiago de Vitry (segunda cruzada) referenos uma tradição que diz ter sido S. Pedro o construtor da igreja de Tortosa (Antarada), na Fenícia, a qual êle tinha mandado construir, enquanto mudava-se de Jerusalém para Antioquia.

Segundo esta tradição, o primeiro vigário de Jesus Cristo teria, em pessoa, dedicado a Maria êste monumento de sua piedade, e aí celebrado os santos mistérios...

Vários autores até pretendem que êste santuário, hoje ainda centro de uma célebre peregrinação, seja o primeiro que haja sido ereto aqui na terra e colocado sob a invocação e patrocínio de Maria.

Eis as palavras que o bem-aventurado Amadeu de Lausana atribui a S. Pedro por ocasião da morte da bem-aventurada Mãe de Deus: "Eu sei, irmãos queridos, que nenhum de vós ignora a grandeza e dignidade da augusta e santíssima Virgem, que brevemente exalará o seu último suspiro...

Aqui temos ante os olhos aquela que, quando escolhida para ser a Mãe de Deus, deu esta sublime resposta:

"Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a vossa palavra".

Portanto, quanto mais esta virgem se elevava em graça e dignidade, tanto mais se compenetrava de sua pequenez e mais vil parecia aos próprios olhos, e, por conseguinte, maior se tornava diante de Deus.

E já que ninguém foi mais humilde do que a Mãe de Deus, é justo, pois, que ninguém seja maior e mais elevado do que ela na glória dos céus...".

Estas palavras e fatos, que nos são transmitidos pela voz da tradição, não são talvez rigorosamente autênticos, mas é consolador vermos que exprimem uma piedosa crença, digna de ser recolhida e meditada.

Quando se trata de Maria, probabilidades valem quase sempre certezas.

Assim como são aceitáveis as histórias de que não conhecemos o verdadeiro autor, do mesmo modo o são as crenças perfeitamente adaptadas a qualidades que se não conhecem perfeitamente.

3. S. Tiago Maior

Entre os demais apóstolos de quem a tradição nos transmite algo de sua piedade para com Maria, citemos ainda S. Tiago, o maior, parente próximo da Santíssima Virgem, e ao qual se atribui o estabelecimento do culto de Maria na velha Espanha.

Diz-nos a tradição que, uma tarde, ao voltar de Saragoça, onde tinha evangelizado, tão grande foi o seu estado de prostração, que as suas fôrças quase o desampararam, e já estava prestes a sucumbir sob as rudes fadigas do seu ministério.

Mas eis que, de repente, cantos divinos ressoam aos seus ouvidos: *"Ave, Maria, gratia plena"* — murmuram deliciosamente os anjos que o rodeavam.

No meio dêles aparece uma mulher de sôbre-humana beleza e a esta vista o apóstolo cai de joelhos.

Oh! maravilha! Havia êle reconhecido Maria, a Mãe do seu divino Mestre, a qual êle havia deixado em Jerusalém, na casa de João, o seu irmão...

Maria sorri-lhe... encoraja-o, conforta-o e manifesta-lhe o desejo de que naquele mesmo lugar fôsse erigido um santuário em sua honra, o qual seria a primeira igreja cristã existente na católica Espanha.

Notou, então, o apóstolo que os pés da Virgem repousavam sôbre uma pilastra de mármore. Desapareceu logo depois a visão, mas o pilar fica, como testemunho do prodígio que acabava de realizar-se.

Tiago, o maior, obedece à sua Rainha e edifica o santuário pedido, grava na madeira uma imagem de Maria, e a coloca sôbre o pilar miraculoso.

Desde aquêle tempo *Nossa Senhora del Pilar* não cessa de atrair as multidões aos seus pés.

De volta a Jerusalém, onde devia conquistar a palma do martírio, aí S. Tiago viu ainda outra vez a sua Senhora. E depois, radiante de alegria, expirou, dando a sua cabeça ao cutelo, pouco tempo antes da morte de Maria.

Finalmente, vários autores pensam que foi por ordem de Maria que o corpo de S. Tiago foi transportado e inumado em Compostela, a fim de que a região que êste generoso apóstolo havia regado com os suores de seu apostolado, conservasse seus preciosos restos mortais, e assim fôsse enriquecida pela posse de seus despojos.

4. São Bartolomeu

Um outro apóstolo, cuja fronte se irradia de grande amor a Maria, é São Bartolomeu.

Dêle também possuímos alguns pormenores, que a tradição e os padres nos transmitiram.

O bem-aventurado Alano da Rocha diz que êste apóstolo recitava de joelhos, cem vêzes por dia e outras tantas vêzes cada noite, a oração dominical e a saudação angélica.

Segundo nos diz Abdias, na sua "Vida de S. Bartolomeu", o apóstolo teria falado do seguinte modo ao rei Polímio, acêrca da pureza virginal de Maria:

"Eu vejo que vós sabeis, ó príncipe, que o Filho de Deus se dignou nascer de uma virgem de tal modo que o homem, concebido em seu seio, nela se unia do modo mais íntimo possível ao Deus que fêz o céu e a terra.

Êste Deus, que nasceu então do parto virginal de Maria, teve, como homem, um comêço, embora como Deus não o tivesse.

Ora, esta virgem, que foi a sua mãe, é a primeira pessoa que fêz ao Todo-poderoso o voto de permanecer

sempre virgem. Digo que ela foi a primeira, porque, desde a criação do mundo, jamais alguém formulara semelhante voto.

Ela é, pois, a primeira entre tôdas as mulheres que de coração disse a Deus: "Senhor, eu vos ofereço e consagro a minha virgindade".

Segundo o testemunho de vários autores antigos, estas palavras piedosas, recolhidas pela tradição, mostram-nos claramente o papel importante que o apóstolo S. Bartolomeu atribuía a Maria, na obra de nossa salvação, e, como os outros apóstolos, o amor terno e filial que nutria por sua amável Rainha e Mestra.

5. S. Tiago Menor

Mais outra prova preciosa de amor e dedicação a Maria dá-nos o apóstolo S. Tiago Menor.

Encontra-se a mesma expressa na antiga liturgia que é atribuída àquele apóstolo.

Eis a curiosa passagem:

"Comemorando a santíssima, puríssima e gloriosíssima Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Rainha, nós nos recomendamos, com tudo o que nos pertence, com a nossa vida e nossa morte, a Jesus Cristo, nosso Senhor, etc...

Outrossim, recomendamos aqui, com insistência, a lembrança da santíssima, puríssima e benditissima Virgem, Mãe de Deus e nossa soberana.

Graças às suas preces e sua intercessão, todos nós procuramos ser merecedores de indulgência e misericórdia.

Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre, porque foi de vós que nos veio o Salvador de nossas almas.

Convém, portanto, que vos proclamemos verdadeiramente bem-aventurada, isenta de tôda falta, pura e imaculada, Mãe de Deus, mais honrada que os querubins e mais gloriosa que os serafins... A vós, que, permanecendo virgem, destes à luz o Verbo de Deus, a vós que sois cheia de graça, tôda a criação vos louva!

Os coros angélicos, no céu, o gênero humano, sôbre a terra, exaltam as vossas grandezas, ó Maria!...

O' Maria, vós sois um templo excelentemente santo, um paraíso espiritual e a glória das virgens.

Sois vós que formastes o Altíssimo e que lhe fornecestes a carne mortal de que êle se revestiu.

E' em vós que se tornou criancinha aquêle que é o nosso Deus e que é o Eterno.

Vosso seio virginal foi o trono em que se sentou aquêle que nem os céus dos céus podem conter...".

Não são estas palavras repletas de respeito e afeição, ternura e piedade para com a Mãe de Deus?

Não denotam elas terem saído de um coração apostólico?...

São tradições, é verdade, mas são tradições dignas de fé, as quais não se devem rejeitar, pois são elas que nos permitem ouvir as vibrações do coração dos apóstolos, por meio daquela mesma que o próprio Salvador ensinara a venerar e amar.

Que S. Tiago Menor tenha tido uma devoção particular por Maria Santíssima, disso não se poderia duvidar. Não era êle parente próximo da Santíssima Virgem, e, como tal, não devia partilhar também os mesmos sentimentos de Tiago o Maior, e de S. João, seus irmãos?

Acresce, ainda, que a Santíssima Virgem, após a ascensão, viveu muito tempo em Jerusalém, sede episcopal de S. Tiago, ali fundou santas comunidades de viúvas e virgens, e teve necessàriamente com êle colóquios mais freqüentes do que com os demais apóstolos.

Ora, o efeito natural destas relações devia inspirar a São Tiago os mais vivos sentimentos de admiração, respeito e piedosa afeição por esta augusta Virgem, a cuja vista ou aproximação não podia deixar de experimentar e sentir uma verdadeira piedade.[12]

6. Santo André

Atribuem-se ao apóstolo Santo André palavras notáveis a respeito da Santíssima Virgem.

A acreditar em vários autores antigos, no momento da morte, êste apóstolo teria pronunciado, ao alto da cruz, êste tocante ato de fé sôbre a virgindade perpétua e a imaculada conceição da Mãe de Deus:

"Como o primeiro homem, Adão, foi formado de uma terra virgem, ainda não contaminada pelo pecado, assim

12) Messager de Marie, Reine des coeurs.

Jesus Cristo foi formado de uma virgem imaculada e pura...".

7. **Os outros apóstolos**

Ainda que de modo menos explícito ou menos claramente acentuado, a tradição atribui também aos outros apóstolos um culto especial para com a Mãe de Deus.

Embora não tenhamos conservado tôdas as suas palavras, sabe-se, pelo menos, que êles erigiram célebres santuários em honra da Virgem das vírgens.

Conhecida a unidade de pensamento de doutrina que reinava entre os doze, basta-nos, pois, conhecer os sentimentos de um, para têrmos a fisionomia de todos e de cada um em particular. Aliás, todos deixaram uma prova autêntica e sagrada do seu amor por Maria, num dos artigos que compõem o Símbolo dos Apóstolos.

Nesta curta exposição dos pontos mais fundamentais do cristianismo, diz o P. Mac Carthy[13], os apóstolos não podiam dizer tudo. Muitos foram os mistérios ou dogmas importantes que nela foram esquecidos.

Não teria acontecido a mesma coisa com Maria?... Não teriam sido também omitidas inúmeras de suas prerrogativas?... Seria verdade que Maria não foi lembrada no Símbolo dos Apóstolos?

— Não. Oh! admirai o lugar que ela aí ocupa!

Seu nome aí se une aos adoráveis nomes das três pessoas divinas! Ela aparece entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, não como sendo estranha aos mesmos, mas sendo-lhes unida pela mais indissolúvel aliança, na qualidade de filha, espôsa e mãe; e não digo eu demais a êsse respeito?

Julgai vós outros e ponderai atentamente aquelas palavras que talvez já repetistes inúmeras vêzes sem refletir: *"Creio em Jesus Cristo, nosso Senhor, Filho único de Deus Padre Todo-poderoso, concebido do Espírito Santo, nascido da Virgem Maria"*, isto é, creio em um Deus gerado por Deus e dado à luz por Maria, Filho de Maria, consubstancial ao Pai e formado da substância de Maria, concebido do Espírito Santo e nascido de Maria.

Oh! que laço de relações inefáveis!... Um Deus em três pessoas, um Deus-homem, e Maria é sua Mãe — eis

13) Sermon sur la dév. envers la très Sainte Vierge.

quase todo o símbolo e tudo o que os apóstolos ensinaram e que era por êles desenvolvido em suas pregações".

Ora, isso não é sòmente honrar e louvar a Maria Santíssima.

Mais ainda, é propô-la à mais profunda veneração dos fiéis, elevando-a sobretudo acima de tôda a honra e de todo o louvor. Depois dêste texto da fórmula sagrada de nossa fé, todos os esforços da eloqüência humana, com o fim de exaltar a incomparável Virgem, não são mais que a débil expressão de uma admiração impotente e incapaz de atingir por si as alturas, em que paira Maria Santíssima!

E após ter mostrado assim à face do universo a sua crença na grandeza de Maria, seria possível que êles a tivessem esquecido depois, e não a cumulassem de tôdas as ternuras e anelos de seu coração?

Não... Isso era impossível...

Do mesmo modo pode-se dizer ousadamente que os apóstolos foram os primeiros e os mais ardentes amantes da Mãe de Jesus, e os mais zelosos propagandistas do seu culto.

8. São Paulo

Não podíamos terminar aqui êste capítulo sem ter uma palavra a respeito de São Paulo.

Associado ao colégio apostólico pelo próprio Deus, para ser o apóstolo dos gentios, o ardoroso discípulo de Gamaliel, transformado no amável apóstolo São Paulo, não podia deixar de sobressair pela sua devoção à Virgem imaculada, já que se salientava em tôdas as outras virtudes.

Eis o que nos diz o bem-aventurado Amadeu de Lausana sôbre as relações de São Paulo com a Santíssima Virgem:

"Antes de partir para a Arábia, São Paulo quis ver e admirar a divina Mãe de Jesus Cristo. Viu-a e admirou-a. Após ter visto a Santíssima Virgem falar sábia e admiràvelmente dos mistérios realizados por seu augusto Filho, depois de ter visto como ela explicava os pontos mais obscuros do antigo Testamento, resolvia as dificuldades e respondia a tôdas as objeções, o apóstolo prostrou-se por terra, adorou a Jesus Cristo e venerou a sua divina Mãe.

Em seguida, assim falou: "Desde o dia de minha conversão até hoje, eu tinha fé e acreditava em Jesus Cristo, Filho de Deus. Mas, agora, as perfeições da Mãe revelaram-me claramente a divindade do Filho.

Bendito seja, pois, o meu Senhor Jesus Cristo, que me esclareceu justamente naquele mesmo instante, em que me enfurecia contra os seus adoradores, atraindo-me a si, quando eu dêle fugia ou procurava persegui-lo.

Bendita sejais também, ó Mãe de meu Salvador, Mestre e Rei de tudo o que existe, porque em vós estão encerrados todos os tesouros da sabedoria e ciência de meu Deus".

E foi sòmente depois de instruído por Maria acêrca de tudo o que desejava saber, que o grande apóstolo partiu para a Arábia, levando em seu coração uma fornalha de amor, cujas chamas de tal modo abrasavam os corações, que ùnicamente êle ganhou mais almas para Jesus Cristo do que os demais apóstolos juntos.

Muitas vêzes, diz a tradição, apresentava Maria como sendo o mais perfeito modêlo que tenha havido sôbre a terra, como a obra-prima de Deus, de tal modo que de várias regiões vinham os fiéis a Jerusalém com o fim de ouvir e admirar a Santíssima Virgem.

Aqui se nos apresenta uma objeção que é preciso refutar.

Ei-la: Se São Paulo e os outros apóstolos tanto amavam Maria, por que a deixaram êles quase esquecida em suas epístolas?

A razão dêsse esquecimento é simples.

E' que as epístolas ou são a refutação de erros e abusos que se haviam introduzido entre os cristãos, ou a solução de alguma dúvida que lhes havia sido submetida, ou a exposição de algum ponto dogmático para melhor ser gravado no espírito, ou, então, exortações para melhor servir a Deus.

Ora, é crível que o culto de Maria Santíssima não tenha encontrado dificuldades entre os primeiros cristãos, pois que êles não encontraram dificuldade sôbre êste assunto e que, dêste modo, não tinham que tratar a questão por escrito

Bastava-lhe, pois, pregar sôbre Maria Santíssima nas assembléias de fiéis, e imediatamente todos aceitavam êste culto bendito.

Poderá haver maior motivo de amor a nossa Mãe do que esta conduta dos apóstolos?

Como êles, queremos nós também fazer o bem em redor de nós e conquistar um trono de escol na glória do céu?

Pois bem, amemos o que êles amaram, fazendo-nos apóstolos de Maria.

IV

Maria na primitiva Igreja

De tudo o que acima dissemos sôbre o culto que os apóstolos professavam para com a Mãe de Deus, fácil nos é concluir que os primeiros cristãos, por êles instruídos na mesma doutrina, professaram igualmente o mesmo culto à Virgem Santíssima, não deixando nunca de implorar a sua maternal assistência.

Em seus pensamentos, como já o tinha sido no plano divino, jamais separaram êles o Salvador e a sua Mãe.

Para convencermo-nos dêste asserto, bastar-nos-ia percorrer as catacumbas, imortais testemunhas da fé dos primeiros fiéis.

Citemos aqui apenas alguns exemplos, aconselhando os grandes autores aos que desejarem mais pormenores sôbre os sentimentos de fé de nossos antepassados.

Em sua importante obra sôbre os monumentos da arte cristã primitiva, o Pe. Marchi descreveu do seguinte modo a cripta de *Maria do Menino Jesus,* situada nas catacumbas de Santa Inês:

"Acima do pequeno altar desta cripta vê-se uma figura da Virgem. Neste busto a Virgem está sentada, tendo sôbre os joelhos o divino Infante.

A fim de evitar qualquer equívoco, o escultor gravou à direita e à esquerda o duplo monograma de Cristo. Nêle a divina Mãe estende os braços em atitude de súplica, mas o menino não faz o mesmo, para dar-nos a entender a distância infinita que separa o Filho da Mãe.

A Mãe é criatura e só tem o poder de intercessão e de súplica, enquanto que o Filho é todo-poderoso por si próprio".[14]

---

14) Monumenti delle arti Christiane primitive, nella Metropoli del Christianesimo, p. 152, 157.

O padre Marchi presume que esta pintura remonta aos últimos anos do século segundo, em que o culto da Mãe de Deus, unido ao do seu divino Filho, era recebido como tal entre os cristãos daqueles tempos.

Não quer isto dizer que êste culto não tenha sido recolhido antes, pois já o fôra desde o comêço e até durante a vida de Maria Santíssima.

Contudo, sem dúvida, foi alguns anos mais tarde, quando desapareciam sucessivamente os que a tinham visto, conhecido e amado, que resolveram os cristãos fazer reviver sôbre a pedra, sôbre a madeira ou sôbre a tela a fisionomia incomparável da Virgem.

Descobertas recentes, diz Augusto Nicolas[15], acabaram por lançar um facho de luz por entre a multiplicidade das representações primitivas da Mãe de Deus, com esta circunstância, porém, que muitas vêzes acha-se a Virgem só, sem o divino menino.

Na pintura das catacumbas de Santa Inês, das quais acabamos de falar, a Virgem nos é representada estendendo os braços para orar e o Menino-Deus e seu monograma no-la dão a conhecer.

Ora, um grande número de outras pinturas representam uma mulher sòzinha, na mesma atitude. E' a mesma pintura, mas sem o menino. A idéia de que esta mulher pudesse ser a Virgem não se impôs, a princípio, à atenção e a essas figuras sempre se havia dado o nome de *"Orantes"*.

Entretanto, várias dentre elas foram encontradas, trazendo como inscrição, ora o nome de *Maria,* ora de Mara. donde se concluiu serem representações da Virgem Maria.

O que mais ainda confirmava êste pensamento era acharem-se as pinturas em capelas, onde as pintavam ao pé da figura de Nosso Senhor, sob o emblema do bom Pastor.

Descobriu-se ainda entre as pinturas uma que datava do terceiro século, semelhante à precedente e com uma inscrição que não deixa mais dúvida: *Maria Virgo Minister de tempulo Cerosale.*[16]

Disso pode-se concluir que tôdas estas virgens, chamadas simplesmente *orantes,* representavam a Mãe de

15) A Virgem Maria, Livro III.

16) Hagioglipta a Johanne l'Heureux, p. 36.

Deus, sendo como outros tantos testemunhos de seu culto entre os primeiros cristãos.

Esta é a conclusão científica, por meio da mais legítima indução.

Eis o que escreveu um sábio ilustre[17]:

Depois de ter visitado as catacumbas e admirado as recentes descobertas de M. de Rossi, diz o cientista: "Não receio afirmar que se pode reconstituir tôda a história da pintura cristã, desde o fim do primeiro século ou desde o comêço do segundo até ao quarto.

Todos êstes velhos títulos de nobreza desenrolam-se com evidência incontestável.

Tinha eu visitado o quarto sepulcral da pirâmide de Gaio Céstio na véspera mesma do dia em que o sr. de Rossi conduziu-me ao sepulcro de Domitila; conservava, pois, na memória e, por assim dizer, nos olhos, o fresco de uma decoração pintada em data certa, pois o túmulo pagão de que falo foi construído no ano 32 antes de Jesus Cristo.

Logo que me achei na primeira sala da catacumba, ao avistar a figura cristã do bom Pastor, a qual se nos depara numa das arcadas da mesma sala, não julguei haver mudança de época, e quase que as duas decorações ter-me-iam causado a ilusão de terem sido traçadas pela mesma mão.

Entretanto, o meu amável e sábio guia não me queria deixar entregue a esta primeira emoção e experimentou aumentá-la ainda mais.

Depois de ter-me apresentado figuras de Cristo e dos apóstolos, conduziu-me êle a outro quarto, onde a Virgem se nos apresenta com o seu divino Filho sôbre os joelhos e prostrando-se para receber os presentes dos reis Magos. Que doce e poderosa comparação!

Com tôda a certeza viu Rafael várias pinturas das catacumbas e delas se utilizou.

O seu quadro "Adão e Eva", pintado no fôrro da sala *Della Signatura,* no Vaticano, acha-se quase idêntico no túmulo de Domitila.

Por sua vez, a Virgem que se vê na mesma catacumba tem a graça e a elegância de uma madona de Rafael.

17) M. Charles Lenormant.

Por isso é que a fé do catolicismo se rejubila, ao reconhecer com provas irrefutáveis que o culto da Mãe de Deus foi estabelecido desde as mais remotas épocas da primitiva Igreja".

Vemos, pois, as sábias e honrosas garantias da antiguidade apostólica firmando, assim, o culto da Virgem, segundo as pinturas das catacumbas.

Se tivéssemos que tratar com incrédulos, poderíamos ainda provar esta antiguidade ou pelos evangelhos apócrifos, compostos nos primeiros séculos, e que quase se referem mais a Maria do que ao próprio Nosso Senhor; ou pelas diferentes liturgias, que sempre foram reputadas de origem apostólica.

Bastam, porém, os testemunhos mencionados para convencer um coração sincero e amante da verdade e dar ao seu amor para com Maria um novo e mais decidido impulso. E com isto estou convencido de que não alcançarão nem o exemplo de Nosso Senhor e dos apóstolos, nem sequer os exemplos dos primeiros fiéis.

Se o culto de Maria, nesta época de gigantesca luta contra a doutrina da unidade de Deus por parte das multidões de divindades fabulosas, já desde a origem não pôde adquirir evidentemente tôda a expansão natural, se foi mais restrito, certamente sempre foi sincero, ardente e convencido.

E assim, desde que as circunstâncias o permitiram, saiu das catacumbas com tamanha exuberância de vida e ternura, que não foi jamais ultrapassada.

V

O desenvolvimento do culto de Maria

Enquanto o gládio da perseguição ficou suspenso sôbre a cabeça dos cristãos, foi sòmente à luz dos archotes que os fiéis puderam aclamar a sua mãe soberana.

Compreende-se que, nestas condições, o culto mariano permaneceu como que encerrado nas catacumbas e nos corações.

Mas desponta o século quarto, com Constantino.

A Igreja goza então de liberdade, e os cristãos podem, enfim, abandonar as grutas subterrâneas, para ocupar na sociedade a posição que lhes era devida.

Nesta época, ao abrirem-se as catacumbas, parece terem-se aberto também os corações e as almas, e bre-

vemente vê-se uma verdadeira efervescência de gênios rivalizando de ardoroso amor à Mãe de Deus.

A partir dêste instante, o culto da Santíssima Virgem toma um novo aspecto. E' o caráter *laudativo* e *deprecativo,* juntando afinal seus anelos, entusiasmos e suas chamas ao caráter *doutrinal* que dominara até então.

Desta união a doutrina parece receber uma nova fôrça, e sob a influência dêste trabalho e expansão atinge em pouco tempo seu apogeu.

O quarto século se nos apresenta como sendo o primeiro alvorecer dêste culto laudativo e deprecativo.

Surge em seguida uma legião de santos como sob o sôpro de Maria, de quem serão os arautos e apóstolos.

Fascinados pela honra e glória de sua Rainha, êles empregarão nesta grande obra o seu coração, gênio e eloqüência, para fazer irradiar aos olhos de todos a doce e suave luz da Virgem-Mãe.

Êstes apaixonados de Maria são, entre outros: Santo Efrém, S. Jerônimo, Sto. Epifânio, Sto. Atanásio, S. Gregório Nazianzeno, Sto. Ambrósio, S. João Crisóstomo, Sto. Agostinho.

Que páginas profundas e eloqüentes nos deixaram êstes gênios imortais sôbre a bela e incomparável Maria!

Abramos, por uns instantes, os nossos corações e nêles deixemos vibrar as suas palavras, como o sôpro do Espírito Santo e o eco do amor que os primeiros cristãos, nossos irmãos, dedicavam à sua boa Mãe Maria Santíssima.

Escutai, por exemplo, Santo Efrém, respondendo a esta objeção que diz ser indigno para o Filho de Deus o nascer de uma mulher:

"Não é de pedras talhadas a cinzel que a Sabedoria edificou esta morada. Nêste edifício não se ouviu o ruído do ferro, porque o homem não operou em Maria. Tôdas as pedras já se achavam polidas por si mesmas e bem cinzeladas; quero dizer que em Maria Deus tomou nossa natureza, sem o concurso do homem, mas, purificada pela admirável pureza desta Virgem, a Divindade permanece imaculada em tão grande pureza".[18]

Quão grandioso e ideal é o que esta doutrina nos revela em Maria!...

18) Sermo 148, De supernaturali B. Virg. part.

Quem, pois, não compreende agora que o culto desta pureza é como o invólucro de Jesus Cristo, e um preservativo que afasta a fé cristã do grosseiro contágio da impiedade.

O ponto capital desta doutrina dos santos Padres, observa Augusto Nicolas[19], é que o Verbo, fazendo-se criancinha no seio de Maria, nada perdeu, e nem sequer interrompeu as grandezas e glórias da Divindade, pois não fêz senão encobri-las para adaptá-las à nossa fraqueza.

Donde se depreende que Maria é Mãe de Deus, em tôda a plenitude de sua majestade, e foi isto o que conquistou para a incomparável Virgem uma honra tanto maior, um culto duas vêzes mais importante, por ter sido a Divindade de Jesus Cristo nela compreendido, como em seu mais belo templo e em sua obra mais completa.

Igualmente Santo Efrém, em um dos seus sermões sôbre a natividade de Nosso Senhor, querendo glorificar o divino Infante, glorifica necessàriamente a Mãe, de tal modo que se não conhece outro louvor para ambos, do que aquêle por êle proposto, pois Jesus Cristo e Maria nêle se ligam e se penetram recìprocamente.

"Maria levava em seus braços esta criancinha que, sob o véu do silêncio, dissimulava a ciência que inspirava a tôda lingua humana.

O Altíssimo era sustentado pelo leite de Maria, enquanto que, por sua pródiga liberalidade, amamentava o universo, e, enquanto repousava no seio de sua Mãe, o mundo repousava em seu próprio seio.

Estando o seu corpo ainda em formação no seio da Virgem, o seu poder juntava os membros de todos os corpos. Enquanto se elaborava a sua concepção, êle próprio constituía as formas primas de tudo o que vive.

Pela infusão de sua própria virtude, Maria pôde levá-lo consigo, embora êle mesmo tudo consigo levasse".

Citemos mais outra passagem do grande Santo Efrém, ainda em louvor de Maria, onde se acha exarada a doutrina dos três primeiros séculos, que é como que o tema tradicional do culto da Mãe de Deus. O elogio de que falo é como a explosão harmônica da doutrina.

"Inviolata, integra, plenaque pura ac casta Virgo Dei Genitrix Maria. O' imaculada, intata, tôda pura e

19) A Virgem Maria, livro III, cap. V.

casta Virgem Mãe de Deus, Maria, Rainha de tôdas as esperanças dos desesperados, nossa gloriosa soberana, sumamente boa e excelente; mais elevada que as inteligências celestes; mais resplendente que os raios do sol e que os clarões do sol e os fulgores do raio; mais honrada que os querubins; mais sutil que os espíritos; mais santa que os serafins, e incomparàvelmente mais elevada em glória que tôdas as falanges celestiais.

Única esperança de nossos pais, glória dos profetas, pregação dos apóstolos, honra dos mártires, alegria dos santos, concêrto de tôdas as hierarquias, coroa de tôdas as virgens e de todos os santos e inacessível pelo brilho e fulgor da ordem que ocupais...".

Citamos apenas Santo Efrém, por ser o primeiro e resumo fiel de todos os outros. Mas nos seria fácil citar passagens de S. Jerônimo, Sto. Epifânio, Santo Atanásio, S. Gregório, Sto. Anselmo, Sto. Ambrósio, S. Crisóstomo e Santo Agostinho, pois quase todos são de igual fecundidade e entusiasmo.

Tudo o que já dissemos sôbre o assunto basta-nos para concluir e mostrar que Maria sempre foi conhecida e amada, desde o comêço do cristianismo.

"E' sôbre êste sólido fundamento, concluiu Bossuet, após citar Santo Agostinho, que se apóiam todos os elogios com que a Igreja sempre exaltou a Santissima Virgem, e do qual pode-se ter um perfeito modêlo no Concílio de Éfeso", o terceiro concílio geral, do qual devemos dizer algumas palavras.

VI

O Concílio de Éfeso

Tão importante foi o papel que o Concílio de Éfeso desempenhou na história do culto de Maria, que nêle não poderíamos deixar de encontrar um novo motivo de amor à nossa Mãe do céu.

Entretanto, como já observamos, não é ali que teve início o culto de Maria.

Inaugurado, na sua origem, por Nosso Senhor, fixado depois pelos apóstolos, êle atravessou as idades apostólicas, sempre alimentado pela cristalina fonte da doutrina cristã.

Em seguida, cavando, aprofundando-se no seu misterioso curso nas grutas subterrâneas das catacumbas, brotando após, nos dias de paz, borbulhando nos corações, sob os ensinamentos dos primeiros padres apologetas, com tanta abundância que ai virão haurir os séculos seguintes, êste culto bendito aflui e converge para o Concilio de Éfeso, donde se espalharia em seguida por todo o universo cristão com nova impetuosidade e inimitável brilho.

Até êste tempo permanecera estável e ileso de qualquer discussão ou ataque o dogma da maternidade divina.

Apenas ressentiram-se contra êle alguns atentados do inferno e da impiedade.

Aparece Nestório, que foi o primeiro a ousar negá-lo. Era uma novidade.

Não queria o heresiarca que se dissesse de nenhum modo que Deus ou o Verbo nascera de Maria, e que nem sequer morrera, mas que ùnicamente fôra unido àquele que sofreu e morreu.

Dêste modo êle estabelecia, no cristianismo, total *distinção* entre um *homem* e um *Deus,* arrebatando a Maria o seu titulo de Mãe de Deus — *Deipara* ou *Theotócos,* para substitui-lo pelo titulo de mãe de um homem unido à Divindade *"Theótocos"* e pela diferença em pronunciar esta palavra tirava-lhe o sentido católico, para impingir-lhe a sua heresia.

Apenas começava a desabrochar o nestorianismo, e já era condenado pela Igreja inteira.

Numa das grandiosas assembléias um grande bispo, São Proclus, diante de Nestório e de seus partidários, bradou com tôda a fôrça: "Dizer que Jesus Cristo é puramente homem é ser judeu; afirmar que é ùnicamente Deus, e que nada tem da natureza humana, é ser maniqueu, e, enfim, *ensinar que o Cristo e o Verbo são dois, é estar separado de Deus".*[20]

E quando um dos adeptos do heresiarca proferia estas palavras: "Anátema àquele que diz que Maria é Mãe de Deus", todo o povo que estava reunido na igreja soltou um grande e forte brado, levantando-se dali horrorizado e votando desprêzo ao blasfemador audaz.

20) Labbe. Conc. Ephes. p. 2.

Êste protesto do povo de Constantinopla, tão unânime e espontâneo, se assemelhava a um verdadeiro anátema, infligido ao heresiarca, porque, na verdade, era o brado da antiguidade, o brado do Evangelho, o brado do Espírito Santo, que, pela voz de Isabel, haviam proclamado Maria a *Mãe de Deus.*

Esta negação ímpia sublevou também todo o mundo cristão, que, possuído de santa indignação até em suas entranhas, reuniu em Éfeso cêrca de duzentos bispos para protestar e defender diante de Deus e perante a humanidade a Virgem ultrajada!

A reunião teve lugar em Éfeso, na grandiosa igreja de "Santa Maria", onde repousavam as relíquias do seu grande apóstolo, São João Evangelista.

Ora, desde que tiveram conhecimento desta célebre reunião, a Éfeso se dirigiram milhares de fiéis, vindos de tôdas as partes do Oriente, impacientes por saberem qual seria a decisão dos Santos Padres do Concílio.

Mas, como a última sessão durasse desde a manhã até alta noite, legiões de homens e mulheres acorreram de todos os lados da cidade ao templo de Maria Santíssima, onde se achavam reunidos os bispos, e, cercando-a por todos os lados, pediam, com lágrimas, que fôssem confundidos os seus inimigos.

Para satisfação de tantos rogos e instâncias, o secretário do Concílio escreveu sôbre uma fôlha avulsa estas curtas palavras: *"Maria triunfou!"*, e lançou o papel pela janela.

Ao ouvir esta palavra que, no momento, correu de bôca em bôca, irrompeu em tôda a assembléia uma aclamação universal que fende os ares e em tôda parte só se ouve êste canto de triunfo: *"Viva a Mãe de Deus! Viva a Mãe de Deus!"*

Num instante a notícia circula e propaga-se por tôda a cidade, embandeiram-se as ruas, iluminam-se tôdas as casas, junca-se de ervas odoríferas o caminho por onde deviam transitar os padres do Concílio.

Desde que êles apareceram, foram saudados por milhares e milhares de vozes, em que se manifestava o contentamento e o júbilo, sendo conduzidos em triunfo ao som dos mais variados instrumentos e acompanhados em meio das mais vibrantes aclamações. São escoltados pela fôrça pública, com as honras devidas à mais

augusta assembléia do universo. Precedem-nos os homens, que carregam tochas acesas; as mulheres, do alto das janelas, lançam sôbre as suas cabeças flores e mais flores; as crianças, apanhando-as tôdas, depositam-nas onde êles têm de passar.

Na frente caminhavam cem virgens, que levavam e queimavam odorífero incenso; enfim, cada estado e cada idade procura mostrar a sua alegria e testemunhar o seu reconhecimento.

Uns, prostrando-se à sua passagem, lhes imploram a bênção; outros curvam-se sôbre as suas pegadas. Todos elogiam tão acertada decisão: e durante tôda a noite, até ao amanhecer, repetem-se sem cessar, por tôda parte, estas consoladoras palavras: *"Viva a Mãe de Deus! Viva a Mãe de Deus!"*

Os habitantes de Éfeso e todos os peregrinos estranhos que ali haviam acorrido, representavam condignamente os sentimentos da humanidade inteira e exprimiam assim tôda a veemência e a ternura expansiva do amor que votavam à Mãe do Salvador.

Seria possível que semelhantes cenas repercutissem ainda, no correr dos tempos, aos olhos dos cristãos?...

Bem sei que em Lourdes, em La Salette, em Pontmain, em Pellevoisin, Beauring, Fátima, Aparecida... testemunhas da aparição de Maria, a fé com impetuosidade, com vida e esperança, eleva os peitos e faz pulsarem os corações, como jamais o pôde conseguir amor humano.

Mas haveria aí tôda a convicção e generosidade que tanto se admira em Éfeso?...

E' isto o que poderia perguntar e a que só responderiam com certeza os atores destas cenas.

A alma desta grandiosa assembléia foi São Cirilo, por cujos lábios falava a Igreja inteira e aclamava Maria Santíssima.

As palavras do santo bispo ficarão para sempre como sendo o raio de luz, aureolando a fronte virginal de Maria, e serão como um hino de amor para todos os corações cristãos.

Citemos, pelo menos, a conclusão do seu célebre discurso, pronunciado perante os duzentos bispos, reunidos em concílio.

"Nós vos saudamos, ó Maria, Mãe de Deus, exclama o piedoso prelado, venerável tesouro de todo o universo, chama inextinguível, coroa da virgindade, cetro da fé ortodoxa, templo incorruptível, laço daquele que não tem vínculo, pelo qual nos foi dado aquêle que é chamado Bendito por excelência e que veio em nome do Senhor.

E' por vós que se glorifica a Trindade; por vós que se exalta e adora a cruz em todo o universo; é por vós que os céus estremecem de alegria, que se rejubilam os anjos. E' por vós ainda que os demônios são afugentados e que o demônio tentador caiu do céu, para que a criatura caída ocupe ali o seu lugar..." e o final que foram estas palavras: "Adoremos a Santíssima Trindade, celebrando, por meio de nossos hinos, a Maria sempre virgem, e ao seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem pertence tôda honra e tôda a glória nos séculos dos séculos".[21]

Dêste modo, Nestório, que tencionava rebaixar a Mãe de Deus, tornou-se, a seu pesar, o grande promotor do seu culto. Com efeito, foi êle que o fêz colocar em pleno dia, diz Augusto Nicolas[22], recolhendo, como num centro luminoso e único, esta verdade, que foi difundida em tôda a doutrina da Igreja, desde os apóstolos, e pela qual a maternidade divina de Maria é o argumento heróico da divindade de Jesus Cristo e como que o *paládio* do cristianismo.

Na verdade, foi Nestório que deu ensejo a que esta verdade e o culto que a professa tivesse a sua forma mais concisa e sua justificação mais deslumbrante, enquanto que iam possuindo conhecimentos fundados a respeito de sua piedade para com a Mãe de Deus.

VII

Maria, através dos séculos

Contemplaremos, aqui, o desenvolvimento contínuo do culto de Maria, desde o Concílio de Éfeso até aos nossos dias.

E' um assunto que exigiria volumes; nós, porém, nos contentaremos em lançar um rápido olhar sôbre cada

21) Discurso de São Cirilo, no Concílio de Éfeso, extr. de Bossuet.

22) A Virgem Maria, livro III, cap. VII.

século, sem nos demorarmos muito em um, porque, de certo modo, todos êles sobressaem pelo seu culto a Maria, e o reino da Mãe de Deus é para cada nação uma das mais belas páginas de sua história.

Sem nada perder das riquezas que lhe foram legadas pelos primeiros séculos, embora sem tanta profundeza, o culto de Maria sempre dêles recebe novos tesouros.

O tempo, que sempre enfraquece o que vai envelhecendo, perde aqui êste caráter universal de destruição. Êle nem pode diminuir nem limitar êste culto; uma só coisa êle pode: é fazê-lo crescer.

Para que compreendêssemos bem isto, seria necessário lançar nosso olhar por sôbre todos os pontos do globo.

Só assim veríamos o anglo-saxão elevar em honra de Maria ermidas de palha, a lembrarem o presépio de Belém; só assim veríamos a Hungria declarar-se feudatária de Maria, e os príncipes palatinos curvarem os joelhos ao seu nome.

A Polônia mostrar-nos-ia a imagem da Virgem em seu glorioso estandarte, que nos séculos passados a conduziram à vitória.

A Dinamarca faria brilhar ante os nossos olhos o heróico escudo de Valdemar, onde resplendia outrora a imagem da Rainha dos céus.

A Noruega ostentaria a estátua do deus *Thor,* que fôra mutilada pelas mãos do rei, para ceder lugar à estátua de Maria.

A Grécia apresentaria ao nosso olhar as coroas de ouro, os diademas, rubis e mantos de púrpura com que ela outrora adornava as suas Madonas.

O Oriente ofuscaria nossos olhos pela suntuosidade de suas imensas basílicas, consagradas à Virgem.

A França, enfim, apresentar-nos-ia os seus menires da idolatria, que se tornaram o pedestal das estátuas da Virgem; mostrar-nos-ia ainda Pepino o Breve, e seus sucessores, ajoelhando-se humildemente diante destas modestas ermidas de Nossa Senhora, eretas no seio das florestas pela mão industriosa dos eremitas. Sobretudo, ela nos mostraria, com ufania, trinta de suas catedrais consagradas à Santíssima Virgem, assim como as suas peregrinações, aparições...

Mas como abranger aqui tudo isso?

Seria preciso traçar a história da humanidade inteira, porque esta história se confunde com o cristianismo, com o culto da Mãe de Deus.

"Êste culto não conhecia nem fronteiras, nem limites, disse um filósofo, nem nacionalidades, nem raças: tudo o que era cristão dependia de seu império e com êle colaborava para maior extensão do reino de Jesus Cristo".

A maior glória de Maria, porém, será sempre esta legião de santos e doutôres, colocados ao correr das gerações em fora, auxiliando-se mùtuamente, para manter e transmitir a todos nós seu culto bendito.

Sendo-nos quase impossível enumerá-los todos, vejamos sòmente aqui como se sucedem ininterruptamente, inspirando-se todos neste santo e mesmo amor.

Depois dos primeiros cristãos a tradição é fiel e constante.

Logo no primeiro século, *S. Dionisio Areopagita* declarava que tomaria Maria como sendo uma divindade, se a fé não lhe ensinasse que a Onipotência só podia formá-la tal à imagem de sua própria Divindade.

No segundo século, *Santo Ireneu* proclama Maria a nossa "medianeira".

No terceiro século, *Origenes* consagra a Maria as suas páginas mais eloqüentes, chamando-a a "nossa advogada".

No quarto século, *S. Basilio,* em sua liturgia, manda que o diácono, quando precede o bispo, diga ao povo, em alta voz: "Lembremo-nos da santíssima e imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, nossa soberana e Senhora".

Em seguida, aparecem êstes imortais gênios que são os santos: Cirilo, Efrém, Epifânio, Atanásio, Ambrósio, Crisóstomo, Agostinho... que, unânimes, proclamam Maria a Mãe de Deus, sua Mãe, sua Rainha e soberana.

No quinto século, *S. Basilio de Seleucia* ensinava que, por serem inefáveis e incompreensíveis as grandezas de Deus, fôrça é confessar que as excelências de sua Mãe, que tanto dêle se aproxima, sobrepujam a tudo o que os homens possam pensar ou dizer a seu respeito.

No sexto século *S. Pedro Crisólogo,* arcebispo de Ravena, exprime-se com estas notáveis palavras:

"O céu se abismava à vista da majestade de Deus; entretanto, uma virgem o acolhe e recebe em seu seio em tão perfeitas disposições que, em paga desta permanência, êle quer que Maria exija de sua clemência a paz para a terra, a glória para os céus, a vida para os mortos e a salvação para aquêles que se achavam perdidos".

No sétimo século, *S. Germano de Constantinopla* proclama, à face do universo, que "ninguém se salva senão por vós, ó Maria, e que não é possível alguém ser libertado do mal, a não ser por vós, e que não se recebe jamais a graça divina, sem passar por vós, ó Maria".

Sto. Ildefonso, Sto. Agostinho da Inglaterra, Sto. Isidoro, e mais uma multidão de santos, são como que ecos fiéis desta poderosa voz.

No oitavo século, o grande *S. João Damasceno* assevera que é injuriar o Filho de Deus não honrar a sua Mãe; diz, outrossim, que êle deposita sua alma aos pés de Maria, como a uma âncora firmíssima, dedicando e consagrando-lhe o seu espírito, sua alma, seu corpo, assim como todo o seu ser.

No século nono, depois dos santos *Cirilo* e *Metódio,* aparece o piedoso *Notger,* monge de S. Galo, que, consagrando a Maria hinos repletos de ternura e de amor, assim cantava:

"O' Maria, é com voz unânime que o povo fiel vos louva e honra; todos os corações cristãos vos honram. Vós sois, ó Maria, aquela porta sempre fechada, cantada por Ezequiel: "sòmente Deus pôde transpor-vos!"

No décimo século, *S. Pedro* continua êstes hinos de amor, cantando êle também a Maria: — que tôdas as criaturas da terra se rejubilem, que todos os astros dos céus não se cansem de louvar, porque esta virgem trouxe Deus ao mundo, abrindo-nos assim as portas da bem-aventurança.[23]

No século onze é *Sto. Ivo de Chartres, Sto. Odilon de Cluni* e *Sto. Anselmo,* que se expandem em louvores à Virgem-Mãe:

---

23) Haec Virgo verbo gravida fit paradisi janua, quae Deum mundo reddidit, caelum nobis aperuit.

"Todo o poder lhe foi dado no céu e sôbre a terra, diz êste último, e nada é impossível àquele que pôde levantar os desesperados que esperavam a salvação".[24]

No século doze, *S. Bernardo* excede-se a si próprio, falando da Santíssima Virgem; por isso êle afirma "não ser mais senhor de seu coração, quando começa a louvá-la; o tempo que não encontra durante o dia para exaltar as suas grandezas, êle o suprime do sono da noite, não encontrando nada de mais querido e suave, depois do nome de Jesus, diz êle, do que pensar em sua amabilíssima Mãe, digno objeto de nossas mais ternas afeições".

No século treze, *Santo Alberto Magno, Sto. Tomás de Aquino* e *S. Boaventura* seguem os traços dos santos doutôres que os precederam.

"O' Virgem, ó Mãe, exclama, cheio de júbilo e transportes, *S. Boaventura*: Regozijai-vos, alegrai-vos! Por vós todo o mundo é restaurado; com os habitantes celestiais, reconhecei com aplausos a honra que vos é tributada. Pois Deus — maravilha que excede todo louvor — nasce de vós; por vós todo homem considera-se livre do crime que cometeu!"[25]

No décimo quarto século é o *Santo Abade Guerico*, que se faz o eco dos seus antecedentes:

"Vinde, ó minha querida, põe êle nos lábios de Nosso Senhor, à sua Mãe, e eu estabelecerei em vós minha morada. Comunicastes-me a natureza que me fêz homem e eu vos comunicarei algo do que me faz Deus — *Communicasti mihi quod homo sum, communicabo tibi quod Deus sum*".[26]

No século quinze, destacam-se por seu amor a Maria: *Sto. Antonino, S. Lourenço Justiniano, S. Casimiro de Polônia, S. Bernardino de Sena.*

Santo Antonino diz que Maria é como que a estrêla polar, que aparece sempre no horizonte, para guiar os que viajam pelo mar dêste mundo; que nos aclara e conduz, seja qual fôr o tempo, de dia e à noite, na calma e na tempestade, na prosperidade como na adversidade.

---

24) Data est illi omnis potestas in caelo est in terra, nihil illi impossibile, cui possibile est relevare in salutis spem desperantes (Santo Anselmo: De laud. Virg.).

25) São Boaventura, Hymn. ad B. Virg.

26) Sermo I. de Assumpt.

No século dezesseis, é aos pés de Maria que vem repousar de suas fadigas apostólicas o grande *S. Francisco Xavier*. Começa tôdas as suas prédicas pela recitação da *Salve Regina*.

Conhecido é o amor que tinham a Maria *S. Luís Gonzaga, Sto. Estanislau Kostka* e *S. Francisco de Sales*, que imortalizaram esta época.

No século dezessete, apareceu *S. João Berchmans, S. João Eudes, S. Vicente de Paulo, o cardeal de Bérulle, o Pe. de Condrin, mons. Olier*, que deviam dar um poderoso impulso à devoção para com a Santíssima Virgem e esboçar a doutrina mariana que, no século seguinte, o *Bem-aventurado Luís Maria Grignion de Montfort* fixará e elevará à sua última perfeição.

O século dezoito apresenta-nos sobretudo dois astros que brilham com especial fulgor. E' o *beato de Montfort*[27], que, precisando teològicamente e aperfeiçoando a doutrina do Oratório, inaugurará, de certo modo, o reino de *"escravidão do amor"*, em seu imortal escrito: *"Verdadeira devoção para com a Santíssima Virgem* e o *Segrêdo de Maria*.

Depois vem *Santo Afonso de Ligório*[28], grande amante de Maria, e que consagrou em seu louvor o incomparável *"Glórias de Maria"*.

O século dezenove abre-se debaixo da irradiação e sob a influência da doutrina do *bem-aventurado de Montfort*, a qual penetrou em tôdas as almas. Em breve vê-se levantar uma legião de santos apaixonados por Maria. Apareceram o *Santo Cura de Ars*[29], *S. Gabriel da Virgem Dolorosa*[30], *Chanel, Luis Cistac, Champagnat, Eymard, Vénard*...

Eis como o culto de Maria chegou até nós.

Santo e augusto em sua origem, parece chegar ainda mais santo e mais augusto.

Atravessando os séculos, revestido dêste sêlo de antiguidade e imortalidade, que sobremodo distingue a religião católica e todos os seus dogmas, ela vem para nos transformar e nos santificar, como outrora santificou os nossos pais e antepassados.

---

27) B. Grignion de Montfort (1673-1716).
28) Santo Afonso de Ligório (1696-1787).
29) S. J. B. Vianney (1786-1859).
30) Gabriel das Sete Dores (1834-1862).

Não é isto um poderoso motivo de amor a Maria e ensejo para que nós, de certo modo, a façamos o centro de nossa vida?

Sic est voluntas Dei, qui totum nos habere voluit per Mariam.

VIII

O século de Maria

Esta corrente de ternura para com a Mãe de Deus, a qual acabamos de averiguar ter sido tão intensa, no último século, continua ainda e chegamos, enfim, na época que os santos chamaram — *"o século de Maria"*.

Quem duvidar disto, basta consultar o catálogo, publicado pela Congregação dos Ritos, o qual encerra as causas de canonização ou de beatificação, então em curso, em Roma.

O catálogo de 1909 regista 321 causas, distribuídas como segue:

Duas pertencem ao século quatorze.

Três pertencem ao século quinze.

Doze pertencem ao século dezesseis.

Setenta e três pertencem ao século dezessete.

Setenta e quatro pertencem ao século dezoito.

Cento e cinqüenta e seis pertencem ao século dezenove.

Sem falar desta legião de santos desconhecidos, que nos é impossível contar, êste resultado mostra o número crescente dos santos glorificados sob a influência do culto de Maria, porque — coisa notável — quase todos os bem-aventurados e santos do último século distinguiram-se por uma devoção extraordinária para com a Mãe de Deus.

Sem dúvida todos os santos tiveram esta devoção, mas, nestes últimos tempos, ela se reveste de uma ternura mais transbordante e de um arrôjo mais entusiástico do que nunca.

Poder-se-ia até dizer que Deus quer formar os santos ùnicamente por Maria e sôbre o modêlo de Maria.

Isto não é senão a realização daquela profecia do beato de Montfort:

"E' pela Santíssima Virgem, escrevia êle, que Jesus Cristo veio a êste mundo, e é também por ela que êle deve reinar... E' por meio de Maria que foi iniciada

a salvação dos homens e é também por ela que deve a mesma ser consumada... E' porque Deus quer que sua santa Mãe seja no estado presente mais conhecida, mais amada, mais honrada do que nunca; êle quer revelá-la, descobri-la como sendo a obra-prima de suas mãos...

Maria deve resplandecer, mais do que nunca, nestes últimos tempos, sobretudo em misericórdia, em fôrça e em graça...

Se é certo que o reino de Jesus Cristo se realiza no mundo, é também certo que chega a sê-lo, como uma conseqüência necessária do conhecimento e do reino da Santíssima Virgem Maria, que o deu à luz pela primeira vez e o fará resplandecer na segunda".[31]

Sim, o reino de Maria deve advir, para que por seu intermédio venha o reino de Jesus Cristo: *Adveniat regnum Mariae, ut adveniat regnum Christi!*

Deus assim o quer — Maria o deseja — e é para provar esta vontade e êste desejo que a Virgem não cessa de mostrar-se aos homens em diferentes pontos do globo, por tôda parte, doce, amante, misericordiosa, tendo muitas vêzes os olhos cobertos de lágrimas, mas em tôda parte apresenta-se sempre com as mãos abertas, estendidas para receberem o amor de seus filhos e expandir sôbr êles tôdas as ternuras de sua maternal solicitude.

Desde que, em Paris, a Mãe de Deus se mostrou a uma irmã de caridade, Catarina Labouré, em 1830, confiando-lhe a *medalha milagrosa,* ela apareceu sucessivamente em várias outras localidades.

Em 1835 aparece também a uma religiosa, induzindo-a a trazer a *medalha milagrosa.*

Em 1842, ela se mostrou a A. M. Ratisbonne, na igreja de Santo André (Delle Fratte), em Roma.

No ano de 1846, teve lugar a célebre aparição de Salette. A Virgem, ali, lembra várias partes do decálogo, sobretudo a violação do domingo, da quaresma e o pecado de blasfêmia.

Em 1853, mostra-se a uma jovem natural de Arreto, na Toscana, no meio de um trovão, e lhe diz, chorando: "Eu rogo muito pelos pecadores... Vêde como chove; os pecados são muito mais numerosos do que as gotas de água que caem".

31) Tratado da Verdadeira Devoção.

Em 1858, têm lugar as aparições de Lourdes. Foi ali que Maria revelou seu privilégio, que a Igreja acabara de proclamar dogma de fé: Eu sou a *Imaculada Conceição.*

No ano de 1871, Maria vem consolar e reavivar a nossa esperança, em Pontmain, dizendo: *"Mas rezai, meus filhos, Deus vos atenderá em pouco tempo; e meu Filho se deixará comover".*

Nos anos de 1871 e 1872, ela se manifesta a Teresa Schaffer, em S. Luis, nos Estados Unidos, a Maria Decotterd, na Suíça, e, finalmente, em Neubois, a várias pessoas.

No ano de 1873, ela se mostra, durante seis dias ininterruptos, a Armando Vallet e a várias pessoas, em Santa Maria des Batignolles.

No ano de 1876, Maria aparece, em Marpingen, perto do Sarrebruck, na Alemanha, e em Pellevoisin, onde, entre outras palavras, ela assim falou: "O coração de meu Filho tem tanto amor ao meu coração, que não lhe é possível recusar meus pedidos. Por mim, êle tocará os corações mais endurecidos".

E desde 1876, Maria não interrompeu mais estas consoladoras manifestações.

São conhecidas por todo o mundo as suas últimas aparições, em Campocavallo, Castelpetroso, Rovigo, Quito, Campitello, e, em setembro de 1910, em Vercors (Drôme), e, recentemente, em Fátima, Beauring, Baneux, onde a amável Virgem se intitula "a advogada e a Mãe dos pecadores".

Eis a ação e a influência de Maria nos tempos que atravessamos.

Sem dúvida, o céu é sombrio; nuvens cada vez mais ameaçadoras acumulam-se sôbre nossas cabeças; blasfêmias e imprecações maculam até o ar que respiramos; mas neste negro turbilhão, saindo da cratera do abismo, uma imagem alva e pura irradia sempre e sempre triunfa: é a imagem de Maria.

Apesar de suas convulsões e da profundeza de suas chagas, o presente é para Maria como o foi o passado, como será o futuro, porque o *Altissimo pôs os olhos na baixeza de sua serva...* e que esta *serva* será sempre *soberana,* segundo a palavra do Salvador: *"Quem se humilha, será exaltado — Qui se humiliat exaltabitur".*

Para Maria não há idade, decadência, ou diminuição, sôbre uma terra que não é senão destroços. Seus altares subsistem, seus templos se elevam, suas estátuas se erigem, depois de dezenove séculos, acima de nossas cidades perecíveis e de nossos impérios que desmoronam.

Nem a rocha, nem o bronze são bastante duros para exprimir a duração do seu reino.

As catacumbas das primeiras idades no-la fazem aparecer tal qual ela é em nossos dias: sempre antiga e sempre nova, como a sabedoria eterna, cuja sede ela é entre nós, apresentando-a às nossas adorações, como a apresentou à dos Magos, e que se dá incessantemente à humanidade por sua maternidade virginal.

Outros, depois de nós, tomarão da pena, que a morte terá feito cair de nossas mãos, e continuarão a exposição desta grande maravilha, que Deus de antemão marcou com o sêlo da onipotência, por esta admirável profecia, saída dos próprios lábios da humilde Virgem, que dela é o objeto: *"Tôdas as nações chamar-me-ão bem-aventurada"*.

Eis o culto de Maria na Igreja!

Poderia êle ter origem mais nobre? — Triunfo mais constante? — Coroação mais divina?

Oh! quantos motivos para amarmos a Maria!...

Quem não amaria esta Mãe tão grande, tão triunfante, e ao mesmo tempo tão doce e encantadora?

Não podendo louvá-la dignamente, diz Santo Ildefonso, porque ela ultrapassa todo o louvor, veneremo-la quanto podemos: *Quia laudare digne nequimus Beatam Virginem, quia inferior est ea nostra laus, veneremur et amemus quantum possumus.*

CAPÍTULO III

MARIA NAS ALMAS

Maria recebeu de Deus um domínio particular sôbre as almas, para nutri-las e fazê-las crescer em Deus.
B. Gr. de Montfort.

I

Nossa santificação

Desde o começo dêste livro temos dito que a história de Maria nas almas constitui uma das páginas mais gloriosas para a Virgem imaculada, e das mais animadoras para nós.

E' que nós somos sempre mais impressionados pelo que nos diz respeito do que pelo que diz respeito aos homens em geral.

Maria, *nos desígnios de Deus,* aparece-nos como a grande maravilha, destinada a impor respeito a todos os homens.

Maria, *na Igreja,* é ainda esta mesma maravilha mais próxima de nós, vivendo mais de nossa vida, e excitando a admiração e a veneração de todos.

Mas Maria em nossas almas exerce sua ação incessante e doce, seu concurso previdente e animador; é Maria perto de nós, em nós. E' Maria ocupando-se de nós em particular, e conquistando nosso coração por seus atrativos e suas graças.

Se os assuntos tratados precedentemente excitaram sobretudo nosso respeito e nossa admiração, êste não pode senão excitar o nosso amor e o nosso reconhecimento.

E, com efeito, uma das propriedades maravilhosas do culto da Virgem, observa Augusto Nicolas[1], é adaptar-se a tôdas as situações e a tôdas as condições da vida humana, a tal ponto que no mesmo tempo que êle é tudo o que há de mais geral e de mais bem feito para agir sôbre as multidões, êle convém e se aplica a tôdas as condições.

E' o culto de todos e o culto próprio a cada um!

1) La Vierge Marie. Livre IV, ch. V.

Por êle o cristianismo se particulariza, sem deixar de ser coletivo; êle toma cada personalidade pelo que a distingue e a une ao corpo sem absorvê-la.

E' assim que depois de nos ter aparecido como o "palladium" da religião inteira, a incomparável Virgem vai aparecer-nos em suas maternas funções de "santificadora".

Sabeis por que a Sagrada Escritura é muda a respeito de Maria desde a época do Pentecostes?

Uma última vez ela no-la mostra no cenáculo, recebendo o Espírito Santo em companhia dos apóstolos; depois, dir-se-ia que ela cai no esquecimento.

Os últimos anos e a morte da Mãe de Jesus ficam amortalhados numa impenetrável noite.

Por que êste silêncio?

E' que a cena do cenáculo dura sempre!...

A história evangélica de Maria encerra-se sôbre êste fato, porque êle terá seu fim ùnicamente com o mundo.

Maria preside para sempre à assembléia apostólica, transformada no imenso povo cristão. O Espírito Santo repousa sempre sôbre ela em sua plenitude, e é dela que êle parte sempre para descer sôbre cada um de nós e aí operar nossa santificação.

Maria permanece na Igreja como o centro do fogo divino que abrasa as almas, anima-as, põe-nas em movimento, para o nobre e incessante exercício da vida sobrenatural. Dela nos irradiam com uma intensidade crescente a luz, o calor e a fôrça, cuja ação renovou o mundo moral. Como ela trabalhou com Jesus para nos gerar, ela trabalha com o Espírito criador e vivificador para nos fortificar, para nos iluminar e para nos santificar.

Compreende-se, depois disto, que o Evangelho, falando de Maria, se detém no cenáculo. Aí termina, com efeito, o seu papel evangélico. A partir dessa época, são as almas dos seus protegidos que devem escrever a sua história através dos séculos e anunciar a continuação da descida do Espírito Santo sôbre os apóstolos.

Nosso grande, nosso único negócio "é nossa santificação — *Voluntas Dei sanctificatio vestra*".

Alma, imagem viva de Deus, diz o beato de Montfort, a vontade de Deus para contigo é que te tornes santa, como êle, nesta vida, e gloriosa, como êle, na outra. A aquisição da santidade de Deus é tua vocação certa; é

para ela que devem convergir todos os teus pensamentos, palavras e ações, teus sofrimentos e todos os movimentos de tua vida; do contrário, resistes a Deus, não fazendo aquilo para que êle te criou e ainda te conserva.

Oh! que obra admirável!... o pó transformado em luz, a lama em pureza, o pecado em santidade, a criatura em seu criador e o homem em Deus.

O' obra admirável, repito; obra, porém, difícil em si mesma e impossível à natureza; sòmente Deus, por uma graça, e uma graça abundante e extraordinária, pode chegar ao têrmo; e a criação do universo inteiro não é uma obra tão grande quanto esta.[2]

E santificar-se é ir a Jesus Cristo, têrmos nossa fé nêle, que é o alfa e o ômega, o comêço e o fim de tôdas as coisas. Êle é o nosso único Mestre, nosso único Chefe e o único modêlo ao qual nos devemos conformar. E' êle que deve ser o único fundamento de nossa salvação e de nossa perfeição, como êle próprio o disse. Todo edifício, que não é construído sôbre êle, é fundado sôbre a areia movediça, e ruirá infalìvelmente.

Devemos estar unidos a êle, diz ainda, como um ramo ao cepo da vinha, como um galho ao tronco do qual tira a vida.

Esta união tão desejável não terá, sem dúvida, sua suma perfeição neste exílio; ela não será perfeita senão no céu, quando virmos a Deus, *sicut est*, como êle é, e quando formos semelhantes a êle (1 Jo 3, 2).

Esta união começa em nós pelo batismo, fortifica-se na confirmação, repara-se na penitência e alcança um grau inefável na Eucaristia. Digo inefável, porque, com efeito, as palavras nos faltam para exprimir esta união, acima de tôdas as uniões que nosso fraco espírito pode imaginar. O piedoso cardeal de Bérulle chega a dizer que ela parece conter em si menos da ordem comum, que da união hipostática.

Como o Padre vivo que me enviou me faz viver de sua própria vida, assim aquêle que se nutre de mim viverá também por mim (Jo 6, 58), diz o próprio Salvador.

Nós somos, pois, para êle... dêle só... sem partilha. "E' para no-lo fazer compreender, diz ainda o piedoso apóstolo de Maria, já citado[3], que o Espírito Santo

2) Secret de Marie, p. 12.
3) Grignion. La vraie dévotion.

nos compara a árvores plantadas ao longo das águas da graça, no campo da Igreja, que devem dar seus frutos em seu tempo, aos ramos de uma vinha, da qual Jesus Cristo é o cepo, que devem produzir boas uvas — a um rebanho do qual Jesus Cristo é o pastor, que se deve multiplicar e produzir; — a uma terra boa da qual Deus é o lavrador, na qual a semente germina e rende trinta, sessenta ou cem por um.

Tudo isto prova que Jesus Cristo quer receber alguns frutos de nossas mesquinhas pessoas, conhecer nossas boas obras, porque estas boas obras lhe pertencem ùnicamente. *Creati in operibus bonis in Christo Jesu.* Somos criados para as boas obras em Jesus Cristo, diz S. Paulo, isto é, Jesus Cristo é o único princípio e deve ser o único fim de tôdas as nossas boas obras (Ef 2, 10).

II

Maria, traço de união entre Jesus e os homens

Nós somos, pois, chamados à união divina, e esta união opera-se pela comunicação da graça, que é uma verdadeira participação da própria natureza de Deus. Mas como se faz esta comunicação? E' o que vamos ver.

Escutemos primeiro a voz autorizada do autor do *Secret de Marie*: "Alma, como farás? pergunta o beato de Montfort, que meios escolherás para subir aonde Deus te chama? Os meios de salvação e de santidade são conhecidos de todos; êles estão marcados no Evangelho, explicados pelos mestres da vida espiritual, praticados pelos santos, e necessários a todos aquêles que querem se salvar e chegar à perfeição. Tais são a humildade de coração, a oração contínua, a mortificação universal, o abandono à divina Providência e a conformidade à vontade de Deus.

"Para praticar todos êstes meios de salvação e de santidade, a graça de Deus é absolutamente necessária, e êle a dá a todos, mais ou menos grande; ninguém duvida disto. Digo "mais ou menos grande", porque Deus, embora infinitamente bom, não dá a graça igualmente abundante a todos, apesar de dá-la suficiente a cada um. A alma fiel, com uma grande graça, faz uma grande ação, e com uma pequena graça faz uma pequena ação. O preço e a excelência da graça, dada por Deus e recebida pela alma, regula o preço e a excelência de nossas

ações. Êstes princípios são incontestáveis. Tudo se reduz, pois, a encontrar um meio fácil de obter de Deus a graça necessária para se tornar santo, e é o que vos quero ensinar. Ora, eu vos digo que, para achar esta graça de Deus, é preciso encontrar Maria".[4]

Encontrar Maria, ou encontrar a graça são assim como que uma só e mesma coisa, porque aprouve a Deus conceder-nos suas graças pelas mãos de sua divina Mãe.

Maria é, pois, verdadeiramente "Mãe da divina graça", e, como tal, o verdadeiro traço de união entre Jesus e nós. *Mater divinae gratiae.*

Mas aprofundemos mais êste título de "Mãe da divina graça"; dêle jorrarão novas intuições e motivos poderosos de amar mais e mais a Maria.

E' a graça que é em nós o princípio da vida eterna, o germe que desabrochará na glória do paraíso.

Dizer, portanto, que Maria é a Mãe da graça, é dizer que ela é Mãe da vida divina em nós, e que ela tem um papel fundamental e ativo nesta geração misteriosa que faz do homem um filho de Deus.

E êste papel não é o papel da educadora, que, junto à criança, a auxilia no crescimento.

E' pròpriamente o papel da mãe, pois não nasce uma alma sequer à vida sobrenatural, que Maria não tenha, em seu proveito, exercido a sua maternidade sobrenatural.

Mãe da divina graça quer dizer Mãe de Cristo, Mãe de Cristo imenso e duradouro como o mundo, e que vive no seio das almas, no correr dos séculos e em tôda parte.

Isto quer dizer que é a Mãe de Cristo nos presépios vivos, mas algumas vêzes duros e frios, onde Cristo nasce cada dia, depois de ter nascido de Maria, no estábulo de Belém, numa noite iluminada, perto das pastagens onde os anjos do céu cantavam...

Jesus Cristo é Deus em carne e osso...

E' a graça viva, realizada em uma pessoa. E' a totalidade da vida divina, concentrada e expressa em um ser superior, riquezas incalculáveis, em atividade irresistível, Filho de Deus e da Virgem.

E Maria é Mãe dêste Ser divino. Êle não veio ao mundo senão por ela. Manancial vivo que teve necessidade de uma mãe para se dar e que tomou a mão de

4) Secret. de Marie.

Maria; calor e luz que foram precisos para transpor o infinito que os separa de nossas sombrias friezas, de se achar uma matéria que abrasasse, que iluminasse, que a humanidade pudesse aproximar e que a tomou de Maria; Divindade que precisou de uma Mãe para se tornar homem e que escolheu Maria.

De uma só vez, tôda a vida divina foi dada ao mundo por Cristo, e Cristo veio por Maria. Ela é sua Mãe, e como a redenção que êle traz não se separa nem se distingue dêle mesmo, Maria é Mãe da redenção, Mãe da graça, ao mesmo tempo que é sua filha tão bela, tão amada! Tirai-a, não há mais Cristo! Não, nada de Cristo. Ou, então, um outro. Mas nosso Cristo, o ser adorável, divino e humano, maravilhosamente um e outro, Filho do Altíssimo e nosso Irmão, o Mestre e o Amigo, que conhecemos um pouco e que suspeitamos tão belo, a êle não o teríamos sem vós, ó Virgem Maria de Belém, sem vós, ó Virgem, Mãe do Cristo, Mãe da divina graça!

Maria fica, pois, inclinada sôbre tôdas as dores, como sôbre tôdas as alegrias, donde podem nascer, em uma alma, os germes da vida divina. Ela fica inclinada sôbre o berço da alma recém-nascida para Deus, para a guardar, e lhe transmitir, durante tôda sua infância espiritual, isto é, no decorrer de sua vida, os socorros vivificantes que fazem crescer o germe e auxiliam a formação de Cristo completo nelas, à realização, nos seus dias aqui na terra, da plenitude de sua idade — *in plenitudinem aetatis Christi.*

Eis, pois, transportadas, no mistério do mundo invisível, as doces e santas coisas que amamos na terra: Fraternidade do Cristo, maternidade de Maria. Por que não?

Outrossim, Maria é um intermediário que não retarda a efusão da onda divina sôbre nós. A lentidão e a complicação que seu intermédio poderia meter entre Deus e nossas almas, estão sòmente em nossas expressões. O que há é Deus que se entrega ao Cristo, e Cristo que se dá por sua Mãe. Mas vós que vistes a estátua da Virgem-Mãe, com Jesus sôbre seus braços, compreendereis fàcilmente que o movimento natural de Cristo tende a colocar seus dons nas mãos de sua Mãe, ao mesmo tempo que êle lhe sorri e que ela lhe retribui êste sorriso e que os da terra, que pedem e esperam, aí alcançam sòmente

que a mão maternal se abaixe até êles, e sem lhes dar menos, pois a pequena mão de Jesus a enche eternamente.

As doutrinas estão nos fatos, e, algumas vêzes, mais que nas palavras. E' por Maria que as talhas de Caná se encheram do vinho milagroso; é por Maria que a maravilha foi pedida e que ela foi garantida.

Por que isso, se não fôsse simbólico?

Há gestos que a eternidade continua e que a glória do céu guarda como expressão de suas comunicações conosco. O gesto de Maria, oferecendo ao mundo, na gruta de meia noite, seu recém-nascido; o gesto de Maria, designando as talhas vazias e mostrando-as aos servos, enquanto Jesus as manda encher, e, finalmente, o gesto de Maria Santíssima, ao pé da cruz, dando o seu bem-amado em redenção de nossos pecados, tudo isso são gestos que não se acabarão mais.

A morte não os rompe; o céu os respeita.

Igualmente, representar todos êstes gestos, curvando-nos ante a sua fecundidade, não é outra coisa que repetir: "Mãe da divina graça", crendo nêles e crendo eficazmente.

Esta doutrina, tão eminentemente gloriosa para Maria, é expressamente ensinada por todos os santos e doutôres da Igreja.

Maria é para o mundo, diz S. Bernardo, como que um aqüeduto, a fim de que por ela, assim como por meio de um canal, perpètuamente desçam os dons celestes de Deus até aos homens.

A vontade de Deus decidiu que nós tudo recebamos por Maria, a fim de que tudo o que temos de esperança, de graça e de salvação, reconhecêssemos como ter vindo até nós pelas mãos desta Virgem benfazeja.[5]

São Bernardino de Sena está de acôrdo com São Bernardo, quando diz: "Nenhuma graça nos vem do céu, sem passar pelas mãos da Virgem Maria".[6]

Eis como S. Germano se dirigia à Rainha dos céus: "Não há outro modo por que alguém possa salvar-se senão por vós, ó Virgem Santíssima; jamais dom algum foi concedido aos homens, senão graças a vós, ó Virgem castissima".[7]

5) De Aquaeductu.
6) De gloria nom. Mariae. Art. 3, cap. 2.
7) De Zona B. Virg.

E S. Boaventura, recordando uma passagem de Santo Anselmo, exclama com êste Santo Doutor: "O' Maria! vós sois verdadeiramente cheia de graça! Que digo? vós sois superabundante de graça, e é desta superabundância, comunicada ao mundo, que tôda criatura recebe vida e fôrça".[8]

S. João Damasceno, Sto. Alberto Magno, Sto. Tomás, Santo Antonino, S. Ligório, e uma multidão de outros Santos recordam esta verdade, quase nos mesmos têrmos.

Citemos ainda esta passagem de S. Bernardo, extraída das *lições* do ofício de Nossa Senhora Auxiliadora[9]:

"Considerai, diz êle, qual deve ser o amor que Deus deseja que nós tenhamos para com Maria, pois êle depositou nesta celeste Rainha a plenitude de todo o bem; por conseguinte, reconheçamos que, se temos alguma graça, ou alguma esperança de salvação, é de Maria que recebemos êstes bens".

Esta doutrina tem, pois, bom fundamento.

Tiremos agora a conclusão referente ao nosso assunto.

Todos nós devemos santificar-nos; esta santificação é a obra da graça, assim como de nossos esforços para corresponder-lhe.

Ora, como acabamos de provar, é ùnicamente em Maria que podemos encontrar esta graça, porque aprouve a Deus estabelecer a sua santíssima Mãe como sendo "a distribuidora de seus benefícios".

Já que assim é, ó piedoso filho de Maria, que nos resta, pois, a fazer, senão lançarmo-nos aos pés desta Virgem santíssima e amá-la ardentemente. E por êste amor conseguiremos que ela tome ao mesmo tempo em suas mãos a obra de nossa santificação, obtendo-nos abundantes graças, para que possamos corresponder-lhe com resultado!

III

A união imediata a Maria

A ação de Maria não se limita sòmente a nos dar a graça necessária para a nossa santificação. Ela própria quer trabalhar nesta obra, porque, tendo formado a cabeça, deve também formar os membros.

8) Spec. B. Virg. 9) Brev. Rom. Suppl. 24 Maji.

Por isso necessitamos ser intimamente unidos a ela, mostrando-nos submissos, dóceis e maleáveis a tôdas as operações de tão afetuosa Mãe.

Para fazer-nos compreender a íntima união que deve existir entre a mãe e o filho, os santos doutôres servem-se de uma comparação tão singela quão expressiva.

S. Jerônimo[10], S. Bernardo, S. Bernardino de Sena, Santo Alberto Magno, S. Belarmino, Santo Afonso e muitos outros dão a Maria Santíssima o título de "Colo místico" da Igreja.

Eis como Cornélio a Lápide, servindo-se da palavra de um piedoso autor de seu tempo, nos expõe a significação dêste nome:

"No corpo natural, diz-nos êle, é por meio do pescoço que a vida é transmitida às outras partes do corpo, e é também por seu intermédio que estas se relacionam com a cabeça. Êle é a via necessária da respiração, como o é dos alimentos que sustentam nossas fôrças esgotadas.

O pescoço tem uma honra especial que os outros membros não possuem: é sôbre o pescoço de sua mãe que se enlaça a criancinha, ou sôbre o qual se agarra, desde que o terror o perturbe ou que o amor o atraia.

Pois bem, ajunta o piedoso intérprete, tudo isto convém perfeitamente à Santíssima Virgem".[11]

Entretanto, é preciso notar que a comparação bem longe está de ser exata, sob todos os pontos de vista, pois, se no corpo humano o pescoço é o laço natural entre a cabeça e os membros, isto se realiza sem vontade, sem inteligência da parte dêles.

Maria, porém, é o laço voluntário e inteligente de nossas almas.

Sua união com Jesus não pode ser mais perfeita, e nunca compreenderás bem, nem poderás exprimir dignamente êste prodigioso amor, ó filho desta boa Mãe.

Não poderás compreender bem esta maternal providência, esta mediação misericordiosa que, de uma parte, inclina incessantemente seu divino Filho para nós, para espalhar sôbre nossas almas tôdas as suas graças, e, de outra parte, nos conduz e eleva amorosamente até ela.

---

10) In Christo fuit plenitudo gratiae sicut in capite influente, in Maria, vero, sicut in collo transfundente.

11) Comment. in Cantic. IV. 4.

Assim, Maria, considerada no corpo místico de Jesus, como sendo o membro que é imediatamente unido a esta divina cabeça, tem, pois, com todos os seus filhos, as mais estreitas e íntimas relações.

Não pensemos, porém, que é sòmente isso o que o amoroso e inesgotável gênio dos santos padres achou para designar a ação íntima entre Maria e nossas almas.

Vários dentre êles chamaram-na ainda o *coração* do corpo místico de Jesus.

"Ela é nosso coração", diz Santo Anselmo de Luca.[12]

"Ela é o coração que nos comunica a vida", diz ainda Santo Alberto Magno.[13]

"E êste coração faz uma e mesma coisa conosco", ajunta o piedoso Gerson.[14]

Eis, pois, uma nova prova da união de nossas almas com Maria.

"Poderia haver no mundo uma coisa que nos seja mais unida que o coração? diz Ernesto de Praga.

Êle é para todos os membros o princípio do movimento, do calor e da vida, de tal modo que, desde que um membro qualquer deixa de receber o seu influxo, perde a fôrça e o movimento, e, enfim, morre.

Ora, Maria é verdadeiramente nosso coração, e é por isso que todos os dias nós lhe rezamos, com a Igreja:

"Vós sois nossa vida, nossa doçura, nossa esperança".

Nada deve haver, pois, no céu e sôbre a terra, que mais mereça o nosso amor, depois de Jesus, do que Maria!

Praza a Deus que nunca nos separemos desta augusta Mãe... e que ela seja sempre eficazmente nosso coração, nossa alma e o princípio da vida em nós!...

Só então nossa vida será boa e nossos dias felizes, com a ventura dos predestinados".[15]

A união de nossas almas com a rainha dos corações é, pois, uma verdade bem estabelecida.

Como membros da Igreja, fazemos parte do corpo místico de Jesus Cristo... e neste corpo Maria ocupa as duas funções que exprimem melhor a união, isto é, o colo e o coração.

---

12) Super Ave Maria.
13) Sermo 24 de Eucharistia.
14) Tract. 5 sup. Magnif.
15) Ern. Prag. in suo Mariali.

O pescoço, para transmitir-nos a vida que vem da cabeça...

O coração para significar o seu amor!

Como se vê, estamos inteiramente sob a dominação desta Mãe encantadora; vivemos quase de sua vida; nosso coração é animado por seus anelos, desde que não ponhamos obstáculo algum a esta comunicação misteriosa e fecunda.

Oh! como a vida divina, que lhe vem pelo pescoço, circula na alma que se encontra neste estado! como nos invade a vida, que as pulsações do coração fazem circular em nossas veias, e inocula em nosso corpo um sangue purificado, e uma chama de amor, que eleva, transforma e sobrenaturaliza todo o nosso ser!

Ai! por que vegetar, por que estiolar-se, quando a vida borbulha e se agita perto de nós, e quer penetrar-nos, se lhe damos entrada! E o que é necessário para que ela entre?

Estar unido à cabeça, por meio do pescoço, estar em comunicação com o coração... viver em Jesus por Maria, e viver em Maria por Jesus; deixar-se formar por êles, à sua imagem e à sua semelhança!

Oh! amemos, amemos ardentemente, piedoso filho de nossa Mãe, porque só o amor opera êstes prodígios!

IV

Maria forma Jesus em nós

Temo-lo dito: nosso fim é Jesus.

Maria, tôda bela, tôda grande, tôda santa, como ela o é, não é o nosso fim, mas o meio — um meio poderoso, necessário mesmo, se quisermos, mas sempre meio.

A Santíssima Virgem, entretanto, pode ser chamada o nosso fim secundário, em relação a Nosso Senhor, no sentido de que Jesus e Maria são inseparàvelmente unidos, e que parecer-se a Maria é parecer-se com Jesus, de que ela é cópia perfeita.

Tornar-nos cópias vivas de Maria, nota a respeito um profundo intérprete da doutrina do bem-aventurado de Montfort[16], estabelecer sua vida em nós, eis o fim imediato de nossa devoção.

16) La Vie Spirituelle à l'école du Bx. De Montfort par A. Lhoumeau.

Maria, que, aos olhos de Jesus, constitui sua cópia, é, em relação a nós, um exemplar que precisamos reproduzir.

Ora, não dizemos que o modêlo está em sua cópia pela semelhança, e recíprocamente a cópia em seu modêlo como na causa dessa semelhança?

Imitando, pois, suas virtudes, e conformando-nos à sua vontade e com suas disposições, assemelhamo-nos à Santíssima Virgem; e segue-se que, desta maneira, ela deve encontrar-se em nós, como nós devemos estar nela.

Maria é em nós obreira fecunda, para modelar-nos sôbre o seu Jesus; porque, diz o bem-aventurado de Montfort: "Já que Maria formou a cabeça dos predestinados, que é Jesus Cristo, pertence-lhe também o formar os membros desta cabeça, que são os verdadeiros cristãos; pois que uma mãe não forma a cabeça sem os membros, nem os membros sem a cabeça.

Quem, portanto, quiser ser membro de Jesus Cristo, que é cheio de graça e de verdade, deve ser formado em Maria, por meio da graça de Jesus Cristo, cuja plenitude ela possui, comunicando-a plenamente aos verdadeiros membros de Jesus Cristo, e aos seus verdadeiros filhos.

Ora, assim como, na ordem natural, um filho tem um pai e uma mãe, do mesmo modo, na ordem da graça, um verdadeiro filho da Igreja tem Deus por pai e Maria Santíssima por Mãe.

E se nos quisermos gloriar de ter Deus por pai, sem têrmos a ternura de um verdadeiro filho para Maria, somos uns mentirosos, que temos por pai o demônio.

Tendo o Espírito Santo esposado misticamente a Maria, produzindo nela, por ela e dela esta obra-prima, que se chama Jesus Cristo, o Verbo encarnado, continua ainda a produzir todos os dias, nela e por ela, de uma maneira vitoriosa mas verdadeira os predestinados.

Maria recebeu de Deus uma dominação particular sôbre as almas, para nutri-las e fazê-las crescer em Deus.

Santo Agostinho chega a dizer que neste mundo os predestinados estão todos encerrados no seio de Maria, e que êles não vêm à luz, senão quando esta boa Mãe os gera para a vida eterna.

Por conseguinte, assim como o filho tira tôda a sua nutrição de sua mãe, que lha dá proporcionada à sua

fraqueza, os predestinados tiram tôda a sua nutrição espiritual e tôda a sua fôrça de Maria."[17]

O bem-aventurado de Montfort resume admiràvelmente êste pensamento, um pouco mais adiante, em uma comparação popular.

Maria, diz êle, é a fôrma donde saiu o Homem-Deus, e onde os santos adquiriram tôda a perfeição à imagem do Cristo.

Um molde é um vaso que imprime sua própria forma na matéria que êle contém.

Êle é, pois, ao mesmo tempo instrumento e exemplar.

O que êle é para a matéria que o encerra, a influência diretriz e providencial da Santíssima Virgem o é para a nossa alma.

Seus pensamentos, sua vontade são como fôrmas que a amoldam à semelhança de Maria, desde que consintamos em deixar-nos penetrar por ela e a ela adaptar-nos dòcilmente.

Citemos, contudo, as próprias palavras do grande servo de Maria:

"Maria, diz êle, é chamada por Santo Agostinho[18], e o é com efeito, o molde vivo de Deus, *forma Dei,* isto é, que só nela foi formado à natureza um Homem-Deus, sem que lhe faltasse traço algum da Divindade. E é também nela que o homem pode ser formado em Deus de modo perfeito ou natural, tanto quanto o é capaz a natureza humana, pela graça de Jesus Cristo.

Um escultor pode fazer uma estátua de dois modos: servindo-se de uma arte, de sua fôrça, sua ciência, seu valor e de seus utensilios, para reproduzir o modêlo em uma matéria bruta e informe; ou então pode servir-se de uma fôrma.

---

17) Sécret de Marie, p. 17.

18) Esta palavra, atribuída a Santo Agostinho, é mui provàvelmente de Fulberto de Chartres. Encontram-se estas mesmas palavras, com uma variante, no 208° sermão do Tomo XXXIX (p. 2129) da Patrologia de Migne, sermão que é atribuído a Fulberto de Chartres.

Eis na íntegra, a célebre passagem:

"Quid dicam, pauper ingenio, cum de te quidquid dixero minus profecto est quam dignitas tua meretur? Si matrem vocem gentium, praecellis; si formam Dei appellem, digna existis; si nutricem caelestis panis vocitem, lactis dulcedine reples. Lacta, ergo, mater, cibum nostrum, lacta eum qui talem te fecit ut ipse fieret in te".

O primeiro modo está sujeito a muitos acidentes: um golpe mau dado com o cinzel ou o martelo estragará tôda a obra.

O segundo é mais expedito, mais fácil, mais suave, quase sem dificuldade, se o molde é perfeito e representa bem o modêlo, e ainda se a matéria empregada é maleável, não resistindo de modo algum à sua ação.

Maria é o grande molde de Deus, feito pelo Espírito Santo, para formar exatamente um Deus-Homem, pela união hipostática, e para formar um Homem-Deus, pela graça.

Não falta a êste molde traço algum da Divindade; tudo o que nêle é lançado, deixa-se transformar pela graça, recebe todos os traços de Jesus Cristo, de um modo suave e proporcionado à fraqueza humana, sem muito sofrimento e trabalho, de um modo suave e seguro, sem receio de ilusão, porque o demônio não teve e nem terá jamais acesso em Maria; e, enfim, de um modo santo e imaculado, sem sombra da menor mácula de pecado.

Oh! quanta diferença entre uma alma formada em Jesus Cristo pelos caminhos ordinários, e aquêles que como êstes escultores confiam em sua arte e se apóiam em sua indústria, e uma alma maleável, desprendida, dócil a tôdas as operações da graça, que, sem apoio algum sôbre si mesma, lança-se em Maria, deixa operar nela o Espírito Santo!

Podemos calcular quanta mácula, defeito, trevas e ilusões, quanta coisa natural e humana há na primeira alma.

Ninguém, porém, duvida que a segunda seja pura, divina e semelhante a Jesus Cristo!..."

Para compreendermos bem esta comparação do molde, diz o autor da Vie Spirituelle[19], é preciso não forçar a sua aplicação.

A matéria está encerrada no molde como em um lugar, enquanto nós somos contidos sòmente pela influência do poder e da vontade de Maria.

Depois a fôrma age fisicamente sôbre a matéria, imprimindo-lhe a sua própria forma, ao passo que a influência de Maria Santissima em nós é sòmente de ordem moral.

19) Lhoumeau, cap. 4, art. 3.

Afastando-se, pois o que a comparação tem de material, ter-se-á uma idéia exata e profunda do papel de Maria na santificação de nossas almas, e do modo como ela forma Jesus em nós.

O' Maria, amoldai-nos em vós, à imagem de Jesus, a fim de que êle só viva em nós e aja em nós.

A vós nos abandonamos como uma cêra mole entre as mãos do operário...

Cortai, queimai, separai... contanto que Jesus reine, seja glorificado em nós, e que vós sejais a Rainha dos nossos corações.

V

Maria, Rainha dos corações

Formando assim Jesus em nós, Maria torna-se realmente a Rainha de nossos corações.

Ela reina sôbre nós como mestra, age em nós como mãe. Nosso coração torna-se, pois, o seu reino.

O' doce Mãe, tomai posse de vosso domínio; quero chamar-vos sempre a *Rainha dos corações!*

Desde a organização da Confraria de Maria, Rainha dos corações, inaugurada e dirigida pelos filhos espirituais do bem-aventurado de Montfort, êste título tornou-se como que o têrmo, o distintivo da perfeita devoção à Santíssima Virgem.

E, de fato, êste vocábulo encerra um código inteiro de perfeição e de amor e indica admiràvelmente a razão íntima e a extensão do reino de Maria.

Ela é Rainha do universo... Rainha do céu e da terra: é a sua glória exterior.

Mas nem esta glória nem esta dominação se limitam neste ponto.

Maria é, sobretudo, Rainha dos corações, isto é, ela domina diretamente nossas afeições, nossos anelos, nossas aspirações, o que há em nós de mais pessoal e de mais sagrado: o coração.

De fato, para formar Jesus em nós, como o acabamos de ver, Maria deve ter uma soberania completa sôbre os homens.

Ora, que viria a ser uma soberania da qual fôsse excluído o coração?

E' o que insinua e ensina o autor do *Segrêdo de Maria.*

Maria, a verdadeira fôrma de Deus, deve formar em nós Jesus, ou então deve formar-nos sôbre o exemplo de Jesus, o que não se poderia dizer se esta divina Mãe não fôsse perfeitamente senhora de nosso coração, tendo seu amor aí lançado profundas raízes, que nem o mundo, o demônio ou as paixões podem arrancar.

"Uma vez que Maria tenha lançado suas raízes em uma alma, continua o bem-aventurado de Montfort[20], ela aí produz maravilhas de graça, que só ela pode reproduzir, porque sòmente ela é a Virgem fecunda, que nunca teve nem terá rival em pureza e fecundidade.

Maria produziu, com o Espírito Santo, a maior maravilha que tenha havido e que haverá — um Deus-Homem; por conseguinte, ela produzirá as maiores coisas que se realizarão nos últimos tempos...

Ser-lhe-ão reservadas a formação e a educação dos grandes santos, que existirão no fim do mundo, porque só essa Virgem singular e miraculosa pode produzir, em união com o Espírito Santo, as coisas singulares e extraordinárias".

Há em nossos livros santos uma passagem que explica admiràvelmente êste reino de Maria sôbre os corações.

E' no livro da Sabedoria (Ecli 24, 10-14), que a Igreja aplica quase inteiramente à Virgem Maria.

"Entre tôdas as nações tive a primazia. E sujeitei com meu poder os corações de todos os grandes e pequenos; e entre todos êstes povos busquei um lugar de repouso, e uma morada na herança do Senhor.

Então o Criador de tudo deu-me os seus preceitos, e falou-me; e aquêle que me criou descansou no meu tabernáculo e disse: Habita em Jacó, e lança raízes entre os meus escolhidos".[21]

Eis como o bem-aventurado de Montfort comenta estas últimas palavras[22]: "Deus Pai, diz êle, quer adquirir filhos por Maria até à consumação dos séculos, e dizlhe estas palavras: *In Jacob inhabita* — habita em Jacó; isto é: fixa a morada e residência em meus filhos pre-

20) Tratado da Verdadeira Devoção, pág. 22.

21) Tunc praecepit, et dixit mihi Creator omnium; et qui creavit me, requievit in tabernaculo meo, et dixit mihi: In Jacob inhabita et in Israel hereditare, et in electis meis mitte radices.

22) Tratado da Verdadeira Devoção.

destinados, figurados por Jacó, e não nos filhos das trevas, figurados por Esaú".

Assim como, na geração natural, há um pai e uma mãe, na geração sobrenatural há um pai, que é Deus, e uma mãe, que é Maria.

Todos os verdadeiros filhos de Deus e os predestinados têm a Deus por Pai e a Maria por Mãe, e quem não tem Maria por Mãe, não tem a Deus por Pai.

Eis por que os réprobos, como os hereges, os cismáticos... que odeiam ou olham com desprêzo e indiferença a Santíssima Virgem, não têm Deus por Pai — embora disto se gloriem — porque não têm Maria por Mãe.

E isto porque Deus Pai não ordenou a Maria que fixasse sua morada entre êles, porque êles são outros tantos Esaús.

Deus Filho quer formar-se e, por assim dizer, encarnar-se todos os dias em seus membros por sua Mãe querida, e lhe diz: *In Israel hereditare,* seja Israel a vossa herança".

E' como se dissesse: Deus, meu Pai, deu-me por herança tôdas as nações da terra, todos os homens bons e maus, predestinados e réprobos, e eu os conduzirei uns com a vara áurea, e outros com a vara férrea; serei o pai e o advogado de uns, o justo vingador de outros, e o juiz de todos; mas vós, minha Mãe querida, tereis por herança e posse apenas os predestinados, figurados em Israel, e como sua boa Mãe, gerá-los-eis, nutri-los-eis e os educareis, como sua soberana, vós os haveis de conduzir, governar e defender.

Um homem e um homem nasceu nela, diz o Espírito Santo: *"Homo et homo natus est in ea"* (Sal 86, 3). Segundo a explicação de alguns dos santos padres, o primeiro homem que nasceu em Maria é o Homem-Deus, Jesus Cristo; o segundo é puramente homem, filho de Deus e de Maria por adopção.

Se Jesus Cristo, a cabeça dos homens, nasceu nela, os predestinados, que são os membros desta cabeça, devem nascer também nela, por uma conseqüência necessária.

Uma mesma mãe não dá à luz a cabeça sem os membros, nem os membros sem a cabeça; doutro modo, seria isto um monstro na natureza; do mesmo modo, na ordem da graça, a cabeça e os membros nascem de uma

mesma mãe, e, se um membro do corpo místico de Jesus Cristo, isto é, um predestinado, nascesse de uma outra mãe, a não ser de Maria, que produziu a cabeça, êste não seria predestinado, nem um membro de Jesus Cristo, mas um monstro na ordem da graça.

O Espírito Santo quer formar eleitos nela e por ela, e diz-lhe: *"In electis mitte radices* — lançai raízes em meus eleitos", isto é, raízes em vossos eleitos, para que êles cresçam de virtude em virtude, e de graça em graça.

Senti em vós tanta complacência, quando vivieis na terra, na prática das virtudes mais sublimes, que desejo ainda encontrar-vos na terra, sem que cesseis de estar no céu.

Reproduzi-vos por isso em meus eleitos, que eu veja nêle as raízes de vossa invencível fé, de vossa humildade profunda, de vossa dedicação universal, de vossa caridade ardente, de vossa esperança firme, e de tôdas as vossas virtudes; dê-me a vossa fé fiéis; a vossa pureza, virgens; a vossa fecundidade, eleitos e templos.

O bem-aventurado indica em seguida as diferentes conseqüências que dimanam desta aplicação.

Assinalaremos a que se refere ao nosso assunto, que consiste em ter Maria recebido de Deus uma grande dominação nas almas dos eleitos; porque, continua o bem-aventurado de Montfort, ela não poderia fixar a sua residência, como ordenou o Padre Eterno, não poderia formá-los, nutri-los, gerá-los para a vida eterna, como sua mãe, nem tê-los por sua herança e sua riqueza, nem formá-los em Jesus Cristo e Jesus Cristo nêles, nem lançar em seus corações as raízes de suas virtudes, nem ser a companheira constante para tôdas as suas obras de graça; ela não poderia, digo, fazer tôdas estas coisas, se não tivesse dominação e direito em suas almas por uma graça singular do Altíssimo, que, tendo lhe dado poder sôbre seu Filho único, o deu também sôbre seus filhos adotivos, não só quanto ao corpo, o que seria pouca coisa, mas também quanto à alma.

Maria é a rainha do céu e da terra, pela graça, assim como Jesus é o seu rei por natureza e por conquista; ora, assim como o reino de Jesus Cristo consiste principalmente no coração e no íntimo do homem, segundo estas palavras: "O reino de Deus está dentro de vós" (Lc 17, 21), o reino da Santíssima Virgem está principal-

mente nos corações, e é nos corações que ela é mais glorificada com seu Filho, do que em tôdas as criaturas visíveis.

Podemos, portanto, chamá-la, com os santos, Rainha dos corações — *Ave, Regina cordis mei*".[23]

Eis, pois, a divina Mãe, Rainha e Mestra de todo o nosso ser: Nada escapa ao seu doce império; estamos em seu poder, a fim de que ela possa elevar-nos ao termo de nossa existência e de nossos esforços: à perfeição.

E' êste último degrau, esta última asserção, que nos resta considerar aqui.

VI

Maria, escada da perfeição

Somos chamados à perfeição... E esta ascensão para Deus é uma tarefa grandiosa e sôbre-humana.

Conta-se nas crônicas de São Francisco que um dia o patriarca foi transportado em êxtase e viu elevarem-se diante de si duas escadas, apoiadas sôbre a terra, e cuja extremidade tocava o céu.

Uma era vermelha, e em seu cume estava Nosso Senhor, convidando com o olhar e com o gesto a subir até êle; a outra era branca e em seu vértice estava a doce e amável Virgem Maria.

Enquanto o santo admirava a bondade e condescendência do Salvador e de sua Mãe, vê chegar um grande número de seus filhos, que experimentavam subir a escada vermelha.

Alguns subiam até ao meio, com uma intrepidez infatigável; porém, chegados ali, caiam por terra.

Outros subiam sòmente alguns degraus, e depois caiam por terra.

Apesar dos mais ingentes esforços, nenhum conseguiu chegar até ao vértice.

Desolado a esta vista, S. Francisco dirige-se ao Salvador e, com lágrimas nos olhos, suplica-lhe que tenha piedade de seus filhos, indicando-lhes o meio de chegar até ao céu.

Então o Salvador indicou-lhe a escada branca, dizendo-lhe que por lá subissem todos os que desejavam chegar até êle.

---

23) São Bernardo.

Os filhos do patriarca experimentaram, e subiram sem obstáculos, enquanto que lá do alto a doce Virgem os encorajava com o seu sorriso e lhes estendia a mão.

Lançaram-se então entre os braços de Maria, que os conduziu triunfalmente ao seu divino Filho.

Êste fato é um perfeito resumo do *Ad Jesum per Mariam.*

Deus quer que vamos todos a êle pelo mesmo caminho que êle escolheu, para, por êle, descer até nós, e êste caminho todos o conhecem — é Maria.

Em vão faremos esforços... em vão marcharemos a largos passos, se não estivermos no caminho verdadeiro. E em vez de nos aproximarmos do fim, cada passo afastar-nos-á dêle, forçando-nos a desvios cada vez mais longos.

E' por não compreenderem bastante o que dissemos que tantas almas ardentes e generosas, depois de anos de esforços e de lutas, são obrigadas a confessar que nada, nada fizeram... que estão sempre no mesmo ponto...

Nesta confissão há, sem dúvida, humildade que se ignora, mas também quanta verdade... E' mais ou menos a história de cada um de nós...

E qual é a causa de tudo isto?

Diz o padre Faber que é porque Maria se afastou destas almas... porque não subiram pela boa estrada, e daí provêm as dificuldades da ascensão...

Não se consegue chegar até Jesus Cristo, porque não se procura passar por Maria!

Não amamos o Salvador, porque somos demais insensíveis para a sua Santíssima Mãe!

Ah! se Maria fôsse mais conhecida, como seria mais admirável a nossa fé, e quão diferentes seriam as nossas comunhões! Ah! se Maria fôsse conhecida, como seríamos mais felizes e mais santos, e como nos tornaríamos imagens vivas de Nosso Senhor e Salvador, seu querido e divino Filho".[24]

Digamos, portanto, com audácia, repetindo o que disseram os santos.

Maria é necessária aos homens para alcançarem o seu fim, como é necessária a Deus, necessidade esta que

24) Prefácio do Padre Faber à Verdadeira Devoção.

se chama *hipotética,* isto é, em conseqüência da vontade de Deus.[25]

Mas se ela é moralmente necessária, para operar em nossa salvação, pode-se assegurar, diz Santo Afonso de Ligório, que ela é *absolutamente necessária* para alcançar a salvação.

"Eu não creio, diz a respeito o bem-aventurado de Montfort, que uma pessoa possa adquirir uma união íntima com Nosso Senhor e uma perfeita fidelidade ao Espírito Santo, sem uma grande união com a Santíssima Virgem, e uma perfeita dependência de seu socorro.

"Sòmente Maria achou graça diante de Deus sem auxílio de nenhuma outra criatura pura. E sòmente por ela acharam-na todos os que vieram após ela, e é por ela que hão de achá-la tôdas as demais criaturas.

Maria estava cheia de graça quando foi saudada pelo arcanjo Gabriel, e ela foi superabundantemente repleta de graça pelo Espírito Santo, quando êle a cobriu com a sua sombra inefável; e ela aumentou de tal modo esta dupla plenitude, que chegou a um ponto de graça imenso e inconcebível, e de tal forma que o Altíssimo fêz dela a única tesoureira e a única dispensadora de suas graças, para enobrecer, elevar e enriquecer a quem lhe apraz, para fazê-lo entrar na via estreita do céu e para fazê-lo passar, apesar de tudo, pela porta estreita da vida, dando-lhe assim o trono, o cetro e a coroa do Rei.

"Só a Maria entregou Deus a chave dos celeiros do divino amor e do poder de entrar nos caminhos mais sublimes e mais secretos da perfeição e de ai fazer entrar os outros.

Sòmente ela dá entrada, no paraíso terrestre, aos miseráveis filhos de Eva, a infiel, para passearem agradàvelmente com Deus, e ocultarem-se seguramente contra os seus inimigos, para aí, ainda, nutrirem-se deliciosamente (sem mais temer a morte) do fruto da árvore da vida e da ciência do bem e do mal, para ai sorverem a seu bel-prazer as águas celestes desta bela fonte, que ai jorram com abundância; ou antes ela mesma é êste paraíso terrestre, ou esta terra virgem e bendita, da qual foram expulsos Adão e Eva. E ela não dá entrada senão àqueles que lhe apraz, para torná-los santos".[26]

---

25) Conf. A Verdadeira Devoção.
26) Tratado da Verdadeira Devoção.

Detenhamo-nos nesta última e sublime prerrogativa da divina Mãe de Jesus.

Queremos salvar-nos?

— Vamos a Maria! "Ela é a salvação do mundo", diz Santo Efrém.

Somos atormentados pelas tentações?

— Vamos a Maria! "Ela é uma âncora e um pôrto seguro", diz S. João Crisóstomo.

Eclipsa-se o céu diante de nossos olhos?

— Vamos a Maria! "Ela é a porta pela qual Deus expandiu a verdadeira luz", assegura-nos S. Fulgêncio.

Vivemos tristes e pobres?

— Vamos a Maria! "Ela é o tesouro de nossa pobreza, o remédio de nossas feridas, e são as suas benfazejas mãos que enxugaram as nossas lágrimas", diz ainda São Germano de Constantinopla.

Queremos subir ao céu, para lá vivermos eternamente?

— Vamos a Maria! "Pois é por ela que o Rei dos céus desceu sôbre a terra, a fim de que, por seu intermédio, merecessem os homens subir ao céu", escreveu S. Pedro Damião.

Temos mêdo de cair no pecado?

— Vamos a Maria! "Pois, do mesmo modo que pela arca todos os homens da família de Noé escaparam ao dilúvio, diz S. Bernardo, assim também é por Maria que conseguiremos evitar o naufrágio e o pecado!"

Enfim, desejamos adquirir virtudes sólidas?

— Vamos a Maria! Pois disse Sto. Tomás de Aquino: "em Maria se encontra tôda esperança de vida e de virtude"; e "ela é a fonte celestial, que rega a terra com as águas da caridade", ajunta ainda S. Boaventura.

Sem Maria não há salvação. E mais ainda: sem Maria não há perfeição.

Vamos, pois, a ela pelo amor... para que ela forme Jesus em nós e nos conduza ao céu, e nos receba lá em seus braços, como ela recebeu os filhos do patriarca de Assis.

VII

As espôsas de Jesus

Maria é a escala da perfeição para todos aquêles que aspiram ao céu; mas há um título particular e próprio de algumas almas generosas, do qual devemos falar aqui.

Maria forma Jesus em nós e nos forma sôbre o modêlo de Jesus, e aspira sobretudo a formar espôsas de Jesus.

Que papel glorioso para a Virgem!

No Antigo Testamento lamentava-se a conservação da virgindade, porque o Messias, sendo o Prometido, o Desejado, cada família em Israel aspirava à honra de dar-lhe a existência.

Mas agora, que êle nasceu, que revelou os seus atrativos inefáveis, há flores que preferem permanecer flores. O exemplo daquela que não quis consentir na maternidade divina, senão com a condição de ficar virgem, paira diante de seus olhos e convida-as a seguirem êsse exemplo de pureza e de humildade.

Sim, a Virgem é verdadeiramente o molde das espôsas de Jesus.

A virgindade pareceu a Maria tão preciosa e tão superior, que ela não hesitou em declinar da honra do fruto divino, se êste fruto pudesse fazer cair sua flor.

Está feita a transição.

Da apreensão de ficar virgem, passou-se à ambição de permanecê-lo para sempre.

Em cada estado há uma pureza, mas a castidade perfeita sobrepuja tudo.

Acudi, ó jovens de tôdas as nações, e vinde formar o cortejo da Virgem e do seu Filho, da Rainha das virgens e do Rei dos anjos.

As almas não podem mais aspirar à maternidade divina, mas podem aspirar a tornar-se espôsas de Jesus Cristo.

Espôsas de Deus pela pureza.

E' preciso ser puro para comungar... Mas é preciso ser virgem para tornar-se espôsa.

Depois de ter escolhido e santificado a sua divina Mãe, o Filho de Deus quis santificar espôsas.

Tôda jovem, que se afasta dos laços da carne e do sangue, pode, joelhos em terra, solicitar esta inefável honra.

Não exigia tão grande honra a auréola da virgindade?

Uma espôsa deve amar com tôda a fôrça do seu coração.

Como poderia Jesus ser o Bem-Amado, se suas espôsas tivessem sido expostas a dividir seus corações?

Viva Deus! Elas não o repartirão! Pois amam com tão grande lealdade e ardor que não as alcançam os amôres da terra.

E é êste amor que em seus corações acendeu esta necessidade de pureza, que acendeu êste ciúme divino de oferecer ao seu espôso uma alma casta, um coração integro e um corpo imaculado.

E tudo isto não seria a santidade?

A santidade, com efeito, é amizade por excelência e, — como diz a Escritura — "a amizade baseia-se sôbre a semelhança"; para amar é preciso assemelhar-se. Ora, o primeiro ponto de semelhança, e, por conseguinte, o primeiro grau de santidade, é a pureza.

Quando uma alma sabe desprender-se do pesado fardo da carne, quando sabe romper e lançar ao longe êstes mil pequenos laços que nos prendem ao mundo e nos inclinam para a terra, para não admitir mais em seu coração senão essa grande e verdadeira afeição que se chama o *amor de Deus*... então, esta alma sente a necessidade de ser pura e de ser casta, compreendendo como que instintivamente que nosso Deus é um Deus invejoso e que a condição necessária de sua vida íntima conosco é a pureza.

Dizer, pois, que o estandarte de Maria é a pureza, é dizer que ela é também o estandarte da perfeição, porque, se se pode ser puro, sem ser santo, não se pode ser santo, sem ser puro.

O' juventude de tôdas as idades, vós que sentis a necessidade de amar e ser amada, aproximai-vos de Maria!... amparai vossa mocidade e vossa virtude à sombra do seu imaculado manto, e saboreareis então o que vale ter uma vida consagrada ùnicamente a Deus.

Mas as espôsas de Jesus não sòmente amam; mais ainda: elas são amadas, e ser amado de Jesus é ter penhôres dêste amor e o sentir.

Ora, aí está o segrêdo de seu coração, e, para compreendê-lo, é preciso tê-lo experimentado.

E é a Virgem incomparável quem preside a êste amor e a esta felicidade de amar e de ser amado.

Quão deliciosa é a cena em que Santa Catarina de Sena recebe do Menino-Deus o anel dos desposórios, pela mediação de Maria, que apresenta o seu muito-amado.

E' Maria que faz passar o anel.

Iniciadora do seu ilimitado amor, na expressão de um sábio doutor, não lhe merece, pois, cada vez, tão grandioso papel de presidência?

Sê amada, ó filha, diz ela à jovem virgem, e suspira de amor por meu Jesus, por teu Jesus!

Orvalho de amor, Maria Santíssima torna-se então o véu da desposada, como era o véu do menino Deus na Judéia.

Aceitas como espôsas, as virgens entram na posse de privilégios encantadores.

O primeiro entre êsses privilégios lhes permite ocuparem-se das coisas de Deus e entrarem assim em participação mais íntima com êle.

O mundo curva-se até ao pó e não vê senão êsse pó, mas as virgens têm um olhar de estrêla, que se eleva acima do visivel.

A Virgem Maria, com a sua fronte real cingida com o diadema de doze estrêlas, destaca uma destas estrêlas, para iluminar-lhes o olhar e lhes permitir ver, discernir e saborear as coisas do céu.

Outro privilégio da virgindade cristã é ter uma semelhança com os anjos.

Diz São Bernardo:

"Uma virgem é por virtude o que um anjo é por natureza. Há mais felicidade na pureza do anjo, porém mais coragem na pureza das virgens".

Com efeito, os três votos, que a Igreja abençoa nas espôsas de Cristo, desenvolvem esta semelhança angélica.

O voto de pobreza fornece à alma verdadeiras asas, como as de um anjo, para que ela possa desprender-se da terra e pairar acima dela.

O voto de castidade confere o dom, que só os serafins e querubins possuem, de estar sempre diante da face de Deus, pois as virgens seguem o Cordeiro em tôda parte.

Enfim, o voto de obediência dá aos atos da alma religiosa aquela rapidez dos atos do anjo, de quem diz a Escritura:

"O Senhor os constituiu seus mensageiros, rápidos como o vento, e ardentes como o fogo que devora".

Rapidez do vento e ardor do fogo, não os contas tu, ó obediência religiosa, em tuas qualidades, tu, que és tão pronta e tão ardorosa?!

Feliz cortejo das virgens, que rivalizais assim com os anjos, quem, pois, te eleva e transporta através dos espaços incomensuráveis da Igreja?

Não é a bem-aventurada Virgem Maria a criatura mais pobre aos próprios olhos, a mais casta e a mais obediente?

Rainha das virgens no vale de lírios, Maria é no mesmo grau Rainha dos anjos no azul do céu.

A virgindade cristã possui mais um último privilégio: que é o triunfo sôbre a decadência e sôbre a corrupção.

Segundo define Santo Tomás: "a virgindade é a resolução ou a prossecução da incorruptibilidade no meio de uma carne corruptível".

Tudo se corrompe ao redor de nós e em nós.

Do mesmo modo tudo se corrompe ao redor da virgem e nela; não, porém: *ela*. Que maravilha!

A corrupção gera o desengano e o aviltamento.

Foge o ideal que se entrevia; acaba-se o entusiasmo... e uma alma sem entusiasmo é uma alma sem asas...

Uma alma virgem desconhece êste desengano da vida; para ela permanece o ideal.

Sois vós, ó Jesus, a beleza eterna dêste ideal... e como o ideal permanece sempre, o entusiasmo conserva-se intato...

Ora, grande coisa é o entusiasmo na virtude.

Compõe-se de dois elementos: de uma idéia e de uma chama, que se acende no coração, em virtude da idéia que se fixou no espírito.

E' um estremecimento e, ao mesmo tempo, uma exaltação, que se avizinha do êxtase.

Deus, ecce Deus — diziam os antigos — *Deus, eis Deus!*

E êles não se enganavam, pois no entusiasmo há algo de divino!...

Eis por que, quando êste entusiasmo se apodera de nós, parece que a nossa estatura cresce, e a esta vista

parecemo-nos dispostos a tudo afrontar, se possível fôsse; remover-se-iam as montanhas, e de um só salto iríamos até ao fim do mundo: eis o que faz o entusiasmo!

Pois bem: esta idéia e esta chama coloca-as nas almas puras a Santíssima Virgem.

Elas possuem o entusiasmo da virtude; o ideal engrandece-lhes o espírito; o coração o reproduz; tôda a sua alma guarda-lhes a impressão... e até em seus traços chega a reluzir uma parcela dêste ideal.

Oh! como é engenhoso e terno o sentimento dos autores que pensam que na ressurreição geral as virgens serão as primeiras a surgir radiosas do túmulo, porque, tendo sido mais desapegadas e menos retidas à terra, pelo corpo, também serão mais velozes a subir para os anjos de Deus!

Oh! quão poderosa é a ação inefável de Maria sôbre as almas, elas que foram formadas sôbre o seu modêlo, e que por ela voarão em sua comitiva, em companhia do cordeiro eterno!...

VIII

Conclusão

Terminemos êste primeiro motivo de amor a Maria, repetindo com o bem-aventurado de Montfort:

"Deus quer revelar e mostrar-nos Maria como a obra prima de suas mãos".

Êle o quer. Para êste fim é que êle fêz Maria tão grande, tão radiante, dando-lhe tão elevado lugar em seus desígnios, tornando-a tão radiosa na Igreja e tão fecunda nas almas.

Desde a eternidade... no comêço... antes de todo o comêço, êle a predestinou à função mais alta e mais próxima da divindade, que possamos imaginar. Êle aí trabalha, como em sua obra prima, preparando-lhe graças inauditas, preconiza-a pelos lábios dos profetas, figurando-a pelas santas mulheres da Bíblia, enfim, no-la mostra sob os emblemas mais atraentes e mais fortes.

E' Maria prometida e radiante de tôdas as belezas, de tôdas as ternuras e de tôdas as misericórdias, que ornarão um dia sua fronte de Rainha e Mãe!

Já é uma primeira manifestação da vontade de Deus, porém ainda não é tudo.

A Igreja, depositária dos segredos do Altíssimo, continua a mostrar-nos a Virgem "bendita entre tôdas as mulheres", como sendo a fôrça, o paládio, a salvaguarda de tôda a religião.

O Evangelho aclama-a; os apóstolos fazem-se seus servidores e os primeiros cristãos nela depositam tôda a sua confiança.

Os concílios defendem seus privilégios; os padres e os santos tornam-se os promotores do seu culto; e, enfim, refulge com tôdas as claridades do mais terno e mais apaixonado amor à incomparável Virgem-Mãe.

E' a segunda manifestação da vontade de Deus; mas não é ainda tudo.

Deus não quer sòmente que a santa Mãe seja a Rainha do mundo, e que o seu culto seja um culto mundial; êle quer também que êste amor seja o centro da devoção de cada um, pondo em suas mãos a obra de nossa santificação; fazendo do seu coração como que o traço de união que nos leve a êle, para que possamos viver de sua vida intima e que Maria possa formar Jesus em nós.

Só assim ela será a Rainha do nosso coração, a nos guiar nas veredas mais difíceis e mais elevadas da perfeição, formando sobretudo as almas de escol para esta pureza perfeita que Jesus exige daquelas que êle predestinou a serem espôsas e anjos aqui na terra.

E' o reino de Maria em nossas almas.

E esta é a maior manifestação da vontade de Deus, que quer que tudo nos venha por Maria: *Sic est voluntas Dei, qui totum nos habere voluit per Mariam.*

E' o grande pensamento que se destaca de tudo o que acabamos de dizer, que forma a base de nosso amor à incomparável Virgem.

Deus o quer, e êle nos manifesta a sua vontade nos seus próprios desígnios sôbre Maria Santíssima, assim como no cuidado constante que tem a Igreja de honrar esta divina Virgem, e também na dependência total em que estamos a respeito dela.

Deus o quer!...

Um dia, eletrizada pela palavra ardente de S. Bernardo, a Europa levantou-se como um só homem, e sob o brado mil vêzes repetido de *Deus o quer,* pegou em armas, para voar em defesa do túmulo de Jesus Cristo.

Vós também, ó piedosos filhos de nossa querida Mãe, Maria, permiti que eu brade do mesmo modo: *Deus o quer!* Deus o quer!

Deixai-me repetir esta palavra do bem-aventurado de Montfort: "Deus quer que sua santa Mãe seja agora cada vez mais conhecida, mais honrada e mais amada do que nunca!"

Deus o quer!...

E como se cumprirá esta vontade divina?...

Deve sê-lo por nós... por vós, ó caro leitor!...

Em nossos dias, Maria quer que se levante uma legião de almas generosas, apaixonadas de sua glória, que. tendo a cruz sôbre o peito e o rosário nas mãos, proclamem por tôda parte as grandezas e os privilégios da Virgem imaculada!...

E' preciso, pois, uma legião dêstes apóstolos abnegados!

Importa que nós sejamos esta legião, alistando-nos todos debaixo de sua bandeira, por meio da prática das virtudes... pela santidade de nossa vida, a fim de mostrar ao mundo o poder que pode exercer sôbre uma alma uma terna devoção à gloriosa Mãe de Jesus.

O' Maria! sêde o nosso ideal!...

Acendei em nossos corações o verdadeiro desejo de vos amar o de fazer que os outros vos amem.

Seremos vossos apóstolos, vossos atletas, assim como o sinal de vossos triunfos sôbre as almas!..

SEGUNDO MOTIVO

AS GRANDEZAS DE MARIA

Introdução

Como falar dignamente das grandezas da Mãe de Deus?

Como fundir em um raio, que não ofusque nossa débil vista, esta aparência de maravilha divina?

As grandezas de Maria são, com efeito, tão intimamente unidas aos nossos mais augustos mistérios que, para dêles ter uma idéia completa, precisaria desenrolar ante os olhos tôda a religião, e mostrar por tôda parte a cooperação da Virgem imaculada.

E' uma tarefa acima de nossas fôrças, pois seriam necessários desenvolvimentos que só seriam contidos em maiores e mais alentados volumes.

Igualmente, ao encetarmos tal assunto, quereríamos contentar-nos em repetir a palavra: *Silentium laus.*

A eloqüência é boa para elevar as pequenas coisas; porém, para as coisas infinitamente elevadas, não é preciso senão silêncio.

Sem querer perscrutar o que para nossos olhos ficará sempre uma *fonte selada* e um *jardim cercado,* podemos, pelo menos, experimentar fazer uma idéia da elevação da incomparável Virgem, e, para proceder com ordem e clareza, consideraremos estas grandezas sob um tríplice aspecto:

1. *A maternidade divina,* ponto de partida e fundamento de todos os privilégios da Imaculada.

2. *A família divina,* isto é, Maria associada às obras do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

3. *O complemento divino,* ou Maria ao receber o privilégio de levar a cada uma das três pessoas da augusta Trindade uma glória acidental, que não possuíam elam antes da encarnação.

Êstes três aspectos das grandezas da humilde Virgem nos farão penetrar no mais profundo desta grande maravilha, e nos mostrarão Maria elevada até aos confins da divindade, ao ponto de se tornar, ela mesma, segundo a expressão de Santo Tomás, uma *quase-divindade.*

Estas considerações constituirão o objeto dos três capítulos dêste segundo motivo de amar a Maria.

CAPÍTULO IV

A MATERNIDADE DIVINA

Maria, Mãe de Deus! Oh! que insondável mistério de glória! Que incomparável elevação!... Sim, a dignidade que nós reconhecemos na Santíssima Virgem, chamando-a Mãe de Deus, é tão grande, que ultrapassa tudo o que há de mais excelso nas criaturas, entre os anjos e homens.

São Bernardino de Sena.

I

Incapacidade ao falarmos de Maria

Maria, de qua natus est Jesus (Mt 1, 16).

— Maria, de quem nasceu Jesus! isto é: Maria, Mãe de Deus!...

Maria é Mãe de Deus.

Pronunciando esta palavra, indicamos a fonte de tôdas as prerrogativas, o pedestal de tôdas as grandezas da Santíssima Virgem Maria.

Não há, com efeito, dignidade mais elevada, nem elogio maior para uma criatura, a que a eloqüência nada mais pode ajuntar...

Os maiores santos e os mais inspirados dentre êles achavam-se impotentes ao querer fazer o panegírico da Mãe de Deus.

S. Gregório, o taumaturgo, cuja palavra era tão eloqüente, pretexta ser como uma criança, pois não encontrava expressões, quando tratava de falar sôbre a Santíssima Virgem.

Santo Epifânio declara que se sentiu possuído de terror, à contemplação de sua glória, e que não havia espírito algum, por mais forte que seja, nem língua bastante bela e expressiva, que possa publicar tais maravilhas.

Bossuet, com o seu gênio tão elevado e penetrante, não ousa abordar êste sublime mistério. Seu olhar de

águia ofusca-se em face dêste abismo, e êle exclama, cheio de terror:

"Maria, Mãe de Deus, e esta palavra encerra tudo, diz tudo".

"Após ter feito o elogio da Virgem Santíssima, de todos os modos, diz S. Bernardino de Sena, e depois de tê-la conhecido como a fonte mais pura de tôdas as virtudes, a obra mais perfeita do Criador e como que um oceano de graças, e maravilha da glória, obra-prima da Divindade, é preciso voltar ao princípio de tôdas estas vantagens e confessar que dependem ùnicamente de sua divina maternidade".

São significativas estas confissões. Como elevaremos nós os nossos olhos por sôbre esta inefável maravilha?

Nunca se diz mais eloqüentemente as grandes coisas do que confessando não as poder dizer...

Entretanto, experimentemos fixar o olhar de nosso coração, mais ainda do que o de nosso espírito, sôbre êste mistério de amor.

Não é para o escrutar... o que seria impossível!... Mas para entrever ao menos algumas de suas belezas... e, por meio de sua contemplação, aumentar a nossa veneração e nosso amor.

Primeiramente, confessemos, com São Bernardino, que "a maternidade divina, segundo o espírito e segundo a carne, é uma dignidade e uma perfeição que ultrapassa infinitamente, pelos seus méritos, tudo o que o homem pode dizer, tudo o que mais elevado serafim possa imaginar, abaixo do Homem-Deus, cuja grandeza é incomensurável".[1]

Continua o mesmo santo com êste magnífico raciocínio:

"Quando a caridade gratuita de Deus, diz êle, escolhe uma alma para elevá-la a um estado sublime, concede-lhe tôdas as graças em proporção à sublimidade e à natureza dêste estado.

Ora, o estado da maternidade divina, ao qual Maria foi chamada por Deus, é sem comparação alguma o mais elevado a que possa chegar uma criatura pura.

Portanto, a caridade do Onipotente, penetrando até ao mais íntimo do coração de Maria, e dela obtendo o seu consentimento, na execução do maior dos mistérios, dei-

1) Sermo pro Concept. Imm. B. V., art. 3, cap. 1.

ficou aquela em que operou, pela comunicação de uma perfeição e de uma caridade proporcionadas à caridade de Deus, que a escolhia, e que nela realizou êste prodigio".[2]

"Com efeito, é preciso, diz um piedoso autor, que Deus Pai e a Mãe de Deus amem a Deus Filho com o mesmo amor, e o mais possível".[3]

Tão alta é esta participação da Divindade, e tão estreita esta união, que acima da incomparável Virgem não se encontra senão Deus, e quando se desce de Deus à criatura, em primeiro lugar encontraremos Maria.

Os limites do império da Mãe de Deus, segundo o anjo das escolas, tocam tão de perto quanto possível as fronteiras da Divindade.

"Entre Deus Pai e a Mãe do Verbo existe uma afinidade especial[4], diz êle ainda. A paternidade de Deus Pai e a maternidade da Virgem-Mãe parecem-se, avizinham-se muito e são tão estreitamente ligadas que uma toca a outra".

A contemplação desta inconcebível grandeza arranca a S. Bernardino de Sena, apaixonado servo de Maria, uma reflexão tão acertada quão sublime.

Tão grandes são os transportes de admiração dêste homem, que êle parece esquecer-se a si próprio, tão ousadas são as palavras que lhe escapam.

Dirigindo-se à Santíssima Virgem, êle o faz nestes têrmos:

"O' Virgem de Israel como ousareis vós consentir em vos tornardes Mãe de Deus?

Como permitireis vós em serdes elevada a um grau quase infinito de honra? Vós, que sois tão modesta, vós a Rainha da humildade, suportareis ser honrada com uma dignidade tão eminente, que ùnicamente acima de vós estará o próprio Deus?

Saul, sagrado pelo profeta Samuel, e conhecedor da vontade do céu, conserva-se oculto em casa de seu pai, donde é preciso tirá-lo a fôrça, para o proclamar rei de Israel.

Permitireis então mais fàcilmente ainda, vós que sois tão modesta, que vos façam, não sòmente a Rainha

2) De consensu Virg. Sermo. 2, art. 2, c. 1.
3) R. P. Binet: A obra prima de Deus.
4) Summa, 2. 2. q. 103, art. 4.

dos serafins, mas a Mãe de Deus, o que ultrapassa a tôdas as nossas concepções!

Eis que o anjo do Senhor vos anuncia uma grande nova: Vós sereis a Mãe do Verbo na terra, como Deus é seu Pai na eternidade.

Perdão, ó Virgem santa, não se turbam os vossos ouvidos? Não se ofuscam os vossos olhos? Não vos abandonam as vossas fôrças?

Eis a escrava do Senhor, dizeis vós. Que ousadia!...

Que me seja feito segundo a vossa palavra, acrescentais vós.

Que consentimento surpreendente!...

Não freme o vosso coração, ao ver cair sôbre o vosso nada como que uma incomensurável montanha, a imensidade da Divindade, que vai esmagar a fraqueza de uma jovem de catorze anos?

Quando o príncipe dos anjos ousou revoltar-se contra a encarnação futura do Filho de Deus, o Todo-Poderoso esmagou a temeridade dêste espírito orgulhoso, que pretendia igualar-se ao seu Soberano.

Não tendes receio, ó Virgem, que o Padre eterno não vos veja consentir de boa vontade na maternidade daquele cuja paternidade lhe pertence exclusivamente?

Êle é Pai sem igual, e vós quereis ser Mãe sem igual e assim tornar-vos sôbre a terra o que êle é na eternidade?

O' Maria, ó incomparável Virgem, desvenda-se o mistério aos meus olhos.

E' preciso que sejas a mulher forte, e que vossa alma seja de tal modo transformada e perdida em Deus, que não sejais vós mais que viveis, mas que seja êle quem viva em vós.

E agora, ó doce Virgem, dai o vosso consentimento; não temais; o pêso da Divindade pode, pois, cair sôbre o vosso nada e não o esmagará, porque estais apoiada sôbre o vosso Bem-Amado".[5]

Para bem compreender tôda a extensão das grandezas de Maria, é preciso que nela distingamos uma tríplice maternidade.

A primeira é a maternidade corporal. A segunda é a maternidade espiritual, pois que ela foi a Mãe do Verbo encarnado em sua alma e em seu coração: é uma ma-

5) De Consensu Virg. Serm. 2, art. 1, c. 2.

ternidade mais elevada que a primeira, segundo o testemunho de Nosso Senhor. A terceira é a que ela exerce em nossos corações e nas almas generosas, em que ela faz nascer Jesus Cristo.

Já tratamos desta última maternidade, no capítulo precedente, falando acêrca das relações entre Maria e nossas almas; devemos voltar ao assunto mais adiante, indicando como é que Maria é nossa Mãe.

Consagremos, pois, êste capítulo a traçar alguns bosquejos sôbre as inefáveis grandezas de sua maternidade corporal e espiritual.

II

A preparação

Para compreendermos as grandezas desta maternidade corporal, que transformou uma virgem em um templo onde residiu corporalmente a plenitude da Divindade, é preciso recordar-nos do que foi dito sôbre isto, no capítulo primeiro, onde vimos que, assim como o Messias foi o *Desejado das nações,* assim também aquela que o devia trazer ao mundo foi a *expectativa dos povos.*

A Virgem-Mãe era o fim para o qual, sem mesmo o conhecer, todos os santos do Antigo Testamento dirigiam os seus votos e suspiros.[6]

"O' Maria, exclama S. Bernardo, no momento em que o anjo vos pede que consintais em vos tornardes a Mãe do Messias, eis que Adão, inconsolável, exilado do paraíso terrestre, com tôda a sua posteridade, assim como Abraão e Davi e os outros santos, vossos antepassados, que habitam a região da sombra da morte, enfim, todos estavam prostrados aos vossos pés!

O' Virgem, dizei uma só palavra, que é ansiosamente esperada pela terra, pelo inferno e pelo céu... dizei uma palavra e recebereis a Palavra do Pai; proferi vossa palavra, e recebereis o Verbo divino; emiti uma palavra passageira, e encerrareis em vosso seio o Verbo eterno".[7]

Penetrando no santuário, resplendente de ouro e de pedrarias, o grão-sacerdote representava o *mundo inteiro,* segundo as palavras do Espírito Santo (Sab 18, 24).

6) Cfr. S. Andr. Cret. Orat. in Annunt. S. S. Dei p.

7) Responde verbum et suscipe Verbum; profer tuum et concipe divinum; emitte transitorium et amplectere sempiternum (S. Bern. Serm. 4. in Missus est).

Sôbre sua língua estavam reunidas as preces de todos os santos, e o povo inteiro falava por sua bôca.

Do mesmo modo, pela humildade de Maria.

Nela estavam reunidos todos os desejos, todos os méritos dos santos do antigo Testamento, que tinham desejado, ansiosamente, o Salvador. Todos convergiam virtualmente para ela, com o fim de obter o Messias prometido aos nossos primeiros pais, e para que ela desse Deus ao mundo, todos diziam por sua bôca: *Faça-se em mim segundo a vossa palavra.*

Do mesmo modo, quando Gabriel vem anunciar à humilde Virgem a mensagem de que o encarregou o Altíssimo, tôda a eloqüência dos anjos está nos seus lábios e todo o céu fala por sua bôca.

Tôda a côrte celeste suplica com instância a Deus e a Maria que se realize o grande mistério em que a justiça e a misericórdia devem dar-se o abraço da paz; e o arcanjo, saudando a futura Mãe do Messias, em nome de tôda a hierarquia celeste e em nome do Altíssimo, rende a Maria uma honra que jamais criatura alguma recebeu na terra.

Sem dúvida, os anjos desceram em legião para preparar o coração de Maria para êste inefável mistério... mas esta preparação era insuficiente ainda.

E' preciso que a futura Mãe de Deus ponha por si mesma em atividade tôda a extensão dos poderes de sua alma, para se dispor a receber dignamente o título inefável que o céu lhe reserva.

"Tôda alma santa e prudente, diz S. Bernardino de Sena, dispõe-se com tanto mais cuidado a uma ação, quanto compreende que esta ação é divina e exige mais vigilância e mais esforços. Compreende, igualmente, que não se pode imaginar nada mais grandioso do que conceber um Deus e tornar-se Mãe de Deus.

Desde que a Virgem fiel compreendeu que Deus a tinha escolhido para ser sua Mãe, reuniu todo o ardor de sua vontade, para se dispor a receber, dignamente e sem imperfeição alguma, graça tão especial, quão inaudita; e como esta última disposição consistia em seu consentimento, pode-se dizer que êste consentimento foi o fruto de sua alma quase onipotente, de suas perfeições, de suas graças e de suas virtudes".[8]

8) Serm. de consensu Virg. Serm. 2, art. 3, cap. 2.

"Sua virgindade era mais alva que à neve, diz o P. Binet; sua humildade, mais profunda que o centro da terra; seu amor era mais ardente que o amor dos serafins; seu coração, todo divinizado; pode-se dizer até que ela só teve mais graças, no momento feliz da conceição do Verbo, e no instante de sua maternidade, do que todos os anjos e homens juntos"[9]; e eis que tudo isso é empregado para embelezar e para fortificar o coração de Maria, quando se tratou de pronunciar a maior palavra jamais pronunciada neste mundo: *Faça-se em mim segundo a vossa palavra.*

Ultrapassando-se a si próprio, S. Bernardino proclama: "No momento da conceição do Filho de Deus, sua santíssima Mãe mereceu e obteve mais graças por seu próprio consentimento, do que todos os anjos e homens reunidos, por todos os seus pensamentos, tôdas as suas palavras e tôdas as suas obras".[10]

Quando Deus intervém em uma obra, que excessos de grandezas não podemos nós prever?

Deus faz tudo divinamente. Ora, a encarnação do Filho de Deus é a obra exclusiva de Deus; tudo aí é Deus; logo, tudo aí deve ser divino!...

Também quis executar com tanta perfeição, que parecia ter alcançado o último limite dêste poder, que todavia não conhece limites.

Dizei-me o que pode aquêle cuja sabedoria é infinita, cuja bondade é inesgotável, cujo poder ultrapassa todos os nossos pensamentos, e eu vos direi exatamente a dignidade imensa da maternidade divina, e as incompreensíveis grandezas da Mãe do Verbo encarnado.

Maria resumiu tudo nesta sublime palavra: Aquêle que é todo poderoso fêz grandes coisas em mim, e como é onipotente, é-lhe impossível fazê-las maiores do que aquelas que operou em mim"[11]

Que Deus se rebaixe, até qualificar de servo seu o anjo e o homem — isto já é admirável, porque o que vale o homem?

---

9) Binet: Op. cit.

10) Virgo beata, in conceptionis Filii consensu, plus meruit quam omnes creaturae, tam angeli quam homines, in cunctis actibus, motibus, et cogitationibus suis (Sermo pro Concept. Imm. Virg. Art. 3, cap. I).

11) Hit. Serm. de Visit. B. Virg. Art. 2. cap. I.

Mas que Deus, rebaixando-se ainda mais, chegue a chamar os homens seus amigos, é divino.

Entretanto, o seu amor por nós aí não se limita, êle nos chama "seus filhos".

Quem poderá compreender o que quer dizer ser filho de Deus? O homem fraco e pecador pode e deve até chamar a Deus seu Pai!

Mas que dizer, quando Deus chama uma alma, que está em estado de graça, sua espôsa, sua pomba, sua querida?

Entretanto, êstes títulos são comuns a tôdas as almas puras.

Mas não achamos nós ser uma humilhação da parte de Deus, e da parte de Maria uma elevação que ultrapassa tôdas as nossas concepções, ao vermos escolher uma jovem virgem de catorze anos para fazer dela a sua Mãe, chamá-la sua Mãe, e obedecer-lhe em tudo qual filho?...

Jamais a anjo algum Deus disse como a Maria: Vós sois minha Mãe, vós me gerastes no tempo! Mandar-me-eis em qualidade de Mãe, e quero servir-vos e obedecer-vos como filho.

Nada mais me admira do que ver a Santíssima Virgem escutar estas palavras sem morrer de doçura, de terror e de confusão!

Mas o amor é mais forte que a morte, e só o amor a impede de morrer.

III

Os fundamentos

O fundamento de tudo consiste em Maria ser a Mãe de Deus: *Maria, de qua natus est Jesus.*

Ora, já compreendestes tudo o que há de inesgotável neste título?...

"Ser Mãe de Deus, diz o sábio Cornélio a Lápide, é ter concebido e gerado um Deus e ter-lhe dado juntamente com a natureza humana a sua própria substância, seu corpo, sua carne, seu sangue, é ter sôbre êle os direitos que uma mãe tem sôbre seu filho, e sôbre sua raça, é tê-lo submisso, como um filho, a tal ponto que êle a chame sua mãe, respeitando-a, honrando-a, amando-a, obedecendo-lhe, como a sua Mãe".

Pois bem! tudo isso existe entre Jesus e sua Mãe.

De ambas as partes vê-se o prodígio, diz S. Bernardo: "Deus obedece a uma mulher. Não é isto uma humildade sem par?

Uma mulher manda a Deus. Não é uma grandeza sem igual?".[12]

De fato, que união mais inefável que a da Mãe com o fruto de seu seio!...

E era esta união que existia entre Jesus e Maria.

O mesmo sangue circulava em Maria e em Jesus. Os seus corações batiam com as mesmas pulsações. O mesmo sôpro animava-os, com a mesma chama.

O que era verdade para tôdas as mães, era-o para Maria, de um modo muito mais intimo e mais absoluto, pois a virtude pela qual ela concebera era tão divina como o era o próprio fruto.

Segundo os Concílios de Éfeso e de Calcedônia, Maria é, verdadeira e rigorosamente falando, a Mãe de Deus, Mãe do Onipotente, que é o Verbo encarnado.

Evidentemente, Maria não deu a natureza divina ao seu Filho; Jesus recebeu-a do Pai, de quem foi gerado desde tôda a eternidade.

Jesus Cristo nasceu de Maria, depois de ter tomado nela, por operação do Espírito Santo, a natureza humana, que une com a sua divindade, numa única e mesma pessoa.

Ora, como Jesus Cristo é o verdadeiro Filho de Deus, e tendo sido Maria que o deu à luz, após ter tomado em seu seio a natureza humana, é-lhe devido o título de Mãe de Deus, e com direito.

E' que Jesus, o Verbo encarnado, não é senão uma única pessoa, que é Deus.

Logo, a mãe da pessoa é também a Mãe de Deus.

Portanto, a incomparável Virgem mereceu êste título, pois que nela se operou a inefável união do Verbo com a nossa humanidade, já que ela não concebeu a natureza humana, sem que esta natureza fôsse unida a uma pessoa, e esta pessoa era o Filho de Deus. Êste é o raciocínio de Suarez.[13]

---

12) Utrinque stupor, utrinque miraculum, et quod Deus feminae obtemperet: humilitas absque exemplo: et quod Deo femina principetur; sublimitas sine socia (Sermo 2 super Missus est).

13) In P. D. Thom. Q. 27. tom. 2, disp. I. Sect. I.

Provada esta grande e fundamental verdade, detenhamo-nos em alguns princípios teológicos, colhidos nos escritos dos santos teólogos, que abraçam e sustentam todo o mistério da maternidade divina.

Primeiro principio

O sangue puríssimo de Maria, que foi a matéria do precioso corpo de Jesus Cristo, assim como o leite com o qual ela o nutriu, e que foi mudado na substância do Salvador, foi unido hipostàticamente ao Verbo eterno.

"A carne de Jesus Cristo é a carne de Maria, diz Santo Agostinho, e dando-nos o seu corpo como alimento, e o seu sangue como bebida, êle nos deu o corpo, o sangue, o leite e a substância da Virgem Maria, convertidos em sua própria substância".[14]

O céu nos deu, dêste modo, o que há de mais sagrado; o alimento do Pai e do Espírito Santo, dos anjos e santos, o Verbo consubstancial; tudo isso, porém, tomou-o no seio da Virgem de Nazaré.

Que divina mistura!...

"Ai nós saboreamos, diz S. Bernardo, uma divina mistura suavemente deliciosa de Deus e do homem, da Virgem e da Mãe, da caridade divina e do coração humano".

Compete a cada um de nós contar, um dia, no céu, os efeitos desta mistura adorável...

E é a Maria que o devemos!

Segundo principio

Em conseqüência desta relação íntima entre Deus e a Virgem, existe, na pessoa da Imaculada, uma relação real de maternidade, que lhe dá o direito sôbre todos os bens de seu Filho, uma união tão estreita com Deus, Padre eterno dêste mesmo Filho, e uma aliança tão eminente com a augusta Trindade, que só Deus pode compreendê-la.

E' esta aliança que teremos de analisar e aprofundar nos dois capítulos; no terceiro motivo veremos "o poder

14) Caro enim Jesu caro est Mariae. Caro enim Christi, quamvis gloria resurrectionis fuerit magnificata, et potenti super omnes caelos ascensione glorificata eadem tamen caro mansit... et manet natura, quae suscepta est de Maria (S. Aug. vel auct. incerti: de Assumpt. B. Virg.).

da Santíssima Virgem", dimanando dêste modo diretamente de sua maternidade divina.

Terceiro principio

Depois da dignidade da união hipostática do Verbo, não há dignidade mais transcendente que a maternidade divina, porque, embora a dignidade de filho adotivo de Deus, pela graça santificante, em certo sentido, pareça preferível à maternidade corporal de Deus, segundo esta palavra do Salvador:

"Antes felizes aquêles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática" (Lc 11, 28), não é menos verdade que a graça da maternidade divina é de uma ordem totalmente diferente das outras graças, inteira e incomparàvelmente mais elevada, e que só foi até então comunicada a Maria.

Segundo autorizados autores[15], a maternidade divina era uma graça que santificava Maria de um modo especial no mundo das criaturas puras, como a graça de união fazia de Nosso Senhor, em sua humanidade, o verdadeiro Santo dos santos, mesmo independentemente da graça habitual da luz da glória.

E' uma criação à parte... é um mundo de maravilhas!

O que o homem é na ordem da natureza, o que Jesus Cristo é na ordem da glória... Maria o é na ordem da graça!

Ela é a maravilha e a Rainha desta ordem... sòmente ela forma um céu todo inteiro, como o diz S. João Crisóstomo: *Qua igitur Virgo Mater caelum.*

"A ordem que a Mãe de Deus constitui, ela só, deve estar entre a ordem de Deus por natureza e a ordem de Deus por participação...

Se Jesus é Deus por natureza, em sua pessoa divina, e se os santos e anjos são deuses por adopção, no sentido que participam da natureza de Deus, é preciso que Maria, ùnicamente ela, seja um deus por afinidade, pois que os laços que a unem a Deus, tornando-a Mãe de Deus, tocam os próprios confins da divindade.

Dêste modo, há três admiráveis plenitudes: Na primeira, adoramos um só Deus na natureza divina; na segunda, honramos com culto soberano uma só pessoa in-

15) Vega: Teol. Mariana.

criada, em duas naturezas; na terceira, veneramos com um culto inferior a única criatura humana que tenha com Deus relações de afinidade".[16]

Quarto princípio

Todo e qualquer estado de criaturas é finito e limitado. Mas o estado da maternidade divina é como que um infinito, por causa da união estreitíssima com uma pessoa puramente infinita.

"Esta união não é a união pessoal, diz S. Bernardo, mas aproxima-se tanto da divindade, que parece estar nela abismada e perdida, por sua união pessoal à carne de seu Filho, a qual é formada de sua própria carne".

Santo Tomás e outros escolásticos, com rigorosa exatidão, qualificam a maternidade de Maria, pela sua dignidade *simpliciter infinita* — simplesmente infinita, ou ainda, "quase infinita".

O soberano pontífice Pio IX, na sua bula *Ineffabilis Deus,* sôbre a imaculada Conceição, representa a mãe de Deus como um milagre inefável do Altíssimo e até o mais elevado — o cume de todos os milagres, porque esta gloriosa criatura "aproxima-se tanto de Deus, quanto possível, elevando-se acima de todos os louvores, de todos os anjos e santos".

Entretanto, citemos sôbre êste ponto um santo extremamente enamorado de Maria: São Boaventura.

E' êle quem nos dá a verdadeira medida e a última palavra desta infinita grandeza, não receando afirmar que a qualidade de Mãe de Deus é o último esfôrço da onipotência divina, e, por conseguinte, Maria é como que infinita, pois esgota, de certo modo, o poder de Deus.

E Sto. Tomás vem ainda confirmar êste sentimento, segundo a própria palavra do anjo, dizendo a Maria que a virtude do Altíssimo haveria de cobri-la com a sua sombra, e êle assim o explica:

"Cada pessoa tem a sua esfera, que é o têrmo ou a maior extensão de sua operação. Ora, a virtude é o último esfôrço de um poder qualquer. Dêste modo, o anjo, ao dizer que êste mistério seria a obra da "virtude do Altíssimo", nos faz entender que Deus ali operaria com tôda a fôrça, e eis por que diz a Santíssima Virgem: "com todo o seu braço — *fecit potentiam in brachio suo*".

16) P. Chardron, T. I.

Quinto princípio

E êste que nos dará o fundamento de tôda a glória da bem-aventurada Virgem, porque está estabelecido que sua maternidade seja a verdadeira raiz de tôda a felicidade de que ela goza.

Desde tôda a eternidade, com efeito, Maria foi predestinada a esta maternidade, e em conseqüência desta predestinação, ornou-a Deus de tantas virtudes, cumulou-a de tantas graças, porque queria mostrar o que podia nesta obra-prima, o que podia o seu poder sem limites, sua sabedoria sem medida, sua bondade sem igual, sua liberalidade sem restrições, sua caridade, justiça, aliadas à sua infinita misericórdia.

Eis, pois, os cinco princípios que dimanam da maternidade divina.

Meditemo-los e descobriremos nêles uma fonte inexaurível de grandeza, poder, beleza e amor.

Tudo o que diremos, a seguir, repousa sôbre estas verdades, a ponto que depois de cada privilégio de Maria, se por acaso se perguntasse qual a sua origem, poder-se-ia repetir esta palavra sublime e curta:

"Maria, de qua natus est Jesus — Maria é a Mãe de Jesus".

IV

União hipostática

Por mais ousada que pareça a expressão de que a grandeza de Maria participa da ordem hipostática, entretanto ela é rigorosamente exata.

Sua grandeza é verdadeiramente uma imitação, uma participação da perfeição divina.

Como acabamos de dizer, a união hipostática é uma participação à perfeição divina.

Ora, a perfeição divina comunica-se às criaturas de quatro modos, e cada modo constitui uma ordem diferente de perfeição.

A primeira ordem é a da *natureza,* sem dúvida a mais ínfima, mas que, entretanto, traz gravado em caracteres indeléveis o nome de Deus e reflete o poder de seu celeste autor.

A segunda ordem é a ordem da *graça,* que é uma participação à natureza divina.

A terceira ordem é a ordem da *glória,* complemento e remate da graça. E' a glória beatifica do céu, onde Deus se mostra a descoberto, *sicut est,* onde êle nos faz viver de sua vida, e nos inunda de sua felicidade.

A quarta ordem, enfim, e a mais perfeita, é a ordem *hipostática,* onde uma natureza criada é unida à divindade a tal ponto que as duas naturezas divina e humana encontram-se em uma pessoa, que é Deus, o que se realizou em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Aceito êste principio, pode-se dizer que a dignidade mais elevada para uma simples criatura é a que mais se aproxima desta união pessoal das duas naturezas, divina e humana.

Ora, há e pode haver uma dignidade mais aproximada da união hipostática das duas naturezas em Jesus Cristo, do que a maternidade divina de que é honrada a Santíssima Virgem?

Evidentemente, não.

A mãe deve estar na mesma ordem que o filho, e não pode existir uma pessoa mais próxima à ordem constituida pelo filho do que a mãe.

Pode-se, pois, dizer, sem receio, com Suarez: "A maternidade de Maria pertence à ordem da própria união hipostática, e possui com essa mesma ordem uma relação necessária"[17], "de tal sorte que a bem-aventurada Virgem não podia estar mais intimamente unida a Deus, sem parecer Deus".[18]

Aliás, é Maria que nos faz compreender esta insondável maravilha.

No momento em que, sob a inspiração do Espirito Santo, se abrem os seus lábios, de todos os mais dignos e mais capacitados a falar sôbre esta grandeza — quando seu coração exalava, no meio de suspiros ardentes, o "Cântico" que, de ora em diante, repetirão tôdas as gerações, como qualificará Maria a grandeza de sua elevação?

Ouçamo-la: *Fecit mihi magna qui potens est.* — O *Todo-poderoso* operou *grandes coisas* em mim".

Não são simplesmente *grandes coisas,* sòmente para ela; são-no também para aquêle que tudo pode.

17) De Inc. q. 27, a. I, s. I, 52.
18) S. Alb. Magno.

Por que, então, Maria não se esforça por fazer compreender ao mundo estas grandes coisas? — Por que?

Porque nenhuma língua humana é capaz disto, devido à sua grandeza inexplicável.

Non explicat quaenam haec magna fuerint, quia inexplicabilia.[19]

Não é temeridade dizer que a própria Maria Santíssima não pôde compreender tôda a extensão de sua grandeza, pois que para isso ela deveria compreender perfeitamente Deus, que é o seu objeto, e Deus é incompreensível a tôda a inteligência criada.

Só a adorável Trindade conhece a suprema grandeza da maternidade divina, pois sòmente aquêle que fêz uma obra compreende a sua excelência, porque só êle conhece o grau de perfeição de que a quis cumular.

A grande dignidade de Mãe de Deus é de tal modo elevada acima de tudo o criado, e está tão próximo de Deus, que Santo Agostinho disse: "Aquela que pôde conter um abismo de tal grandeza, não o poderia explicar".

"Ser Mãe de Deus, acrescenta São Bernardo, é uma graça tão grande, que Deus não pode torná-la maior.

Êle pode fazer maiores o mundo e os céus, mas não pode tornar maior a dignidade de sua Mãe".[20]

Ipsa est qua majorem facere Deus non potest. Majorem mundum potest facere Deus, majus caelum, majorem matrem quam matrem Dei non potest facere.

Compreendemos que Deus teria podido fazer a Santíssima Virgem maior e mais perfeita em seu poder natural de criatura, e até em seu ser sobrenatural pelas graças com que a cumulou, pois que a sua onipotência é ilimitada; porém, apesar dêste poder, é-lhe impossível fazer maior e mais nobre a sua dignidade de Mãe de Deus. Porque, com efeito, para ser uma mãe maior, seria preciso que ela tivesse um filho maior e mais perfeito.

Ora, isto é impossível, pois o seu Filho é Deus.

Portanto, ela não podia adquirir uma dignidade mais elevada, nem mais próxima de Deus.

Logo, concluamos que a dignidade de Mãe de Deus, embora tenha limites, considerada sob o aspecto do ser que a recebe, pois que por sua natureza ela não é infinita, é infinita quanto ao seu *objeto*, que é Jesus Cristo Filho de Deus, feito homem.

---

19) Novarim Umbra Virg. Curs. 14. 20) Spec. B. V. lec. 10.

Portanto, a grandeza da maternidade divina é infinita tomada debaixo dêste aspecto, fazendo a Virgem-Mãe entrar na ordem da união hipostática.

E' sob êste ponto de vista que Maria é o cume altaneiro de nossa fé, o laço que nos liga a Deus e a coroação da dignidade humana, e de umas tantas coisas expressas neste título, que é rigorosamente exato: *"a divina Virgem Maria"*.

V

A maternidade espiritual

Após têrmos falado desta elevação da Santíssima Virgem, parecer-nos-ia têrmos já alcançado o último grau da perfeição, não podendo mais atribuir a Maria privilégios maiores e mais gloriosos.

De fato, tudo o que precede está de tal modo acima de nossas concepções, que dificilmente acreditamos haver uma glória superior.

Sem nada diminuirmos, entretanto, de tudo o que dissemos, todavia digamos, que há alguma coisa mais gloriosa ainda para a Santíssima Virgem, do que o seu título de Mãe do Verbo encarnado.

Em Maria devemos distinguir, com efeito, a maternidade *corporal* e a maternidade *espiritual,* e tudo o que dissemos precedentemente se refere à maternidade corporal.

Que sublime elevação!...

Que fonte de glórias para Maria!...

Entretanto, no dizer dos teólogos, mais gloriosa ainda é sua maternidade espiritual.[21]

Esta asserção funda-se sôbre a doutrina dos santos e sôbre as próprias palavras de Nosso Senhor.

"Materna propinquitas nihil Mariae profuisset nisi felicius Christum corde quam carne gestasset".[22] "Seria pouco para Maria, diz Santo Agostinho, ter ela sido Mãe de Deus, segundo a carne, se ela não o tivesse sido primeiramente segundo o espírito".

Diz Bossuet[23]: "Há uma diferença notável entre Maria e as outras mães.

21) Cfr. P. Binet: Le chef d'oeuvre de Dieu, cap. IX.

22) S. Ag. Lib. de S. Virgine cap. III. Diz ainda: Beatior ergo Maria percipiendo fidem Christi, quam concipiendo carnem Christi.

23) I Serm. s. la Nativité de la Sainte Vierge.

Maria tem algo de particular que a distingue de tôdas as outras mães, pois concebeu seu Filho pelo espírito, antes de concebê-lo em suas entranhas.

E de que modo se fèz isto?

Verdade é que não foi a natureza que nela formou primeiramente êste divino Infante. Segundo a doutrina constante de todos os santos Padres, ela o concebeu pela fé e pela obediência, e isto funda-se claramente sôbre uma passagem da Escritura.

Isabel, saudando humildemente a Maria, como a Mãe de seu Senhor, exclama imediatamente, em transportes e êxtases:

"Feliz sois vós, porque crêstes!" E' como se quisesse dizer: E' verdade que vós sois Mãe, mas é vossa fé que vos torna fecunda.

Daí todos os santos concluíram, unânimes, que ela concebeu seu Filho no espírito, antes de concebê-lo em seu corpo: *Prius concepit mente quam corpore.*[24]

Santo Ildefonso diz, em seu primeiro sermão sôbre a natividade da Santíssima Virgem:

"Maria era repleta de fé, a fim de conceber Jesus Cristo em seu espírito antes de o trazer em seu corpo".[25]

Mas por que foi que Maria concebeu primeiramente no espírito, antes de concebê-lo na carne?

S. Justino, mártir, nos dá a razão:

"Porque, diz êle, ela obtém uma por causa do outro".[26] E continua: "E' porque Maria é escolhida para levar em seu seio virginal a Cristo, porque primeiro já o tinha trazido em seu coração pela pureza de sua alma. Dêste modo, a sua maternidade espiritual data de sua concepção".[27]

"Penso, diz Suarez, depois de S. Justino, que a bem-aventurada Virgem foi mais feliz, por causa das virtudes que a tornaram digna da maternidade divina do que por causa da própria dignidade de Mãe de Deus".[28]

Terminemos estas citações pela sentença do próprio Nosso Senhor:

---

24) S. Aug. 215, n. 4. S. Leo in Nativ. Dom. Sermo I, cap. I.

25) Maria fidei gravida, prius ut Christum mente quam ventre conciperet.

26) Quia nimirum hanc propter illam obtinuit.

27) S. Just. Quaestio 136 ad Orthodoxos.

28) Suarez in 3 p. D. Thom. q. 7, tom. 2, disp. I, s. 2.

"Uma mulher, elevando a voz do meio do povo, lhe diz: *Feliz o seio que vos gerou e os peitos que vos amamentaram.*

Mulher, replica Jesus, antes felizes aquêles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática" (Lc 11, 27).

Reduzida a êstes têrmos, dizem os teólogos, a questão resolve-se por si mesma.

Maria, Mãe de Deus! dignidade sôbre-humana.

Maria, por suas virtudes, digna Mãe de Deus! dignidade verdadeiramente divina.

Maria é maior por suas virtudes do que por sua dignidade de Mãe de Deus.

A razão podemos compreendê-la fàcilmente.

São Justino acaba de no-la dizer: Maria não é Mãe de Deus senão por causa de suas virtudes, *hanc propter illam obtinuit.*

Que horizontes se abrem aqui à nossa piedade e às nossas meditações!...

Foi a virtude que gerou o Filho de Deus no seio da Virgem imaculada — é a sua fé e sua humildade que o geraram!...

A fé, diz o apóstolo São Paulo, *faz habitar Jesus Cristo em nossos corações*[29] e podemos, com tôda verdade, dizer, ajunta o Pe. Binet, que cada virtude, sendo como uma virgem do céu, concebe e gera a Deus em nossas almas.

"Eis que uma virgem conceberá; que digo: uma virgem? — Eis que a fé-virgem, que a esperança-virgem — que a caridade-virgem — que a pureza, a humildade e a obediência virgens, enfim, cada virtude praticada pela Virgem-Mãe concebeu, gerou e nutriu o Filho de Deus em sua alma.

E isto não foi sòmente uma vez, o que já seria bastante para elevar muito a maternidade espiritual de Maria, pois ela possuia tôdas as virtudes; mas tôdas as vêzes que esta virgem sagrada crê, deseja, ama e obedece, também concebe o Verbo eterno em sua alma: *Quoties obedit toties mater,* dizem os santos Padres".[30]

E' a ela, pois, que cabe a honra de apresentar-se diante do Rei, acompanhada de um inumerável cortêjo de virgens, fecundadas por mil atos excelentes, produzi-

29) Christum habitare per fidem in cordibus vestris (Ef 3, 17).
30) P. Binet: Op. cit.

dos pelo Espírito Santo e sendo verdadeiramente mães do nosso Criador e Redentor.[31]

Poder-se-á objetar que esta maternidade espiritual, que faz nascer Deus em nossos corações, é comum a tôdas as almas puras!

E' verdade, e isto é o que mais nos deve estimular à virtude; mas, apesar disso, é um privilégio de Maria, por causa da excelência e da sublimidade de tôdas as suas virtudes.

Com efeito, que relação podemos estabelecer entre as virtudes da Virgem imaculada e as dos maiores santos?

Maria ultrapassa-os com todo o pêso da plenitude das graças com que Deus a cumulou. E é isto o que tanto eleva Maria na hierarquia da santidade, assim como o seu título de Mãe de Deus a coloca na hierarquia da dignidade e da honra.

Desde tôda a eternidade o Padre Eterno gerou o seu Verbo, e gera-o incessantemente, conhecendo-se e contemplando-se.

E' sempre com a mesma verdade que êle repete estas grandes palavras: Sois meu Filho, eu hoje vos gerei (Sl 2, 7).

De certo modo, a Virgem Mãe imita a Divindade.

Segundo o pensamento de Santo Ambrósio, a Virgem exercia constantemente atos desta fé vivíssima que fazia habitar Jesus Cristo em seu coração, e atos desta caridade seráfica que atraía a augusta Trindade a seu seio.

Que paraíso devia ser a alma desta Virgem incomparável!...

Quantas divinas maternidades!... Quantas relações desta Virgem santa, pura e fecunda, com o Padre, o Filho e o Espírito Santo.

Um espelho reflete tantas vêzes o sol, quantas são as suas faces; a alma de Maria tantas vêzes representa Deus, quantas virtudes possui, e quantas vêzes multiplica os seus atos.

Vêde como nela cada virtude atrai e retém Deus em seu seio e o representa tão vivamente, que êle parece estar presente de mil modos nesta alma virginal.

O' Virgem, luz de nossos olhos, amor e deslumbramento de nossos corações!

---

31) Adducentur Regi Virgines post eam, proximae ejus afferentur tibi (Sl 44, 15).

Nós não vos amamos como o devemos e como vós o mereceis.

Pudéssemos nós fazer um milagre, amando-vos acima de nossas fôrças, e tornando-vos possível o que é impossível à nossa fraqueza.

Assim se nos apresenta a Virgem imaculada, Mãe de Deus, segundo a carne e mais ainda Mãe de Deus pela virtude.

Reuni agora estas duas maternidades e tereis o ponto mais elevado da grandeza a que possa chegar uma simples criatura, tereis uma digna "Mãe de Deus".

Uma digna Mãe de Deus! — eis o resumo de tôdas as grandezas de Maria.

No capitulo seguinte desenvolveremos a conclusão que os santos tiraram desta grandeza. — Conclusão, que êles chamaram uma "terceira maternidade", tal é a conexão que tem com as precedentes, e pondo assim em plena luz o papel benfazejo da Mãe de Deus.

VI

A tríplice maternidade

A vista desta glória inaudita e desta incomparável grandeza da Virgem imaculada, o Pe. Binet exclama, maravilhado: Quem me poderia fazer crer que é impossível manifestar as grandezas da Rainha do céu?

Eu sustento, com Santo Anselmo, que podemos exprimir em uma só palavra tudo o que podemos dizer.

"Que quereis que vos diga de Maria Santíssima, após vos haver dito que é "Mãe de Deus", sobretudo se compreendeis esta palavra em tôda a sua acepção, reconhecendo, com S. Justino, que Maria é maior ainda por sua maternidade espiritual do que o é por sua maternidade corporal?

Sendo Mãe de Deus, segundo a carne, Maria é elevada em *dignidade* e em *honra,* acima de todo o paraíso; sendo Mãe de Deus, segundo o espírito, ela é elevada, em *graça* e em *glória,* acima de tôdas as criaturas.

A maternidade corporal é uma *honra* quase infinita que Maria recebeu de Deus; a maternidade espiritual é um *mérito pessoal* quase sem limites, que ela adquiriu por seus esforços e auxiliada pela graça de Deus.

Ora, dizei-nos agora o que é mais glorioso: receber uma honra, ou merecê-la.

Por grande que seja a maternidade corporal, não estabelece ainda, com rigor, em nossa Senhora, senão uma relação de mãe e filho; mas é a maternidade espiritual que lhe confere uma relação com Deus, enquanto Deus.

Dizei-me agora: qual destas duas relações é preferível?

Esta maternidade segundo o espírito é tão preciosa diante de Deus, que era condição simples e puramente necessária, que deveria possuir aquela que Deus Filho determinara escolher por Mãe.

Eu vos saúdo, ó cheia de graça! Não vêdes vós como sua alma já está repleta de graça e de santidade!

O Senhor é convosco! Ela já é sua Mãe... e êle está em sua alma... ela é sua irmã, sua amiga, sua espôsa e a íntima de seu coração.

O Espírito Santo descerá sôbre vós! Gabriel, o que significa esta palavra? perguntam São Boaventura e São Bernardo.

Se êle já está em Maria, como deverá vir ainda? Se deve vir, como já está aí? Que mistério é êste?

Isto não é uma e mesma coisa.

Antes de conceber o Verbo incriado nos lírios imaculados de sua virgindade corporal, Maria já o tinha concebido nas rosas de sua virgindade d'alma.

Eis como o Deus, que já está em Maria, virá a Maria: "Dar-se-á àquela que tem, e ela estará na abundância: *Habenti dabitur, et abundabit* (Mt 25, 29).

Eis, portanto, em resumo, a dignidade, a honra, a graça e a glória da Mãe de Deus.

Dignidade e honra, provenientes de sua *maternidade corporal.*

Graça e glória, provenientes de sua *maternidade espiritual.*

A primeira maternidade é a felicidade do mundo. A segunda o é para ela mesma.

E as duas maternidades reunidas são o tesouro de seu coração.

Mas é preciso tirar a conclusão desta maternidade divina, conseqüência tão gloriosa para Maria, como é consoladora para nós.

Alguns autores chamaram esta conseqüência uma terceira maternidade de Maria: maternidade que consistiria em fazer nascer Jesus Cristo em nossos corações.

Penetremos neste novo abismo.

Primeiramente, comecemos por uma comparação ingênua e tocante. E' citada pelo piedoso autor do *Chef d'oeuvre de Dieu.*[32]

"A abelha, diz êle, após ter sugado o mel das flores, acumulado a penugem dos frutos e colhido creme das menores e mais delicadas flores, faz nascer, no meio dêste pequeno e odorífero conjunto, uma nova abelha, que se lhe assemelha como uma gôta de água à outra.

Depois de nossa boa e soberana Mãe ter colhido nos jardins do céu mil flores eternas, virtudes de tôda espécie, ajuntando-as nos corações bons e nas belas almas, que ela honra com seu amor, aí, no meio destas belas flores, faz nascer o pequeno Jesus".

Eis o papel da Virgem, como Mãe de Deus.

Examinemo-lo de perto.

Não é próprio das mães darem à luz os seus filhos e os nutrirem continuamente?

Podeis, pois, dizer que a Santíssima Virgem, Mãe das mães, nada mais ardentemente deseja do que gerar seu Filho Jesus, nas almas que êle purificou e resgatou com o seu sangue...

Ela ansia sempre por dar à luz e introduzir Jesus Cristo em nós, para exercer de modo infinito sua divina e inefável maternidade.

"O dardo feliz, exclama São Gregório de Nissa, falando do amor divino, lançado vivamente em nossos corações, nêles introduz também o archeiro eterno".

A Virgem-Mãe é flecha dourada que Deus Padre lança nos coraçeõs dos predestinados. Êste dardo amoroso não voa, sem levar consigo o atirador celeste, o seu divino Filho, Jesus.

Seu divino Filho pertence-lhe, é certo, mas ela sabe também que esta *criança nasceu para nós e que êste Filho nos foi dado.*[33]

"Se alguém me ama, meu Pai o amará, e nós iremos a êle, e nêle faremos morada"... Por que não poderia igualmente dizer: "Minha Mãe o amará, e ela e eu habitaremos em seu coração"?

Era função de Maria e José conduzir o menino Jesus ao templo.

---

32) P. Binet, cap. 10.

33) Parvulus natus est nobis et filius datus est nobis (Is 9, 6).

Nossos corações são templos de Deus, e é nos nossos corações que ela conduz o seu Filho Jesus; é em nossos corações que ela o dá à luz, como se êsses corações, que lhe são consagrados, fôssem outras tantas Belém.

Eis a combinação desta maternidade corporal e espiritual de Maria.

Pela primeira, ela se aproxima de Deus.

Pela segunda, ela é possuidora de Deus.

Pela terceira, ela nos dá Deus.

Êste terceiro aspecto da maternidade divina de Maria foi particularmente assinalado e elucidado pelo bem-aventurado de Montfort.

E' certo, diz êle, em seu *Tratado da Verdadeira Devoção,* que Jesus Cristo é, verdadeiramente, em particular para cada homem que o possui, o fruto da obra de Maria, como o é para todo o mundo em geral, de modo que, se alguma alma forma Jesus Cristo em seu coração, pode dizer com ousadia: "Agradeço a Maria; tudo o que possuo é efeito seu e seu fruto, e sem ela eu nada teria".

E em suas cartas sôbre a santa escravidão, êle dá a razão dêste papel de Maria.

"O Espírito Santo, diz êle, tendo esposado Maria, e tendo produzido nela, por ela e dela esta obra-prima, que é Jesus Cristo, Verbo encarnado, e como êle nunca a repudiou, continua ainda a produzir todos os dias, nela e por ela, todos os predestinados, de um modo misterioso, mas verdadeiro".

E ainda: "Aquêle que quiser ser membro de Jesus Cristo, deve ser formado em Maria, por meio da graça que nela reside em plenitude, para ser comunicada aos verdadeiros membros de Jesus Cristo e aos seus verdadeiros filhos".

Oh! que doce e consolador pensamento!

Concentremo-nos sôbre Maria, Mãe de Deus, que é a obra-prima da grandeza e da dignidade.

Maria, Mãe de Deus, por sua virtude, é nosso *modêlo* e nosso ideal.

Maria, Mãe de Deus, gerando seu Filho em nossos corações, é nossa *doçura,* nossa vida e nossa esperança.

Abramos-lhe, pois, nossos corações, para que ela faça aí nascer e crescer Jesus, a fim de que possamos realmente dizer: "Não sou mais eu que vive, mas é Jesus Cristo que vive em mim".

VII

A intermediária

Por sua maternidade divina, Maria tornou-se realmente a intermediária entre Deus e os homens.

Por ela tudo nos veio de Deus, e tudo deve, por ela, tornar a Deus.

Deus havia decretado dar-nos seu Filho. Mas como no-lo daria êle?

De vários modos.

"De vários modos, diz S. Francisco de Sales, podia Deus formar a humanidade de seu Filho: podia, por exemplo, criá-lo do nada, não sòmente quanto à alma, mas também quanto ao corpo, ou então formar seu corpo de qualquer argila prejacente, como fêz o de Adão e Eva.

Êle determinou, entretanto, que isso se faria por geração extraordinária, e elegeu a Santissima Virgem, por intermédio da qual o Salvador de nossas almas devia ser, não sòmente homem, mas filho do gênero humano".[34]

Por intermédio de Maria, portanto, Deus nos fará seu grande dom.

Quais poderiam ser as razões desta mediação? E' o que vamos considerar aqui.

A êsse respeito, dão-nos os santos padres e doutôres cinco razões, tão graciosas quão sólidas. Exponhamo-las brevemente.

Primeira razão

Deus quis mostrar-se fiel à lei de fecundidade por êle estabelecida nos primórdios da humanidade.

Esta lei, chamada pelos filósofos a "lei do germe", porque na terra tudo começa por um germe, é, com efeito, a lei característica da terra.

Eis por que, fiel a esta lei, o Deus de tôda a sabedoria dispôs que o seu Filho haveria de passar por tôdas as fases da fecundidade: *germe, progresso e fruto,* e Maria ali estaria, para nos dar o belo fruto do céu e da terra.

Aliás, não é isto o que os nossos pais haviam pedido com tanta insistência?

"Céus, enviai-nos do alto o vosso orvalho e que as nuvens façam chover o Justo; abra-se a terra e germine o Salvador!" (Is 45, 8).

---

34) Tratado do amor de Deus, T. II, cap. IV.

O Redentor foi, pois, aquêle "germe" pedido. Mas tôda germinação termina pelo fruto.

"Nossa terra dará seu fruto" (Sl 84, 13), cantava o profeta-rei. E a terra deu seu fruto, mas o deu por Maria. Maria é a árvore que produziu êste fruto divino.

Jamais árvore alguma, dizem os santos, inclinou seus ramos com mais graça do que Maria se inclina para nós, a fim de nos dar o fruto divino, que nela germinou e cresceu.

Segunda razão

A escolha de Maria, como intermediária dos dons de Deus, vem honrar os dois sexos da família humana.

O estado de inferioridade da mulher havia sido uma das coisas mais lamentáveis dos séculos anteriores; mas, fazendo-se homem, por intermédio de uma mãe, o Filho de Deus enobrece os dois sexos.

Êle tomou um, diz admiràvelmente Santo Agostinho, mas *tomou-o do outro*.[35]

Que conveniências e que delicadezas, quanta justiça, beleza e amor advieram ao mundo novo que se prepara, ao aparecer a eqüidade eterna, sob os traços de Jesus e Maria![36]

Terceira razão

Após o pecado, o mundo tinha mêdo de Deus.

No paraíso terrestre, Adão tinha dito: "Ouvi a vossa voz e tive mêdo"; dêste modo, pairava sôbre o mundo como que um mêdo geral da Divindade.

Ora, Deus queria o amor e não o temor. Como dissipar êste mêdo?

A promessa de um Redentor aproxima muito a humanidade de seu Criador, mas não exclui o mêdo.

Venha, pois, o Messias; desça do seio de seu Pai, revestido de corpo e carne; venha na idade do homem forte, cercado de majestade e de poder...

Em vez de atrair os corações, êle lhes inspira o terror e o mêdo; testemunham-no o terror do povo judaico ao pé do Sinai.

Oh! não é isto o que se precisa para ganhar os corações e sossegar o homem aterrorizado.

---

35) De fide et symb., cap. IV.
36) Ch. J. Lémann: Op. cit. Segunda parte, cap. I.

Mas vem Maria e tudo muda. Por ela, Jesus é o dom de Deus, e não há quem tenha mêdo de uma criança: *Um menino nos foi dado* (Is 9, 6).

Poder-se-ia ter mêdo de ir à manjedoura? Por ventura temeram os pastôres ao contemplar Jesus e ao acariciá-lo nos braços de sua bem-aventurada Mãe, que lho apresentava?

"O' homem, exclama São Bernardo, por que então terias mêdo?... Os vagidos da criança só nos inspiram compaixão e nenhum temor".

Oh! como Deus encontrou um meio maravilhoso de dar o dom que era o seu atraente Filho: "A divindade esforçou-se o mais possível para tornar-se acessível ao homem, diz admiràvelmente o Pe. Lémann, e Maria é o grande meio pelo qual pôde alcançar o seu intento".

Quarta razão

Esta razão é tão profunda quão deliciosa: era preciso uma mãe na religião.

Deus conhecia o coração do homem, e sabia que a sua alma se abre ao beijo de uma mãe, e que a impressão mais duradoura e profunda do seu coração é a lembrança de sua mãe.

Êle tomará, pois, o homem pelo lado fraco de sua natureza, e, como sempre acontece, êle transformará a natureza pela graça; dá-lhe, portanto, uma mãe na ordem sobrenatural, como êle a deu na ordem natural.

A religião pode ser definida: um movimento sublime pelo qual Deus se inclina até ao homem, e o homem se eleva até Deus: Deus, para socorrer, e o homem para implorar...

Primeiramente, Deus deixa o céu e vem para nos ensinar a subir até êle.

E como poderia êle vir? Por meio de uma mãe.

Sendo assim, o intermédio desta mãe não é menos necessário para que o homem, por sua vez, se levante e suba até Deus.

Oh! como são dignos de compaixão aquêles que desejam chegar até Deus, sem passar por Maria!...

Fàcilmente compreendemos isto.

Quanto não teria a sofrer, ou, melhor: quanto não padece uma criança — pois há dêstes sêres deserdados — que não possui mais mãe, e, portanto, deve crescer,

desenvolver-se, viver no meio do mundo... sem o coração de uma mãe!... Quantas privações! Quantos reveses! Quantos padecimentos!...

Do mesmo modo, quantos gemidos haveria no mundo se fôssemos obrigados a ir a Deus sem Maria! Enquanto que, perto dela, tudo se apazigua, reconforta e se encoraja, pois que não mais tememos ir a Deus, como nosso Pai, desde que somos acompanhados de uma mãe.

Meu Deus, exclama um piedoso autor, quanto fizestes bem, para nos animar a ir a vós, ao colocar Maria no meio do caminho que conduz à vossa Divindade!...

Quinta razão

Deus queria reparar o mal pelo mesmo modo pelo qual havia sido ocasionado!...

Foi pela mulher que o pecado entrou no mundo; igualmente, no Calvário, é ainda pela mulher que o Redentor opera a reparação.

Eva nos havia apresentado o fruto da morte; Maria nos apresentará o fruto da vida.

De Eva vieram as lágrimas; de Maria virá o inefável sorriso dos céus.

De Eva veio a decepção; de Maria, as inenarráveis surprêsas!

Eva nos separou de Deus; Maria fará a nossa íntima união com êle.

Quão admirável é o plano divino!...

Como são tocantes, simples e elevadas ao mesmo tempo as diversas razões da escolha de Maria para apresentar Jesus ao mundo!...

Alegremo-nos novamente. Jesus virá a êste mundo: criancinha frágil, para tornar-se acessível a todos.

Os mais incapazes e obscuros, como os mais capazes, poderão, sem o menor obstáculo, aproximar-se dêle, expor-lhe as suas misérias e necessidades.

Será esmagada a cabeça da serpente, e a queda do Eden será expiada por uma esplêndida reparação, e nós somos devedores de tudo isto, depois de Jesus, a Maria, à sua doce e admirável resposta: "Faça-se em mim segundo a vossa palavra".

Dêste modo, nós somos os *obrigados* de Maria! *Obrigado,* segundo a sua etimologia latina, significa: *Ligado — obligatus.*

Somos ligados a Maria, por causa de Jesus; e quantos laços de união, quantos motivos de pagamento!...

Oh! laços sagrados, não vos rompais nunca em mim!

E se sois ainda os laços de união do querido leitor, submetei-o para sempre ao vosso jugo, e que êle se curve para sempre ao jugo desta amável e reconfortante dependência!...

VIII

Os cimos

Tudo o que acabamos de dizer, sôbre a incomparável elevação da Mãe de Deus, permitiu que entrevíssemos o cume inefável, onde Deus colocou a Virgem imaculada.

Com efeito, como já dissemos ao começar êste capítulo, e como o provarão ainda os dois capítulos seguintes, a maternidade divina da Virgem é o pedestal e a fonte de tôdas as suas demais prerrogativas.

Assim como por sua união hipostática, a humanidade de Jesus é inseparàvelmente unida a Deus, assim Maria, por sua união a Jesus Cristo, recebe todos os dons divinos no grau supremo.

E é desta união que dimana tudo o que vamos estudar, a saber: o seu poder, a beleza, sua bondade e sua misericórdia.

"Uma mulher, diz S. Bernardo, conceber e dar à luz um Deus — eis o maior dos milagres, porque foi preciso, se assim se pode exprimir, que por uma infinidade de perfeições e de graças esta mulher fôsse elevada a uma espécie de igualdade divina, igualdade esta que nunca criatura até então havia recebido.

Assim, nem o espírito humano, nem sequer a inteligência angélica puderam jamais penetrar no abismo insondável de tôdas as graças que a bem-aventurada Virgem recebeu do Espírito Santo na hora da conceição divina".

Antes de penetrarmos na família divina, para ali admirarmos algumas das relações que unem Maria Santíssima à adorável Trindade, fixemos ainda nosso olhar sôbre a humilde Virgem, e experimentemos entrever algumas coisas do sublime cume de suas grandezas, a fim de que, neste ponto elevado, nos sintamos mais próximos de Deus, e mais dispostos a ver seus adoráveis desígnios sôbre a Virgem, sua Mãe.

A que altura a maternidade divina não eleva Maria!... Escutemos os padres e doutôres.

"Entre tôdas as dignidades de que pode ser revestida, a mais elevada e a mais sublime é a dignidade de Mãe de Deus, diz S. Bernardino de Sena: *Status maternitatis Dei erat summus status qui purae creaturae dari posset*". — E Santo Alberto Magno: *"Deus virgini summum donum donavit, cujus purae creaturae capax fuit"*. Deus revestiu Nossa Senhora da mais alta dignidade de que é capaz uma simples criatura.

"Maria, Mãe de Deus! E' a maravilha dos séculos, diz Cornélio a Lápide, é a admiração da natureza e o prodígio do universo! O' milagre novo e desconhecido: Uma mulher é Mãe de Deus! Êste grande Deus não se desonra tornando-se filho de Maria, e Maria não é consumida pelos raios da majestade divina".

"Maria, Mãe de Deus! — diz por sua vez S. Bernardino, que mistério insondável! Em verdade, a honra inconcebível de ter um Deus por Filho não pertence senão à pessoa divina do Pai, e a uma pessoa humana, que é Maria Santíssima".

E' o que fêz dizer a Santo Ambrósio: "A Virgem concebeu e o Verbo se fêz carne; de modo que a carne se tornou Deus".

"Sim, diz igualmente Santo Agostinho, o efeito desta encarnação foi tal, que o homem se viu, por Jesus Cristo, elevado até Deus, e que Deus, neste mesmo Jesus Cristo, se viu reduzido à forma de um homem".

E êste prodígio inefável, esta união que nunca se pode exaltar bastante, realiza-se no seio de uma humilde virgem, ignorada do mundo!

Inaugurou-se uma nova dignidade desconhecida no céu e na terra: a inconcebível dignidade de Mãe de Deus.

"Dizer que a Santíssima Virgem é Mãe de Deus, diz Sto. Anselmo, eis o que ultrapassa a tudo o que se pode dizer e conceber depois de Deus"[37]

"Com efeito, o que procurar além? pergunta Sto. Tomás de Vilanova.

Dai, pois, rédeas à vossa imaginação, deixai-a correr à procura de tôdas as perfeições, a que possamos aspirar, traçai em vós mesmo o retrato da Virgem mais pura,

37) De excellent. B. Virg., cap. II.

mais amável, mais modesta, mais doce, mais rica em virtudes, mais amada de Deus, quanto vos fôr possível representar, aumentai, duplicai, centuplicai tôdas estas qualidades.

Quantum potes, tantum auge;

Quantum vales, tantum adde...

...Pois bem! a Virgem Maria ainda está acima de tudo isso. Ela é mais excelente, mais perfeita do que tudo o que vosso espírito poderia imaginar".[38]

"Que criatura, pergunta também S. Pedro Damião, pode ser comparada a Maria?

Dai vôo aos vossos pensamentos, percorrei a escala dos mais elevados serafins do céu, e reconhecereis que êstes espíritos tão excelentemente privilegiados ainda estão muito abaixo da Santíssima Virgem, que não é sobrepujada a não ser pelo seu Criador".[39]

Eis por que a Igreja saúda Maria com as invocações: "Rainha dos anjos" e "Soberana dos céus".

Escutemos ainda os brados de admiração de S. Tarásio, à vista desta maravilha: "Quem não se extasiaria diante de tão grande prodígio? — exclama êle. Quem poderia conter seus transportes? Quem, finalmente, não se abismaria em profundo respeito, em presença do prodígio inaudito da divina maternidade de Maria Santíssima?...

O' Virgem augusta, como vos haverei de saudar?...

Chamar-vos-ei céu? — Mas vós encerrais em vosso seio virginal aquêle que o céu e a terra não podem conter.

Assemelhar-vos-ei ao sol? — Mais radiante que êste belo astro, vós concebestes o sol de justiça.

Irei eu procurar vossa imagem na graciosa beleza da lua? — Mas vossos encantos arrebatadores só se empalidecem diante dos esplendores de vosso divino Filho...[40]

Diante de tal abismo de grandeza, turva-se o olhar do homem; sua inteligência padece vertigem... E' que êle está em presença de uma luz que ofusca o seu olhar e que o deslumbram... e êle deve, afinal, exclamar com S. Pedro Damião:

---

38) Sermo 2 de Nat. B. Virg. 39) Sermo de Nativ. B. Virg.
40) S. Tarasius. De praesent. B. Virg.

"Cale-se a criatura e permaneça em santo tremor, ousando apenas lançar os olhos sôbre tão imensa dignidade".

Imensa!... e mais ainda do que isso!... Ela é, de certo modo, infinita.

"O Altíssimo não esgotou o seu poder na criação; entretanto, observa Sto. Tomás, há três coisas que êle não teria podido fazer mais perfeitas: 1. a *humanidade* de Jesus Cristo, por causa de sua união com a divindade; 2. a *beatitude celeste,* porque ela é o gôzo do próprio Deus, e, finalmente, a bem-aventurada *Virgem Maria,* porque ela é a Mãe de Deus.

Estas três coisas são uma dignidade de certo modo infinita, porque possuem um bem infinito, que é Deus, e não pode haver nada maior do que Deus".[41]

S. João Damasceno afirma: "Maria Santíssima ultrapassou todos os coros dos anjos, para chegar até ao lado de seu Filho, no mais alto dos céus, de tal modo que não há meio entre o Filho e a Mãe".[42]

De certo modo, êles estão na mesma ordem: ora, a sublimidade da ordem indica, no céu, o grau de santidade e de grandeza.

E' o que fêz dizer a Santo Anselmo de Luca que Maria era "um raio da Divindade", e Echbert, que ela é a imagem mais perfeita do verdadeiro sol, que é Jesus Cristo.

Depois disto, que nos resta, pois, a fazer senão aproximar o trono de Maria do trono do próprio Deus e colocá-lo imediatamente abaixo do Senhor?

Santo Efrém, um dos mais eloqüentes intérpretes da antiga crença, diz: "Maria é nossa Soberana, depois da Trindade; nossa consolação, depois do Espírito Santo; e, depois de nosso Medianeiro, a medianeira de todo o universo, incomparàvelmente mais elevada e infinitamente mais gloriosa que os querubins e os serafins; um abismo insondável da bondade divina, a plenitude das graças da Trindade, como que ocupando o segundo lugar com a Divindade".

Esta é a linguagem dos santos Padres da Igreja e dos santos!...

---

41) Sto. Tomaz. Spec. V. Virg. lectio 10.
42) Orat. de Dormit. Deiparae.

Terminemos êste capítulo com a bela aclamação de Santo Afonso de Ligório:

O' augusta Rainha e Senhora dos céus, gozai, durante mil eternidades, de vossa sublime elevação, de vossas imensas prerrogativas e de vossa gloriosa felicidade.

Eu vos suplico sòmente, ó terna Mãe, que não vos esqueçais de nós, que nos julgamos felizes em ser vossos servos e filhos.

E já que todos os dons e tôdas as graças são depositadas em vossas mãos, fazei que nós, vossos devotados servos, sejamos incomparàvelmente mais dotados do que todos os outros homens.

Sim, saiba o universo que aos filhos queridos de Maria está reservado o melhor quinhão no céu e sôbre a terra, pois ela os acaricia amorosamente sôbre seu seio, tendo dêste modo dupla parte nas bondades e nos favores de sua Mãe tão afetuosa e de grande poder.

Eis o que espero, ó minha Soberana.

Fazei-o, portanto, pois vós o podeis.

Dizei, sim! Dizei um amoroso: *fiat.*

Sim, assim seja: *Fiat! Fiat!...*

CAPÍTULO V

A FAMÍLIA DIVINA

O' Rei de glória, que vossos anjos vos bendigam! Que a glória de vossa Mãe faça resplandecer ainda mais a vossa, e que o mundo conheça que assim como não há nenhum filho que se vos assemelhe, assim também não há mãe alguma semelhante àquela que tanto honraste.

Pe. Guerlc.

I

As relações

Após têrmos estudado a sublimidade do título de "Mãe de Deus", é preciso determo-nos nas conseqüências, não menos gloriosas para Maria Santíssima, pois tôdas daí dimanam.

Por sua maternidade, Maria entra em relações as mais íntimas com a augusta Trindade: entra na família

de Deus, sendo a ela unida pelos laços da natureza e do sangue, não menos do que pela adopção e a graça.

Entre os homens existem quatro relações de família, que unem os membros entre si pelos laços mais sagrados e mais invioláveis.

A primeira é a relação dos pais com seus filhos, isto é, a *paternidade* e a *maternidade.*

A segunda é a relação dos filhos com seus pais: é a *filiação.*

A terceira é aquela que existe entre os filhos nascidos dos mesmos pais, a saber: os *irmãos* e as *irmãs.*

A quarta, enfim, é a união *conjugal,* que parece reunir duas almas em uma mesma carne: *Et erunt duo in carne una.*

Se provarmos que estas quatro relações existem entre Deus e Maria Santíssima, não teremos nós razão para dizer que Maria entrou verdadeiramente na família divina?

Ora, sem dúvida alguma, Maria é realmente a Mãe de Deus, a irmã de Deus, a espôsa de Deus: *Una Dei pariter filia, sponsa, parens.*

Nada mais glorioso e maior podemos conceber para a augusta e gloriosa Maria.

Para exprimir estas sublimes relações, os padres, os santos e os doutôres não acham expressões bastante enérgicas nem suficientemente nobres.

Falta-lhes a palavra para exprimir o que entrevê seu gênio.

O vocabulário humano esgota-se ao sôpro entusiasta de sua admiração e de seu amor.

Os homens percorrem a criação inteira, pedindo a todos os sêres algum nome honroso para a Senhora de seu coração, e depois, recaindo sôbre si mesmos, e confessando a inutilidade de suas pesquisas, exclamam que nada no mundo pode manifestar dignamente nem exprimir convenientemente as relações que existem entre Deus e Maria: *quibus te laudibus efferam, nescio.*[1]

Do mesmo modo que na terra o homem, quanto mais se aproxima dos depositários do poder soberano pelas relações mais intimas que com êle tem, tanto mais é elevado, assim como, no firmamento, os astros são mais ou menos luminosos, segundo a sua menor ou maior pro-

1) Sto. Agostinho.

ximidade do sol, assim também as relações dos sêres com Deus são a causa de tôda a sua grandeza.

Ora, Maria Santíssima é tôda de Deus, tôda para Deus e Deus é tudo para a Santissima Virgem.

Eis como um piedoso autor[2], profundamente versado no estudo dos santos padres, analisa ràpidamente alguns dentre os elogios com que exprimem as mais gloriosas relações de Maria Santíssima com Deus.

"Maria não está sòmente perto de Deus, sentada ao seu lado, mas ela o traz consigo e o encerra, como um vaso contém o seu licor. Ela o reflete como uma imagem.

Transporta-o e comunica-o aos homens, qual um veiculo.

Deus ama a Virgem santa, como a sua filha; estima-a como sua espôsa; os olhos de Deus estão a olhá-la como sendo a obra-prima da sua Providência, como sendo o depósito de seus contratos com os homens, como o fim do testamento que fêz conosco, como o seu templo e seu santuário.

O coração de Deus está em Maria Santíssima como em seu tesouro, como na maravilha, onde mais brilha a sua glória.

Deus enriqueceu Maria como a sua propriedade mais magnífica; êle a embeleza, como um mundo que só para êle foi criado.

Deus está no espírito da Virgem Santíssima como em um céu; está em sua alma, como em um paraíso; está em seu corpo, como em sua morada, reina em Maria, como em seu trono; êle mira-se em Maria como em um espelho, reproduz-se como em um retrato, e nela brilha como em um raio.

Enfim, nada há entre Deus e Maria Santíssima, porque Maria é o ser, a substância, a pessoa que mais se aproxima de Deus".

Tôdas estas denominações e multidão de outras mais, que o autor não refere, são extraídas dos santos padres.

E' preciso ter percorrido as páginas entusiásticas dêstes gênios imortais, para podermos fazer uma idéia da veneração e do amor com que êles ornavam a fronte da Virgem imaculada.

---

2) Honorato Nicquet: Nomencl., lib. II., p. 51.

Anastásio, o sinaíta, chamava a Santíssima Virgem: "o mundo de Deus".[3]

S. Bernardo, excedendo mais ainda esta expressão, chama-a "o mundo especial, próprio de Deus"[4], porque é um mundo que o demônio não maculou com seu veneno, nem infectou com seu hálito.

O abade Ruperto chama a Virgem santa "um céu"[5] e S. Gregório denomina-a "o céu de Deus", "o céu dos céus, que pertence ao Senhor"[6], "um céu, ajunta Santo André de Creta, onde a glória de Deus brilha com o mais vivo fulgor".[7]

"Maria é o domicílio de Deus"[8], diz S. João Crisóstomo: "a casa de Deus"[9], "é o domicílio maior, mais rico que Deus possui"[10]; "casa de uma madeira incorrutível"[11]; "casa de ouro"[12], segundo a Igreja; "casa imensa"[13], porque "encerra aquêle que o universo inteiro não poderia conter"[14]; "lugar incomensurável"[15], "onde reside o Infinito"[16]; "santuário, onde habita a plenitude da Divindade".[17] "Reclinatório da majestade divina".[18] "Único templo verdadeiramente digno do Todopoderoso".[19]

Mas, se é possível, aproximemo-nos ainda mais da Divindade, e procuremos expressões que marquem melhor a intimidade das relações de Maria Santíssima com Deus.

---

3) Mundus Dei. Lib. III. Hexam.
4) Sermo de Beata.
5) Beata Maria caelum est (Lib. I. in Matth.).
6) Caelum caeli Domino (Sl 113).
7) Caelum in quo gloria Dei splendet (Orat. in salut. ang.).
8) Domicilium Dei (Sermo in pseudo-prophetas).
9) Domus Dei (Raym. Jord. vulgo Idiota, p. 14).
10) Praedium Dei amplissimum (Liturg. Graec.).
11) Domus Dei cypressina (S. Bonav. in Psalt.).
12) Domus aurea (Lit. lauret.).
13) Domus Dei magna (Dionys. epist. c. Paul. Sam.).
14) Quem caeli caelorum capere non poterunt, tuo gremio contulisti (Lit. Bon.).
15) Locus ingens possessionis Dei, magnus et non habens finem, sublimis atque immensus (S. Method. Orat. in Hyp.).
16) Receptaculum Illocalis (Com. Hierosol. Hym. in Pentec.).
17) Sacrarium plenitudinis totius Divinitatis (Pet. Dam. Sermo in Nativ.).
18) Architriclinium Divinitatis (Trithem. Abb. Lib. X).
19) Templum dignum Dei. (Damasc. lib. IV., De fide).

Procuremos objetos que, por assim dizer, toquem a Deus de mais perto, e que, por conseguinte, figurem melhor ainda do que uma morada, do que um templo, do que um palácio, tão estreitas são as relações de Maria Santíssima com o Altíssimo.

Aos olhos dos santos Padres, "Maria é a nuvem luminosa, a nuvem resplandescente, em que se envolve o Sol da justiça".[20]

Ela é o ostensório de ouro da divindade.[21] "A riqueza de Deus"[22]; "o tesouro de Deus"[23]; "o raio mais límpido do sol dos espíritos"[24]; "o espelho mais puro que reflete a luz incriada".[25]

O que mais podemos ajuntar a êstes louvores? — dizem êles. Poderá haver mais alto grau de intimidade do que a intimidade que existe entre Maria Santíssima e Deus?

Não! pois os santos padres afirmam ainda que "ela é a glória e magnificência de Deus".[26]

A glória de Deus, isto é, a mais perfeita de suas obras, sua obra-prima por excelência, a mais digna manifestação e mais fiel expressão das perfeições divinas.

A magnificência de Deus, isto é, o apogeu do poder criador, poder que é sem limites.

E por que tanta glória?

— A fim de que a Virgem fôsse digna de se associar a Deus, e de entrar na família divina.

Antes de admitir alguém em sua família, um príncipe enobrece primeiramente aquêle ou aquela a quem cabe esta honra.

Assim também fêz Deus.

Depois de semelhante enobrecimento, com efeito, compreende-se que Nossa Senhora pode verdadeiramnte unir-se a Deus e tornar-se membro de sua família divina, se assim nos é permitido designar a adorável Trindade: três pessoas em um só Deus.

---

20) Nubes gloriae Dei (Joan. Hierosol). Sedes lucida omnipotentis.

21) Reclinatorium aureum. (Petr. Dam.).

22) Divitiae Deitatis (Orig. Homel. I).

23) Thesaurus Dei (Ap. S. Brigid. s. ang.).

24) Radius solis intelligibilis (Hymn. graec.). — Radius Deitatis (S. Bern. Salv. Reg.).

25) Speculum nitidum in quo videtur sol justitiae (Greg. Nyss.).

26) S. Boav. — Ric. de S. Laurent.

Oh! sim, o anjo poder-lhe-á dizer: *"Dominus tecum,* o Senhor é convosco".

"Com Maria, diz S. Bernardo, está o Senhor, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo".

E S. Boaventura ajunta: "Maria, filha do Senhor, Mãe do Senhor, espôsa do Senhor". E ainda: "Maria, Mãe da soberana Verdade, espôsa da soberana Bondade, serva da soberana Trindade".

Mas, para avaliar a grandeza da Virgem imaculada, é preciso ver minuciosamente suas relações com cada uma das pessoas da augusta Trindade: é preciso aproximar-se desta sarça ardente, e, como Moisés, contemplar de perto a grande maravilha.

Antes, porém, de nos aproximarmos, deponhamos as nossas sandálias, porque "a terra que vamos pisar é lugar santificado".

Nada de terrestre deve entrar aí. E' preciso que nossos pensamentos, nossos desejos e nossas aspirações sejam ùnicamente do céu e para o céu.

Esta é a condição essencial para contemplar êstes mistérios, para saboreá-los, sobretudo, e encontrar aí um alimento novo para nossa admiração e nosso amor.

II

Maria e a Santíssima Trindade

A maternidade divina de Maria! Eis a fonte de tudo o que admiramos na Virgem-Mãe.

Para ter idéia exata desta maternidade, é preciso não se contentar sòmente de contemplar o mistério em si mesmo; é necessário que vejamos ainda as suas conseqüências.

Apreciamos melhor a fonte, quando vemos a grandeza dos diferentes rios que dali saem, para ir por tôda parte distribuir a vida e a fecundidade.

Esta maternidade divina é, de certo modo, o lado mais acessível que nós temos para avaliar as grandezas de Maria; entretanto, sendo ela a fonte de tôdas as grandezas, existem na Imaculada outras relações, menos ao alcance do comum dos fiéis, mas que são para as almas interiores, sobretudo, de uma beleza e de uma elevação inefáveis...

E' como que um novo horizonte que se abre aos nossos olhos, e ao redor dêste mistério inicial do cristianis-

mo vêm agrupar-se outros mistérios, que são como planêtas ao redor do seu sol, e cuja beleza e sublimidade parecem elevar-nos de êxtase em êxtase.

Por sua maternidade divina, Maria entrou na família divina.

Graças a êste privilégio inaudito, Maria teve a dita de contrair com a Santíssima Trindade uma união da ordem mais elevada, a qual devemos aqui expor a fim de fazer entrever, pelo menos um pouco, estas comunicações de caráter divino entre a Divindade e a divina Mãe, que em parte escapam aos olhares dos próprios espíritos celestiais.

Maria é Mãe de Jesus, e Jesus é Deus, Filho do Padre eterno. Igualmente êle é homem, pela operação do Espírito Santo. E' a plenitude por essência, e a beatitude suprema.

E a Santíssima Virgem acha-se associada a tôdas estas grandezas.

Eleita como Mãe de Deus, a bem-aventurada Virgem foi predestinada pelo mesmo ato a tornar-se a *filha,* a *irmã* e a *espôsa* de Deus, participando, tanto quanto o pode uma criatura, da plenitude e da beatitude de seu divino Filho.

Como Mãe de Deus, a Virgem contraiu com a Divindade uma união, não sòmente moral, mas *física, natural, substancial.*[27]

Ela vai entrar na família do Altíssimo, de quem será o complemento.

Com efeito, é preciso notar que as processões das pessoas divinas, tomando-se o têrmo em sentido mais largo, não são completadas senão pelo nascimento humano do Verbo, isto é, pela maternidade de Maria.

"Desde então pode considerar-se, com razão, esta gloriosa Virgem como uma pessoa, de certo modo, divina.

Esta expressão, entretanto, deve ser entendida no sentido da fé católica, que declara que tudo o que há de divino em Maria Santíssima é acidental e acrescentado pela graça. Assim compreendida, ela é verdadeira e até necessária, querendo-se dar uma idéia suficiente da grandeza e da elevação desta sublime criatura".[28]

---

27) Mgr. V. A. Berghe: Obra citada.

28) Mons. V. D. Berghe: Maria e o Sacerdócio.

Mas deixemos que um ilustre admirador de Maria Santissima, tão grande teólogo quão santo bispo, exponha esta bela e profunda verdade.[29]

"A aparição do Filho de Deus em sua humanidade neste mundo, diz mons. Malou, foi sempre considerada pelos santos padres como uma nova produção do Verbo, como um segundo nascimento do Filho de Deus, por meio do qual, de certo modo, êle saia uma segunda vez do seio de seu Pai, para manifestar-se às suas criaturas.

Realizando-se em Maria êste segundo nascimento, a Virgem concorreu com Deus Pai para a nova produção do Verbo neste mundo.

Dai as expressões ao mesmo tempo misteriosas e magnificas dos santos padres, que associam Maria à Santíssima Trindade, constituindo-a, de certo modo, uma pessoa divina.

Dai, também, a crença geral que atribui à Santíssima Virgem um verdadeiro parentesco com as três pessoas da Santíssima Trindade, uma nobreza espiritual, não sòmente celeste, mas também divina.

Costuma-se, na linguagem da Igreja, e isto desde tempos imemoriais, chamar a Santíssima Virgem ao mesmo tempo: "Filha de Deus, Mãe de Deus, espôsa de Deus", atribuindo-lhe, por êstes diversos títulos, as graças mais extraordinárias e mais prodigiosas.

Com êste tríplice diadema que repousa sôbre a fronte da adorável Trindade, Maria entra em relações as mais inefáveis com a Divindade, relações que a elevam "até a uma certa igualdade com o Pai, até a uma certa superioridade sôbre o Filho e a uma certa intimidade com o Espírito Santo".[30]

Tudo isso precisa ser bem compreendido, assim também como a expressão: *Logos prophoricos,* que por vêzes deu lugar a interpretações errôneas.

Mas, além dêstes benefícios prodigiosos, Maria Santíssima recebeu de Deus, sem que disso possamos duvidar, todos os favores que lhe são naturalmente anexos.

Tudo o que o amor paternal pode fazer para uma filha idolatrada, tudo o que o amor filial pode oferecer a uma mãe tão terna, tudo o que o amor de um bom espôso

29) Mgr. Malou, Bispo de Bruges: A Imaculada Conceição, t. II, p. 176.

30) Cfr. Tôda a parte II do Capítulo XI de Mgr. Malou.

pode apresentar à espôsa querida, tudo isso Maria recebeu das três Pessoas divinas.

Como filha do Padre Eterno, Maria Santíssima obteve a isenção do pecado original; como Mãe do Filho de Deus, foi honrada com a maternidade divina; como espôsa do Espírito Santo, mereceu a virgindade perpétua, e deu à luz o seu Filho, sem perder nada da sua integridade.

As três pessoas da Santíssima Trindade concederam, dêste modo, a Maria Santissima, cada uma por si, um privilégio especial, que aperta os laços de parentesco e aumenta o grau de nobreza espiritual desta criatura única, escolhida por Deus como instrumento dos maiores mistérios que êle devia operar no mundo.

Que altura!... E como podemos nos admirar de ouvir celebrar, nos têrmos mais expressivos, esta união estreita do Senhor com sua criatura?...

A Igreja grega proclama Maria "verdadeiramente a parenta e a íntima do Altíssimo".[31] Relação sublime... criatura mais sublime ainda!...

Sim, ó Rainha do mundo, vós sois sublime, porque sois "a amiga"[32], "a companheira"[33], "a aliada"[34], "a parente"[35], "a irmã"[36], "a espôsa"[37], da Trindade gloriosa e indivisível.

Vós sois, não pela natureza, mas por uma graça única, "como que uma deusa ornada com o manto da imortalidade".[38]

"Contempla, ó homem, exclama Santo Amadeu, à vista destas relações tão divinas e gloriosas para a Virgem santa, contempla e fica maravilhado diante de tão grande maravilha.

Jeremias já havia anunciado que o Altíssimo operaria uma maravilha inaudita sôbre a terra, e que uma mulher revestiria um homem (Jer 31, 31).

---

31) Octateuch: Isidor. Thessal: Orat. in Deiparae Nativit.
32) Melit. Sard. De Transitu Virg. — Damasc. Orat. de Assumpt. — Idiota: de Beatae Virg. contempl. 2.
33) Jac. de Vorag: de Annunt. B. Virg.
34) Dion. Carthus: De laud. B. Virg. lib. III.
35) Ibid. lib. I, art. 9.
36) Joan. Picus: In Cant., cap. XIV.
37) Cyrill. Hierosol: In Catech. — Serm. de laud. B. Virg.
38) S. Gregor. Nazianz: In tragaed. de Christi patientia.

Eis, porém, que esta mesma mulher que o reveste é por êle revestida; revestindo-o de sua carne, ela é revestida de seu espírito; e revestindo o novo homem, ela é revestida do novo homem; é por êle gerada em forma celeste".

Não sei se ousarei desenvolver aqui um pensamento de Orígenes, que se aproxima da temeridade. Com um ímpeto sublime, êste grande homem não teme perguntar: "o que pensais que significam estas palavras: *vossos olhos são os da pomba?*

Qual é a pomba a cujos olhos se assemelham os de Maria?

Lembrai-vos de que o Espírito Santo desceu sôbre o Filho do homem, em forma de pomba.

Tomai-me esta pomba cheia do Espírito Santo; tomai também os olhos de Maria, igualmente cheios do Espírito Santo; comparai-os com os olhos desta pomba, e vereis o que Deus quer dizer com isto".[39]

Não é uma ousadia inaudita ouvir êste padre da Igreja dizer que nada se parece tanto com o Espírito Santo, que é a bondade, a beleza, o amor do Pai e do Filho, como os olhos de Maria? E que, do mesmo modo que o olhar do Espírito Santo liga com um laço inefável e eterno o Pai e o Filho, do mesmo modo a humilde Virgem, fitando com os olhos de pomba a adorável Trindade, torna-se a Filha do Pai, a Mãe do Verbo, a Espôsa do Espírito Santo?

E' nesta incomensurável profundeza de glória que nos aparece a humilde Virgem de Nazaré.

O' Maria, quem compreenderá vossa grandeza? exclama S. Boaventura.

"Em vós repousa o Pai, o Filho e o Espírito Santo, como em uma sala de festim[40], onde êste grande Deus se compraz com as doçuras e as delícias do amor.

"Em vós também reside a majestade do Altíssimo como sôbre o carro triunfal dos querubins[41], que foi visto pelo profeta (Ez 1).

Êstes títulos, nomes e imagens, ó Maria, são o último esfôrço do pensamento e da linguagem humana, para exprimir vossa elevação, e, entretanto, sempre será verdade que vossa união com a Divindade é incompreensível

39) Orig. Hom. 3 in Cant. et Hom. 14 in Luc.
40) In laud. B. Virg.
41) Ch. Rap. Caelest: serm. 2 de Concept. B. Virginis.

como vossa santidade é inefável, e como vossas perfeições estão acima de todo o louvor.

Eis os laços sagrados que unem Maria à augusta Trindade.

Depois de têrmos visto estas relações em seu conjunto, devemos estudá-las pormenorizadamente, em relação a cada uma das três Pessoas divinas.

Assim penetraremos mais neste abismo de grandeza, onde reside a obra-prima de Deus que chamamos a Virgem-Mãe.

III

A Filha de Deus

Em primeiro lugar, Maria Saantíssima é a filha, ou, como disse Dionísio o Cartucho, "a incomparável filha do Pai: *Comparentalis et simillima Patris*".

Mas em que sentido é preciso tomar esta relação, e sôbre que base ela se apóia?...

Deus Pai conta em sua família duas categorias de filhos: primeiramente, seu Filho eterno, gerado por sua natureza, consubstancial, em tudo igual a si próprio; em segundo lugar, numerosos filhos que assim se podem considerar, em conseqüência de sua *redenção*, de sua *adopção* e de sua *vocação*.

Nesta segunda classe de filhos de Deus, Maria ocupa um lugar à parte, precedendo por uma incalculável distância a multidão das simples criaturas.

Quanto à criação, ela é verdadeiramente a primogênita do Pai, não na ordem do tempo, mas porque ela vem em primeiro lugar no pensamento divino.

Ela é ainda a primogênita do Pai, quanto ao título da redenção, pois o sangue redentor, antes de inundar o Calvário, já havia corrido sôbre Maria; e a virtude divina dêste banho regenerador tinha-a preservado de tôda a mácula, segundo o belo pensamento de um notável poeta.

Tal é de tua grandeza o mistério sagrado.
O universo inteiro, filho de um pai culpado,
Sofrerá do pecado a lei cruel;
Mas desde a eternidade fôste santa, virgem pia,
E o sangue, que o Calvário inundar devia,
Caído sôbre ti já havia em escarcéu.[42]

42) F. Duilhé: "A Imaculada Conceição".

Ora, a redenção que preserva é muito mais elevada, mais perfeita e mais abundante que a redenção que liberta.

Pelo fato mesmo de ter Maria dela partilhado, tomaria sua filiação o caráter de perpetuidade?

Só êste traço característico assimila a sua filiação à do Verbo, e constitui, para a Virgem admirável, uma origem verdadeiramente única e de certo modo divina.

Quanto ao título de sua adopção, êste aumenta mais ainda o direito que ela tem de ser chamada a Filha primogênita de Deus Pai.

"Com efeito, nota Suarez, a dignidade de Mãe de Deus excede a tôdas as dignidades reunidas dos anjos e dos santos.

Ora, como a graça está sempre em proporção com a dignidade, segue-se que Maria Santíssima teve, desde o primeiro instante de sua conceição, uma graça de adopção mais abundante e mais elevada do que a graça recebida por todos os anjos e por todos os homens reunidos".[43]

Pode-se ainda continuar êste mesmo raciocínio em relação à vocação da Virgem Santíssima, pois do mesmo modo que ela excede a tôdas as criaturas em graça, ultrapassa também a tôdas em glória, pois a glória não é outra coisa do que a continuação e a coroação da graça.

Êstes são os títulos pelos quais Maria é chamada Filha de Deus.

Ela os partilha com todos os homens, pois nós todos, pela graça santificante, nos tornamos filhos adotivos de Deus: *Filii Dei et nominamur et sumus.*

Ainda mais: se nós somos tanto mais filhos de Deus quanto em nós aumenta a graça, quem avaliará o grau de união da Virgem Santíssima com Deus, ela que estava tão "cheia de graça"!

E, com efeito, a filiação adotiva de Maria eleva-se ilimitadamente acima da nossa, para aproximar-se da filiação do Filho de Deus.

"E' fácil ver, diz o sábio bispo de Bruges, já citado, que Maria é filha de Deus por muitos outros títulos do que nós, e que ela se assemelha, por conseguinte, muito melhor do que nós, a nosso Pai celeste.

A filiação divina é, portanto, muito mais perfeita em Maria que em nós.

---

43) Suarez: t. II, part. 3, disp. 3, sect. I.

"Todos nós, filhos de Adão, quando chegamos à filiação adotiva de Deus, anteriormente fomos inimigos de Deus; só Maria Santíssima, a exemplo do Verbo, foi sempre amiga de Deus.

Tôda a sua existência pertence a Deus, como o pertence a do Verbo. Neste sentido, ela é verdadeiramente a primogênita entre os filhos dos homens, a filha única de Deus, pois só ela, na posteridade de Adão, foi a filha de Deus, desde o instante de sua criação, do mesmo modo que o Verbo foi o Filho de Deus desde o primeiro instante de sua processão divina, desde tôda a eternidade".[44]

Mas a Virgem santa não é sòmente *filha* de Deus por adopção, mas o é ainda por direito, por uma espécie de filiação verdadeira.

Que é preciso, pois, para constituir uma filiação verdadeira?

Quatro coisas são para isso necessárias: a *origem,* a *semelhança,* a *identidade* de substância, o *direito à herança* paterna.

E' fácil ver que estas quatro coisas encontram-se em Maria mais do que em todos os homens.

Sua origem.

Com que cuidado não a predestinou Deus; com que amor não lhe deu a existência; de quantas prerrogativas não a embelezou? Imaculada em sua conceição, pura de espirito e de coração; mais bela que tôdas as filhas de Adão; amante, como jamais o foi criatura alguma.

A semelhança com Deus, ou com Nosso Senhor.

Onde encontrar mais perfeita e mais intensa do que nesta Virgem pura, que atravessou a terra quase sem a tocar... que respira Deus, como nós respiramos o ar?...

Identidade de substância.

Quão grande é a união de substância com o Filho! é o mesmo sangue que circula em suas veias; o corpo de Jesus Cristo é formado da própria substância de Maria... E Jesus é Deus.

Poderia haver maior afinidade com a Divindade?...

A herança paterna.

Está fundada sôbre a graça, e tanto maior é quanto mais abundante é a graça.

---

44) Mgr. Malou. Obra citada.

Ora, a graça de Maria Santíssima ultrapassou a graça concedida a tôdas as criaturas juntas, pois que a sua dignidade está acima de tôdas as dignidades reunidas dos homens.

E se o último grau da graça santificante basta para dar direito à herança celeste, para fazer de uma alma a filha do Eterno, com que complacência Deus não devia olhar a sua Mãe querida e única?...

E se é verdade, como nos ensina a teologia, que a relação é um conjunto de todo o ser de um ao ser de outro: *"Relatio habet totum suum esse ad aliud"*, o Padre eterno, diz o Pe. Binet, deve contemplar esta sua filha com um olhar paternal, que nela derrame, se assim nos podemos exprimir, as entranhas de sua paternidade e todos os tesouros de seus favores, e, por outro lado, a Virgem santa deve olhar a Deus com um olhar de filiação e uma relação de tudo o que ela possui, de tudo o que ela é e de todos os seus poderes, *restituindo a êste Pai tudo o que emana de sua bondade.*

O' Deus, que *olhares* de honra, que respeito sobreeminente, que relações mútuas e inefáveis! Se ela é filha, é também herdeira de todos os bens de seu Pai (Gl 4, 7); se ela é filha, é herdeira de Deus, é co-herdeira de Jesus Cristo (Rom 8, 7), sempre na extensão dos privilégios de sua incomparável filiação".

E' inútil insistir sôbre êste título.

Se nós todos somos filhos de Deus, nós, que estamos curvados sob o pêso de uma natureza viciada, quanto mais deve ser filha de Deus aquela que, por humildade e pureza, mereceu levar em seu seio a própria Divindade: *Non horruisti Virginis uterum.*

IV

A Mãe de Deus

No capítulo precedente provamos que Maria Santíssima é Mãe de Deus, tendo considerado esta verdade sob tôdas as suas formas.

Entretanto, consideraremos mais uma vez êste assunto, para contemplarmos esta divina Maternidade, enquanto é a fonte das relações que existem entre o Filho e a Mãe.

Para maior clareza, seremos obrigados a repetir certas verdades já enunciadas, porém esta repetição torna-

se necessária para mais claramente podermos tirar dela conclusões práticas.

Maria é Mãe de Jesus. Deu-lhe sua vida temporal, sua carne, seu sangue.

E que dará Jesus a sua Mãe?

Maria Santíssima deu-lhe tudo o que tinha de mais precioso, de mais grandioso, isto é, o seu próprio sangue.

E poderá haver maior demonstração de amor que dar o sangue por aquêle que se ama?

Jesus não se podia deixar vencer em generosidade.

Dará tudo o que pode dar a uma criatura. Dar-lhe-á uma espécie de participação à sua grandeza infinita. Associá-la-á à sua obra e contrairá com ela uma união que chega até a uma espécie de identidade.

Para fixarmos esta maravilhosa e insondável união, podemos dizer com Sto. Tomás que Maria contraiu "uma consangüinidade com Cristo, e que pela operação desta maternidade bem-aventurada ela aproxima-se da Divindade: *sua operatione fines divinitatis propinquius attingit*".[45]

E confinar com a Divindade não é ser revestido de uma dignidade a bem dizer infinita[46], ter uma semelhança admirável, uma proximidade com a divindade?[47]

Com efeito, se desde tôda a eternidade o Pai celeste gerou seu Filho único sem mãe, esta Virgem perfeita gerou-o no tempo sem pai.

Ora, o que Deus Pai é para Jesus na eternidade, Maria Santíssima o é para Jesus no tempo; foi graças à Maternidade divina que ela se tornou com o Pai um coprincípio do Deus feito homem, e como êste não teve pai sôbre a terra, e não teve mãe no céu, podemos dizer que a incomparável Virgem constitui verdadeiramente com o Pai a família natural de Jesus Cristo.[48]

Contudo, há mais ainda. Deus gerou o seu Verbo em seu seio, desde tôda a eternidade.

No começo dos tempos, êle o manifestou como o tipo e o fim de suas obras, e a causa eficiente da criação.

Êle o manifestou no meio dos tempos, introduzindo-o de novo no mundo, revestido da natureza humana no seio da Virgem gloriosa. (Heb 1).

---

45) S. Tomás, I. p. q. 25, a. b.
46) Dion. Carth.: De laud. B. Virg. lib. I, art. 4.
47) Ibid: art. 4 e 15.
48) Cfr. Mgr. Malou: Obra cit., p. 183 e segs.

Ora, segundo o testemunho de vários doutôres, esta primeira manifestação do Verbo não foi senão uma sublime preparação à sua vinda, pela encarnação, e como Maria Santíssima, pela virtude do Espírito Santo, foi o princípio único dêste nascimento temporal... a Virgem imaculada se torna o têrmo grandioso que remata, por assim dizer, tôda a operação de Deus no exterior.[49]

Que intimidade com a Divindade!... Que grandeza para a Mãe de Deus!...

Jamais a temos compreendido e saboreado bem!...

"Escuta, ó homem, exclama, a essa vista, Santo Anselmo, escuta, contempla e admira: *Intendat mens humana, contempletur et stupeat.*

O Pai celeste tinha um Filho único e consubstancial, mas não quis que êste Filho pertencesse só a êle, e por isso comunicou-o a Maria, sendo ela verdadeiramente a sua Mãe na terra, como êle é seu Pai no céu: *Non est passus manere suum, sed eum ipsum voluit esse Mariae unicum".*

Jesus Cristo, Filho de Maria Santíssima, é por ela "o Filho do homem". Era a expressão favorita do nosso próprio Salvador.

Ser "Filho" é sua pessoa... é seu papel... é seu ser... seu estado permanente: *Ante solem filiatur nomen ejus...*[50] E' *Êle.*

E é êste como que o centro e o nó da reconciliação do céu e da terra.

E' preciso notar que Jesus Cristo, Filho de Deus e "Filho do homem", veio a êste mundo para aqui ser e permanecer "Filho". Jesus Cristo não se fêz homem para ser homem sòmente, mas para ser *Filho do homem,* como era *Filho de Deus.*

Vindo a êste mundo e sendo Filho de Maria Santíssima, Jesus estendeu à sua Mãe, e por intermédio dela ao mundo, esta mesma relação de Filho que o une a seu Pai.

Interpretando esta profecia, diz Bossuet: "Nasceu-nos um menino, um Filho nos é dado, que seja o glorioso título do Messias ser Filho de uma Virgem, e que seja ùnicamente caracterizado por êste nome.

---

49) Cfr. Mgr. V. D. Berghe: Obra cit., pg. 24.

50) Introduct., sôbre o texto hebreu, do Salmo 71, 18. — Geralmente cita-se êste versículo: **ante solem permanet nomen ejus;** mas a palavra **permanet** não traduz bem a expressão hebraica: Ynnon.

Honremos juntamente com a distinção conveniente o Filho da Virgem e a Mãe virgem, pois que o Filho da Virgem é o Filho de Deus, e que a Mãe virgem é a Mãe de Deus.

Reconheçamos nestas duas palavras *"Mãe virgem"* e *"Filho da Virgem"* a mais bela relação que possa jamais ser concebida, adoremos Jesus Cristo, como verdadeiro Deus, mas confessemos ao mesmo tempo que o que há de mais próximo dêle é aquela que, ao fazer-se homem, êle se dignou escolher para ser sua Mãe".[51]

Esta relação de Filho, tão estreita que no momento que a mãe dá a vida ao filho, ordinàriamente vai se enfraquecendo à medida que o filho cresce, que sua personalidade se desenvolve, e que êle se torna outra coisa além de filho; porém, entre Jesus e Maria Santíssima, ela subsiste sempre eternamente, tão íntima na glória celeste como no presépio de Belém e nas entranhas da Santíssima Virgem.

Assim como Jesus Cristo é, no primeiro dia, o Filho de Maria, a Santíssima Virgem conserva no céu tôda a honra da maternidade, como a tinha na terra, quando sôbre o seu coração estreitava "o fruto bendito de seu seio".

Esta qualidade de "Filho" exige, pois, a qualidade de "Mãe" e a ela corresponde.

Donde resulta que o culto da Mãe é o corolário inseparável do culto daquele cuja propriedade é ser "Filho", e quando êle não quer ser honrado senão nesta qualidade, êle não o pode ser sem que esta honra ressalte sôbre sua Mãe.

O' Virgem, Mãe de Deus, já que o Filho de Deus, vosso Filho, é Deus, como o Pai e o Espírito Santo, vós sois, portanto, a Mãe do Eterno. Vós sois a Mãe do "Três vêzes santo", e quão pura sois também vós!...

Sois a Mãe do Imenso, e como vossa alma é vasta, como é extenso o vosso coração!...

Sois a Mãe do Onipotente, e por isso o vosso Filho vos concedeu serdes a onipotência suplicante...

Sois a Mãe daquele que é a própria beleza, e como sois bela e muito amada do Filho!...

Sois a Mãe daquele que é a vida, e como sois viva!...

---

51) Explic. da profecia de Isaias.

Sois a Mãe daquele que é o amor, e de que chama arde o vosso coração!...

Sois a Mãe daquele que é a Majestade infinita, e por isso vossa dignidade está sempre à parte e acima de qualquer outra dignidade criada!.

V

A irmã de Deus

Estas relações entre a Mãe e o Filho nos fazem entrever outras prerrogativas cada vez mais consoladoras e mais gloriosas.

Dir-se-ia que o nome de "Mãe" na verdade não pode exprimir tudo o que contêm de misterioso e terno as relações que se travam entre a alma do Filho do homem e a alma puríssima da Virgem Maria.

Na terra não seria possível encontrar, nem na ordem da natureza, nem na ordem da graça, duas almas cuja união ofereça imagem, mesmo remota, da união do Cristo e da Virgem.

Eis por que recolhemos, nas diversas relações que Deus quis estabelecer entre as almas, o que aí se encontra de mais nobre, mais doce e mais santo, para fazermos uma idéia menos incompleta do arrebatador mistério da união de Jesus e Maria.

Ora, entre estas relações, uma das mais estreitas é a relação *do irmão com a irmã.*

Com efeito, não é raro ouvir os santos darem êste título a Maria Santíssima.

E, na verdade, as razões por êles dadas para justificar esta apelação familiar são das mais concludentes.

Maria era irmã de Deus, porque não tinha outra vontade a não ser a vontade divina, e Jesus Cristo disse: "Aquêle que faz a vontade de meu Pai, torna-se meu pai, meu irmão, minha irmã, minha mãe" (Mt 12, 50).

Eis um título geral, que todos os cristãos podem reivindicar; porém Maria Santíssima, como Mãe de Deus, tinha um direito especial a esta doce relação.

Não foi o nosso divino Salvador que nos lembrou que, segundo sua humanidade, pertence à nossa raça e é nosso irmão?... (Mt 28, 10; Jo 7, 3; 20, 17).

Por que então seria negado tão tocante nome de "irmã" àquela que êle amou mais que qualquer outra criatura?

"Não é irmã de Jesus aquela que, esquecendo seu povo e a casa paterna, elevou fielmente o olhar de sua alma para o Pai celestial, de quem é verdadeira filha, assim como o Cristo é seu verdadeiro Filho"?[52]

"Maria é uma irmã de Jesus Cristo, diz Ricardo de S. Lourenço[53], por ser a verdadeira filha do Pai celeste", que é o próprio Pai de Jesus Cristo.

Outros acrescentam ainda: "Maria Santíssima é de tal modo a irmã de Jesus, que ambos têm um só sangue e uma mesma carne".

E, com efeito, se Jesus é Filho de Deus Pai, e se também Maria é filha dêste mesmo Pai, como não seria ela irmã do doce Salvador?

Há até uma particularidade a notar nesta prerrogativa de Maria: "Irmã do Verbo divino".

Como Maria participa da paternidade da primeira pessoa, gerando o mesmo Filho que só o Pai pode gerar, participa também da filiação da segunda Pessoa, sendo filha de um Pai que não pode ter senão um Filho.

Mas, escutai ainda: o próprio Verbo encarnado nos vai dizer que é irmão de Maria.

Decorreram vários séculos, antes da época de seu nascimento corporal, e já o seu amor, impotente para se conter, proclama-o com doces palavras, no *Cântico dos cânticos*, que a Igreja aplica a Maria e Jesus.

No capítulo quarto, lemos: "Feriste o meu coração, ó *minha irmã* e minha espôsa". E um pouco depois: *minha irmã* é um jardim fechado.

Depois, no capítulo quinto: "Vinde ao meu jardim, *minha irmã*, e minha espôsa. Como são belos os teus traços, ó *minha irmã!*... Abre-me, ó *minha irmã*, minha amiga, minha pomba, imaculada minha, porque minha cabeça está cheia de orvalho e meus cabelos estão cheios de gotas da noite".

No capítulo VIII lemos: "*A nossa irmã* é pequena... que faremos à *nossa irmã?*..."

Eis as denominações que ao Espírito Santo aprouve dar-lhe. Parece até insistir nisso de modo particular, como que indicando a estreita união que existe entre êle e a humilde Virgem.

---

52) S. Gregor. Nyss.: Hom. 4 in Cant.

53) De laud. B. Virg. lib. VI.

Ah! como é doce ouvir êstes têrmos ardentes pelos quais o amável Salvador exprime o seu desejo de repousar no coração de Maria Santíssima, como no coração de uma irmã, e aí procurará o seu refúgio e sua consolação, quando receber em seu corpo natural primeiramente, e em seguida em seu corpo místico, êstes ultrajes cruéis que êle compara às gotas da chuva.

Isto nos mostra mais ainda tôda a beleza dos laços por que êle é unido àquela que participará de suas dores e suavizará as suas agonias, pelo mais terno e mais forte amor!

Mas já que as comunicações que existem entre estas duas almas são de todo espirituais e de uma natureza infinitamente elevada, quem poderá dizer os efeitos que produzem no interior da puríssima Virgem?... Que amor!... que pobreza!... que humildade!... que cortejo de virtudes!...

Maria! Maria!... doce e terna Mãe de Jesus!... como me pareceis grande... e próxima de Deus... Mas também, à proporção que minha inteligência vos eleva, meu coração vos aproxima de mim...

E, com efeito, já que sois a irmã de nosso amável Salvador, não sois também a nossa?...

S. Paulo não escreve que êste bom Mestre é nosso irmão primogênito?...

Êle é, diz êle, *o primogênito entre seus irmãos...* (Col 1, 15).

Mas, então, ó irmã de Jesus, sois também nossa irmã!...

Maria é nossa irmã, ó piedoso filho da Virgem!...

E' isto o que um grande número de autores afirma, entre os quais é preciso enumerar Santo Atanásio[54], Santo Antonino[55] e Santo Epifânio.[56].

Em verdade, nossas relações de todos os momentos com a Santíssima Virgem não se assemelham de uma maneira muito tocante às relações tão simples e tão singelas que unem os filhos de uma mesma família?...

Oh! que doce e consolador pensamento!

Maria, irmã de Jesus, é também nossa irmã. *Soror mea, sponsa!...*

---

54) In Epist. ad Epictetum.
55) Summ. p. 4, t. 15, c. XV.
56) Contr. haeres. t. 3. haeresis 77.

VI

A espôsa de Deus

Após as sublimes relações de *filha*, de *mãe* e de *irmã* de Deus, há ainda outra, menos estudada, talvez, porêm não menos intima: é a de *Espôsa de Deus*.

Sem dúvida, esta palavra é tomada em um sentido metafórico, mas exprime, não menos que as outras, a união intima e inefável entre Deus e a Virgem Santíssima.

Que união não exprime, com efeito, a palavra *espôsa!*

E' o mais divino de todos os poemas. E' o único e suave idílio que arrebata os corações puros e constitui as delicias do paraíso!

Desposórios, amor primaveril, virginal matrimônio, maternidade sublime, ternura, alegria, poesia, de tudo isso o coração de Deus e o coração de Maria exultaram uníssonos.

Dela chegaram alguns acentos até nós.

Estas cenas não se olham senão com *olhos imaculados; estas* vozes não se escutam a não ser com *ouvidos castos;* mas o Espírito Santo permitiu-nos ouvir e entender, pois nos transmitiu algumas estrofes ardentes do divino epitalâmio, no *Cântico dos cânticos.*

Êste livro, que parece literalmente o diálogo de Cristo e de sua espôsa, a Igreja, é também o diálogo de Jesus e Maria, pois, até aos trinta anos de idade do Messias, Maria foi para Jesus a Igreja inteira, viva, perfeita e única.

Citamos já algumas passagens onde êste nome é dado a Maria Santíssima; poderíamos multiplicá-los aqui, pois todo êste cântico é um hino de ternura entre Jesus e Maria.

"Tu és bela, minha bem-amada, diz o Altíssimo à sua espôsa, tu és bela... és suave... és esplêndida... minha única... minha pomba... minha perfeita... ao teu encontro vêm as filhas de Jerusalém e te proclamam bem-aventurada, e as rainhas e princesas cantam os teus louvores" (Cant 6, 8).

Oh! sim, meu muito Amado é verdadeiramente meu, diz por sua vez a Virgem espôsa, êle é meu e eu sou dêle sempre até à hora em que o dia expira, e quando as sombras se esvaecem (Cant 2, 17).

"Vem do Líbano, exclama êle ainda, vem do Líbano, ó minha espôsa, e coroar-te-ei" (Cant 4, 8).

"Teus lábios, ó minha espôsa, são como um favo donde distila o mel" (Cant 4, 11).

Tocantes expressões, que bem nos mostram, como o diz com tanta graça São Francisco de Sales, que "Maria é ùnicamente única, a Rainha das rainhas, a mais amante, a mais amável e mais amada das amigas do divino espôso, que ama a Deus sôbre tôdas as coisas"[57], e que, após ter chegado ao mais alto grau de excelência no amor, abraça com um zêlo sem igual os interêsses sagrados do seu muito amado!

Preparando os caminhos do Cristo, nas margens do Jordão, dizia o precursor: "Aquêle que possui a espôsa chama-se espôso" (Jo 2, 29). Jesus, o cordeiro divino, é o Espôso, pois possui a espôsa por excelência, que é Maria.[58]

Os santos padres, por sua vez, compreendendo tudo o que êste título encerra de grande, de íntimo e de glorioso para a Santíssima Virgem, repetem-no com prazer.

Há mil e seiscentos anos, notava S. Gregório Nazianzeno[59], que o arcanjo tinha sido enviado à bem-aventurada Virgem, que "era verdadeiramente espôsa de S. José, mas que estava reservada ao seu principal espôso, que é Jesus Cristo".

Pouco depois dêle, Santo Epifânio colocava entre as maravilhas, que o céu operou na Virgem santa, o leito nupcial, cujo verdadeiro espôso é Jesus Cristo; e êle chama Maria Santíssima "Mãe do celeste espôso", acrescentando que o anjo Gabriel tinha-a preparado para o Salvador, seu divino Espôso.[60]

Há quinze séculos Santo Agostinho[61] e S. Pedro Crisólogo[62] asseguravam que a Santíssima Virgem era a única que mereceu ser mãe e espôsa ao mesmo tempo.

Os santos padres dos séculos posteriores tiveram a mesma linguagem.

S. Boaventura chama-a "a Espôsa e a Mãe do Rei eterno".

---

57) Tratado do amor de Deus, Livro X, cap. 5.

58) Apoc. 21, 9. No sentido adequado, a espôsa é a Igreja; no sentido principal, é a bem-aventurada Virgem Maria.

59) Orat. de S. Deipara.

60) Orat. cap. IV.

61) Sermão 35 de Sanctis.

62) Sermão 140.

Santa Inês, numa revelação feita a santa Brígida, dá a Maria Santíssima os três títulos de Filha, de Mãe e de espôsa do Redentor.

E S. Bernardino de Sena assegura[63] que só Nosso Senhor e a santa Virgem são capazes de compreender a doçura de suas santas e inocentes carícias, pois Maria Santíssima teve a felicidade de ser ao mesmo tempo a Mãe e a Espôsa do Redentor.

Oh! que riqueza e fecundidade surpreendentes dimanam destas relações divinas!

Maria é ao mesmo tempo a filha, a mãe e a espôsa da própria pessoa divina.

Ela é tudo isso em relação ao Filho de Deus, segunda pessoa, a sua filha, criada por êle, por êle adotada, recebendo dêle a vida natural e sobrenatural. E' sua mãe, pois que lhe deu o ser e a vida. E' sua irmã, isto é, filha do mesmo Pai, de quem êle é o Filho único. E' sua espôsa, sendo-lhe unida para dar a vida à Igreja e a todos os eleitos.

Mas qual dentre as três pessoas da augusta Trindade contraiu com ela especialmente esta estreita afinidade? . . .

Não é fácil dizer-se.

Maria Santíssima está tão próxima da Divindade e sua união a cada uma das três pessoas da Santíssima Trindade é tão estreita e real, que se pode chamá-la, segundo o sentido que a isto se prende: Espôsa do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ou simplesmente Espôsa da Santíssima Trindade.

A razão é que as operações ou as obras de Deus que os teólogos chamam "ad extra", isto é, que têm por objeto uma coisa fora de Deus, pertencem igualmente às três Pessoas divinas.

Ora, a encarnação, a redenção, a descida do Espírito Santo sôbre os apóstolos... que são as maiores obras divinas, foram realizadas em Maria e por Maria.

Por ela o Padre exerceu o seu poder, o Filho a sua sabedoria e o Espírito Santo o seu papel santificador.

Com efeito, que é preciso para a união matrimonial? Quatro coisas são precisas.

63) Lib. 4, cap. II.

O dom de cada um dos esposos a seu cônjuge, o amor mútuo, a intimidade de uma vida comum, a comunicação dos bens.

Ora, estas quatro coisas existem de uma maneira excelente entre Maria e cada uma das três Pessoas divinas.[64]

Maria pode ser chamada espôsa do Padre eterno, pois que ela tem com êle um Filho comum.

Maria pode ser chamada espôsa do Verbo, pois que é da união de Jesus Cristo e da Santíssima Virgem, principalmente no Calvário, que saiu a Igreja.

E ela pode ser chamada, e o é, a espôsa do Espírito Santo, porque, primeiramente, pela operação do divino Espírito Santo, ela concebeu o Filho de Deus, e porque, em seguida, Maria Santíssima tem uma parte ativa na geração de todos os santos, o que é especialmente atribuído ao Espírito Santo.

Entretanto, não haveria uma das três pessoas que parecesse dar-lhe mais direitos?

Os santos padres e os doutôres chamam geralmente a Maria a filha única do Pai, a santa Mãe do Filho, e a virginal espôsa do Espírito Santo.

Com efeito, êste titulc parece estar reservado sobretudo ao Espírito Santo, pois que é a êle que se atribui a encarnação do Verbo e é no seio puríssimo da Virgem que êste divino Espírito operou uma obra tão admirável, *De Spiritu Sancto est,* de tal modo que o Espírito Santo, de quem não podia proceder pessoa divina alguma, tornou-se fecundo, unindo-se à gloriosa Maria.

Pode-se afirmar que esta estreita união constituiu um único principio gerador, cujo têrmo foi a humanidade santa do Salvador.

"Eis, conclui Santo Ildefonso, por que honramos a Maria com o belo nome de Espôsa do Espírito Santo, considerando-a por justo titulo como a bem-amada da terceira pessoa da augusta Trindade".[65]

Que grandeza! E quem dirá a glória, a beleza e o esplendor que êste titulo lhe confere no reino de seu divino Espôso; pois Deus lhe conferiu evidentemente todos os direitos e todos os privilégios que êste título reclama.

64) Petitalot: "A Virgem Maria".
65) Serm. 6 da Assumpt. B. Virg.

"O' Maria, digna Espôsa do Espôso divino, dir-lhe-emos com São Bernardo, recebei nossas homenagens, e derramai sôbre nós vossa plenitude".

VII

A plenitude de Maria

Mas se tal é a intimidade de Maria Santíssima com Deus, compreende-se que a Virgem devia dela ser digna, tanto quanto pode ser digna de tais honras uma criatura.

E' preciso que ela possua dons eminentes, virtudes privilegiadas.

Deve ser revestida do manto do próprio Deus, pois importa que ela ocupe com honra o lugar que lhe determinou o Onipotente e que ela dê ao mundo uma idéia exata da grandeza e da santidade de Deus.

E' o que nos indica a medida da santidade de Maria Santíssima; como podemos falar da medida, se o anjo só fala de plenitude?

Em Maria, com efeito, tudo é plenitude.

Os teólogos distinguem e expõem longamente vários modos da plenitude de graças. Plenitude da graça habitual e atual, plenitude de graças ordinárias e extraordinárias, plenitude de graça de mérito, de graças de milagres, plenitude de graça de pensamentos, de graças de palavras, de graças de ações.

Santo Tomás, porém, encerra tudo em uma palavra excelente: "Para ser digna Mãe de Deus, era preciso a plenitude e a efusão superabundante de tôdas as graças".[66]

Primeira plenitude

A Bula *Ineffabilis* (Pio IX), falando da plenitude das graças de Maria Santíssima, diz que era tal, que, afora Deus, ninguém pode conceber: *Praeter Deum nemo assequi cogitando potest.*

E' que o plano da maternidade divina, em que entra Maria Santíssima, está acima de todos os mundos possíveis, de tôdas as concepções, até mesmo angélicas.

Em Maria não existe lacuna alguma; o que a caracteriza é a plenitude.

66) Sto. Tomás, P. 3, quest. 27, art. 5.

Em Jesus Cristo a plenitude da santidade é absoluta, pois lhe pertence de direito; em Maria esta plenitude é relativa, porque lhe pertence por privilégio.

Admiramo-nos às vêzes destas expressões dos santos padres, que desde o primeiro instante de sua concepção Maria recebeu, ela sòmente, mais graças do que tôdas as criaturas em conjunto.

Esta admiração provém da falsa noção da graça.

Imagine-se que ela aumenta por acumulação, por medida, por adição material.

A graça é que torna a alma sobrenaturalmente agradável a Deus, e em sua condição imaculada, Maria é evidentemente a maior de tôdas as criaturas, pois só ela tem êste privilégio, e logo, ela tem também mais graça.

Quem poderia duvidar que ela tenha sido sempre mais agradável a Deus que tôdas as outras criaturas?

Aos olhos do Altíssimo, Maria é a Mãe de Deus e, por sua santidade, digna de uma tal função.

Ora, esta maternidade divina é de uma ordem superior a tôdas as criaturas.

Portanto, Deus, querendo esta ordem, não pôde deixar de conceder à gloriosa Virgem as graças necessárias para desempenhá-la dignamente, donde segue que a graça de Maria Santíssima é sem dúvida de uma ordem superior a tôdas as criaturas.

Segunda plenitude

Mas não é a única plenitude que descobrimos na Virgem Maria.

A graça não é uma qualidade ociosa... uma semente estéril...

E' um germe, uma fonte de tôdas as outras qualidades, de todos os outros dons sobrenaturais.

Se, com efeito, a graça é o que nos torna agradáveis a Deus, ela é necessàriamente como que uma espécie de capacidade divina de receber em si o próprio Deus, pois que é a habitação de Deus em nós que nos torna dignos do olhar do Eterno.

A cada plenitude de graça é, pois, ligada para Maria uma plenitude de habitação de Deus nela.

A criatura que pôde conter aquêle "que os mundos não podem conter", é também habitada por Deus, como não o serão jamais os templos mais santos.

E' o que queria significar o anjo, quando, depois de ter proclamado Maria "cheia de graça", acrescentou imediatamente: "O Senhor é convosco".

Terceira plenitude

E' a plenitude da inocência. *Innocentiae plenitudinem,* diz a Bula *Ineffabilis.*

A inocência é o produto direto da graça e da habitação de Deus na alma.

A plenitude da inocência, diz um autor[67], é a imunidade absoluta do pecado, e de tudo o que inclina ao pecado. Tal é a imaculada Conceição.

Como apaga Deus nosso pecado original, ou os nossos pecados cometidos depois do batismo?

Entrando, mais tarde, em nossa alma pela graça.

Em lugar de vir mais tarde em Maria, êle a encheu logo de sua graça e de sua presença, por conseguinte o pecado não podia alcançá-la, nem por um instante, rápido como o relâmpago.

Para Maria andavam conjuntamente o entrar na existência e ser cheia de graça de Deus.

E' essa graça — essa plenitude de vida em Maria — que fêz com que ela fôsse isenta do fogo da concupiscência.

"Uma graça extraordinária, diz Bossuet, derramou sôbre ela, com abundância, um celeste orvalho, que não só abrandou, como nos outros eleitos, mas extinguiu até, ou, melhor ainda, "impediu de existir" todo o fogo da concupiscência, isto é, não sòmente as más obras, que são como que o abrasamento que ela excita, não só os maus desejos, que são como a chama que ela impele, e as más inclinações, que são como o ardor que ela entretém, mas ainda o braseiro e o próprio fogo, *fomes peccati,* como dizem os teólogos, e, como disse Bossuet, a raiz mais profunda e a causa mais intima do mal".[68]

"Para a Mãe de Deus, diz o Pe. Terrien, não basta não consentir".

De comum acôrdo e com voz unânime, os doutôres e santos padres afirmam que ela não soube jamais o que é um movimento desregrado, por mais fraco que êle possa ser. Pois que a concupiscência recebe o nome de pecado, ainda mesmo que não torne a alma culpada.

---

67) Ch. Sauvé: Obra cit. 68) Serm. da "Anunciação", 2 p.

Aliás, a tradição não teria dado a Maria êstes magníficos títulos como pura, puríssima, mais do que pura, mais do que puríssima, enfim, pura sob todos os pontos de vista, se nela a concupiscência tivesse tocado com seu ignominioso contacto.[69]

Quarta e quinta plenitude

Aí não se limita a plenitude da Virgem santa.

A graça divina, a plenitude de Deus em uma alma não pode ficar inativa, pois deve transformar-se em luz e amor.

E' o que ensina ainda a Bula *Ineffabilis*, quando diz que Maria Santíssima foi repleta de tôda a abundância dos dons hauridos nos tesouros da divindade.

Plenitude de luz, primeiramente, a fim de que seu coração se dirigisse para Deus, com todo o ardor e todos os anelos de sua santidade.

Entre os santos há muitos que tiveram luzes sublimes, mas tôdas as suas claridades juntas nada são em comparação com as de Maria Santíssima.

A razão é que a augusta Trindade, para enriquecer Maria, vê, em futuro próximo, as luzes da alma de Jesus, e quis que a Virgem fôsse dela participante.

Ela não lhe dará, a não ser em certos momentos, talvez, a visão intuitiva, mas lhe comunicará uma ciência infusa que preludia e se assemelha à visão intuitiva de Jesus. E tudo isto, finalmente, se desenvolve e se desdobra em plenitude de amor.

Deus, desde muito tempo, esperava o amor mais fiel e mais perfeito. Ei-lo, enfim, que veio.

Maria Santíssima ama-o como uma criatura jamais o amou ou amará.

"Oh! que bela obreira! exclamava o cura de Ars, como ela vai colaborar com a Santíssima Trindade, correspondendo sem cessar à graça, para a sua santificação e para a salvação do mundo!...

Maria é, pois, verdadeiramente "cheia de graça", cheia de Deus, obra-prima, depois da Humanidade de Jesus, da sabedoria e do amor infinito, enriquecida de todos os dons da natureza, em uma palavra, a criatura mais perfeita.

---

69) J. B. Terrien: "A Mãe de Deus".

"Façamos, dizia o Altíssimo antes da criação de Maria, façamos um vaso proporcionado a êste número infinito de dons e de hábitos sobrenaturais, que nós lhe destinamos, uma alma capaz de receber, ela sòmente, mais graças do que todos os santos, do que todos os anjos; em uma palavra, façamos uma criatura que não desonre de nenhum modo a qualidade de Mãe de Deus, com que queremos honrá-la, uma criatura, diz o Padre Eterno, que eu possa chamar minha filha e minha primogênita, e o Espírito Santo sua espôsa: Façamo-la à nossa semelhança: *Faciamus ad similitudinem nostram*".[70]

E dêste conselho divino do amor eterno jorrou uma maravilha de beleza, de bondade, de pureza, de delicadeza, de poder, para compreender, amar e sofrer.

E quão doce ao olhar e suave ao coração é o contemplar esta plenitude da Santíssima Virgem, de assim pensar: aí eu posso enriquecer-me em minha pobreza e em minha miséria... pois é por nosso amor que Deus dispôs em Maria Santíssima esta plenitude de graça, de pureza e de amor!...

Maria Santíssima não é nossa, e nós não somos dela?

"A humanidade inteira, diz o padre Gratry, é um conjunto, um corpo único, do qual somos os membros, assim como fala S. Paulo.

Ora, alegrai-vos, homens de todos os séculos, vós todos sois membros dêste corpo, por humildes que sejais, alegrai-vos!...

O coração dêste grande corpo de que vós sois os membros, êste coração que de certo modo é vosso coração, não foi atingido pelo veneno do mal.

A humanidade inteira tem um ponto virginal: é a Virgem concebida sem pecado.

No fundo da massa, escondida, age a graça preservativa do Salvador, e conservou-se íntegra uma fibra que *foi por Deus preservada do mal.*

O coração da humanidade nova é divino e imaculado e qualquer alma, com sua liberdade, sob o atrativo luminoso e amoroso dêste coração vivificante, pode vencer o mal, e tender à imaculada pureza, e mesmo até à divindade do coração novo".[71]

---

70) Beato Cláudio de la Colombière.

71) O mês de Maria da Imac. Conceição.

VIII

A beatitude de Maria

A graça é uma semente de glória, e a plenitude que acabamos de considerar em Maria tem, portanto, por têrmo a beatitude.

Como poderemos nós falar do que mesmo nos é impossível entrever?

Se, para os simples fiéis, a beatitude do céu é tão grande, que *jamais olhos viram e ouvidos ouviram o que Deus prepara para os seus eleitos... o que devia ser destinado à gloriosa Mãe de Deus?* Ainda aqui também é a plenitude.

Mais adiante falaremos da glória inefável que irradia da virginal fronte da Mãe de Deus, em recompensa das virtudes heróicas, mas agora, evitando repetição, contemplemos aqui sua beatitude em relação a ela mesma, reservando-nos sua beatitude em relação aos homens para um capitulo à parte.

O' Maria... guiai-nos por entre êstes sublimes píncaros!...

E, primeiramente, o que é a beatitude?...

A beatitude essencial, responde a teologia, consiste na posse de Deus, pela visão intuitiva que é a visão clara, face a face, da divindade.

Os outros bens, como os da alma, do corpo e os bens exteriores, formam a parte acidental desta beatitude.[72]

A beatitude essencial, relativamente perfeita para todos os eleitos, é, entretanto, desigual em si, porque ela é proporcionada à santidade de cada um: *Stella a stella differt.*

Ora, como a graça e a santidade de Maria Santíssima ultrapassa infinitamente a santidade de todos os eleitos, assim a felicidade da Virgem imaculada é incompreensível, imensa, e está acima de todos os outros santos reunidos.

Esta beatitude, com efeito, deve corresponder a três coisas, ou três medidas, tôdas de uma capacidade infinita.

À sua dignidade de Mãe de Deus.

À soma das graças de que está repleta a sua alma.

À grandeza e excelência de seus méritos.

---

72) Ver capítulo X, n. 6.

Ora, estas são as três plenitudes insondáveis para todo olhar criado, e até mesmo dos anjos.

Primeira medida

A glória de Maria deve ser proporcionada à maternidade divina.

Experimentamos descrever as grandezas da Mãe de Deus.

Basta dizer que seu trono está colocado perto do seu divino Filho, isto é, Maria Santíssima, embora inferior ao Verbo encarnado, aproxima-se tanto de Deus, quanto é possível a uma criatura.

Ela se aproxima dêle... e de sua glória... de sua beatitude.

Ora, quando o Evangelho nos quer dar uma idéia da glória de nosso Salvador, não acha expressão mais exata do que esta: "Vimos a sua glória como a glória do Filho único de Deus".

Como, depois dêste texto sagrado, descrever de outro modo a glória de Maria Santíssima, senão dizendo, antes de tudo, que a sua glória é "a da Mãe do Filho único de Deus"?

A dignidade de Mãe de Deus é infinita e incompreensível; sua glória o é, pois, igualmente.

Segunda medida

Distingamos esta segunda medida, não falando aqui senão da *quantidade* das graças outorgadas à Virgem Santíssima, reservando a *qualidade* destas graças para a terceira medida.

Já falamos da graça de que estava repleta a alma de Maria, mas devemos, mais tarde, voltar a êste assunto, falando da beleza de sua alma.

Recordemos por ora sòmente o que já dissemos no parágrafo precedente, expondo o sentido de sua plenitude.

Esta graça, dizíamos nós, era tão considerável, já em sua conceição, que valia para a Santíssima Virgem uma glória superior à de todos os santos juntos, pois que ela era aumentada em todos os atos da Santíssima Virgem; e, enfim, tornava-se tão perfeita e como que infinita, no último momento de sua vida terrena, que sobrepujou a tôda medida e a tôda quantidade.

Terceira medida

Que glória poderá corresponder à excelência destas graças, ou, em outros têrmos, aos méritos da bem-aventurada Virgem? Um mérito infinito exige uma glória e uma beatitude sem limites.

"Tal era, com efeito, o valor dos atos de Maria, que, pelo primeiro ato, ela mereceu muito mais do que todos os mártires por sua morte heróica, do que todos os santos nos desertos e tôdas as virgens nos claustros.

Cada um dos atos que seguiram ao primeiro duplicou os méritos dos precedentes, e o seu último ato (produzido com tôda a perfeição da graça e com todo o ardor da caridade antes adquirida), foi de um valor que igualou à vida inteira da Santíssima Virgem.

Qual não deve ter sido a quantidade e a perfeição de suas obras meritórias?...[73]

Qual, pois, deve ter sido a glória da Mãe de Deus?

Quanto à espécie, esta beatitude essencial não difere, sem dúvida, da beatitude dos demais santos, mas por sua intensidade ela constitui uma ordem a parte, que depois da visão de Deus e de Cristo, alcança para os bem-aventurados mais felicidade do que todos os outros bens de que o céu inteiro está cheio.

E' dizer que a glória com que Deus cumulou a sua Mãe é a mais elevada que êle possa, de modo conveniente, conceder a uma simples criatura.

Após a intensidade desta glória digamos uma palavra sôbre a sua extensão.

Pergunta-se a que se estende a visão beatífica de Maria Santissima, e quais os objetos por ela compreendidos! Considerada em sua extensão, esta visão compreende e ultrapassa a visão de todos os santos, porque ela compreende tôdas as visões de todos os eleitos, e, em uma palavra, tôdas as coisas, futuras e existentes, excetuando os atos internos de Nosso Senhor.

"Nenhuma dificuldade se apresenta, para o conhecimento dos mistérios e das coisas naturais e físicas, diz o Pe. Petitalot, porque êste conhecimento, enquanto que proporcionado à intensidade da visão intuitiva, é necessàriamente mais perfeito em Maria Santíssima do que em todos os outros eleitos".[74]

---

73) Petitalot: Obra citada. 74) Cfr. Coronula Mariana.

Entretanto, existe, na ordem moral, uma espécie de conhecimento dos indivíduos, que nem sempre é conseqüência da visão beatífica; e, em relação a ela, os teólogos diferem em suas opiniões.

O princípio por todos admitido é que cada eleito vê as coisas presentes e futuras que se relacionam ao estado que exercera outrora. Daí vem a proteção que exercem.

No céu os santos não se desinteressam com o que os ocupou durante a vida.

Um rei, por exemplo, interessa-se ainda pela marcha dos negócios de seu reino, e um Papa não perde de vista os interêsses da Igreja; e êste rei e êste Papa vêem com muitas particularidades e minúcias muitas coisas que não vê um anacoreta, por mais santo e mais elevado que esteja em sua glória, mas que nunca se havia ocupado de negócios desta natureza.

Em conseqüência dêste princípio, é preciso admitir que Maria vê todo o presente e o futuro, porque nada é estranho ao seu estado.

Rainha de todos, soberana de todos, causa de predestinação para todos, ela segue com interêsse o marchar e caminhar de todos os homens, sendo todos presentes ao seu espírito, sobretudo os eleitos.

Ela vê os seus pensamentos e os segredos dos seus corações. Interessa-se por todos os acontecimentos felizes ou infelizes que lhes dizem respeito.[75]

Sua visão é perfeitíssima... embora, na verdade, menos perfeita que a de Jesus Cristo, mas ultrapassando a todos os outros santos, de modo a constituir por si só uma hierarquia a parte, imediatamente após a hierarquia de Deus.

Eis, em poucas palavras, a intensidade e a extensão da beatitude essencial da Virgem imaculada.

Depois disto, que podemos dizer de sua beatitude acidental?...

Esta glória tem um tríplice objeto: *a alma, o corpo* e *os bens exteriores.*

Os bens da alma da Virgem Santíssima são: um amor ardente, uma alegria suave; os três dons correspondentes às três virtudes teologais: a visão, a contemplação e a dilatação, e as três auréolas, que são: a das virgens, a dos doutôres e a dos mártires.

75) Cfr. Petitalot: Obra cit.

Para compreender o amor beatífico de Maria Santíssima seria preciso compreender a perfeição de sua visão intuitiva.

Maria ama a Deus com a mesma perfeição com que o conhece.

Assim como, por conseguinte, a visão de Deus é nela incompreensível, assim também seu amor está acima de tôda inteligência.

Ela ama a Deus com mais ardor do que todos os bem-aventurados em conjunto.

Não é ela ao mesmo tempo Filha, Irmã e Espôsa? E quem poderia avaliar os anelos que correspondem a cada um dêstes títulos?...

Quanto à alegria da Virgem, vemos que é também proporcionada à perfeição de sua visão, de seu amor, de sua dignidade, assim como à imensidade de suas graças e méritos... Quantos abismos... quantas fontes de alegria inefável!...

E de quanta glória não deve ter sido cercado o corpo virginal da Virgem!...

Depois do corpo de Jesus Cristo, é impossível que haja um objeto no meio da natureza corporal que tão perfeitamente reflita os esplendores da divindade.

E' a beatitude da alma imaculada de Maria que nos dá a medida de sua glória corporal, pois é da sua alma glorificada que escapam, por uma emanação doravante natural para êste estado glorioso, os raios que transformam o corpo.

Temos ainda os bens exteriores, que são cinco: a riqueza, o renome, a glória, e honra e a autoridade.

Maria Santíssima os possui todos, como mais adiante teremos ocasião de falar, quando discorrermos sôbre o seu poder.

Para o momento basta que fixemos o nosso olhar sôbre esta visão divina, aclamemos a glória e as grandezas da Virgem imaculada.

O Altíssimo enobreceu-a de modo tão inefável, fazendo-a assim entrar em sua própria família; e lá, na plenitude de sua glória, ela reina como Filha, como Mãe, Irmã e Espôsa de Deus, revestida da glória divina, como de um manto...

Contemplemo-la... digo eu... e digamos-lhe, cheios de confiança:

O' Filha, ó Mãe, ó Irmã, ó Espôsa do Eterno... eu vos amo, eu vos venero, eu vos imploro, pois vós sois também minha Mãe, minha querida, minha única!...

CAPÍTULO VI

O COMPLEMENTO DIVINO

A arca de Noé era destinada a transportar os animais. Maria, porém, carregou a vida.
Aquela levou Noé. Esta, o próprio Criador de Noé.
Aquela teve três moradas. Esta era o Complemento da Trindade inteira, quando o Espírito Santo nela sobreveio, e o Pai a cobriu com sua sombra, e quando Filho escolheu seu seio para a sua morada.

Santo Hesíquio.

I

Maria completa a Santíssima Trindade

Após o que dissemos das grandezas da maternidade divina e da encantadora intimidade da humilde Virgem com cada uma das pessoas da adorável Trindade, assim como da glória que a circunda na celeste morada, o assunto poderia parecer esgotado, mas não é verdade.

Fizemos como o passarinho que de um vôo só se aproxima da superfície do mar... pois se êle percebe a sua superficie, seus olhos não podem penetrar as maravilhas ocultas no seio do abismo.

Dá-se o mesmo conosco, quando queremos falar de Maria Santíssima.

Se tivéssemos dito tudo o que pode dizer uma língua humana, não teríamos dito ainda o que está na superfície...

Deus pode penetrar até ao fundo, e considerar aí as maravilhas acumuladas por sua liberalidade.

Maria Santíssima já nos parece tão elevada e tão divinamente grande, que nosso espírito é tomado de vertigem ao contemplá-la. Entretanto, excetuando-se a ma-

ternidade divina, depois de cada título, depois de cada raio de glória que entrevemos, é preciso repetir: "Maria Santíssima é ainda mais elevada, maior e mais inefável!..."

S. João vê a Virgem santa revestida do sol, tendo a lua debaixo de seus pés.

Maria não é sol, mas é revestida do sol. Não é a lua, mas ela está sob os seus pés.

Maria Santíssima eleva-se da terra e não sòmente toca a divindade... mas, de certo modo, se reveste dela, pois traz um Deus em seu seio.

Que maravilha!... Que grandeza!...

Sob os pés de Maria a lua parece mais luminosa, e o próprio sol como que recebe novos encantos da aparição que se reveste de seu esplendor.

Em Maria e por Maria nos é dado ver um raio desta luz inacessível da pátria celeste.

Nossos olhos mórbidos não poderiam suportar o seu brilho, se ela se expandisse sôbre nós sem intermediário; porém, vista em Maria, contemplada por Maria, esta luz suaviza-se, adapta-se ao nosso olhar... e parece estar mais próxima de nós, mais acessível, mais benfazeja.

Em Maria Santíssima tudo é acessível, mas também tudo é misterioso.

Após têrmos falado a seu respeito, quanto mais se disse, tanto mais se deve verificar que nada ainda foi dito, e que não se fêz senão balbuciar em face de uma beleza que nos sobrepuja.

Mas, se já é tão doce e consolador o balbuciar vossas grandezas, ó Mãe imaculada, qual não deve ser o arrebatamento daqueles que vos podem contemplar face a face e enumerar sem jamais acabar os inefáveis tesouros que Deus acumulou em vós!

Já não é o céu... ou ao menos um dos êxtases do céu?

Sim, piedoso filho de nossa doce Mãe, mau grado esta majestade que nos acabrunha, e que nos imporia silêncio, se não tivéssemos o imperioso desejo de glorificar Maria Santíssima, prossigamos nossas pesquisas, nosso estudo... seria preciso dizer melhor, prossigamos nossa contemplação e nossa prece; e, ao lado das maravilhas tão belas e consoladoras como as primeiras, há ainda outras a considerar.

Maria Santíssima pareceu-nos até aqui como que recebendo tudo da liberalidade divina.

Ela vai se mostrar agora aos nossos olhos como dando ela mesma alguma coisa à divindade.

Entrando na família do Altíssimo, Maria levou como que um dote a cada uma das três Pessoas divinas... humanamente falando.

Deus recebeu dela um como acréscimo de glória ou de grandeza no mundo. E é êsse acréscimo que quereríamos considerar aqui.

Com efeito, Maria Santíssima é chamada por vários santos padres, e em particular por santo Hesíquio, patriarca de Jerusalém, "o complemento de tôda a Trindade, *totius Trinitatis complementum*".

E' segundo doutôres e teólogos que ousamos formular uma tal asserção.

Contenson[1], Lazerda[2], Vega[3], Dargentan[4] e o cardeal de Bérulle[5] serviram-se dela, forçados de certo modo pela indigência da linguagem humana, que não sabe exprimir melhor a união íntima e inefável que existe entre as grandezas de Deus e as de Maria Santíssima.

Êste têrmo é impróprio, sem dúvida, neste sentido, que nada pode faltar à plenitude de Deus em si mesmo; mas é próprio, no sentido de que aprouve a Deus tirar, dos tesouros de sua plenitude, relações novas que completam e realçam a manifestação do exterior, formando-os e atando-os por Maria Santíssima.

Tomada neste sentido, compreende-se que a proposição deve ser indiscutível.[6]

Dizendo, pois, que Maria Santíssima completa a Trindade, declaramos que, depois de ter recebido tanto de Deus, a Virgem santa retribui alguma coisa a cada uma das três Pessoas divinas.

Um gênio tão simples quão profundo, Hugo de S. Vítor, disse: "Antes da lei mosaica Deus fêz conhecer ao mundo a *sua existência;* sob a lei fêz conhecer a sua unidade; sob o Evangelho, sua Trindade, para que, pouco a pouco, crescesse o conhecimento da verdade: *Ante*

1) Teol. espirit. e ment., t. III, lib. VI, c. 2.
2) Maria effigies Trinitatis, Acad. I, sect. 7.
3) Teol. Mariana, Pal. 31.
4) Grandeurs de la Sainte Vierge, I, p. 35.
5) Grandeurs de Jésus.
6) A. Nicolas, Op. cit.

legem dixit Deus se esse; sub lege, unum; sub gratia trinum".[7]

Mas, como veio ao nosso conhecimento êste adorável e fecundo mistério?

Qual é a criatura que foi associada às obras divinas, que entrou, de certo modo, nos conselhos de Deus, e que nos trouxe o que a filosofia nem sequer pôde suspeitar, mas que nunca o espírito humano jamais pôde nem poderia descobrir?...

Esta criatura, bendita entre tôdas as criaturas, é Maria Santíssima.

O seio imaculado da Virgem é o primeiro santuário da operação visível da augusta Trindade, o primeiro trono de sua glória terrestre.

Ela estava no interior de sua pequena morada de Nazaré. Sua alma expandia-se no seio de Deus, seu olhar tinha-se elevado muitíssimo acima da terra. Suas mãos estavam juntas em atitude de êxtase, quando o anjo do Senhor, vindo do alto, saudou-a cheia de graça e bendita entre tôdas as mulheres, anunciando-lhe que o Espírito Santo sobreviria a ela, que a virtude do Altíssimo a cobriria com sua sombra, e que o fruto que dela haveria de nascer seria chamado o *Filho de Deus*.

Eis a primeira, a grande revelação, o *Altíssimo*, o *Filho de Deus*, o *Espírito Santo*: é a Trindade inteira.

E é em Maria Santíssima, e por Maria Santíssima, que ela se manifesta, age e se comunica ao mundo.

E desde que Maria disse: *Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra*, o anjo deixou-a, sobrevindo então a própria Trindade e penetrando-a com sua majestade três vêzes santa.

Ora, quando Deus revela os mistérios de seu Ser, é sempre para fazer dêle um objeto de operação no mundo.

Até aí o mistério da Trindade estivera como que encoberto e oculto sob o dogma da unidade, e sòmente na hora em que começa a expansão da fecundidade divina, é que Deus permite ao mundo entrevê-la claramente, de nomear as suas Pessoas e de contemplar, de certo modo, a sua ação.

E onde começa esta expansão?

Na alma e no seio de uma pobre filha de Israel, até então ignorada e imediatamente elevada a uma tal al-

7) Tom. III, pg. 113.

tura, que ultrapassa tudo o que o mundo teria podido sonhar de grande, de ilustre e santo; naquela que devia gerar o Messias prometido.

E' em Maria e por Maria que se manifesta êste mistério, pela mais sublime das operações de que todo o cristianismo nada mais será que o efeito e o desenvolvimento.

A partir dêste momento, efetivamente, a Trindade torna-se o *ponto central do cristianismo.*

A encarnação, a redenção, a descida do Espírito Santo sôbre os apóstolos, a Igreja, a graça, os sacramentos, a união beatifica que deve coroar as obras da graça, tudo é como que uma prova do mistério da Trindade. E como tudo dela procede, segue-se que tudo o professa, tudo o proclama, tudo o glorifica. Em todos os fatos públicos da missão do Filho de Deus e sua formação dos apóstolos, que êle envia com a ordem de batizar *em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo,* a Trindade aparece, seja visível a todos como no batismo de Nosso Senhor, seja visível sòmente em sua operação, mas em tôda parte é êle... pelo que os teólogos exprimem, dizendo que tôdas as ações de Deus *"ad extra"* são comuns às três Pessoas.

Sua ação junta-se à ação desta Trindade adorável, completa-se em suas obras, no sentido que a faz conhecer, que a torna sensível, e enquanto ela adquire uma glória exterior até então desconhecida, servindo-lhe de santuário, de manifestação e de porta-voz.

Oh! que sublime grandeza!...

Acumulai glórias, riquezas e tronos... tudo isto nada é...

Maria Santíssima está muito acima de tudo isso.

E nós não vemos senão a superfície de tanta grandeza...

Que seria se nos fôsse dado sondá-la e entrever a sua profundeza!...

II

Complemento do Pai

Se, de certo modo, Maria completa a Trindade inteira, daí concluímos nós que em particular ela serve de complemento a cada uma das Pessoas divinas.

Eis, pois, uma nova relação de Maria Santíssima com Deus, um novo abismo de grandeza e de glória para a Virgem imaculada.

Ah!... só o coração e o espírito desprendido de seus pensamentos pesados deveria contemplar êste inefável mistério: a incomparável condescendência das três pessoas divinas que permitem a uma humilde filha da terra, criatura sua, obra de suas mãos, dela separada por todo o abismo infinito, tão pequena a seus olhos e tão grande aos olhos dos anjos, estas três Pessoas lhe permitem associar-se a cada uma delas, participar de sua fecundidade, de seu amor.

Elas consentem até em receberem dela uma glória extrínseca que ainda não possuíam, e por ela contrair relações que não existiam.

Mas já é tempo de vermos minuciosamente estas novas relações...

Comecemos pelo Pai.

O Padre eterno recebeu, também, realmente, alguma coisa da humilde Virgem, e que recebeu dela?...

Duas coisas: um *cetro* e um *império.*

E que cetro?... E' a autoridade sôbre seu próprio Filho.

E que império?... E' a humanidade resgatada pelo sangue de Jesus Cristo.

Desde tôda a eternidade, Pai, Filho e Espírito Santo são consubstancialmente um só Deus, iguais em natureza, nenhum dos três sendo inferior ao outro.

O Pai, embora gerando seu Filho, o Pai e o Filho embora enviando o Espírito Santo, nenhum é superior ao outro.

Exceto a autoridade de princípio, que está no Pai, nenhuma autoridade real há nêle sôbre o Filho. Porém, depois que desceu o arcanjo Gabriel, saudou a Virgem imaculada, proclamando-a cheia de graça e obtendo o seu consentimento para a encarnação do Verbo, o Filho de Deus, por amor à sua criatura decaída, tornou-se inferior a seu Pai, pois que, revestido da natureza humana, o Filho tornou-se súdito e adorador do Pai.

Mistério insondável de amor!...

Até êste tempo o Criador mandara a tôdas as criaturas, tendo em suas mãos o cetro de tudo o que existe. Mas neste dia glorioso da anunciação, Maria Santíssima, pelo seu *fiat*, dá ao Pai um novo cetro, cetro que lhe permite reinar sôbre seu próprio Filho.

Êle não é sòmente o Deus das criaturas, mas se torna o Deus de Deus, manda ao seu próprio Filho, e êste lhe obedece.

Com os joelhos em terra e as mãos levantadas ao céu, o Filho adora a seu Pai, suplica-lhe, implora-o, e lhe rende uma homenagem infinita.

Que cetro! E é Maria Santíssima quem lho dá. Sem a Virgem santa, sem seu consentimento, o Pai não teria podido exercer êste poder supremo.

Haverá doação igual?

Em comparação do Filho de Deus, que são mil mundos?

Nada, porque só Deus é *aquêle que é*.

Tudo o que não é Deus, só possui o ser por empréstimo.

E' assim que, tendo recebido uma participação à paternidade do Pai, Maria Santíssima lhe restitui esta mesma paternidade, com todo o poder e tôda a autoridade que dela dimana.

E não é tudo ainda!...

O cetro supõe *um império*.

Sem dúvida, Jesus Cristo vale todos os impérios; mas a Virgem santa completa sua obra e à autoridade sôbre o Filho, que ela dá ao Pai, ela ajunta o dom de uma humanidade resgatada, lavada, purificada no sangue de um Deus. Que grandioso império!...

Até à morte do Salvador o Pai mandava a uma humanidade decaída e manchada sob o pêso da prevaricação e não exercia sua autoridade senão sôbre súbditos rebeldes, dignos antes de ódio que de amor.

Tornando-se Mãe de Deus, Maria Santíssima nutre com seu sangue virginal e sua carne imaculada o corpo do Redentor.

Um dia, êste corpo será todo coberto de chagas, um dia êste sangue correrá em borbotões no sulco árido que o pecado traçou no mundo das almas, e isto será para o

purificar e fazer aí surgir frutos de salvação e de arrependimento.

O Pai, desde aquêle instante, já não reinará sòmente sôbre uma humanidade pecadora... Reinará sôbre almas puras, grandes e nobres... nascidas **do sangue da** Virgem e virgens com ela, dignas de seguir o Cordeiro por tôda parte aonde êle fôr.

Que império digno do Pai! E como êle é digno do cetro e como concorda com ela!...

E é ainda uma vez a Virgem Mãe que remete êste império ao Pai.

Que união entre o Pai e a humilde Virgem! Como ela completa admiràvelmente sua obra, e dá-lhe brilho e novo esplendor!

"Mistério admirável, exclama o cardeal de Bérulle[8], no qual Deus, que pode ùnicamente engrandecer a si próprio, engrandece-se em sua obra, que o torna para sempre Deus daquele de quem é Pai desde tôda a eternidade.

E' um mistério que por êste meio realça e engrandece o estado e a coroa do Padre eterno de uma dignidade infinita...

Seu poder e seu mandato não podem subir mais alto, e sua dominação está repleta de tôda grandeza e dignidade que lhe pode pertencer!"

Sim, verdadeiramente Maria Santíssima podia cantar:

"*Magnificat anima mea Dominum.* Minha alma exalta e engrandece o Senhor!"

III

Complemento do Filho

E o Filho, que recebeu êle de Maria Santíssima?

Quatro coisas.

Primeiramente, recebeu dela um novo ser que não possuía: um ser humano e inferior ao que tinha, mas que êle eleva e diviniza, unindo a natureza humana, sem mistura nem confusão, com sua pessoa divina.

E' esta união inefável que lhe fará operar os prodígios de seu poder e de sua bondade, que lhe fará reparar a queda do homem, apaziguar a justiça do Pai e destruir o império de Satanás.

---

8) De l'état des grandeurs de Jésus, XI.

Em segundo lugar, Maria Santíssima deu a Deus Filho sentimentos de ternura, de misericórdia e de compaixão para com as nossas misérias, que lhe eram desconhecidas na sua natureza divina.

Como Deus, êle é a bondade infinita, mas não conhece a experiência, a profundeza e a extensão de nossas afeições e dos males que nos afligem nesta vida, e não pode, portanto, ter afeição sensível... E', porém, por Maria Santíssima que êle se tornou o Pontífice compassivo, provado, semelhante a seus irmãos, exceto no pecado.

De Maria Santíssima êle recebeu também a possibilidade de merecer, o que não tinha e não podia receber de seu Pai, pois era Deus, como êle, em uma só e mesma natureza.

Como Verbo, era infinitamente rico por seu Pai; mas por seus méritos êle adquire riquezas para nós, e dêste modo êle se torna um tesouro infinito, e é ainda a Maria Santíssima que êle o deve e que nós o devemos.[9]

Enfim, por sua humanidade êle se acha em estado de tributar a Deus uma glória infinita.

Êle mesmo, sendo Deus, tudo recebe de Deus, seu Pai.

Mas que lhe retribuirá êle?

Sem dúvida, amor por amor, mas é incapaz de glorificar seu Pai. Homem, êle lhe rende uma glória infinita.

De fato, feito Filho do homem e carregado dos pecados do mundo, nesta natureza humana êle será glorificado pela mesma glória que pertence à sua natureza divina: êle voltará à Trindade, aí levará tanto o homem como Deus, merecerá até as prerrogativas do poder divino, inteiramente como *Filho do homem*.

E êste mesmo Filho do homem, durante tôda a eternidade, verá curvar-se ante o seu nome todo joelho.

O Pai celeste desistirá de seu poder de julgar, para lho remeter *"a fim de que todos honrem o Filho de Deus como honram o Pai"*.

Que glória prodigiosa!

E é ainda de Maria Santíssima que o Verbo tem esta natureza e esta qualidade de "Filho do homem", no qual êle é assim glorificado.

Nós veremos adiante uma outra união entre Jesus e Maria Santíssima, conseqüência desta, mas que, por cau-

9) Petitalot: La Vierge Mère.

sa de sua importância, merece um especial desenvolvimento.

Tanto do Filho como do Pai Maria tem o direito de cantar: *"Magnificat anima mea Dominum.* Minha alma exalta, engrandece o Senhor".

IV

Complemento do Espírito Santo

Maria Santíssima glorifica do mesmo modo o Espírito Santo! E glorifica-o na medida dos dons com que a cumulou êste Espírito vivificante.

Ainda quatro coisas constituem esta relação.

A primeira é a fecundidade.

Assim como Maria Santíssima tornou-se fecunda pela operação do Espírito Santo, também ela o torna fecundo neste mundo.

Esta fecundidade é atribuída ao Espírito Santo, primeiramente por *apropriação,* como diz a teologia, neste sentido, e em seguida, porque o Espírito Santo agia em Maria Santíssima como virtude fecundante do Pai.

Nesta dupla asserção Maria manifestará a fecundidade do Espírito Santo.

Por "apropriação", porque tudo o que ela faz para as duas outras pessoas, ela o faz igualmente para o Espírito Santo, que não tem, com o Pai e o Filho, senão uma mesma natureza em uma mesma essência; e em seguida como "intermediária" das graças divinas, que santificam as almas e as fazem filhas de Deus.

Maria Santíssima é dêste modo o santuário do Espírito Santo, e é por ela que êle esparge sôbre o mundo uma torrente vivificante de vida sobrenatural, de luz intensa e de devotamento integral; é por ela, em uma palavra, que o Espírito Santo adquire para si uma infinidade de filhos que, dóceis à sua graça, proclaman-no: *"Pater pauperum, dator munerum, lumen cordium.* Pai dos pobres, distribuidor dos dons, luz dos corações".[10]

O Espírito Santo, que *consuma* a fecundidade infinita de Deus na eternidade, não produz nada no seio de Deus.

Amor subsistente do Pai e do Filho, êle recebe o amor com a vida infinita, mas não a comunica a outros no seio da Divindade.

---

10) Seqüência de Pentecostes.

Sua fecundidade desenvolve-se no tempo; seu amor comunica-se aos anjos e à humanidade inteira.

Sua fecundidade irradia-se assim pela encarnação, pela redenção, pela santificação e pela glorificação.

A vida divina, semelhante ao amor de que ela é o foco, difunde-se em Jesus como em sua fonte suprema e que tudo compreende; em Maria Santissima, como em seu canal universal, e daí se acham dela repletos a terra e o céu.

Em segundo lugar, o Espírito Santo recebe de Maria uma autoridade sôbre o Filho de Deus, que não tinha nem podia ter sem a encarnação.

O Espírito Santo, procedendo do Pai e do Filho, não tinha no principio autoridade alguma sôbre o Filho.

Ora, Jesus Cristo, fazendo-se homem, torna-se-lhe inferior, quanto à natureza humana, o que permite ao Espírito Santo ter sôbre êle uma autoridade real...

E que autoridade? A autoridade de *uma* pessoa divina sôbre uma pessoa divina: *autoridade* infinita que glorifica, por conseguinte, o Espírito Santo de uma maneira infinita.

Autoridade tornada visível na ocasião do batismo do Filho de Deus; autoridade que não é sòmente de origem como sendo o principio da humanidade do Salvador, mas de poder e de jurisdição, como diz o próprio Jesus Cristo.

O Espírito do Senhor está sôbre mim, porque êle me consagrou por sua ação, e me enviou para evangelizar os pobres. (Lc 4, 18).

Ora, tôda esta autoridade é baseada evidentemente sôbre o mistério da encarnação, que, dependendo do consentimento de Maria Santissima, tem, por conseguinte, sua fonte na Virgem Mãe.

E' ainda a Maria Santíssima que o Espírito Santo é devedor de ser o autor e o principio da grande obra da Igreja, que não é senão a continuação da encarnação no decorrer dos séculos.

A Igreja, obra dos filhos de Deus, perpetua através das idades êste primeiro encontro de Deus com o homem, continua a gerar filhos para Deus, e mantém entre a cidade triunfante, padecente e militante êste dogma tão consolador e inefável que se chama a "Comunhão dos santos".

O que liga estas três Igrejas é o Espírito Santo. E êle não o faz senão por ter recebido de Maria Santíssima autoridade sôbre a obra de Jesus Cristo, a Igreja, nascida do coração entreaberto do Filho do homem, quando expirava sôbre o Calvário...

Podemos dizer ainda que aqui tudo remonta a Maria Santíssima, tudo parte dela, porque ela é "Mãe de Deus".

Enfim, em quarto lugar, é a Maria Santíssima que o Espírito Santo deve o poder espargir sem cessar suas graças sôbre as almas, por meio dos Sacramentos, instituição divina, aplicação dos méritos infinitos do Redentor, e dos banhos refrigerantes em que a Igreja mergulha as almas, para lhes inocular, de certo modo, a própria vida de Jesus Cristo: E' Deus agindo sôbre o homem, no homem, transformando-o, elevando-o e fazendo-o viver de uma vida divina na graça, esperando que êle o admita à contemplação da divindade, na glória.

Tal é a operação do Espírito Santo nas almas, porque recebeu de Maria Santíssima o poder de habitar nela, de fazer dela o seu santuário e por ela dar ao mundo o autor de tôdas estas maravilhas: Cristo Jesus.

Em relação ao Espírito Santo, como em relação ao Pai e ao Filho, Maria pode entoar, pois, o seu: *"Magnificat anima mea Dominum.* — Minha alma exalta e engrandece o Senhor".

Ah! que grandeza para uma criatura!...

Que glória para esta Virgem imaculada, que se proclama a *Serva do Altissimo,* mas que, por esta mesma palavra, se eleva até aos pés do trono do Eterno, ao ponto que o próprio Deus, após tê-la enriquecido de tôdas as graças e de tôdas as glórias, consente em receber dela, em permuta, um aumento de honra, de glória e de poder no mundo.

Resumamos, pois.

O Pai recebe dela um cetro e um império. O Filho, a natureza humana, as entranhas de misericórdia, a possibilidade de merecer e o poder de glorificar seu Pai.

O Espírito Santo, a fecundidade, a autoridade sôbre o Filho de Deus, o poder de renovar a face da terra, de expandir sem cessar as graças por meio dos sacramentos, e, enfim, de vivificar com seu sôpro, de sustentar e de conduzir a Igreja através das idades até ao limiar da eternidade.

Por conseguinte, Maria Santíssima não é sòmente o ostensório da Trindade, mas, além disso, engrandece a Deus em sua obra, glorifica-o em suas manifestações, servindo-lhe, de certo modo, de complemento: *Totius Trinitatis complementum,* como já dissemos...

Poderia ela estar mais próxima de Deus, mais unida às operações divinas?...

Ainda uma vez: que grandeza e que bondade da parte de Deus!...

Não nos resta senão exclamar, com mons. Olier: "Oh! grandeza imensurável de Maria! Oh! santidade inefável! tu me arrebatas, tu me arrancas lágrimas dos olhos, tu me tiras do coração a palavra e o pensamento do espírito, eu te reverencio a não poder mais!..."

V

Estado quase divino

Por sua maternidade divina, Maria Santíssima está unida a Deus tanto quanto Deus está unido a ela. Isto explica como a glória de Maria, sua ação sôbre as almas, se confundem até se identificarem quase à glória, à ação e à virtude de Deus.

Entre Deus e a Santíssima Virgem há o infinito que medeia entre o criado e o incriado... E, entretanto, Maria Santíssima está numa altura tal que nossos olhos não podem mais calcular em todos os seus pormenores a distância que a separa de nós como estas estrêlas perdidas na imensidade do céu, que parecem tôdas no mesmo nível, mas que espaços incomensuráveis separam umas de outras.

A grandeza moral da incomparável Virgem depende da grandeza das graças, de que ela foi enriquecida; e a grandeza de suas graças está em relação com a sublimidade de seu ministério.

Podemos assim concluir da grandeza do ministério de Maria Santíssima, grandeza com que o Padre eterno coroou sua fronte no céu e na terra.

E qual é êste ministério de Maria Santíssima?...

E' o que desenvolveremos nestes três capítulos.

Primeiramente como Mãe de Deus, e, em conseqüência dêste ministério, Maria como sendo filha, irmã e espôsa de Deus, o ostensório da Trindade inteira, pertencendo realmente à família divina.

E' o infinito que se apresenta, e, entretanto, não é tudo.

Maria Santíssima tem ainda o ministério de complemento da augusta Trindade, completando-a em suas obras, sendo associada à sabedoria do Pai, ao poder do Filho, ao papel santificador do Espírito Santo, dando dêste modo a cada uma das três pessoas divinas uma glória, uma honra e uma autoridade que não tinha nem teriam podido possuir sem ela.

Calculai, segundo êste ministério, as graças que devem ter sido concedidas a Maria Santíssima.

Mais além falaremos de tudo isso, mas, antes de tudo, diremos que nosso espírito limitado jamais compreenderá esta imensidade.

Santo Epifânio chama a Santíssima Virgem um "mar espiritual de graça".

Que direis daquele que experimentasse contar as gotas de água do vasto oceano?

Tratá-lo-íeis de insensato.

Poder-se-ia dizer o mesmo daquele que quisesse calcular tôdas as graças encerradas no seio de Maria Santíssima.

S. Boaventura diz que estas graças foram imensas, isto é, sem medida, e êle o prova assim: "Um vaso imenso, diz êle, não pode estar cheio, se o que o enche não é também imenso como êle.

Ora, Maria Santíssima é de uma grandeza imensa, pois que ela pode conter aquêle que é maior que o céu.

Se, pois, uma capacidade imensa foi cheia de graça, *gratia plena,* é preciso também que seja imensa a graça que encheu esta capacidade".

Donde êle conclui que é impossível medir a altura, a profundeza, o comprimento e a largura das graças concedidas à Virgem Maria.

Para apreciar a grandeza de Maria, seria preciso compreender a grandeza de Jesus...

"Vós perguntais qual é a dignidade da Mãe de Deus, diz Santo Euquério, perguntai antes qual é a dignidade do Filho. Se a dignidade do Filho é incompreensível, a da Mãe o é igualmente".

O' vós todos que amais a Maria, que a invocais, que a tendes saboreado, já vos compenetrastes bem destas verdades, e já as compreendestes?

Oh! não; como teríeis podido compreender o que não pode ser compreendido senão pelo próprio Deus?...

"Se considerarmos a própria pessoa de Maria Santíssima, disse um mestre de eloqüência sagrada, o infinito a separa de seu soberano, mas se considerarmos seus privilégios e suas relações com a adorável Trindade, acharemos que êles são divinos, e que não podemos aí tocar, por assim dizer, sem nos acharmos, mau grado nosso, como que perdidos nos esplendores da divindade. Sua fecundidade é divina. Seu Filho, que é osso de seus ossos, e carne de sua carne, é divino; e até estaria quase para dizer que em Maria tudo é divino, exceto ela mesma".

Verdadeiramente, ela está como a chama Santo Tomás de Aquino, num estado *quase divino.*

Eis o cimo!... E' impossível ir mais além, sem que Maria não seja Deus.

Ela não é Deus, mas toca a divindade: *attingit fines divinitatis.*

Sim, ela a toca, e de uma maneira inefável, a ponto de ser como que inseparável de seu Filho, pois que é a encarnação senão uma Virgem apertando sôbre seu coração o Filho divino que lhe nasceu?...

Uma Virgem nutrindo seu Deus com sua substância, sua própria vida, chamando-o com o doce nome de Filho, de Irmão, de Pai, de Espôso, de Amigo, de Querido... pois êste Filho é tudo isso para ela, e se êle pudesse ser mais do que isso, êle o seria.

Mas faltam as palavras com que exprimirmos tudo o que o nosso coração sente.

Nada mais temos que um brado de fé e de amor!...

Creio, Senhor, e adoro e amo. Concedei-me de crer mais, de vos amar e amar também aquela que vós elevastes a tão incomensuráveis alturas!...

Tal é o lugar que Maria Santíssima ocupa.

Depois medi as graças que lhe devem ter sido concedidas...

O anjo o disse, em uma só palavra: *gratia plena.*

Ela era cheia de graças.

E se a medida das graças é a medida das grandezas, calculai-a, agora, esforçando-vos por subir a êste cume...

O anjo ainda o indicou numa palavra: *"Dominus tecum,* o Senhor é convosco".

Notai que êle não diz: *Vós sois com o Senhor,* como devia ser conveniente, se se tratasse de uma criatura ordinária, mas diz: *O Senhor é convosco,* isto é, onde vós estais, lá está o Senhor... e não fôstes vós que vos aproximastes dêle, mas foi êle que veio até vós, que permanece convosco, que ficará inseparàvelmente unido a vós, de tal modo que chamar Jesus será chamar Maria, e chamar Maria será chamar Jesus.

E' isto o que nos fará compreender ainda o anjo na continuação da saudação.

"Ideoque et quod nascetur ex te sanctum vocabitur Filius Dei, e por causa de vossa íntima união o santo que de vós há de nascer será chamado Filho de Deus" (Lc 1, 35).

Ainda uma vez: eis a grandeza de Maria Santíssima: ela está com Deus.

E nós já dissemos com que intimidade.

VI

A Virgem sacerdotal

Já dissemos de que maneira Maria Santíssima completa cada uma das três pessoas da adorável Trindade.

Entretanto, há ainda outra relação que talvez não tenha sido bastante notada, e que aureola de modo inefável a fronte da Virgem Mãe: é a sua união a Nosso Senhor, considerado como Sacerdote, e, por conseguinte, seu sacerdócio místico.

Nada de mais glorioso e real para Maria como de mais consolador para nós.

Sobretudo para aquêles que se alistam na "Associação dos Sacerdotes de Maria", dirigida pelos filhos do bem-aventurado de Montfort, êste título devia ser como que o ponto central de sua devoção para com Maria Santíssima, e objeto principal de sua imitação.

E' principalmente para êles que vamos desenvolver esta relação de nossa Mãe com o sacerdócio de seu Filho Jesus, procurando em primeiro lugar nos santos padres os fundamentos dêste título e esforçando-nos em seguida por compreender bem como Maria Santíssima pode ser verdadeiramente chamada "Virgo Sacerdos, a Virgem sacerdotal".[11]

Maria não recebeu nenhuma participação do sacerdócio sacramental conferido por Nosso Senhor aos após-

11) Epist. Pii Pp. IX, 25 de Ag. 1873.

tolos, e por êles e seus sucessores aos sacerdotes da Igreja católica, no correr dos séculos...

Seu sexo o impedia; Maria não pregou, pois, o Evangelho, não batizou e nem confirmou. Ela não transformou o pão e o vinho no corpo e sangue de Jesus Cristo.

O sacerdócio de Maria é um sacerdócio *metafórico,* mas que exprime uma sublime realidade.

Ela não é sacerdote ùnicamente naquele sentido que S. Pedro dizia a todos os cristãos: "Vós sois reis e sacerdotes".

Pelo mesmo modo todo cristão que oferece um culto a Deus, um culto por sua prece, suas obras e seus sacrifícios, participa de certo modo do sacerdócio de Jesus; mas, além desta participação geral, Maria desempenha outras funções mais eminentemente sacerdotais, que lhe merecem verdadeiramente o título de "sacerdos". E' o que confirmam todos os santos padres que falaram sôbre êste assunto.

Para seguir a ordem dos tempos, eis, em primeiro lugar, no século V, um piedoso orador sacro que dá a Maria os nomes de *"sacerdotisa e altar"*.[12]

No século VIII, S. João Damasceno chama-a "Virgem-sacerdote", ou melhor: Virgem sacerdotal[13] e "pontífice dos cristãos".[14]

No século XIII, Alberto Magno chama-a "Sacerdote da justiça", porque ela não poupara seu Filho e se conservara ao pé da cruz até ao seu último suspiro, não só para o contemplar, mas também para esperar dêle a salvação do gênero humano.[15]

Tôdas estas belas expressões são sobrepujadas por outras de um piedoso escritor, que chama a Virgem *"o Pontífice supremo depois de Jesus Cristo*[16], *a primeira depois dêle no sacerdócio sagrado, a primeira depois dêle no altar do sacrifício"*.[17]

No século XV, Santo Antonino atribui a Maria Santíssima os títulos de *"Sacerdote espiritual"* e de *"sa-*

12) Hom. de laud. Ss. Deiparae. Esta homília foi, por muito tempo, atribuída a santo Epifânio. A Igreja a faz ler no dia da oitava da Imaculada Conceição.

13) Sermo 2 in Nativit. B. V. M.

14) In menaeis Graec., 1 Jan.

15) In Bibl. Mar. super lib. Ct.

16) Joannes Mauburn: In rosário de praeconiis B. V.

17) Idem: In roseto exercit. spirit., tit. 24, apud Maracci.

cerdotisa da justiça", e êle no-la mostra ao pé da cruz, sacrificando o seu próprio Filho para resgate do gênero humano.[18]

Eis certos testemunhos, não destituídos de valor, que nos mostram que êste título de *"Virgem sacerdotal"* não é uma novidade.

Na obra de Van den Berghe *"Maria e o sacerdócio"*, pode-se ler uma continuação de textos mui concludentes sôbre êste assunto.

Sua Santidade Pio IX tinha, pois, razão, quando, em 1873, declarou que êste titulo provinha realmente dos santos padres da Igreja: *ut Virgo Sacerdos appellata fuerit ab Ecclesiae Patribus.*

A tradição e a doutrina católica atribuem, pois, a Maria o título de "sacerdote".

Vejamos agora como Maria o merece, e por quais funções ela exerce o seu ministério sacerdotal.

"O sacerdote, diz S. Paulo, é tomado dentre os homens, e é estabelecido para os homens, no que diz respeito ao culto de Deus, para lhe oferecer dons e sacrifícios para os pecados". (Hb 5, 1).

Vê-se que a Virgem satisfaz de modo admirável às três condições enumeradas pelo apóstolo.

Maria é tomada entre os homens; ela é de nossa raça, de nosso sangue, e foi estabelecida para os homens, representa, de certo modo a humanidade inteira, como o Pai a reconcilia em seu Filho.

Além disso, ela foi estabelecida pelo próprio Deus para oferecer o dom e o sacrifício por excelência, de que todos os antigos sacrifícios não eram senão figuras e símbolos.

Maria Santíssima era, pois, "sacerdote"; já o dissemos precedentemente que ela não recebeu a unção sacerdotal pròpriamente dita, mas por uma graça equivalente ao sacerdócio de que ela foi ornada, e que se poderia chamar uma participação à união divina de seu Filho.

E' a palavra de Santo Antonino: *Quamvis Sacramentum Ordinis non acceperit, quidquid tamen dignitatis et gratiae in ipso confertur, de hoc plena fuit; unde merito Virgo Sacerdos praedicatur.*[19]

Quando, no momento de sua formação, o Filho de Deus, fazendo-se homem, recebeu a unção do Espírito

18) Summae, pars. IV, tit. 15, c. 3. 19) Id. ibid., c. 16, § 2.

Santo que o sagrava Sacerdote e Rei, é em Maria Santíssima que ela lhe foi dada.

A unção expandiu-se sôbre êle e sôbre ela, melhor do que o óleo da sagração episcopal que descia da cabeça de Aarão, a efusão do Espírito Santo penetrou-a inteiramente.

E quando, depois de sua natividade, Jesus apresentado no templo rende pùblicamente a oblação que fazia em segrêdo entrando neste mundo, é Maria que o apresenta e que com êle começa a celebração de seu sacrifício; José e o velho Simeão a assistem como diáconos, e os seus braços imaculados, continuando a generosidade do seu seio, constituem o altar.

E' por esta imolação que a Virgem se encaminha para o sacrifício definitivo do Gólgota.

Ali — inefável e doce mistério — a cruz é o altar, mas Maria Santíssima o é também. *"Sacerdos pariter et altare"*, disse Santo Epifânio.

Ela o foi também na manhã da encarnação do Verbo, depois no dia da apresentação; ela o tornou a ser na tarde de seu supremo amor.

Reencontrar sua Mãe como altar é um estimulo para Jesus!

Ela aproximou-se. pois, da cruz; identifica-se e confunde-se com êle: *"Stabat juxta crucem"*.

Depois, quanto às virtudes que devem ornar a alma sacerdotal, nenhuma criatura humana as possuiu jamais como a Virgem imaculada.

O autor da Imitação tem uma palavra tremenda para nossa fraqueza: *Sacerdos omnibus virtutibus debet esse ornatus,* o sacerdote deve ser ornado de tôdas as virtudes.

Esta perfeição realiza-se plenamente em Jesus, o Homem-Deus, e depois dêle, abaixo dêle, em Maria Santíssima, que se eleva até ao cimo da humanidade.

Após ter estabelecido o sacerdócio do Cristo, o apóstolo acrescenta: Eis o sacerdote e o pontífice que nos faltavam: inocente, imaculado, separado dos pecadores, e mais elevado que os céus".

Tendo em conta o abismo que separa Deus de uma criatura, por mais perfeita que seja, pode-se aplicar cada um de seus têrmos à Virgem imaculada.

Se é preciso uma alma inocente e isenta de mancha para receber a dignidade e as graças do sacerdócio, Maria

Santíssima é verdadeiramente digna, e sòmente ela, de ser *sacerdote,* pois que só ela não conheceu a menor mácula.

Por sua conceição imaculada ela está verdadeiramente separada dos pecadores. E' preciso acrescentar que ela se eleva até aos céus?...

Os céus se inclinaram diante dela, na pessoa do arcanjo Gabriel.

Ùnicamente ela teve màis perfeições e méritos do que todos os anjos e santos reunidos *"excelsior caelis facta"*.

Exaltando a grandeza do sacerdote, diz-se, às vêzes, que êle está revestido de um poder que ultrapassa o poder da bem-aventurada Virgem.

E' uma expressão inexata, porque na ordem do sacrifício Maria Santíssima tem uma glória muito maior, sua dignidade a eleva eminentemente acima da dignidade dos sacerdotes, e o poder dos sacerdotes não iguala o seu.

Sem dúvida, ela não sobe tôdas as manhãs ao altar, mas em sua vida, a todo instante, ela oferecia já o sacrifício da cruz, pois conhecia a missão redentora de seu Filho.

Para bem compreender esta verdade da superioridade de Maria Santíssima, é necessário distinguir no sacerdote, em relação ao sacrifício, um tríplice poder: o de consagrar o corpo e o sangue de Jesus Cristo, em virtude das palavras do sacramento... o poder de oferecer ao Senhor esta vítima santa, realmente sacrificada, embora de um modo místico... e, enfim, o poder de dispensar os mistérios divinos.

Primeiro poder sacerdotal

Dêstes três poderes Maria não pôde possuir o primeiro, já o dissemos, porque seu sexo tornava-a incapaz de receber em sua alma o caráter conferido pelo sacramento da Ordem.

Mas, em compensação, que ofício mais elevado e mais glorioso não preencheu Maria?[20]

20) Não referem se Maria estava no cenáculo à hora da Ceia; e, se presente, Jesus a tinha consagrado, como os apóstolos. Mas isso é sem dúvida negativo diante do absoluto silêncio dos autores.

"Aquêle que possui uma barra de ouro puríssimo, não possui, sem dúvida, uma moeda, na forma que lhe é própria, mas tem eminentemente o seu valor.

E' assim que a maternidade divina vale a Maria Santíssima uma graça e funções sacerdotais da Nova Lei, mas que lhe são superiores...

Sem dúvida, ela não possui o poder de consagrar, mas, considerando-se tudo, a consagração não dá a Jesus um ser novo, uma natureza nova; torna-o sòmente presente sob as espécies do pão e do vinho, nesta maneira própria à Eucaristia, que se chama o estado sacramental; enquanto que a Virgem santa deu ao Verbo seu ser humano, uma outra natureza, sem a qual não haveria nem sacramento, nem sacrifício".[21]

"Maria Santíssima, por sua palavra, por seu fiat, produziu-o em seu seio, sôbre o altar íntimo de seu coração... Ela o produziu de sua própria substância, de seu próprio sangue; revestiu seu filho com esta carne sagrada, destinada ao sacrifício por Deus que a devia aceitar, e graças à qual, providenciada a Vítima que lhe faltava, nosso Pontífice pôde exercer seu sacerdócio.

Poder maravilhoso, divino, incomparàvelmente superior ao poder do sacerdote, pois que é mil vêzes mais prodigioso, na ordem do sacrifício, o formar a vítima, e fornecê-la ao mundo, do que torná-la simplesmente presente pela consagração do pão e do vinho".[22]

Segundo poder sacerdotal

Quanto ao poder que tem o sacerdote de oferecer esta vítima ao Altíssimo, quem o fêz melhor do que Maria Santíssima?...

Quando a Mãe do Salvador se conservava de pé junto da cruz, diz um grande teólogo da nossa época, e se unia à celeste Vítima para oferecer a Deus Pai o grande sacrifício da expiação, sua intenção era então unida à do Redentor, sua vontade não fazia senão uma só com a do Salvador.

Enquanto o Cordeiro imaculado se imolava com pleno consentimento para a salvação do mundo, Maria Santíssima o sacrificava para o mesmo fim.

---

21) A. Lhoumeau: op. cit. p. 481. — R. P. Terrien: Maria, Mãe de Deus, p. 263.

22) Mgr. van den Berghe, op. cit.

Exercia com êle o sacerdócio supremo, com êle resgatava os pecados do mundo, e, de certo modo, ela ganhava com êle o tesouro infinito de merecimento que satisfazia à justiça divina.[23]

Quando, no decurso dos séculos cristãos, o sacerdote, prolongamento do Cristo, disser, no santo altar: *Isto é meu corpo — Isto é o cálice de meu sangue,* pronunciará estas palavras da consagração sôbre as espécies sacramentais, estranhas à sua própria personalidade; a pequenina e alva hóstia não revelará sofrimento algum, e do cálice puro não sairá nenhum gemido.

Para Maria Santíssima, foi doutro modo sôbre o Calvário.

Se ela não disse: "Isto é o meu corpo", se os seus lábios se abstiveram cuidadosamente destas onipotentes palavras, recusadas ao seu sexo, ela pensa e tem o direito de pensar: "Isto é verdadeiramente o meu corpo, a carne da minha carne; isto é verdadeiramente o meu sangue, o sangue de minhas veias e de meu coração".

E quando ela pensa: "Isto é o meu corpo", êste pobre corpo é torturado, pisado, entregue a todos os sofrimentos.

E quando ela pensa: "Isto é meu sangue", sob os seus olhos passam rios de sangue, que jorram da cruz, porque a cruz, esmagando a carne, é como uma prensa, fazendo derramar o sangue (Is 53, 3).

Eis como a Virgem imola: *"Sacerdos suae victimae".*

A oferenda que o sacerdote faz, ao contrário, por mais oficial que seja, não é senão a oferta de um ministro, que empresta seu auxílio a Jesus Cristo e à Igreja.

Maria, porém, não age, nem por êste título, nem dêste modo, porque ela oferece e imola Jesus, primeiramente em seu nome, já que ela o oferece em virtude do seu poder, que não é como o do sacerdote, isto é, uma prerrogativa extrínseca e acidental, mas essencialmente fundado sôbre a sua maternidade divina".[24]

Terceiro poder sacerdotal

Fica ainda a terceira função do sacerdócio — dispensar o corpo e o sangue da Vítima, imolada e consagrada.

---

23) Mgr. Malou, Bispo de Bruges: A Imaculada Conceição. C. XI. parte 3.

24) Lhoumeau: op. cit.

Ora, esta glória resplandeceu em Maria com um brilho maravilhoso, pois os sacerdotes não podem dispensar nada que não seja devido primitivamente à mais pura das virgens, enquanto que esta, ao contrário, dispensa do que lhe é próprio.

"E' ela que deu ao mundo o Cordeiro de Deus, o qual formou de sua própria substância, dando-lhe a carne imaculada que comungamos e que se torna para nossas almas o principio da vida".[25]

E' de Maria, como de sua fonte, que se expande sôbre as almas esta graça sacramental, em virtude da qual todos os sacerdotes oferecem a Deus, imolam e distribuem êste Jesus que ela gerou e que foi a primeira a oferecer, imolar e dar ao mundo.

E' de Maria Santissima, ó sacerdote do altar, que tendes êste poder sublime, que fêz de vós um *"outro Cristo — Sacerdos alter Christus"* — pensamento que inspirou a um piedoso autor esta palavra tão profunda e ao mesmo tempo real: *"Sacerdos altera Maria"*.[26]

O sacerdote é uma outra Maria... Êle substitui, com efeito, a Santissima Virgem. Êle continua o que ela começou... Renova todos os dias o grande mistério da redenção, oferecendo ao Padre eterno a adorável Vitima, que lhe ofereceu um dia no Calvário a "virgem-sacerdotal".

O' sacerdote de Maria, pensai bem nisto...

O que vós deveis a Maria, e o que ela tem direito a esperar de vós!...

Que amor, que identidade!... *Sacerdos altera Maria!*

VII

A Virgem-hóstia

Depois de ter mostrado a participação de Maria Santissima ao sacerdócio de Jesus Cristo, deixariamos uma lacuna, se não disséssemos nada de sua união com o Salvador imolado.

Assim como Jesus Cristo, todo sacerdote deve ser "sacerdote e hóstia", e não se é perfeitamente "sacerdote" a não ser com a condição de ser "hóstia".

E Maria Santissima, que possuia tão eminentemente a dignidade sacerdotal, podia ser privada do grande pri-

25) Mgr. van den Berghe, op. cit.
26) R. P. Giraud: Sacerdote e Hóstia.

vilégio de retraçar plenamente a fisionomia de seu divino Filho, como "sacerdote"?

Isto não podia ser, evidentemente; mas como é que a Virgem se parece a Jesus vítima?

E' o que veremos em seguida.

"A bem-aventurada Maria, diz S. Jorge de Nicomedia, merece mais do que qualquer criatura ser chamada uma vítima sem mácula, uma hóstia aceitável, sagrada, dedicada a Deus".[27]

Os santos padres são inesgotáveis, quando falam dêste tocante e sublime mistério. Em mil lugares de seus escritos, Maria Santíssima é representada como uma "hóstia de louvores, uma vítima tôda espiritual, ornada para o sacrifício, — uma oblação preciosa, verdadeiramente digna do Criador e mais santa que o sacrifício dos próprios anjos, enfim, como as primícias do gênero humano, e em particular da virgindade".[28]

Mas, para proceder com ordem, examinemos separadamente as diversas condições que constituem uma vítima, para ser verdadeiramente hóstia.

Nós o encontramos no augusto sacrifício da missa, como nos sacrifícios do Antigo Testamento. São *a oblação, a imolação, a consagração e a transformação.*

Mostrar Maria Santíssima passando por estas quatro fases essenciais, é provar que ela é verdadeiramente a "Virgem-hóstia".

Primeira qualidade da hóstia

Quanto à oblação ou santificação, o que dissemos, no primeiro motivo, mostra suficientemente que Nossa Senhora é mesmo a vítima sôbre a qual o Senhor lançou o olhar, que escolheu, separada do comum das demais criaturas, santificada e aceita.

Segunda qualidade

E' a imolação. E' em Maria Santíssima que se vê a imolação!...

Ela é recordada pelo gládio misterioso que, segundo a profecia do velho Simeão (Lc 2, 35), transpassou a sua alma.

---

27) Orat. in S. S. Deip. ingr. in Templ.

28) S. Bonav.: Spec. B. Virg. C. IV — Andr. Cret.: Orat. de Nat. de B. Virg. — Joan Tauler: Serm. in fest. Purif. B. Virg. — Jac. Monach: Marial orat. 3, 4, 5 e — Arm. Carn. Tract. de: Mulier, ecce Filius tuus, etc., etc.

Talvez não haja na vida de Jesus e Maria uma cena em que os santos padres e os santos tenham feito tanto sobressair esta associação de Maria a Jesus-Hóstia.

"Maria, diz S. Bernardino de Sena, foi imolada ao Cristo, ela foi crucificada com o Cristo".[29]

"Embora ela não terminasse sua vida nos suplícios, ajunta S. Jerônimo, entretanto mereceu o nome de vítima".

E, aliás, o mesmo santo dá a razão pela qual êste título é atribuído a Maria Santíssima: "A Virgem, diz êle, sofreu pelo gládio da paixão de seu Filho mais do que os outros mártires puderam sofrer.

Com efeito, êstes sofreram pelo Cristo, em sua carne, mas não puderam ser imolados em sua alma, que é imortal. Ao contrário, a bem-aventurada Mãe de Deus foi imolada nesta parte mesma de seu ser, que de si é impassível".

"Dêste modo, a Virgem foi, depois de Jesus, a mais perfeita das hóstias.

Assim como o ferro penetrou no próprio coração da vítima, o gládio da imolação alcançou até o âmago do coração de Maria".[30]

E, para nos servirmos da expressão de S. Jorge de Nicomédia, "Maria Santíssima foi a única e verdadeira associada de Cristo no sacrifício".[31]

"Dolor ejus erat dolor meus, quia cor ejus erat cor meum", diz a própria Santíssima Virgem em uma revelação a santa Brígida: "Sua dor era minha dor, porque seu coração era o meu coração".

E S. Boaventura disse: "O' minha Rainha, onde estáveis? Estáveis ao pé da cruz? Não estáveis sôbre a cruz com vosso Filho?

Oh! maravilha, o Cristo todo inteiro está crucificado no âmago de vosso coração".[32]

Portanto, Maria foi imolada com Jesus e os cravos que transpassavam as mãos e os pés do Filho, feriam e esmagavam o coração da Mãe.

O algoz que imolava a vítima suspensa ao patíbulo imolava sôbre um mesmo altar esta outra vítima, que se conservava em pé, junto à cruz.

---

29) Sermo 2 de consensu de B. Virg.
30) Mgr. V. D. Berghe: op. cit.
31) In S. S. M. Assist. cruci. 32) Stim am. parte I C. IV.

Aliás, não esqueçamos que a fórmula célebre do sacerdócio da nova Aliança é esta: *"Sacerdos suae victimae,* e *Victima sui Sacerdotii"*. — Maria devia, pois, realizar também êste segundo aspecto: ela será a "vítima de seu sacerdócio".

E que vítima!...

Seu frágil corpo de mulher teria sido insuficiente para êste holocausto, se, como na hora da encarnação, *"a virtude do Altissimo a não tivesse coberto com sua sombra"*.

Investida desta virtude superior, ela sai da fileira das outras mulheres, e como o amor cria a semelhança, ela aparece diante dos algozes, prestes a se imolar com seu Jesus.

Por tôda parte ela está com êle; ela sofre apenas de se ver ao pé da cruz, quando o seu Filho está suspenso na cruz?...

Sem dúvida, o corpo de Maria não recebe ferimento algum, porém o amor faz circular as dores da paixão por entre as dores de sua compaixão e as chagas que sulcam o corpo de seu Filho estão reunidas em seu coração!

Não conheceis vós os efeitos singulares do raio, que vai algumas vêzes quebrar e pulverizar uma espada em sua bainha, sem que a bainha receba dano?

Dá-se assim com o golpe terrível da paixão, que deixa intato o corpo da Virgem, mas vem dilacerar a sua alma.

Terceira qualidade

Depois da imolação vem a consumação.

Como Jesus, Maria deve pronunciar o seu *"consummatum est"*.

Tudo está consumado... a vítima está imolada, triturada, destruída...

Os holocaustos da antiga lei, nos quais eram inteiramente consumidos pelo fogo do altar os restos das vítimas, representam-nos esta fase importante do sacrifício: o fogo do altar, figura do amor divino que abrasou a alma da mais pura das virgens.

Oh! que chama em seu coração virginal!

"Eis, diz S. Jerônimo, um ardor contínuo, uma embriaguez de amor".

"Houve também ali um holocausto de louvor, ajunta Santo Ildefonso, holocausto verdadeiro, porque o fogo

aceso pelo Espírito Santo devorou tôda a vítima, de modo a consumi-la inteiramente para honra de Deus[33], e transformou-a nêle.

Sem subtilezas, diz o Pe. Hugon[34], pode-se considerar primeiramente Maria dando, pelo mistério da encarnação, uma parte de seu sangue ao Filho de Deus feito homem, contribuindo assim para formar e desenvolver a vítima do futuro sacrifício e identificando-o com ela, tanto mais que a união moral de Maria com Jesus, pela caridade e comunidade de desejo e de vontade, é maior ainda do que a união física.

Quando primeiramente Jesus ofereceu sôbre a mesa a eucaristia e pouco depois, sôbre a cruz, seu corpo e sangue para a salvação do mundo, não nos devemos esquecer que esta carne lhe vem de Maria.

O que lhe dá seu valor é, sem dúvida, de ser a carne de um Deus e não de uma criatura; mas ainda é a Virgem imaculada que é a fonte do sangue redentor.

Ela é, portanto, de algum modo, vítima com Jesus, de uma maneira mais perfeita do que qualquer outra criatura.

Nós nos podemos unir a Jesus pela fé e pela caridade. Só Maria pode dizer-lhe, depois do Padre Eterno: "Vós sois meu Filho", ou ainda, trocando os papéis, nossa nova Eva pode dizer justamente, mostrando o novo Adão, que acaba de reparar a falta do primeiro: "E' a carne de minha carne!"

"Assim como a Virgem foi vítima com Jesus, com êle também foi sacerdote".

Enquanto o Filho de Deus celebrava a missa sangrenta, na tarde da sexta-feira santa sôbre o altar que era a cruz plantada no cimo do Calvário, Maria também oferecia o sacrifício sangrento, sôbre o altar de seu coração dolorido.

Quando o novo sacerdote recebe a unção santa, diz a missa com o pontífice e pronuncia como êle as palavras da consagração.

Assim a Virgem das dores, unida ao seu Filho crucificado, oferecia a Deus o corpo, o sangue entregue e

33) Sermo 3 de Assumpt. B. Virg.

34) Cfr. P. Hugon O. P. A causalidade instrumental na teologia. C. VI. — Mgr. Commer: Reflectio de Matris Dei munere in Ecclesia gerendo.

derramado para a remissão dos pecados, com o mesmo abandono à vontade de Deus, com o mesmo desejo ardente de que o sacrifício aproveitasse a todos aquêles por quem era êle oferecido".

Mas, para compreender tôda a sua beleza, é preciso abordar aqui uma questão delicada, sem dúvida, porém demais gloriosa para Maria Santíssima, para que seja passada em silêncio.

Alguns teólogos chamaram Maria *"o Sacramento superior da graça"*.

"Maria sacerdote" e "Maria hóstia" conduzem-nos naturalmente aos sacramentos, e, sobretudo, ao sacramento do altar. Como é bela esta idéia — "Maria sacramento".

Um sacramento é um sinal sensível, instituído por Jesus Cristo para produzir a graça.

Só Deus produz a graça, como causa suprema; mas a humanidade de Jesus Cristo a produz como causa instrumental principal; os sacramentos produzem-na como causas instrumentais secundárias.

Mas por que Maria não seria causa instrumental universal, subordinada à humanidade de Nosso Senhor?

A Santíssima Virgem, sem dúvida, não seria uma causa instrumental que toca à vista, palpável ou visível, é verdade; ela seria uma causa não visível, mas isto não repugna de nenhum modo.

Êste pensamento explicaria admiràvelmente as expressões dos santos, que comparam a Virgem a um aqüeduto, ao colo pelo qual passam as energias da cabeça para se espalharem pelo corpo, e coincidiria também com a idéia de união especial mística entre o novo Adão e a nova Eva.

Esta causalidade física é admitida pela escola tomista nos sacramentos, e no sacerdote que consagra ou absolve; por que não seria admissível em Maria?

Se, segundo os teólogos, a causalidade instrumental e física da humanidade de Jesus atinge a tôdas as criaturas, como Maria, cooperadora universal do Salvador, não gozaria de uma influência física universal derivada da influência de Jesus?

Seja como fôr, esta concepção é admirável em profundeza, em fecundidade e amor.

Maria "cheia de graça" se nos apresenta em todo o resplendor de seu sacerdócio... como "sacerdote e hóstia" e como um sacramento superior da graça.

E que sacramento! Os sacramentos que nos são tão salutares, não podem amar-nos, é Jesus que nos ama por êles.

Mas como nos ama êste sacramento superior da misericórdia e da bondade que é Maria...

Ah! tudo isso é sublime e quanto é digno do coração de Deus e do coração desta "hóstia viva e imaculada", que é a Mãe de Jesus!...

VIII

Conclusão

Terminemos aqui nossas reflexões sôbre as grandezas da Virgem imaculada.

A êste respeito já falamos bastante, para dar uma idéia, se não completa, pelo menos verdadeira e sublime, da Mãe de Jesus.

A cada um em particular compete terminar estas considerações pelo fervor de suas preces, pela meditação calma e afetuosa, pelo testemunho de sua admiração e de seu amor.

Terminando êste capitulo, é preciso responder a uma objeção tão antiga quão banal, e tão banal quão infundada.

Ousar-se-ia dizer que elevar tanto as grandezas da Virgem Santíssima é confundi-la com a grandeza de Deus?

Uma piedade esclarecida não ousaria sequer pensar nisso.

"O que se deve temer mais a êste respeito, diz Gerson, é cair no êrro, falando dela desconvenientemente, porque, quando se trata de louvá-la, jamais os louvores dos homens poderão igualar seus méritos".

Quanto ao pretexto de confusão, êle é desprovido de fundamento.

Esta confusão é impossível, pois o objeto dêste louvor é a personalidade humana de Maria.

Tôda a sua glória está em que, sendo uma pessoa, ela tenha sido elevada a esta altura.

Se Maria fôsse de uma natureza divina, não haveria mais prodígio, nem glória em ser ela Mãe de Deus.

Todo o nosso culto para com ela repousa sôbre o principio de que ela é uma criatura, mas uma criatura glorificada por Deus.

O que nós exaltamos é esta criatura glorificada... *que deixaria de o ser, se deixasse de ser criatura,* e até a mais humilde das criaturas.[35]

Santo Tomás de Aquino, o anjo das escolas, assim resume a união de Maria com Deus, e as conseqüências que daí derivam para nós:

"Ela recebeu, diz êle, uma tal plenitude de graça, que se achava tão unida quanto possível ao autor da graça.

E, dando-o à luz, ela se tornou a fonte donde decorre a graça sôbre todos os predestinados".[36]

Se, pois, alguém me perguntar por que a honramos, invocamos e amamos acima de todos os santos, é porque o Senhor está com ela e nela, e sabemos que, quando estamos com ela, nós estamos com Deus.

Há qualquer coisa a juntar à exposição destas grandes e consoladoras verdades?

Haveria, sem dúvida, muito ainda a dizer, porém, para tais coisas, é preciso antes a meditação do que palavras... é preciso a contemplação, a prece; seria preciso o êxtase...

Maria Santissima, Mãe de Deus...

Maria Santíssima, da família de Deus...

Maria Santíssima, complemento de Deus em suas obras!...

Eis tudo!... é ao menos a base e o cume de tudo. E' a raiz, é a haste... é o fruto.

Uma última palavra se impõe: a conclusão.

Por que foi que Deus elevou Maria Santíssima tão alto?... Por que fê-la tão grande?...

Por que?... Oh! perguntai ao pai de uma criança que êle ama acima de tudo, por que é que êle trabalha, afadiga-se e se esgota em um labor incessante!... por que êle quer oferecer ao seu filho um futuro feliz?...

Perguntai a uma mãe por que ela cerca de ternura e amor o seu filhinho, privando-se de sono e de alimento, não deixando nunca de olhar o fruto de seu seio?...

Ambos vos responderão: nós o amamos!

---

35) IV. A. Nicolas. A Virgem Maria.
36) Summ. III. XXVIII art. V, ad I.

E Deus, que é pai, que é mãe... que é mais que tudo isso, não honraria aquela que é ao mesmo tempo sua filha, irmã, mãe e espôsa?... Deus, que pode honrar aquêles a quem ama, por que não o faria?... Se nós pudéssemos escolher nossa mãe, e escolhê-la tão grande e tão bela quanto a quiséssemos... não a escolheríamos nós com a fronte cingida de tôdas as grandezas, com o coração *ornado* de todos os sentimentos nobres e com a alma repleta de tôdas as virtudes?

Nós o faríamos... e só Deus não o faria!... Êle que tem em grau supremo a paixão da beleza, o poder da grandeza?...

E nós... por que não a amaríamos?...

Maria Santíssima, tão clemente, tão piedosa, tão doce, como a canta a Igreja, por que não arrebataria nossos corações?...

Maria, tão grande aos olhos de Deus, e tão humilde aos próprios olhos, por que não faria nascer em nós alguma aspiração?...

Maria, Rainha e Mestra lá nas alturas, e refúgio aqui na terra, por que não provocará de nossa parte algum brado de admiração e de confiança?...

Maria, encanto dos anjos no céu, êxtase dos pobres exilados da terra, por que não cativará nossos corações e nossas almas?...

Maria, nossa mãe, e mãe como nunca o foi criatura alguma... mãe pelo coração, mãe pela alma, mãe pela graça... mil vêzes mãe por sua ternura, sua bondade e pelos incessantes benefícios que espalha sôbre nós, por que não faria vibrar em nós sentimento algum de gratidão, nenhum suspiro de confiança e de refúgio filial?...

Maria, a incomparável, a incompreensível Maria... o complemento inefável do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a Virgem sacerdote e hóstia, cuja plenitude de amor e de graças é como um sacramento de vida, onde todos podem ir enriquecer-se e assegurar-se de antemão o reino prometido àqueles que terão combatido o bom combate.

Ela, tão próxima de Deus, que não se pode olhá-la sem ver ao mesmo tempo o próprio Deus... tão amada por Deus que se não pode amá-la sem agradar a Deus... ela, a criatura mais sublime... a bem-amada... a preferida de Deus — Maria, ornada de tantos privilégios, a

fronte cingida de tantas grandezas, por que não excitaria em nosso coração alguma exclamação de amor... de amor apaixonado... veemente... forte como a morte?...

Oh! sim! Todos êstes sentimentos nascerão em nós, como nasce uma flor sob o tépido ósculo da primavera!

Oh! amemo-la... amemo-la ardentemente, apaixonadamente. Unamo-nos a ela pela simplicidade do coração, pelo fervor de nossas almas, na humildade de nossas pobres virtudes... Amemo-la e saudemo-la sem cessar com a Igreja:

Ave, Regina caelorum!
Ave, Domina Angelorum!
Salve, Radix, salve, porta!
Ex qua mundo lux est orta!

Salve, Rainha dos céus,
Salve, dos anjos Senhora,
Salve, Raiz, salve, ó porta,
Donde ao mundo a luz nasceu!

TERCEIRO MOTIVO

O PODER DE MARIA SANTÍSSIMA

Introdução

Nas mãos das criaturas o poder raramente é motivo de amor.

A razão é ser difícil exercê-lo sem excitar a inveja e o ciúme.

Em Maria, porém, o seu poder constitui um motivo *transcendente* de amor a esta Virgem imaculada.

A alma que é ornada dêste poder soberano dêle recebe um novo resplendor; a mão que empunha êste cetro torna-se mais liberal e a fronte que cinge êste diadema se inclina com mais amor para as criaturas, para auxiliá-las, encorajá-las e guiá-las para o céu.

E eis por que mais o poder resplandece em Maria, mais ela se torna amável e maior título possui para merecer o nosso amor: *"Virgo potens, ora pro nobis!"*

Com efeito, todo êste poder é exercido em nosso favor. A glória que se reflete sôbre a fronte imaculada da Virgem é para nós mais um motivo de amá-la, mas o poder que lhe permite comunicar esta glória àqueles que ama, dá-lhe direito a um amor maior e a um reconhecimento mais extenso.

Estudemos, pois, com avidez e piedade, êste poder, e aí encontraremos numerosos motivos de amor a Maria Santíssima, e de amá-la apaixonadamente.

Para penetrar mais profundamente êste belo assunto, dividamo-lo em três partes e consideremos:

1. *A fonte dêste poder,* isto é, Deus, considerado nas diversas relações que tem com a humilde Virgem.

2. *As glórias dêste poder,* ou as prerrogativas, com as quais o Altíssimo cingiu a fronte de sua imaculada Mãe, para que ela reine no céu e na terra, e estenda por tôda parte os benefícios de seu amor e de sua ternura.

3. *O exercício dêste poder,* ou as relações que existem entre ela e os homens: ação doce e soberana sôbre a humanidade para a socorrer e consolar, encaminhando-a para o céu.

Êstes três aspectos do poder de Maria nos mostram a Virgem imaculada em suas relações *com Deus, com os homens e com cada um de nós* em particular, resumindo nestas três palavras *a fonte, a glória* e *a aplicação* de seu poder.

CAPÍTULO VII

A FONTE DÊSTE PODER

Já que a Mãe deve ter a mesma autoridade que o Filho, é com razão que Jesus Cristo, onipotente por natureza, fêz Maria Santissima onipotente pela graça. Ela é, pois, onipotente no sentido de que, por suas preces, obtém tudo o que quer. (Sto. Afonso de Ligório).

I

Sua extensão

Enquanto Heráclio em pessoa marchava à frente do seu exército a combater os persas, o rei Cosroés aproveitou de sua ausência para sublevar contra êle os hunos ocidentais.

Êle vem, pois, cercar Constantinopla, que, desguarnecida de tropas, não podia mais resistir por muito tempo. Mas a Mãe de Deus havia tomado sob a sua proteção a cidade.

Uma manhã, ao nascer da aurora, os infiéis viram uma mulher de grande majestade, seguida de vários personagens, que saía da porta das Blaquernes, e, julgando ser a imperatriz que vinha pedir a paz ao seu rei, deixaram-na passar livremente.

Vendo, porém, que ela tomava outra direção, quiseram segui-la e prendê-la, mas ela desapareceu aos seus olhos, ficando êles tomados de tal terror e de tão estranha cegueira que, tomando então seus próprios companheiros por seus inimigos, em tôdas as fileiras mataram-se uns aos outros.

A frota naval, por sua parte, procurando voltar para o seu país, foi assaltada em alto mar por uma tempestade, e pereceu em grande parte.

Então, um só pensamento se apoderou de todos os espíritos: A aparição era a Mãe de Deus, que, ela sòmente, havia depredado os dois exércitos sitiantes, mostrando dêsse modo, mais uma vez, que é mais poderosa e mais terrível que um exército disposto em linha de combate.

Aí temos um dos milhares de exemplos do poder da Virgem Maria. Ùnicamente o seu aspecto dissipa os inimigos, dispersa-os, infligindo-lhes as mais vergonhosas e mais decisivas derrotas.

Êste é o efeito de seu poder sôbre os inimigos visíveis, mas São Pernardo diz ainda: "Os inimigos, que nossos olhos podem ver, temem menos um grande exército em linha de batalha, do que temem os demônios o nome, a proteção e o exemplo de Maria Santíssima.

Onde quer que encontrem a lembrança freqüente dêste nome, continua o mesmo santo, êles desaparecem como a cêra se derrete à aproximação do fogo".[1] E' o segundo aspecto de seu poder.

"Só a Mãe de Deus, ajunta Cornélio a Lápide, pode tudo, tudo renova, une-se a tôdas as almas fiéis que habitam a terra. E' ela que forma os amigos de Deus e os profetas, diz a Sabedoria: *Omnia potest; omnia innovat... amicos Dei et prophetas constituit.*

E' o terceiro aspecto de seu poder.

Mais um quarto aspecto nos é indicado em uma revelação feita a Santa Catarina de Sena.

Deus lhe disse um dia: "Minha bondade concedeu a Maria, gloriosa Mãe de meu Filho único, por causa da encarnação do Verbo que nela se realizou, que todo pecador que a invoque com uma piedosa devoção, não possa ser enganado e seduzido pelo espírito infernal, pois eu a escolhi, preparei e coloquei como um doce anzol, para por êle prender os homens e, sobretudo, as almas dos pecadores".[2]

Eis os quatro principais aspectos do poder de Maria Santíssima e os diferentes objetos sôbre os quais êle se estende.

Maria exerce um poder sôbre o destino dos impérios, sôbre os demônios, sôbre os justos, e sôbre os pecadores. Quer isso dizer que tudo lhe é submisso... que ela é verdadeiramente Rainha do céu e da terra.

Voltaremos ao assunto no capitulo seguinte, tratando sôbre êste titulo da augusta Virgem, após têrmos averiguado donde ela tira êste poder.

"Tôdas as criaturas, diz S. Bernardino de Sena, são os servos de Maria, como o são da augusta Trindade, pois qualquer que seja o lugar que ocupem, seja espiritual,

1) Speculi B. V., c. IX. 2) In vita ejus.

como os anjos, racionais como os homens, assim como os elementos, os céus, os eleitos, mesmo os condenados e demônios, tudo o que está submetido ao império de Deus, está submetido ao poder da gloriosa Virgem.

Omnia quae divino imperio sunt subjecta, gloriosae Virgini sunt subjecta".[3]

Todos os anjos e arcanjos, os tronos e os principados, vos são fielmente submissos, ó Maria, diz S. Boaventura; todos os poderes e virtudes dos céus, tôdas as dominações vos obedecem, todos os coros dos querubins e dos serafins vos assistem, formam o vosso cortéjo, e são os vossos ministros.

Todos os anjos não cessam de cantar: "Santa, três vêzes santa é a Mãe de Deus, Mãe e Virgem".[4]

Tal é a extensão dos poderes de Maria Santíssima. Estende-se sôbre o céu, sôbre a terra e sôbre os infernos. Por tôda parte onde o Filho é adorado, o nome de Maria Santíssima é também pronunciado com veneração e amor. Por tôda parte onde bate um coração para o Filho de Deus, a lembrança de sua Mãe excita os anelos do mais terno e mais sublime devotamento... Por tôda parte, numa palavra, o reino de Maria Santíssima está unido ao reino do Salvador, e seus dois nomes, como confundidos em uma mesma prece. E' dizer que todo poder foi dado a Maria, que tôda criatura lhe foi sujeita: *"Exaltata est sancta Dei Genitrix super choros angelorum".*

A Igreja canta da gloriosa Virgem: "A santa Mãe de Deus foi elevada acima dos coros dos anjos — e, ajunta Santo Tomás, a Virgem forma, ela só, a segunda hierarquia, que é a mais sublime de tôdas, e a primeira depois de Deus".[5]

Humilde criatura por si mesma, Maria é também revestida da onipotência divina, que não difere do poder de seu Filho senão em que a sua é suplicante, *"omnipotentia supplex",* enquanto que a do Salvador é absoluta e dominadora.

Mas qual é a fonte e o fundamento dêste poder maravilhoso de Maria?

Eis o que precisamos examinar.

---

3) De laudib. B. Virg. 4) Speculi B. Virg. 5) Sup. Magn. trop. 4.

II

Os títulos dêste poder

Como vimos precedentemente, o grande e, poder-se-ia dizer, o único título de Maria Santíssima ao imenso poder de que ela é revestida, é sua Maternidade divina.

Todos os outros títulos — e êles são numerosos — originam-se dêste princípio e são o seu desenvolvimento.

Maria não foi revestida do manto da realeza senão porque ela tinha sido escolhida para ser a Mãe do Verbo encarnado.

O mesmo anjo que lhe revelou as grandezas, às quais queria elevá-la o Altíssimo, indicou ao mesmo tempo a extensão e a fonte dêste poder.

"O Filho que nascerá de vós será chamado o Filho do Altíssimo".

Se Jesus é Filho de Deus, Maria é Mãe de Deus.

Portanto, é ainda a maternidade divina que é a fonte verdadeira e inexaurível desta nova prerrogativa da humilde Virgem. O Filho é Rei, a Mãe deve ser Rainha.

Entretanto, para melhor compreendermos a extensão das maravilhas acumuladas na Virgem imaculada, podemos considerar êste desenvolvimento do princípio inicial, como de outros princípios, servindo por sua vez de bases para novos títulos.

Não menos fecundos, êstes mostram Maria Santíssima mais próxima de Deus, mais intimamente associada às obras do Pai, do Filho e do Espírito Santo — e no-la fazem ver como em uma nova luz.

Esta luz, é verdade, é ainda a da sua maternidade, mas considerada sob um outro ponto de vista diferente em desenvolvimentos, que qualquer espírito não teria podido deduzir.

Para conhecer todos os direitos que Maria Santíssima tem ao poder, consideraremos separadamente ainda suas relações com cada uma das Pessoas da augusta Trindade.

E' dizer que aqui, como em face de suas grandezas, um horizonte infinito se apresenta aos nossos olhos, pois se, segundo Santo Tomás, Maria Santíssima foi elevada a uma grandeza infinita ou quase divina, deve-se poder dizer que ela tem nas suas mãos um poder igualmente infinito.

Antes de tudo, reconheçamos que só Deus é onipotente e que as criaturas, mesmo as mais elevadas, sem

excetuar Maria Santíssima, não têm de poder senão tanto quanto lhe apraz conceder. Senhor de seus dons, êle faz que dêles participem a quem êle quer, na medida que êle quer.

Ora, é uma obrigação a que Deus se submeteu voluntàriamente: conceder às suas criaturas um poder correspondente à dignidade a que êle as eleva. Donde se segue que Deus, tendo conferido a sua Mãe uma grandeza acima de tôdas as grandezas criadas, deu-lhe, por isso mesmo, um poder superior a todo poder humano. Agir de outro modo seria da parte de Jesus Cristo colocar sôbre a fronte de sua Mãe uma coroa incompleta... e entre suas mãos um cetro quebrado. Não seria isso uma derisão?

Como é que Maria, filha, Irmã, Mãe e Espôsa de Rei, não seria também Rainha?... ou, quando muito, Rainha sem autoridade?...

Mas, então, Jesus Cristo não teria amado sua Mãe como qualquer homem de coração ama a sua?...

Quem ousaria dizê-lo?... pensá-lo sòmente?...

Nosso amável Salvador deu, portanto, à sua gloriosa Mãe um poder sem limites: *"Regina caelorum totum jure possidens Filii regnum.* — Rainha do céu, diz o abade Ruperto, impera com todo o direito no reino de seu Filho".

E' o que fazia dizer a S. Bernardo, dirigindo-se a Maria Santíssima: "Basta-vos querer, ó Virgem santa, e todos os vossos desejos serão realizados".

Aliás, os santos já observaram que entregar a sua vontade entre as mãos de Deus é adquirir um poder completo sôbre a vontade, porque Deus está todo inclinado a fazer a vontade daqueles que procuram fazer a sua.

Ora, pelo fato de ter Maria depositado tão inteiramente nas mãos de Deus todo o seu querer, também podemos deduzir o poder que Deus deve ter conferido àquela que se proclama com tanta humildade e sinceridade a serva do Altíssimo: *"Ecce ancilla Domini. Fiat mihi secundum verbum tuum".*

E' isto o que o próprio Nosso Senhor observou um dia a Santa Gertrudes: "Minha filha, disse-lhe êle, em uma visão, desde que tu depositaste tua vontade em minhas mãos, estou disposto a conceder-te tudo o que me pedires".

Por tôdas estas razões e tantas outras que já prolongaram demais o assunto, Maria Santíssima foi reves-

tida de um poder de conformidade com seus títulos e suas relações com a augusta Trindade. E é a sublimidade destas relações que nos dá a medida da elevação de seu poder.

Percorramos ainda uma vez estas relações, o que cada vez será feito com maior proveito e edificação sempre renovada.

III

Filha e irmã de Deus

E' primeiramente como Filha e Irmã de Deus que Maria Santíssima tem direito a um poder todo especial.

Filha de Deus!... Maria o é — nós o vimos, por adopção e por filiação real.

Quando estamos revestidos da graça santificante, somos também filhos de Deus, e o somos tanto quanto esta graça penetra em nossa alma.

E' daí que provém êste poder sobrenatural dos santos que vivem aqui na terra.

Êles são filhos de Deus em um grau tão elevado e tão intenso, que êste privilégio lhes permite haurir a graça, de certo modo, nos tesouros de seu Pai e Deus dá à prece dêles um poder que o vulgo ignora... mas um poder tal que diante dêle treme o inferno, à vista do qual os anjos se inclinam, por assim dizer, diante de seus irmãos da terra.

Que mais pode haver que o poder dos milagres?

Os santos... os filhos de Deus, oram e imploram aquêle que podem chamar "Abba", seu Pai, e a cuja prece o céu se inclina e os eleitos obedecem... dominam com tôda autoridade daquele a quem imploram.

Quem não admirou jamais êste poder dos santos?...

E por que Maria não teria êste poder... ela que é filha de Deus mais ainda que o são as demais criaturas, mais próxima de Deus que o serafim ardente?... Por que não o teria cem vêzes mais?... ela que carregou em seu seio o infinito?...

Não! não! não faleis de medida... não faleis em limites!

Ao meu coração, mais que ao meu espírito, repugna aceitar medida onde Deus não a pôs!...

Mas, além dêste título geral, que confere a graça santificante, Maria Santíssima tem títulos a parte, que derivam de sua maternidade divina...

Ela é a filha querida de Deus... sua privilegiada... sua tôda bela: *"amica mea, electa mea, unica mea"*. E entre Deus e ela existe uma intimidade que lhe permite a mancheias haurir as graças nos tesouros de seu "Pai", para as distribuir, segundo a palavra de S. Bernardo: "Quando lhe apraz, como lhe apraz e a quem lhe apraz conceder".

Depois dêste poder que, devido a um grau inferior e mais limitado, lhe é comum com todos os filhos de Deus, Maria Santíssima recebe um outro mais íntimo, que é o título de irmã de Deus.

Ser irmã de Deus, isto é, ser com Deus filha de um mesmo Pai... ter contraído com Deus o grau de consangüinidade lateral de todos o mais íntimo e o mais próximo... ter entrado na família de Deus... ter com êle relações familiares tais como existem nas famílias entre irmãos e irmãs... que glória!...

Ora, Maria Santíssima é tudo isso.

Sua família é divina. Seu Pai é Deus. Seu irmão, já que é permitido chamar assim a Nosso Senhor, êste irmão é Deus... Ela não é Deus, pois é criatura, mas atinge a divindade, é uma *"quase divindade..."*. Ela é princesa de sangue divino... como aqui na terra a filha, a mãe e a irmã de um rei qualquer é princesa de sangue real.

E na ordem natural a princesa de sangue real, embora não participe do govêrno, do comando, da autoridade de seu pai, de seu irmão ou de seu espôso, não participa de algum modo de seu poder?...

Poder de intercessão, de súplica, no sentido que, sem dispor de nada de sua própria autoridade, pode obter tudo por sua prece. Sua prece é como uma ordem. Seu pedido, como que uma espécie de direito. Sua intercessão, um título de tudo obter, porque não convém que o pai, o irmão, o espôso rejeite o pedido daquela que lhes é tão intimamente unida.

Assim, Maria, como Irmã de Deus, como princesa divina, dispõe verdadeiramente de um poder de intercessão onipotente. Ela não tem poder absoluto, mas de conveniência, pois convém que o irmão partilhe seu poder com sua irmã, como convém que o pai honre sua filha, atendendo a seus pedidos!...

IV

Mãe do Filho...

E', sobretudo, como Mãe de Jesus Cristo que refulge o maravilhoso poder da incomparável Virgem.

Encontramos uma imagem perfeita do poder de Maria Santíssima sôbre seu divino Filho na narração do poder de Betsabé.

Salomão tinha sucedido a Davi no govêrno do reino de Judá. Sua mãe Betsabé, encarregada de uma delicada missão, apresentou-se diante dêle.

"A sua aproximação, diz a Sagrada Escritura, o rei levanta-se, vem recebê-la, prostra-se diante dela, depois, assentando sôbre seu trono, faz elevar-se um outro trono para sua mãe, que foi colocado à sua direita".

Betsabé, tendo declarado que tinha vindo solicitar uma graça, o rei lhe diz: "Pede, minha mãe, não me é permitido contristar o vosso semblante — *Pete, mater mea, neque enim fas est, ut avertam faciem tuam*" (3 Rs 2, 19. 20).

Êste quadro encerra a imagem do poder de Maria Santíssima em sua qualidade de mãe do Salvador.

Jesus Cristo, em relação a sua Mãe, levanta-se também diante dela, e vem ao seu encontro, escolhendo-a desde tôda a eternidade para sua Mãe, de preferência a qualquer outra, ornando a sua alma imaculada da justificação original, cobrindo-a de tôdas as vantagens da natureza e da graça.

Êle se inclina respeitosamente em sua presença, obedece-lhe pontualmente, concedendo-lhe tantas homenagens quantas não as possuíam jamais os anjos e todos os homens conjuntamente.

Davi disse, em sua admiração: "Vossos amigos, ó meu Deus, vós os cercais com demasiadas honras"... Demasiada honra, sim, quando se trata dos santos, que não são senão os servos, quando muito os amigos de Deus; demasiada honra para Maria... nunca!... porque não é sòmente serva e amiga, ela é Mãe, e por êste título digna de tôda homenagem.

Salomão honrou mais ainda Betsabé, fazendo-a assentar-se à sua direita; o trono onde a colocou não representava senão imperfeitamente o trono infinitamente glorioso onde Jesus Cristo fêz assentar-se sua Mãe, nos esplendores eternos.

Enfim, Jesus dirige a Maria Santíssima as palavras que Salomão dirigiu a Betsabé: "Pedi, minha Mãe". Pedi com autoridade, pedi com confiança, pedi tudo, pedi sempre, jamais eu poderia afligir vossa face augusta e querida, por uma recusa sequer.[6]

Eis Maria Santíssima em sua qualidade de Mãe.

Sob êste aspecto, o seu poder pode ser considerado sob duplo ponto de vista: o da conveniência e o da santidade, isto é, o que resulta da autoridade de uma Mãe sôbre seu Filho, o que resulta da virtude que fêz de Maria Santíssima a Mãe de Deus.

"Virginitate placuit, humilitate concepit".

E' por sua virgindade que ela agradou, diz S. Bernardo, e é por sua humildade que concebeu.

Estas virtudes são, pois, uma autoridade real, pois que é por elas que Maria mereceu ser elevada à mais sublime das grandezas... e de ser revestida do mais universal dos poderes que vêm de Deus.

Consideremos o poder de Maria Santíssima sob êste pensamento de S. Bernardo:

Temos aqui um duplo aspecto: Primeiramente, o que provém de seu título de Mãe, considerando no artigo seguinte o que lhe proporciona sua santidade.

Quais são os direitos de uma mãe sôbre o seu filho? ou, então, quais são os deveres de um filho para com sua mãe?...

Reduzamo-los a quatro: a obediência, o respeito, o amor e a assistência.

Compreende-se que Jesus, o melhor dos filhos, tinha de sujeitar-se a estas obrigações com tanto mais cuidado, já que o seu exemplo deveria ser transmitido como modêlo perfeito.

Êle foi, portanto, obediente à sua Mãe. O Evangelho o diz expressamente: *"Et erat subditus illis"* — e lhes era submisso; êle a cercou sempre de respeito e de veneração, amou-a com tôda ternura de seu coração divino.

E depois, querendo desempenhar até ao fim os deveres de um bom filho, não se contentou sòmente em assistir sua Mãe em suas necessidades, de lhe comunicar uma parte de seus bens, mas lhe transmitiu seu domínio inteiro... pôs à sua disposição tôdas as riquezas que tinha recebido de seu Pai.

---

6) Cfr. Petitalot, op. cit.

Entremos nos pormenores.

O primeiro dever de um filho é *obedecer* à sua mãe, como o primeiro direito da mãe é dar-lhe ordens.

Êste dever é sempre o correlativo de um direito. Estabelecer um é provar o outro. Mas Jesus Cristo podia obedecer a Maria Santíssima?

Admitido o fato, que é certo, segundo o Evangelho, pode-se perguntar se Maria Santíssima tinha um direito estrito e rigoroso sôbre seu Filho, que era também seu Deus. Os teólogos não estão de acôrdo.

Vários afirmam — e sua opinião parece a mais provável — que Jesus Cristo impusera a si próprio, como uma lei, a obrigação desta obediência e prometera-o a seu Pai. Esta opinião concorda perfeitamente, de um lado, com a dignidade soberana de Jesus Cristo e, de outro, com as humilhações voluntárias do Filho de Deus.

Suarez, Vasquez e vários outros dizem que Jesus, infinitamente superior a Maria Santíssima em sua qualidade de Filho de Deus, não estava sujeito a lhe obedecer como um inferior.

Seja como fôr, êle o fêz, mas voluntàriamente, no excesso de seu amor, de tal modo que, rejeitado êste direito estrito, pode-se dizer e deve-se reconhecer uma conveniência tão natural e forte que se pode, em sentido largo, assimilá-la a uma espécie de direito, e dizer que Maria Santíssima teve sôbre seu Filho um direito, não de natureza, mas de concessão.[7]

---

7) Observamos aqui que as duas opiniões opostas podem ser discutidas; mas uma coisa é certa: a pessoa de Jesus Cristo sendo uma pessoa divina (ou pessoa do Verbo divino unida à natureza humana) nada mais se duvida que a Encarnação submetia mesmo Jesus a Maria. Tem-se a prova: a) pelo consentimento formal que lhe pediu o anjo enviado de Deus; b) pela necessidade em que se achava Jesus no presépio assemelhando-se a todos os recém-nascidos e a todos os meninos de sua idade, que não podem passar sem a obediência à sua mãe. E se aos doze anos Jesus se subtraiu por três dias a esta autoridade, foi em virtude de sua qualidade de Filho de Deus. Desde então êle foi chamado o "Filho do homem"; e mesmo sôbre a cruz, êle não esquece sua Mãe.

Para dizer que o Menino Jesus não devia estritamente obediência alguma a sua Mãe, deve-se concluir: a) negar o valor do consentimento ordenado pelo anjo a Maria; b) supor a inutilidade dos cuidados maternais na primeira infância e na adolescência de Jesus. Com a realidade de sua natureza humana, nada mais se vê de que o Menino do presépio tinha que obedecer a Maria. Ora "êle semelhou-se a nós em tudo, exceto no pecado", diz São Paulo.

A natureza, a piedade filial de Jesus, seu imenso amor para com sua Mãe, a autoridade maior de Salvador inclinavam, pois, sob a autoridade de Maria.

Aliás, Jesus Cristo veio a êste mundo para o levantar, trazendo o remédio para o seu mal.

O mundo perdia-se nas crises do mais excessivo orgulho, e no cinismo da mais total independência.

O Salvador lhe opõe sua humildade e sua submissão: *"Contraria contrariis curantur"*, diz o velho adágio, ao mesmo tempo que deixava aos séculos futuros o culto mais amante e mais expressivo que jamais houve: o da Virgem-Mãe.

Pode-se, pois, repetir com São Bernardino de Sena, que "tudo está submetido ao império de Maria Santíssima, pois que o próprio Deus lhe é submisso", e com S. Pedro Damião: "que ela se aproxima do tribunal de Jesus Cristo, como rainha e não suplicante, mestra e não serva".

O segundo dever da piedade filial consiste em *honrar* os próprios pais.

Tributar honra... é, entre os homens, o primeiro dos bens e êles o compram a custo de qualquer sacrifício.

A honra que os homens a si tributam é tanto maior quanto mais elevada e mais digna é a pessoa que se honra.

Ora, Maria recebe as homenagens do próprio Deus, e isto não por simples formalidade, mas por direito.

E que poder não deve ter Maria, por esta honra que lhe rende o Filho de Deus?... pois que em Deus os títulos encerram o que significam e significam o que encerram! E' o que fazia dizer a S. Germano de Constantinopla: "Quando esta Virgem ora por nós, não pode deixar de ser atendida, pois Deus lhe testemunha em tudo uma deferência sem limites, como à sua Mãe verdadeira e sem mácula".

"Sim, ela é poderosa, diz Santo Anselmo, a ponto de que, para Maria, o ser ouvida por seu Filho é ser atendida, pois ela é atendida por causa das atenções que lhe são devidas; de tal modo que "o Filho onipotente tornou Maria também onipotente".

O terceiro dever, que incumbe a um bom filho, é de amar aquêles que lhe deram a vida. E aqui, quem dirá jamais o amor do mais perfeito e do mais amante dos filhos, para a mais terna e mais amável das mães!

Deus ama a todos nós... êle nos ama, primeiro, sem mérito de nossa parte, *"prior dilexit nos"*; mas, em seguida, êste amor aumenta à medida que aumenta o nosso amor por êle.

E quem poderá dizer o amor de Maria Santíssima por Jesus... e já não é um êxtase o querer só aprofundar êste pensamento?...

Experimentemos, se possível fôr, entrever qual devia ser o amor de Jesus por sua Mãe!... como Nosso Senhor cumpriu o seu dever de amor aos seus pais!

Teremos que voltar ainda a êste assunto, pois o grau de amor de Deus a uma criatura constitui o grau de poder que lhe é comunicado; ainda mais: lá encontra a própria fonte dêste poder... é sua regra... é seu fim.

Enfim, resta o último dever da piedade filial: assistência... a partilha dos bens.

Aqui, encontramo-nos em face de um mistério, o mais inefável e o mais condescendente que possamos imaginar.

Jesus não se contentou em dar a sua Mãe uma parte de seus bens, mas lhe entregou tôdas as suas riquezas... todos os seus tesouros... tudo o que nêle é comunicável a uma simples criatura.

Jesus é chamado a "Sabedoria eterna". Maria é cognominada o "trono da Sabedoria".

Jesus é onipotente por si próprio. Maria Santíssima tornou-se onipotente por seu Filho.

Jesus é nosso Rei, Maria é nossa Rainha.

Jesus é nossa esperança. Maria é a esperança, a vida dos cristãos.

Jesus é o caminho que conduz ao céu. Maria é a porta do céu.

Jesus está sentado à direita de Deus Pai. Maria está sentada à direita de Deus, seu Filho.

Jesus é o Mestre do universo, o Rei do céu e da terra. Maria é senhora do mundo, a Rainha dos anjos e dos homens.

Ao nome de Jesus dobra-se todo joelho no céu, na terra e nos infernos. Ao nome de Maria dobram-se os dos anjos, dos homens e dos demônios.

Jesus Cristo obedeceu, portanto, a sua Mãe; e, sendo a glória o complemento e o remate da graça, êle lhe obedece ainda hoje, no céu.

Maria é sempre sua Mãe, e, como tal, guarda sôbre seu Filho tôda a autoridade que êste se dignou conferir-lhe na terra.

O doce Salvador respeita sua Mãe e a faz respeitar; êle a ama e quer que ela seja amada; assiste-a, deixando-lhe a livre disposição de todos os tesouros.

Ah! sim, Jesus Cristo é Filho de Maria Santíssima — êle é o melhor dos filhos. E o poder dêste Filho é infinito, como o é o seu amor e como o são as suas riquezas.

Qual não deve, pois, ser o poder de sua Mãe!...

V

A lei da santidade

Há ainda outro modo de considerar o poder de Maria, enquanto Mãe de Deus; há ainda outro lado desta radiosa aparição, menos estudado, menos conhecido, talvez, porém não *menos glorioso,* e que não faz sobressair menos todo o poder da maternidade divina.

Evidentemente, Jesus é o melhor dos filhos; sua benevolência para com sua Mãe é ilimitada.

Ponhamos como princípio que, mais uma criatura é unida a Deus, mais ela é santa, pois a santidade não é outra coisa que a união com Deus e a conformidade à sua santa vontade.

Doutro lado, pode-se dizer que a santidade é um poder, o poder da alma sôbre Deus.

A alma mais unida a Deus é, por isso mesmo, a mais santa... e a mais santa é também a mais poderosa.

Aceito êste princípio, pode-se imaginar união mais estreita do que a união que existe entre a Mãe e o Filho?...

Possuir Deus... gerar a Deus... nutrir e educar a Deus! — Pode-se imaginar algo de mais santo, depois da geração eterna do Filho de Deus? pois que não é uma subtileza teológica, um jôgo vão de palavras.

Maria Santíssima é realmente, fisicamente, a Mãe de Deus. Desde a encarnação, o Verbo não existe sem sua humanidade.

Êle é Deus e é também homem... e êste homem-Deus forma um único ser, uma única pessoa, de que Maria é a Mãe.

Maria Santíssima não é Mãe da Divindade — como as outras mães não são fisicamente as mães da alma de

seus filhos; mas ela é a Mãe dêste todo que, sendo Homem-Deus, é Deus, como as outras mães o são dêste composto do corpo e da alma que é seu filho.

Portanto, é impossível imaginar uma união comparavel à de Maria, Mãe de Deus.

E se a sua santidade é tal, que não será o seu poder sôbre o coração de Deus?

A santidade é uma prece, mas uma prece que pesa divinamente na balança da vontade, da justiça e da misericórdia do Altissimo.

O poder de Maria é, pois, sua prece, seus suspiros de alma consumida de amor, e seus olhos e suas mãos elevadas para o céu, que fazem violência a Deus.

E' esta virgindade no meio da qual êle se compraz; é esta humildade, que o arrebata e o força de certo modo a se unir à sua criatura.... Tudo isso é um poder: *"omnipotentia supplex"* — um poder suplicante.

Mas, até onde irá êste poder sôbre Deus? Até, e é preciso notá-lo, onde a santidade exerce seu poder sôbre o próprio Deus. Deus quis sujeitar-se a esta doce violência.

Os ardores, os suspiros da Virgem tornar-se-ão tais que um dia, para lhes corresponder, o Filho de Deus far-se-á seu Filho... e Maria será Mãe de Deus... mandará sôbre o próprio Deus, em virtude desta lei de santidade. Como esta santidade deve ter sido imensa!...

Seu coração ficou sempre puro, e jamais o contaminou afeição alguma, que não fôsse divina.

E o rio plácido da ternura virginal aí misturou suas águas à impetuosa torrente dos desejos da vinda do Messias.

Longe de admitir alguma afeição profana, êle se inebriou de amor divino.

E, sem um milagre, o vaso de alabastro de seu coração não quebraria sob a pressão dos perfumes que encerrava?

Sua inefável predestinação... sua conceição imaculada... sua inocência de criança... sua inclinação de jovem — aumentavam alternativamente o total das afeições santas.

Êste tesouro de amor puro cresceu com tôdas as suas lágrimas, iluminou-se de tôdas as suas alegrias, embalsamou-se de todos os seus suspiros...

O coração da humilde e amante Virgem estava sem cessar perto de Deus. Seus lábios, apaixonados de santos amôres, distilavam a pureza virginal, a prece extática, qual orvalho sôbre a terra árida. Suas mãos suplicantes elevavam-se para o céu, carregadas de méritos e de bênçãos, assim como as mãos de Moisés, que deviam estar elevadas para salvarem Israel.

Maria Santíssima é santa: *"Santa Maria"*, e eis por que, um dia, um anjo se inclina diante dela e lhe diz: "Ave!" — eu vos saúdo, vós sois cheia de graça, pois o filho que de vós há de nascer será chamado o Filho do Altíssimo.

Maria Santíssima tornou-se dêste modo Mãe de Deus, porque ela era santa... porque reunia em um grau jamais alcançado por santo algum a pureza, a humildade... a plenitude da santidade.

Oh! que fecundidade maravilhosa da santidade!...

Sejamos santos, e participaremos de certo modo da maternidade divina da Virgem-Mãe!

"Feliz, diz S. Boaventura, quem se esforça o quanto pode para se conformar a Maria Santíssima".

Eis o duplo aspecto do poder de Maria, como Mãe de Deus: a lei de conveniência... e a lei de santidade.

VI

A espôsa do Espírito Santo

Dissemos e provamos que Maria é a espôsa do Espírito Santo[8] e que, como tal, ela completa êste Espírito de vida em suas relações com o mundo.[9]

E', pois, de certo modo, de tôda justiça que o Espírito Santo conceda por sua vez à sua espôsa muito amada uma autoridade e um poder em relação com o poder que Maria lhe deu pela maternidade divina.

E' o que êle fêz. E pode-se aplicar à incomparável Virgem cada uma das *relações* que a unem ao seu divino espôso.

Primeiramente, Maria tornou fecundo o Espírito Santo. Por sua vez, o Espírito comunicar-lhe-á uma maravilhosa fecundidade, e, para assegurar o resultado e a duração dela, colocará em suas mãos todo o poder no céu, na terra e nos infernos....

8) Cap. V, n. 6. 9) Cap. VI, n. 4.

"Todo poder, ó grande Rainha, exclama São Pedro Damião, vos foi dado no céu e sôbre a terra, a fim de que possais conceder tudo o que quiserdes".

Não convém, de fato, que a espôsa participe das glórias do espôso?

Maria, como tal, tem o direito de ser associada à fecundidade do Espírito Santo. E que fecundidade!...

Gerar eleitos, povoar o céu de almas que deverão sua felicidade eterna à Virgem imaculada, como aqui na terra os homens devem sua existência temporal à sua mãe.

Oh! papel glorioso da Virgem fecunda!...

Dêste modo Maria será a Mãe de todos os cristãos. Em todos os séculos e em tôdas as regiões, ela contará filhos que hão de amá-la, aclamá-la, associando-a a tôdas as suas penas como a tôdas as suas alegrias.

Escutemos a voz autorizada do bem-aventurado de Montfort.

"Maria produziu com o Espírito Santo, diz o santo missionário, a maior das coisas havidas e que jamais haverá, que é um homem-Deus, e ela produzirá, por conseguinte, as maiores que haverá nos últimos tempos.

A formação e a educação dos grandes santos são-lhe reservadas... e uma das grandes razões pelas quais o Espírito Santo não faz agora maravilhas resplandescentes em nossas almas, é que êle não encontra aí uma união bastante grande com Maria Santíssima".

Aqui na terra, quando uma mãe deu a vida ao seu filho, não tem mais do que conservar esta vida, até ao dia em que êste possa manter-se por si mesmo.

Mas Maria não a dá uma vez sòmente; ela tem um poder que não têm as outras mães, o de ressuscitar o seu filho morto.

Que o pecado venha estender sua sombria mortalha sôbre esta alma amada de Maria Santíssima — e que o sôpro do inferno lance por terra e lhe arrebate a vida divina da graça...

Maria Santíssima vela, suas entranhas se comovem, e, em virtude de sua inesgotável fecundidade, ela vai gerar uma segunda, uma terceira, uma centésima vez, se fôr preciso, esta alma cara.

Ela a cobre com suas asas, com o seu coração, e pelo doce calor de suas ternuras, que não rejeitam a ingrati-

dão nem os reveses, ela procura reanimar o coração de seu filho, aproximá-lo de Jesus e tributar-lhe a sua amizade e suas boas graças.

Êste poder de fecundidade é dêste modo reservado a Maria, e é com o intuito de que lhe sobrevenha tôda honra, que o Espírito Santo fêz passar por suas mãos tôdas as graças que concede aos homens: "Pedir e querer obter as graças sem a intercessão de Maria, diz Santo Antonino, é pretender voar sem asas".[10]

Só no céu poderemos compreender esta fecundidade da Virgem, assim como a maneira inefável com que ela expande sôbre o mundo os dons do seu celeste espôso.

Mas Maria não tem sòmente todo poder sôbre os tesouros do Espírito Santo; seu poder estende-se ainda sôbre os homens.

Em troca da autoridade sôbre o Filho de Deus que ela adquiriu, o Espírito Santo depôs em suas mãos todo o poder sôbre os homens, ao ponto que, como dizem os santos, não são salvos senão aquêles que ela mesma quer que se salvem.

Nosso destino, pois, está em suas mãos[11], e é esta convicção que punha sôbre os lábios dos santos palavras tão cheias de confiança que encontramos por tôda parte em seus escritos como esta de S. João Damasceno: "Rainha imaculada e tôda pura, salvai-me, preservai-me da eterna reprovação".[12]

Êle não diz: Orai por mim... intercedei por mim, mas "Salvai-me... preservai-me", confessando assim o poder total que o Espírito Santo deu a Maria Santíssima sôbre a salvação dos homens.

E' ainda a Maria que o Espírito Santo deve sua ação santificadora sôbre a Igreja de Jesus Cristo. Lá ainda êle a associou e fêz dela a Virgem sacerdotal com a missão sublime de dirigir o desenvolvimento do sacerdócio de Jesus Cristo.

Maria não é mais sòmente a Virgem sacerdotal, que considerámos precedentemente, ela é ainda a Virgem-diretora do sacerdócio.

---

10) P. 4, t. 15, c. 22, parte 9.

11) Salus nostra in manu Mariae est (Ric. de S. Lour. De laud. B. Virg. l. 2. p. I.).

12) Regina Immaculata et pura! Salva me, libera me ab aeterna damnatione (Paracl. in Deip.).

Expliquemo-nos:

A vocação é muitissimas vêzes o resultado de uma tríplice combinação suave: a graça divina — a fidelidade a uma pequena coisa — a piedade de uma mãe.

A criança, pelas preces de sua mãe, talvez fêz um dia um pequeno sacrifício de criança, uma prática inocente que encantou o coração de Deus... uma chama iluminou imediatamente esta alma, uma idéia colocou-se diante de seu espirito, e, como que em uma espécie de transporte, que se chama o entusiasmo, exclamou: "Eu quero salvar almas".

O que foi que ocasionou isto?...

Umas vêzes foi uma narração ou leitura, qual seta saída em boa hora da aljava de Deus!

Mas qualquer que seja a causa que produziu a centelha, foi uma Rainha que veio determinar a escolha do futuro levita, misturar-se a seu entusiasmo, afastar os obstáculos à sua vocação, e esta Rainha é Maria Santissima.

Sim, é ela, ó sacerdotes, ó levitas, é ela que, como espôsa do Espírito Santo, foi a origem de vosso pacto com Jesus Cristo, o Sacerdote eterno.

E' ela que experimentava pôr a coroa em vossa fronte, na formação de vossa primeira tonsura; ela, que vos acompanhava os passos na passagem de uma ordem menor a uma superior; ela, que preparou vossos dedos à unção do óleo santo, e vossos lábios às palavras da consagração.

Tudo isso ela o fêz em virtude da missão que incumbe à espôsa, a saber: formar os filhos do espôso!...

Depois do desenvolvimento da vocação e da unção santa, vem o sacrifício!

Sobe até ao Gólgota, ó sacerdote do Altíssimo, sobe sem mêdo, pois Maria Santíssima será contigo. Podes contar com o seu socorro certo.

Em recordação do sacrifício do Calvário, com efeito, Maria Santissima é o auxilio do sacerdote. "Quando o sangue e a água brotavam do lado entreaberto da grande vítima, neste duplo liquido se preparava o conteúdo do cálice de todos os sacerdotes. Maria oferecia então, em espírito, a taça de vida e de honra que devia passar em tôdas as mãos sacerdotais até ao fim do mundo.

Assim, quando um ministro do Senhor vai subir ao altar, êle pode fortificar-se, inebriar-se dêste pensamento: Meus lábios pronunciarão as palavras da consagração, mas quando eu levar o cálice, as mãos virginais de minha divina Mãe ajudar-me-ão a oferecê-lo.[13]

Como é belo e como é grande!...

O sacerdote no santo altar é como uma ponte lançada entre as três Igrejas, que não fazem senão uma.

Êle apresenta ao mesmo tempo a divina hóstia, centro de todos os bens, na Igreja militante e na Igreja padecente.

Ora, coisa admirável! quando o fruto do santo sacrifício vai se aplicar às três Igrejas, quando os méritos de Nosso Senhor vêm aí expandir-se em torrentes, Maria Santíssima lá está, mais bela que uma taça de ouro, para apresentar os méritos divinos e para ser reparadora das faltas próprias à fragilidade do ministro sagrado na função sacerdotal.

Mas o que dizer do privilégio de que Maria é dotada, em troca do poder que ela deu ao Espírito Santo, para tôdas as suas obras, de derramar sôbre as almas as torrentes de graças de que êle é a fonte e os sacramentos que são os seus canais!

"Maria Santíssima, diz o bem-aventurado de Montfort, recebeu de Deus um grande domínio nas almas dos eleitos, porque ela não pode fazer nêles a sua morada, lançar em seus corações as raízes de suas virtudes e ser a companheira indissolúvel do Espírito Santo para tôdas as suas obras de graça; ela não pode, digo, fazer tôdas estas coisas, sem que tivesse direito a suas almas por uma graça singular do Altíssimo que, tendo-lhe dado poder sôbre seu Filho único, deu-lhe também poder sôbre seus filhos adotivos, não só quanto ao corpo — o que seria pouca coisa — mas também quanto à alma".[14]

Nós cantamos dêste Espírito divino, no símbolo, que é "Senhor e vivificador", porque, em virtude da lei de apropriação, atribuímos ao Espírito Santo a bondade e a comunicação da vida.

Ora, o Espírito Santo quis participar dêste papel santificador com Maria Santíssima, como o espôso com sua espôsa.

---

13) J. Lémann: A Virgem Maria.
14) A verdadeira devoção.

Se, pois, êste, para governar e vivificar as almas, tem sôbre elas um direito de soberania, Maria Santíssima também, pela mesma razão, deve participar desta dominação.[15]

Tal é o poder que confere à Virgem imaculada o Espírito Santo em virtude de sua união com ela.

Logo, em troca de sua fecundidade e da autoridade sôbre Jesus Cristo, sôbre a Igreja e sôbre os sacramentos, que lhe deu Maria Santíssima, êle a torna fecunda, Mãe dos eleitos e Virgem sacerdotal, associando-a à sua obra de santificação...

Que poder para Maria... e que título para a nossa confiança e para nosso amor...[16]

VII

A muito Amada do Altíssimo

Exponhamos agora a última das fontes em que a Mãe de Deus recebe êste poder, ou, ainda, a fonte única, que encerra tôdas as outras.

Esta fonte não é outra que o amor de Deus à Imaculada.

Desde o comêço dêste livro, considerando a predestinação de Maria, indicamos êste ponto de vista; e, conquanto êste amor seja o móvel de tudo o que Deus fêz por sua Mãe e tudo o que dissemos até agora se refira a êste amor, convém, entretanto, considerá-lo aqui sob um aspecto mais direto e mais imediato, portanto mais sensível para nós que o das diferentes manifestações em que ela se nos mostra.

Compreender o amor de Deus para com a humilde Virgem seria compreender ao mesmo tempo a grandeza e o poder de que Deus a revestiu.

Quando se ama, nada se admira. A redenção é um mistério incompreensível sem o amor; é uma loucura para os pagãos, um escândalo para os judeus, diz S. Paulo; mas colocai aí esta curta e lúcida palavra: *"Deus tam dilexit mundum,* Deus amou tanto o mundo", que para o livrar do jugo de Satanás não hesitou entregar seu Filho único... Então, tudo se explica...

Que é que o amor não faz?... Êle dá... dá-se a si próprio... sacrifica-se... imola-se... fazendo no cora-

15) Cfr. Lhoumeau, op. cit.

16) No Cap. VIII estudaremos as conseqüências dêste poder de Maria.

ção uma chaga insanável, que se abre mais profunda, à medida que aumenta o seu amor... à medida que dá.

Êle só tem um pesar, que é não poder fazer ainda mais para aquêles que ama.

E Deus que tem, em grau infinito, a paixão do amor... sem ter nossa fraqueza, em frente daqueles que são objeto de nosso amor, que não fará êle?... que fará?...

O amor explica tudo... e, sobretudo, explica as grandezas e o poder da Virgem Maria.

Deus ama Maria Santíssima... Ama-a como um pai ama sua filha, como um filho ama sua mãe, como um irmão ama sua irmã, como o espôso a sua espôsa.

Ama-a como o tabernáculo vivo de tôdas as virtudes, de tôdas as perfeições, de todos os heroismos. Ama-a como êle mesmo o diz, como sua bem-amada, sua tôda bela, sua única, como a menina de seus olhos... ousarei até dizer, ama-a tanto quanto é possível, como se ama a si mesmo, pois que êle vê em Maria uma participação à sua paternidade, à sua filiação, à sua bondade, à sua onipotência... à sua pureza... ao seu amor...

Êle ama tudo isso em Maria, ama-a apaixonadamente, como se ama a si próprio... e então, quem é que o deterá na comunicação sempre renovada de suas grandezas, de seu poder, de todos os seus dons?...

O que explica tudo é, pois, o *"Deus tam dilexit"* — Deus amou-a tanto!

Que chama mais pura, mais intensa e mais fecunda que a de Deus para a Virgem Mãe?...

Ora, como já dissemos, mas é bom repeti-lo ainda, Deus não ama senão o que é bom, e na medida de sua bondade; e não só ama o que é bom e amável, mas é êste mesmo amor que torna uma coisa ou uma pessoa amável. Deus é a fonte de todo o bem. Seu poder está ao serviço de seu amor, e êste poder não conhece outros limites senão aquêles que lhe impõe seu amor.

Êste amor divino, não podendo ficar estéril, mais êle ama, mais êle torna digno de amor.

Avaliai, segundo êste princípio, o poder da Virgem Maria!... é a imensidade que se abre ante nossos olhos... é o infinito que forma o seu horizonte...

Mas por que Deus ama tão ardentemente a Virgem Santíssima?...

Quando o vosso coração se sente atraído para uma pessoa, cujas qualidades físicas ou morais vos impressionam e vos cativam, quando sentis em vós mesmos uma como imperiosa necessidade de amar alguém, quais são as raízes dêste atrativo?

São quatro as razões: as *perfeições* da pessoa amada, os laços de *semelhança,* ou de parentesco que a unem a vós, suas *atenções* para convosco, e, enfim, a *afeição* que ela vos testemunha.

Tôdas estas causas reunidas em Maria Santíssima asseguravam-lhe da parte de Deus o amor mais intenso e mais extenso.

As perfeições de Maria eram inumeráveis. "Maria, do mesmo modo que a sabedoria eterna, diz S. Jerônimo, era ornada de tôdas as virtudes".

"Maria é o tesouro mais excelente de tôda santidade", acrescenta Santo André de Creta.

E S. João Damasceno: "Maria, plantada na casa de Deus, como uma oliveira fértil, torna-se a habitação de tôdas as virtudes... e o próprio Deus se compraz em reconhecer a inefável perfeição de sua muito-amada: "Vós sois tôda bela, diz-lhe, vós sois tôda bela, e mácula alguma há em vós".

A *semelhança*... o parentesco de Maria com Deus:

Já várias vêzes dissemos e temos repetido, Maria é da família de Deus, e tem, com a Trindade inteira, as relações mais sagradas, donde se segue que amar Maria é amar a Deus, pois "tôdas as homenagens que se prestam à Mãe de Deus, diz S. Bernardo, redundam em favor do Filho".

As *atenções* de Maria para com Jesus.

Elas são sem medida. Era a complacência em face das inefáveis ternuras de seu Filho.

Era a ternura que se inclinava para o mais amável dos filhos.

Era paixão... paixão pura, santa, como as que ardem num coração virginal... numa alma imaculada.

E tudo isso se traduzia por uma bondade que se expandia, que adorava, que amava, que se identificava de certo modo com a bondade do próprio Salvador.

Enfim, o *amor* de Maria Santíssima para com Deus.

Amor ao mesmo tempo triplice e uno.

Maria Santíssima amava a Deus com um amor natural, como tôda mãe ama seu filho; com um amor adquirido, em vista das perfeições infinitas de Jesus; com um amor sobrenatural, pois esta criança, seu Filho, não era também seu Deus, seu Redentor e sua glória?

"Maria, exclama S. Bernardo, à vista desta bondade, é a sarça ardente que nunca se consome...

Maria, mais amada que todos, ama também a seu Deus mais que todos...

Assim como flecha de escol, o amor de Jesus Cristo traspassou a alma de Maria Santíssima...

No coração de Maria não faltou nenhuma parte de amor".

E' com êstes brados de admiração que a grande alma de S. Bernardo descreve o amor da Virgem por seu Deus...

Como Deus deve ter correspondido ao amor de sua Mãe por outro amor... indizível para nós, inexprimivel, mesmo para Maria... conhecido por Deus sòmente.

Estas quatro razões, que agem tão poderosamente sôbre os homens e os inclinam a amar, não podiam deixar insensível o coração do mais amante e mais terno dos filhos.

Maria, a obra-prima de suas mãos, imagem e semelhança de sua bondade e de seu amor, merecia estas divinas preferências e a elas correspondia por um amor reciproco, mais intenso e mais amplo que o amor de todos os anjos e de todos os santos reunidos.

Deus amou, portanto, Maria, e ainda a ama acima de tudo que nos é possível conceber.

Ama-a, e como seu amor não pode ficar estéril, êste amor comunica à humilde Virgem um poder em relação direta com êste mesmo amor: *"Deus tam dilexit"*.

Deus amou-a tanto, e é por isso que lhe deu um nome que está acima de todo nome e um poder acima de todo poder, que não foi ultrapassado senão pelo poder de Deus.

Em face de tão grande abismo, o que poderemos dizer?...

Eu não tenho senão uma palavra, que minha admiração me teria ditado, se a Igreja já não a tivesse pôsto sôbre meus lábios:

Virgo potens, ora pro nobis!

Virgem poderosa, rogai por nós!

VIII

A co-redentora

Após têrmos contemplado a união estreita de Maria com a adorável Trindade, devemos considerar algumas funções especiais outorgadas a esta incomparável Virgem, em conseqüência desta união inefável.

Para Maria, com efeito, ser unida a Deus como filha, irmã, mãe e espôsa, é o mesmo que ser sua cooperadora e sua auxiliar.

E eis outra fonte e uma das fontes mais principais do poder da Virgem: Maria é auxiliadora de Jesus. Mas Jesus é Redentor. Maria será, pois, co-redentora...

"Por uma mulher a morte, diz Santo Agostinho, e por uma mulher a vida. Por Eva a ruina, por Maria a salvação!"[17]

"A redenção é uma desforra divina da queda, disse muito bem um grande escritor, e, por conseguinte, ela deve efetuar-se entre os mesmos, e deve vir reparar os mesmos culpados".

Esta foi a economia da redenção.

Perdida por um homem e por uma mulher, era preciso que a humanidade fôsse salva por outro homem, por uma outra mulher, e que todos os eleitos da terra devessem a graça da predestinação, primeiramente a Jesus e depois, em segundo lugar, a Maria Santíssima.

Só Jesus é nosso Redentor. As preces e os méritos de Maria Santíssima são de ordem essencialmente inferior às de Jesus, mas são de ordem não menos essencialmente superior aos méritos dos santos.

Por um mérito de conveniência, Maria mereceu tudo o que Jesus mereceu por um mérito *de rigor,* isto é, por um mérito fundado sôbre uma amizade a parte com Deus, sôbre uma união sem igual com Jesus, sôbre uma dignidade que atinge o infinito, sôbre uma graça incomparável, Maria Santíssima mereceu para todos os homens a libertação de todos os seus pecados e a restituição de todos os verdadeiros bens.

E' o que exprime claramente a Bula *"Ad diem illum"*, de Pio X.

"Porque Maria, diz o Soberano Pontífice, sobrepuja todos os outros santos em santidade e em união com

17) De Symbolo. Serm. 3. Cap. VII.

Jesus Cristo, foi associada pelo Salvador à obra *da redenção e nos merece "de congruo"* (por mérito de conveniência), como dizem os teólogos, o que Jesus Cristo nos mereceu *"de condigno"* (por um mérito de rigor).

Experimentemos compreender bem tôda a extensão desta cooperação de Maria Santíssima, a fim de avaliarmos o poder soberano que lhe cabe pelo título de co-redentora, ou de associada ao Salvador.

Já notastes bem como Deus associa uma criatura à sua obra?

Assim, por exemplo, êle ilumina o mundo, mas, para isso, serve-se do ministério das estrêlas, do sol e de todo foco de luz.

Do mesmo modo, êle se serve do ministério dos anjos, do ministério dos homens para iluminar outros homens.

E na obra por excelência de Deus, que é a salvação dos homens, não haveria então nenhum colaborador?...

O mundo inteiro, sem dúvida, é chamado a cooperar nesta obra, e os santos, sobretudo, a ela dedicam-se poderosamente, mas todo o seu concurso não se pode comparar à cooperação de Maria Santíssima... e a linguagem popular e a linguagem dos teólogos chamaram-na pelo nome de "Co-Redentora".

E' desta co-redenção que um piedoso e profundo teólogo disse: "Assim como não podemos chegar a conhecer a Santíssima Trindade, nossa primeira Redentora, se não conhecêssemos Jesus Cristo como nosso Redentor imediato, também não podemos possuir uma noção exata da obra reparadora do Filho de Deus, não compreendendo a parte desempenhada por Maria Santíssima nesta mesma obra".[18]

E para compreendermos bem a redenção de Jesus e a co-redenção de Maria, é preciso comparar esta última ao papel dos demais santos e ver em que se assemelha a sua colaboração e em que se diferencia.

Em que se assemelha ela?...

A parte de Maria Santíssima na salvação do mundo é essencialmente subordinada ao papel redentor de Jesus e deriva dêle.

Maria Santíssima é a primeira resgatada, não do pecado atual, que jamais conheceu, mas da mancha ori-

18) P. Lépicier.

ginal, que no curso ordinário das coisas deveria tê-la alcançado.

Ela é a "Preservada" por excelência, a primeira predestinada, santificada e glorificada.

A imaculada Conceição é a obra prima da Redenção e o seu primeiro troféu, o seu primeiro triunfo.

Mas é precisamente daí que vem a Maria Santíssima seu título de co-redentora, pois, se seu papel é subordinado ao do Salvador, não é menos fulgurante nem menos glorioso para ela.

E' verdadeiramente desta subordinação que ela tira seu poder e sua eficácia, segundo a observação de um sábio escritor, pois é um princípio que aquêle que é primeiro em sua ordem reúne tôdas as perfeições desta ordem.

O anjo que está à frente de cada côro angélico é um resumo esplêndido das perfeições dêste côro.

O centro luminoso de cada sistema de astros é mais rico em luzes que os astros todos que o compõem.[19]

O doutor angélico diz que "os santos são ministros da mediação de Nosso Senhor"[20], isto é, que êles, por seus sacrifícios, seus trabalhos e suas preces, são colaboradores de sua redenção.

Maria Santíssima, que está à frente de todos os santos, é, pois, a primícia e a colaboradora por excelência da redenção. Que digo! Ela forma uma ordem única, superior à ordem dos anjos e dos santos.[21] E' a auxiliar universal do redentor, e, por suas preces, seus sacrifícios e seu amor, presta-lhe um concurso do qual não se aproxima o concurso de todos os santos e de todos os anjos.

A co-redenção de Maria Santíssima, derivando assim totalmente da redenção de Jesus, não lhe podemos juntar nada de essencial, mas, por meio dela, Jesus quer revelar-nos sua própria redenção e no-la torna mais amável.

O amor do Filho e da Mãe unem-se suavemente, abraçam-se, para mais seguramente conquistar os corações.

A associação de Maria Santíssima ao mistério redentor não o torna essencialmente mais eficaz, mas lhe im-

19) Ch. Sauvé, op. cit. 10° elevação, p. 102.
20) Summ. Theol. III. q. 26, a I.
21) Cfr. Vega: Teologia mariana, n. 1873.

prime como que um carimbo materno, ou, antes, possuindo já êste carimbo, ela o eleva e nos permite distingui-lo.

Ternura alguma e devotamento nenhum da maternidade falta com efeito à redenção, mas nossos olhos tão fracos e nossos corações não sabem sempre descobri-los.

Mas em que ela se diferencia?

Sobretudo de quatro modos:

Primeira diferença:

A participação da incomparável Virgem ao mistério da redenção é uma condição essencial, que Deus quis, para que houvesse "redenção" em tôda extensão desta palavra, enquanto que a cooperação dos santos não vem senão depois e não influi em nada sôbre a sua existência, e não é de modo algum efetiva.

Os próprios anjos não puderam senão aplaudir êste mistério, mas do mesmo modo que a criação se efetuou sem seu concurso, assim a redenção se operou sem êles; — só o consentimento de Maria foi necessário.

Penetremos mais avante no estudo desta gloriosa co-operação da Mãe de Jesus.

Jesus Cristo, dizem os teólogos, teria podido entregar-se ao sofrimento e ao supremo sacrifício sem que Maria fôsse iniciada neste mistério, assim como a encarnação teria podido realizar-se sem que houvesse imolação.

Muitos e grandes teólogos admitem que a encarnação podia efetuar-se mesmo sem o pecado.

Então, evidentemente, não teria sido dolorosa, e Maria, dando-lhe seu consentimento, não teria sido co-redentora, pois o próprio Jesus não teria sido Redentor.

Mas tudo isso são possibilidades e hipóteses.

Realmente, Maria consentiu, cooperou *efetivamente*, com uma cooperação igual à cooperação de Eva ao pecado de Adão e à perda do mundo.

Se Eva tivesse pecado só, o gênero humano não teria decaído.

Do mesmo modo, se Maria Santíssima tivesse sofrido só, o mundo não teria sido salvo.

Jesus é o princípio essencial e único da salvação. Mas é a Maria Santíssima que o mundo deve Jesus Redentor. E' o *fiat* de Maria que nos assegura para sempre o redentor e a redenção.

Segunda diferença:

"Jesus é ainda Redentor, diz um sábio teólogo, por suas satisfações, e Maria, co-redentora, pelas suas próprias.

Entre as satisfações de Jesus e as satisfações de Maria, a diferença é ainda essencial.

As satisfações do Salvador são de uma dignidade divina.

As de Maria derivam das satisfações de Jesus, e mesmo sem poder igualar a reparação à ofensa, elas reparam, entretanto, melhor as penas e tôdas as conseqüências lamentáveis do pecado, do que tôdas as satisfações dos santos, porque elas participam da dignidade incomparável da Mãe do Redentor".[22]

E' o que faz compreender a Bula "Adjutricem", de Leão XIII, em que Maria é cognominada a "Redentora do mundo inteiro".

O amor dos santos estende o tesouro de seus sufrágios a um circulo mais ou menos extenso de almas; o amor de Maria, Mãe de Deus, estende o tesouro de suas satisfações a todos aquêles que querem a êle recorrer.

Terceira diferença:

Maria Santíssima é ainda co-redentora por seus sofrimentos; a êste respeito devemos falar no fim desta obra.

Aqui façamos notar sòmente que Maria não sofreu tanto senão também porque amou tanto.

Ora, a caridade e a graça são a fonte do mérito, como o mérito é a fonte do poder. E' o que nos conduz ao nosso ponto de partida: saber que a co-redenção da Virgem é para ela uma fonte de poder.

Ora, tudo aqui é amor. Só a caridade explica as suas dores, pois que era perfeitamente pura e nunca teve a expiar a menor sombra de falta.

"A caridade que nela arde para com Deus, diz Pio X, vai até torná-la participante dos tormentos de Jesus Cristo, associando-a à sua paixão.

Graças a esta comunhão de dores e de amor entre Jesus e Maria, Maria mereceu muito legitimamente que

22) Ch. Sauvé, op. cit., p. 196.

ela fôsse a reparadora do gênero humano decaído, a poderosíssima medianeira do universo inteiro".[23]

A razão suprema dos sofrimentos de Maria Santíssima, como de seus méritos e de suas preces, é, portanto, a caridade que a abrasa para com Deus.

Se ela sofreu mais do que todos os santos reunidos, foi porque amou mais do que todos êles juntos.

O' Virgem incomparável, divina co-redentora, não sejais sòmente associada à obra redentora, mas como o sois para com Deus, sede também para nós uma irmã, uma mãe... uma espôsa... uma bem-amada.

O Altíssimo não vos revestiu dêstes títulos senão para que exerçais as suas funções em nosso favor.

"Monstra te esse matrem"! Mostrai, pois, ó Virgem santa, que sois nossa Mãe, e obtende-nos a graça de nos mostrarmos sempre vossos filhos.

CAPÍTULO VIII

A GLÓRIA DÊSTE PODER

Do mesmo modo que aquêle que nasceu da Virgem é o Rei e o Senhor dos anjos, dos homens e de tôdas as criaturas, assim a Virgem, Mãe de Deus, é também a Senhora dos anjos, dos homens e de tôdas as criaturas.

(Santo Atanásio: Tract. de Inc. Chr.).

I

Jesus, prisioneiro de Maria

A glória do poder depende da extensão e da legitimidade dos títulos que o conferem, assim como da dignidade dos súbditos sôbre que êle é exercido.

Tentemos descobrir no poder da Virgem incomparável estas diferentes qualidades, a fim de aumentar, por sua contemplação, nossa confiança e nosso amor.

Nunca auréola mais gloriosa de poder cingirá uma fronte criada do que aquela que ilumina a Mãe de Jesus.

23) Pio X, Ad diem illum.

Quanto à sua extensão, basta dizer que o próprio Jesus se fêz cativo de Maria Santíssima, e que, por conseguinte, ela tem sôbre êle tôda autoridade; e por êle, sôbre o inferno, o purgatório, o mundo e o céu, pois assim como Jesus é Rei, Maria Santíssima é Rainha e Rainha de amor.

A legitimidade dêstes títulos nos é mostrada no testamento de Jesus moribundo, que a estabeleceu Mãe dos homens — nova Eva e reparadora do gênero humano.

A dignidade dos súbditos sôbre que ela se exerce, isto é, sôbre os homens, os anjos e, de certo modo, sôbre o próprio Deus — é o que faz da humilde Virgem como que o centro de tôda a religião.

E é tudo isto o que temos de considerar neste capítulo.

Comecemos pela base, por aquilo que confere a Maria esta plenitude de poder, isto é, a posse de Jesus.

Jesus é o Emanuel... Deus conosco.

Consultando ùnicamente a sua ternura, quis o Salvador formar êste grandioso desígnio: morará entre os homens... e com êles permanecerá...

Mas como realizar um tal plano? — Que é que pode impelir o Salvador a um tal excesso?...

E' o amor, sem dúvida, que o impele a isso... mas não há senão o amor à humanidade!...

Se o amor dos homens o atrai, nêles encontrará também ingratidão... e esta ingratidão não será capaz de o afastar... e até de o banir da terra?...

Tão odiosa lhe é a ingratidão que, onde fixa sua morada, deve ali se exilar.

Jesus conosco!... Mas não está êle exposto todos os dias às traições de nossa carne?...

Êle é o puro Espírito, e nós, desde o pecado original, somos carne miserável.

Ora, diante das quedas e recaídas de nossa carne contaminada, poderá um espírito puro como êle ficar conosco, ou ao menos não será tentado a desaparecer e nos abandonar a nós mesmos?

Que fareis vós, então, ó Deus, vós que desceis para vos tornardes o Emanuel?...

Parece, pois, necessário, diz piedoso autor[1], que êle se dê de modo a garantir plenamente a nossa raça, que,

1) J. Lémann: op. cit.

todavia, tem tão poucos atrativos, para que na sua vinda êle possa dizer: *"Tenui eum nec dimittam"*.

Eu o possuo e não o deixarei jamais.

O Deus, que ama, tudo previu e para tudo se preparou.

Ei-lo que se dá e se encerra na Virgem, tornando-se a obra-prima do dom e da entrega: êle se dá ao mundo e se entrega à Virgem!

E', pois, o amor de Maria que o atrai e o decide a ficar conosco, tornando-se o cativo da Virgem imaculada.

Resignai-vos, ó divino prisioneiro, vós sois prisioneiro para tôda eternidade: *"Uma mulher cercará um homem"*. — E' a profecia.

Ela se realiza. Eis-vos na "tôrre de Davi", na "tôrre de marfim", prisioneiro dos homens para sempre.

Se estivésseis com outros, poderíeis desembaraçar-vos. Com ela, não vos afastareis, por negras que sejam as ingratidões humanas.

Maria tem inúmeros encantos e segredos demais para cativar. Ela vos fêz assinar, em seu casto seio, um pacto de eterna permanência. E êste pacto sagrado, ó adorável prisioneiro, não pode ser rompido.

"Sim, o Filho de Deus está prêso", exclama o P. Lémann. Êle se deixou prender com satisfação. Outros meios de segurança poderão prender sua presença material.

Haverá os cravos do Calvário; haverá a sua palavra divina: "Eis que estou convosco até à consumação dos séculos"; haverá o admirável poder conferido ao sacerdote de tornar o seu Deus presente no altar.

Mas, acima de todos êstes motivos divinos, brilha aquêle que determinou o divino cativo a aceitar todos os outros, a pôr-se à disposição dos homens: é a lembrança de sua habitação no seio da Virgem.

Êle encontrou aí tanta felicidade, tantas delícias!"

Neste sentido, Jesus é verdadeiramente o cativo de Maria Santíssima e, segundo uma lei por êle mesmo estabelecida, o doce Salvador deve à sua Mãe respeito, obediência e amor!

Oh! que glória para Maria!... Ela reina por seu Filho, mas em troca êste Filho não quer reinar senão por ela.

E não basta ainda; depois de ter fixado sua residência na terra, êle deve permanecer aí e não pode mais deixar-nos, porque depende da Virgem e encontrou nela delícias que o ligam a ela.

Mas, quais são estas delícias?...

Não são nem a pureza, nem a ternura, nem a beleza que encantaram seu olhar, pois tudo isso êle encontrava no seio do Pai.

Mas o que êle não encontrava no céu e o que lhe foi fornecido por Maria, é a faculdade de poder humilhar-se.

Humilhar-se, quando se é onipotente, quando se goza de tudo, inclinar-se para sêres infelizes que sofrem, inclinar-se para lhes sorrir e repartir com êles sua felicidade, é um novo gênero de delícias que só as almas grandes conhecem e que Deus reservou para si mesmo.

Geralmente, todos aspiram subir; o Filho de Deus e as grandes almas, no meio dos seus sofrimentos, aspiram a descer.

Que inefável momento para Nosso Senhor aquêle em que pôde dizer: Eu chego a esta terra, graças à hospitalidade da Virgem Maria!

O brado de todos e de cada eleito é êste: *Eu chego ao céu!* e o do Salvador foi: *Chego à terra!*

Oh! que viagem! "A Majestade divina calçou-se", diz S. Bernardo em uma feliz e ousada expressão: *"Calceata majestas!"*

"Ela se calçou", tomando pés de viandante no seio virginal.

E, tendo-se feito semelhante a nós, Jesus vai, com seus pés, com seus joelhos e com todo o seu ser êle se abate diante da soberania de Deus, seu Pai, adorando-o como convém, pois não o podia antes.

Introduzido na familia humana, êle poderá ir um dia à procura de seus irmãos. Oh! como êle agradece a Maria os meios fornecidos".

Eu virei até êles, diz baixinho a sua Mãe. Procurarei meus irmãos exilados e a todos clamarei: "Vinde todos à vida eterna, para eu vos conduzir até ai, pois eu me fiz vosso caminho".

Por seu lado, a feliz Virgem sentia começarem em si as primícias desta bênção, devida aos dons peregrinos que ela abrigava: "Em mim está tôda a graça da vida e da

verdade, em mim está tôda a esperança da vida e da virtude" (Ecli 24, 25).

A glória do poder da incomparável Virgem é de ter ela autoridade sôbre Jesus e de manter entre nós seu divino Filho e nosso Deus.

Antes da encarnação a prece da humilde Virgem subia ao trono de Deus.

Agora, é Deus mesmo que desceu do trono e que se fêz, de certo modo, "nossa prece".

Os suspiros do Filho e da Mãe fazem um só suspiro...

A prece do Filho é onipotente... e a prece da Mãe participa evidentemente dêste caráter de poder.

Maria Santíssima será a "onipotência suplicante". Será a glória do poder divino, e por esta união incomparável com Jesus-Rei, ela se tornará Rainha do céu e da terra.

II

A rainha do céu e da terra

Por sua incomparável união com o Salvador, por sua autoridade de Mãe sôbre êle exercida, Maria Santíssima torna-se "Rainha".

Que é preciso para ser rainha?

Um cetro e um reino.

O cetro de Maria Santíssima é sua união com a divindade.

Seu reino é o universo inteiro: o céu, o inferno, o purgatório e a terra; tantas criaturas são submissas à autoridade de Deus e tantos súbditos conta o reino de Maria.

Que realeza!...

O Pai torna-a participante de sua realeza sôbre os anjos; o Filho, de sua realeza sôbre o mundo; o Espírito Santo, de sua realeza sôbre as almas.

E para que o poder corresponda ao título, o Pai associa-a à sua sabedoria fecunda; o Filho, ao seu poder infinito; o Espírito Santo, ao seu papel santificador.

Êstes títulos assim como o poder que a êles corresponde não se podem negar a Maria.

Maria tem direito de posse verdadeira, uma soberania real, e um poder verdadeiramente real.

"Do mesmo modo que Deus, que tudo fêz por seu poder, diz Santo Anselmo, é o Pai e Senhor de tôda a criatura, assim a bem-aventurada Virgem, Mãe de Deus,

que tudo reparou por seus méritos, é Mãe de tôdas as coisas".[2]

"Quando Maria consentiu ser Mãe do Verbo eterno, diz S. Bernardino de Sena, no mesmo instante e por meio dêste consentimento, ela mereceu e obteve o principado da terra, o domínio do mundo, o cetro e a qualidade de Rainha de tôdas as criaturas".[3]

E, com efeito, se Maria, pela carne que lhe deu, é tão intimamente unida a Jesus, como é que esta Virgem admirável poderia ser dêle separada quanto ao poder soberano?

"E' preciso, pois, reconhecer, diz Arnaldo de Chartres, que a dignidade real não é sòmente comum ao Filho e à Mãe, mas êles não têm senão uma só e mesma realeza".[4]

Maria é, pois, Rainha... Rainha, porque seu espôso é Rei, porque seu Filho é Rei... porque seu Pai e seu irmão são reis e porque a espôsa deve ser Rainha e a Mãe, Rainha-Mãe. O parentesco faz entrar a muitos em participação dos mesmos bens.

"Na soberania e no poder, diz ainda Arnaldo de Chartres, não separeis a Mãe do Filho, pois êles não têm senão uma mesma carne, um mesmo espírito e um mesmo amor; e desde que foi dito a Maria Santíssima: O Senhor é convosco, êles são inseparáveis para o futuro, em virtude desta promessa e desta graça".

"Maria, diz por sua vez o bem-aventurado de Montfort, manda no céu aos anjos e aos bem-aventurados.

Como recompensa de sua profunda humildade, Deus lhe deu o poder e a autoridade de encher de santos os tronos vazios, donde caíram os anjos apóstatas, por causa de seu orgulho.

Tal é a vontade do Altíssimo — que exalta o humilde — que de bom ou mau grado se sujeitam o céu, a terra e os infernos às ordens da humilde Virgem, que êle constituiu soberana do céu e da terra, chefe de seus exércitos, a tesoureira de suas riquezas, a dispensadora de suas graças, a obreira de suas grandes maravilhas, a reparadora do gênero humano, a medianeira dos homens, a exterminadora dos inimigos de Deus e a fiel companheira de suas grandezas e de seus triunfos".[5]

---

2) De excell. Virg. XI.
3) Pro festo V. M. Sermo 5, c. 3.
4) De laud. B. V.
5) Verdadeira devoção.

Mas é preciso ouvir S. Bernardino de Sena sôbre o assunto que nos ocupa.

Ninguém melhor do que êle tratou desta gloriosa prerrogativa de Maria.[6]

"Maria quer dizer *Mestra, soberana,* diz êle, e, segundo esta justa interpretação, pode-se considerar a propriedade da sua soberania, sua extensão e multiplicação.

Sua propriedade: "A verdadeira dominação consiste em não ter rival, isto é, em não ser submisso a nenhuma outra preferência, em não se apoiar sôbre o auxílio de outrem, em não depender de ninguém — em ser pródigo em dons.

"Ora, tôdas estas qualidades se encontram na soberania de Maria. Ela não está sujeita a ninguém.

"Como poderia estar Maria sujeita à criatura, ela que é a Mãe do Criador?"[7]

Além disso, a Mãe do Senhor de tudo o que existe tornou-se necessàriamente a Soberana de tôda criatura. E' o que faz Maria dizer, no Eclesiástico (24, 9-10): "Tive o império sôbre os povos e sôbre tôdas as nações".

E ainda, sendo permitido dizê-lo, ela não sòmente se tornou a Soberana de tôda criatura, mas até do próprio Criador, como no-lo atesta São Lucas: *"Et erat subditus illis".*

Em segundo lugar, ela não tem necessidade de auxílio algum fora de Deus.

E sôbre quem se apoiaria ela, com efeito, ela que é sustida pelo Rei eterno?...

Misticamente ela é Ester, ao encontro da qual vem o Rei, descendo de seu trono, isto é, o Filho de Deus, sustentando-a do alto do céu em seus braços.

Em terceiro lugar, ela não tem necessidade alguma de submeter-se a uma outra criatura.

Possuindo tudo em seu Filho, como poderia ela carecer de alguma coisa?...

Ela é a Mãe de todos os bens.

Logo, ela possui tudo.

Em quarto lugar, Maria é muito pródiga em dons.

Diz-se que o rei Assuero dispensou benefícios dignos da magnificência de um príncipe tão grande, pálida ima-

6) Sermo Salve Regina.

7) Quomodo enim subjiceretur creaturae quae Mater effecta est Creatoris. (Idem).

gem das atenções e bondade da bem-aventurada Virgem.

E' o que fêz dizer a S. Bernardo que ela vem em socorro de todos os que a invocam.

Tal é o cetro de Maria!

E qual é o seu reino?...

S. Bernardino aplica à bem-aventurada Virgem esta palavra dos livros santos, e põe em sua bôca: "Só eu percorri o círculo dos céus; só eu penetrei na profundeza dos abismos; só eu caminhei sôbre as ondas do mar; assentei-me em todos os lugares da terra e entre todos os povos tive o império sôbre tôdas as nações".

"Estas palavras, diz o Santo, encerram tôda a extensão do reino de Maria Santíssima, a saber: o céu, o inferno, o purgatório e a terra".

Maria é a Rainha do céu, Mãe e Rainha de tôdas as coisas, está assentada sôbre um trono real e colocada acima de tôdas as ordens dos ministros de Deus!... A alma de Jesus Cristo sobrepuja tôda ordem da natureza criada; ora, a grandeza da Mãe é conforme ao próprio homem-Deus.

"Ela é ainda Rainha dos abismos, pois domina as garras cruéis dos demônios e o seu poder.

E' por isso que foi dito ao demônio: Ela te esmagará a cabeça".

Ela mesma diz, pelo Eclesiástico: "Por meu poder, calquei aos pés os orgulhosos, pois assim como a serpente venceu o gênero humano por meio do pecado de Eva, levando a mão ao fruto proibido, o que consumou a ruína, assim, pelo mérito da Virgem Santíssima, atraindo Deus a si, a fim de que tomasse nossa carne, começou o esmagamento e nossa reparação".

Seu domínio estende-se ainda sôbre o purgatório.

"Êle está incluído no reino de Maria e lá estão ainda seus filhos que, em fase dolorosa, esperam nascer para a glória eterna.

"S. Vicente Ferrer, S. Bernardino de Sena, Luís de Blois e outros proclamam explicitamente Maria Soberana no purgatório, e o bem-aventurado de Montfort faz-nos pensar e agir conforme esta crença.

E' aí, nas mãos de Maria, que êle nos ensina a remeter o valor de nossas preces e de nossas satisfações; e êle nos promete que, em retribuição desta oferenda, as

almas que nos são caras serão mais amplamente aliviadas do que se lhes aplicássemos diretamente nossos sufrágios.

Por suas preces, com efeito, a Mãe de Deus pode obter que as satisfações infinitas do Cristo lhes sejam dadas em maior medida; ela mesma pode ceder-lhes parte dos seus próprios méritos, que para a Igreja são um tão rico tesouro.

Enfim, está em seu poder aliviá-las indiretamente, por exemplo, excitando os fiéis da terra a orarem por elas.[8]

Portanto, Maria reina sôbre tôdas as coisas. Seu império é universal, a fim de que haja poder e glória comuns entre o Filho e a Mãe.

"Porque o Senhor onipotente está convosco, diz S. Boaventura, vós sois onipotente com êle, onipotente por êle, onipotente depois dêle".[9]

Todos os santos padres, todos os doutôres falam sem cessar desta admirável realeza de Maria Santíssima; todos a chamam Rainha e Imperatriz universal e a Igreja inteira honra-a nesta qualidade.

Digamos-lhe, pois, cheios de admiração e de reconhecimento, como o P. Gueric:

"Continuai, ó Maria, continuai a reinar com tôda segurança; disponde a vossa vontade dos bens de vosso Filho, pois vós sois Rainha e tendes direito ao império e à dominação sôbre tôdas as criaturas.

Tibi debetur regnum et potestas.[10]

III

Realeza de amor

Maria é Rainha, mas é rainha de amor e de misericórdia.

Nela nada há de austero, nada de dominador.

No seio de sua glória, como outrora nas montanhas da Galiléia, ela se proclama "Serva do Senhor" e exalta aquêle que nela fêz "grandes coisas".

Maria é Rainha; porém, para nossa consolação, diz Santo Afonso de Ligório[11], ela é uma Rainha cheia de

8) A. Lhoumeau: A vida espiritual, 2ª p., c. 3.
9) Speculi lect. 3.
10) In Assumpt. serm. 3.
11) Glórias de Maria, c. I.

doçura e de clemência, inteiramente disposta a espalhar seus benefícios sôbre nossa miséria.

Segundo a observação de Santo Alberto Magno[12], o próprio nome de Rainha desperta a idéia de compaixão, de solicitude em favor dos pobres, ao contrário do nome de Imperatriz, que quer dizer severidade e rigor, pois vem do latim: *imperare*: mandar, ordenar.

Para têrmos a fisionomia exata desta Rainha tôda amante, é preciso, pois, representá-la, não nesta dignidade eminente, que lhe atrai as homenagens do universo, mas na ternura e na expansão do seu amor para conosco.

"Não, nunca, diz o Pe. Poiré, houve fonte que desse suas águas de tão boa vontade; nunca o sol teve tanto prazer de iluminar; jamais espírito algum teve tanto desejo de se instruir do que a Mestra que recebemos do céu o é de comunicar os seus tesouros de sabedoria que Deus lhe comunicou".[13]

As rainhas da terra não entram sequer nos pormenores, ao indagarem das necessidades dos seus súbditos.

Maria, ao contrário, é extremamente atenta a tudo o que diz respeito à felicidade dos seus súbditos.

Aliás, não é próprio do amor, sobretudo do amor terno e ardente, estar atento a tudo o que pode contentar aquêle que se ama?

Se Maria é Rainha, ela é também Mãe, e a grandeza do segundo título não eclipsa a ternura do primeiro.

As maravilhas resplandecentes que a Santíssima Virgem faz em favor dos seus não se realizam senão de tempos em tempos, mas as pequenas provas de proteção e de ternura que ela lhes testemunha são de tôdas as horas.

Na vida de S. Filipe Néri conta-se que, em Roma, os padres do Oratório possuiam uma capela em péssimas condições.

A viga que sustentava o telhado afastara-se do meio, em um dos lados, de tal modo que tudo devia necessàriamente desmoronar-se.

Ora, uma noite em que o Santo orava, viu a Santíssima Virgem sustentar com suas mãos o edifício em perigo até ao momento em que o Santo fêz abater o telhado.

---

12) Super miss. 9, 162. 13) Triplice coroa.

Dêste modo a amante rainha do céu salvara da morte a todos aquêles que habitavam aquela casa.

O P. Luís de Granada narra mais um outro fato que nos mostra como a doce Rainha de amor se interessa por tudo, ajuda em tudo e não deixa em dificuldade alguém que invocar o seu socorro.

Diz êle que em Setúbal, em Portugal, havia um nobre que, querendo um dia ir à pesca, ordenou à sua criada que lhe trouxesse o seu anzol.

Antes de o entregar, a criada quis limpá-lo, mas, por inadvertência, quebrou-o em duas partes.

A mulher do fidalgo, conhecendo o espírito violento do seu marido, temeu que êle se encolerizasse; e, para o evitar, foi logo prostrar-se aos pés de sua "doce Rainha", expondo-lhe seu embaraço e rogando-lhe que evitasse a ira do fidalgo.

Entretanto, o marido, estando naquele momento no pátio, pôs-se a pedir em alta voz que lhe trouxessem seu anzol.

Ninguém teve coragem de ir entregá-lo.

Enfim, a senhora dá a um criado os pedaços para que êle lhos entregue.

Ora, apenas passara o criado a porta, o anzol encontra-se inteiro, a linha intata, tendo sòmente um pequeno fio branco nos lugares onde fôra rompido e miraculosamente consertado.

Tal é a condescendência, até em pequenas coisas, desta grande e amante Rainha.

Ela não é rainha senão para amar mais, e serve-se de sua autoridade para assistir por tôda parte a seus fiéis servos e prestar-lhes mil e mil cuidados.

Embora essas atenções passem despercebidas nesta vida, tôdas essas atenções, entretanto, no céu constituirão o encanto dos que foram por ela favorecidos.

Maria Santíssima aparece-nos ocupada da felicidade de seus fiéis servos, para quem ela é conselho em tôdas as dúvidas, diz o P. Giraud[14], e os sustenta em todos os desfalecimentos, consolações e penas.

Ela os guia na senda da virtude, assiste-os e lhes estende a mão... enfim, sabe guardá-los tão bem em tôdas as coisas, que tudo lhes torna proveitoso e sua morte como sua vida preciosas diante de Deus.

---

14) Vida de união com Maria, c. IX.

Disto conclui piedoso servidor desta augusta e soberana Mãe quanto é útil declarar-se seu súbdito e seu discípulo, e ficar sempre submisso a seu império.

O' princesa do céu e da terra!... como é doce vosso império e benfazeja vossa realeza!...

Como se lucra em vos ter como diretora e soberana absoluta!

Sois Rainha e tôdas as honras vos são devidas; mas não é por esta glória que quereis que reconheçamos vossos títulos; é ao amor com que vos abaixais até nós, ó bondosa e afetuosa Mestra! ó prudentíssima conselheira! ó terna e bem-aventurada Maria!

Mais uma última observação a fazer a respeito da realeza de amor da amabilíssima Virgem.

Assim como o reino do Salvador, o reino de Maria está sobretudo dentro de nós — *"Regnum Dei intra vos est"*.

E é sobretudo ai que Maria é Rainha... e que, como Rainha, nos faz progredir nos caminhos da santidade.

E' com o olhar fixo sôbre esta realeza interior que o bem-aventurado de Montfort a proclama *"Rainha dos corações"*.

Já antes dêle, S. Boaventura tinha-o feito, saudando a Virgem com êste doce nome: *Ave! Maria... Regina cordis mei...*

E' igualmente à vista desta doce autoridade de Maria sôbre nosso coração, e com o desejo de para ela atrair tôdas as almas, que os filhos do bem-aventurado de Montfort erigiram a piedosa e bela confraria de "Maria, Rainha dos corações", que alista sob sua bandeira todos os filhos devotos desta gloriosa Rainha, desejosos de se entregarem totalmente a ela, de fazerem-na reinar sôbre tôda a sua existência e sôbre tôdas as suas faculdades.

Estabeleçamos Maria como Rainha do nosso coração, isto é, submetamos-lhe tôdas as nossas afeições, todos os nossos desejos, tôdas as nossas aspirações.

Acima de qualquer outro amor, reine o amor de Maria em nós, domine em nós e nos faça agir sempre sob a inspiração, sob a influência e sob o olhar desta amável Soberana.

Oh! como ela engrandecerá o nosso coração... como o tornará digno do trono que nêle quer estabelecer... e

como o dilatará e nêle derramará a mãos cheias os germes do devotamento, da dedicação e do sacrifício... assim como de todos os heroísmos e de tôdas as santidades!

Querido irmão em Maria! Pertença à Virgem o nosso coração e só a ela os nossos suspiros!...

Seja ela verdadeiramente a Rainha de nosso coração... pois o coração é o amor... e Maria é Rainha do amor!...

Ave! Maria... Regina cordis mei!"

IV

A Mãe dos homens

Tal é Maria!...

Não tinha ela razão de dizer: *"Fecit mihi magna qui potens est!* — Fêz grandes coisas em mim aquêle que é todo-poderoso!?

Tudo o que dissemos acêrca de sua maternidade divina mostrou-nos o quanto ela está próxima de Deus.

Maria não está menos próxima dos homens.

Mãe, próxima pela graça e, sobretudo, próxima pelo amor de Deus, ela é ao mesmo tempo Mãe dos homens.

Uma criancinha sentada ao colo de uma mãe cristã aprendia, pela vez primeira, a fazer o sinal sagrado da cruz.

Terminando a invocação das três pessoas divinas: "Em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo", a criança virou-se para a sua mãe e, fixando sôbre ela seu olhar límpido de criança, diz-lhe: "Mamãe, não há também uma mãe?"

O instinto da piedade cristã falava pelos lábios desta criança.

Deus devia preparar-lhe uma resposta.

E esta resposta é Maria.

Como dissemos precedentemente, Maria é associada à obra das três pessoas da augusta Trindade.

Assim ela põe de certo modo ao nosso alcance a própria divindade, o que supõe de sua parte uma intimidade sem igual com Deus... mas isto não supõe também que ela esteja nesta mesma intimidade com os homens?

Para unir seu Filho, a divindade e a humanidade, não é preciso que ela atingisse a divindade, tanto quanto

pode atingi-la aproximando-se ao mesmo tempo da humanidade!

Não era preciso que estivesse na intimidade de Deus e dos homens?...

Em uma palavra, não era preciso que ela fôsse Mãe de Deus e Mãe dos homens?

Nada, pois, pode existir de mais próximo e de mais intimo que uma mãe.

Era necessário que assim fôsse... e assim o é.

Maria é Mãe de Deus e por isso é também Mãe dos homens.

Sim, lá no céu, com a fronte cingida de tôdas as grandezas, com o coração transbordando de amor mais puro e mais desinteressado... com a alma radiante de tôdas as virtudes... olhar fito sôbre tôdas as nossas lutas... mãos sempre estendidas para nos abençoar... sorriso sempre pronto a nos encorajar e com os lábios sempre entreabertos para nos consolar, nossa Mãe reina, como reinam as mães... ùnicamente preocupada com a felicidade de seus filhos... ela está no céu afastando da fronte de seu Filho-Deus o diadema mais resplandecente, inclinando Deus para a terra... e fazendo irradiar as misericórdias onde deviam coriscar os raios da justiça.

Oh! só o coração de uma mãe pode fazer isso!

Vista nesta luz, tôda de amor, como Maria nos aparece grande — e como completa admiràvelmente as obras de Deus...

Ela é como a coroa... a irradiação de Deus.

E' como o sêlo do Deus que a criou por amor, que tudo guia pelo amor e para o amor: *"In caritate perpetua dilexi te"*.

Aqui na terra o primeiro objeto que encontram os olhos do homem no vislumbre de seu primeiro olhar é um sorriso de mãe.

Incipe, parve puer, risu cognoscere matrem.

Pode-se, neste mundo, não ter espôsa, filha, irmã, *mas Mãe, nunca!*

Todo homem tem sua mãe, e o sorriso desta mãe é a visão mais radiante do exilado da terra.

Envolto e revestido nas paixões como num lençol, o coração do homem pode gemer muito tempo em trevas que nenhum sorriso alumie, porém cedo ou tarde a lembrança de sua mãe se lhe apresenta, associada ao pen-

samento de Deus, como o refúgio seguro donde jamais foi alguém repelido.

E a religião, que corresponde tão admiràvelmente a tôdas as necessidades do homem, teria excluído esta relação tão profunda e tão doce!

Oh! não, uma religião onde não há uma mãe não pode ser a religião verdadeira... ela é demais fria... e o coração ali não vibra bastante...

E' preciso ao homem uma Mãe no céu, como êle tem uma sôbre a terra.

Em testemunho do que digo eu evoco as tristezas, os abatimentos, as agonias, as mágoas do coração humano, que, em tôdas as suas agitações, procura o seio de uma Mãe para depô-los e transmiti-los a Deus.

Deus sabia-o tão bem que, desde o Antigo Testamento, êle se compara a si próprio... algumas vêzes a uma ama... outras a uma mãe. *"Et ego quasi nutritius"* (Os 11, 3).

"Quomodo si cui mater blanditur, ita ego consolabor vos" (Is 56, 3).

Ainda uma vez Deus nos dá esta mãe.

A maternidade, ao mesmo tempo divina e humana de Maria, aparece-nos como uma ponte de misericórdia que nos permite ir até Deus pelo mesmo caminho que seguiu para vir até nós.

Maria envolve, de certo modo, a Trindade inteira do manto resplandecente de sua maternidade e, assim vestido, Deus se apresenta aos nossos olhos como um pai, como um irmão, como um amigo e até como uma mãe.

"Poderia uma mãe esquecer o seu filho e não ter compaixão do fruto de suas entranhas?" diz êle a cada um de nós.

Pois bem! se ela o esquecesse, eu não o esqueceria. *"Non obliviscar tui"* (Is 49, 15).

Por Maria Deus quis tornar-se pai, irmão e filho. Por último traço de amor, que leva ao auge a condescendência divina, êle consente em fazer-se Mãe... Mãe, por Maria.

Aqui, como nas demais relações exteriores, é Maria que lhe serve de complemento...

Oh! bondade de Deus! Oh! grandeza de Maria!

Mas, como é que Maria é nossa Mãe?...

Vamos dizê-lo e mais adiante tiraremos as conseqüências.

Foi em duas épocas, como o explicam os santos padres, que Maria se tornou nossa Mãe: — primeiramente por ocasião de sua anunciação, quando ela mereceu conceber em seu seio virginal o Filho do Altíssimo e, em segundo lugar, quando, no Calvário, Jesus se dirigiu a João, e por êle à humanidade inteira, pronunciando estas palavras: *"Ecce Mater tua* — Eis a vossa Mãe".

Sem entrar nos pormenores, indiquemos sòmente as razões pelas quais Maria é nossa Mãe... Mãe espiritual, mas real, e até, de certo modo, mais real que a mãe que nos deu a vida da natureza.

Há, sobretudo, cinco razões que provam esta maternidade humana de Maria.

Primeira razão:

Primeiramente, ninguém é mãe se não dá a vida, pois a maternidade supõe uma comunicação de vida: *Maria é Mãe, e ela é Mãe de Deus, pois dela nasceu Jesus, que se chama o Cristo.*

O Evangelho de S. Mateus no-lo diz: Ela deu a vida àquele que é a vida do mundo: *"Ego sum... vita!"*

Ela é, pois, de modo eminente, a Mãe de minha vida, pois que, como diz o apóstolo, minha vida é Cristo: *"Mihi enim vivere Christus est".*

Ora, se Cristo é minha vida, a Mãe desta vida é também minha mãe.

Como se vê, a Escritura fornece dados desta prova, que, aliás, o simples raciocínio revela.

Segunda razão:

E' tirada das palavras de Nosso Senhor.

Cristo veio a êste mundo a fim de ser a cabeça do corpo, de que todos os resgatados tornaram-se membros.

E como êle mesmo o diz: "Êle é o *tronco;* nós somos os *ramos".*

Logo, Maria, Mãe do tronco, é também Mãe dos ramos.

Finalmente, diz a êste respeito o bem-aventurado de Montfort, uma mãe não dá à luz a cabeça sem os membros, nem os membros sem a cabeça; também na ordem da graça, a cabeça e os membros nascem de uma mesma mãe.

Maria, Mãe de nossa cabeça, é, portanto, nossa Mãe.[15]

Terceira razão:

Pode-se dizer que Jesus Cristo, reintegrando a nossa humanidade em sua primitiva dignidade, de que o pecado a fizera decair, mereceu-nos mais graças do que havíamos perdido pela queda original, de modo que, segundo a palavra do profeta Isaias: *"Êle se fêz o pai de nossas almas na lei da graça"*.

Portanto, se Jesus é pai de nossas almas, Maria é sua Mãe. Com efeito, dando-nos Jesus, ela nos deu a verdadeira vida.

Quarta razão:

Nós a encontramos em S. Lucas, quando, falando do nascimento do Salvador, êle diz: *"Maria deu à luz o seu Filho primogênito — Peperit filium suum primogenitum"*.

Ora, um primogênito supõe que poderá haver também outros filhos; mas para a Santissima Virgem é de fé que Jesus é o seu filho único, segundo a carne.

Somos, pois, segundo a palavra do Salvador a S. João no Calvário e como êle disse a Santa Gertrudes, "os outros filhos de Maria, segundo o espírito".

E' nesta inefável irradiação, nesta mistura divina de poder e de humildade, de grandeza, de ternura, de condescendência e de glória, que nos aparece a Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, a nova Eva, a herança sagrada que nos dá Jesus.

Quinta razão:

Mas é sobretudo no Calvário que aprendemos um modo tão formal quão claro de que Maria é nossa Mãe.

O próprio Salvador confirma solenemente esta maternidade.

Êle a inclui em seu Testamento, ou antes, é o seu próprio Testamento que a transmite aos seus filhos: *"Mulier, ecce filius tuus — Ecce Mater tua". Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua.*

E desde esta hora, ajunta o evangelista, o discípulo tomou-a por todo o seu bem.

Tomar Maria como todo o seu bem é desapegar-se de tudo, para não se apegar senão a ela, e por ela encontrar Jesus, o fruto do seu seio virginal.

---

15) Verdadeira devoção.

Vamos tratar, no artigo seguinte, dêste Testamento, pelo qual Jesus nos legou sua Mãe.

E' um motivo tão poderoso, tão inefável de amor a Maria Santíssima, que importa pô-lo em plena luz e em todos os seus pormenores.

V

O Testamento de Jesus

Maria é nossa Mãe! — Doce e consoladora palavra.

E não é uma palavra banal, ou simples título de honra...

Ela é verdadeiramente nossa Mãe.

O Salvador, morrendo, declarou-o solenemente, e para êle, dizer é *criar.*

Jamais saberemos compreender tôda a grandeza e todo o amor desta inefável cena do Calvário, onde Maria é remetida como Mãe a S. João e aos cristãos.

Jesus dera tudo... tudo!... Dera-se a si mesmo; mas não era ainda bastante para seu amor.

Dera sua palavra, como um semeador que semeia durante três anos de fadigas e de trabalhos, e com ela a luz e a vida.

Dera sua graça sob as mais comoventes formas, curas e perdões de tôda sorte.

Dera os sacramentos, continuadores e condutores de sua graça até ao fim dos séculos.

Sôbre o infame patíbulo, onde o ódio e o orgulho o ataram, êle dava todo o seu sangue...

Que pode êle dar ainda?...

Parece que não há mais nada.

E, entretanto, êle vai fazer um Testamento... Êle quer deixar uma herança à humanidade inteira, representada ao pé da cruz.

Os gentios são representados pelos romanos. O povo judaico, pelos habitantes de Jerusalém. Os justos, pelas três Marias. Os pecadores, pelos ladrões crucificados ao seu lado.

Nada deve faltar à autenticidade, nem à forma dêste Testamento, que vai mudar a face das coisas, *pois aí está S. João,* diz admiràvelmente Santo Ambrósio, *que desempenha as funções de escrivão público.*

O Filho de Deus declara, pois, suas últimas vontades; êle, que parece ter dado tudo... encontra ainda alguma coisa a dar.

Ao bom ladrão e a todos os pecadores arrependidos, êle dá o seu paraíso, e dispõe em seu favor o seu reino celestial.

Aos seus algozes dá o seu perdão e o de seu Pai, *"Meu Pai, perdoai-lhes"*.

Então seu olhar sonda o tempo e a eternidade para procurar o que ainda fica a dar...

Nada mais tem que sua Mãe, sua Mãe que era o seu tesouro.

Para êle só, Maria tinha sido formada.

Ela sobrepujava tudo o que os céus e os mundos encerravam de mais precioso...

Que momento solene!...

O olhar de Jesus ilumina-se... Êle vai rematar a sua liberalidade e o seu amor por nós, dando-nos sua Mãe: *"Eis a vossa Mãe — Eis o vosso filho"*.

Eis a vossa Mãe!

E' como se o Salvador dissesse: "Meu Pai e eu amamos os homens até ao excesso: — Meu Pai, dando-me a êles; eu, entregando-me por êles.

Nada mais podemos dar, mas vós, ó minha Mãe, podeis ainda: Mulher, tornai-vos Mãe dos homens!

Ouvir ser declarada Mãe e sê-lo na realidade, receber o encargo e cumprir os seus deveres — foi para Maria Santíssima a obra de um só e mesmo instante.

Todo amor que ela tinha para Jesus reverteu-o de uma só vez sôbre todos os homens. Dora avante ela amará os homens com todo o amor com que amava o seu Jesus.

E quem dirá tôda a intensidade dêste amor?...

"Era, dizem os santos doutôres, o momento em que a Virgem Maria amava seu divino Filho com tôdas as potências transbordantes de *seu ser*.

Estava ao pé da cruz, contemplando, coberto de chagas, o muito amado que ela trouxera em suas entranhas.

Ela via o sangue correr de suas carnes retalhadas, de suas veias rompidas, de seus membros trespassados pelos cravos; ouvia os sarcasmos amargos, as blasfêmias, os ultrajes e os insultos que vomitava um povo em fúria.

E da parte da vítima ela não percebia senão sinais de ternura, prodígios de paciência, oferta de paz e de perdão.

Sua cabeça inclinada, seus braços estendidos para um povo que se esforçava por fazê-lo morrer.

Ah! diante de um tal contraste, ela amou Jesus com tôdas as potências de um amor que não se compreenderá jamais.

Certamente, ela sempre o amara tanto, que não se lhe podiam comparar os ardores dos anjos e dos santos reunidos.

Mas, sôbre o Gólgota, seu amor passa por transportes indizíveis. Ela ama o heroísmo, ama a caridade, a clemência, a mansidão e seu coração se liquefaz enquanto suas entranhas são mais anelantes, como a terra fendida pela aridez.[16]

Pois bem! é neste momento que cai sôbre ela a grande palavra, germe celeste e criador: "Mulher, eis o vosso filho".

E no mesmo momento êste coração dócil, que jamais terá rival, verte sôbre nós os sentimentos de incompreensível ternura e amor ardente, de que estava inteiramente possuída por Jesus.

E, não menos dóceis que o coração, as entranhas desta Mãe que, até então, não tinham conhecido senão a felicidade da permanência de Jesus, comovem-se por todos os homens.

Diante da criação desta maravilha de amor, do coração dos filhos de Deus brota êste brado repetido de século em século, de ano em ano, de dia em dia, de minuto em minuto: *"Salve, Regina, Mater, vita, dulcedo et spes nostra, salve!*

Salve, Rainha, Mãe, nossa vida, nossa doçura e nossa esperança, salve!"

Desde o dia radioso até à última noite do mundo, todos os homens poderão aproveitar desta herança divina e ter Maria por Mãe.

Permitam-me os leitores esta efusão!...

Mas minha alma e meu coração exultam ao espetáculo de tanto amor; jorram as lágrimas aos olhos... e, caindo de joelhos diante da Virgem doce e sorridente, diante da Madona que me ocupa de dia e não me deixa durante a noite, eu sinto a necessidade de falar-lhe... antes mesmo de falar dela.

O' incomparável Virgem Maria!

---

16) Jos. Lémann: op. cit.

Vós sois minha Mãe. Sois a herança que me deixou Jesus...

Sabeis tudo o que eu sinto neste momento.

Vosso amor possui meu coração. Êle não pulsa senão por vós e — ousaria dizê-lo até — não pulsa senão em vós.

Todo o amor humano parece-me pálido e miserável quando eu o deponho a vossos pés.

Todo olhar parece-me fraco e embaçado, quando fixo os meus olhos sôbre os vossos...

Uma paixão interior devora-me... é a paixão de amar-vos sempre mais e, diante de minha impotência em amar-vos como o deveria, quereria fazer-vos amar, a fim de que os outros supram por seu ardor ao que me falta.

Reinai, ó Maria... reinai sôbre o mundo, sêde a Rainha e a Mestra de todos os corações, para que possais submetê-los todos ao império de Jesus.

Que vosso sorriso irradie em tôdas as almas, pois êste sorriso é uma luz, um sustentáculo, uma fôrça... um sinal de predestinação.

VI

A nova Eva

Maria Santíssima é, pois, nossa Mãe, por herança divina.

Nós somos verdadeiramente seus filhos.

Que doce e consoladora verdade!...

Mas por que preço tornamo-nos os filhos de suas dores... que resgate deve ter pago a pobre Mãe para nos retirar das portas do inferno!...

Nenhuma comparação pode fazer-nos compreender melhor a beleza e a grandeza de nossa filiação do que a história de Eva comparada à da Virgem Santíssima, pois Maria é verdadeiramente a nova Eva.

O paralelismo entre estas duas Mães dos vivos é admirável.

Êste paralelismo, diz o cardeal Newman, anglicano convertido, é como que o ensino rudimentar dos primeiros séculos sôbre Maria Santíssima.

Encontra-se em S. Justino, Santo Ireneu, Tertuliano, Santo Efrém, Santo Epifânio, S. Jerônimo, Santo Agostinho, etc...

"A morte nos veio por Eva e a vida por Maria", dizia S. Jerônimo.

E Santo Agostinho exclama: "A morte por uma mulher, a vida por outra", palavras que se tornaram axiomas em se tratando do papel da Virgem.

Maria é verdadeiramente a nossa Eva, titulo que, junto ao de Mãe de Deus, resume de certo modo tôda a teologia da Santíssima Virgem.

E observa o P. Sauvé: "Tôda a sua grandeza e suas riquezas estão nestes dois princípios incontestáveis".

S. Bruno exprimiu esta verdade por uma imagem admirável.

"Êle considera Maria Santíssima como uma escada celeste, tendo diversos degraus, e êle coloca duas mulheres, estando uma no cume e outra em baixo, ao pé: — uma que é a mãe da morte e outra que é a Mãe da vida; uma que foi vencida pelo demônio, outra que o venceu; uma que envenenou sua raça, outra que lhe preparou o remédio; uma que lhe atraiu a maldição sôbre todos os seus descendentes, outra que fêz subir a bênção até ao mais alto dos seus ascendentes e, além disso, espalhou-a com profusão sôbre todos aquêles que virão após ela".[17]

"Eva arrasta o gênero humano para os gemidos e dores, diz mais tarde S. Bernardino de Sena; a salvação e a alegria voltam pela Virgem Maria.

Por Eva a glória foi perdida e pela gloriosa Virgem nós a recobramos".[18]

Para compreender em tôda a sua beleza e sua profundeza esta expressão, favorita dos santos padres, é preciso seguir um instante o paralelismo maravilhoso — e talvez demais ignorado — que se pode estabelecer entre Eva e Maria.

Vinde, pois, ó primeira mãe do gênero humano, aproximai-vos de Maria e, com terno respeito, tomai-lhe a mão.

Ao seu ouvido murmurai "Abel", e assim os dois excitarão nossa compaixão e nos instruirão também.

Depois de ter perdido a inocência original, Eva foi expulsa do paraíso juntamente com Adão, e condenada a comer o seu pão com o suor do seu rosto, mas um castigo particular lhe foi também infligido, qual seja o de

17) Serm. de Nativitate.

18) De amore Incarnante, serm. 36.

gerar na dor... e de contemplar de perto os estragos da morte que, por ela, se introduziu no mundo.

Seu filho mais velho, Caim, não podendo suportar a virtude de seu irmão mais piedoso, Abel, e, por conseguinte, mais agradável a Deus, diz-lhe um dia: Saiamos juntos.

E apenas chegaram os dois a um campo, lança-se sôbre êle e o mata.

O Senhor fêz ouvir sua voz ainda misericordiosa: Caim, onde está teu irmão Abel?...

Mas o homicida, mais desejoso de ocultar o seu crime que de obter dêle o perdão, responde: Não sei. Sou eu, porventura, o guarda de meu irmão?...

Mas o Senhor continuou: "Caim, que fizeste?... A voz do sangue de teu irmão clama da terra até mim. Serás, pois, maldito desde agora, sôbre a terra, que se abriu para receber o sangue de teu irmão, derramado por tua mão; doravante viverás errante e fugitivo".

Caim desesperou de sua salvação, pois não escutou senão a voz de seu coração perverso, e respondeu: "Minha iniqüidade é grande demais para que obtenha perdão".

"A morte começou mal", diz admiràvelmente Bossuet.[19]

Feita para os pecadores, ela exerceu o seu primeiro império sôbre o inocente.

O primeiro morto da terra foi também o primeiro mártir.

Mas é preciso considerar o papel de Eva.

Esta mãe infortunada levara em suas entranhas Caim e Abel.

O primeiro, mau filho e mau irmão, acabava de mergulhar a mão no sangue inocente.

O segundo, dócil, piedoso, filho perfeito, era arrancado à sua ternura.

E quando ela vê seu corpo mutilado, estendido no chão, sem movimento, os olhos apagados, sua voz não responde mais à sua, pois não a ouvia mais... então, ela compreendeu o que era a morte.

O filho que lhe resta não a consolará; culpado, assassino e impenitente, êle sabe que é maldito por Deus.

Que tormento para o coração de uma mãe!

---

19) Bossuet: Elevações sôbre os Mistérios.

Deus, porém, tocado por seu arrependimento e suas lágrimas, concedeu-lhe um terceiro filho, não um malfeitor, como Caim, mas bom e virtuoso como Abel.

E o chamou Set, diz a Escritura, dizendo "O Senhor deu-me mais outro filho em lugar de Abel, que Caim matou".

Eis a cena que se desenrolou na origem do gênero humano.

Avancemos 4.000 anos e vejamos Maria, como uma nova Eva, a assistir a morte de seu Abel.

Segundo a carne, ela não teve senão um filho, Jesus, o Salvador; segundo o espírito, teve três, como a primeira Eva: isto é, o povo judaico, representado por Caim; Nosso Senhor Jesus Cristo, figurado pelo justo Abel; e o povo cristão, dado à Virgem, como Set a Eva, para ocupar o lugar do justo que fôra morto.

Mãe de todos os vivos, Maria era sobretudo Mãe do povo escolhido de Deus, o povo judaico, e não é de modo algum duvidoso que êle tenha sido devedor a Maria da escolha que dêle fêz Deus em Abraão, dos milagres resplandescentes e excepcionais favores com que não cessou de ser cumulado.

Depois, imitando Caim, o filho ingrato fêz morrer o segundo Filho de Maria, o Justo, Nosso Senhor Jesus Cristo, e, não escutando senão o seu coração mau, em lugar de implorar o seu perdão, êle lançou ao céu êste horrendo brado:

"Que o seu sangue cáia sôbre nós e sôbre nossos filhos".

E êste sangue caiu sôbre êle, marcou sua fronte com um sinal mais indelével que o de Caim, com o sinal da vingança, da maldição e da reprovação.

"Assim, diz Lamennais, como êstes grandes criminosos, de quem nos fala a antiguidade, êle perdeu a inteligência, o crime perturbou a sua razão...

Sob o opróbrio, que o esmaga, de tempos em tempos levanta a cabeça, vira-se para o Oriente e derrama algumas lágrimas, não de arrependimento, mas de obstinação; depois êle vai e parece curvado ao pêso de sua alma, e prossegue em silêncio, sôbre uma terra em que será sempre estrangeiro, a sua jornada penosa e errante.

Até aqui todos os povos viram-no passar e todos tiveram horror ao seu aspecto; estava marcado com um

ferrête mais terrível que o de Caim, pois sôbre sua fronte uma mão de ferro escrevera: "Deicida".[20]

"Com o povo judaico rejeitado, o divino Salvador desaparecia da terra, deixando Maria na triste e dolorosa situação de Eva, no momento em que Caim, com a mão rubra do sangue de Abel, fugia amaldiçoado por Deus, e começava a sua vida errante através das vastas solidões vizinhas do paraíso, que se tornara deserto.

"Mas como Eva recebera de Deus um filho para consolá-la da perda do justo Abel, assim Maria recebeu um filho em lugar de Jesus Cristo.

"Mulher, eis o vosso filho". — Meu filho, "eis a vossa Mãe!"

"E nós todos estávamos representados no filho bem amado que ouviu as palavras de Jesus moribundo e recebeu seu testamento amoroso; o povo cristão estava dado à Santíssima Virgem para consolá-la da perda de Jesus e tornamo-nos os filhos da consolação.

Filhos, muitas vêzes ingratos e infiéis à nossa missão de consoladores, mas filhos sempre queridos ao coração de Maria, que vê em nós outros Jesus, e se esforça por gerar-nos à semelhança do Salvador".[21]

Eis como Maria é verdadeiramente a *"nova Eva!"*... a reparadora da falta de nossa primeira mãe... *"Evae reparationem"*, como a chama Santo Ildefonso.

E' o que a Igreja canta por estas doces palavras que ressoarão até ao fim dos séculos, como um hino de reconhecimento e de amor:

Sumens illud Ave,
Gabrielis ore,
Funda nos in pace
Mutans Evae nomen.

Aceitando, ó Maria, o *Ave,* com que vos saudava S. Gabriel, vós nos restabeleceis na paz, pois *Ave* é o nome de *Eva* invertido.

Assim, Maria é verdadeiramente a mulher bendita entre tôdas as mulheres e a única Mãe verdadeira de todos os vivos. *"Mater cunctorum viventium"*.

E é como tal que a humilde Virgem pôde lançar esta altiva predição que devia ecoar na Galiléia, ribombar em todos os quatro cantos da terra: *"Eis que tôdas as nações proclamar-me-ão bem-aventurada!"*

20) Ensaio sôbre a indiferença, t. III. 21) Petitalot: op. cit.

Tal é a grande idéia que a Igreja faz de Maria.

Em seu pensamento há uma ação retrogressiva, que vai de Maria, causa da salvação, a Eva, causa da morte.

Dêste modo Maria se nos apresenta como co-operadora ao soerguimento do gênero humano, assim como Eva concorrera para a sua perdição, isto é, de um modo efetivo e real, de certo modo necessário.

Ora, qual não deve ser o poder desta celeste criatura associada assim à obra de Jesus Cristo!

Ela partilha seus trabalhos, seus sofrimentos, sua própria morte. Não seria preciso que ela partilhasse também sua grandeza, sua glória e seu poder?...

Destinada a tornar-se uma outra "Eva", uma Eva fiel, não era necessário que ela fôsse revestida de tôda a beleza e de todo o poder de intercessão de nossa primeira mãe?

Mulher admirável, companheira de uma fidelidade a tôda prova, ela é um auxílio de Jesus, exclama S. Tomás de Vilanova, "mas uma auxiliar semelhante a êle mesmo; semelhante em sua pureza, semelhante em sua virgindade, semelhante em sua inocência, semelhante em sua pobreza e em sua humildade, semelhante em suas dores, semelhante em sua conceição sem mácula, semelhante, enfim, na graça e na glória".[22]

VII

A divina reparadora

Após o que acabamos de dizer a respeito de Maria Santíssima, considerada como "nova Eva", não podemos deixar de falar do triunfo que ela alcançou por êste título sôbre o inferno, pois é a desforra prometida pelo Altíssimo a nossos primeiros pais.

"Porei inimizade entre ti e a mulher, e ela te esmagará a cabeça".

A serpente infernal seduzira nossos primeiros país e, em sua pessoa, arrastara tôda a humanidade ao abismo da perdição.

Mas uma desforra fôra prometida por Deus em sua misericórdia.

A desforra é uma ação pela qual alguém faz mal a outrem pelo mal dêle recebido.

22) Conc. I, de Imm. Concept.

E quem poderá avaliar o mal que o gênero humano recebera do maldito?

Mas quem tomará esta desforra?...

A mulher!...

E' ela quem deve esmagar a cabeça da serpente infernal. E esta desforra deve ser tomada sôbre o próprio terreno da derrota, com as mesmas armas e, por assim dizer, com a mesma astúcia.

Maria vai, pois, tomar a desforra sôbre Eva, triunfando sôbre o demônio.

Tomá-la-á opondo à árvore da queda a árvore da redenção — e tomando ao inimigo tudo o que êle tomara.

O Gólgota será o ponto culminante desta intrépida e firme conduta.

Todavia, a desforra será preparada com dextreza e aproveitada silenciosamente, pois, diz muito bem Santo Agostinho, há uma boa astúcia que é permitido opor ao mau artifício, "bonus dolus et dolus malus".

Dela Maria fará uso; por isso, enganará a serpente, pois de repente virá surpreendê-la no Gólgota, e esmagar-lhe a cabeça.

Sigamos um instante a marcha desta cena grandiosa e divinamente atraente.

A astuciosa serpente enganara Eva.

Como enganará, porém, Maria Santíssima o pai da mentira?...

No momento de sua entrada neste mundo, o demônio, sem conhecer o mistério de sua imaculada Conceição, viu, entretanto, que se tratava de uma criança mais que ordinária... êle não tinha sôbre ela dominação alguma, nenhuma influência: esta pequena criatura, que seus pais chamavam Maria, era-lhe uma estranha.

Os anjos no céu cantavam: *"Quae est ista?"*

"Quem é esta que se eleva do deserto como um incenso?"...

E êle, de baixo, dissera igualmente, mas com raiva: "Quae est ista? — Quem é esta?"...

Certamente, ao seu espírito se apresentara a famosa profecia dos livros santos: "Uma virgem conceberá" — Não será ela esta virgem?...

Também êle não cessava de observá-la atentamente.

Mas ela, guiada pelo Espírito de Deus, cuidara de enganá-lo, desconcertando-o.

Não tinha ela esposado José?

O maldito assegura: "A Virgem, não; ela não é virgem, pertence a êste José!"

Passemos; não há mais a temer dêste lado.

Maria Santíssima enganara-o ainda com o auxilio de José, conservando na obscuridade o Menino Jesus.[23]

Satã sabia que o Messias era o Filho de Deus, mas, espírito soberbo que era, não podia imaginar que êste menino que se chamava "o filho do carpinteiro", êste jovem operário que passava os seus dias numa pobre oficina, pudesse ser o Messias prometido... Oh! não! disse êle, com ar de mofa: não há temer.

Depois vem a vida pública de Jesus...

O demônio espuma de raiva à vista dêste homem puro, doce, benfazejo, que atravessa a Judéia curando as doenças, e arrancando as almas ao inferno... Êste homem seria talvez o Messias?... Mas o miserável tranqüiliza-se.

E' preciso uma mulher ao lado do Messias, para esmagar a cabeça da serpente, e esta mulher êle não a vê.

Jesus está só... sua Mãe conservou-se afastada... é uma mulher obscura, ignorada... Oh! não! clamou ainda sarcàsticamente... nada há a temer dêste lado.

Um contraste acabava de assegurá-lo.

Em tôdas as grandes épocas em que lutara o povo de Deus, houvera uma mulher que se dirigira contra os seus planos.

Ora é Débora que se empenha à conquista da terra prometida; ora Judite, que sustém a invasão assíria; mais tarde Ester, que salva o seu povo... mas esta hora, no transtôrno que acaba de tentar êste audacioso Jesus, nenhuma mulher auxilia a sua audácia.

Maria, sua Mãe, aparecera sem dúvida em Caná, num festim de núpcias, para mudar a água em vinho!

Mas Satã escarnece dêste milagre. Que diferença entre esta tímida Maria e as mulheres do passado!

A lembrança de Débora, de Judite, de Ester, fazia-o estremecer ainda... tôdas elas tinham-no tocado à cabeça... mas esta?...

Os prodígios do filho de Maria espantavam-no extremamente; seus feitos fulgurantes tornavam o seu ódio

23) Lémann: op. cit., c. IV.

atento... mas êle não via a mulher anunciada para esmagar-lhe a cabeça.

Não te espantes, Lúcifer!... Esta Maria não tem valor e amanhã seu filho estará no túmulo, donde fêz sair Lázaro.

A Virgem prudentíssima chegou a enganar a serpente.

Mas, a cena vai mudar de aspecto!...

Chegou a sexta-feira santa. Jesus foi prêso, flagelado, condenado.

Enfim, Satã vai desfazer-se dêste adversário estranho, que o conservara perplexo durante três anos.

Ei-lo conduzido ao cume do Calvário; ei-lo pregado sôbre a cruz... a cruz se eleva...

De repente, neste momento, uma mulher se destaca da multidão, adianta-se lentamente e se coloca em pé, junto à cruz: *Stabat Mater dolorosa!*

A mulher, a mulher predita... ei-la!...

Um brado de raiva e de terror sai do fundo do abismo... o inferno está em desordem... Os demônios se agitam... A natureza vela-se... a terra treme...

Ressoa um último brado: "*Consummatum est*: tudo está consumado!"

Neste momento, Lúcifer, furioso, sente um pé a pousar sôbre a sua hedionda cabeça de serpente... tenta morder-lhe o calcanhar... mas... esforços inúteis!... em vez de torcer-se... enroscar-se-lhe ao redor... o pé aperta mais fortemente e conserva-o prêso à terra... mais forte ainda... e esmagar-lhe-á a cabeça...

E' o momento supremo da desforra!

Horror, vergonha, estou vencido! — brada o inferno.

Glória ao Cristo e à sua Mãe — cantam os anjos!...

Felicidade... triunfo... o céu vai abrir-se — repete o limbo.

Glória a Deus e paz aos homens — repetem os anjos do presépio!

O' divina, ó doce reparadora do gênero humano... o triunfo é vosso!

Eva fizera-nos escravos de Satanás... Vós nos dais a liberdade dos filhos de Deus.

Por vossa vitória, por vosso amor e vossa beleza, vinde e reinai sôbre nós...

Nós somos vossos...

Libertados da escravidão, do constrangimento, do pejo, queremos ser vossos escravos de amor![24]

Tal foi o fato e a estratégia da reparação divina de Maria.

O livro de Jó descrevera-a sob uma forma tão dramática quão pitoresca.

Êle fala de um monstro chamado Leviatã, espécie de crocodilo, vivendo nas águas, ocultando-se nos juncos, donde espreita a raça humana.

"Êle absorverá o rio, diz êle, e crerá que é pouco ainda; promete até que o Jordão virá a derramar-se em sua guela" (Jó 40, 18).

Não, horrivel monstro, o Jordão não derramará as suas águas em tua goela, porque o Jordão pára, para deixar passar a Arca da Aliança, que foi a figura de Maria.

Jó faz em seguida esta estranha pergunta: "Poderíeis vós elevar Leviatã com um anzol e ligar sua língua com uma corda?" (Jó 40, 20).

Sabe-se que um anzol é um pequeno gancho de ferro colocado na ponta de uma linha com uma isca, para pegar peixes; o peixe morde a isca e o pequeno gancho crava-se em sua carne e o retém.

Pois bem! Maria lançou o anzol a Leviatã; — é o seu Jesus.

Em Jesus há duas naturezas: a divina e a humana.

A primeira era o dardo; a segunda, o anzol.

O monstro examinou-o e, enganado pela isca que parecia inofensiva, nêle mordeu.

No Calvário morde-o. Lança-se sôbre a carne passiva do Salvador e aí encontra o dardo da divindade.

Como diz enèrgicamente S. Gregório: "Êle crê precipitar-se sôbre Adão e cai sôbre Deus".

Então, êle é aprisionado e é Maria quem triunfa.

Êle é a prêsa da mulher. Ela o segura pela cruz, como o pescador sustém pelo fio o peixe prêso ao anzol.

O demônio torna-se escravo... êle, o monstro infernal, que segurava em suas garras todo o gênero humano.

---

24) Preste bem atenção o leitor neste título: **escravo de amor** que é o contrário de escravo de opressão; esta é a fonte e a base da bela devoção do beato de Montfort.

Com o pé sôbre a cabeça do monstro, Maria exigiu uma reparação completa.

Por ter imolado e despedaçado um inocente sôbre quem nenhum direito tinha, Satã é obrigado a restituir todos os cativos.

"Mataste o meu Cordeiro, exclama a Mãe de Jesus; restitui-me tudo o que tomaste".

E ela corre em seu encalço, vai tomar-lhe as almas e as arrebata quando as pode melhor reter.

Sim, os filhos de Maria se tornaram verdadeiramente Filhos da Mulher livre. Livres, por sua vez, êles rir-se-ão do maldito, conquanto fiquem fiéis à sua Mãe, e se conservem apoiados à cruz.

O' profecia de Jó, como tu te realizaste ao pé da letra!...

Brincaram com Leviatã, como um pássaro; e o ataram para servir de brinquedo... e êle foi recebido como um escravo eterno (Jó 40, 22-24).

Maria escarneceu dêle; os santos escarnecem dêle todos os dias... Êle é verdadeiramente um escravo eterno!

Eis a obra da divina Reparadora e a sua desforra sôbre a serpente.

No cimo do Gólgota elevou-se a árvore em que está suspenso o edito da liberdade do mundo. A mulher está de pé, junto a esta árvore.

Gerações que passais, cai de joelhos diante do reparador, e beijai a mão de vossa *Reparadora!...*

VIII

O centro de tôda religião

Começando, dizíamos que Maria era a coroação e a base da religião inteira.

Resta-nos provar ainda esta última asserção, que não é nem menos profunda, menos segura, nem menos consoladora que a primeira.

E' que o culto da bem-aventurada Virgem não se liga sòmente ao cristianismo, mas o próprio cristianismo vem ligar-se-lhe e apoiar-se sôbre êle, de tal modo que a Santíssima Virgem é como o "palladium" de tôda a religião.

E' o que lhe merecia o justo titulo de nó de todos os mistérios do Cristo: *"Nodus mysteriorum Christi"*.

Tirai Maria e todo o cristianismo se dissolve, pois não havendo mais Maria, não há também mais Cristo!

E' o que fazia dizer S. João Damasceno que o nome da Mãe de Deus revela todo mistério da dispensação da graça: *"Hoc enim Deiparae nomen omne dispensationis mysterium commendat"*.[25]

A Santíssima Virgem não é o fundamento, pois "ninguém pode estabelecer outro fundamento além do que foi estabelecido pelo Cristo Jesus", mas ela é o rochedo sôbre o qual repousa êste único fundamento... ela é a base.

Cristo é a flor, mas ela é a haste; Cristo é o caminho, e ela é a porta.

E como não se chega à flor senão pela haste, e ao caminho senão pela porta, ninguém chega a Cristo senão por Maria.

"A quem foi descoberta a verdade sem Deus? — exclama Tertuliano com sua lógica de ferro.

Por quem foi Deus conhecido sem o Cristo?...

Por quem foi Cristo plenamente revelado sem o Espírito Santo?"[26], e sem Maria, que é seu santuário e a mais alta expressão de sua fecundidade?...

Êste solo é baixo e cavado mais que qualquer outro pela humildade; esta haste é frágil, e sua virgindade não permite, ao que parece, carregar alguma coisa; esta porta é estreita, e é preciso tornar-se pequeno, para por ela passar. Seria de admirar-se?

Seria preciso admirar-se do contrário... ou antes o contrário estaria em oposição com o Evangelho, em que Jésus Cristo não cessa de preconizar os humildes, os pequenos, os corações puros, as almas interiores.

E' que o cristianismo, embora seja uma religião que vem de cima, não começa em cima, no céu, mas sim em baixo, na terra.

Tomai-a, pois, no mais baixo degrau... descei mais... humilhai-vos, como seu divino autor, se quereis ai entrar.

Para prová-lo, basta lançar um olhar sôbre Jesus Cristo.

Êle se faz homem, se faz criança, deixa-se conceber em um seio materno, e êste seio é o da Virgem Maria:

25) De fide orthod. liber III, c. XII.
26) Tertuliano: De anima I.

"Tu ad liberandum suscepturus hominem, non horruisti Virginis uterum".

Deus não hesitou em tomar como ponto inicial de nossa elevação, como centro de tôda a economia da salvação humana, êste santuário de amor que se chama o seio de Maria.

E' daí que êle partiu para operar a grande obra da redenção.

E' daí que, semelhante ao gigante, êle se lançou para completar o caminho da Providência: *"Exsultavit ut gigans ad currendum viam suam!"*

As entranhas de Maria são, pois, de certo modo, as entranhas do cristianismo.

Tudo na religião traz e se apóia sôbre o mistério da maternidade divina.

"O raio de Deus, filho do Eterno, diz ainda Tertuliano em sua inimitável linguagem, desprendeu-se de si mesmo, das alturas celestes, como tinha sido predito, e, enfim, desceu e repousou sôbre seu fruto virginal e o Verbo se fêz carne e realizou-se o grande mistério do gênero humano: nós adoramos um Homem-Deus".

Eis a *verdadeira fonte de Jesus Cristo* — desta água viva que jorrou até à vida eterna.

Quereis ter o cristianismo em seu todo, em sua plenitude?

Ide a Maria! Fora de Maria não tendes senão o curso, e a corrente de água não é a fonte, não é mais que seu desenvolvimento.

Ide a Belém. Contemplai esta criança que os pastôres adoram e a cujos pés se prostram os magos — é o fruto de Maria.

Ide a Nazaré ou ao Egito. Êste adolescente, cuja pureza e humildade encantam a terra, é a Maria que o devemos... é dela que dimanam estas virtudes.

Subi mesmo ao Calvário. O sangue que aí verte Jesus Cristo é o sangue que tomou no seio de Maria.

Subi ao Tabor. Êste corpo glorificado é o que foi gerado pela Virgem-Mãe.

Por tôda parte é o curso de água. A fonte está ùnicamente em Maria.

Compreendeis agora o poder ilimitado da Mãe de Deus?...

Quer a consideremos do alto, quer a contemplemos de baixo, por tôda parte parece igualmente poderosa, igualmente divina, porque em tôda parte ela é Mãe de Deus.

Que podemos concluir disso, senão que Maria, em razão de seu poder sôbre-humano, merece as homenagens de todo o universo[27]; que não pode haver excesso em nosso culto, nem em nossa confiança, nem em nosso amor a ela?...

Nada de limites neste culto, nesta confiança, neste amor!...

Que todos os lugares e todos os povos honrem a Maria Santíssima, que tôdas as idades a proclamem: — que tôdas as vozes a celebrem; que todos os corações pulsem por ela; que todos os espíritos a contemplem; que tôdas as almas lhe sejam devotadas!

O êxtase, a admiração, o louvor, o entusiasmo, o encanto — tudo isso se explica, tudo se compreende, tudo é devido a Maria.

Que a terra, os céus, os anjos e os homens, que o universo inteiro, enfim, seja um hino à maior, à mais incompreensível, à mais amável das criaturas!... à Virgem-Mãe, à Mãe de Deus.

O' Maria, bela e suave Maria! exclama Santo Ildefonso, cântico de alegria, que é preciso pregar e exaltar... em público como em particular!...

Não sòmente aqui, mas em tôda a extensão do mundo, e até no céu, com a doce melodia dos anjos.

Speciosa et suavis,
Canticum laetitiae,
Praedicanda et laudanda
Privatim et publice,
Non hic tantum, sed in tota
Mundi latitudine,
Et in caelis angelorum
Dulci modulamine.[28]

---

27) Petitalot, op. cit.
28) Santo Ildefonso, De corona B. V., cap. V.

CAPÍTULO IX

O EXERCÍCIO DÊSTE PODER

O' Maria, todo o poder vos foi dado no céu e sôbre a terra; vós subis ao altar da reconciliação do gênero humano, não sòmente com súplicas, mas com ordens, como Soberana e não como escrava, pois vosso Filho vos dá tôda honra e nada vos recusa.

São Pedro Damião.

I

A iniciadora das graças

O poder de Maria Santíssima não é um atributo inativo.

Ela o exerce, e o exercício dêste poder constitui uma das mais puras auréolas da Virgem.

Todos os oráculos aclamaram-na... tôdas as idades publicaram sua glória e imploraram seu imenso poder.

Do mesmo modo, no futuro, tôdas as gerações a proclamarão *bem-aventurada,* "porque nela o Todo-poderoso realizou grandes coisas".

Em parte alguma o poder está mais certo de que encontrará acolhimento do que entre as mãos de uma mãe.

Conheceis vós qual o maior tormento de uma mãe?...

E' não poder realizar para seu filho tudo o que seu amor lhe inspira... é não possuir senão estéreis votos para êste ser querido que ela ainda cobre com seu coração, embora não o possa cobrir com suas asas.

Oh! se êle fôsse onipotente!... que não inventaria em sua engenhosa caridade para tornar feliz o seu filho?!... para cingir-lhe a fronte de tôdas as glórias e tôdas as felicidades?...

Pois bem! o que não é possível a nossas mães da terra, é possível e realmente existe para nossa Mãe do céu.

Maria é onipotente. E só é sobrepujada por Deus e êste Deus é seu Filho.

O que seu coração concebe, sua Mãe pode executar.

Sob os seus pés ela tem todos os tronos, coroas e glórias.

Oh! que uso não fará Maria dêste poder! E' o que vamos estudar, considerando a Santíssima Virgem como "Iniciadora das graças — Medianeira — Dispensadora — Consoladora — nosso socorro e nosso apoio".

Estas prerrogativas de nossa divina Mãe convencer-nos-ão plenamente desta grande e consoladora verdade: "Tudo nos vem de Jesus, por Maria".

O primeiro uso que Maria faz dêste poder é pedir ao seu divino Filho as graças necessárias.

Encontramos admiràvelmente descrita esta função em uma página do Evangelho: as bodas de Caná.

E êste fato não é talvez bem compreendido.

Experimentemos estudá-lo segundo a bela exposição feita pelos santos e pelos panegiristas da Santíssima Virgem.[1]

O fato é simples, mas quão extensa é a sua significação!

Celebrava-se uma festa nupcial em uma pequena localidade da Galiléia.

A ela fôra convidado Jesus com seus discípulos. A Mãe de Jesus também ali estava: *"Et erat Mater Jesu ibi"* e aí chegara antes que seu divino Filho.

Durante o festim veio a faltar vinho. Maria o percebe e disso se compadece.

Imediatamente deseja evitar um grande embaraço, tanto aos convidados como aos jovens esposos.

Esta solicitude de Maria prova tôda a bondade de seu coração.

Confiante na divindade de seu Filho, a êle se dirige com estas palavras: "Êles não têm mais vinho".

E, dizendo isso, ela não mostra pressa ou inquietação.

Que mais necessitava ela dizer?...

Bastava esta respeitosa prece. E Jesus tudo compreendeu.

Observemos as diversas circunstâncias do fato.

Jesus não havia ainda feito milagres. Maria o sabe. E ela sabe que basta falar, pois, habituada às suas atenções filiais, à sua suave submissão e às suas delicadezas divinas, Jesus nada pode recusar à sua Mãe.

Mas, para fazer o primeiro milagre, não era necessária alguma solenidade preparatória?...

1) Cfr. J. Lémann, Op. cit.

E aqui não se trata de restituir um filho único à sua mãe desolada, nem sequer de curar um doente cruelmente atormentado, nem de aliviar um infeliz em extrema necessidade, mas trata-se simplesmente de uma falta de vinho em um banquete de núpcias.

Não importa! Maria não visa senão uma coisa: desembaraçar tôda a assistência, e evitar aos esposos uma confissão humilhante.

Ela é boa, é poderosa e vai pedir a Jesus o seu primeiro milagre.

Mas, com que tática, com que discrição é empreendida a tentativa da incomparável Virgem!

Escutai o curto colóquio entre ela e seu divino Filho.

"Êles não têm mais vinho", disse Maria, e Jesus responde: "Quid mihi et tibi mulier! — *O que é meu é teu,* isto é, o meu poder vos pertence, ó mulher![2] *Minha hora,* porém, *ainda não chegou!*"

E o terno olhar de Jesus acaba de fixar o sentido destas palavras.

Maria compreendeu o "sim" transparente.

No mesmo instante ela ordena aos servos que se aprontem: *"Fazei tudo o que êle vos disser".*

Não esperou muito.

Por ordem de Jesus os criados encheram de água as seis talhas que ali se achavam.

"Tirai dela, diz-lhes o Salvador, e levai-a ao mestre-sala".

E êste, tendo provado a água transformada em vinho, pergunta de onde vem tão excelente bebida, e chamando o espôso, diz-lhe, cheio de surprêsa:

"Todos põem primeiramente o vinho bom, e depois que todos têm bebido muito, então apresentam o vinho inferior; tu, porém, guardaste até agora o bom vinho".

A admiração do espôso permitiu ao mestre-sala compreender que se havia produzido um fato misterioso.

Os criados nomearam Maria Santíssima; todos os olhares voltaram-se para ela; tudo está descoberto; Jesus acabava de realizar, em atenção à Mãe, o seu primeiro milagre.

Pode-se fàcilmente representar o reconhecimento dos esposos, a admiração dos convivas; a narração evangéli-

2) Tradução livre, mas autorizada.

ca contentou-se em registar um traço importante, a saber: a conduta dos discípulos: "E êles creram".

E é dêste modo que os discípulos devem a sua fé nascente à Mãe de Jesus.

Como é simples e divinamente eloqüente!....

A cena de Caná deve estender-se ainda.

Nos pormenores dêste festim, minuciosamente conservados, as gerações dos filhos de Deus virão aprender e reconhecer o papel de introdutora, de postuladora, de iniciadora, que a boa Virgem Maria desempenhou junto ao seu Filho onipotente.

Quid mihi et tibi est, mulier? Nondum venit hora mea.

Por muito tempo traduziu-se esta famosa frase por: "Mulher, que há entre mim e ti?" — Esta resposta é dura e fria.

Mas, como o confessa a ciência mais autorizada e mais humilde, a falta não é do Salvador, mas sim de nossas línguas modernas, que não podem traduzir com tôdas as modalidades a frase aramaica de que se serviu Jesus.

Duas outras interpretações relegaram ao esquecimento esta primeira tradução, incorreta e falsa.

Entre elas, a primeira, autorizada pelo gênio da língua aramaica, é esta: *"Deixai-me fazer, ó mulher!"*

Entretanto, a independência que o Salvador reclama, respira cortesia, prepara e já permite entrever um feliz êxito.

A segunda, inteiramente literal, e ao mesmo tempo em relação com a língua oriental — foi revelada pelo próprio Nosso Senhor ao piedoso fundador dos Sulpicianos: *"Quid mihi... et tibi? — O que é meu, que não seja também teu?...*

Esta interpretação é a melhor, a mais provável e a mais digna de Jesus e de Maria.

"Minha hora ainda não chegou", responde ainda o Salvador.

Entretanto, a pedido de Maria, êle vai operar o seu primeiro milagre.[3]

---

3) Uma observação se impõe aqui, para os leitores que objetariam: não se trata do texto aramaico ou hebraico, que ninguém possui, mas do texto latino da **Vulgata**, que nos dá a Igreja: **Vinum non habent... quid mihi et tibi?** Vejamos a tradução literal e tomemos um exemplo. Num festim de núpcias, um convidado faz

Esta cena encantadora revela-nos assim uma dupla função em Maria, até aqui pouco estudada: a de iniciadora e postuladora das graças.

Como mãe vigilante, Maria vela sôbre as necessidades de seus filhos com previdência e delicadeza infinitas.

Seu coração e seus desejos ela os sonda em Jesus, e desde que ela os vê no sofrimento ou a braços com a necessidade, mesmo que não apareça pedido algum de seus lábios, muitas vêzes antes de notarem, como em Caná, os estorvos que os ameaçam, ela se inclina para o seu divino Filho e, com a segurança de um resultado certo, diz: *"Vinum non habent"*, e, dirigindo-se a Jesus: "Meu filho sofre e tem muitas dificuldades".

Um dos objetos de arrebatamento para os eleitos é o ver os perigos arredados de seu caminho; conhecer as ciladas do inferno descobertas e destruídas; contemplar a solicitude sempre pronta da Virgem durante o tempo em que passaram na terra.

Agora caminhamos muitas vêzes sem notar as graças de escol que nos cercam, nos sustentam e nos guiam.

Como é que as temos merecido?... Como pudemos nós sair triunfalmente de tal ou tal tentação?... vencer tal obstáculo?...

Nós mesmos não o sabemos... mas, lá no céu, Maria o sabe... e um dia no-lo fará saber.

Sem dúvida alguma, é êste conhecimento que constitui uma das maravilhas da eterna felicidade.

Ir ao encontro das necessidades de seu filho é, com efeito, uma como necessidade do coração materno.

E Maria, que conhece tudo em Jesus, por conseguinte, não pode estar em falta neste ponto.

---

notar a seu vizinho: Êles não têm mais vinho; receberá esta resposta: Que há entre ti e mim? — Isto significaria em linguagem moderna: Eu não vos conheço; deixa-me em paz. Resposta inadmissível entre pessoas educadas, e, sobretudo, entre mãe e filho.

Se, pois, a inadvertência de um primeiro tradutor fêz aceitar em seguida tal tradução, a má fé dos protestantes e a sua repugnância ao culto de Maria fizeram dela uma arma contra o catolicismo.

Tal tradução não pode ser aceita, por não ser literal. Aceitemos antes a do venerável Olier, que êle nos diz ser revelada, embora não seja autenticada pela Igreja; é antes uma interpretação do que uma tradução.

A verdadeira tradução, palavra por palavra, é a seguinte: **Êles não têm mais vinho,** diz a mãe. Que importa isso a nós?

Oh! como ela zela!... como se compadece de nossas penas!... como ela aplaina nossos caminhos!... não nos deixando senão os sacrifícios necessários à nossa santificação.

Doce providência de Mãe!...

Possamos nós pensar nela a miúdo e que a sua lembrança nos auxilie a aceitar com amor as provações da vida, pois são queridas por Deus e dispostas pelo coração de nossa Mãe!

II

A medianeira

Do que precede origina-se uma verdade que aqui vamos considerar.

Maria intercede por nós, pede para nós a graça, isto é, Maria é nossa medianeira.

E' nossa medianeira junto a Jesus, como Jesus é nosso mediador junto ao seu Pai.

Jesus Cristo é o único mediador necessário: "Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens", diz S. Paulo.

E' Jesus Cristo feito homem, *"Homo Christus Jesus"*.

Mas êste único mediador é Homem-Deus: *"Homo Christus"*. Êle nasceu, pois, de uma mãe.

Ora, Deus não se serviu desta mãe como de um instrumento sem vontade, para tomar nossa natureza humana.

Êle pediu, ao contrário, que ela consentisse no mistério, e só depois de seu consentimento foi que o Filho

---

Responde simplesmente o Filho. A frase latina não tem verbo, mas a forma interrogativa o subentende: Que é isso para vós e para mim?

A resposta **quid nobis?** teria sido mais curta. Que é isso para nós? Mas a pequena enumeração tem o seu valor: Que é isso para vós e para mim? Maria acostumada à ordem e aos pormenores de uma casa, não se contenta em verificar a falta de vinho, ela formula também um desejo.

A estas duas coisas Jesus responde: Quanto à falta de vinho, isso pouco nos importa, mas é antes do cuidado do dono da casa. Quanto ao vosso. desejo da minha intervenção, esperai a minha hora que não tardará a chegar.

Com esta tradução, como se vê, tudo se liga, não ficando nem anfibologia, nem escapatório aos adversários do culto de Maria.

E' apenas necessário fazer notar que na tradução do venerável Olier, não se deve tomar a resposta do lado material: O que é a

eterno do Pai se tornou o Filho da Virgem... nela tomando esta humanidade santa pela qual nos salvou.

Ora, êste consentimento livre de Maria, indispensável nos desígnios de Deus para que se realizasse a nossa redenção, traz à Santíssima Virgem o título de medianeira, pois esta primeira redenção continua através dos séculos, renovando-se sem cessar, e com ela continua também o consentimento da Virgem sem mácula.

Se, pois, Maria foi medianeira no primeiro ato dêste mistério, ela continua a sê-lo no seu desenvolvimento através dos séculos. — E' a conseqüência rigorosa.

Quão admirável é esta economia de ternura e de misericórdia!...

Jesus Cristo é nosso mediador de justiça, junto ao seu Pai, mas é Deus, como o é aquêle junto ao qual deve interceder.

Por inclinado que esteja à nossa fraqueza, êle nos deixa um lugar ao temor... e Jesus Cristo quer o amor.

Por isso, eram verdadeiramente necessárias duas condições: a primeira — que a grandeza dessa medianeira a aproximasse de Deus; a segunda — que sua bondade a aproximasse de nós.

Sua grandeza é como a mão que retira as graças do coração de Deus.

Sua bondade é como a mão que as esparge sôbre nós.

Em Maria encontramos realizadas estas duas coisas.

Ela nos aparece como a meio caminho entre Jesus Cristo e nós, tendo a fronte iluminada de uma luz divina, a mão estendida para nossas misérias, o coração a transbordar do duplo amor de Deus e dos homens.

Aparece-nos revestida do duplo poder da onipotência suplicante e da misericórdia, e prestes, enfim, a levantar-nos das nossas fraquezas e prestes também a inclinar Deus para nossas infelicidades.

---

mim é também a vós, logo, substitui o vinho que falta por outro vinho.

Estamos em Caná e não em Nazaré; mas no ponto de vista divino, devemos notar que o desejo e o poder da mãe assim como o poder e as obras do Filho, são o milagre.

Finalmente, seja dito que o venerável Olier nos dá o sentido e interpreta o texto; mas a nossa tradução apega-se mais às palavras, o que a torna verdadeiramente literal.

Quanto à palavra MULIER, mulher, os latinistas sabem que corresponde à nossa palavra SENHORA. A DOMINA dos antigos era a dona da casa, como o DOMINUS era o dono.

O' divina e poderosa, ó inefável e sempre amada Virgem Maria, sòmente um brado de admiração me escapa diante desta inefável economia da religião: é a exclamação do gênio contrito que foi Santo Agostinho:

Êle dizia:

"Fazei elevarem-se até Deus as nossas preces, e trazei-nos o sinal de nossa reconciliação. Por vós fazei que seja recebido o que por vós imploramos; que por vós seja concedido o que imploramos cheios de confiança.

Tomai o que oferecemos; em recompensa dai-nos o que solicitamos, pois vós sois a única esperança dos pecadores e em vós, ó bem-aventurada Virgem, está a esperança de nossa graça. *In te, Beatissima, nostrorum est exspectatio praemiorum*".[4]

A gloriosa e amante Virgem ainda tem direito a um outro título, qual seja a honra de ser medianeira no mistério de sua cooperação ao sacrifício sangrento do Calvário.

Santos há, com efeito, que afirmam de comum acôrdo que a compaixão da Mãe estava, nos designios de Deus, inseparável da paixão do Filho, de tal modo que seria não só inexato, mas até contrário ao ensino teológico pensar que os sofrimentos de Maria foram uma parte sem importância na grande obra que se realizava no Calvário.

A êste respeito são unânimes a tradição dos santos padres e as revelações autênticas dos santos.

"Não havia ali duas vontades nem dois sacrifícios, mas o Filho e a Mãe apresentavam a Deus o mesmo holocausto.

Um dava o sangue de suas veias; a outra, o sangue do seu coração.

E o resultado foi o mesmo: nossa salvação e nossa redenção".[5]

Precisemos, pois, em todo o seu rigor teológico, a mediação da querida Virgem Maria.

"Só há um mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo".

Isto é certo, mas é necessário distinguir a mediação *de justiça*, por via de méritos, e a mediação *de graça*, por via de prece.

---

4) In Ann. B. V. M. 18 De Sanctis.
5) Arn. Corn. De laud. V.

Jesus Cristo é o único mediador *"de justiça"*, o único que obtém por seus méritos as graças e a salvação.

Maria, porém, é medianeira "de graça", isto é, obtém tudo por sua intercessão e tôdas as graças concedidas passam por suas mãos .

Deus "teria podido" fazer de outro modo, porém "não o quis", donde se segue que Jesus, permanecendo a fonte da graça, e Maria, uma pura criatura, que tudo o que possui deve à liberalidade divina; entretanto, dizemos, como afirma Santo Afonso de Ligório[6], que, "com o fim de glorificar esta criatura que, mais que qualquer outra, o honrou e amou na terra, Deus colocou em suas mãos o depósito integral de suas graças para serem por ela distribuídas às almas resgatadas".

"Semelhante a um aqüeduto transbordante, diz S. Bernardo, ela a todos dá a sua plenitude...

Se antes do nascimento da bem-aventurada Virgem não se via no mundo esta corrente de graças que hoje se derrama sôbre os homens, é que lhes faltava êste aqüeduto tão desejável: — *quia necdum intercederet in Aquaeductu.*

Maria foi dada ao mundo para que dêste canal de graças descessem contìnuamente sôbre nós os dons celestiais".[7]

Igualmente diz Santo Antonino:

"Tôdas as graças que foram distribuídas aos homens vieram-lhe por meio de Maria".

Maria é, pois, verdadeiramente nossa medianeira — a razão o atesta, os santos e doutôres são unânimes, todos os teólogos o confirmam... e, sobretudo, selaram todos êstes testemunhos os dons da amantíssima Virgem.

Associada à obra redentora, por que não seria ela também associada à aplicação dos merecimentos do Redentor?...

Tê-la-ia Deus repudiado, depois que dela se serviu para operar a salvação do gênero humano?...

Não, certamente; Maria é Mãe e permanece Mãe; é medianeira de graça e o será até ao fim dos séculos.

Aliás, neste último sentido, todos os santos são mediadores; eis por que a Igreja, dirigindo-se a Jesus Cristo,

6) Glórias de Maria, c. V.
7) Aquaeductu.

diz cada vez: Tende piedade de nós — *Miserere nobis,* enquanto que à Virgem e aos outros santos ela diz: Rogai por nós — *Ora pro nobis,* não reconhecendo nêles senão uma mediação de intercessão.

A mediação de Maria é, pois, semelhante à mediação de todos os santos em relação ao modo, mas se distingue por dois caracteres incomparáveis: a *universalidade* e a *eficácia.*

A mediação dos santos é limitada a certas graças, a certos países, a certas pessoas; a de Maria se estende a todos os lugares, em todos os tempos, a todos os bens, e a todo os homens.

Deus estabeleceu Maria a padroeira do gênero humano e mãe de todos os cristãos; e, em conseqüência, deu-lhe um coração proporcionado a êste imenso ministério.

Derramou, pois, em sua alma uma plenitude de graças, capaz de inundar tôda a terra e comunicar-lhe um amor capaz de inflamar todos aquêles que a ela recorrerem.

O que êle fêz em cada uma de nossas mães, fêz em tôda a plenitude na Santíssima Virgem.

Êle a fêz Mãe, como êle é Pai "universalmente", e deu à sua intercessão um poder e eficácia tais, que ela tem todo poder sôbre seu Filho, a ponto de não haver mais favor algum que ela não possa obter.

Esta abundância de graças é tal que, diz Santo Tomás, ela não sòmente tem a plenitude, mas ainda a possui para comunicar a todos os homens: *Non solum in se, sed etiam quantum ad refusionem in omnes homines.*[8]

"Agora, diz o bem-aventurado Arnaldo de Chartres, o homem pode aproximar-se de Deus com segurança, tendo o Filho como mediador junto ao seu Pai, e a Mãe por medianeira junto ao seu Filho.

Jesus mostra a seu Pai seu lado e suas chagas; Maria mostra a Jesus o seio que os amamentou e as mãos que guiaram os seus primeiros passos.

Portanto, é evidentemente impossível que Deus recuse o que lhe pedem tantas demonstrações de piedade e de misericórdia, que advogam mais fortemente por nós do que as mais eloqüentes línguas".[9]

---

8) S. Tomás. Opusc. VIII. 9) Tract. de laud. Virg.

Tornaremos a ver mais além êste incompreensível mistério de amor, falando acêrca das dores de Maria.

Para o momento basta-nos ter compreendido e apreciado a doce mediação da amantíssima Virgem, e estar convencido de que tôdas as graças passam por suas mãos e que convém, sob todos os aspectos, invocá-la para operarmos a nossa salvação.

Digamos mais: Queremos nós chegar à perfeição?

A devoção para com a Santíssima Virgem é absolutamente necessária.

Se não tivermos um grande amor a esta boa Mãe, uma intimidade de coração a coração com aquela que é o reservatório de tôdas as graças, nunca... nunca... alcançaremos a santidade.

Êste é o testemunho explícito dos santos padres, e sobretudo de Santo Agostinho, de Santo Efrém, de S. Cirilo, de S. Germano de Constantinopla, de S. João Damasceno, Santo Anselmo, S. Bernardo, S. Bernardino de Sena, Santo Tomás, S. Boaventura, S. Ligório, bem-aventurado de Montfort e de S. Gabriel da Virgem Dolorosa... assim como de todos que expressaram os seus sentimentos a êste respeito.

Teríamos nós a temeridade de resistir a tais testemunhos?...

Se, pois, nosso amor a Maria está fraco ou lânguido, temamos... receemos... E' que não estamos ainda no caminho da perfeição.

III

A dispensadora

Maria não é sòmente nossa medianeira. Pelo seu título de Mãe, ela é ainda a possuidora de todos os bens de seu Filho, distribuindo-os, como dizem os santos, a quem quer e como quer.

Ela é, pois, a dispensadora das graças divinas!

Falando das relações de Maria com o Espírito Santo, dissemos que, em sua qualidade de espôsa dêste Espírito Santo, ela tornava-se a tesoureira das riquezas de Deus.

Mas um tesoureiro não recebe em seu nome, nem guarda para si próprio. Dá-se-lhe, para que êle administre os bens que possui e os reparta com quem a êles tem direito.

Maria é tesoureira de graças, não sòmente porque ela é cheia de graças, mas ainda porque ela nos deve dar de sua plenitude.

"Em mim está tôda graça de via e de verdade; em mim há tôda esperança da vida e da virtude".

"Maria foi cheia de graças, diz Santo Tomás, para as espargir sôbre todos os homens.

E' muito para um santo, continua êle, ter uma graça tão abundantemente de modo a poder salvar tão grande número de almas; ter, porém, graças que possa salvar todos os homens seria o mais alto grau, e isto se encontra no Cristo e em Maria": no Cristo, como fonte, em Maria, como reservatório.

Ninguém pode duvidar que tenhamos no Cristo a plenitude da graça.

Mas por que temos nós esta mesma plenitude na Virgem sua Mãe e nossa Mãe?...

E' que Maria é Mãe de Deus e Mãe dos homens; ora, o fim e a função da maternidade são de dar primeiramente a vida, e depois tudo o que é preciso para conservá-la.

Maria nos gerou uma primeira vez à graça, dando-nos o autor da graça... mas a criatura, abandonada a si mesma, cairia imediatamente no nada, se a paternal mão e o coração ainda mais paternal de Deus não a sustivessem a cada instante.

Assim, Maria deve continuar esta primeira geração espiritual, comunicando-nos sem cessar de sua plenitude de graças.

Os testemunhos dos santos padres sôbre êste assunto importante são inumeráveis.

O bem-aventurado de Montfort resume-os todos com uma fôrça e energia inimitáveis.

"Deus Pai, diz êle, fêz um ajuntamento de tôdas as águas, que chamou mar, e uma reunião de tôdas as graças, que chamou Maria.

Êste grande Deus tem um tesouro, um armazem muito rico, que encerra tudo o que êle tem de belo, resplandecente, raro e precioso, até seu próprio Filho.

E êste tesouro imenso não é outro senão Maria, que os santos chamam o tesouro do Senhor e a plenitude, de que são enriquecidos todos os homens".

"Deus Filho comunicou a sua Mãe tudo o que adquiriu por sua vida e sua morte, seus méritos infinitos e suas virtudes admiráveis, e a constituiu herdeira de tudo o que seu Pai lhe deu por herança.

E' por ela que êle aplica seus méritos aos seus membros, que êle comunica suas virtudes e distribui suas graças; é seu canal misterioso, é seu aqüeduto, por onde faz passar doce e abundantemente suas misericórdias".

"O Espírito Santo comunicou a Maria, sua fiel espôsa, seus dons inefáveis e a escolheu para dispensadora de tudo que êle possui.

"Ela foi escolhida, diz ainda, alhures, o apóstolo ardente de Maria, para tesoureira, ecônoma e dispensadora de tôdas as suas graças, e todos os seus dons passam por suas mãos; e, segundo o poder que ela recebeu, ela dá, como as graças do Padre eterno, as virtudes de Jesus Cristo e os dons do Espírito Santo".[10]

Antes de distribuir ao gênero humano os frutos da redenção, Deus derramou-os todos em Maria; é nela que êle depositou a plenitude de todo bem, diz S. Bernardo.[11] *"Totius boni plenitudinem posuit in Maria"*.

Todos os dons naturais espargidos com profusão nas demais criaturas, Deus os acumulou primeiramente nela..."Mas, além disso e imediatamente, diz muito bem M. Gay[12], êle derrama nesta natureza já tão perfeita o oceano inteiro de seus dons sobrenaturais.

Excetuando-se a graça da união hipostática reservada à humanidade santa de que Maria recebe simplesmente irradiações, ela possui tudo, Deus lhe entregou tudo... virtudes teologais, morais, intelectuais, dons do Espírito Santo, frutos que êle produz na alma dos justos, beatitudes que nêles cria... formas múltiplas, variados matizes, energias diversas da união com Jesus, potências e operações diferentes que desta união resultam, graças fundando os estados, graças fundando ou acompanhando as missões, nada lhe falta, ou, antes, tudo nela é abundante".

A Virgem tem tudo isso numa medida de que ela só é capaz e que foi desde o comêço a plenitude.

---

10) Segrêdo de Maria, p. 16.
11) Sermo de Aquaeductu.
12) 27 conferências às mães cristãs.

E, a fim de que esta graça possa crescer, diz o P. A. Lhoumeau[13], era preciso que se dilatasse também a alma que ela enchia.

Além disso, Maria pertence a Jesus, e lhe pertence como a nenhum outro.

Ora, Jesus é a plenitude da graça em pessoa.

Maria entrou, pois, em posse desta plenitude de graças, não só para si mesma, mas também para os outros.

Ela não é a fonte. E' o reservatório que desce diretamente desta fonte... fá-la de certo modo sua... assimila-a, como a árvore assimila a seiva que a faz viver, florescer e produzir frutos. A graça divina, com efeito, que é o próprio Deus comunicado à criatura, pertence como propriedade à criatura que a recebeu.

Ela se torna seu bem, propriedade sua, coisa sua.

Frutifica para aquêle que a possui e a torna prática.

Impõe-se aqui uma observação importante e singularmente gloriosa para a Virgem-Mãe.

Estaríamos tentados a representar Maria distribuindo as graças, como um servo distribui moedas em nome de seu patrão.[14]

A comparação seria absolutamente falsa. As moedas existem em si mesmas, independentemente daquele que as distribui ou as recebe; a graça não existe, não pode existir fora da alma que a recebe, pois ela não é senão um acidente, uma qualidade acrescentada a um ser já existente, como o é a brancura de uma casa.

Os santos comparam a Mãe de Deus a uma árvore ornada de frutos deliciosos.

Êstes frutos são mesmo da árvore. Entretanto, a seiva que os produz não é da árvore, embora circule na árvore.

A chuva, a terra, as nuvens, o sol forneceram-lhe a substância para se desenvolver, e o fruto não é outra coisa que esta substância externa, elaborada e assimilada.

Sem dúvida, a árvore não ficou passiva; deve ter feito o trabalho da elaboração, da assimilação, da transformação da seiva em frutos.

Ela fêz sua a seiva haurida fora, incorporou-a em si e a transformou em frutos, para saciar um e refrescar os outros.

---

13) A vida espiritual na escola do Padre de Montfort.
14) Ibid., A vida espiritual.

E' a imagem da graça de que Maria deve ser a dispensadora.

Só Deus produz a graça e é o seu principal agente.

Maria é o ministro, o instrumento, o auxiliar.

Ela é a árvore: Deus lhe comunica a seiva divina.

Maria assimila esta seiva, de tal modo que ela é verdadeiramente sua, e então ela as distribui aos outros.

Compreende-se, depois disso, em que sentido podemos chamar Maria o canal, o reservatório, a própria fonte da graça: — fonte, enquanto comunica aos outros a graça que está em si, como sendo-lhe própria.

Que glória, que poder para a humilde Virgem!

Tôdas estas graças, estas insondáveis torrentes de graças, que fazem e que fizeram milhões de mártires, de confessores, de virgens, para povoar o céu e a terra de almas santas e puras, tôdas estas graças vêm de Maria, estiveram em Maria, pertenceram a Maria, iluminaram a fronte da Virgem, antes de irradiarem na alma dos cristãos.

Ainda uma vez, quão grande é o poder de Maria, no domínio do Espírito Santo!

Santuário vivo de todos êstes dons e de tôdas estas graças, é ela que abre os corações, os faz irradiar de amor de Deus... é ela que nos conduz nos caminhos da santidade... que coroa nossos esforços... e que será ainda quem nos conduzirá em frente ao trono do Eterno, para aí recebermos a coroa da vitória.

Onipotente pela graça, diz Santo Tomás de Aquino, Maria é capaz de nos salvar em todos os perigos, de nos auxiliar na aquisição de tôda virtude: *In omni periculo potes salutem obtinere ab ipsa Virgine gloriosa, in omni opere virtutis potes eam habere in adjutorium.*[15]

IV

A consoladora

Pedir para nós a graça a Deus, interceder por nós, e, enfim, comunicar-nos todos os tesouros de que ela é a guarda e a dispensadora, eis o exercício do poder de nossa doce Mãe... ou, antes, não é senão o começo dêste exercício, pois para nós Maria é muito mais que tudo isso... Ela se aproxima ainda mais de nossos corações...

15) S. Tomás, Opusc. VIII.

pois quem é mãe sabe guiar seu filho em tôdas as etapas de sua vida, em tôdas as posições de sua existência.

Ora, nós não temos senão uma felicidade na terra. Não há também lágrimas?...

O' terna Mãe, vós, tão pura, tão santa, tão amada de Deus, não tendes vós também sofrido e chorado?...

Sofrer é chorar!...

Mas por que sofrer com um Deus bom, que não quer reinar senão por amor?...

Oh! por que foi que o pecado depôs em nós um germe de revolta e de independência, que nos tornaria escravos do inferno, se não nos fizéssemos uma violência contínua?...

Por que ainda?...

Porque Deus nos ama... porque nós devemos amar a Deus e porque a maior prova de amor é sofrer e até morrer por aquêles que amamos.

Nós somos criados para o céu.

Deus fêz o mundo estreito demais para nós, de modo que nêle não nos podemos mover sem sofrer, sem encontrar limites a cada instante...

Deus o fêz assim, para nos excitar e nos encorajar a aspirar ao mais sublime.

No infinito dilatar-nos-emos à vontade.

Eis por que é preciso que as almas mais generosas, os corações mais extensos, as vontades melhor temperadas encontram horas difíceis ou penosas, durante as quais o horizonte se cobre como de um crepe de luto, e a alma não se encaminha senão às apalpadelas, nas veredas da virtude.

Sim, "a dor é a mensageira do amor"; é o amor que faz surgir a dor, a fim de que a dor faça surgir o amor.

Ela é uma luz no meio das obscuridades e das ilusões da vida; é um remédio em face das corrupções, é ela que vivifica e engrandece as almas, e queria dizer até que ela a criou de novo, de tal modo aumenta a sua grandeza e sua beleza.

E' por isso que o amor de Maria não afasta os sofrimentos e geralmente não diminui mesmo as cruzes que temos a carregar.

A Santíssima Virgem nos ama demais, para nos retirar uma causa de méritos, mas, segundo a palavra do bem-aventurado de Montfort, ela nos auxilia a carregá-

las melhor, a aproveitar melhor dela, santificando-as mais fàcilmente. Ela nos fortifica, nos consola, sem nos tirar a causa de nossos males.

Não, não! O' terna Mãe, nós não pedimos que nos retire nossas penas; pedimos sòmente que possamos padecê-las convosco e como vós.

Nas horas de tristeza, de luto e de sofrimentos, permanecei perto de nós... e ensinai-nos a santificar nossas cruzes e aproveitarmos delas, para avançar no caminho da virtude.

O' dor abençoada, que arranca de nossos olhos estas lágrimas amargas, "sangue do coração que se esvai em rios", diz Santo Agostinho: *"Erumpunt quase rivuli sanguinis cordis"*, que amolecem o solo sob nossos pés, para nos impedir que a êle nos apeguemos, e nos forcem, ao contrário, a tomar o nosso vôo para Deus.

Dor abençoada que nos faz progredir e sair de nós mesmos, sem jamais permitir que nos retenhamos: *Egredere, egredere!* — sempre avante!

"De tal modo mandou-nos Deus que caminhássemos, diz Bossuet, que êle nem permitiu que nos detivéssemos no infinito".

E eis por que, quando queremos parar aqui na terra, esquecendo-nos na felicidade, Deus nos faz um sinal, e então acende-se a chama da dor aos nossos pés, para nos obrigar a partir: *egredere,* é preciso caminhar!

Nesta marcha continua, porém, não haverá nada que console, que reconforte, que enxugue as lágrimas, que tranqüilize o coração do viajor?...

Sim, sim... não nos esqueçamos que Deus é amor.

Mesmo no meio das lágrimas, o amor sabe fazer nascer a felicidade, a alegria e o sorriso.

Acima de nossas aflições e dores, que são para nós como um céu tenebroso, paira uma figura sorridente e doce, feita de luz e de amor... de poder e de ternura... de misericórdia e condescendência: — é a Virgem Maria...

Ela se inclina para nós, e, enquanto sua voz nos encoraja e seu olhar nos indica o caminho, sua mão enxuga nossas lágrimas.

E a esta vista, a Igreja exclama, em transportes de gratidão: *Santa Maria... Sancta Dei genitrix... Consolatrix afflictorum, ora pro nobis!* — Santa Virgem Ma-

ria, santa Mãe de Deus, consoladora dos aflitos, rogai por nós!

"Ad te clamamus... Até vós elevamos as nossas vozes, como exilados e infelizes filhos de Eva; nós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas".

Como esta linguagem exprime bem os sentimentos de um coração que aspira ao céu... de uma alma que se aterroriza ante a aspereza do caminho.

Como é suave vermos elevados para o céu o olhar e as mãos dos pobres exilados e ouvir êste brado de sua fé, que é, ao mesmo tempo, um suspiro de seu amor: *"Ad te clamamus, exsules filii Evae!"*

Depois de ver o céu entreabrir-se... após ter visto descer dêle uma mãe... uma verdadeira Mãe, cheia de ternura e de amor, que vem consolar seu filho, refrescar sua fronte ardente, apertá-lo sôbre o seu coração e encorajá-lo a terminar êste curso terrestre, na esperança de um repouso eterno.

Oh! quem avaliará a doçura dêste título de Maria: *Consolatrix afflictorum...* — Consoladora dos aflitos?...

Se os males são intensos e numerosos, as consolações são sem limites e consentir-se-ia em sofrer mais, para a felicidade de ser consolado por uma tal Mãe...

As lágrimas são doces e refrescantes, quando recolhidas por suas mãos.

Quem não quereria aproveitar-se delas?...

Quem não quereria sofrer ainda, para elevar a Maria o seu olhar e seu coração... lançar-se nos seus braços, exprimindo a ternura e o amor de seu ósculo, deliciar-se nêle, fôsse apenas um instante, nesta celeste visão da "Consoladora dos aflitos"?

Oh! como se compreende o brado sublime das Teresa de Jesus, das Madalena de Pazzi, das Celina da Apresentação: *"Ou sofrer, ou morrer! Sofrer sempre e jamais morrer! Ao menos queria eu sofrer bem, sofrer muito bem!"*

Vamos, pois, a Maria, quando nos oprimir a dor, quando a inquietação nos agitar ou o terror nos perseguir.

Vamos a Maria!... choremos com ela, e com ela soframos... e nosso sofrimento... e nossas lágrimas tornar-se-ão uma semente de méritos e de felicidades.

Compreendeis agora por que amo Maria?...

Poderia eu não amá-la?... Não amar com todo o fervor de minha alma aquela que é meu socorro em minhas necessidades... meu apoio em minha fraqueza... minha consolação na aflição?...

O' Maria! sejam o meu último suspiro e minha última respiração um ato de amor por vós, e de confiança em vossa proteção!...

V

Nosso socorro e nosso apoio

Maria é nosso socorro: *"Auxilium christianorum"*.

Aprouve à Igreja dar à humilde Virgem esta denominação tão cheia de confiança quão rica em significação.

Pobres filhos de Eva, exilados numa terra que não é nossa pátria, levamos em nossa alma um ideal e o nosso coração transborda de uma aspiração irrealizável aqui na terra.

Precisamos do céu... e, entretanto, tudo nos desvia do que nos deveria repousar, atrair e concentrar nossas afeições e nossos trabalhos.

Donde nos virá o socorro, para que não nos apeguemos às coisas perecíveis?...

Donde virá o auxilio para não perdermos de vista o ideal que em nós trazemos, mas que o demônio, o mundo e a carne procuram desfigurar a cada instante?...

Donde?... senão daquela que foi estabelecida pelo próprio Deus como sendo o auxilio dos cristãos?...

Mas, para obter êste socorro, é preciso que o imploremos.

A prece tem o glorioso privilégio de alcançar tudo.

"Maria procura, diz S. Boaventura, almas que a ela recorram com vivos sentimentos de respeito e de amor, pois são a estas que ela ama, nutre e abraça como filhos seus".[16]

"Quando Maria nos vê na tribulação, diz ainda o mesmo santo, ela se compadece e se apressa em vir em nosso auxílio".[17]

"Em seu desejo de favorecer-nos, ajunta Novarino, ela não pode demorar, e, longe de reter suas graças com parcimônia, nada para ela é tão urgente como espalhar sôbre seus servos os tesouros de sua munificência".[18]

---

16) Stim. div. am., p. 3, c. 16.
17) Spec. B. V., Lect. V. 18) Umbra Virg., exc. 73.

E' que Maria, com efeito, foi estabelecida pelo próprio Deus o socorro dos pobres exilados.

E' uma de suas funções, e como com êste encargo ela tem entranhas de mãe, segue-se, diz ainda Novarino, que ela "não se contenta em correr, mas que voa em socorro daqueles que a invocam".

"Pedi e recebereis, diz por sua vez S. Ligório, Deus parece criar asas, quando se trata de ir tirar do sofrimento uma alma que o invoca em seu auxílio; assim também faz Maria, quando a invocamos: não sabe recusar-nos sua assistência".

Efetivamente, Maria, como uma Mãe verdadeira, não sente maior alegria do que a de socorrer seus filhos.

"Inefável é o seu desejo de consolar todo o mundo, diz Luís de Blois, e apenas ouve uma voz suplicante elevar-se até ela, presta-lhe favorável atenção e concede o que ela pede".

S. Boaventura tinha, pois, muita razão, quando, dirigindo-se a Maria, exclamava: "O' vós, que sois a salvação dos que vos invocam: *O salus te invocantium.*[19]

Com que confiança, portanto, nos devemos dirigir a ela, pois, como afirma Bernardino de Bustis, esta ternissima Virgem sente um desejo mais ativo de nos conceder graças do que nós de recebê-las.[20]

Finalmente, a ternura verdadeiramente maternal de Maria para conosco e sua compaixão para com nossos males são tão grandes que ela não espera nossas preces para nos socorrer".

"Ela prevê aquêles que a desejam, e ela, a primeira, apresenta-se a êles". — São palavras do livro da Sabedoria (6, 14), que os santos aplicam a Maria.

Por um simples desejo de nossa parte, ajunta Santo Anselmo, comentando estas palavras, Maria nos concede sua proteção, o que quer dizer que ela nos obtém de Deus muitas graças, antes mesmo que nós a invoquemos.

Oh! sim, Maria é nosso socorro... Seu poder lhe permite vir em nosso auxílio... Seu amor a impele... Suas funções lho ordenam.

E foi êste coração que arrancou do coração e dos lábios dos santos estas entusiastas palavras de confiança e de abandono.

19) Par. anfid., p. I, c. 18.

20) Plus desiderat ipsa facere tibi bonum, quam tu accipere concupiscas (Marial, p. 2, 5, 6).

"O' Maria, exclama Hugo de S. Vitor, de tal modo encheu o Senhor de ternura o vosso seio materno, que o simples conhecimento de nossa miséria faz jorrar dêle o leite da misericórdia, e vós, ó doce Rainha, não saberíeis ser testemunha das necessidades de nossa alma, sem virdes quanto antes em seu socorro!"

E se alguém alimentasse receios em sua privilegiada prece a Maria, que escute ainda os santos.

"O' gloriosa Virgem, diz o bem-aventurado Eutiquiano, quem jamais implorou vossa proteção tão poderosa para aliviar todos os infelizes... e se viu abandonado por vós?... Tal nunca aconteceu, nem acontecerá!"[21]

"Poderão o céu e a terra cair em ruínas, diz Luís de Blois, antes que Maria recuse sua proteção a uma alma que lhe pede com uma intenção reta, nela pondo tôda a sua esperança".[22]

Dirigindo-nos a Maria, somos por vêzes mais fàcilmente atendidos do que se nos dirigissimos ao próprio Jesus Cristo.

"A razão é, diz Santo Anselmo, que o Filho é nosso Senhor e nosso juiz... mas, quando invocamos o nome da Mãe, intervêm os seus méritos em nosso favor e fazem que sejamos logo atendidos".[23]

"Muitas coisas pedimos a Deus e não as obtemos, diz por sua vez Nicéforo; pedimo-las a Maria e as obtemos. Donde vem isso?

Não é de modo algum porque Maria seja mais poderosa que Deus, é evidente, mas foi Deus que assim quis honrar sua Mãe".[24]

Maria pode, pois, socorrer-nos... Ela o quer, desde que dela tenhamos necessidade urgente.

Oh! prostremo-nos, pois, aos pés de nossa muito amável Soberana, e lhe digamos, cheios de confiança, com Santo Agostinho:

"Lembrai-vos, ó clementíssima Rainha, que, desde a origem do mundo, nunca se ouviu dizer que vós tenhais abandonado alguém.

---

21) De Assumpt., Sermo 2. Êste é também o pensamento mais ou menos das expressões de São Bernardo no **Memorare.**

22) Consol. pus., c. 35.

23) De excell. V., c. 6.

24) Multa petuntur a Deo et non obtinentur, multa petuntur a Maria et obtinentur, non quia potentior, sed quia Deus eam decrevit sic honorare.

Perdoai-me, pois, se ouso declarar que não quero ser o primeiro desgraçado para ser por vós abandonado, depois de ter recorrido à vossa proteção".[25]

Maria nos socorre em tôdas as nossas necessidades, em todos os nossos perigos. Ela tem sempre os olhos fixos em nós, para afastar de nossos passos o perigo que nos ameaça e conosco partilhar de nossas penas e alegrias.

Há horas, porém, em que o homem tem precisão de um socorro mais especial.

Fraco e abatido, exausto às vêzes pela luta, êle necessita sentir sob sua mão um apoio que o sustenha e o auxilie a transpor os obstáculos... para se elevar acima da terra, isto é, acima de si mesmo... e aproximar-se de Deus.

E ainda êste apoio é Maria Santíssima.

Um apoio material é o que nos ajuda a caminhar com segurança e a prevenir as quedas.

E' o que auxilia a levantar, quando alguém tem a desgraça de cair.

E' o que sustenta, quando nos sentimos abandonados pelas nossas fôrças e necessitamos acelerar a nossa marcha.

Não é isso que nos fazia nossa mãe, quando éramos crianças?...

Ela sustinha os nossos passos vacilantes, levantava-nos, quando acontecia darmos alguma queda e nos estendia a mão, quando estávamos prestes a desanimar.

E vós, ó Maria, não é assim que fazeis aos vossos filhos?

Não é vossa lembrança um apoio para o meu coração? Não é vossa imagem um apoio para minha imaginação? Não é vosso exemplo um apoio para minha vontade? Vossa incansável bondade, um apoio para minha fraqueza?...

E quanta necessidade tenho eu dêste apoio!...

Qual o velho enfêrmo, cuja mão trêmula se apóia sôbre o braço de seu filho para firmar seus passos, assim eu me apóio sôbre minha Mãe, para atravessar o mundo.

Tendes, porventura, observado a alegria de uma criança que fêz algum esfôrço para andar, quando, a dois

25) Memorare, piissima Maria, de saeculo non fuisse auditum quemquam, ad tua praesidia confugientem, esse derelictum.

ou três passos, sua mãe lhe estende os braços?... Nêles se precipita a criança, aconchega-se sôbre o seio de sua mãe, e parece dizer-lhe: "Não, não, eu não quero caminhar por mim mesma; quero caminhar só com vosso auxilio".

E a mãe a abraça e corresponde à sua confiança por um redobramento de amor e de ternura.

O' Maria!... eu sou a criancinha!... eu também não quero caminhar senão por vós!... Não quero caminhar senão apoiado em vós, sempre e por tôda parte.

Apoiado em vosso amor, ao sentir o meu coração atraido para as criaturas.

Apoiado em vossa lembrança, quando o inferno suscita mil fantasmas em minha imaginação exaltada.

Apoiado em vosso exemplo, para praticar a virtude, para me humilhar e obedecer, a fim de ficar humilde e submisso diante daquela que sôbre mim tem alguma autoridade.

Apoiado, enfim, em vossa bondade e em vossa doçura, quando o temor agitar a minha alma ou quando a abater a ingratidão dos homens.

Sempre apoiado em vós, ó Maria, porque, segundo dizem os santos: "Aquêle que deposita em vós sua confiança, não será enganado... pois é impossivel que pereça um filho de Maria!..."

VI

Tudo por Maria!...

Após o que precede, apresenta-se-nos uma questão importante que procede daqueles que julgam exagerar-se muito a mediação do poder de Maria...

Êles perguntam: "Tôdas as graças nos vêm por Maria?"

Nós respondemos: "Sim, absolutamente, tôdas".

"Mas estamos nós obrigados a pedir sempre a Maria para obter alguma coisa, e Nosso Senhor não nos pode conceder diretamente a graça pedida?"...

Façamos uma distinção, dizendo, com os teólogos, que, *pelo seu poder absoluto,* isto é, consultando apenas a sua onipotência, Deus poderia conceder diretamente as graças impetradas, mas, *pelo poder ordenado,* isto é, na ordem das coisas estabelecidas pelo próprio Deus, êle não o faz.

Citemos aqui uma página do cardeal Pie, antigo bispo de Poitiers: "O Redentor teria podido descer à terra sem passar pelo seio de uma mulher; em outros têrmos, Deus teria podido salvar os homens sem para isso empregar o intermédio de Maria.

Êle o teria podido, mas não o quis.

"Deus a predestinou desde tôda a eternidade, diz Bossuet, para por ela dar ao mundo Jesus Cristo, e, chamando-a a êste glorioso ministério, êle não quer que ela seja um simples canal, mas um instrumento voluntário. Eis por que o Padre eterno lhe envia um anjo para lhe propor o mistério, que não se realizaria, enquanto Maria não desse uma resposta afirmativa, se bem que esta grande obra da encarnação, que é a expectativa de tôda a natureza desde há tantos séculos, quando Deus resolveu realizá-la, permanece ainda suspensa, até que a Virgem tenha nela consentido".

"Conheceis esta verdade, prossegue Bossuet, não me demoro em vo-la explicar, mas não posso calar uma conseqüência que, talvez, não meditásseis ainda bastante.

E' que Deus, tendo resolvido dar-nos Jesus Cristo uma vez por Maria, esta ordem não se muda mais, e os dons de Deus são irrevogáveis.

E' e será sempre certo que, tendo uma vez recebido, por meio dela, o princípio universal da graça, recebemos ainda por seu intermédio as suas diversas aplicações nos diferentes estados que compõem a vida cristã.

E' e será sempre certo que, tendo sido o seu consentimento necessário para o mistério da encarnação, êle o será eternamente para tôdas as outras operações que não são mais que dependências suas".[26]

O sangue de Jesus Cristo ficaria indefinidamente suspenso por cima de nossas cabeças, se a sua aplicação não nos fôsse feita pelo concurso da Mãe do Redentor.

E' assim que Maria é sempre Mãe de Jesus.

De modo algum êste título é para ela uma glória passada.

O seu ato gerador perpetua-se; sua fecundidade é sempre ativa.

S. João viu-a no céu revestida do sol como de uma veste, tendo a lua sob seus pés e sôbre sua cabeça uma

26) Terceiro Sermão sôbre a Conceição de Maria, 4º sôbre a Anunciação.

coroa de doze estrêlas, e ela gemia como uma mulher que dá à luz.

Que quer dizer isto?...

E' que do alto dos céus Maria continua a produzir Jesus Cristo, gerando-o nos corações.

E' que ela nos deu o autor da graça, continuando a ser a Mãe da divina graça, como no-lo ensina a Igreja, ao aproximar estas duas invocações: *Mater Christi, Mater divinae gratiae.*

Tôdas as graças nos vêm por Maria: as graças concedidas aos indivíduos, às nações e aos povos.

Escutemos São Cirilo: "E' por vós, ó Maria, que a fé penetrou nos países infiéis; por vós que as nações foram conduzidas à penitência; por vós novas igrejas cristãs se elevam nas extremidades do Universo..."

Esta doutrina é admiràvelmente confirmada pelo apóstolo das Índias, S. Francisco Xavier, que dizia encontrar sempre os espíritos rebeldes ao Evangelho, quando não lhes apresentava com a cruz de Jesus a imagem de Maria.

Tôdas as graças nos vêm por Maria, a tal ponto que os próprios sacramentos, sinais misteriosos instituídos por Jesus Cristo, precisamente para serem os canais e os instrumentos, em relação a Maria não são mais que canais e instrumentos secundários.

Ouçamos ainda S. Cirilo neste discurso que os padres do concílio de Éfeso fizeram incluir entre as atas do mesmo, elocução célebre, que tem quase a autoridade de uma decisão ecumênica:

"Por vós, ó Maria, a água batismal justifica os catecúmenos; é por vós que o óleo santo confirma o neófito".

Per te baptismus obtingit credentibus, per te oleum exsultationis infunditur, e mais outras palavras que permitiram dizer que Maria é o sacramento universal.

Tôdas as graças nos vêm por Maria, e é também verdade que Deus devia outorgar à sua Mãe a continuação de tão nobre missão.

Pois ela, depois de ter sido necessária aqui na terra para a obra da encarnação e da redenção, ter-se-ia tornado estranha no céu às conseqüências de uma e outra?

Então, o céu seria para ela uma espécie de aposentadoria honorífica, onde receberia homenagens, mas seu poder teria cessado e sua condição seria algo semelhante

ao que a nossa linguagem administrativa chama: "inatividade"?

Deus não podia e não devia impor esta condição à sua Mãe.

Digamos, pois, com São Bernardo, que realmente Deus estabeleceu que tudo passaria pelas mãos de Maria.

O bem-aventurado de Montfort diz a êste respeito:

"Deus, sendo Mestre absoluto, pode comunicar por si mesmo o que ordinàriamente não comunica senão por Maria".

Ajunta ainda o santo missionário que seria temerário negar que Deus o faça algumas vêzes; entretanto, continua êle, segundo a ordem que a divina Sabedoria estabeleceu, êle não se comunica ordinàriamente aos homens senão por Maria".

Quer isto dizer, como observa um autorizado intérprete da doutrina do bem-aventurado, que às vêzes nos são concedidas as graças, sem que as tenhamos pedido a Maria; é assim que a primeira graça precede a qualquer pedido de nossa parte.

Mas, nas graças assim obtidas, a Santíssima Virgem intervém, como de ordinário o faz na concessão de favores que nos são feitos sem nos dirigirmos a ela.

E' Deus quem consente, mas ainda é Maria quem dá.

Quer, pois, nos dirijamos diretamente a Deus, quer indiretamente por intermédio da Virgem, sua Mãe, a graça que nos é outorgada nos vem pelas mãos de Maria.

E' a lei estabelecida por Deus... e êle pode derrogá-la, como o faz na ordem natural pelo milagre, mas não o faz e nem o fará, porque sua vontade é imutável.

"Et sic est voluntas Dei, diz S. Bernardo, *qui totum voluit nos habere per Mariam".*

Compreende-se que esta verdade é de uma importância que merece tôda a nossa atenção.

E' ela que constitui o culto excepcional de intercessão de que Maria é objeto.

Estabelece-se assim uma distância infinita entre a Virgem e os outros santos, de quem podemos obter graças, embora possamos também obtê-las independentemente dêles, pois êles não são, como Maria, o *canal constituído* e, como diz S. Bernardo, o *"Aqüeduto".*

Se é por Maria que se obtém, e se é por ela que passam tôdas as graças, é, pois, conveniente pedi-las por Maria a Jesus Cristo.

Como diz Gerson, ela é verdadeiramente "nossa medianeira", pois decretou Deus dar ùnicamente pelas mãos de sua Mãe as graças que concede ao gênero humano. *Mediatrix nostra, per cujus manus Deus ordinavit dare ea quae dat humanae naturae".*

"Há cristãos, diz ainda o cardeal Pie, que, embora não relegando ainda ao desprêzo o culto de Maria, pois seriam condenados pela Igreja, omitem, entretanto, e negligenciam dirigir-se a ela.

Colocam de boa vontade a invocação de Maria entre estas práticas supererrogativas que é preciso abandonar à devoção popular, e que não concordam com uma religião mais nobre e mais viril; sem dúvida, são práticas respeitáveis, mas que nada têm com o dogma e com a essência do cristianismo.

Para êles isto é negócio de piedade e não cumprimento de um dever necessário.

Ora, ai está um grande êrro, que tende nada menos que a comprometer a salvação.

"Antes de tudo, porém, para evitar a menor aparência de exagêro, salientemos um princípio de Santo Agostinho, que iluminará esta questão sôbre a necessidade de recorrer a Maria.

"Deus, diz o santo doutor — e isto é matéria de fé — concede certas graças aos homens, embora êstes não lhas peçam; mas é igualmente de fé que há muitas outras graças necessárias para a salvação, que Deus não concede senão por meio da oração".

Tendo Maria sido constituída dispensadora de tôdas as graças, pode-se concluir que ela nunca antecipe nossas preces?...

Teria ela esperado a oração dos homens, para dar o seu consentimento à redenção?...

Todos nós nascemos devedores de Maria, continua o eloqüente bispo de Poitiers, e desde que a graça divina procura penetrar em nossa alma, pela virtude da graça batismal, ou pelos primeiros movimentos sobrenaturais puramente gratuitos, Maria associa-se com desvêlo a êstes santos convites do céu.

Quando Deus caminha à frente da criatura, Maria se conserva atrás. E quando Deus não ouve nossos méritos, nem nossos pedidos, para no-los deferir, Maria Santíssima não está de modo algum desinteressada para os transmitir, pois jamais o canal divino põe recusa aos generosos anelos da fonte.

Mais ainda: êste instrumento bendito, sempre pronto a outorgá-los, chega até por diversas vêzes a provocar estas primeiras operações da graça.

Quantas vêzes — ainda mesmo sem um pedido dos convivas — tem-se mudado a água em vinho, pelos rogos de Maria!

Quantas vêzes, percebendo nos pecadores chagas que êles mesmos não sentem e cuja cura êles nem se lembram de pedir, Maria, Mãe atenta, é a primeira a revelar suas necessidades a seu Filho: *Fili mi, vinum non habent!*

Mas, concedendo isso, é preciso reconhecer que há graças — e graças necessárias — que Deus só concede àqueles que empregam a intercessão de sua Mãe.

E' preciso reconhecer que o cristão, que afasta Maria Santíssima dos seus hábitos e práticas de religião, fecha para si o canal da graça e a porta do céu.

Com efeito: "Pelo fato de ter Deus estabelecido como lei geral que sua Mãe seria a dispensadora de tôdas as graças, não manifestou êle o seu desejo de impor-nos a obrigação de recorrermos a ela?...

Para que êle procedesse de outro modo, necessário seria ou que Maria fôsse o canal obrigatório da graça, mesmo em proveito daqueles que não querem dirigir-se a ela, ou então que Deus fizesse uma exceção e mudasse para êles o curso ordinário da graça.

Ora, estas duas suposições são inadmissíveis.

"E, primeiro que tudo, seria admissivel que Deus, fazendo passar a graça pelas mãos de sua Mãe, tenha desejado servir-se dela como de um simples instrumento passivo?...

Bem pôde o Criador, por uma lei geral, forçar o sol a iluminar aquêles mesmos que blasfemam de sua luz: é um globo material, um astro sem razão e que não tem de salvaguardar honra alguma.

Maria, porém, estrêla inteligente, e, segundo os santos padres, céu animado, estaria comprometida, ou an-

tes Deus se comprometeria para com ela, se tivesse decretado semelhante lei.

Não! exclama São Bernardo, Maria é um astro que esparge sua luz e seu calor com efusão, segundo êste crâculo que lhe é atribuído pela Igreja — *"Ego diligentes me diligo"*.

Infelizes daqueles que voltam as costas a êste sol. — *Vae qui solem istum adversantur!*

Colocando sua Mãe entre nós, não quis Jesus Cristo fazer dela um simples escabelo que nos elevasse ao céu, enquanto nós o calcaríamos aos nossos pés.

Obrigados que somos a procurar a graça, é nosso dever procurá-la por Maria, pois tal é a vontade daquele que quis que nós tudo recebêssemos por ela: *Quaeramus ergo gratiam et per Mariam quaeramus, quia sic est voluntas ejus qui totum nos habere voluit per Mariam.*

"O espírito sempre extremista dos hereges, com o fim de combater esta doutrina com mais aparência de razão, tentou fazer-nos tirar disso uma conseqüência exagerada.

Disseram: Já que sempre necessário é o intermédio de Maria, não nos é mais permitido dirigir-nos diretamente a Deus.

Mas nós responderemos a esta dificuldade, alegando que nossa proposição diz sòmente respeito àqueles que tencionam excluir Maria Santíssima de sua piedade prática.

Pois, para aquêle que se reconhece e se proclama súdito seu, não há dúvida alguma que possa muitas vêzes e que até mesmo deve dirigir-se diretamente a Deus, fonte e princípio da graça.

Nisto náo há exclusão alguma de Maria. Há até um recurso implícito a ela. E como o filho não inveja as honras tributadas a sua mãe, a Mãe não se melindra do culto imediato tributado ao seu Filho.

Não suponhamos no céu baixas rivalidades, que desonram a nossa terra.

"Os hereges insistiram ainda: Mas se Maria é o canal universal da graça, de que serve então a invocação dos santos?...

Não menos fácil é a resposta; pois os santos por nós invocados conhecem tão bem e melhor até do que nós o caminho da graça; nós nos servimos dêles, pois, como

intercessores, seja junto a Maria — para que esta nos obtenha o socorro de Deus — seja diretamente junto ao próprio Deus, vemos que em nenhum dêstes casos são lesados os direitos de Maria, em nenhum dos casos ela é desconhecida nem afastada sua mediação.

"Mas então, dizem-nos êles, nesta doutrina é impossível a Deus salvar-nos sem Maria.

A resposta a esta objeção é fácil.

Pode Deus salvar-nos sem Maria?

— Sim, como pode iluminar-nos sem o sol.

Assim, tendo Deus decretado como lei geral que tudo o que é graça divina deveria vir a nós por meio de Maria: *Totum nos habere voluit per Mariam,* pode, entretanto, fazer um milagre na ordem sobrenatural, como o faz na ordem da natureza.

"Mas qual é aquêle, ó meu Deus, que ousará pedir-vos e que terá a confiança de obter êste milagre e esta excepção?

"Querendo Deus honrar sua Mãe e tratar-nos com amor, estabeleceu que tôdas as graças seriam dispensadas por sua Mãe. E eis que uma criatura humana vem dizer-lhe: Senhor, êste intermediário que colocastes entre vós e mim não me agrada. Não sois bastante poderoso para me salvar por vós mesmo, sem que eu tenha necessidade de Maria?...

Que disse? — Deus pode salvar-nos sem Maria, como pode iluminar-nos sem o sol.

Enganei-me. Quando Deus fizer êste milagre, jamais o fará para satisfazer um capricho injurioso à sua Mãe.

Aliás, escutai ainda o raciocínio muito comum aos santos doutôres.

Poderia Deus, com todo o seu poder, fazer que, em seus decretos eternos, Maria não tenha sido associada à obra da encarnação e que ela não tenha participado desta obra por uma cooperação ativa?...

Sem dúvida que não.

"Maria, aliás, tendo adquirido por seu concurso direitos sôbre tôdas as criaturas regeneradas por Jesus Cristo, poderá Deus despojá-la e dispensar-nos de nossas obrigações para com ela?

Ainda uma vez — não!

"Portanto, é um culto de reconhecimento, de amor e de invocação de que ninguém nos pode dispensar para

com Maria, e colocar-se fora de seu culto é deixar o caminho da salvação.

Eis por que o grande bispo de Meaux, após ter discutido sôbre esta mesma questão, com aquela exatidão assim como pela elevação doutrinal que lhe é peculiar, concluiu por estas palavras terríveis sob os lábios magistrais e tantas vêzes reservados:

"Já que a devoção a Maria é tão bem fundada, diz êle, anátema a todo aquêle que a nega e retira aos cristãos tão grandioso socorro! Anátema a quem a diminui, pois enfraquece os sentimentos de piedade".

Se alguém não ama a Virgem, que seja anátema!...

Após o célebre bispo de Poitiers, diremos que assim como uma linha tirada do centro de um círculo não pode sair dêle sem passar pela circunferência, também nenhuma graça sai de Jesus, centro de todo bem, sem passar por Maria que, recebendo o Filho de Deus em seu seio, cercou-o por tôda parte, como disse Jeremias: *"Femina circumdabit virum"* (Jer 31, 22).

São Boaventura, considerando esta passagem do profeta Isaías: "Sairá uma raiz de Jessé, e de sua haste se elevará uma flor, e sôbre esta flor repousará o Espírito do Senhor", faz uma bela aplicação: "Todo aquêle que deseja obter a graça do Espírito Santo, deve procurar a flor sôbre o rebento, isto é, Jesus em Maria, pois pela haste chegamos à flor.

E quereis vós ter uma flor?...

— Procurai, por meio de vossas preces, inclinar para vós o rebento e tê-la-eis: *"Virgam floris precibus flecta"*.[27]

Inclinemos até nós êste rebento bendito... abaixemo-lo com o ciciar de nossas preces... e então teremos em nossas mãos esta admirável flor que é Jesus Cristo.

E' o que fazia dizer a Santo Ildefonso: "Para ser servo do Filho, quero sê-lo da Mãe".[28]

Façamos passarem nossas boas obras, nossas dificuldades e sofrimentos pelas mãos desta Mãe amantíssima, pedindo-lhe que purifique o que nêles possa haver de imperfeito e rogando apresentá-los, ela mesma, ao seu divino Filho.

---

27) Spec. B. V., lect. 6. 12.

28) Ut sim servus Filii, servitutem appeto Genitricis (De Virg. C. 12).

Se Jesus não quiser aceitá-los por causa de nossas misérias e de nossas imperfeições, aceitá-los-á devido à excelência e à virtude *daquela que lhos oferece.*

Eis o conselho de S. Bernardo a todos os que êle dirigia à perfeição: "Quando quiserdes oferecer alguma coisa a Deus, tende o cuidado de oferecê-la pelas mãos agradabilíssimas e dignissimas de Maria, se não quiserdes ser rejeitado: *Modicum quid offerre desideras, manibus Mariae offerendum tradere cura, si non vis sustinere repulsam".*

Concluamos, pois, dizendo com tôda a segurança: "Já que a vontade de Deus é que tudo recebamos por Maria, igualmente por Maria é que devemos dirigir nossas preces a Deus. São as suas mãos puras e virginais que devem apresentar a Deus o nosso pedido.

Dêste modo, nossas orações terão mais autoridade; ser-nos-á mais abundantemente concedida a graça, a virtude ser-nos-á menos penosa e a vitória sôbre nós mesmos menos difícil.

Maria será realmente o traço de união de nossas almas com Deus, nossa medianeira junto a Jesus, como Jesus é nosso mediador junto ao seu Pai.

Eis o caminho reto que conduz ao céu! — Caminho santo, imaculado, sem sombras, nem escolhos, pois Maria é tôda luz, e dela é que a Igreja canta: *"Quae... lumen aeternum mundo effudit: Jesum Christum Dominum nostrum".*

— E' Maria que, conservando a glória da virgindade, espargiu neste mundo a luz eterna, que é Nosso Senhor Jesus Cristo.[29]

Eis o caminho seguido pelos santos e pelo próprio Salvador.

Sigamo-lo nós também!

"Quando me elevo a Deus, meu Pai,
Do fundo de minha iniqüidade,
E' sôbre as asas de minha Mãe,
E' sôbre o apoio de sua bondade".[30]

---

29) Prefácio da santa Virgem.
30) B. de Montfort. Cânticos.

VII

Visões dos santos

As consoladoras verdades que acabamos de expôr provaram que Maria Santíssima *pode* e *quer* ser para nós uma medianeira clemente, dispensadora generosa das graças divinas, sempre pronta a oferecer a Deus seus próprios méritos, para suprir e colocar na balança divina todo o crédito de seu poder, com o fim de nos assegurar perdão e misericórdia junto a Deus.

Mostremos, agora, que Maria Santíssima o faz na realidade.

Ao "poder" e ao "querer" sucede a ação, pois *poder, querer* e *fazer* são as três partes de um ato humano, são suas partes constitutivas.

Como poderemos nós mostrar em atividade a misericordiosa intercessão de nossa amável Mãe, senão pelo testemunho dos santos, pelas revelações e visões de que foram favorecidos êstes homens, e que põem em plena luz a nossa doce e clementíssima Rainha, dispensadora e medianeira?...

O primeiro exemplo se encontra nas revelações autênticas de Santa Brígida.[31]

Esta santa tinha um filho chamado Carlos que, ainda moço, abraçou a carreira das armas e encontrou a morte numa batalha.

Refletindo a santa que sua idade o havia exposto ao tumulto das paixões e considerando o lugar, os tempos e demais circunstâncias em que êle perdera a vida, teve grande receio e apreensões demais justas acêrca de sua salvação eterna.

Deus, porém, enternecido à vista desta piedosa mãe, não tardou muito em consolá-la e favorecê-la com a visão, cuja narração resumida aqui expomos.

Transportada em espírito à presença do tribunal do soberano Juiz, ela vê sôbre um trono majestoso o divino Redentor, e, ao seu lado, a Santíssima Virgem, na qualidade de Mãe e de Rainha.

Ora, apenas a santa apareceu diante dêste terrível tribunal, percebeu que ali também estava o demônio.

O espírito maligno, cheio de descontentamento e também de furor, falou dêste modo: ó Juiz divino, cuja jus-

31) Apud Joan. Osori: T. IV. Concion.

tiça dita tôdas as sentenças, eu espero obter de vossa eqüidade tudo o que venho reclamar, ainda que tenha de pleitear contra vossa Mãe, em meu próprio favor, embora seja vosso inimigo mortal.

Vossa Mãe, no momento da morte de Carlos, procedeu injustamente a meu respeito.

E, antes de tudo, no dia mesmo em que o jovem foi mortalmente ferido, ela entrou no quarto em que êle repousava, e quis assistir aos seus últimos momentos, repelindo-me e afastando-me dêste lugar, para que me fôsse impossível aproximar-me do moribundo e assaltá-lo com minhas tentações.

Nesta ocasião ela me fêz, pois, uma manifesta violência, pois tenho o direito de tentar os homens, sobretudo em artigo de morte, pois é a hora em que vou decidir a perda ou o triunfo dêles.

Ordenai, pois, ó Juiz, que esta alma tome outra vez posse de seu corpo, a fim de que eu possa assim ocupar-me em minha obra, ao menos durante um dia.

Se ela me resistir enèrgicamente, consinto que seja livre, mas se sucumbir aos meus ataques, subjugá-la-ei ao meu poder.

Outra injustiça que me foi feita, também por vossa Mãe, é que no momento em que a alma de Carlos saiu do corpo, ela a tomou em seus braços e a colocou aos pés de vosso tribunal, sem me permitir, a mim, que desempenho as funções de acusador, aproximar-me de vosso trono para sustentar minhas acusações.

Êste julgamento é irregular, pois foi feito sem ter sido ouvida a parte contrária. E isto é ao mesmo tempo contrário ao direito divino e humano".

A Santissima Virgem respondeu que o demônio, pai da mentira, acabava, entretanto, de falar em nome da verdade, e que de nenhum modo havia impôsto, mas que êste favor extraordinário com que agraciara o jovem Carlos era a recompensa de sua afeição por ela.

Êle não passava nem sequer um dia sem se encomendar a ela, havendo zelado constantemente pelo seu culto, assim como estivera sempre resolvido a derramar o seu sangue por seu amor.

O soberano Juiz terminou por isso com esta declaração: "A Virgem Maria reina em meu império, não como os santos, mas na qualidade de Mãe, de Rainha e de pa-

droeira, e por isso ela possui a prerrogativa de dispensar das leis comuns, quando não é contra a justiça.

Ora, houve ocasião, com tôda a justiça, de usar dêste direito para com a alma de Carlos, porque êste jovem, na hora de sua morte, tinha direito a um favor singular, e a um privilégio daquela que êle honrara e amara durante tôda sua vida".

Tendo assim falado, Jesus Cristo proibiu ao demônio tornar a esta causa, impondo-lhe silêncio.

Esta demonstração mostrou, pois, a Santa Brígida que seu querido filho fôra admitido à morada da glória celeste.

Por esta narração poder-se-á julgar com quanta razão os santos atribuem à Santissima Virgem um direito todo particular de que não gozam os outros santos do céu, e quão segura está ela de alcançar-nos de seu querido Filho as graças que dêle obtém em nosso favor, especialmente no que diz respeito à nossa salvação eterna.

Citemos ainda um outro exemplo que nos dá Cesário[32], e que nos mostra em atividade a intercessão poderosa de Maria.

Havia um jovem de importante família, diz êle, que se entregara a todos os prazeres e excessos, ao ponto que, em alguns anos, havia perdido a sua imensa fortuna, achando-se entregue a uma extrema miséria.

Não tendo mais com que prover a existência, deixou-se seduzir por um servo perverso que o induziu a recorrer ao demônio. Êste, de fato, fêz-lhe as mais belas promessas, mas com a condição de que êle renunciasse a Deus.

Embora horrorizado, o rapaz assim o fêz.

Então, diz-lhe o demônio: Já que renunciaste a Deus, deves também, como condição necessária, renunciar à Mãe de Deus.

"Isso não! — replicou o rapaz, que tivera, antes de seus excessos, uma devoção particular por Maria Santíssima — jamais o farei; prefiro mendigar meu pão, e até morrer, antes que renunciar à Virgem Maria, minha terna e doce Mãe".

Desconcertado com tal resposta, o demônio fugiu sùbitamente e os dois infelizes se apressaram em sair da floresta onde com êle tinham querido tratar.

32) Liber II Miracul., c. 12.

Aos primeiros albores do dia, passavam em frente a uma igreja, cuja porta viram entreaberta.

Imediatamente o jovem desceu do cavalo, confiando-o à guarda de seu criado.

Entrando no sagrado recinto, adiantou-se para o altar e percebeu uma imagem de Maria, tendo em seus braços o pequeno Jesus.

Ali, ao pensar em sua ímpia negação, pôs-se a chorar seu pecado, e com tanto arrependimento, que pela igreja ressoaram os seus soluços.

Entretanto, êle não ousava implorar a misericórdia do Deus, grande e justo, que tão gravemente ofendera, mas com lágrimas ardentes pedia à Santíssima Virgem que se dignasse interceder por êle e obter o seu perdão.

No ardor de sua prece, viu animar-se a imagem, e Maria Santíssima implorar com o olhar o seu divino Filho.

Mas, ó espanto! Jesus não se deixava tocar de nenhum modo, pois se afastava de sua Mãe.

Eis que então se passou uma cena comovente.

A Virgem, tendo colocado o seu divino Filho sôbre o altar, põe-se de joelhos e pede-lhe que perdoe ao jovem que, embora culpado para com Deus, não quis trai-la e renegá-la a ela, que é a advogada dos pecadores.

E Jesus respondeu: "Nada tenho com êste homem, que me negou e blasfemou".

Mas a Virgem santa insiste ainda: "Perdoai-lhe, ó meu filho, pelo amor que me tendes, pois se êle é indigno desta graça, por vos ter gravemente ultrajado, entretanto eu permaneço digna dêste favor, eu, que sou vossa Mãe".

Então Jesus toma uma das mãos de sua Mãe e diz: "Levantai-vos, ó minha Mãe, e como nunca vos neguei as graças que me tendes impetrado, não vos quero também recusar esta. Perdôo, pois, a êste culpado, por vosso amor, pois o amor que vos teve foi bastante para vos ficar fiel".

Após esta visão, o jovem ficou muito tempo ainda prostrado ao pé do altar da divina Mãe, e julga-se evidentemente que êle se tornou, desde aquêle dia, um cidadão honesto e cristão piedoso.

Instruído por êle, seu companheiro imitou-o em seu arrependimento e em sua conversão.

Os anais da Igreja encerram inúmeros fatos semelhantes a êste.

Na vida de quase todos os santos verificam-se a cada passo fatos semelhantes, algumas vêzes visíveis, outras vêzes ocultos, porém sempre repletos da ternura da Virgem incomparável.

Maria era tudo para êles, porque Jesus era todo dêles, e no amor é impossível separar o Filho da Mãe.

VIII

Conclusão

A conclusão! — Cada um dos leitores já a terá tirado no íntimo de seu coração — sob o olhar da deslumbrante Virgem Maria.

Neste mundo, o poder, longe de ser um motivo de amor, é, muitas vêzes, uma fonte de ódio.

E' que êle é exercido por mãos indignas ou porque não se apóia bastante em Deus, "de quem emana todo poder".

Em Maria nada há de tudo isso. Nela tudo é sobrenatural, tudo é divino. E' a fôrça das mãos de uma mãe: nada há mais suave, atraente e misericordioso.

Êste poder não tem outros limites senão os do amor de Deus à humilde Virgem.

Nós não temos mais que medidas humanas para determinar a altura, largura e profundidade dêste inescrutável abismo em que nada é do homem, mas em que tudo é de Deus.

Os séculos cantaram as prerrogativas de Maria... O céu e a terra repercutiram êstes louvores...

Tudo foi dito, escrito e cantado "daquela que se eleva bela como a luz... resplandecente como o sol... terrível como um exército em ordem de combate..."

Tudo foi dito e nada foi dito ainda...

Tudo foi escrito e cantado, e êste concêrto de louvores é apenas a primeira estrofe do hino que o Eterno entoou em honra de Maria.

Oh! continuai, pois... falai, escrevei, cantai... comentai êste inesgotável canto: — *"Fecit mihi magna qui potens est"*...

Tudo o que disserdes será apenas o balbuciar da criança ante o espetáculo grandioso que seus olhos contemplam, mas que seu espírito não pode ainda compreender.

Repeti o que dissemos sôbre as glórias e o poder de Maria. Mostrai Jesus como cativo seu... fazendo de sua doce Mãe a Rainha da terra e do céu.

Exaltai sua realeza de amor. Dizei que ela é nossa Mãe, a nós legada pelo Testamento supremo do Salvador.

Representai-a como a nova Eva, como a reparadora e o centro de tôda religião.

E depois... calai-vos!... Dissestes tudo o que o homem pode dizer. Nada, porém, dissestes ainda do que Deus poderia dizer.

A torrente luminosa das graças que distilam das mãos de Maria aparece a vossos olhos... Já admirastes a sua límpida superfície...

E' a superfície! Nada mais que a superfície!... Pois não é dado a vistas humanas sondar a profundeza dêste mistério.

Não é dado ao coração do homem experimentar plenamente as divinas consolações de que Maria é a dispensadora.

Não é permitido a ouvidos mortais ouvir o cântico com que o Altíssimo exalta a obra-prima de suas mãos.

Continuai, pois, o vosso canto, e, após a glória de seu poder, falai do exercício dêste mesmo poder.

E' um novo hino... um mundo inteiro de maravilhas...

E que maravilhas!... Entretanto, é sempre e ainda a primeira estrofe do hino inteiro. Aí encontramos sempre a linguagem do homem em face das obras divinas; ou, se o quiserdes, é o *balbuciar* da criança em presença de uma obra-prima de arte.

Quantos prodígios, entretanto, se ocultam sob êste último aspecto!...

Que de riquezas, encerradas nestes títulos de "Iniciadora" e de "dispensadora das graças"!

Como é doce elevar para ela os olhos súplices, e chamá-la "nossa medianeira, nossa consoladora, nosso socorro e nosso apoio, nosso único bem, enfim, depois de Jesus".

Maria é tudo isso... e ela o é de um modo inefável, superior às nossas fracas concepções... Ela é mais que tudo isso, mas torna-se-nos impossível transpor as barreiras do além, escutar por um instante e trazer à terra o canto de alegria que os anjos entoam sem cessar em honra de sua celestial Rainha.

Oh! piedosos filhos de Maria, que glória para nós o sermos súbditos de uma tal Rainha!

Que felicidade sermos filhos de tão boa Mãe!

Que não podemos nós esperar daquele que é como que o fruto de suas entranhas, de suas lágrimas e de suas grandezas!...

E ficaremos nós insensíveis a tanto poder colocado a nosso serviço?...

Não se fundirão de amor e de reconhecimento todos os nossos corações ao fogo do amor de nossa Mãe?...

O' doce e amante Rainha, se vós sois Rainha, é para nos servir.

O diadema e o cetro que o vosso Filho vos deu, vós não o recebestes senão para reinar sôbre os vossos filhos.

Os tesouros da divindade, cujas chaves estão em vosso poder, só os quisestes possuir, para terdes a felicidade de os derramar sôbre vossos filhos.

A glória, a honra, o poder e a grandeza, vós não os quisestes senão para depô-los aos pés de vossos servos, a quem dizeis: "Vêde, ó meus filhos, tudo isto será para vós, se me ficardes fiéis!"

Oh! como é que, depois de tudo isso, me perguntam ainda por que é que eu amo Maria?...

Antes perguntai-me por que não morro de amor; perguntai-me como é que meu coração não se despedaça como um vaso fechado agitado sob a pressão do gás ou calor?...

Amo-a, porque é ela... Ela, a única, a amável, a amante, Ela, o trono de Deus e a esplêndida manifestação de seu amor entre os homens.

Amo-a, porque é a Rainha do céu e da terra, porque é minha Mãe, a dispensadora das graças, a medianeira e a consoladora neste vale de lágrimas!

Amo-a, porque seu poder é feito todo de amor, porque ela é meu socorro e meu apoio, minha vida, meu tudo!

Amo-a!... O' Maria, fazei que eu vos ame sempre, que eu vos ame ainda mais, que eu não ame senão a vós, por vós e em vós, e convosco amo a Jesus, nosso Salvador e nosso Deus!...

E eis por que quero cantar sempre:

Amar-vos-ei sempre, ó Maria!
Depois de Deus, tôda a minha esperança;
Em seu coração eu sempre confio,
Pois no céu ela tem todo o poder!

QUARTO MOTIVO

A BELEZA DE MARIA

Introdução

Importa considerarmos atentamente êste grande e irresistível motivo de amor à doce e imaculada Virgem-Mãe, porque nela se encontram como que acumuladas tôdas as belezas da alma, do coração, do espírito e do corpo — *"facie pulcherrima, mente integerrima et spiritu sanctissima"*, diz S. Boaventura.[1]

De fato, Maria é elevada em beleza, como o é em graças, diz um profundo autor[2], pois o efeito da graça é transfigurar a beleza.

Por isso mesmo, Maria Santíssima, a mais santa das criaturas, é também a mais bela, em razão da identidade do Bem e do Belo.

Mas como falar desta beleza, que é mais do céu que da terra?...

Assunto bem difícil, mas que, entretanto, precisamos tratar.

E, em frente a tais assuntos, lamentamo-nos, devido à impotência da palavra humana, incapaz de exprimir as nossas concepções mais puras e mais entusiásticas.

"A arte não é feita para ti; tu não tens necessidade dela".

A beleza da Virgem é uma poesia, mas quanto ela difere da poesia humana!...

Tirai a esta última a sua forma, e, às mais das vêzes, nada lhe fica.

Ao contrário, Maria é bela no interior — bela na alma, que irradia de graças e de virtudes; bela no coração, onde cintila o amor mais puro e mais ardente; bela no espírito, que se eleva nos mais variados e mais sublimes conhecimentos; bela, enfim, no corpo, que reunia em si, como diz Gerson, todos os encantos disseminados nas demais criaturas, em tão elevado grau, que, depois do Filho de Deus, nada se pode imaginar de mais perfeito".[3]

Para têrmos uma idéia completa sôbre essa inefável beleza, é preciso considerar separadamente:

---

1) Speculum B. Virginis.
2) A. Nicolas, A Virgem Maria.
3) Tract. 3 sup. Magnificat.

1. *A beleza da alma de Maria,* ou a graça acumulada, crescente, exuberante que a embeleza e a torna o objeto das complacências divinas.

2. *A beleza do coração de Maria,* ou o amor sem igual de que ela está abrasada para com Deus e para com os homens.

3. *A beleza do espírito de Maria,* ou os conhecimentos variados e múltiplos da Virgem... irradiação exterior das belezas da alma, do coração e do espírito, através do corpo mais belo e mais puro que jamais houve, depois da humanidade santa do Salvador.

E' o que faremos nos três capítulos que compõem êste quarto motivo de amar a Maria.

CAPÍTULO X

AS BELEZAS DE MARIA

O' Virgem santa, tão rara é vossa beleza, que se poderia dizer que não fôstes feita, senão para deslumbrar os corações daqueles que para vós dirigem o olhar.
O' Virgem ùnicamente admirável e admiràvelmente única!...

(Santo Anselmo)

I

O ideal

A verdadeira beleza reside na alma.

Só e isolada da beleza interior, a beleza visível é excessivamente vã, frágil e mesmo perigosa, desde o pecado, para ser digna de atrair os olhos criados para contemplar a Deus.

Há coisa melhor que a beleza física do semblante, pois há uma beleza moral, um esplendor das almas.

Desde que o pecado perverteu o gôsto do homem — ó coisa lamentável! — a beleza ùnicamente exterior não é mais que um atrativo da volúpia e uma fonte de desordens.

O mundo não sabe mais elevar-se acima do que o adula, para se elevar até ao autor de tôda beleza, e é nisto que consiste a sua miséria, sua dolorosa degeneração.

E' por isso que se deviam antepor aos seus olhos, mais vêzes e com maior instância, visões feitas de luz, de heroismo e de pureza.

Da visão ao amor há apenas um passo, e o amor dirigido para o ideal divino, para a beleza moral, é o começo da regeneração e da santidade.

O ideal da beleza absoluta só existe em Deus, pois só nêle se encontram, em todo o seu esplendor, o "Verdadeiro" e "Bom", que, sem ser a essência do "Belo", são, entretanto, suas partes constitutivas, de tal modo que sem "Verdade" e sem "Bondade" a beleza não pode existir.

Difícil seria dizer precisamente em que consiste a beleza.

E' uma certa relação uma graça, uma harmonia de natureza, um não sei que, que todo mundo conhece e que se não pode ver sem amar.

O céu é a pátria do "Belo". — E' sua morada, e aí pode o homem contemplá-lo a descoberto... ofuscar-se à sua visão... lançar-se nêle... e dêle viver!...

Aqui na terra não possuímos mais que uma débil irradiação desta inefável beleza nas criaturas.

Mas Deus não se contentou com isso.

Querendo fazer-nos entrever êste Belo infinito e essencial, que a alma nem sequer tinha suspeitado, abriu-se o céu por um instante para encantar o mundo com o seu ideal.

E era esta manifestação divina que fazia brotar do peito do imortal gênio de Hipona, Santo Agostinho, êste brado de saudade e de deslumbramento: "O' beleza sempre antiga e sempre nova, quão tarde eu te conheci, quão tarde eu te amei!"

"O belo essencial, disse Lamennais, é Cristo, em quem o ideal existe em seu mais alto grau.

O Criador e a criação nêle são ao mesmo tempo distintos e inseparáveis. — Aquêle incorporado em sua obra, esta espiritualizada em seu exemplar eterno.

E' o Belo completo, o *Belo* em suas relações com o *Verdadeiro* e com o *Bom*".[1]

Daí provêm os dois caracteres distintos do Belo, cuja idéia não era conhecida pela antiguidade: — o infinito e o amor.

---

1) Esbôço duma filosofia, III, p. 130.

O Cristo é o *infinito* em perfeição. — Êle é o *amor.*

E' Deus sensível ao coração... — Deus amado como homem, com o infinito de Deus.

Mas como desceu esta beleza infinita até nós!

— E' a grande pergunta que se deve fazer depois de cada um dos mistérios com que aprouve ao céu cercar-nos.

Como?...

— Por Maria: — *"Mariae de qua natus est Christus"*.

Êste belo é uma flor, e Maria é a sua haste!

E' ela que o recebeu, tal qual êle é em si mesmo, nesta beleza essencial e incriada que extasia os anjos e o próprio Deus, que reluz através de tôdas as maravilhas da natureza.

Maria tornou-se, como diz S. Tomás, *"a arca do Ideal!"*

Por isso mesmo, diz o autor da "Virgem Maria", Maria é a obra prima dêste Belo que se reproduziu nela.

Porque como êle veio para se reproduzir nas almas, pela virtude sobrenatural de sua graça, inerente à sua encarnação, a primeira alma que êle havia embelezado é a da Virgem, em que êle se fêz carne".

Eis por que, antes mesmo de descer nela, preveniu-a com suas graças, preservou-a de tôda mancha desde sua conceição, ornou e embelezou-a com a arte de um Deus e todo o amor de um Filho, como o seu tabernáculo, com a substância de que êle mesmo queria ser feito.

Ela era desde então "cheia de graça".

E qual não devia ser sua beleza, para que a natureza angélica se inclinasse diante dela, e que o próprio Deus, na admiração de sua obra, exclamasse, à sua vista: *"Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te!"* — Sois tôda bela, ó minha amiga, e mácula alguma há em vós!"

Já que chamamos Maria a *"Santidade criada"*, podemos também chamá-la a beleza criada, isto é, a beleza por excelência entre tôdas as belezas criadas, desde a flor dos campos até ao serafim, não sendo sobrepujada senão pelo belo infinito e criador, que foi aqui na terra o fruto da virgindade, e que, saindo dela, deixou-lhe sua forma, esta forma de tôdas as belezas que êle semeou em todo o universo.

Mas em que consistia esta beleza de Maria?...

"Consistia, diz o P. Binet[2], numa espécie de combate da natureza e da graça que entre si rivalizaram em enriquecê-la e orná-la de seus mais belos adornos".

"Afirmamos audaciosamente, diz Santo Alberto Magno, que a Virgem ultrapassou em graça e em beleza a tôdas as mulheres, pois possuiu em supremo grau a perfeição de que foi capaz um corpo mortal e que a natureza nada podia fazer de mais excelente".[3]

"Convinha, e êste é o pensamento de Dionísio o Cartucho, que o Filho de Deus e a Mãe de Deus fôssem dotados, no mais eminente grau, de tôdas as perfeições da natureza e da graça: — o Filho, por causa de sua união hipostática à divindade; a Mãe, por causa da união com Deus, a mais estreita depois da que é própria ao seu divino Filho".[4]

A beleza exerce sôbre os homens um império soberano.

Longe, aqui, as belezas profanas! Trata-se da beleza da alma, cujo irradiamento sôbre uma fronte humana desanima o artista, maravilha os próprios anjos.

Maria é a criatura que mais se aproxima da beleza de Deus e que dêle trouxe o reflexo mais puro.

Convinha que a Mãe do nosso Pontífice fôsse como êle "santa, inocente, imaculada, separada dos pecadores e mais elevada que os céus".

Era necessário ao novo Adão, como o fôra ao primeiro, "uma auxiliar semelhante a si mesmo".

Era necessária a plenitude de vida, de vida natural e de vida sobrenatural; era necessária a beleza encantadora!

Como outrora, após Jesus, "todo mundo vai após ela".

Beleza radiante! — Ela embeleza a religião e a Igreja.

No *Credo* seu nome esparge como que um sorriso sôbre os demais dogmas.

Seu exemplo, sua ação nas almas faz florescer na Igreja as mais belas e heróicas virtudes.

Sem ela a Igreja seria "como um ano sem o mês de maio".

E' da alma, sobretudo, que vem a beleza. E é a graça que dá à alma seu aparato e seu brilho, de tal modo

2) Op. cit., p. 162.
3) Quaest. sup. missus est, 15, § 3.
4) De laud. excell. B. Virg., T. I, lib. 6, C. 9, n. 18.

que as almas mais favorecidas da graça divina são, por isso mesmo, as mais belas.

Sigamos um instante esta maravilha da graça em sua conceição e em seu contínuo crescimento — crescimento da graça, da glória e das virtudes.

Tantos abismos insondáveis, sem dúvida, mas cuja vista não poderá senão deslumbrar nossos corações.

O' Maria, aqui na terra o homem vai empós da beleza, para dar-lhe seu coração e suas afeições, deixa-se ofuscar por um pequeno raio, por uma sombra que passa!

Por que não se apegaria êle ao contemplar-vos... como o seu coração se dilataria a êste espetáculo, como se encheria dêste amor puro, ardente, forte como a morte, que vossa beleza faz nascer em todos aquêles que a contemplam!...

II

Maria, bela em sua conceição

Maria é, pois, bela!... Bela com tôdas as belezas de seu Filho, bela pela plenitude de graça que nela reside.

De fato, é a graça santificante que dá à alma o seu valor real, sua *graça,* para agradar a Deus e ser por êle amada; é a veste nupcial que a torna digna de assentar-se ao banquete do Cordeiro, e sem a qual não é permitido entrar na sala do festim.

Uma alma em estado de graça é tão bela, que é impossível a Deus não amá-la; possui direitos tão ingentes, que é impossível a Deus não se dar todo a ela.

Para compreender a beleza da alma de Maria, seria, pois, necessário fazer-se uma idéia das graças que lhe foram outorgadas, pois a beleza aumenta à medida que aumenta a graça.

Ora, quem poderia imaginar as graças concedidas àquela que era *"cheia de graças".*

"Cheia de graças", e isto já desde a sua conceição imaculada, sem por isso estar na incapacidade de aumentar, de acrescer ainda êste tesouro, pois a Virgem deve não sòmente ser cheia de graças, mas tê-las em superabundância, para que possamos receber de sua plenitude.

Vejamo-la primeiramente em sua Conceição imaculada.

Como desde já esta plenitude se irradia!...

Esta beleza da imaculada Conceição é tanta, que nem mesmo é necessário começar a descrevê-la.

Antes de elevarmos os olhos para êste fascinante esplendor, mais fácil seria inclinarmo-nos sôbre o abismo de misérias, a que nos relegou a queda original, e fazermos assim, por contraste, uma longinqua idéia da alma virginal de Maria. Falemos apenas uma única palavra de nossas chagas íntimas.

A primeira chaga é a perda de tôda justiça: — da graça santificante, virtudes infusas, equilibrio das potências de nossa alma, subordinação do corpo ao espirito, direito a uma proteção especial de Deus.

Todos êstes dons nos foram retirados, e Maria, ao contrário, foi enriquecida de todos êstes bens, desde o seu primeiro instante.

"Cheia de graça", nela circula a vida divina.

E' uma beleza, uma riqueza, uma luz, uma fôrça.

E' a paz, a ordem, a harmonia.

A inteligência vê claramente, a vontade governa, e Deus vela sôbre a sua obra com um cuidado invejoso.

Nós não somos apenas despojados, somos manchados.

Não sòmente somos deformados, somos positivamente culpados.

Carregamos o pêso da inimizade divina.

E Maria é tôda bela, tôda pura, tôda agradável.

Ela inflama de amor o Coração de Deus, e êle não se sacia nunca de contemplar a primeira e única criatura, sôbre a qual êle pode baixar os olhos com complacência. E êle também não contém a sua alegria por encontrar, enfim, sôbre quem expandir a sua ternura.

Chama-a sua única, sua amada, sua pomba, sua irmã, sua espôsa.

Maria é a "Bendita", a "Bem-aventurada", aquela a quem estão reservadas tôdas as honras possiveis e tôdas as beatitudes imagináveis...

O batismo restitui-nos a graça, apaga a nossa culpa e remite a nossa pena.

Como é bela a alma batizada!...

Ei-la: — é perfeita, radiante, estabelecida em sua integridade esplêndida, à semelhança da alma de Maria!...

Teria a nossa pureza reconquistada o mesmo valor que a pureza original de Maria?...

Oh! não... E bem o sentimos nós desde o despertar de nossas faculdades e desde o primeiro vôo que a nossa alma quer tomar.

Ela foi perdoada, reavivada, mas suas asas ficaram amortecidas e suas faculdades feridas.

Um véu de ignorância se estende sôbre o nosso espírito, um mundo de malícia pesa sôbre nossa vontade, um foco de concupiscência se aninha bem no fundo de nosso coração e uma fraqueza mórbida anemiza todo o nosso ser.

E, mais ainda, êste langor paralisa a vontade. Estas concupiscências tôdas sobem como nevoeiros diante dos olhos já enfraquecidos da nossa inteligência.

Não possuímos mais a noção justa das coisas, deixamo-nos fascinar pelos falsos bens, e somos curiosos, frívolos, perturbadores, inconstantes.

Talvez isto ainda não é mais que o defeito; brevemente, porém, será o pecado.

Apenas criada, a alma inteiramente limpida da Virgem Imaculada, vibrante de sentido, de fôrça e de amor divino, conhece seu bem supremo, voa até êle, prendendo-se-lhe irrevogàvelmente.

A candura da luz eterna se reflete neste espelho sem mácula. As claridades de Deus são as suas, e sua é também a vontade de Deus.

Tôdas as suas potências, tôdas as suas tendências se dirigem para êle. Não experimenta, nem pode experimentar o atrativo, não digo de um mal qualquer, mas nem do menor bem, nem doutro bem a não ser êle.

Tão impossível lhe é escolher a imperfeição, como é às almas beatificadas dos eleitos cometer o pecado.

Entretanto, ela guarda ainda o mérito da liberdade.

Nela tudo é impulso irresistivel para Deus, mas é um impulso querido, refletido, meritório!...

E tamanha perfeição e pureza, que fizeram de Maria, desde o primeiro instante de sua conceição, a Rainha de tôdas as santidades angélicas e humanas, nela não é mais que um ponto de partida, um germe, um comêço.

Ela irá crescendo de beleza em beleza, de virtude em virtude, até à hora em que sua alma, envôlta num suspiro de amor, alcançar a mais alta perfeição que possa realizar uma simples criatura.

A faisca, que se propaga na floresta, torna-se um oceano de chamas; a imaculada Conceição, irradiando sôbre a vida de Maria, lança sôbre ela um resplendor diante do qual empalidecem tôdas as purezas criadas.

Oh! devem cantar as glórias e as belezas da Virgem sem mácula os anjos, únicas testemunhas dêste inefável mistério!...

Se os ouvidos do homem estivessem tão atentos e lhe tivesse Deus concedido ouvir seus cânticos e suas aclamações, teriam experimentado alguns dêstes acentos que mais tarde deveriam ouvir os santos e os doutôres, teriam recolhido em seu espírito e em seu coração graciosas imagens.

Ouçamos um pouco os ecos chegados até nós.

Uns diziam: "O doce sol de misericórdia não poderia tardar a aparecer. Eis a sua obra, dêle recebendo os seus raios, projetando-os ao céu e sôbre a terra, e expelindo as sombras da noite".[5]

Continuaram outros: "Salve, ó belo arco-iris, tu és para a terra o sorriso de um Deus prestes a apaziguar-se; anuncias o fim dos trovões, das tempestades e das ameaças".[6]

E outros, enfim: "Corre, ó graciosa nave! Por ti o Verbo divino sulcará as ondas do mar lodoso do mundo, estenderá a mão aos infelizes que naufragaram, e reconduzi-los-á todos ao pôrto".[7]

Santo Ildefonso chama-a: "Terra nova, novo Eden, plantado pela mão de Deus, no qual Deus tornará a conversar com o homem. Campo florido, odorífero, fecundo, no qual germinará uma flor da eternidade".[8]

E ainda Hugo de S. Vitor: "Raiz viva! Floresta verdejante! Haste cheia de nobreza! e gloriosa, cuja flor será Deus".[9]

Santo Antonino pôde escrever: "Até então se haviam as vozes da humanidade perdido nos ecos do mun-

5) Maria aurora praenuntia Dei (S. Bern.).
6) Maria iris mystica (Algrin d'Abbeville).
7) Maria navicula Domini (Adam des Iles).
8) Maria campus floris aeterni (S. Ildefonso).
9) Maria radix vitae florens; Virga, cujus flos Christus (Hugo de São Vitor).

do. Nenhuma tivera o poder de penetrar as nuvens. Eis a grande, a poderosa voz, cujos sons chegaram ao céu".[10]

E um outro panegirista de Maria assim se expressa:

"Sua perfeição, diz êle, fôrça atrativa e irresistivel, triunfará de qualquer obstáculo. Como um magnete precioso, ela atingirá até ao Verbo divino em sua eternidade, e atrai-lo-á para o tempo".[11]

"Eleva-te, exclama Santo Anselmo, ó maravilhosa escada, que deve unir o céu e a terra, escada sagrada, pela qual, enfim, Deus descerá até ao homem, e o homem subirá até Deus".[12]

E Ricardo de S. Vitor: "Eis preparada a morada hospitaleira do Verbo eterno feito peregrino no tempo.

Eis o leito de honra, sôbre o qual repousará a sua adorável humanidade, o trono vivo sôbre o qual se assentará para inaugurar o seu reino, o altar sagrado sôbre o qual começará a sua vida e o seu holocausto".[13]

Aclamando-a, diz o grande bispo de Hipona: "Primeiro e magnífico esbôço do Cristo Redentor! Em sua alma e em seu corpo, em suas aspirações e em suas virtudes, ela é como que um Jesus começado.

Ela é o molde admirável, em que serão fundidas, indissolùvelmente unidas, reduzidas à unidade de uma só pessoa, a humanidade e a divindade do Verbo".[14]

Enfim, outros exclamam: "Em Maria imaculada reconheçamos o penhor das antigas promessas, o sinal da alegria universal, o grande aleluia dos corações fiéis".[15]

Eis o que teria percebido o ouvido atento. Mas não há apenas hinos de alegria para a terra; há sobretudo um tesouro!...

Ter uma Virgem imaculada nas fileiras da família humana, êste pensamento não excita sòmente a admiração, mas ainda um outro sentimento, que é a consolação.

---

10) Maria vox clamantis in caelum (S. Antonino).

11) Maria magnes spiritualis (Adam de Perseigne).

12) Maria scala, Dei descendentis et hominis ascendentis (Sto. Anselmo de Luca).

13) Maria diversorium Dei peregrinantis (Ricardo de São Vítor). Maria thalamus humanitatis Christi (S. Cipriano). Maria altare terrenum (Pedro de Celles).

14) Maria forma Dei (S. Agost. Sermão da Assunção).

15) Maria pignus promissionis (Absalon de Trèves). Maria Alleluia fidelium (Sto. Anselmo de Cantuária).

Se Maria é tôda bela e imaculada, não é apenas uma honra, que redunda sôbre nós, mas é um tesouro em que nos podemos podemos saciar.

Ela é o nosso tesouro de pureza, com a missão de enriquecer-nos.

Não é isto consolador?...

O nosso canto é o "Miserere"; o seu é o "Magnificat"!!!

Cada túmulo diz à podridão e aos vermes: "Vós sois minha mãe, sois minha irmã" (Jó 17).

O túmulo da Virgem dirá às estrêlas: "Deixai passar a minha pomba".

A sua imaculada Conceição prepara a sua assunção. E do alto do céu, compadecer-se-á ela de nossas misérias e de nossos túmulos.

Oh! como êste dogma da Conceição imaculada inunda de indizíveis consolações a alma do crente!...

O pobre pecador pode dizer de si para si: Sou infeliz, iníquo, coberto de manchas, mas há ao menos em minha família uma criatura bela, que é a mesma pureza, e não só a pureza, mas até a caridade...

Uma dobra de seu manto cobrirá a minha miséria diante do justo Juiz!...

Dêste modo a prerrogativa da imaculada Conceição torna-se um como bem de família e um tesouro em que nos podemos enriquecer.

E' o que fazia dizer a S. Hugo Magno: "O' Maria, eu vos comparo a uma gôta de orvalho que bastaria para purificar o mundo".

III

O crescimento contínuo

Para compreendermos bem a extensão e a intensidade dêste crescimento, é preciso expor alguns princípios teológicos, que formarão a base dêste admirável assunto

Reduzamo-los às quatro proposições seguintes:

Primeira proposição:

A inefável Mãe teve, desde o primeiro instante de sua conceição, graças tão eminentes, que a menor delas era mais elevada do que a mais admirável graça do maior santo.

A última pedra da cumiada do edifício de todos os santos não é mais que a pedra fundamental do templo da divindade, que é Maria.

Segunda proposição:

Tomamo-la emprestada de S. Bernardino de Sena: "Maria só, diz êle, teve mais graças que todos os santos e todos os anjos, e estas graças ultrapassavam, em excelência como em número, as graças reunidas de todos os homens, porque ela era a Mãe de Deus".

Terceira proposição:

Sempre e até ao último suspiro de sua vida, Maria correspondeu inteira e perfeitamente à graça, e ela agia tão bem em tôda a extensão de suas faculdades e com tanta fidelidade, que ela duplicava, a cada ação, as suas virtudes e seus méritos.

Quarta proposição:

E' uma conseqüência das precedentes. Tendo Maria, ela só, recebido do céu mais favores do céu que todos os santos reunidos, segue-se que ela era mais amada por Deus do que tôdas as demais criaturas.

Eis quatro principios incontestáveis, que elevam a Virgem imaculada acima de tudo o que existe no céu e sôbre a terra, e que nos explicam a sua plenitude de graças.

Experimentemos, depois disto, calcular de que modo crescia sem cessar a nossa boa Mãe, em graça e em beleza, pois esta graça é como que uma luz divina que a envolve e faz dela a "Bem-aventurada, a privilegiada do Altíssimo...".

E, entretanto, esta graça, já no estado da plenitude desde a sua Conceição, não atinge os limites de sua perfeição; devia crescer, dia a dia, até à anunciação, o que nenhum teólogo negou nem poderia negar.

Desde a encarnação do Filho de Deus em seu seio, pretendem alguns, com Duns Escoto, que a graça da Virgem Mãe foi consumada em sua medida, não sendo mais suscetivel de uma nova plenitude.

Entretanto, Suarez, apoiando-se em S. Tomás e, depois dêle, em todos os teólogos, é de opinião contrária.

Mostram êles que a graça habitual de Maria cresceu até à sua morte, pelos atos de virtudes que ela exercia, e pelos sacramentos que recebia.

Ela cresceu em prodigiosa proporção, e o último grau, a que ela chegou, ultrapassou tôda medida.

Vega e mais outros teólogos importantes da Santíssima Virgem julgaram que Jesus, por sua vida de nove meses após a sua encarnação, e depois por seu repouso em seus braços, agia sem cessar sôbre ela "sacramentalmente", como age sôbre nós a Eucaristia.

O P. Terrien adota a mesma opinião: "O que Cristo opera nas almas dos fiéis, diz êle, dando-lhes a comer a sua carne sob as espécies eucarísticas, deve tê-lo feito de um modo mil vêzes mais eficaz, quando o corpo virginal de sua Mãe e o seu próprio corpo eram, num sentido incomparàvelmente mais verdadeiro, um corpo único.

E êste corpo do Cristo permaneceu nove meses encerrado no seio de Maria perpètuamente no ato de uma amorosa ação de graças.

Que comunhão e que frutos!..."[16]

Assim como a chama transforma em si tudo o que nela toca, o Verbo divino, pelo contato imediato e contínuo de sua divindade, imprimiu de tal modo sua perfeição em sua Mãe Santíssima, que êle a transformou tôda em santidade, em amor e caridade.

De fato, como não se tornaria um fogo de amor aquela que em si contém o Deus que se chama: "Amor e fogo devorador"?...

Escutemos S. Tomás de Vilanova: "Das graças passemos agora às virtudes. Mas que podemos nós dizer a êste respeito, se Deus favoreceu Maria Santíssima, tanto quanto o pode ser uma criatura?...

Assim, pois, como no dia da criação o Onipotente tinha reunido no homem tôdas as magnificências da natureza, para fazer dêle o rei do universo, êle concentrou no coração da bem-aventurada Virgem tôdas as perfeições que brilham na santa Igreja e nos eleitos que estão no céu.

As virtudes que louvamos em cada um dêles em particular, honramo-las tôdas ao mesmo tempo em Maria.

16) Maria, Mãe de Deus, t. II, p. 244.

Nela admiramos a paciência de Jó, a mansidão de Moisés, a fé de Abraão, a castidade de José, o zêlo de Elias.

Nela brilham a pureza dos anjos, a fôrça dos mártires, a piedade dos confessores, a ciência dos doutôres, a mortificação dos anacoretas".[17]

E ajunta ainda o mesmo santo: "Encontravam-se reunidos em Maria os sete dons do Espírito Santo, indicados pelo próprio Isaías (11, 21) e os demais dons particulares concedidos para a utilidade do próximo, tais como os menciona o apóstolo das nações, na sua primeira epístola aos fiéis de Corinto" (1 Cor 12, 7 ss).

Eis por que os santos padres costumam dizer que Maria é êste palácio construído pela sabedoria divina, e sustentado por sete colunas, querendo dêste modo significar os sete dons do Espírito Santo que, como pilares inquebráveis, serviam de apoio a esta morada inteiramente celestial.[18]

E quem dirá o número de atos de virtude que praticou Maria para pôr em prática êstes tesouros da graça? Êle supera as areias do mar e as gotas de água do oceano!...

Não se passou sequer uma hora, nem um minuto, nem um segundo, quer durante o sono, quer durante o dia, sem que ela não aumentasse os seus méritos.

Quanto aos méritos dos atos de virtude, depende sobretudo da perfeição substancial dêstes mesmos atos. Mais excelente é uma virtude em seu objeto, mais meritório é o ato desta virtude.

Ora, foi tal a perfeição dos atos que a Virgem Mãe devia produzir, que nada se pode imaginar de mais perfeito.

Que resignação! Que fôrça, que heroísmo precisava ter a alma de Maria para manter-se intrépida sob a aluvião de provações que sôbre ela se desencadeou, com uma persistência que só foi igualada pelo seu amor a Jesus e o seu desejo de se assemelhar a êle!

Depois que a espada lhe atravessou a alma a primeira vez, na ocasião da predição de Simeão, até ao último suspiro de seu divino Filho, quantas virtudes, que imenso e incessante heroísmo ela devia praticar!

---

17) Sermo 3 de Nat. B. Virg.

18) Cfr. Prov. 9, 1. S. Ildef. serm. 3 de Assumpt.

Disso falaremos, e basta-nos recordá-lo, para compreendermos a razão do crescimento contínuo que nela teve a graça.

O aumento da santidade e dos méritos está ainda em relação com o fervor dos atos, com a caridade que os anima e a intenção e o desejo de agradar a Deus.

Deus, diz um piedoso autor[19], olha menos o que nós fazemos do que o amor com que o fazemos; a caridade é o mais eminente dos dons celestes, a plenitude da lei e a perfeição da virtude.

Dai conclui-se que todos os atos da bem-aventurada Virgem — embora tivessem êles sido substancialmente imperfeitos e indiferentes em si mesmos — teriam sido ainda dum valor quase incalculável por causa da caridade perfeita de que procediam.

Nenhuma ação exterior da Virgem, assim como nenhum dos seus movimentos deixou de ser meritório e interior, pois ela agia sempre com tôda a fôrça da graça, com o hábito da caridade; cooperava inteiramente aos socorros divinos, e retribuia a Deus, o quanto possivel, amor por amor.

Além desta primeira e principal causa da graça sempre crescente em Maria, que os teólogos chamam — *ex opere operantis* — há ainda uma outra, que produz esta graça *"ex opere operato"*.

E a santidade produzida dêste modo multiplicou-se em Maria de três modos, como nos indica Suarez:

1. Pelo remédio empregado na lei antiga, contra o pecado original, e que conferiu a Maria um novo grau de graça.

2. Por gratificações divinas em certas circunstâncias, como na natividade de Nosso Senhor, em sua morte, em sua ressurreição, na descida do Espírito Santo, etc.

3. Pelos sacramentos da nova Lei, que Maria podia receber, tais como o batismo, a Eucaristia, a confirmação, e, talvez, até a extrema-unção.

Pelo batismo, a Virgem, embora já inteiramente imaculada, recebeu o direito aos outros sacramentos.

Pela Eucaristia, que ela recebia todos os dias, com o privilégio de conservar em seu coração a sagrada hóstia de uma comunhão a outra.

---

19) Petitalot, ob. cit.

Não tendo ainda Nosso Senhor um tabernáculo, em que se conservasse o seu corpo sagrado, e querendo êle permanecer perpètuamente, sem interrupção, entre nós, fêz do coração de Maria o seu primeiro tabernáculo e o seu primeiro cibório.

Pela confirmação, que a Imaculada recebeu no dia de Pentecostes, com os apóstolos.

Embora essa confirmação não fôsse ainda o sacramento pròpriamente dito, encerrava, entretanto, tôda a virtude dêsse sacramento.

Pela extrema-unção, enfim, embora haja quem o contradiga.

Entretanto, Santo Alberto Magno, Santo Antonino e Suarez sustentam que ela a recebeu, porque a forma dêste sacramento não supõe necessàriamente que haja faltas, mas apaga aquelas que há e aumenta a graça quando não há faltas.

O' Maria, crescendo vós sem cessar em graça e em beleza sobrenatural, possa vossa beleza sempre crescente deslumbrar os nossos corações, cativá-los e torná-los capazes de também crescerem incessantemente em graça e em amor!...

IV

Quae est ista?...

Que espetáculo não deverá ser no céu para os anjos, à vista desta criatura "cheia de graça" e aumentando ainda todos os dias esta plenitude inicial!...

No seio de seu êxtase eterno, deviam êles interromper um instante os seus concertos, e inclinar-se para a terra, exclamando, alegres: *"Quae est ista?"*

Até então, tôda criatura humana que entrava na existência era percebida pelos anjos como tendo a mancha original.

Desta vez, porém, a criança que dorme neste berço parece subir do deserto; é única e isolada, e com respeito desviaram-se a carne e o sangue.

A pequenina Imaculada é bem um deserto sôbre o qual está o Infinito.

Êste berço apresenta aos anjos purezas, belezas e superioridades tais, que êles aspiram tê-la como Rainha.[20]

20) J. Lemann, op. cit.

"Quem é esta que se adianta como a aurora a despontar?" (Cant 6, 9).

Desde o despertar do seu espírito e de seu coração, Maria põe em prática, sem que disso duvide a sua candura, a significação da palavra *"alma"*, pela qual Isaías anunciou ao mundo *"uma virgem oculta, retirada, subtraída a todos os olhares"*.

Com a idade de três anos, se devemos crer na tradição, os primeiros passos da imaculada criança conduzem-na para o altar do Senhor.

Ela possui tôdas as graças da infância, tôdas as delicadezas da pureza, tôda a irradiação do amor.

Sua alma virginal ilumina o seu pequeno corpo santificado, os anéis de seus cabelos louros cingem-lhe a fronte, como que de uma auréola de modéstia, e o seu límpido olhar faz nascer a virtude e conduz a Deus.

E' uma como aparição vinda do céu; é a Virgem criancinha!

Sua alma se abre radiosa diante de Deus. As suas pequenas mãos se estendem para o Santo dos santos, os seus olhos fitam, iluminados, a eternidade.

E os anjos cantam deslumbrados: *Quae est ista?*, quem é aquela que se adianta tão pura, tão santa e tão imaculada?...

E a Virgem criancinha cresce em graça e em beleza diante de Deus e diante dos homens.

E ela, que já parecia saturada dos eflúvios da divina graça, nela se sacia àvidamente e se dilata, e àquela que lhe foi tão abundantemente dada, ela ajunta o que pede, o que atrai e o que merece.

Para falar sem figuras, esta plenitude inicial de graças, com que o céu a gratificou, enriqueceu-se de uma plenitude adquirida por sua cooperação santa.

No templo, a tenra Virgem se entrega às santas meditações, às leituras sagradas e aos exercícios piedosos.

Ela se dá à prece com uma avidez insaciável. Os seus pequenos braços não abandonam o trabalho, a obediência dirige os seus passos, a humildade constitui a sua auréola, a pureza eleva-a ao ponto culminante do heroismo, e, enquanto doce e cândida, ela faz a Deus o voto de virgindade, tôdas as virtudes vêm como que personificar-se nesta débil e doce criatura que suas companheiras chamarão "a pequena Maria".

E, nas alturas, os anjos não contemplam simplesmente, mas admiram até. E à vista desta luz então mais aparente e mais viva, que brilha à sombra do santuário, êles cantam com maior alegria e maior júbilo: *Quae est ista?"* — quem é, pois, aquela que tem a beleza silenciosa e casta dos astros da noite? — E ela que era luz, ei-la agora foco.

E a Virgem cresce sempre e se torna cada vez mais "o que deve ser", transformando a graça, puro dom de Deus, em mérito, riqueza adquirida. — Ela cresce.

A medida parece estar repleta, mas o coração da Virgem adolescente se dilata sempre, aumenta, sob a pressão das novas "plenitudes", que sucedem à plenitude inicial.

Por meio da fé, dos santos desejos, do amor e da prece, ela voa até Deus, vai alcançá-lo, ela o toca!...

E os anjos, comovidos, cantam, extasiados: *Quae est ista?* — Oh! quem é aquela que se aproxima assim de Deus, que tanto é amada por êle, e que o ama com um amor tão intenso, tão divino?...

O mistério realizou-se aqui na terra, e Deus engrandeceu de tal modo o coração de Maria, que ela chega ao ponto supremo de santidade, e se coloca em contato com Deus.

Deus se precipita em Maria, diz Mons. Bolo[21], pela simples lei da afinidade que rege o mundo sobrenatural, como o mundo natural.

Sendo Maria Santissima uma simples criatura, não pode ser divinizada, no sentido próprio da palavra, mas Deus substituiu a distância que ela não podia transpor: — êle se encarna.

Maria Santíssima não se torna Deus em Deus, mas o Verbo se faz carne em sua carne.

Que plenitude! Que incompreensível grandeza! Ser Mãe do Verbo de quem o Eterno é o Pai!...

Os anjos, que contemplam sempre, velam a face com as suas asas...

Quae est ista?... Quem, pois, é ela?... Eleita por Deus, Maria brilha entre os eleitos como aquêle que os ilumina, resplandecente como o sol!

Parará ai a Virgem?... Haverá uma altura mais elevada de graças do que aquela que causa vertigem aos

21) H. Bolo: Cheia de graça.

anjos?... Será possível ultrapassar a grandeza e a beleza da visão de uma Virgem que possui, amamenta, aquece em seus braços a luz e o Salvador do mundo?

Impossível aos homens, impossível aos anjos, porém não o é para Deus.

Querendo torná-la ainda mais bela, dotando-a com tôda a plenitude de beleza, êle a fará subir um novo degrau da escada do infinito.

E, de fato, mesmo aqui neste mundo, a grandeza, a elevação, o poder, os encantos da alma, do coração e do espírito não são a última palavra da beleza... fica-lhe ainda a dor.

Escreveu a respeito um eminente poeta:

"Nada nos faz tão grandes como uma grande dor!..."

Dir-se-ia que a vida não faz senão tocar de leve a superfície da alma daqueles que não sofrem, disse mons. Bougaud[22], seus sentimentos são sem intensidade, o seu coração não tem ternuras, o seu espírito não possui um horizonte! Sôbre a dor são graduadas a beleza e a grandeza das almas".

E esta auréola vem juntar-se às demais auréolas que iluminam a fronte virginal de Maria.

Mas, meu Deus, será possível?... Fazer sofrer esta criatura amante, pura, ornada de tôdas as graças e de tôdas as ternuras de vosso coração?... Magoar esta alma cândida de que sois a única aspiração, calcar êste coração amante que não suspira senão por vós?

Oh! quem, entre os homens, teria a barbaridade de fazer sofrer esta Virgem?... Quem?...

Entretanto, é preciso, porque a dor é o píncaro da beleza moral!...

E no alto dos céus, os anjos, mais e mais maravilhados, entoam ainda o seu *"Quae est ista?"* — Quem será esta jovem aflita, absorvida, mergulhada num abismo de dores, às quais não se assemelha nenhuma outra dor?

Sim, a Virgem "cheia de graça" é também "cheia de dores" subiu ao Calvário, e aí, de pé, sob a alude esmagadora das dores, recebe o batismo de sangue. De pé, junto de seu Filho, que todos abandonaram, e com êle em espírito sôbre o patíbulo da cruz, ela junta à plenitude de sua beleza a plenitude do heroísmo.

---

22) O cristianismo e os tempos presentes.

Ela se torna então a mãe da dor, a mãe aflita, a Rainha dos mártires!...

E os anjos, em sua admiração, recomeçam jubilosos: *"Quae est ista?...* Quem é esta mulher forte, feita de amor, de beleza e de heroísmo?...

Ela é terrível como um exército em ordem de batalha!" (Cant 6, 9).

Tudo isto é sublime, inenarrável, divino!...

Mas ainda não é tudo!

Até aqui, diz mons. Bolo[23], a Virgem, vítima, teve ainda o seu Jesus junto a si, para fortificá-la e encorajá-la pelo exemplo e pela palavra.

O seu coração se inflamava ao contato de seu Filho e seu Deus.

Sua alma se dilatava, desejosa de sofrimento e de martírio, ao contato da alma do Salvador.

Deus, porém, vai pedir-lhe um sacrifício supremo: — o de sobreviver ao seu Jesus, durante mais de vinte anos, sòzinha, desamparada, sem o apoio daquele que era tudo para ela. Que sacrifício!...

E a pobre mãe dolente viu estenderem-se ainda as trevas de seu longo luto, após a luz tão resplandecente da sua união a Jesus.

A santa e virginal mártir ficará na terra meditando sem cessar os sofrimentos de seu amado Filho, visitando lacrimosa os lugares das torturas, beijando e cobrindo de ternura tudo o que Jesus tocara e santificara na terra.

Ela ficará assim durante mais de vinte anos, carregando o horrível fardo da lembrança dos sofrimentos de Jesus".

Que martírio! se sob um tão grande pêso — o pêso esmagador de tantas lembranças, sua energia, longe de desfalecer, cresce ainda mais, se o seu coração amante, em vez de se esgotar, se torna mais largo e mais profundo em seu amor, durante esta longa ausência do Bem-Amado, não será isso uma nova plenitude, acrescentada às demais?...

Eis por que Maria espera na terra, continuando o seu misterioso crescimento.

E isto, até à hora em que a graça, pela sua abundância, rompe o vaso alabastrino de sua carne, que já não

23) Cheia de graças.

podia conter tanto perfume, em que ela voa em corpo e alma para a morada da plenitude absoluta da graça, por não poder a terra ficar em posse de um tesouro demais ideal, de que só o céu é digno.

E os anjos exultam, emociona-se o paraíso, vão êles, enfim, possuir em Jesus e Maria o ideal da beleza criada. A multidão celeste vai ter sua Rainha e vai fazer-lhe as honras do triunfo, de cuja demora já estão impacientes.

E embora saibam desde muito tempo o seu nome, êles cantam: *"Quae est ista?* — Quem é esta que sobe do deserto dêste mundo como uma leve coluna de fumo, composta de aromas de mirra, de incenso e de tôda espécie de aromas?"... (Cant 3, 6).

O triunfo é completo. A beleza da Virgem está concluída e atingiu a sua plenitude.

Ela reina lá nos céus à direita de seu Filho, radiante de tôdas as graças, com a fronte cingida de tôdas as glórias, resplandecendo de tôdas as belezas.

E ela se nos mostra a nós, que somos seus filhos, para ser amada!...

E quem não a amaria?... Corremos ao encalço da beleza para dar-lhe o nosso coração, e atingindo o nosso ideal, inebriamo-nos ao seu aspecto!...

Elevemos os olhos, fitemos Maria, bela com todos os encantos! Ela deslumbrou o coração de Deus, dos anjos, dos santos e não deslumbraria o nosso coração?...

O' Maria! *"Specie tua et pulchritudine tua, prospere procede et regna",* por vossa beleza e vossas graças, apoderai-vos dos nossos corações e reinai sôbre nós!

V

Maria, resplandecente de glória!

Depois dêste crescimento maravilhoso veio o fim, a coroação.

Quem poderia avaliar a santidade da Mãe de Deus, no último instante de sua vida?...

Só Deus o sabe, porque sòmente êle pôde medir êste abismo imensurável.

Os teólogos dizem que, tendo morrido em um êxtase de amor divino, com um tal ardor, sob a ação extraordinária do Espírito Santo, aconteceu que, por mais altos que tivessem sido os graus de graça que tivera antes

de seu último suspiro, ela duplicou o valor por seu último ato, dizendo o último adeus a esta vida.

A graça de que Maria foi enriquecida é proporcionada a quatro coisas incompreensíveis:

1. A dignidade de Mãe de Deus, infinita em seu gênero.

2. O amor com que Deus amou a sua Mãe era o amor mais intenso que jamais tenha existido, depois do amor das três pessoas divinas entre si.

3. O poder de Deus que, de certo modo, esgotou os seus tesouros na santificação de Maria, deu-lhe tudo o que era razoável dar a uma criatura.

4. Enfim, o mérito desta grande Rainha, não só igualado, mas muitas vêzes ultrapassado por uma superabundância dos dons de Deus.

Daí, se compararmos a graça de Maria com a graça de um homem, a de um anjo, e mesmo a de todos os homens e de todos os anjos juntos, teremos uma espécie de infinito entre os dois têrmos da comparação.

As provas são supérfluas após o que dissemos a respeito da primeira graça dada à Virgem em sua Conceição.

Pode-se, pois, dizer que "a glória de Maria supera a glória de todos os anjos e de todos os santos juntamente, porque os seus méritos estão acima dos méritos de todos os bem-aventurados".

Estas são as palavras de São Pedro Damião.[28]

Sim, é aos seus méritos incomparáveis que Maria deve esta exaltação sem igual.

Como Mãe de Deus, é verdade, ela tem direito à coroa real: o Filho de Maria não podia deixar de conhecer os méritos de sua Mãe; mas as pedras preciosas que ornam o seu diadema e o seu manto real, ela as adquiriu por seu zêlo inimitável no serviço de Deus.

"Assim como as suas obras foram as mais perfeitas de tôdas, diz Santo Ildefonso, não é possível conceber a recompensa e a glória que ela mereceu".[29]

"E se está fora de dúvida que Deus recompensa segundo o mérito, como no-lo declarou o apóstolo (Rom 2, 6), igualmente, diz Santo Tomás, a bem-aventurada Virgem, cujo mérito excede o de todos os homens e o

28) De Assumpt. B. Virg. 29) Sermo 2 de Assumpt.

de todos os anjos, deve ter sido exaltada acima de tôdas as ordens celestes".[30]

"Em uma palavra, diz S. Bernardo, calculai as graças singulares que ela recebeu na terra, e tereis a medida da glória que ela goza no céu".[31]

Se o Salvador promete aos seus apóstolos um trono magnífico no céu, por o terem seguido (Mt 19, 28), e reserva uma grande recompensa à fidelidade no cumprimento dos seus menores deveres (Mt 25, 23), que testemunho de honra não dará êle diante de tôda a côrte celestial à sua Mãe, sempre fiel e tão constante?...

Que trono não será por êle ereto para esta Mãe amante que o seguiu e dêle tão ternamente cuidou aqui na terra, não o abandonando nunca, nem sequer no tempo de sua morte, quando a ignomínia de Jesus recaía sôbre ela, que lhe dera a vida?...[32]

Com que entusiasmo e transportes não deviam os anjos honrar aquela que o próprio Deus honra de um modo tão inefável?...

E com que acentos não se unirá a Igreja da terra aos louvores dos anjos e da Igreja triunfante, para cantar a glória daquela a quem Deus revestiu de certo modo com a sua própria glória?....

Inauditas são também as suas homenagens, só excedidas por aquelas que reivindica para si a infinita majestade do Altíssimo.

"Os bem-aventurados louvam a Deus em Maria, diz Dionísio, o cartucho, e louvam Maria Santíssima em Deus, que com tanto amor e munificência trata esta augusta Rainha".[33]

O profeta-rei anunciava os gloriosos destinos da bem-aventurada Virgem, mil anos antes que lhe fôsse dado ver êles se realizarem.

"A Rainha, diz êle, está à tua dextra, engalanada com manto de ouro, com variedade de adornos...

Mas o principal ornamento da Filha do Rei vem sobretudo de sua beleza.

Longas filas de virgens formam o seu cortejo. E' em nome dela que serão apresentadas ao Senhor, e elas

30) De sanct.
31) Sermo 1 et 2 de Assumpt.
32) Jamar, op. cit.
33) De laud. B. Virg., lib. 4. c. 15.

se dirigem ao Eterno, em transportes de alegria. O' Rainha, possuireis uma posteridade inumerável... Vossos filhos serão os príncipes da terra e lembrar-se-ão de vós em tôdas as gerações e os povos publicarão eternamente os vossos louvores".

Oh! sim, nós também, sobretudo nós, ó terna Mãe, associar-nos-emos aos coros angélicos para proclamar-vos, vós, resplandecente de glória, como éreis resplandecente de graças, pois a glória é o aperfeiçoamento da graça!

Fazei que um dia nos envolva junto a vós um raio dessa glória, para completar e coroar o amor que vos dedicamos desde agora, e que vos queríamos sempre dedicar.

VI

Maria, radiante de virtudes

Teremos nós dito tudo o que diz respeito à beleza da alma de Maria?

Em substância, sim, já dissemos tudo. Em seus pormenores, porém, a graça, para ser coroada de glória, deve transformar-se aqui na terra em virtudes, como a água, para tornar-se nuvem, deve passar pelo estado de vapor, assim como a árvore ou a planta, para produzir a semente, deve primeiramente cobrir-se de abundantes flores.

"Maria, "cheia de graça", não é, pois, "cheia de glória", senão porque é também "cheia de virtudes". Graça, virtude e glória são, de fato, as três etapas da felicidade eterna.

E' que a graça não é uma coisa morta, mas uma luz, um impulso, um anelo, que afeta a substância de nossa alma, obriga-a a agir, a impele para fora de si mesma e a eleva para Deus.

A graça faz tudo isso!

E o que não teria feito esta plenitude de graças em Maria?...

Quantas virtudes heróicas e doces não a teriam impelido!...

Maria é bela, tôda bela, porque a incomensurável grandeza que a elevou a Deus, se baseia nas graças mais raras.

Com a graça a grandeza é mais característica; com a grandeza a graça é mais graciosa.

A beleza incomparável das montanhas, com as frondes altivas, flancos convulsos, os cimos embranquecidos de neve, reside neste eterno contraste da grandeza que se eleva e tudo afronta, assim como a beleza das graças se compõe de condescendências e fraquezas aparentes, que sôbre seus flancos se lançam, assim como a seus pés, e sôbre os cimos.

As orlas dêstes fantásticos rochedos se cobrem de musgos floridos, de pequenas e verdejantes violetas, que são como um sorriso, uma graça florescente, e dão à grandeza esta beleza que atrai, suaviza e encanta.

Assim Maria, tão real, tão elevada, tão divina, era doce, humilde, de virginal modéstia, repleta de ternura, de amor, transbordante de tôdas as virtudes.

Para compreender o número, a extensão e a intensidade das virtudes praticadas pela Virgem santa, seria, pois, necessário compreender o número, a extensão e a intensidade das graças que lhe foram concedidas.

Experimentemos já formar uma imagem a seu respeito.

Escutemos Santo Antonino resumi-la em quatro palavras:

"Em primeiro lugar ela possui tôdas as graças gerais e especiais de todos os santos, em um grau supremo.

"Em segundo lugar, ela teve graças que jamais foram concedidas a natureza alguma.

"Em terceiro lugar, várias dentre estas graças eram tão sublimes, que criatura alguma era capaz de receber maiores, por exemplo, a maternidade divina.

"Em quarto lugar, ela encerra em seu seio virginal a graça incriada, fonte de tôdas as graças, abismo das grandezas — o próprio Deus".[34]

Basta-nos aplicar estas quatro proposições à virtude e teremos a nota exata do inefável esplendor das virtudes de nossa Mãe.

1. Maria praticou tôdas as virtudes, de todos os santos, em grau supremo.

2. Ela elevou a heroicidade de suas virtudes a um grau de intensidade jamais alcançado por santo algum.

34) Summum. P. 4, tit. 15, c. 20, 15.

3. Tôdas as suas virtudes foram tão sublimes, que nenhuma outra criatura seria capaz de alcançá-la.

4. Encerrou em seu seio o foco e o modêlo de tôdas as virtudes, a própria virtude, a ponto de ela mesma tornar-se "tôda virtude".

Exalta-se a justiça de Noé, a fé de Abraão, a castidade de José, a paciência de Jó, e Maria reuniu as virtudes de todos os patriarcas, e de tal modo, que ela foi o modêlo acabado de cada uma delas.

Deus derramou a mãos cheias suas riquezas neste vaso de alabastro.

Ela não foi privada nem mesmo dos dons, que, segundo o apóstolo, são essencialmente conferidos para o bem do próximo, como sejam o conhecimento das línguas, a inteligência das Escrituras, o espírito profético, etc...

Uma das virtudes que mais distinguem a gloriosa Virgem é a sua incomparável humildade.

"A graça santificante, diz S. Bernardino de Sena, cumulando-a de tôdas as virtudes, aprofundou a sua alma, desde o princípio, no abismo da humildade...

A ninguém foi concedido, como a esta Virgem bendita, verificar melhor o nada que é a criatura, humilhar-se tão profundamente e aniquilar-se tão completamente sob a vontade da Majestade divina".[35]

"Vêde, diz ainda o mesmo santo, como em santa emulação lutam na Santíssima Virgem a humildade e a bondade de Deus.

Maria se humilha e Deus se compraz em elevá-la.

Não basta a Maria humilhar-se de um modo comum, mas ela se abisma na mais profunda humildade".[36]

Foi dado à irmã Paula de Foligno compreender, em um êxtase, qual havia sido a humildade da Santíssima Virgem.

Em seguida, querendo contar ao seu confessor o que ela havia visto, não soube, em seu espanto, senão exclamar: "A humildade de Maria!... a humildade de Maria! Ah! meu padre, não existe no mundo nem sequer o menor grau de humildade que se possa comparar com a humildade de Maria".

35) De concep. B. Virg. Art. I, C. 3.
36) De Assumpt. Art. 2. C. 2.

Um dia fêz Nosso Senhor ver a Santa Brígida duas senhoras, dentre as quais uma não era senão fausto e vaidade, dizendo-lhe ao mesmo tempo: "Eis o orgulho!"

Mas a outra, cabisbaixa, que se mostra muito respeitosa para com todo mundo, possui Deus em seu espírito, e considera-se um nada; "eis a humildade, lhe diz ainda, e esta última se chama Maria".

Por êste meio quis Nosso Senhor fazer-nos compreender que a sua bem-aventurada Mãe podia, tão grande era a sua humildade, ser considerada como a humildade em pessoa.

De fato, diz S. Gregório de Nissa, a humildade é entre tôdas as virtudes talvez a mais custosa na prática à nossa natureza corrupta pelo pecado. Mas é preciso tirar dela o nosso proveito, diz Santo Afonso de Ligório.[37]

Se não formos humildes, jamais seremos filhos de Maria.

Dai esta palavra de S. Bernardo: "Se não sabeis, como o fêz Maria, abraçar a virgindade, é preciso que, ao menos, a exemplo da Virgem Maria, pratiqueis a humildade".[38]

Tudo o que nos dizem os santos a respeito da humildade da Santíssima Virgem deve-se entender como dito de tôdas as virtudes, pois ela praticou-as tôdas em grau heróico. E' o que lhe valeu o título que a Igreja lhe confere: "Rainha de todos os santos", o que equivale ao título de Senhora de tôdas as virtudes.

"Assim como o sol eclipsa todos os astros noturnos, pelos seus raios ofuscantes, diz S. Boaventura, Maria ultrapassa a todos os demais eleitos em graça e em virtudes".

E nós, que aspiramos a um dia fazer parte desta gloriosa falange dos santos, quão grande e intenso amor devemos ter para com aquela que será o nosso modêlo e nossa Rainha!...

VII

Deus, enamorado da beleza de Maria

Que poderia faltar ainda a esta coroa de incorrutível beleza que brilha na fronte da imaculada Virgem?...

37) Glórias de Maria: Virtudes de Maria.

38) Si non potes virginitatem humilis, imitare humilitatem Virginis (De laud. B. Virg. hom.).

Ela aparece-nos verdadeiramente bela, e começamos agora a compreender o brado entusiástico do Espírito Santo: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te.*

Não é mais o louvor de um homem. E' o amado falando à sua amada, o espôso à sua espôsa, o imaculado à imaculada, o incorrutível à sua incorrutível, Deus à Virgem Maria.

Sois tôda bela, "bela por natureza, mais bela pela graça, belissima pela glória", diz ainda Hugo de S. Vítor.[39]

E o mesmo doutor, prosseguindo a continuação do mesmo texto, diz ainda:

"Maria é tôda suavidade, a única bela em tudo, singularmente bela. Eis por que deve também ser belo o louvor a fazer a uma tão bela Virgem".

E, como que em êxtase, à vista de tantas belezas acumuladas, o mesmo santo exclama, dirigindo-se ao autor de tôdas as suas maravilhas:

"O' vós, que sois a própria beleza, dizei-nos qual a beleza de Maria.

Louvai-lhe a beleza, a fim de que ela se associe também a vós, que sois a beleza incriada.

O' vós, que sois todo amor, dizei como é bela aquela que amais.

O' Maria, vós sois a digna do digno, a bela do belo, a pura do incorrutível, a elevada do Altíssimo, Mãe de Deus, espôsa do Rei eterno! — O digna Digni, formosa Pulchri, munda Incorrupti, excelsa Altissimi, mater Dei, sponsa Regis aeterni!"[40]

Escutemos ainda a série de elogios que o Espírito Santo dirige à beleza de sua "Bem-Amada", terminando êste capitulo com alguns brados de admiração, brotados do coração dos santos.

"Com a vossa graça e beleza, guiai-nos, aumentai em prosperidade e reinai.

Filha de Jerusalém, vós sois bela e resplandecente, terrível em vossas vitórias, como um exército em ordem de combate.

Do mesmo modo que a mirra escolhida, ó santa Mãe de Deus, espalhastes um odor de suavidade.

---

39) Pulchra per naturam, pulchrior per gratiam, pulcherima per gloriam (De Assumpt.).

40) Hugo de S. Vitor: De Assumpta Maria sermo egregius.

A graça derramou-se sôbre vossos lábios, e Deus vos abençoou por tôda a eternidade.

Como pessoas em transportes de alegria são todos aquêles que em vós residem, ó santa Mãe de Deus!

Nós vos seguimos pelo odor de vossos perfumes; as donzelas vos amaram até ao extremo.

Vós vos tornastes bela, e em vossas delícias repleta de admirável doçura, ó santa Mãe de Deus!

Quem é aquela que aparece como a aurora ao despontar do dia, bela como a lua, resplandecente como o sol?...

Sou a mãe do belo amor, do temor, da grandeza e da santa esperança!"

Quem poderá ainda balbuciar, após êstes lisonjeiros encômios, que o Espírito Santo dirige a Maria pelos lábios da Igreja?...

Tôdas as expressões de que se servem os santos padres, para mostrar a riqueza, a graça e a beleza interior de Maria, provam a impossibilidade em que nos achamos de descrevê-la bem.

Segundo êles, Maria é:

"O abismo das infinitas grandezas de Deus".[41]

"Um abismo de graças".[42]

"Dotada de uma graça infinita".[43]

"O privilégio de seus méritos é inexplicável".[44]

"Tôdas as graças nela irradiam, como naquela que, sòzinha, possui um coração bastante vasto para contê-las tôdas".[45]

"Ela possuiu tôdas as graças de que a liberalidade de Deus pode enriquecer e ornar uma alma".[46]

"Mãe de doçura e de beleza".[47]

"A graça fecunda da natureza humana".[48]

"A mais bela e mais agradável de tôdas as belezas, o ornamento mesmo de tôda beleza".[49]

---

41) S. João Crisóstomo.
42) S. J. Damasc. Orat. I de Nativ. B. V.
43) S. Epiph. Orat. de B. V.
44) S. Bern. Sermo 4 de Assumpt.
45) S. Boaventura: in psalt.
46) S. Atanásio. Serm. de Deipar. 7.
47) S. Francisco de Assis.
48) S. J. Damasc. Serm. de Nat.
49) S. Jorge de Nicomed.

"Vós sois tôda bela, ó Maria, sois tôda bela, não parcialmente, mas em tudo e por tôda parte".[50]

"De fato, ó Maria, vós reunis as belezas do corpo, as belezas de tôdas as virtudes, as belezas de todos os dons divinos, tôdas as belezas da glória, belezas sem mácula, sem defeito, inalteráveis, incorruptíveis, imortais, deslumbrantes, as mais excelentes, as mais apropriadas a encantar todos os espíritos e todos os corações".[51]

Eis a razão desta acumulação de graças na alma da Virgem Imaculada, que nela faziam germinar as virtudes.

O Altíssimo, diz S. Bernardo, criou em Maria um céu a parte, um céu iluminado como que de um sol formado dos esplendores da sabedoria e do fulgor de tôdas as virtudes.[52]

Tudo o que os santos podem fazer é chegar aos pés de Deus, onde os vinte e quatro anciãos tiram as coroas e se prostram diante da Majestade do Altíssimo.

Maria, porém, voa até aos braços de seu Muito-Amado, perto do seu coração. E' aí que está o seu lugar, pois um único olhar seu, um só anel de seus cabelos, dizem os livros santos, feriu o coração do Monarca do céu; ou, como diz ainda S. Bernardino de Sena, o coração de Maria parece cativar o coração de Deus, e tomá-lo de assalto.

"Uma jovem, não sei com que encantos, conquistou o coração de Deus".

"Quereis conhecer o número e a excelência das graças de que enriqueceu o Todo-poderoso a sua Mãe santíssima? diz S. Pedro Damião...

Dizei-me, se puderdes avaliar o que encerram os tesouros de Deus, dizei-me quantas perfeições divinas estão reunidas na Santíssima Trindade, e então eu responderei à vossa pergunda, pois poderei fazê-lo, dizendo-vos que a Santíssima Trindade se derramou tôda inteira, expandiu-se totalmente no coração de sua eleita.

"In hujus utero, Majestas Altissimi mirabiliter liquefacta".[54]

E por que aconteceu tudo isto?...

---

50) Idem: Contempl. Virg.

51) P. de Gallifer: Excelência da devoção.

52) De B. Virg.

53) Una puella, nescio quibus blanditiis... vulneravit et rapuit divinum cor (serm. de Nat. B. Virg. I. c. 4).

54) S. P. Dam Serm. de Annunt.

Para excitar em nossos corações a chama do amor.

Quem ama, torna-se mais puro; quem se dá, torna-se mais heróico; quem se expande, jamais se esgota!

O' Maria, dai-me êste amor! Inflamai-nos dessa paixão, a fim de que a nossa jamais se diferencie da vossa!...

CAPÍTULO XI

AS BELEZAS DO CORACÃO DE MARIA

O Coração de Maria ardeu, como um fogo devorador, ininterrupto, indivisível e imensurável, para com o Deus de tôda perfeição. Ela amou mais a Deus, no primeiro instante de sua vida, do que todos os santos e anjos juntamente, no decorrer de sua existência.

(Sto. Afonso de Ligório)

I

A obra-prima do amor

Trataremos agora de uma matéria tão delicada quão consoladora!

O coração, isto é, a sede do amor, da bondade, da ternura, da misericórdia! coração de *Maria,* isto é, o amor mais inefável, a bondade sem limites, a ternura mais expansiva, a misericórdia mais universal que jamais houve.

Como tratar tal assunto?...

Meu Deus, bem o sinto, só de joelhos podemos falar de tais belezas, com o coração elevado, bem alto, acima de tôdas as belezas da terra.

Precisava ser ao mesmo tempo poeta e cantor, teólogo e santo!

De tempos em tempos produziu a humanidade sêres extraordinários, figuras doces e radiosas, que apareciam como que banhadas em atmosfera de caridade terna e forte.

Mas, quando procuro um ponto de comparação para fazer uma idéia da beleza do coração da Mãe de Deus, sinto pulsar o meu próprio coração, sinto um como relâmpago iluminar a minha inteligência, mas torna-se-

me impossível formular as minhas impressões, que parecem congelar-se na ponta de minha pena.

O' impotência da palavra humana e dor de um coração que ama e não sabe expressar o seu amor!

O coração de Maria é o amor, diria logo, e mais até que o amor, se alguma coisa pudesse ultrapassar o amor!

Que é o amor de uma mãe?... E quem jamais sondou o coração materno?...

Quem compreendeu até hoje as riquezas do coração de Maria?...

Só a própria Mãe de Deus compreenderá tudo o que Deus nela depositou de riquezas, assim como tudo o que nela acumulou de ternura e virtudes.

Aquêle que a formou já antevia a sua profundeza, assim como perscrutou os imperscrutáveis abismos.

Querendo Deus exprimir a ternura de seu amor para com os homens, diz Santo Afonso de Ligório, julgou que o melhor modo de no-la fazer compreender seria comparar-se a uma mãe: "Poderia, diz êle, uma mãe esquecer o seu filho?"

E, no entanto, o amor de tôdas as mães do mundo seria incapaz e impotente para salvar uma só alma.

Entretanto, havia Deus decretado que um coração de mãe seria a fonte da salvação, não só de uma alma, mas de tôdas. Onde encontrar, pois, êste coração?

Êle devia ser tão misericordioso, que nenhuma ingratidão o pudesse vencer; tão bom, que miséria alguma o pudesse contristar; tão amante, que nenhuma alma pudesse escapar aos seus convites; tão santo, que pudesse merecer a redenção; tão grande, que pudesse conter tôdas as graças; tão elevado, que fôsse a escada do céu; tão agradável a Deus, que sempre pudesse aproximar-se do seu trono; tão poderoso, enfim, sôbre o coração de Deus, que não pudesse receber a mínima recusa!

Pois bem! Esta obra-prima incomparável saberá Deus encontrá-la nos tesouros de sua sabedoria e de sua bondade, e o Filho de Deus se tornará filho de uma mulher, que havia chegado ao grau supremo do amor, mostrar-lhe-á o homem e lhe dirá: "Mulher, eis aí o vosso filho". Amai-o como me amastes".

Dêste modo o coração de Maria recebe a missão de ser como que o centro da afeição de todos os filhos de Deus, de unir como em um feixe único as ternuras de seus corações para os oferecer ao Altíssimo.

Tornar-se-á assim a medianeira entre Jesus e nós, assim como Jesus é o mediador entre o Pai e a humanidade decaída, isto é, ela será uma digna Mãe de Deus.

E poderia ela ser não sòmente uma digna Mãe de Deus, mas simplesmente "mãe", quando o coração é imperfeito?... Uma mãe é mãe mais pelo coração que pela geração.

Desde o instante de sua Conceição imaculada, diz Santo Afonto de Ligório, o coração de Maria foi de tal modo tocado e transpassado de amor, que parte alguma nêle ficou sem que fôsse abrasada.

Mas êste fogo sagrado cresceu além dos limites, quando esta virgem tão pura se tornou mãe e, mais ainda, Mãe de um Deus.

O amor das outras mães é dividido entre vários filhos, ou então se expande sôbre outras criaturas.

Maria Santíssima, porém, não terá senão um Filho, e êste Filho será incomparàvelmente mais belo do que todos os demais filhos de Adão, será extremamente amável, pois terá tôdas as qualidades que o fazem amar; será obediente, virtuoso, inocente, santo, em uma palavra, será perfeito.

Além disso, o amor desta mãe de nenhum modo abrangerá outros objetos; sôbre êste filho único ela depositará tôdas as suas afeições, e jamais receará amá-lo em excesso, pois êste Filho, sendo Deus, merecerá um amor infinito.

Agora, pergunto eu: Quem poderia sondar o coração de uma mãe de Deus? Quem poderia avaliar o seu amor?

Pois bem: exultemos de alegria! Jesus Cristo formou especialmente para nós êste coração tão amante, e no-lo deu quando disse: *"Eis a vossa mãe!"*

Depois do coração do Homem-Deus, o coração de Maria é tudo o que há de melhor, mais puro, mais misericordioso, mais belo e, finalmente, tudo o que há de mais grandioso.

Junto ao Coração de Deus, do qual não quer a Providência que seja jamais separado, nada de mais central.

"Tudo é para o Filho de Deus e a sua Mãe".[1] Tudo, tanto na terra como no céu, gravita em tôrno da mulher cercada do sol divino, que é o Verbo encarnado. Com

1) S. Bern. Serm. I Sup. Salv. Reg.

o Coração de Jesus, o coração de Maria é o centro do mundo".[2]

O coração de Maria revela admiràvelmente o coração de Jesus, e lhe prepara os caminhos; o amor do coração da Virgem é o raio mais puro da redenção, e o Salvador não podia dar à terra um testemunho mais doce do seu amor que o coração de sua Mãe, que se une primeiro ao seu próprio coração, para em seguida unir-nos a Jesus Cristo.

Primeiramente, o coração de Maria é um coração físico, o seu coração palpitante de outrora, de tão profundas e puras alegrias, angustiado por inefáveis dores, êste coração em que, como em todo o seu puríssimo corpo, e em sua alma santíssima, habita sempre a augusta Trindade, com inefáveis complacências.

O coração de Maria é ainda esta faculdade de amar, faculdade que Maria empregou em todo o seu poder e em tôda a sua delicadeza, o seu amor imenso que lhe faz sacrificar para a honra de Deus e para a nossa salvação o seu Filho adorado.

E não se deve reparar o interior dêste amor, simbolizado pelo seu coração, mas a êle incluir todos os tesouros de luz postos a serviço dêste amor.

Para ter a fisionomia completa dêste amor materno, seria preciso aproximar o abismo de suas grandezas do abismo de suas dignidades e de seus privilégios e vê-los expandir-se no amor.

Seria preciso contemplar ainda os abismos de suas virtudes, inspiradas tôdas pela caridade, os abismos de suas alegrias penetradas pelo amor, de seus sofrimentos, oriundos também da exuberância do seu amor.

Então ter-se-ia o íntimo dêste "Coração-Sol", como o chamou Paracelso, e compreender-se-ia que, depois do Coração de Jesus, nada é mais capaz de comover-nos que o coração de Maria, tanto mais que neste coração tôdas estas maravilhas e todos êstes mistérios de vida nos são mostrados como orientados para a manifestação suprema de sua caridade para com Deus e para com os homens, isto é, a cruz.

A êste respeito é perfeito o paralelismo entre o coração de Jesus e o coração de Maria.

---

2) Cfr. Sauvé, op. cit.

Todo o amor de sua Mãe, e tudo o que resulta dêste amor, tende sempre para o sacrifício supremo.

O' coração admirável de uma mãe!

Perdoai-me a indiferença passada, ó Maria!

Fazei que agora ao menos a beleza inefável de vosso coração cative o meu; arrastai-o convosco, pregai-o a vós, fazei-o gravitar em redor de vós, assim como gravitam os planêtas em redor do sol.

Vós sereis o sol de minha vida; por vós receberei calor, luz e vida — *"Vita, dulcedo et spes nostra, salve!"*

II

O amor a Deus

Deus encontra tôda a sua felicidade em amar-se a si mesmo; entretanto, em sua infinita bondade, quis ser amado pelos homens.

Para êste fim é que êle lhes deu êste mandamento, o primeiro mandamento da Lei: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração: *"Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo"*.

Entre tôdas as criaturas, nenhuma há que tenha realizado mais perfeitamente êste preceito do que Maria Santíssima.

Saiu radiante das mãos de Deus. Jamais o pecado alterará, ou simplesmente ofuscará êste fogo de amor e de tôda ternura.

Desde o momento de sua Conceição imaculada, a Virgem santa descobriu em Deus tanta amabilidade, que seu coração pulsou ùnicamente para êle.

E o que dá tôda perfeição ao seu amor é que, sem visar os seus interêsses pessoais, e sem outro desejo que o de agradar a Deus, ela o amou puramente, por êle mesmo, isto porque, sendo infinitamente amável, merece ser soberanamente amado.

E quem avaliará a intensidade dêste amor?....

Tão ardente foi êle, diz um piedoso autor[3], que foi preciso Deus fazer um milagre contínuo para que ela não fôsse consumida, em todos os instantes de sua vida, pelas afeições ardentes de seu coração.

Diz um santo que, quando Maria transportava o menino Jesus, podia-se exclamar: "Eis o fogo que carrega

3) Dom. L. Rouvier: Novena completa.

o fogo". Isto é tão verdade que, se se reunissem o amor de todos os serafins, de todos os apóstolos, de todos os bem-aventurados, todos êsses amôres juntos se assemelhariam a uma centelha diante do vasto incêndio do amor de Maria. E' o que faz dizer a Ricardo de S. Lourenço que "os serafins, embora sejam todo amor, teriam podido descer do céu, para vir aprender no sagrado coração de Maria o amor de Deus".

"Esta augusta Virgem, diz S. Germano, foi maravilhosamente figurada pelo altar de propiciação, onde ardia o fogo de noite e de dia".

"Semelhante a estas flores que acompanham sempre o sol, diz S. Pedro Damião, Maria tinha habitualmente os olhos de sua alma elevados para o sol divino".

Ensina-nos S. Bernardino de Sena e Santo Ambrósio, que o próprio sono, por um privilégio singular, não interrompia as afeições de amor produzidas pelo sagrado Coração de Maria.

Para têrmos uma idéia desta intensidade, basta considerar a fonte dêsse amor.

Ora, esta fonte é o amor que Deus lhe tem.

Ama-a Deus e é êste amor que faz com que o Padre eterno a associe à sua eterna geração, fazendo-a Mãe de seu Filho único, "comunicando-lhe, como diz Bossuet, um raio de sua fecundidade infinita".[4]

Convém notar que o amor das criaturas nasce do amor do Criador, como a flor nasce da planta que a sustenta. O amor, ou a caridade, é uma virtude sobrenatural que, por isso mesmo, não pode ser adquirida nem pelo esfôrço, nem pela luta.

Êle é um dom de Deus, dom gratuito, outorgado àqueles que o impetram com as disposições necessárias.

Isto nos auxilia a compreender a origem sublime do amor incomparável da Virgem.

E é comunicando a Maria — segundo diz o eloqüente bispo de Meaux — um raio de sua fecundidade, que lhe comunicou Deus o dom de seu amor.

"Daí é que nasceu o amor, diz-nos ainda Bossuet.

Deu-se uma efusão do coração de Deus no seu próprio coração, e o amor que ela tem a seu Filho, êsse lhe é dado pela mesma fonte que lhe deu o seu Filho único".[5]

4) Bossuet: Sermão da Anunciação.
5) Bossuet: ibidem.

Que intensidade não supõe uma tal fonte, sobretudo quando se pode infiltrar em um coração tão admiràvelmente disposto, como o coração da imaculada Virgem.

Como calcular a extensão dêsse amor?...

Dá-nos Santo Alberto Magno uma regra, que nos permite entrevê-lo em parte.

"Quanto mais um coração se esvazia de si mesmo, diz êle, tanto mais cheio será de caridade para com Deus".[6]

E quem poderá dizer quando Maria foi humilde e desapegada de si mesma e do mundo?... Quem o dirá?...

Quem tal fizesse, diria ao mesmo tempo qual foi a extensão de seu amor.

"O amor divino, diz S. Bernardo, feriu, transpassou o coração de Maria Santíssima até à sua última fibra".

Segundo Santo Ildefonso, o Espírito Santo penetrou Maria com suas celestiais chamas, assim como o fogo penetra o ferro de modo que nada se vê e nada se sente nela, que não seja o fogo do amor divino.[7]

E', pois, com muita razão, conclui S. Bernardo, que S. João a viu sob o emblema de uma *mulher revestida do sol,* pois ela foi tão estreitamente unida a Deus, que nenhuma outra criatura a poderá jamais igualar.[8]

Concluamos, pois, dizendo com Santo Alberto Magno: "Tornando-se Mãe de Deus, a gloriosa Virgem ficou repleta, por assim dizer, de tôda caridade, de que nesta vida era capaz uma simples criatura.[9]

"Esta caridade ardente tornou Maria tão bela aos olhos do Senhor, observa Santo Tomás de Vilanova, que, arrebatado de amor por ela, êle desceu do céu para o seu seio, e revestiu-se de nossa humanidade".[10] Dai, esta exclamação de S. Bernardino:

"O' poder da Virgem, uma filha da terra tocou e arrebatou o coração de Deus".[11]

"Mas, amando de tal modo a seu Deus, diz Santo Afonso de Ligório, Maria exige de seus servos, antes de tudo, que amem também a êste Deus com tôdas as suas fôrças. E' o que ela recomendava um dia à bem-aven-

6) Ubi major puritas, ibi major charitas (Sup. Missus est q. 15).
7) De Ass. 5. I.
8) In sig. m.
9) Sup. missus q. 61, parte 2.
10) In nat. Dom. conc. 4.
11) Pro festo B. Virg., q. 61, 2.

turada Ângela de Foligno, que acabava de comungar: "Ângela, sê bendita de meu Filho, lhe dizia ela, age, porém, de tal modo, que o ames tanto quanto o podes".[12]

Ela também disse a Santa Brígida: "Minha filha, se tu queres apegar-te a mim, ama ao meu Filho".[13]

De fato, Maria não guarda para si o amor que lhe consagramos. Ela sabe que ela não é o fim, mas sim o meio.

Por isso, cada vez que lhe chamamos: "Maria", ela repete: "Jesus", diz o bem-aventurado de Montfort.

Ela não deseja que nós a amemos, senão para nos fazer amar cada vez mais ao seu divino Filho.

Ela não é Rainha senão por ser Mãe e Filha do Rei.

Ela não é "amante das almas" e "arrebatadora dos corações" senão para conduzi-las e uni-las a Jesus, e para dar Jesus àqueles que a amam.

O' irmãos queridos em nossa doce Mãe, quereis amar a Jesus?... Quereis amá-lo muito? amá-lo ardentemente, apaixonadamente?...

Amai a Maria!

Não merece todo o vosso amor aquela que tanto amou a Deus e o amará, e cujo amor se confunde de certo modo com o amor de Deus?

III

As causas dêste amor

Ninguém duvida que Maria tenha amado a Deus. E é êste amor da Virgem imaculada para com Deus que atraiu ao seu seio o Verbo feito carne.

E quem poderá dizer-nos a extensão, a veemência e a profundidade de um amor que produziu tais efeitos?...

Mas qual era a causa dêste amor, a fonte do contínuo crescimento que êle experimentava?

Esta causa é dupla: o conhecimento de Deus e a sua união intima com êle.

Antes de tudo, Maria conhecia a Deus com um conhecimento perfeito, que não era inferior senão ao conhecimento face a face e sem véu, na pátria celeste.

Ama-se perfeitamente o que se conhece bem, e mais o objeto conhecido é amável e digno de ser amado, mais o coração se inflama.

---

12) Boll: (4 de junho), c. q.

13) Si vis me tecum devenire, ama Filium meum.

Ora, aqui são dois abismos que se desvendam aos nossos olhos: — Deus, tão infinitamente amável... e Maria, que o conhecia como nunca homem algum o conheceu.

Êle era o seu Filho... e ela era a sua Mãe, e quem, melhor do que uma mãe, compreende e penetra os mistérios do coração do seu filho?...

Oh! quão inefável foi o amor que Maria hauriu nesta primeira e não única fonte!

Maria, por sua fé e por seu coração, via a Deus tal qual êle é, fonte de todo bem, foco de amor, abismo de grandeza, oceano de beleza.

Ela o contemplava e o conhecia mais e mais, para amá-lo sempre mais nestes trinta anos passados com Jesus, ao mesmo tempo que nela aumentavam o conhecimento das perfeições divinas, e tornavam mais vivas as chamas de seu amor. E êstes benefícios derramados por Deus a mancheias, e cada vez mais perfeitamente conhecidos por Maria, eram novo combustível lançado nos braseiros de sua alma.[14]

Contemplando-se, Maria sentia-se escolhida por Deus, enriquecida por êle de tôdas as prerrogativas que podem ornar uma criatura, elevada a um trono, de onde dominava todos os demais tronos, excetuado o de Deus.

Ela via o seu Deus feito seu Filho, e via-se chamada a participar da incomunicável paternidade divina e também da fecundidade do Espírito Santo. E, à vista de tantas maravilhas sem iguais no passado, como sem espécimes nas idades futuras, poderia ela amar demais?... ou mesmo podê-lo-ia amar bastante?...

Além disso, Maria amava a Deus por causa dos laços que os uniam recìprocamente. Não era ela ao mesmo tempo filha, irmã, mãe e espôsa de Deus?...

E Deus a preferia tanto, que a cognominava sua "Bem-amada", sua "Única", a "Tôda-bela".

E como é que a Virgem não corresponderia por reciprocidade a êste amor do seu Deus?...

Os pais amam os seus filhos, e não era Jesus o filho de Maria?... E que filho! Ela podia, pois, amar neste menino Deus, o seu filho, o mais amante e o mais amável dos filhos, o seu filho único, osso de seus ossos e carne de sua carne, formado todo êle de sua substância.

14) Petitalot: op. cit.

A espôsa ama o seu espôso. Desposada com o Espírito Santo e com a Santíssima Trindade, como não amaria ela o seu Deus, que é amor?

Sôbre um assunto tão divinamente terno e tão ternamente divino, um anjo poderia apenas balbuciar; amando a Deus, amada por Deus, Maria Santíssima não lhe era unida senão por laços de amor.

Nela tudo é amor, como tudo é fogo em um forno incandescente, como tudo é água no imenso oceano.

Oh! como é admirável o coração de Maria!

Se o amor divino tão vivamente pôde comover o coração de um São Filipe Neri, que abriu uma de suas costelas para dar lugar à sua impetuosidade, se um S. Francisco Xavier com igual razão sentia arder o seu peito, a ponto de êle abrir as suas vestes, para refrescar o peito, se um Santo Estanislau Kostka devia refrescá-lo com toalhas embebidas em água, se uma Santa Teresa morreu, tendo o coração transpassado por uma frecha de amor que lhe cravou um serafim, é preciso concluir que não se pode explicar nem sequer conceber o celeste e amoroso ardor que abrasou continuamente o coração da Santíssima Virgem, superior ao coração de todos os santos reunidos, na intensidade e na grandeza de seu amor para com Deus.

Se a Santíssima Virgem pôde sustentar tanto tempo em seu coração uma violência tão excessiva de amor, sem sucumbir, é preciso atribui-lo a um prodígio sobrenatural, como foi um milagre ter ela suportado em sua alma um martírio de dor, sem por êle morrer vitimada.

Oh! que motivo para amarmos a Maria! Honra-se o coração de um São Francisco de Sales, de um S. Carlos Borromeu, de uma Santa Teresa, porque foram abrasados do amor de Deus.

Mas, se pudéssemos encontrar um coração que, em amor para com Deus, igualasse os corações dêstes três santos unidos, não seria êle mais venerável?

Se houvesse um coração do qual se pudesse dizer que amou tanto a Deus quanto o amaram os santos todos juntos, que na solidão não se preocupava senão em pensar em Deus e em amá-lo, não mereceria êle, seguramente, um culto mais especial e mais elevado?...

Ora, o que se deveria dizer do coração de Maria, que amou mais a Deus do que a todos os santos do Antigo e do Novo Testamento?

E' pouco assemelhá-la, como fêz S. Bernardino de Sena, a uma fornalha ardente do divino amor.[15]

Depois do coração de Jesus, não há coração que mereça um amor tão alto e tão extenso como o coração de Maria, pois não há coração que possa, não digo ser comparado ao seu amor para com Deus, mas que possa dêle aproximar-se.[16]

IV

O amor supremo

A beleza de um coração vem ùnicamente da sua semelhança e de sua união com o coração de Jesus, fonte, centro e foco de tôda beleza.

Mais o nosso coração se aproxima do coração de Jesus, mais êle participa de sua beleza, porque se envolve, de certo modo, dos ardores divinos de que está consumido o Salvador.

Dessa aproximação brota o amor; ama-se porque se sente amado, e mais se conhece a intensidade do amor que Jesus nos tem, mais se desenvolve êste amor, e mais êle aumenta de ambas as partes.

Amamos, porque nos sentimos amados — eis uma lei à qual se submeteu o próprio Deus.

Essa é a razão por que o amor de Deus aumenta para conosco, à medida que o nosso amor aumenta para com êle.

E' dizer que o amor vem do conhecimento e o conhecimento vem da contemplação.

Contemplo, conheço, admiro, amo.

E Jesus, abrindo o seu coração, mostra-se à minha alma em tôda a sua beleza e, à medida que os seus desejos dilatam o meu coração e aumentam a sua capacidade, Jesus derrama ai o seu amor em uma medida excessiva... sem medida, pois "a medida do amor, diz Santo Agostinho, é amar sem medida".

Compreender a estreita união que existia nesta vida entre o Coração de Jesus e o Coração de Maria, seria,

15) Quis thesaurus melior quam ipse divinus amor, quo fornaceum cor virginis ardens erat? (serm. 9 de vir.).

16) Muzzarelli: Opúsculos.

pois, ter uma espécie de medida do amor da mãe para com o seu filho.

Maria amava a Jesus como a seu Filho e a seu Deus; Jesus amava a Maria como a sua Mãe, e como a mais santa das criaturas.

Nenhum coração pôde jamais dizer, com tanta verdade, como o coração de Maria, estas palavras da espôsa dos Cânticos: "Meu bem-amado é todo meu, e eu sou tôda dêle".

Quando a Virgem, em transportes de amor, dizia ao seu divino Filho: *"Como sois belo, filho querido de meu coração"*, êle lhe respondia, por sua vez: *Como sois bela, ó mãe, como sois bela!...*

Jesus considerava sua Mãe como sendo a mais bela das criaturas, "a sua única"; e Maria, na contemplação das belezas infinitas de seu filho, tornava sua a beleza sobrenatural que irradiava de seu filho.

Jesus era o mais belo dos filhos dos homens e "Maria era, como diz a Igreja, a mais bela dentre tôdas as mulheres — *pulcherrima mulierum*".

Escutemos Santo Afonso de Ligório fazendo falar o divino Jesus:

"O' homens! — diz-nos Jesus, entre os braços de sua terna Mãe — ó homens, prestai ouvidos, e eu vos direi quão bela e perfeita é a minha Mãe.

Tão graciosa ela é que, se o mundo a conhecesse, ela arrebataria todos os corações!

À sua vista eclipsa-se tôda beleza criada, e desaparece tôda a graça humana como as estrêlas diante da luz do sol.

Ela é a flor de tôdas as criaturas; tudo o que há de excelente em cada uma delas, ela o possui; bem pode ser ela chamada a graça e o encanto do universo, a face e a figura de Deus.

Tôdas as graças e todos os dons que distinguem as mais formosas mulheres da Antiga Lei, encontram-se reunidos nela, porém com muito mais perfeição.

Ela possui a bôca de outro de Sara, cujo sorriso alegra o céu e a terra.

Tem também aquêle doce olhar da fecunda Lia, que enterneceu o meu coração divino.

Ela tem igualmente a fronte deslumbrante da bela Raquel, cujo esplendor eclipsa os raios do sol.

Tem ainda o encanto da discreta Abigail, que sabe apaziguar a ira de meu Pai.

Tem, finalmente, o ardor e a coragem da valorosa Judite, e como ela sabe subjugar os corações mais endurecidos.

"Sim, aquela a quem eu tomei por mãe é tôda bela! Do imenso oceano de sua beleza brotaram, como rios de suas fontes, a beleza e os atrativos de tôdas as criaturas.

Eis a minha mãe, tôda bela no seu exterior, porém incomparàvelmente mais bela no seu coração: *"Quam pulchra es... absque eo quod intrinsecus latet"*.

"Se a beleza sôbre vós exerce algum atrativo, amai-a, ó homens, e que todo o vosso amor consista em agradar-lhe em tudo, a fim de que um dia possais contemplá-la face a face no céu, onde ela será a alegria e a recompensa daqueles que a tiverem amado e servido na terra".

Maria, dirigindo a seu divino filho os louvores que êste tece em seu louvor, mostra-nos esta inefável beleza e parece dizer-nos: "O' homens, se a beleza tem algum império sôbre o vosso coração, vou contar-vos os celestiais atrativos que nela resplandecem, para que a ameis como eu a amo: *"Êle é o mais belo dentre os filhos dos homens"*, pois o próprio Espírito Santo formou-o em seu seio. O Senhor formou com as suas próprias mãos o corpo de Adão, e êle o fêz tão belo, porque devia ser o templo de uma alma criada à imagem de Deus.

E, demais, que vos direi eu de meu filho, novo Adão, cuja humanidade devia ser indissolùvelmente unida à divindade do Verbo?...

Meu filho é o mais belo dos filhos dos homens! pois, formando-o, o Espírito Santo quis torná-lo o espelho de tôda a perfeição.

Em Jesus êle quis pôr uma beleza que incomparàvelmente ultrapassasse tôdas as belezas criadas.

Tudo o que nas coisas visíveis deleita os olhos e satisfaz o coração, não é mais que um pálido reflexo da beleza de meu Jesus.

Em cada criatura Deus faz brilhar uma centelha da beleza suprema, nela contida, e o Espírito Santo reuniu tôdas estas belezas na humanidade de meu filho.

"Meu Jesus é o mais belo entre os filhos dos homens! Êle veio ao mundo para atrair vossos corações ao seu amor, ultrapassar por sua beleza tudo o que vos agrada e seduz neste mundo, para ser o amante de vossas afeições, para ganhar as vossas almas, para levar-vos à virtude, excitar-vos ao trabalho, fazer-vos amar o sofrimento, e ser, enfim, a recompensa daqueles que o seguem.

Mas, também, que beleza, que dignidade, que graça, que amabilidades!... Quanta doçura em suas palavras!... Que afabilidade em suas conversações!...

Que encanto em seus modos!...

Verdadeiramente, êle é o mais belo dos filhos dos homens. E vós não o amareis?... E entregareis o vosso coração a belezas perecedoras?...

Tal é o louvor reciproco que se dirigem mùtuamente o Filho e a Mãe: — estas duas inefáveis belezas que só uma vez a terra pôde contemplar e de que o céu goza numa delicia sem fim.

V

O amor dos homens

Quando se ama verdadeiramente a Deus, ama-se sinceramente o próximo, porque o primeiro amor não pode subsistir em uma alma, sem que produza o segundo.

Nosso amável Salvador, para que nós pudéssemos compreender a inseparável união existente entre o amor de Deus e o amor dos homens, a nós assim falou: "Amareis o Senhor, vosso Deus, de todo o vosso coração: eis o primeiro mandamento; e amareis o próximo como a vós mesmos: eis o segundo, semelhante ao primeiro".

E a Santíssima Virgem, que tão perfeitamente cumpriu o primeiro mandamento, teria podido faltar ao segundo?...

Não sòmente havia Deus destinado Maria para ser sua Mãe, mas também destinou-a a ser mãe de todos os homens e, em conseqüência, lhe deu, ao criá-la, um coração de mãe para com êles.

Além disso, Jesus Cristo, durante a sua permanência no seu casto seio, comunicou-lhe os ardores de seu amor para conosco, em um grau tão elevado, que jamais uma simples criatura amou os homens como Maria os amou.

Oh! sim, digamo-lo com ousadia, Maria é o coração que nos ama, e êle nos ama, terna, ardente e apaixonadamente.

Aliás, poderia ela deixar de amar-nos?...

Cada vez que ela vê a Deus, vê o amor infinito que nos consagra desde tôda a eternidade — *"in perpetua caritate dilexi te"*, o amor com que e por que êle nos amou, conservou, sustentou, cumulou de graças e de benefícios.

No coração paternal de Deus ela vê a ternura cheia de misericórdia com que êle nos segue, permite que sejamos submetidos à prova, respeita a nossa liberdade, e sem cessar conserva os olhos fixos sôbre nós, com receio de que algum apêgo criado desvie por um instante as afeições de nosso coração, que êle deseja seja todo seu, e repleto de seu amor.

Ela vê êste Pai celeste escutando só o seu amor e enviando-nos o seu Filho único para nos arrancar do inferno e reconduzir-nos ao caminho que ao céu conduz!...

E quando fixa o seu olhar sôbre Jesus Cristo, contempla-o acabrunhado e triturado sob o pêso dos sofrimentos, das humilhações e das dores.

Ela assiste em espírito à flagelação, à coroação de espinhos, à crucifixão, à morte de seu divino Filho, e ouve ressoar ainda aos seus ouvidos esta comovida prece: "Meu Deus, que nenhum daqueles que me destes, pereça eternamente".

Oh! como não nos amará Maria a esta vista assim como a esta lembrança?...

Admitamos que para ela nós nada sejamos, nada nos atraia a sua compaixão, sua estima e sua afeição; entretanto, por amor a Deus, e por saber que nos amando faz prazer a êle, não deverá ela amar-nos e amar-nos ternamente?...

Oh! como é doce êste pensamento: "Maria nos ama, e nos amará sempre".

E depois, desde que ela considera a nossa alma, esta pobre alma, tão lânguida, tão ferida e, entretanto, tão desejosa de amar e de ser amada, vendo-a a ponto de se perder para sempre, se não vier em seu socorro, poderia Maria não se sentir tocada pela compaixão?...

Sendo nossa alma a imagem de Deus, cuja beleza e santidade são bem conhecidas por Maria, e podendo ela impedir que a mesma seja manchada e desfigurada, como poderia ela consentir que essa alma estivesse em poder do demônio, objeto dos seus insultos e suas blasfêmias?...

Não, isso é impossível... Seu amor a Deus se recusa a tudo isto.

Nossa alma é criatura de Deus, filha de Deus, destinada a participar um dia do reino de seu Pai, e poderia a Santíssima Virgem permitir que esta alma fôsse afastada de Deus e arrancada de seus braços para eternamente sofrer nos abismos abrasados do inferno?...

Não! o seu amor a Deus e a sua caridade para com os homens a isso se recusam.

Nossa alma é resgatada pelo sangue de Jesus Cristo, pelo sangue de seu Filho; ela é o preço de humilhação, de angústia e de lágrimas, que estão sempre presentes em seu espirito, e, podendo impedi-lo, poderia a Virgem Santíssima permitir que por tôda a eternidade esta alma se perdesse?...

Não! o seu amor a Deus e a sua caridade para com os homens a isso se recusam.

Nossa alma é destinada a conhecer e amar a Deus, e a unir-se aos anjos para glorificar e exaltar eternamente as grandezas, a majestade e o amor de Deus, e, podendo impedi-lo, permitiria a Santíssima Virgem que, durante tôda a eternidade, esta alma amaldiçoasse e blasfemasse o seu Deus?...

Não!... seu amor a Deus e sua caridade para com os homens a isso se recusam.

Além disso, quando Maria se considera a si mesma, não se vê ela cumulada de graças que continuamente excitam o seu reconhecimento?...

E para mostrar êsse reconhecimento não se sentiria ela obrigada a fazer por Deus tudo o que lhe é possível fazer?...

Sem dúvida, continuamente o seu coração transborda de agradecimentos e louvores para com Deus, mas o amor é ativo e não lhe é suficiente permanecer fiel e reconhecido.

Em Deus ela encontra tôda a alegria que procura, conservando-lhe fiéis e inocentes as almas por êle cria-

das e reconduzindo ao seu amor aquêles que o abandonaram.

Vê-se dêste modo que ela é por reconhecimento obrigada a nos amar.

E se tudo isso ainda não fôsse suficiente, poderia Maria Santissima esquecer-se de que é Mãe dos homens?...

Ser mãe significa ser vigilante, doce, condescendente para com o ser pequeno, fraco e necessitado que a Providência lhe confiou.

Ser Mãe dos homens é trazer em suas entranhas esta humanidade inteira, desfigurada e ingrata, sem dúvida, mas algumas vêzes nobre em suas aspirações, em seus esforços e em suas lutas.

E poderia a Santíssima Virgem esquecer-se de tudo isso, ela, que não foi feita tão grande, tão poderosa, tão "mãe", senão para nos aliviar e levar-nos todos em seu coração?...

Oh! não! isso repugna ao seu reconhecimento para com Deus, como repugna a um coração de mãe esquecer o fruto de suas entranhas.

Maria conhece em tôda a sua extensão e todos os seus pormenores o dever que Deus lhe impôs, que foi manifestado por seu Filho, quando, pregado na cruz, iria consumir o seu sacrifício.

O seu coração sondou tôda a extensão das obrigações de uma mãe. De certo modo aprofundou as intenções de Deus a seu respeito, tornando-a tão grande, tão poderosa e tão misericordiosa.

Ela compreendeu esta palavra que ressoa continuamente aos seus ouvidos: "Eis ai o vosso filho".

E Maria, que tanto ama a Deus, que deseja tanto agradar-lhe, sabe também que, amando os homens, glorifica mais e mais o seu divino Filho, oh! como ela deixa dilatar-se o seu coração, até transbordar de tôdas as ternuras e misericórdias.

Dia e noite ela conserva os olhos fixos sôbre os seus filhos, receando que lhes aconteça alguma desgraça, e sem cessar se inclina para nós com o sorriso nos lábios, para nos alentar nos sofrimentos, com o seu olhar velado em lágrimas para chorar as nossas infidelidades, mas com as mãos repletas de graças, para nos auxiliar, esclarecer e guiar para o céu.

Oh! que doce e animador pensamento!...

Maria me ama e me conduz por tôda parte em seu coração.

Também eu vos amo, ó terna Mãe, e quero amar-vos sempre, já que o amor só pode gerar o amor e o coração só pode retribuir um dom do coração.

VI

O amor de mãe

Precedentemente provamos que Maria é nossa Mãe[17] e dissemos também que mais além tiraríamos as conseqüências que provêm dêste título.

Chegou o momento de perscrutar tôdas as riquezas e consolações dêste suave título que damos a Maria: Maria é "nossa Mãe".

"Ser mãe" é não sòmente ter dado a vida a alguém, mas também é amá-lo com êste amor terno e apaixonado que não conhece espaço nem tempo, e que não se deixa jamais abater... Êle espera e perdoa sempre... Eis a mãe, e eis também Maria!...

Maria nos ama, porque é Mãe de Deus. Mas ela nos ama também porque é nossa Mãe, e conserva sempre o seu coração de mãe, mesmo para os culpados.

Uma mãe não deixa de esperar a volta de seu filho, enquanto êste filho vive.

Chorará ela os desvarios dêste ser querido, permanecerá desconsolada, mas sem fechar o seu coração e sem desesperar jamais.

"Êle vive, diz consigo a mãe, e pode ainda voltar; um dia êle virá lançar-se nos braços de sua mãe e então será completo o nosso amor!"

Como o pai do filho pródigo, ela jamais fecha o coração, e não se importa com a hora tardia da volta, seja qual fôr o estado em que o pecado deixar o filho pródigo, pois a mãe conserva sempre para o culpado um sorriso de ternura e uma palavra de perdão.

Uma mãe não se cansa de empenhar-se junto ao seu filho, culpado, nada poupando para reconduzi-lo: exorta, repreende, ameaça e pune mesmo com pesar.

Seu coração descobre indústrias que se não encontram senão em um coração de mãe, e, quando tudo está

17) Cfr. cap. VI. n. 7.

esgotado, recorre à sua última arma, a mais eficaz de tôdas: — as lágrimas.

O' Maria, quantas vêzes tenho eu resistido à vossa ação, a todos os esforços de vosso amor e talvez às vossas próprias lágrimas.

E como um dia em La Salette ela me apareceu sentada, tendo a cabeça entre as mãos, olhar velado e em sua imensa desolação redizendo a palavra que ouviram os pequenos pastôres do Delfinado: "Não posso mais sustentar o braço de meu Filho, êle está demais pesado".

Demais pesado: por meus pecados, por minhas ingratidões e minhas resistências culpadas.

O' Maria, intercedei ainda! Sustentai o braço de Jesus... eu volto, eu me entrego! Reconduzi-me à fôrça, se preciso fôr!

Fazei que longe de Jesus e de vós eu encontre tantas amarguras, tantas decepções, tantos aborrecimentos, tanto abandono, que não goze mais paz e felicidade senão junto a vós.

Uma mãe não se cansa nunca de se empenhar junto àqueles que lhe podem reconduzir o seu filho.

Deus é aquêle que pode reconduzir a alma culpada, e Maria, que tanto se aproxima de Deus, suplica-lhe sem cessar que não se impaciente, que não castigue logo, que nos dê a graça do arrependimento.

Pobre alma pecadora, no momento em que quiseste cometer o pecado, que contra ti deveria excitar a cólera de Deus, Maria estava junto à cruz e dizia a Jesus, com lágrimas: "Meu Filho, perdoai-lhe, ela não sabe o que faz!"

E o Salvador te perdoou em consideração à sua Mãe. Tornaste a participar de sua amizade, de sua intimidade, e hoje podes ser amiga do Coração de Jesus.

E quando um filho dócil permanece sempre ao lado de sua mãe, de certo modo vive sob suas asas e perto de seu coração, quem poderá dizer as relações de intimidade que se estabelecem entre o coração da mãe e o coração do filho?

Tanto na calma do silêncio como pelas palavras se estabelece entre êles a misteriosa comunicação de pensamentos e sentimentos.

Um gesto, um olhar, um sorriso é uma ordem que o amor sente, interpreta e executa.

E' a vida de dois sêres em um só coração, ou, mais exatamente, a vida de dois corações em uma só alma.

E tal se dá em nossas relações com Maria.

Elas constituem como que uma vida nova que os autores espirituais tão justamente chamaram: "a vida de união com Maria".

E quem poderá dizer tudo o que esta vida contém de consolador, eficaz e heróico?

Viver unido a Maria, ter continuamente o olhar virginal fixo sôbre nós, cercar-se desta atmosfera de modéstia, de bondade, de prece, que emana da Virgem como emanam do sol a luz e calor, que vida, que plenitude de vida!...

A vida, por vêzes, parece dura. Dores inconsoláveis, lutos irreparáveis encerram uma existência em um como sudário fúnebre que fecha o coração a tôdas as alegres expansões, isola a alma de todos os festins da felicidade.

E' que no meio da peregrinação da vida falta um coração, um olhar, um sorriso de mãe.

Oh! como Deus conhecia o coração do homem, quando, com a sua palavra tôda amante, dizia à humanidade desconsolada, na pessoa do discípulo amado: "Eis a vossa mãe!"

Uma mãe! E' necessário uma mãe!

O' meu Deus, dai a todos uma mãe, e quando desaparecer desta terra aquela que nos deu a vida, fazei que lá no céu os nossos olhares encontrem, com mais amor ainda, aquela que nos deu a vida sobrenatural e que tanto mais é nossa mãe, quanto mais urgentes forem as nossas necessidades e mais profundas as nossas dores.

Se soubéssemos viver essa vida de intimidade com nossa celestial mãe, como vive aqui na terra a criancinha com a sua mãe, como seria mais intensa e mais sólida a nossa vida espiritual e mais rápido e fácil o nosso progresso!

Entre êstes íntimos do coração de Maria devem-se colocar em primeira linha as almas religiosas, que são as amigas da Virgem, suas amigas de coração.

"Nosso Senhor dizia aos seus apóstolos: Não vos chamarei mais servos, mas meus amigos; e um dos santos padres, arrebatado de admiração, ao ler esta palavra, exclama: "Pode-se imaginar algo de mais glorioso e

mais sublime do que ser chamado e ser em verdade amigo de Jesus Cristo?..."

Eis que a compassiva Mãe do Salvador se digna também chamar-nos seus amigos, a nós, sobretudo, que vivemos na intimidade de Jesus e consagramos tôda a nossa vida ao seu santo serviço.

Ela procede para nós como a mais delicada, a mais fiel, a mais terna das amigas.

Assistência, consolações, socorros, atenções delicadas, previdências afetuosas, indulgência sempre segura, mesmo após nossas ingratidões perpétuas, liberalidade, quando correspondemos à sua doce amizade; e tudo isso ela nos dá, como prova de ternura, e isto é um inestimável tesouro.

O' Maria! quem seria capaz de conhecer os recursos incomparáveis que vosso coração reserva às almas consagradas ao vosso Filho?

Jamais deixareis de ser-lhes companheira assídua durante tôda a vida.

Vós as sustentais, se estão acabrunhadas pela fadiga; se elas se extraviam, vós as guiais; vós as consolais, se elas estão na tristeza; vós as fortificais, se estão abatidas; vós as defendeis, se são acusadas.

Não há sequer um só benefício cujo princípio é a amizade, que não recebêssemos de vós com uma bondade, graça e constância que a amizade mais santa jamais conhecerá entre os homens.[18]

Como, pois, permaneceremos nós insensíveis à lembrança de tanta ternura?

O amor exige o amor, o coração chama o coração...

Seja, pois, o nosso coração todo de Maria!

Sejamos os seus filhos dóceis, generosos; sejamos sobretudo os seus íntimos; sejamos os amigos de seu coração; vivamos da vida de união com esta Mãe admirável.

VII

Os princípios dêste amor

Maria amada de Deus! Maria radiante de tôda a expansão, de tôda a união e de tôda a ternura que um Deus tem à sua Mãe!

---

18) R. P. Giraud: Vida de união com Maria.

Deus irradia em Maria, tal o sol brilha no límpido cristal de um mostruário; assim também Maria resplandece nas almas daqueles que Deus lhe deu como filhos.

Contemplemos um instante as irradiações de amor do coração de Maria para com todos os homens.

Vejamos os princípios dêste amor, que não deixarão de excitar-nos a uma confiança ilimitada e a um amor recíproco para com a doce e amantíssima "arrebatadora dos corações".

"O primeiro princípio dêste amor é a sua união à divindade".

Antes mesmo da encarnação, a sua alma imaculada unia-se tão perfeitamente ao nosso Pai celeste, que identificava a sua vontade com a vontade divina e o seu amor com o amor de Deus.

"Por que é que amamos tão pouco? por que é que o nosso amor é tantas vêzes lânguido e mesquinho?

— Porque penetramos apenas de um modo superficial e intermitente nos desígnios de Deus e no seu amor.

Há almas que nunca saem de si mesmas, e por isso para com elas permanece triste e desolado o horizonte de seu amor.

Para outras, dotadas de um coração melhor e mais generoso, alarga-se o horizonte e elas amam com maior dedicação".[19]

Mas, onde se encontrará um coração que saiba dilatar-se a ponto de amar todos os homens e de amá-los com um amor que não conhece nem ingratidão, desfalecimento ou sombra?

Êste coração único é o coração de um Deus. E é êste coração que resplandece em uma pessoa divina, Jesus Cristo, e por êle em uma pessoa humana, Maria Santíssima.

Oh! como o mundo se sente bem no coração da Virgem santa! Deus lhe comunicou sem medida o seu próprio amor para conosco.

Êle amou tanto ao mundo, que lhe deu o seu Filho unigênito.

Pela salvação do mundo Maria deu êste mesmo Filho que é o seu Juiz; nêle o Pai pôs tôdas as suas complacências, e, entretanto, êle o sacrifica por nosso amor.

19) Ch. Sauvé: O culto do Coração de Maria.

Que haverá de mais revelador do amor de Deus para com os homens?

E as complacências de Maria para com êste Filho muito amado imitam e retraçam as complacências do Pai; e, entretanto, ela o dá como Vítima ao mundo.

Como trabalham e operam juntamente para os homens o amor paternal do Pai e o amor maternal de Maria!

Quem, pois, avaliará a fusão do amor do Pai com o amor da Virgem? sua vigilância e solicitude, e a vigilância e a solicitude de Maria para cada alma?

Satã, o grande inimigo do gênero humano, encontrará uma criatura que, por falta de amor à imensa posteridade que dela deveria nascer, levou-o à perdição total, arrastando ao pecado o pai do gênero humano.

Deus, nosso grande amigo, encontrou em Maria uma criatura capaz de compreender o seu imenso amor.

Compreendeu-o Maria. Por isso, participou de todos os mistérios de seu Filho.[20]

"O segundo princípio do amor de Maria para conosco é a sua união à humanidade do Filho, que a incluiu em tôdas as suas disposições, em todo o seu amor para com os homens".

Que mundo inesgotável de maravilhas não foi constituído por esta reciprocidade silenciosa e tão amante entre o Coração de Jesus e o coração de Maria; e isto durante os anos de sua vida em Nazaré, durante a vida pública, dolorosa e gloriosa do Redentor!

Que irradiação entre êstes dois corações!... Como se irradiam, se penetram e se unificam no amor!...

Mas esta correspondência de amor não se limita sòmente a Jesus e a Maria!

Êstes dois amôres se encontram em nós ao mesmo tempo que estão nêles.

Jesus ama a Maria com um amor soberano: ela é a sua muito amada por excelência; mas além de sua Eva imaculada e santíssima, Jesus tem amor a tôdas as almas que deverão nascer do seu sacrifício.

Para Maria, Jesus é o bem amado por excelência, o único que ama e adora com tudo o que é.

Mas, com êle e nêle, ela ama a tôdas as almas, a quem dá o ver, ouvir e viver.

---

20) Cfr. Ch. Sauvé: op. cit.

Se algumas vêzes dizemos que Maria ama exclusivamente a Jesus, queremos sòmente com isto significar que, amando-o profunda e integralmente, ama pelo mesmo fato tudo o que é por êle amado.

Sobretudo Maria ama a Jesus em seu corpo místico, e uma por uma destas almas pelas quais o Redentor quer morrer, é amada por Maria, com o mesmo amor com que Jesus a ama.

Entre êstes dois corações há como que uma fusão de amor, não só para se amarem um ao outro, mas para juntamente e com um mesmo amor amarem a todos os homens.

Êle é universal e abrange a humanidade inteira.

Dar-lhe-á Jesus o último traço, tornando-o um amor todo pessoal.

Primeiramente, êste amor abrasará a S. João, e por êle estender-se-á a cada um de nós, para tornar-se verdadeira e perfeitamente maternal.

"O terceiro princípio dêste amor é a palavra onipotente do Salvador que a constituiu nossa mãe, e por êste fato colocou em seu coração o amor mais puro, mais forte e mais intenso que jamais houve".

Pois, por meio desta palavra verdadeiramente criadora, o Salvador fêz nascer no coração de Maria um amor aos homens, semelhante àquele que ela tinha ao seu Jesus.

Nosso Salvador, de certo modo, desviou para nós o amor de sua Mãe.

E quando foi que se deu isto?...

— No alto da cruz...

Pela contemplação das dores, da caridade de seu Filho e da ingratidão dos homens, o amor de Maria se eleva ao mais alto grau de seu poder.

Sem a reserva que lhe impõe a vontade de Deus, vãos seriam os esforços dos homens para impedi-la de arremessar-se sôbre a cruz, prender-se ternamente a Jesus crucificado e imolar-se em companhia do Homem-Deus, cujo coração e cuja imensa caridade mais do que nunca ela conhecia, assim como era conhecedora do mérito que se adquire amando-o.

Ora, neste momento, o coração de Maria, enternecido, atormentado, abrasado de amor, não sabe senão amar.

E' neste momento que a sua alma é como que prêsa das mais doces emoções, das mais ternas afeições, dos mais violentos transportes.

E' neste momento que Jesus a surpreende, alcança-a, e a detém, obrigando-a a desviar para nós êste sentimento de ternura imensa, de amor veemente, de que ela é abrasada por êle, dizendo-lhe:

"Eis aí o vosso filho", o que é a mesma coisa como se êle tivesse dito: Êsse sentimento de amor, tão vivo, tão profundo, tão violento, que vos abrasa inteiramente, deveis dirigi-lo para a minha Igreja e para meus filhos que aqui estão representados por São João. Cedo-lhes o meu lugar e quero que os guardeis como a mim o fizestes, vosso filho único e verdadeiro.

Depois disso, quem compreenderá a ânsia, a ternura, a veemência e os transportes dêste amor que brotaram do Coração de Jesus neste momento em que o Homem-Deus ia morrer por nós?...

Quem nos dirá as maternais solicitudes de Maria, o zêlo ardente que ela nutre por nossa salvação, a felicidade que ela frui ao ver-nos fervorosos e piedosos?...

Meditemos às vêzes êstes três princípios tão sólidos e tão excitantes ao amor.

A união de Maria à divindade — e à humanidade de Jesus — e a sua união ao sacrifício do Redentor — que a estabeleceu Mãe dos homens e Mãe por amor!

VIII

Os caracteres do amor de Maria para conosco[21]

"Deus havia decretado, diz Santo Afonso de Ligório, que um coração de mãe seria a fonte da salvação, não de uma alma sòmente, mas de tôdas as almas".

Êste coração de mãe devia ser, pois, a obra de predileção e complacência do próprio Deus, pois nêle o Altíssimo devia acumular todos os tesouros e ternuras que a elevariam acima de tudo o que a beleza possui de mais atraente e mais forte.

O amor das mães não é mais do que uma imagem pálida e longínqua do amor de Deus.

O amor de Maria, porém, é uma semelhança real do amor do Pai e do amor de Jesus, pois representa-os pela sua própria natureza.

21) Cfr. Ch. Sauvé: op. cit.

E não é sòmente por criação que o Pai e o Espírito Santo produziram êste amor, como êles produzem o amor das mães, mas sim por uma comunicação interna de seu próprio amor.

O amor das mães é, por assim dizer, tirado do nada.

O amor maternal de Maria nasceu de Deus e, como já dissemos, provém da mesma fonte que deu à Virgem o seu filho.

Dêste modo, o amor aos homens participa do amor do Salvador para conosco.

Quem seria capaz de compreender tão tocantes caracteres que êste amor deve a esta divina origem?...

Para entressonhar algo de sua beleza, temos o amor materno, terrestre, como têrmo de comparação, muito imperfeito embora, mas que ao menos, nos pode auxiliar a penetrar nos mistérios do amor de Maria Santíssima para conosco.

Ora, quais são os caracteres do amor de uma mãe ao seu filho?...

Especialmente três: a bondade misericordiosa, a ternura e a fôrça.

O primeiro carater é a *bondade misericordiosa.*

Mais adiante[22] desenvolveremos êste consolador assunto, como fonte de inumeráveis beneficios com que nos mimoseia o coração de nossa mãe...

Aqui mostraremos sòmente esta inclinação para a infância, pois, tratando-se de amor, todos nós somos crianças.

A primeira atitude de uma mãe é enternecer-se e inclinar-se, amorosa, com uma dedicação sem reserva, para a criancinha que vem ao mundo tão desprovida e tão fraca.

Falta-lhe tudo. E' preciso que sua mãe veja e ouça por ela. Não há miséria mais impotente que a sua.

O primeiro caráter de amor maternal de Maria para conosco é ser êle um amor misericordioso.

Na ordem sobrenatural, mais ainda que na ordem natural, precisamos nós, antes de tudo, de comiseração, tanto para as nossas fraquezas, para nossas próprias misérias físicas, quanto e sobretudo para nossas ilusões, nossos erros e pecados.

---

22) Vede cap. XV.

Ora, o amor de Maria é puramente misericordioso, porque sua maternidade não vem castigar, mas sòmente santificar e consolar.

E não há miséria que ela não queira socorrer e curar.

Se ela sente compaixão à vista de qualquer imperfeição dos justos, muito mais viva ainda é a sua comiseração para o horrível estado dos pecadores.

"O' Virgem bendita, exclama Santo Afonso de Ligório, por vós encheu-se o céu, por vós muitos evitaram o inferno; por vós ainda foram reparadas as ruínas da Jerusalém celeste e a vida espiritual dada aos desafortunados que a esperam".[23]

Depois da compaixão, o que domina no amor de Maria é a *ternura.*

Chama-se ternura esta sensibilidade delicada, esta atenção extremosa, graças à qual as menores alegrias do objeto amado nos deslumbram, seus mais leves sofrimentos nos contristam profundamente, suas ingratidões nos transpassam de dor.

Tudo isto se encontra no coração materno, e em um grau imensamente superior se encontra no coração de Maria, pois, para compreendermos a ternura dêste coração, é preciso elevar-nos à ternura infinita de Deus.

Com efeito, por sua maternidade, a incomparável Virgem participa da ternura infinita do Altíssimo.

Em seu coração, tanto quanto é possível em uma criatura, revive a ternura perfeita de Deus, a quem interessam perfeitamente todos os nossos bens.

À comiseração e à ternura o amor materno alia a *fôrça.*

A fôrça do amor materno é verdadeiramente maravilhosa.

Não sòmente a águia, o tigre ou o leão são prodígios de energia, quando ameaçados os seus filhotes, mas também uma mãe sabe afrontar os maiores perigos e a própria morte por seus filhos.

Entretanto, embora seja o amor materno o mais forte, mau grado as suas energias, êle também é fraco!

Mas em Maria encontra-se não só a fôrça amante, mas ainda o poder do amor materno.

---

23) S. Ligório: Glórias de Maria.

O amor de Maria transborda de um amor materno onipotente que Deus tirou de seu próprio coração e com que enriqueceu o coração de sua Mãe.

E o que há de mais sublime neste amor é que êle se dá sem reserva a todos e a cada um em particular.

A cada um de nós Deus ama em particular, como se sòmente a nós tivesse que amar.

Ora, o amor de Maria é uma comunicação, uma derivação à parte e única do amor paternal de Deus.

E pelo fato dêste amor maternal de Maria não ser simplesmente um amor criado, mas antes uma comunicação do amor do Padre eterno e do Espírito Santo, êle é antes de tudo sobrenatural e pode aplicar-se a cada um de seus filhos: êle nos segue sem cessar, por tôda parte, em todos os perigos, em tôdas as nossas provações e trabalhos.

E conservando êste caráter todo particular e individual, o amor de Maria, semelhante ao amor do nosso Pai celeste, estende-se a todos os homens, abrange em um só devotamento a todos os seus filhos, sem reserva alguma, pois seus filhos são a humanidade inteira.

Na mais perfeita visão beatifica, ela vê os seus sofrimentos, seus perigos e suas chagas.

Oh! não deveria êste amor de nossa admirável Mãe para com os homens em geral ser um objeto de delícias?...

Como não concluir que o coração de Maria, sob o abrasamento do amor materno, ama a cada um de nós em particular e de um modo inefável, sabendo-se que êle, segundo a palavra de Santo Afonso, foi feito expressamente para nos amar, como o foi para amar a Jesus, e que sempre foi plenamente fiel a esta predestinação que constitui tôda a razão do seu ser?...

Oh! repitamos sempre: Maria nos ama com um amor maternal, com o amor mais delicado, mais terno, mais devotado e mais misericordioso.

Que ao pensamento desta grande verdade possa despertar e inflamar-se o nosso amor filial e que em nós o amor de Maria domine todo amor criado, para que os nossos corações se apeguem a esta inefável beleza, sempre antiga e sempre nova, que é o coração de uma mãe, a gloriosa Mãe de Deus e dos homens.

CAPÍTULO XII

A BELEZA DO ESPÍRITO E DO CORPO DE MARIA

Maria sobrepujava em beleza todos os sêres visíveis. E assim devia ser, pois ela fôra destinada a tornar-se o Tabernáculo vivo daquele que o universo inteiro é incapaz e indigno de conter.

(S. J. Crisóstomo: Op. imperf.)

I

O espírito de Maria

Uma das condições da beleza perfeita, da beleza ideal, é a relação e a proporção exata entre as diferentes faculdades do homem, entre o seu corpo e sua alma.

Em Maria admiramos uma alma ornada de tôdas as virtudes e um coração transbordante do mais profundo amor.

Resta-nos ver o espírito da Virgem, o espírito mais nobre e mais admirável que jamais houve, depois de Jesus Cristo: inteligência ornada dos conhecimentos mais variados e mais profundos.

Primeiramente, consideremos estas maravilhas interiores; em seguida, contemplaremos, por um instante, a beleza corporal de Maria: beleza única, aliás, pois era o reflexo de uma alma, de um coração e de um espírito acima de tudo o que podemos imaginar.

São João Damasceno, no seu primeiro sermão sôbre a natividade da bem-aventurada Virgem, chama-a "a boa graça da natureza humana".

S. Jorge de Nicomédia exclama: "O' mais bela e mais agradável de tôdas as belezas! — O' Virgem santa, ornamento inigualável de tôda beleza!"[1]

Ricardo de S. Vitor louva-a, dizendo que "seu rosto é tão angélico quanto a sua alma".

Confirma-o S. Gregório Nazianzeno, dizendo que "em matéria de beleza ela ultrapassa a todos os outros sêres".[2]

Outro tanto a seu respeito proclamam todos os doutôres, enobrecendo-a até, pois dentre êles muitos che-

1) Serm. de Oblat. B. Virg. 2) Tragédia de Cristo paciente.

gam a dizer que, ao se reunir à sua alma para ser elevado ao céu, o seu corpo era tão belo e tão proporcionado, que não foi necessário corrigi-lo ou reformá-lo, como todos os outros, mas, no estado em que se achava, foi capaz de receber as riquezas da glória e ser revestido da veste da imortalidade.

Mas se seu corpo era dotado de tal beleza, qual não era a perfeição de seu espírito?...

Seu corpo tão perfeito, único em sua espécie, era digno de um espírito elevado, nobre e transcendente.

Encontramos razões poderosíssimas sôbre a necessidade de um espírito elevado em Maria, na eleição, no ministério e na ação que a bendita Virgem devia exercer, segundo os desígnios de Deus.[3]

Como mais tarde Madalena, antes que ela fizesse a escolha da melhor parte, que é o retiro e a contemplação, o próprio céu havia-a escolhido para êste fim, destinando-a às obras da mais sublime contemplação que espírito algum jamais havia praticado.

Além do que nos ensinam os santos doutôres, não podemos duvidar, desde que cremos ser ela a Mãe de Deus.

Disto é preciso deduzir que, pela santificação e pela sua imaculada Conceição, Deus lhe deu todos os conhecimentos intelectuais, conformes ao seu estado, e por isso ela devia chegar a êste grau eminente de contemplação no qual possuía um conhecimento excelso de si mesma, das criaturas intelectuais, dos mistérios ocultos e das ações morais.

As revelações da divina Mãe foram quase contínuas e também as mais elevadas que tem havido, revelações pelas quais Santo André de Creta a chama: "fonte de revelações divinas, que não pode ser esgotada".[4]

S. Lourenço Justiniano diz que "elas deviam ultrapassar às revelações de todos os santos, tanto quanto maior havia sido o número de graças que ela havia recebido, e que estava acima das graças que aos santos deviam ser comunicadas".[5]

Ora, é certo que elas requerem um espírito claro, penetrante, firme e elevado acima de tudo o que nós po-

3) Cfr. P. Poire: A tríplice coroa. 5ª estrêla, cap. VI.
4) Sermo de Assumpt.
5) Serm. 5 de Nativit.

demos imaginar na mais alta elevação de nosso espírito.

Secundàriamente, era destinada a fazer companhia ao Filho de Deus, em que estavam ocultos "todos os tesouros da sabedoria e da ciência de Deus", como diz S. Paulo.

Daqui se pode dizer que se não tivesse havido alguma relação ou proporção entre êstes dois espíritos, chegar-se-ia à conclusão de que a condição de Nosso Senhor tenha sido desvantajosa, por ter êle muito tempo necessitado de uma companhia e de uma convivência proporcionada à sua grandeza, e de que a Santíssima Virgem tenha sido até digna de compaixão, desprovida da capacidade necessária quanto à inteligência dos admiráveis segredos que sem cessar êle lhe revelava e que um dia ela deveria comunicar aos discípulos.

Eis mais um terceiro ofício da Mãe de Deus que lhe merecia o dom de um espírito elevado: a sua qualidade de soberana da Igreja: "Ela havia sido proposta aos apóstolos e discípulos do Salvador, diz muito bem Santo Anselmo, para repetir-lhes e explicar-lhes o que êle lhes havia ensinado, e o que o Espírito Santo lhes revelava e que evidentemente ela compreendia melhor do que êles".[6]

Eis por que os santos a chamam "a mestra dos apóstolos" e Santo Inácio "a mestra de nossa religião".[7]

Como poderia ela preencher esta missão tão importante para com a Igreja, se não tivesse recebido de Deus um espírito sublime?

Sustentá-lo seria dizer que se pode voar sem ter asas, ver sem olhos e ouvir sem ouvidos.

Finalmente, consideremos os atos de heróicas e extraordinárias virtudes que ela devia praticar.

Êstes atos são singularmente avantajados e mais facilitados aos espíritos dotados de uma inteligência viva, como se verifica entre os maiores doutôres da Igreja. Êles aliaram ao seu eminente espírito e à sua sã doutrina uma virtude não menos extraordinária e imensamente acima daquela que é comum aos homens.

"Livre de tudo o que é criado, diz a venerável Joana de Matel, o espírito de Maria se achava sempre pronto a corresponder-lhe.

---

6) Lib. 2 de excell. Virg. c. 7.
7) Epist. I.

Era uma mesma carne com o Verbo encarnado, como era um mesmo espírito com a Santíssima Trindade.

Ela se unia a Deus de todo o seu coração e de tôda a sua alma, pois nela e em seu seio bendito o Verbo divino havia tomado a sua humanidade santíssima".

Digamos, pois, sem receio que Maria, tão magnificamente dotada, em relação ao espírito como quanto ao coração, estava certamente em estado de corresponder aos desígnios adoráveis do Altíssimo, quando foi chamada por Deus à dignidade de Mãe de Deus, criatura privilegiada, prodígio do seu poder, de sua sabedoria e de seu amor.

Quem jamais poderia avaliar os transportes inefáveis de amor e reconhecimento que fizeram pulsar de alegria o coração da Virgem, na hora em que a sua alma, contemplando-se a si mesma, considerou o poder e a profundeza de espírito com que a bondade infinita se comprouve em orná-la!

E nós poderíamos ficar insensíveis a êste espetáculo?...

II

Os conhecimentos de Maria[8]

Bem se pode compreender que um espírito lúcido e elevado como o de Maria deve ter sido dotado dos mais variados e mais extensos conhecimentos.

Entretanto, penetremos melhor neste assunto e vejamos quais eram exatamente êsses conhecimentos.

Distingue-se o conhecimento natural adquirido pelas luzes da razão, e conhecimento sobrenatural que nos dão as luzes da revelação e da fé.

Os conhecimentos naturais são: ou *infusos por si mesmos,* quando é impossível ao homem adquiri-los, embora não ultrapassem a ordem da natureza; ou então, são *infusos por acidente,* quando Deus os dá, embora possamos também adquiri-los; ou ainda *conhecimentos experimentais,* para os quais é necessária a experiência.

Estas três espécies de ciências naturais se acham reunidas na humanidade do Salvador. Mas encontrar-se-iam elas também reunidas em Maria?... E em que grau?...

---

8) Cfr. Petitalot: Maria segundo a teologia, t. II.

Não podemos decidir a controvérsia levantada sôbre esta dupla questão, mas podemos, ao menos, expor as duas asserções seguintes, admitidas por Suarez e pelos teólogos de sua escola.

1. Está fora de dúvida que a Mãe de Deus devia receber, por infusão divina, o pleno conhecimento das ciências naturais, para possuir sempre um proceder prudente, e ter uma inteligência perfeita a respeito das Escrituras e dos mistérios da fé.

2. Maria possuiu conhecimentos, até naturais, mais profundos e variados do que qualquer outra criatura humana, porque tinha funções mais nobres e em que eram úteis estas luzes.

Mas nem o seu cargo, nem a sua dignidade, nem a sua glória parecem ter exigido um conhecimento universal de tôdas as artes mecânicas, de tôdas as ciências práticas ou especulativas.

De fato, várias dentre estas ciências não lhe teriam sido de nenhuma utilidade, e, por conseguinte, poderiam ter-lhe faltado.

Eis a opinião geralmente seguida. Abalizados autores, apoiando-se sôbre o fato de não se poder negar a Maria nenhuma qualidade da natureza ou da graça, conveniente à maternidade divina, dizem que ela foi dotada de tôdas as ciências conhecidas pelos anjos e homens, de tôdas as luzes proporcionadas a Jesus Cristo como homem, e, por conseguinte, que ela recebeu uma ciência infusa universal, a ponto de conhecer tudo o que diz respeito aos espíritos e aos corpos, e de possuir tôdas as luzes matemáticas, físicas e até mecânicas.

Entretanto, pode-se perguntar, com razão, se esta vasta enciclopédia de tôdas as ciências e de tôdas as artes tinha alguma utilidade para Maria, se convinha às suas funções, se era um elemento de santidade ou era de utilidade para o seu sublime ofício.

Poderia uma ciência universal da criação servir para realçar o seu mérito e sua glória durante a sua vida mortal?...

E' o que não se vê claramente.

A sabedoria de Maria Santíssima era tão perfeita, o seu juízo tão são, sua razão tão reta, que nunca em sua inteligência se insinuou um só êrro, que se pudesse

chamar defeito; nunca um juízo mal fundado, e, sobretudo, nunca um desejo desregrado.

Ela não sabia tudo, mas sabia sempre o que lhe convinha saber; ela podia aprender, sem ter sido ignorante.

"A lua, diz S. Bernardo, é o emblema de uma razão inconstante e de um juízo mutável e confuso. Colocamo-la sob os pés desta prudentíssima Virgem, cuja vista sempre clara e límpida nunca foi obscurecida pelas nuvens do êrro".

Esta luz racional, isentada de qualquer imperfeição, foi-lhe dada por Deus, para auxiliar as operações de sua inteligência na ordem sobrenatural.

Quanto às luzes sobrenaturais de Maria, compreende-se que elas ultrapassam a tudo que foi outorgado às demais criaturas.

Desde sua concepção imaculada, ela recebeu, pela fé, como os anjos e Adão, conhecimento explícito do mistério da Santíssima Trindade. Ela conheceu também, como êles e melhor até do que êles, o mistério da encarnação quanto à sua substância.

O ensino de diversos doutôres vem cada vez mais realçar êste conhecimento já tão sublime.

O Espírito Santo foi o seu mestre e lhe comunicou o primeiro conhecimento dos mistérios e dos dons que devia conferir às almas.

Que, pois, não deve ter aprendido a Virgem na escola de um tal preceptor?... Quantas luzes não deve ter feito resplender o coração e o espírito de sua Bem-Amada!...

Maria Santíssima foi instruída também pelos anjos, sobretudo pelo arcanjo Gabriel, antes da concepção de seu Filho.

Segundo o parecer de S. Bernardo, Maria Santíssima tivera colóquios com os anjos no templo.

E, com mais razão ainda, com que complacência não se entretiveram com ela os anjos, quando se tornou Mãe de Deus feito homem?

Mas o grande meio de que Deus se serviu para cumular das mais vivas luzes a alma de sua Mãe, foram as revelações especiais que lhe fêz, fora a visão clara com que Deus a favoreceu.

Sem dúvida, Maria não foi favorecida da visão clara e intuitiva da divindade de um modo permanente; pode-

se, porém, supôr que Maria a gozasse de tempos em tempos.

Ao menos, esta é a opinião de Santo Antonino, Santo Alberto Magno, S. Bernardino de Sena, Gerson, Salazar, S. Pedro Canísio, Vega, Suarez, de Rhodes, Santa Brígida, Maria d'Agreda, etc.

Compreende-se que estas autoridades estão longe de serem desprezíveis; citemos simplesmente o raciocínio de Suarez.

Segundo um provável sentimento, diz êle, S. Paulo e Moisés, revestidos de seus corpos mortais, teriam gozado da visão beatífica. Ora, o que é provável, tratando-se déstes ilustres amigos de Deus, não seria mais provável e admissível ao se tratar de Maria, Mãe de Deus, à qual é impossível recusar um privilégio de graça, concedido a uma outra criatura?...

Confesso, diz ainda o mesmo teólogo, que me parece mais provável que nem S. Paulo nem Moisés viram intuitivamente na terra a divina essência.

Sem negar-lhes, porém, êste favor, sou levado a crer que êle foi concedido mais de uma vez à bem-aventurada Virgem, por exemplo, no dia da encarnação e do nascimento do Cristo, em razão da dignidade incomparável da maternidade divina, à qual ela havia sido elevada, ou ainda no dia da ressurreição, em recompensa da excessiva dor que lhe dilacerou a alma, durante a paixão segundo a disposição da divina sabedoria.

A esta visão beatífica juntavam-se ainda as revelações pròpriamente ditas, e, além disso, colóquios com o Verbo encarnado.

A visão beatífica é também uma revelação feita no Verbo, e não é outra coisa do que a visão intuitiva dos bem-aventurados no céu.

Acabamos de dizer o que os santos pensam a respeito dêste dom de Deus em Maria.

Quanto às revelações, por conhecimento abstrativo, Maria foi delas dotada em um grau único.

Disto não se pode duvidar.

Êste benefício das revelações, indício do amor divino, penhor precioso de familiaridade com Deus, foi, desde todos os tempos, a partilha das almas eminentemente santas, sobretudo das virgens e das contemplativas.

Quem ousaria crer que a Virgem Maria tenha sido menos favorecida?

Temos já indicado, segundo os santos padres, os seus misteriosos colóquios com os anjos, no templo de Jerusalém.

Por ocasião da concepção do Verbo encarnado, ela recebeu dos lábios do arcanjo S. Gabriel esta magnífica revelação, transmitida por S. Lucas, e neste momento, diz Santo Anselmo, ela conheceu, por uma revelação certa, que era predestinada ao céu, e que o seu trono estaria acima de todos os coros de anjos.

Depois da encarnação, entre outras revelações, que nos são desconhecidas, pode-se imaginar que o sentir geral dos autores é que Maria recebeu a primeira aparição de Jesus ressuscitado, que ela o viu várias vêzes em sua glória e que, mesmo depois da ascensão, êle não deixaria de visitá-la muitas vêzes, e de instruí-la acêrca dos mais profundos mistérios.

Eis alguns dos principais conhecimentos que ornaram esta inteligência sem par na terra.

Quando entre os homens aparece um homem, cuja fronte se cinge da auréola do gênio, e cujos atos denotam uma inteligência perspicaz e superior, os homens de valor a êle se dirigem, e então constitui uma escola, e torna-se um guia nas sendas árduas do dever e não se saciam de ouvir esta voz, cujos acentos parecem ser o eco de um mundo maior e mais elevado.

E Maria, a incomparável, a inefável Maria, com a sua inteligência tão sublime e — perdoem-me a expressão — com o gênio tão luminoso quanto era santa a sua alma e amante o seu coração, Maria, cuja fronte é cingida de todos os conhecimentos e de tôdas as glórias, não seria também um centro de atração, um guia, uma luz, enfim?...

O' Maria, ante tanta beleza, diante de faculdades tão divinamente iluminadas, eu me prostro, admiro, sinto o meu coração abrasar-se e amar-vos como o único objeto, depois de Jesus, que possa fixar as minhas afeições e possuir o meu coração!

III

A chave dos corações

A verdadeira beleza — já o dissemos no inicio dêste quarto motivo — é a beleza da alma, é a virtude.

Ora, a virtude é o verdadeiro e o bom; portanto, fora dela, tudo é mentira ou êrro.

E' verdade que a beleza da alma, do coração e do espírito é uma qualidade abstrata, que não cai diretamente sob os nossos sentidos; por conseguinte, ela nos impressiona menos que uma qualidade exterior ou mais tangível.

Nada há comparável com o homem interior, o contemplativo, que penetra até à alma, e se deixa encantar e cativar pelo intimo.

O comum dos homens ignora demais o gôzo destas belezas e permanece demais na superfície, não se deixando impressionar senão pelo que podem perceber, donde se segue que a beleza exterior se torna *"a chave dos corações"*.

E Deus, que quis fazer de Maria uma "arrebatadora dos corações", como diz S. Bernardo, devia dar-lhe ainda êste encanto, êste atrativo, a fim de que todos os corações se abrissem à sua presença e se sentissem cativos desta pura e inefável beleza.

Se, entre nós, tôda alma verdadeiramente grande aparece, por assim dizer, sôbre o rosto e lhe transfigura os traços; se, à medida que nos tornamos mais perfeitos, se reflete sôbre a nossa fronte uma beleza sobrenatural que comove, que não deveria ser desta fisionomia em que apareceu a alma mais nobre que houve depois de Jesus Cristo; o que não deveria ter sido êste olhar em que brilhavam a majestade na humildade e a doçura na fôrça; o que não deveriam ter sido êstes lábios em que se ostentavam a bondade e a mais condescendente benevolência?...

Inteligência profunda, coração incomparável, espírito superior e tudo o que encerra a beleza moral, aliado ao que a beleza física tem de mais expressivo e mais atraente, não era êste o apanágio e auréola sagrada da pura e imaculada Mãe de Jesus?...

Sim, havia harmonia perfeita entre as luminosas perfeições interiores e sua expressão visível no exterior.

E teria faltado qualquer coisa à excessiva nobreza de nossa Rainha, se os seus membros não tivessem possuí-

do o encanto exterior pelo qual os homens se deixam vencer fàcilmente, e se não tivesse tido, para chegar aos corações, esta chave mágica que lhe dá tão fàcilmente acesso?...

Como é bela a alma imaculada de Maria, passando através do corpo, irradiando-se nos traços de seu rosto, como um raio de sol através da folhagem das árvores, pois Deus, na sua industriosa sabedoria, quis que a nossa carne, por vil e grosseira que seja, tivesse, entretanto, esta glória de se deixar penetrar pelo espírito. Ela não é o invólucro opaco de uma luz absolutamente oculta, mas, trabalhada por Deus, ela se espiritualiza e se esvazia e se torna diáfana.

Nela Deus prepara aberturas secretas pelas quais a alma vem à luz. Com que alegria nós saudamos sôbre um rosto amado esta aparição da alma! Da alma, digo, que se revela tão terna e luminosa no olhar, tão casta e pensativa nos contornos da face, tão compassiva e carinhosa num não sei quê de seus lábios, tão graciosa no sorriso, tão indefinidamente misteriosa neste conjunto que chamamos "a expressão".

A expressão: isto é, a alma, o coração e o espírito vistos através de um véu e se desembaraçando dêste véu incômodo para irradiá-la até ao âmago dos corações, para aí levar o seu reflexo e gravar a sua imagem.

Oh! sim, esta beleza era a vossa, ó encantadora Mãe. Tudo o que havia em vosso coração de amor puríssimo, de bondade, de generosidade, de heroísmo, de resignação, de piedade e de caridade para com os homens, se devia reunir em um único facho de viva luz; e qual não devia ser o brilho desta luz inefável, manifestando-se no seu olhar e aflorando aos seus lábios?...

Quem tentará dizê-lo? Já é muito imaginá-lo.

Sem o querer e quase a meu pesar vem ao espírito um pensamento e, se não houvesse dissonância entre o nome do autor e o assunto de que tratamos, quereria colocá-lo: é de Platão.

Há uma simpatia íntima, diz êste filósofo, entre a pureza, a verdade e a beleza; o que é mais puro é essencialmente o mais verdadeiro e o mais belo.

Não é isso um resumo da beleza de Maria?

Que pureza encontramos nós na Virgem e, portanto, que beleza!

Sua beleza era mais divina que humana.

Os sentimentos que ela inspirava às almas deviam ser celestes.

Ela tinha a virtude por beleza.

O grande S. Dionísio Areopagita, tendo estado à presença da Santíssima Virgem, ficou de tal modo deslumbrado pelo esplendor da beleza e da majestade que resplandeciam de seu rosto, que caiu por terra.

Tendo, em seguida, voltado a si, alegou que, se S. Paulo não lhe tivesse ensinado um outro Deus e que se a fé não o tivesse feito já adorar, êle teria crido firmemente que a divindade não podia ter escolhido outra sede na terra do que a fisionomia desta santa soberana.

A respeito desta consideração, exclama Santo Anselmo: "O' Virgem santa, vossa beleza é tão rara que se diria não terdes sido criada, senão para deslumbrar os corações daqueles que contempláveis. O' Virgem admirável e admiràvelmente única!"[9]

"À exceção de Deus, já antes dêle dizia Santo Epifânio, ela sobrepuja todo o resto em beleza. Ela está acima dos querubins e dos serafins e foi ornada da mais perfeita beleza".

S. Bernardo vai ainda além e diz que "a beleza da Santíssima Virgem, tanto da alma como do corpo, é tão grande, que chegou a cativar a afeição do Rei da glória".[10]

Santo Agostinho, enfim, exclama com admiração: "O' Maria, depois do celeste Espôso, sois tôda beleza e tôda agradável, tôda glória, sem mácula, ornada de tôda beleza e enriquecida de tôda santidade".[11]

Que poderíamos acrescentar a tais encômios?...

"Pode-se, pois, sem mêdo de errar, como diz o Pe. Berthier, reconhecer-lhe todos os dons da natureza, que Deus concedeu a tôdas as criaturas, pois não se pode crer nem é piedoso pensar que o Senhor, que é tão liberal em seus dons para com os mais ínfimos sêres, se tenha mostrado avaro para com a sua divina Mãe".[12]

Portanto, ela era bela, possuindo todos os encantos da natureza e da graça. Tudo o proclama!

Aliás, tôdas aquelas criaturas que a figuraram na Bíblia eram amáveis e fortes. Ela própria devia ser o sím-

9) Liber. Orationum.
10) Serm. de S. Deip.
11) Serm. de Incarnat. Christi.
12) A Virgem Maria.

bolo de todos os encantos e de todos os esplendores da virgindade, da humildade e da fôrça.

Necessário foi, pois, que houvesse razões bastante poderosas, para que a beleza de sua alma não fôsse de modo algum visível em seus traços e que um organismo estiolado servisse de suporte a estas energias sobrenaturais.

"Não há dúvida alguma, diz Santo Alberto Magno, que, assim como o seu divino Filho era o mais belo dos filhos dos homens, Maria tenha sido a mais bela das filhas de Eva. Ela era dotada de tôda a beleza de que é suscetível um corpo mortal".

Os santos padres e os doutôres são como inesgotáveis, ao falarem de Maria. Aliás, o Espírito Santo resumiu-os todos, ou, antes, êles todos não são mais que o eco longínquo da palavra do Espírito Santo: *"Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te.* Sois tôda bela, ó minha muito amada, e em vós não há mácula alguma".

A beleza, já o dissemos, é a chave dos corações

Oh! possa a celestial beleza da Virgem Maria fazer impressão sôbre o nosso coração, abri-lo todo à dedicação e à inteira veemência de amor que deve suscitar a sua beleza e a sua graça: *"Specie tua, et pulchritudine tua, intende, prospere procede, et regna!"*

"Pelo aspecto de vossa beleza, ó Virgem Santíssima, vinde e reinai sôbre nós!"

IV

O retrato de Maria

Traçar o retrato da Virgem Maria — não seria isso uma temeridade sem nome?...

Como poderemos reproduzir a celeste fisionomia daquela que excede a tôda beleza que se possa imaginar?...

Um dia, num arrôjo de seu gênio, Fra Angélico quis representar-lhe na tela os traços incomparáveis.

Êle tentou pintar a *Anunciação.*

O ideal cintilava ante o seu espírito, mas, na impossibilidade de reproduzi-lo, foi lançar-se aos pés de sua doce Mãe, e esta, tocada pelas lágrimas do seu filho amoroso, fêz acabar pelos anjos o quadro começado.

O' doce e terna Mãe, assim como a Fra Angélico, vinde também esboçar o quadro de vossa beleza, para que vossa fisionomia de Virgem e de Mãe atraia os corações e em tôdas as almas avivente a chama ardente do amor.

Nenhum retrato, nenhuma descrição completa nos transmitiu ainda a fisionomia da Santíssima Virgem. Mas nos escritos dos primeiros doutôres e de quase todos os santos se encontram palavras autorizadas que, confrontadas entre si, permitir-nos-ão entrever algo dêste doce e simpático semblante de nossa Mãe.

Santo Epifânio diz que Maria tinha uma estatura um pouco acima da mediana.[13] A sua face, de forma oval, era de notável fineza e de perfeita simetria em seus traços.

S. Nicéforo compara a côr do seu rosto ao frescor do trigo sazonado, apresentando, assim, uma côr róseo-pálida.[14] Os seus dedos eram longos, e tudo em sua pessoa era bem proporcionado e repleto de uma gravidade tão doce e atraente, que nada se podia comparar com sua beleza.

As telas atribuídas a S. Lucas, e que datam incontestàvelmente dos primeiros tempos do cristianismo, dão-lhe sempre um colorido de uma notável pureza. Nelas a fronte é elevada, lisa e alva; as sobrancelhas bastante louras e suavemente arqueadas.[15]

Santo Epifânio e S. Nicéforo, nas expressões que empregaram para indicar a côr dos olhos, indicam o azul-pálido. Os mesmos autores assinalam ainda a doçura e irresistível atração do seu olhar.

Estas representações indicam-na ainda tendo o nariz e a bôca moderadamente delicados, os lábios de róseo carregado, as faces coloridas e o maxilar suavemente arredondado.

Segundo Santo Epifânio, S. Nicéforo e S. Gregório Nazianzeno, a sua cabeleira era loura, e êles acrescentam que Maria deixava os seus cabelos flutuarem livremente sôbre os ombros.

As suas vestes, como as que ainda hoje costumam usar as mulheres da Palestina, eram: a túnica de lã branca ou ligeiramente azulada, cinto de estôfo simples,

13) De laudib. Virg. I.
14) Lib. 2 Hist., c. XXIII.
15) Cedrenus: Comp. hist.

enrolado, véu branco, cobrindo-lhe a fronte, flutuando sôbre os ombros e descendo até ao solo.

Um cuidadoso asseio fazia sobressair-lhe as vestes mais comuns e lhes dava uma singular graça.

Não menos se distinguia a humilde Virgem em suas maneiras e em suas conversações.

Modesto e circunspeto era o seu porte, graves os seus passos e sem pretensões; o seu olhar era doce, firme e límpido e a sua voz afável e atenciosa.

Um ligeiro e simpático sorriso, testemunho de sua bondade, aflorava-lhe aos lábios. O seu exterior, irradiando benevolência e candura, inspirava a virtude. A sua presença parecia santificar o ambiente e as pessoas nas quais podia irradiar-se a sua beleza, de tal modo que, ao seu aspecto, todos os vãos pensamentos da terra se afastavam, como desaparece o orvalho ao raiar do sol matinal.

As suas palavras eram sempre comedidas, quanto a sua conversação era calma e nobre, excitando ao bem e à virtude.

Todos aquêles que tinham a felicidade de se entreter com ela não podiam admirar bastante o esplendor de suas perfeições e de suas inumeráveis graças.

O mais belo dos elogios que se lhe pode dirigir está nesta observação de Nicéforo: "Onde acabava a natureza começava a graça, e o mais elevado grau de beleza que possa ter existido em uma simples criatura era apenas o primeiro grau da graça, pois lhe estava reservado completar esta obra-prima.

Dêste modo brilhava um quê de divino em suas ações[16] e a santidade com que Deus cumulara a sua alma, transparecia nos seus gestos, em suas palavras, em seu olhar e em todos os seus movimentos.[17]

A modéstia brilhava sôbre sua fronte, a doçura em seus olhos, o pudor em suas faces, a virgindade na alvura nívea de seu colo, de modo que tôdas as virtudes haviam nela encontrado a sua sede.

"Ela era unigênita de seu pai e de sua mãe, que era estéril, diz S. Pedro Crisólogo, para que nós soubéssemos

16) Niceph. In rebus ejus omnibus, multa divinitus inerat gratia (Hist. Eccl. Lib. 2, c. XXIII).

17) Henric. de Hassia, apud Barrad. Comentário do Evangelho. Lib. 6, c. 9.

que era menos uma obra da natureza do que uma obra-prima da graça e uma maravilha da mão do Onipotente".

Em uma palavra, os dons da natureza e da graça, que nela resplandeciam, tornaram-na tão divinamente bela, que teria sido até considerada como sendo uma divindade, se a fé não nos tivesse ensinado que ela era uma simples criatura, transfigurada pela graça.

Considerando tanta beleza, exclama, abismado, S. João Damasceno: "Eu vos saúdo, ó Virgem dulcíssima; a vossa graça extasia e cativa a minha alma.

Como descrever a nobreza de vossos traços?... Como exprimir a simplicidade de vossos adornos?... Como reavivar um dos mais débeis raios de vossa beleza?...

A majestade que ilumina tôda a vossa pessoa é igualmente realçada e atenuada pela doçura de vosso olhar. Os vossos colóquios desalteram e trazem ânimo como tudo o que brota de um coração amante".[18]

Aliás, convinha à Santissima Virgem possuir tão excelente beleza, como já o dissemos, pois ela devia comunicar ao seu divino Filho, não sòmente a natureza corporal, mas também os traços do seu semblante, e isto de um modo muito mais inefável do que o fazem as outras mães a seus filhos, porque só ela devia cooperar para a formação do corpo de seu Filho.[19]

V

O esbôço de Maria pelos santos padres

Não é de admirar, depois do que se acaba de dizer, que os santos padres, unânimemente, chamam a Santíssima Virgem:

— "A obra-prima da beleza, modelada pela mão do Onipotente, sôbre um modêlo divino".

— "Rosa primaveril de poderosa beleza".

— "A obra-prima da natureza, modelada pela mão do próprio Deus, com arte infinita".

— "O espelho da verdadeira beleza".

— "O ornamento da beleza em si mesma".

— "A obra que é sobrepujada só por aquêle que a fêz".

— "O corpo da bem-aventurada Virgem Maria, diz Santo Antonino, era de uma perfeição absoluta e de uma forma irrepreensivel".

---

18) Orat. I de Nat. Virg. II. 19) Aug. Nicolas: op. cit.

— "Era dotada, diz S. João Crisóstomo, de uma beleza que sobrepujava e que devia sobrepujar todos os atrativos dêste mundo, pois que era destinada a ser morada daquele que o mundo inteiro é indigno de conter".

— "Que mácula ou que imperfeição, diz S. Pedro Damião, teria podido desfigurar um corpo que, como um outro céu, era destinado a ser o augusto santuário da infinita perfeição".

— "E' em vão, acrescenta Gerson, que procuramos descrever a beleza da bem-aventurada Virgem: ela reunia tôdas as belezas repartidas entre as criaturas e em um tal grau de perfeição, que, fora Deus, é impossível imaginar uma beleza mais deslumbrante".

— "E a razão disto é, diz Bossuet, que Deus, formando o corpo de Maria, teve diante do espírito o corpo do próprio Criador".

— "Pois, como dêste corpo imaculado devia ser formado o corpo do Filho de Deus, convinha, disse Santo Antonino, que sobrepujasse em beleza ao de tôdas as outras mulheres".

— "Não se pode duvidar, disse Santo Alberto Magno, que do mesmo modo que o Salvador foi o mais belo entre os filhos dos homens, Maria também não foi excedida em beleza por nenhuma das filhas de Eva. Ela foi, pois, dotada de tôdas as graças naturais de que um corpo mortal é suscetível" .

— "Tal é a perfeição que brilhava em Maria, disse S. Boaventura, que é com justo merecimento que se lhe aplicam estas palavras da Escritura: "Nenhuma mulher lhe é comparável em beleza, em graça e em sabedoria".

— "Jamais, acrescenta o doutor seráfico, jamais aparecerá neste mundo uma beleza semelhante".

— "Sois tôda bela, exclama Santo Agostinho, vossa beleza não conhece mancha, e vossa glória é sem rival. Que digo? não brilhais sòmente acima de tôdas as mulheres da terra por vossos encantos exteriores, mas, pela vossa santidade, ultrapassais os próprios espíritos angélicos".

São Bernardo assim confirma os louvores dados pelos santos padres à bem-aventurada Virgem: "Maria era dotada de uma beleza sem igual, tanto corporal como espiritualmente; é, pois, com razão que S. Jerônimo disse: "Considerai, atentamente, a santa Virgem, e vereis que

não há absolutamente espécie alguma de graça cujo esplendor ela não reflita".

— "Ornada com as pedras preciosas das virtudes, disse ainda S. Bernardo, irradiando um duplo fulgor em seu corpo e em sua alma, a Filha dos reis atraia sôbre si os olhares de tôda côrte celeste; e, por seus divinos atrativos, encantava o coração do grande Rei".

— "Mas, a esta beleza exterior, que encanta e enleva os corações, quando lhes é dado entrever a fugitiva visão, Maria unia incomensuráveis tesouros de graças e de virtudes.

A êste respeito falamos bastante desenvolvidamente nos capitulos precedentes e é inútil repeti-lo: "Ela era cheia de graças, disse Santo Tomás... e sua beleza corporal, por grande que fôsse, era apenas um reflexo longínquo, um eco imperceptível da celestial beleza de sua alma".

— "Ela era bela e perfeita segundo o corpo, disse Santo Antonino, mas sua alma era ainda mais bela".

Para fazer compreender esta inefável união da beleza corporal e do esplendor das mais sublimes virtudes, Gerson personifica estas últimas e lhes faz divinizar, de um certo modo, tôdas as faculdades da Virgem.

A modéstia dirige seu olhar, a inocência se reflete em sua fronte, a doçura expande-se por seus lábios, o amor faz irradiar seu coração, a pureza esparge em seu corpo um irresistivel atrativo de castas delicias...

Entretanto, são representações alegóricas, que não passam de um sumido eco da linguagem do homem e dos encantos de Maria, pois a beleza da Filha do Rei está sobretudo no interior.[20]

Eis quem é Maria; ei-la descrita divinamente, pelos padres e pelos santos: autoridades irrefragáveis, testemunhas que a fé aceita e que o amor saúda com respeito.

Ei-la, como nosso coração procura representá-la: criatura dotada de tôdas as ternuras e enriquecida de tôdas as magnificências divinas.

Qual é a causa de tanta glória e de tanta beleza?...

---

20) Tôdas estas citações foram tiradas de: S. Andr. Cret. Serm. 3 de Dorm. Virg.; S. Bernardo; S. Ant.; B. Alb. Magn.; S. Jorge Nicomed.; S: Petr. Dam.; Summa, p. 4. t. XV, c. 2; S. Pet. Dam.; Tract: 3 Sup. Magn.; Bibl. Mariana Cant. num. 2; Specul. B. Virg. Lect. 6; De Incarnat.; S: Bern. Serm. 2 de B. Virg.; Homil. 2 sup. Missus est.; Summa p. 4. 45, n. 15.

Uma só palavra resume a de Jesus e também resume a de Maria: "Ela era a Mãe de Jesus".

E' dela e nela que foi formada a suprema e inacessível beleza, um Deus à imagem do homem.

Não tenho mais que um brado em face de tais abismos, aquêle que me ditaria meu coração, se a Igreja não o tivesse pôsto em meus lábios: E' um êxtase de amor, é um suspiro de confiança, é, sobretudo, a prece de um coração extasiado:

Super omnes speciosa
Vale, o valde decora!
Et pro nobis Christum exora!

Salve, ó Virgem belíssima, acima de tôdas as criaturas a mais encantadora, rogai por nós a Jesus, vosso Filho!

VI

Ela era muito bela

Para terminar o quadro que os santos padres traçaram da divina Virgem, citemos um artigo de revistas sôbre a beleza da Virgem de Lourdes.[21]

Estas linhas tão deliciosamente inspiradas acabarão de gravar em nós a imagem da mais bela e da mais suave das criaturas, única digna, no meio da humanidade de cativar e possuir nossos corações.

"Ela, a Imaculada, era verdadeiramente bela, vestida com seu traje branco, mais branco que a neve das montanhas, quando o sol vem acariciá-la com seus raios — ornada com um véu de igual brancura, que deixava apenas perceber os cabelos, cobria as espáduas e descia, para trás, até à orla do vestido.

"Ela, a celeste Senhora, era verdadeiramente bela, com a fronte brilhante de serenidade, o rosto cheio de graça e de juventude, com seu rosário de contas imaculadas e corrente de ouro suspensa ao braço direito, e duas brilhantes rosas sôbre seus pés nus, velados quase inteiramente pelas pregas graciosas do vestido.

"Ela era verdadeiramente bela; entretanto, nem trazia anel, nem bracelete, nem colar, nenhum dêsses adereços, desde muito tempo tão caros à vaidade humana.

21) Dom. J. B. Vuillemin.

"Seu único enfeite era o têrço. Sua beleza era uma beleza virginal, angélica, divina beleza vinda de Deus e levando a Deus.

"Ela era verdadeiramente bela, pois a vidente entrava em êxtase desde que a aparição se mostrava a seus olhares.

"O mundo material não existia mais para Bernadete. *Sua alma extasiada era mergulhada na contemplação. Sorrisos inefáveis iluminavam seu rosto, transportes de alegria celeste faziam-na estremecer tôda*" (J. B. Estrade).

A menina de tal modo ficava estranha ao mundo visível, que a chama do cirio podia passar entre os seus dedos sem causar-lhe a menor impressão.

"Ela era verdadeiramente bela, *bela de uma beleza como nunca se viu,* dizia Bernadete; *bela,* penso, *como se é belo no céu",* dizia ainda.

Quando se procuravam na terra pontos de comparação ou quando lhe citavam senhoras notáveis pela distinção e nobreza de traços, ela respondia quase com acento de piedade: *Elas nada são diante dela,* tão considerável lhe parecia a distância.

Um dia, interrogada por uma de suas companheiras sôbre a beleza da aparição, ela não pôde responder, a principio, senão por uma espécie de êxtase, depois, levada a falar, acabou por dizer: "Para se fazer uma idéia precisaria ir ao céu".

Um artista tinha sido escolhido para fazer a estátua de Nossa Senhora de Lourdes. Interroga minuciosamente Bernadete e lhe faz reproduzir a pose, o movimento, os gestos da santa Virgem que arrebataram tantas almas e fizeram derramar tantas lágrimas. Terminada a entrevista, êle não pôde se impedir de exclamar: "Os dados, fornecidos por Bernadete são de um ideal tão puro e tão elevado, que bastam para demonstrar que viu uma beleza do céu".

O artista foi-se embora, penetrado da grandeza de sua missão; escolhe um bloco do mais belo mármore de Carrara, e com sua piedade e seu talento, começa a realizar o ideal que trouxera de Lourdes. Quando terminou a estátua, foi apresentá-la a Bernadete: "Ah! é bela, mas não é ela! A diferença é como a da terra ao céu!"

Tinha razão, mas o artista estava vencido de antemão, pois preciso lhe era reproduzir com meios emprestados à natureza uma beleza acima da natureza.

Até ao seu último suspiro ficou impressa na alma de Bernadete a imagem de Maria imaculada.

Alguns dias antes de sua morte, foi introduzida na enfermaria uma criança de seis ou sete anos.

— Minha Irmã, diz a criança, é certo que vistes a Santíssima Virgem?

— Sim, responde com voz **baixa** a enfêrma.

— E era muito bonita? perguntou ainda a criança.

— Muito bela, responde vivamente Bernadete, e tão bela era que, *"quando alguém a viu uma vez, deseja morrer, para ir vê-la de novo!"*

Morrer para vê-la ainda de novo! — Oh! que doce palavra.

Talvez não possamos ter a felicidade de aplicá-la a nós, mas ao menos podemos aspirar a morrer para vê-la outra vez.

Possa a fisionomia da augusta e imaculada Virgem gravar-se indelèvelmente em nosso coração, como um ideal e como um centro de atração que não permita desviarem-se as nossas atenções e se fixarem sôbre as criaturas, que delas só se apoderariam para as profanar e perder.

Maria, tôda amante, e, deveria dizer, tôda sorridente, será assim um raio de luz em nossas trevas, um bálsamo para as nossas chagas, um repouso em nossas fadigas e um estimulo à virtude.

VII

O sorriso de Maria

Esta lembrança de Maria não pode deixar de nos cativar os corações e elevá-los ao céu. Mas, para tornar ainda mais doce e atraente esta lembrança, imaginemos a Virgem a esboçar êste suave sorriso, que afasta tôda timidez e nos dá a impressão de estarmos tratando com uma mãe, com a mais amante das mães.

A êste respeito recordamos aqui um episódio das aparições de Lourdes. Trata-se do sr. Conde de Bruissard, convertido pelo sorriso da Virgem.

Deixemo-lo narrar o fato.[22]

---

22) **A grinalda de Maria.**

"Estava eu em Cauterets, conta-nos êle, no momento em que se falava tanto das aparições. Não acreditava mais nestas aparições do que na existência de Deus. Era um libertino e, mais do que isto, era um ateu.

Tendo lido em um dos nossos jornais que Bernadete tivera uma aparição, no dia 16 de julho, e que a Virgem lhe sorria, resolvi ir a Lourdes, por curiosidade, e tomar a menina em uma flagrante mentira.

Dirigi-me à casa dos Soubirous, e lá encontrei Bernadete no limiar da habitação, consertando um par de meias pretas. A mim Bernadete pareceu bastante vulgar. Entretanto, o seu aspecto sofredor tinha uma certa doçura.

A meu pedido ela me contou as suas aparições com uma simplicidade e segurança que me impressionaram.

Enfim, disse-lhe eu, como é que esta bela Senhora sorria?...

A jovem pastôra olhou-me com certo espanto e, após um momento de silêncio, assim falou:

— Oh! senhor, para reproduzir êsse sorriso, seria preciso ir até ao céu.

— E não poderíeis vós reproduzi-lo para mim? Sou um incrédulo, e não creio em vossas aparições.

O semblante da jovem anuviou-se, e tomou uma expressão severa:

— Então, o sr. julga-me uma mentirosa?

Senti-me desarmado. Não, Bernadete não era mentirosa, e quase que me pus de joelhos a pedir-lhe perdão.

— Já que sois um pecador, respondeu ela, eis qual foi o sorriso da Virgem.

Lentamente, a jovem elevou-se, juntou as mãos e esboçou um sorriso celestial que jamais eu vi em lábios mortais. Sua fisionomia iluminara-se de um reflexo perturbador.

Ela ainda sorria, com os olhos elevados ao céu, e eu estava de joelhos aos seus pés, certo de ter admirado no semblante da vidente o sorriso da Santíssima Virgem.

Desde então conservo comigo no íntimo da alma esta lembrança divina que me enxugou muitas lágrimas. Perdi minha mulher e minhas duas filhas, e me parece não estar só no mundo: *Vivo com o sorriso da Virgem*".

"Viver com o sorriso da Virgem!" — Talvez nunca tenhas pensado nesta prática, piedoso filho de nossa Mãe!

E, entretanto, que fonte de pensamentos sublimes e luminosos!

Muitas vêzes sentimo-nos inclinados à tristeza; nossos ombros curvam-se quase sempre ao pêso do acabrunhamento ou do desgôsto. Contemplai então o sorriso da Virgem!

Êste sorriso é a confiança, é o abandono, é o amor, irradiando sôbre a nossa alma e envolvendo-a como que em uma atmosfera de paz e de tranqüilidade.

O' terna Mãe, doravante o vosso sorriso ilumine a minha vida e presida às minhas alegrias como às minhas lágrimas, santificando as primeiras e enxugando as segundas.

Possa êle, ainda, preservar-me do mal, excitar-me à virtude, guiar-me durante a vida e tranqüilizar-me na hora da morte, pois é sob êste sorriso suave que quero viver e morrer.

VIII

Conclusão

O' doce e admirável Mãe, é por uma prece e com joelhos em terra que deveria terminar esta parte das nossas considerações.

Que maravilhas não encontrei eu estudando a vossa beleza!

De que íntimas e deslumbrantes consolações não foi inundada a minha alma, ao contato de vossa alma tão santa, tão pura e tão divinamente bela!

Que chama senti abrasar-me o coração ao sentir o contato do vosso coração, obra-prima de amor e de ternura.

Com que anelo se elevou todo o meu ser até vós, ao contemplar vosso espírito, vossos conhecimentos e indizível encanto de vosso semblante.

Até aqui eu vos havia admirado; aqui começo então a amar-vos. Sob o vosso olhar compreendo a vaidade das belezas perecíveis, indignas das minhas atenções e do meu coração. Procurei a beleza e a descobri; ela fulgura em tôrno de vós, como a luz brilha em tôrno do seu foco.

Fazei, ó Mãe amantíssima, que só a vossa beleza me cative e atraia a minha ternura e o meu afeto.

Que outra conclusão se poderia tirar da contemplação de tantas maravilhas?...

O homem não se deixa guiar senão pelo encanto da beleza. Os próprios contemplativos, os homens de coração generoso, fixam sobretudo a beleza. A razão é que Deus deixou subsistir em nós uma como imagem que Adão pôde entrever outrora no paraíso terrestre...

No coração trazemos uma ferida insanável, porque não pode ser curada aqui na terra. Precisamos da beleza, não, porém, dessa beleza vulgar, que não passa de colorido ou brilho que uma criatura mortal possui, mas trata-se de uma beleza que subsiste para sempre.

Precisamos da beleza da alma, da beleza do coração e do espírito, da própria beleza fisionômica, embora santificada e transfigurada pela graça e pelo amor.

Eis por que Deus nos deu Maria, para que por ela e nela nos fôsse permitido satisfazer êste anelo do nosso coração.

Um semblante agradável, traços simpáticos, modos amáveis nos atraem e cativam. Ora, tudo isso temos em Maria, e o temos de um modo inefável.

A doce Virgem se nos oferece com todo o esplendor de sua virginal pureza e com todo o atrativo de sua alma iluminada, junto a todo o ardor de seu coração abrasado.

Ela se nos oferece bela e como a mais amante e mais amável das criaturas, não para nos seduzir, mas para nos conduzir; não para excitar a nossa concupiscência, mas para a extinguir e dominar, cativando dêste modo o nosso coração e embelezando-o pela sua própria beleza, para oferecê-lo a Deus com as suas mãos tão puras e tão doces, pois o Altíssimo lhe permite haurir a seu bel prazer dos seus tesouros e da sua misericórdia.

Reflitamos muitas vêzes sôbre a beleza de Maria e a sua grandeza enlevará o nosso coração, torná-lo-á fixo e insensível a tôda outra beleza.

Ouçamos ainda uma história que se relaciona com o assunto. E' narrada pelo P. Silvano Razzi e confirmada por Santo Afonso de Ligório.[23]

"Tendo ouvido falar sôbre a beleza de Maria, um religioso que muito a amava desejava ardentemente vê-la

23) Glórias de Maria: A Assunção.

pelo menos uma vez. Pediu-lhe humildemente esta graça e a bondosa Mãe mandou-lhe um anjo para que lhe dissesse que seria satisfeito o seu pedido, com esta condição, porém, que, depois de tê-la visto, ficaria cego.

Por essa causa apareceu-lhe a bem-aventurada Virgem um dia. E êle, para não perder os dois olhos, quis a princípio contemplá-la com um só ôlho. Mas, em breve, encantado pela grande beleza de Maria, abriu o outro ôlho para contemplá-la melhor, e, neste momento, desapareceu a Mãe de Deus.

Desde êste dia, não continuando mais a ver a sua amável Rainha, êle ficou tão aflito, que não parava mais de chorar, não por ter perdido um dos seus olhos, mas por não ter podido ver a Santíssima Virgem com os dois olhos.

Por isso, suplicou-lhe que se lhe mostrasse novamente outra vez, consentindo de boa vontade perder ainda o ôlho que lhe ficara: "O' Maria, lhe dizia êle, serei feliz e contentar-me-ei se ficar cego por uma razão tão sublime, pois amarei então sòmente a vós e a vossa beleza".

Enfim, Maria quis consolá-lo novamente e lhe apareceu pela segunda vez. Mas, como esta boa Mãe não faz mal a ninguém, em vez de privá-lo inteiramente da vista, restituiu-lhe o ôlho que antes êle havia perdido".

E vós, ó filho mui piedoso de Maria, não tendo talvez a felicidade de contemplar com os olhos corporais a fisionomia de vossa doce Mãe, contemplai-a ao menos e muitas vêzes com os olhos de vossa alma.

E a sua imagem bendita sobrepairará ante o vosso espírito e vossa imaginação, como um ideal, como um farol, para guiar-vos na senda do dever, da dedicação e do amor.

Sim, ó Virgem imaculada, subi cada vez mais alto nos espíritos e nos corações, a fim de que todos vos contemplem e vos admirem.

Elevai-vos sempre mais, para que todos vos percebam e para que possam as vossas mãos espargir em número maior e mais eficaz as graças de perdão e de misericórdia.

E se, dêste modo, já a contemplamos aqui na terra, contemplá-la-emos lá no céu, na plenitude de sua glória, na perfeição de sua beleza moral e física, com todo o

atrativo que pode ser exercido por uma criatura de escol, no auge do poder, da grandeza e da beleza.

Vê-la-emos no esplendor incomparável que lhe comunica a sua beleza sem par, e a sua divina maternidade.

Vê-la-emos com o coração a palpitar de alegrias desconhecidas na terra, com todo o seu ser beatificado pela possessão íntima do seu Bem-Amado.

Vê-la-emos mais bela do que já a anteviu Isaías, quando o véu do futuro foi elevado ante o seu olhar profético; mais radiante do que a contemplou o apóstolo de Patmos; mais divina do que apareceu durante a sua vida terrestre; do que a contemplou aquêle bispo[24] que veio vê-la a Jerusalém e foi como que impelido a cair de joelhos ante aquela que lhe pareceu a encarnação dos esplendores da divindade.

Vê-la-emos mil vêzes mais perfeita do que a representam os artistas em suas telas.

Cansados de corrigir continuamente as suas pinturas, desesperando a bem dizer de realizar perfeitamente o seu ideal, êles põem a cabeça entre as mãos, respondendo ao entusiasmo da multidão maravilhada: "Ah! que dirieis vós, se a vísseis como a vejo!"

Sim, ó nobres gênios, vós a contemplastes belíssima em vossos sonhos, esta visão vos servia de inspiração e guia.

Mas esta imagem nada mais é que o resultado de vossa criação humana. E que diríeis, se a vísseis tal qual a veremos um dia, obra-prima viva, em que tão pródiga e afetuosissima se manifesta a sabedoria de Deus!...

Contemplá-la-emos mais radiosa e sorridente do que se mostrou aos olhos ainda demais terrestres de Bernadete.

Entretanto, era bela a Virgem imaculada, tendo no olhar um amor indizível, nos lábios um sorriso virginal a iluminá-los, tornando-a uma inefável aurora, de suaves esplendores. Bela, com a sua túnica de lirial alvura que eclipsava o anil celeste do mais belo dia; tão bela que um dos raios caídos sôbre a vidente bastou para transformar a humilde camponesa, e o reflexo da sua beleza, iluminando a fronte de Bernadete, fazia passar através da multidão de espectadores uma aspiração de ideal, suspendia a respiração em milhares de peitos e

---

24) S. Dionísio Areopagita.

fazia com que a mãe da vidente dissesse, entre soluços, que não mais reconhecia a sua filha.

Oh! como era bela a Virgem, e, entretanto, no céu, não devendo mais atender à fraqueza de nossos órgãos, então deificados, a Virgem nos aparecerá mais radiosa ainda na grandiosa luz da eternidade, porque nossas faculdades serão dotadas de energias divinas, estando já a gozar da glória.

E nos aproximaremos dela, como dela aqui na terra se aproximava Bernadete.

E o seu olhar amado envolver-nos-á de virginal e maternal amor.

A sua bendita voz encantará os nossos ouvidos.[25] O seu coração haverá de aquecer-nos com o seu amor e o seu esplendor há de deslumbrar-nos e encantar-nos por tôda a eternidade.

O' Maria, bela e doce Virgem Maria, fazei que não vivamos mais senão em vós e para vós.

---

25) P. Anizan: Para Ela.

QUINTO MOTIVO

OS BENEFÍCIOS DE MARIA

Introdução

Chegamos ao último dos motivos por que temos de amar a Maria, o último ao menos entre aquêles que nos propusemos aqui tratar; ou, antes, ao último grupo de motivos, pois são tantos e tais os benefícios que recebemos da Mãe de Deus, que nos é impossível contá-los.

Maria é onipotente pelas suas súplicas. Ela foi estabelecida guarda e dispensadora dos tesouros de seu divino Filho, a tal ponto que ela pode, como diz S. Bernardo, dar a quem quer, como quer e quando quer.

Ela pode dar! Bastará demonstrar que ela está disposta a dar e que dá realmente.

E' o que experimentaremos fazer nos três capítulos seguintes.

Até agora admiramos a grandeza e o poder da divina Rainha dos corações e, em face desta inefável elevação, sentimo-nos possuídos de respeito.

Sua beleza veio elevar êste respeito até ao atrativo.

Agora é preciso que êste atrativo se eleve até ao amor e ao amor mais ardente.

De fato, os benefícios são o produto direto do coração, isto é, do amor.

E' porque ela nos ama que Maria é boa e misericordiosa para conosco, e ainda é por êste motivo que a sua bondade chega a sacrificar por nós o que tem de mais caro.

Ora, sacrificar-se assim a si mesma por aquêles a quem se ama não é a prova inequívoca de um grande amor?

Contudo, não é êste o último limite do amor de uma mãe. Êste limite, isto é, a última palavra dêste amor, é sacrificar o seu próprio filho, e Maria o féz.

Para ter uma idéia completa dos benefícios da Santíssima Virgem, é preciso, pois, encará-los sob o aspecto que a seguir enumeraremos:

1. *A sua bondade,* como sendo a fonte dos numerosos benefícios que ela concede aos seus filhos, principalmente aos justos.

2. *A sua misericórdia,* ou a atenção particular para com os pecadores desejosos de voltar a Deus.

3. E, finalmente, as suas dores, ou a prova suprema que ela nos dá da sua ternura e do seu amor, aceitando para Jesus e para si esta corrente de angústias que lhe satura e tritura o seu ser todo inteiro.

Êstes três aspectos dos benefícios de Maria deverão incutir em nós um profundo reconhecimento e inflamar, para com ela, em nossos corações, um amor sem igual, contínuo e sem tréguas.

CAPÍTULO XIII

A BONDADE DE MARIA

> Quem, ó feliz Virgem, poderá deixar de manifestar a vossa bondade e quem poderá dizer que já vos invocou em suas necessidades e foi por vós abandonado?...
>
> (S. Bernardo)

I

A fonte da bondade de Maria

Que é a bondade?...

A bondade é um hábito, uma disposição estável, que torna fácil a dedicação ao próximo.

Ser bom é saber fazer-se tudo para todos; é ter no coração esta caridade sempre pronta a expandir-se sôbre os outros, quer por boas palavras, quer por um sorriso, quer por um auxílio, quer pelo seu aspecto.

Ser bom é, como diz S. Francisco de Sales, "adaptar-se à vontade dos outros, procurando não fazer vir os outros a si, mas ir por si mesmo aos outros".

Não é assim que Maria é boa? mil vêzes boa, soberanamente boa?...

Rainha de bondade, ela possui um sorriso, um proceder, uma caridade que lhe pertencem exclusivamente. E com êste sorriso, com êste trato, com esta caridade, ela se inclina para aquêles que sofrem (e todos nós sofremos) e lhes dispensa a sua inesgotável bondade.

A experiência demonstra que não há meio mais seguro de ganhar a afeição alheia do que testemunhar-lhes a nossa.

Ora, para ganhar a nossa, não nos deu Maria a sua afeição com uma segurança tão particular, tão múltipla e tão terna, que cada um de nós se pode julgar o mais amado?...

Ela é tão boa, e tão boa Deus a fêz, que tudo o que os livros santos dizem da própria bondade substancial e infinita, podemos dizê-lo, por analogia, da bondade da Santíssima Virgem.

A bondade não é, pròpriamente falando, uma virtude à parte. E' a reunião de várias e grandes virtudes: é a caridade que se dá; é a humildade que se abaixa; é a mortificação que se priva; a paciência que suporta; a fôrça que nunca se cansa.

Bossuet diz "que, quando formou o coração e as entranhas do homem, Deus nêle colocou primeiramente a *bondade,* como sendo o caráter próprio da natureza divina: *Deus caritas est.*

E será absolutamente inseparável da idéia de Deus a idéia da bondade?...

O nome universal de Deus, aquêle que sai do coração da criança como do ancião, do coração da mulher como do homem, do sábio como do ignorante, é esta denominação familiar e sublime: *o bom Deus.*

A bondade! — eis a aspiração de tôdas as grandes almas, das almas que sentem que serão tanto melhores quanto mais se aproximarem de Deus, e mais se lhe assemelharem.

E eis por que aquela que tanto se aproximou de Deus, que tanto se lhe assemelha, é tão boa, tão clemente, e porque em muitos países o povo só a trata com o doce nome: *a boa Virgem!*

Maria é a bondade por excelência, a bondade personificada, porque "cheia de graça", isto é, "cheia de Deus", ela é também "cheia de sua bondade".

E' êste o raciocínio dos teólogos.

"Maria, diz Paulo de Santa Catarina, é o exemplar mais perfeito da bondade da causa primeira, isto é, de Deus, quer por avizinhar-se mais dêle pela graça do que as outras criaturas, quer pela natureza, pois ela é Mãe de Deus.

Mais próxima de Deus é a criatura, mais semelhante lhe é.

Assim, os anjos lhe são mais próximos, porque, por sua natureza, assemelham-se mais a êle, como sendo substâncias puramente espirituais. Aquêle que é mais semelhante a Deus, imita mais a sua natureza.

Ora, como é próprio de Deus ser bom para com a criatura, compadecer-se dela, socorrê-la, estar sempre pronto a fazer-lhe o bem em tudo, deve-se concluir que Deus gravou em Maria uma bondade singular e natural, que lhe é a bem dizer inata.

E esta bondade é aperfeiçoada pela bondade sobrenatural que desde o instante de sua conceição lhe vem com os dons da graça e da caridade nela esparsos.

Aliás, era-lhe necessário, segundo a observação de Santo Agostinho, pois "de que nos serviria o grande poder de Maria, se ela não o quisesse empregar em nosso favor?"

"Ah! regozijai-vos, continua o santo, assim como Maria, ela sòzinha, pode alcançar para nós mais bens do que todos os outros santos, ela está igualmente repleta da maior solicitude para com a nossa salvação do que todos os espíritos celestiais".

S. Bernardo, após referir-se ao poder de Maria com as palavras: "basta-lhe querer e tudo está concedido", exprimiu em duas palavras a extensão do seu poder e de sua bondade, dizendo: "Esta grande Rainha não pode carecer nem de poder para socorrer-nos, pois é Mãe de Deus, e nem de boa vontade, pois ela é, ao mesmo tempo, Mãe dos homens".

Portanto, podemos dizer seguramente que Maria é a perfeita imagem da bondade de Deus: *"Imago bonitatis illius"*. E', pois, de sua proximidade com Deus e de sua semelhança com êle que resulta esta bondade que, aliás, é tão imensa como o seu poder.

A Virgem participa de tôdas as perfeições de Deus, dizem os santos, mas sobretudo participa de sua bondade. E é desta bondade que Maria é como o canal, que espalha sôbre nós os seus favores, os seus benefícios e as graças de tôda espécie.

Benefícios temporais, favores espirituais, graças de cada instante, ternura para com todos, tudo isso dimana do seu coração maternal com uma abundância que só é igualada pelo seu desejo de socorrer-nos.

São êstes benefícios que teremos a considerar aqui. E a sua vista há de excitar-nos poderosamente ao recolhimento e ao amor.

II

O desenvolvimento da bondade de Maria

Contemplemos primeiramente a bondade e a doçura de que Maria é como o reservatório, ou então a personificação: *"Salve, Dulcedo"*.

Não podemos, na verdade, duvidar de que Maria, desde a sua vida terrestre, não tenha sido uma irradiação da bondade divina.

Aquêles com quem muito convivemos nos comunicam sempre qualquer coisa de suas disposições.

E quando o *amado* é a perfeição ideal e a doçura encarnada, e a amante é uma alma virginal e pura, cujo olhar só se eleva para o que é grande, cujo coração só se expande para o que é divino, que perfeita cópia não poderíamos esperar, e, numa palavra, que produção, que encarnação!...

Mas, quando se acrescenta que aquela que imita é uma mãe, e que o objeto de sua imitação é um Filho querido, e que Filho e que Mãe...

Nada mais nos fica, seguramente, do que nos prostrarmos diante da auréola de bondade e de doçura a cingir a fronte da Virgem, pois é a auréola de Jesus, exclamando com S. Bernardo: *"O dulcis Virgo Maria* — O' *doce Virgem Maria!"*

A prova é bastante suficiente. Mas, como estímulo à nossa admiração e ao nosso amor, recolhamos algo do que dizem sôbre isto a tradição e os santos.

Que doçura já não desperta em nossa alma o augusto privilégio da imaculada Conceição!

Crescendo em idade, a Virgem devia crescer também em piedade, caridade e doçura.

Bastava vê-la, para que os aflitos encontrassem o suficiente consôlo, diz a tradição.

A sua voz terna e amante tinha uma modulação tão serena e um tom tão penetrante, algo de tão melodioso, que muitos acorriam de longe para ouvi-la falar.

Aliás, suas palavras eram tão humildes e agradáveis, a sua pessoa exalava tão grande perfume de doçura que lhe deram o epíteto: *"Suavidade — Eamus ad suavita-*

tem", diziam jubilosos aquêles que tinham a felicidade de ouvi-la.

Já no templo, cercada de suas companheiras, consagradas como ela a Deus e ao serviço dos altares, a doce Virgem abria a doce corola de sua existência, a flor de sua bondade, como se abrem as flores tenras e delicadas sob a gôta do orvalho matinal, cada vez mais puras e frescas, à medida que se adiantam as horas do dia, pois cada raio de sol lhe traz novo esplendor e ornamentos cada vez mais brilhantes.

Dêste modo, quem poderia avaliar a doçura da Virgem no templo?...

Sôbre esta beleza muito disseram os santos, e o pouco que ousaram falar é mais que o necessário para maravilhar e arrebatar os nossos corações.

Santo Ambrósio, tão enamorado de Maria e imensamente cioso da honra de sua Mãe celeste, se comprazia em exaltar a incomparável doçura da pomba mística.

"Ela era virgem até em seu coração, diz aquêle santo, e tinha uma ternura que a tornava incapaz da menor dissimulação.

Era doce e humilde de coração, grave em suas palavras, sábia em seus projetos.

Falava pouco, mas com tão grande modéstia, doçura e piedade, que nela se contemplava a mais viva irradiação divina: "a graça difundiu-se em vossos lábios, que por ela estão umedecidos".

Sem jamais causar a menor mágoa a alguém, ela fazia o bem a todo mundo.

Tributando tôdas as honras aos seus superiores, não invejando nenhuma de suas companheiras, Maria se fazia a serva de tôdas e jamais sentiu desejo algum de dominação.

Seus olhos, de uma modéstia celeste, eram cheios de doçura. Seus modos eram a conveniência personificada.

Todo o seu exterior refletia ao mesmo tempo tanta nobreza sem altivez, tanta humildade sem indiferença, tanta afabilidade sem familiaridade, que despertava ao mesmo tempo santo respeito e irresistível atrativo, por tanta dignidade, bondade, caridade e doçura...

Em uma só palavra, poder-se-ia definir Maria Santíssima, sua vida e sua influência — *Virgo singularis, inter omnes mitis!*

Tal foi Maria no templo, no seio desta paz profunda que esta solidão sagrada lhe proporcionava, assim como entre as companheiras, que ao seu redor o céu agrupara.

De igual modo decorreu tôda sua vida, pois a chama da divina caridade jamais diminuiu em seu coração, mas, pelo contrário, deveria tomar um maravilhoso desenvolvimento no momento em que a virgem deveria tornar-se a Mãe de Deus e a Mãe dos homens.

A sua doçura iria crescer na mesma medida que a caridade divina e o amor materno. Mas crescendo assim, revelar-se-ia sob uma nova luz.

E' fácil sermos bondosos quando tudo nos sorri e procura de mil modos tornar-nos amável a existência, e até satisfazer a tôdas as nossas aspirações.

Mas quando sobrevêm a adversidade, a ingratidão, o ódio e a inveja, quando um gládio de dor nos transpassa o coração e devasta a alma, é então ai que a bondade torna-se o fruto do heroísmo, e da dor recebe ela o seu mais vivo esplendor, o seu ponto final e sua auréola suprema.

Torna-se a doce Virgem a Mãe das dores e, mais do que nunca, se mostra Rainha e Mãe de doçura: *"Dulcis Virgo Maria"*, na expressão de S. Bernardo.

Mais adiante ainda contemplaremos esta cena ao mesmo tempo horrivel e transbordante de amor, em que a Virgem se conserva em pé sob o pêso esmagador de tôdas as dores e de tôdas as angústias que trituram e dilaceram o seu coração, parecendo não deixar subsistir senão o corpo, para torturá-lo com dores sempre renovadas e sempre crescentes.

Ninguém duvida que seja isto o pleno desenvolvimento, a coroação e o auge da bondade de Maria Santissima.

Tão grande foi a bondade de Deus para com os homens, diz-nos S. João, que êle não hesitou em sacrificar o seu Filho único para resgatá-los: *"Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret"*.

"Igualmente pode-se dizer que a bondade de Maria Santíssima para com os homens, diz S. Boaventura, foi tão imensa, que ela sacrificou para êles o seu Filho único: *"Sic Maria dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret"*.

Estas são as palavras do santo doutor, adaptando-se o texto sagrado à sua doutrina.

Esta bondade ia tão longe que Santo Anselmo e Santo Agostinho não recearam dizer que, na falta de algozes, esta ternissima Mãe teria imolado com suas próprias mãos o seu amável Jesus. Tal era o seu desejo de ver realizar-se a vontade de Deus, que era que êste Filho querido morresse para salvar os homens.[1]

"Ora, se a compaixão de Maria para com os homens foi tão grande, enquanto ela estava na terra, diz S. Boaventura, deve ser muito maior depois que ela está no céu, porque conhece as nossas necessidades".

"E esta bondade atual, ajunta êste santo doutor, ultrapassa a primeira, tanto quanto a luz do sol ultrapassa a luz da lua".

De fato, esta bondade deve ser grande, pois parece que Maria só encontra a sua felicidade em conceder os seus favores e espargir sôbre os seus filhos os benefícios de Deus de que ela é tesoureira e dispensadora.

III

As aspirações de Maria

Um dos caracteres da bondade é sair ao encontro das necessidades daqueles que ama, e como que sofrer, enquanto não se encontra alguém sôbre quem possa espargir os seus favores.

Tal é, na verdade, o caso de nossa divina Mãe.

Maria sabe que Deus só a fêz tão poderosa e tão boa e que a nomeou tesoureira e dispensadora de seus benefícios para que ela espargisse os mesmos sôbre os homens.

E ela que vê a bondade de Deus para com êstes mesmos homens, assim como vê a felicidade que êle procura proporcionar-lhes, tornando as almas mais generosas e mais amantes, deixa o seu coração transbordar de aspirações, de generosidade e liberalidade. E ela pode, na verdade, haurir nos tesouros de Deus!

E, inclinando-se para a terra, procura uma alma que a implora, um coração ávido de graças.

---

1) Esta doutrina não é mais do que uma piedosa opinião. Sabe-se que o velho Abraão, sob a ordem de Jeová, estêve ao ponto de sacrificar seu filho Isaac; mas não se conhece texto algum que prove que Deus tenha dado essa mesma ordem a Maria.

E quando a encontra, oh! como ela dá, e como ela espalha os seus benefícios! Jamais diz: "basta", mas se tivesse uma queixa de brotar dos seus lábios, seria a de não encontrar almas bastantes que desejem seus favores e que lhos peçam.

Oh! quando compreenderemos nós as aspirações do coração de nossa Mãe?... Quando será que a ela recorreremos com a certeza de que seremos atendidos? Quando a ela nos dirigiremos com esta infantil audácia que pede a sua mãe, que a importuna, que não desanima, convencida de não a aborrecer e obter tudo que pede, desde que lhe seja útil?...

S. Boaventura assim se dirige a Maria: "O' Maria, vós tanto cuidais de nós, que se diria não possuirdes outro desejo que o de socorrer-nos, nem outra ocupação que a de nos tornar felizes!"

E como assim não seria, se mesmo entre os homens encontramos, por vêzes, tão desenvolvida esta necessidade de dedicar-se e de ser útil?

Segundo Suetônio[2], o imperador Tito desejava tanto conceder seus favores a quem lhos pedisse, que, certas vêzes, não tendo tido ocasião de conceder qualquer favor, dizia consigo e muito contristado: *"Diem perdidi — Perdi êste dia!"* pois hoje passei sem fazer bem a ninguém.

Podemos acreditar, observa Santo Afonso de Ligório, que Tito assim falava mais por vaidade, ou por uma ambiciosa solicitação da estima humana, que por um sentimento de humanidade.

Isto, porém, não se dá com Maria. Se, porventura, um dia de sua vida transcorresse sem que pudesse assinalá-lo com algum benefício, sem dúvida, também ela diria: Perdi êste dia, mas di-lo-ia, por estar possuída de caridade para conosco e animada pelo desejo de nos fazer o bem.

E tão longe se estende êste desejo, diz Bernardino de Bustis, que ultrapassa o desejo que temos de receber os benefícios seus. E, acrescenta, nós nunca recorremos a ela, sem que a vamos encontrar com as mãos repletas de liberalidade".[3]

---

2) In Tit. C. VIII.

3) Plus desiderat ipsa facere tibi bonum et largiri gratiam, quam tu accipere concupiscas (Marial, p. 2, s. 5).

A liberalidade de Maria, diz Ricardo de S. Lourenço, é igual à de seu Filho, cuja generosidade vai sempre além dos nossos pedidos, e é por isto que S. Paulo o chama: "Um Deus rico de graças e pródigo em dispensar os seus dons a todos os que lhos imploram".[4]

Daí, a prece que o piedoso autor dirige a Maria: "Virgem santa, dignai-vos, vós mesma, orar por mim, pois o fazeis com mais solicitude e devoção do que eu, e obter-me-eis muito mais do que eu vos ousaria pedir".[5]

Maria é tão clemente que, quando vamos implorar-lhe a assistência, "ela não começa por examinar os nossos méritos, afirma S. Bernardo, nem se somos dignos ou não de sermos atendidos, mas atende e socorre a quem quer que a ela se apresente".[6]

Segundo Santo Anselmo "nós, às vêzes, obtemos mais prontamente o socorro do céu invocando o nome de Maria do que invocando o nome de Jesus".[7]

E acrescenta Hugo de S. Vitor que "se os nossos pecados nos incutem o temor de aproximar-nos de Deus, majestade infinita e ofendida por nós, nada, porém, podemos recear ao recorrer a Maria, em quem nada temos que temer".

Sem dúvida, ela é santa e imaculada, é Rainha do universo e Mãe de Deus; todavia, é também revestida da mesma carne do que nós e, como nós, é filha de Adão".[8]

"Em uma palavra, diz S. Bernardo, em Maria tudo é graça e bondade; portanto, ela se faz tudo para todos, em sua grande caridade tornou-se devedora dos justos e dos pecadores, a fim de que todos viessem saciar-se no seio de sua bondade".

Observa Bernardino de Bustis: "Assim como o demônio sem cessar vagueia à procura de uma alma a quem possa tentar, também Maria continuamente procura almas a quem possa dar, ao contrário, a vida e a salvação".[9]

Para dar-nos uma idéia do desejo que a Virgem tem de nos socorrer, Santo Epifânio chama-a a *"multocula"*, isto é, "cheia de olhos".

E é com razão, pois ela tem sempre os seus olhos vigilantes volvidos para os seus filhos, a sondar-lhes tôdas

4) De laud. B. Virg. 1. 4.
5) De Rhet. div. C. 18.
6) In sign. magn.
7) De excell. B. Virg.
8) M. Deip., c. XXX. n. 12.
9) Marial, p. 3. S. I.

as necessidades, mesmo que não pensem êles em invocá-la.

Não nos admiremos que o demônio tenha inveja ao ver em Maria tanto zêlo em conceder aos homens os seus benefícios, pois ela arranca estas almas ao império de Satã. Mas também não fiquemos admirados de que, em certas ocasiões, êle tenha sido forçado a tributar um título de glória à misericórdia desta doce Virgem.

Eis, entre muitos casos, um que vou contar: "Ao exorcizar um possesso, um santo sacerdote ordenou ao demônio que estava no possesso que lhe dissesse o que Maria fazia no céu: "Ela sobe e desce", respondeu êle. E' preciso por isto compreender, diz Santo Afonso de Ligório, relatando êste fato, que esta amável Mãe, após ter espargido sôbre os homens as graças que havia haurido nos celestiais tesouros, subia depois ao céu, para de lá trazer novas graças, e era esta tôda a sua ocupação.

Santo André Avelino serviu-se de uma expressão, a indicar igual pensamento. O santo chama-a: *"a atarefada do paraíso"*; ela bem merece êste nome, pois move-se numa santa inquietação, para alcançar a nossa felicidade.

Portanto, nós devemos utilizar esta bondade de Maria Santíssima a recorrer a ela em tôdas as nossas necessidades, já que ela nos pode dar tudo.

Quereis a graça?... Ela é a Mãe da divina graça, como o diz a Igreja em sua ladainha: *"Mater divinae gratiae"*.

Desejais a vossa salvação e o céu?... Êles vos estão assegurados por Maria e em Maria. Quereis viver a vida de Jesus Cristo e possuí-lo um dia?... Escutai-a, segui suas aspirações, pois ela é a vossa Mãe.

Dizem que, por causa de sua espôsa Ester, o rei Assuero concedeu paz a tôdas as suas províncias e lhe dispensou as suas reais liberalidades.

Deus dá tudo o que se lhe pede por Maria, porquanto nada recusa à bondade da divina Mãe, como já ficou provado.

E Maria entristecer-se-ia se não tivesse mais oportunidade de nos testemunhar sua ternura.

IV

Os benefícios temporais

Esta bondade, que Maria possui em grau tão raro, é a fonte dos mais insignes benefícios.

Incessantemente procura a bondade sair de si mesma. Precisa de expansão. Estiolar-se-á, extinguir-se-á, sob os espessos vapôres do egoísmo.

Só a vemos desabrochada, radiante, quando a contemplamos difundindo em volta de si mesma benefícios espirituais e temporais. Seus olhos estão sempre à espreita de alguém a quem possa auxiliar, socorrer, suavizar, encorajar.

Não é esta, ó Maria, a irradiação de vossa bondade?

Poder-se-iam calcular ou mesmo enumerar os vossos benefícios?

Em todos os nossos perigos, estendei-nos a vossa caritativa mão; sois qual bálsamo salutar para tôdas as nossas chagas e nos assistis em tôdas as necessidades.

Percorramos os anais dos povos, consultemos os monumentos dos séculos anteriores, e quantas testemunhas não encontraremos nós desta consoladora verdade!...

Lancemos um olhar em tôrno de nós, interroguemos os nossos contemporâneos, os companheiros de nossa triste peregrinação neste mundo, e quantas lembranças de sua bondade encontraremos em tôda parte. E quanto não devem os homens à sua bondade maternal!...

Quantas igrejas já não foram construídas em memória da proteção especial desta boa Mãe, quer no litoral dos mares, ou sôbre as margens dos rios, quer ao longo das estradas, ou nas florestas, e até mesmo sôbre os mais escarpados rochedos e em meio às montanhas selvagens!

Visitemos os pequenos oratórios solitários, nas costas marítimas, onde tantos marinheiros e navegantes, sãos e salvos das terríveis tempestades, vieram colocar os dons de seu reconhecimento, que ficarão quais outras tantas solenes testemunhas da proteção de Maria.

Sim, inumeráveis são as oferendas e presentes com que os devotos ornam o altar da Estrêla dos mares.

Quantas vêzes, Maria, a verdadeira arca da salvação já não afastou náufragos desesperados do perigo de ficarem sepultados nas ondas, de serem esmagados de en-

contro aos gelos flutuantes, que tudo destroem em sua passagem!

Quantas vêzes não tivemos que bendizer o seu nome, durante os furacões ou nas convulsões de um terremoto que ameaça deslocar a terra! Quantas vêzes não foi ela a salvação dos infelizes surpreendidos pelas chamas?...

Quantos transviados ela não reconduziu ao bom caminho?... Quantos outros ela não os arrebatou aos dentes das feras?... ou ao punhal homicida de salteadores!

A quantos Maria não preservou ao caírem, salvaguardou num desmoronamento ou subtraiu a uma explosão mortífera!

Feliz de quem, no momento do perigo, traz sôbre o peito uma medalha ou uma imagem de Maria, assim como o que em seu coração experimenta êste amor e esta confiança que o faça invocar o nome de sua bondosa Mãe!...

Gênero algum de moléstia se poderia designar que não tenha esta terna Mãe aliviado!...

Dignou-se Deus glorificar vários entre seus santos, dêles se servindo em inumeráveis circunstâncias para a cura das moléstias.

Entretanto, Maria dá por excelência a cura de todos os enfermos — *Salus infirmorum,* como diz a ladainha lauretana.

Consideremos a incalculável quantidade de pinturas que adornam as paredes dos santuários consagrados a Maria.

Aqui, é um cego que recobra a vista. Acolá, um paralítico que, sùbitamente curado, atira para longe as suas muletas. Mais além, é um que, antes ardendo em febre, levanta-se do seu leito liberto miraculosamente. Alhures, é uma mãe que abraça o filhinho a verter lágrimas de júbilo no seio de sua mãe, que julgava arrebatada para sempre à sua ternura.

Depois disso, contai êstes objetos, todos de ouro e prata, estas representações de membros que voltaram ao movimento e à vida, e todos pendentes em redor das estátuas de Maria.

Deixai voarem os vossos olhos sôbre o cortejo interminável de desgraçados dêste mundo, que se aglomeram todos em frente à sua imagem sagrada, e que tão elo-

qüentemente vos dizem que Maria é a consoladora dos aflitos.

Certamente, perto de Maria, estamos seguros de encontrar sempre apoio e proteção, ânimo e fôrça em tôda espécie de aflição e dor.

Esta boa Mãe voa em socorro de seus filhos em tôdas as necessidades: na fome, peste e guerra; ao perdermos os nossos bens, nossa razão ou honra; quer nas algemas, no calabouço e até sôbre o cadafalso.

Maria é a consoladora de todos os aflitos. Está pronta, a todo instante, para enxugar as lágrimas àqueles que choram.

E se nem sempre é proveitoso para os seus filhos o serem por ela descarregados de suas tribulações, pelo menos ela os alivia e, distilando em seus corações o bálsamo da consolação, inspira-lhes a paciência e a resignação necessárias nas provações da vida.[10]

Escutai êste trecho encantador da vida de Santo Afonso Rodriguez:

"Os padres do colégio de Majorca algumas vêzes iam celebrar a missa e fazer uma instrução no castelo de Bela-Vista, da família de Pedro Vaz, que era o dono do mesmo. Um dia, Afonso acompanhou até lá o padre Matias Borasta.

O castelo, situado à distância de uma milha, em cima de uma colina, era de acesso difícil, e como estavam no verão, Afonso, muito mais idoso, sofria muito das pernas.

Enquanto ia caminhando, o padre recitava o seu breviário, e o bom ancião seguia-o de longe, com visível sofrimento, oferecendo a Deus sua fadiga e o suor que lhe inundava o corpo.

De repente, apareceu Maria e, aproximando-se do seu piedoso servo, com ar de maternal solicitude, enxugou-lhe a fronte com um linho branco e muito fino, comunicando-lhe, ao mesmo tempo, uma fôrça verdadeiramente juvenil para terminar o resto do caminho.

Chegados ao castelo, retirou-se Afonso para um lugar à parte e entrou em um êxtase que durou por todo o tempo em que o sacerdote ali desempenhou as funções de seu ministério.

10) Jamar: op. cit.

A viscondessa de Rocabetti, sobrinha do senhor do castelo, mais tarde testemunhou ela mesma ter visto o santo ancião em êxtase.

De tal modo estava êle insensível a tudo o que ao seu redor se passava, disse a mesma testemunha, que várias vêzes as pombas pousaram-lhe sôbre os braços e sôbre a cabeça, sem que desse o menor indício de as perceber.

Sem dúvida, Maria não renova êstes fatos sensíveis para todos e nem a cada instante, porém quantas vêzes já não se renovaram estas cenas invisíveis, mas reais, em favor daqueles que lhe são devotados.

Ninguém jamais em sua vida a encontrou no caminho, sem que dêste inopinado e precioso encontro deixe de conservar a lembrança de um benefício.

Estávamos tristes, abatidos e quase em desespêro, e sùbitamente encorajou-se a pobre alma, reanimou-se. E' que ela dirigira à santa Virgem o brado de sua angústia. E mais uma vez, sem que houvesse graça aparente, contra tôda a previsão, a graça desceu como um corisco neste coração criminoso e endurecido, fazendo nêle brotarem comoções desconhecidas. E nêles ela quebrava o gêlo e fundia em ardentes lágrimas de arrependimento e de conversão. E' então que se reconheceu, com sinais manifestos, nesta crise miraculosa, a mão da compassiva Mãe.

Não foram já vistos até miseráveis que a odiavam e blasfemavam — infames entre os mais infames, que nem Deus suporta e que se diriam réprobos — não os temos visto "prostrados por ela em pleno caminho de Damasco?" — conquistas estas demais felizes de um amor bastante forte, para ao mesmo tempo triunfar do ódio da terra e da cólera do céu?...

Mas, o que dizer daqueles que a amam e que sempre a amaram e que ela conservou sôbre os joelhos maternos do berço ao túmulo?... daqueles cuja vida se passou de partilha com ela; aquêles que não tiveram alegria, tristeza, fraquezas ou receios sem lhos confiar?... Êstes, quase sem o sentir, ouviram a resposta de sua bondade.

Eis alguns dos benefícios temporais com que a nossa divina Mãe quis recompensar aquêles que a invocam com confiança.

E' muito, sem dúvida, e, entretanto, é sòmente uma parte — a mínima parte — dos tesouros que sua bondade esparge sôbre nós e sôbre nossos passos.

Tanto mais os bens da alma superam aos de nosso corpo. tanto mais os benefícios espirituais ultrapassam os temporais.

Se para os primeiros o reconhecimento força o amor, que não diremos nós dos segundos?...

Prossigamos ainda a enumeração de uma parte de suas magnificências, para aí haurirmos um acréscimo de amor, de aspirações e de generosidade, na honra que devemos tributar a esta Mãe de bondade.

V

Os benefícios espirituais

A grande luta que nós temos de sustentar aqui na terra é a luta contra o demônio que nos rodeia sem cessar, procurando uma alma a devorar, como diz S. Pedro, numa de suas epístolas.

Ora, Maria é a grande inimiga e a grande triunfadora do inferno. "Esmagada sob o pêso do seu pé vitorioso, a serpente infernal foi reduzida à impotência", diz S. Bernardo.[11]

"A Santíssima Virgem, acrescenta S. Bernardino de Sena. impõe a sua lei aos demônios e os subjuga ao seu império".

"Ela estende sôbre êle o cetro férreo de sua dominação", já o havia dito o doutor seráfico.

"Êles se agitam e tremem à simples invocação do seu nome", continua S. Bernardo.

E Tomás de Kempis diz: "Ao nome da Rainha dos céus os espíritos do abismo fogem espavoridos; e, ouvindo-o ser pronunciado, caem como que esmagados".

"O' minha Rainha, diz-lhe S. Germano, nada como o pronunciar do vosso nome basta para pôr salvos os vossos servos contra as tentativas do inferno".

---

11) As citações das seguintes obras são dos resp. santos: Sup. Sign. Magn.; Sermo 2 de glor. Nom. Mar.; S. Boaventura: Specul. B. Virg. lect. 12; Homil. 2 sup. Missus est.; Ad. Novit. lib. IV.; De Zona B. Virg.; Specul. B. Virg. lect. 12; Sermo 3 de Nat. B. Virg.; Specul. B. Virg. lect. 3; Glórias de Maria, c. XVIII; Serm. 2 de Nat. B. Virg.; Sup. Magnificat.; Umbr. B. Virg.; Novarin: Loc. cit.; De excel. B. Virg., c. VIII; Apud. S. Bern. Sen. De exalt. B. Virg., art. I; De Assumpt. art. 2, c. III; Ibid. art. I, c. II; Serm. I Sup. Salve.

"Uma pequena tropa de guerreiros, diz ainda S. Boaventura, não se espanta tanto à vista de numerosos batalhões, cujos ataques deverá suportar, quanto os adversários de nossas almas temem o nome de Maria".

"O' Virgem gloriosa, exclama S. Tomás de Vilanova, semelhantes às avezinhas implumes e indefesas que, à vista de uma ave de rapina, correm a abrigar-se sob as asas de sua mãe, nós nos refugiamos também à sombra de vosso manto. Não conhecemos outro asilo verdadeiro, senão estar perto de vós: sois a nossa esperança".

Não, jamais nos faltará a sua maternal assistência, pois em todos os caminhos de nossa peregrinação ela nos acompanha. E quando, ao cabo de nossa carreira, inclinamos a cabeça para o supremo repouso, Maria estará ainda ao nosso lado e, pelo mais assinalado socorro, afastará o tentador do nosso leito de dores.

Nesta hora decisiva, em que o inferno reúne tôdas as suas fôrças para dar o último assalto e lutar com uma violência desesperada contra o moribundo, Maria redobra a vigilância. "Ela envia o príncipe dos anjos, S. Miguel, diz S. Boaventura, com milicias às suas ordens, em auxílio dos seus servos em artigo de morte, e frustra as ciladas do demônio, e recebe as almas daqueles que perseveram até ao fim invocando o seu nome".

S. Jerônimo chega até a dizer que "Maria não sòmente os assiste nesta hora, mas vem até ao seu encontro: *Morientibus non tantum succurrit, sed occurrit*".

E não se limita ai a bondade de nossa Mãe. Velar com amor pelos seus servos durante a sua vida e no momento de partir dêste mundo, é já um sinal do coração mais transbordante de ternura e de bondade, que se possa imaginar. Maria, porém, ultrapassou todos os limites humanos. Depois de ter guiado os seus filhos através das sendas obscuras ou dificeis da vida, ela os segue além do túmulo. Entre estas almas há umas, sem dúvida, que devem ser purificadas nas chamas do purgatório. E quanto é dificil passar à eternidade, sem levar consigo alguma mancha terrena! "E, como as almas do purgatório têm mais necessidade ainda da sua intervenção maternal, pois se encontram nos tormentos de que não podem escapar por si mesmas, esta Mãe compadecida se aplica com muito mais zêlo em socorrê-las", diz Santo Afonso de Ligório.

Por isso, ela excita os fiéis que estão na terra a orarem pelas almas padecentes, e êles dão esmolas, praticam mortificações, ganham indulgências e fazem oferecer o santo sacrifício da missa.

Ela alcança êste fim por inspirações salutares e, às vêzes, até mesmo por meio de manifestações extraordinárias ou imprevistas.

Mais de uma vez ela apareceu aos seus servos para os induzir a se lembrarem destas almas. E se quiséssemos lembrar tôdas as associações estabelecidas para aliviá-las, veríamos que, de ordinário, tôdas devem a sua origem a Maria, que as inspirou aos seus piedosos fundadores.

Além disso, esta divina Mãe suavizou os sofrimentos das almas cativas, pelas suas próprias preces, pela aplicação de suas satisfações superabundantes e pelos méritos infinitos de seu Filho.

"Oh! como Maria se mostra previdente e boa para com as almas detidas nesta prisão de fogo!" exclama S. Vicente Ferrer.

Até mesmo ela chega a retirá-las dali.

"No dia de sua gloriosa assunção, escreve Gerson, todo o purgatório ficou vazio".

A êste testemunho vem juntar-se o testemunho de Novarino, que diz, após graves autores, "que Maria, prestes a subir ao céu, pediu e obteve de seu divino Filho a graça de poder conduzir consigo tôdas as almas que então estavam encerradas no purgatório".

"Desde êste momento, continua Gerson, a bem-aventurada Virgem possui o privilégio de libertar daí os seus piedosos servos".

E', pois, muito importante. conclui Novarino, servir a esta Rainha extremamente bondosa, pois é sobretudo às almas daqueles que a honraram mais devotamente na terra que ela concede êste insigne favor".

Eis aí Maria tôda bondade, durante a nossa vida, na hora de nossa morte, e até no purgatório! Que ternura, que solicitude para conosco!

E que ingratidão, se não pensamos muitas vêzes naquela que pensa tanto em nós!...

Mas se Maria demonstra uma benevolência tão terna para com os seus filhos, enquanto combatem na terra,

ou quando sofrem no purgatório, não é permitido pensar que ela não lhes será menos afeiçoada no céu?...

Diante do seu reconhecimento e do seu amor, ela os tornará participantes de sua felicidade e apresentará os seus pedidos diante do trono de Deus.

Maria, efetivamente, é uma causa de alegria para todos os bem-aventurados, os anjos e os santos. "O' doce Rainha, exclama Santo Anselmo, a vossa presença enche o céu de uma nova e inexprimível alegria; a vossa entrada na glória eterna aumentou em tal medida a beatitude dos eleitos, que nós somos incapazes de formar uma idéia de tal aumento".

Santo Agostinho se expressa no mesmo sentido. E S. Bernardino de Sena diz que "cada ordem celeste viu crescer sua felicidade, porque encontrou na Santíssima Virgem a matéria de uma glória especial".

"A bem-aventurada Virgem, acrescenta êle, entrando no céu, aumentou consideràvelmente a alegria daqueles que o habitam, de tal modo que a pátria celeste brilha com um novo esplendor, iluminada pelos raios dêste astro virginal que, depois de seu Filho, ilumina tôda a cidade dos bem-aventurados".

"Portanto, é com razão, conclui S. Bernardo, que Maria tem o título de Rainha da terra e do céu, pois ela gerou aquêle que os criou e os governa".

"Rainha!... — eis um título de glória e de honra, de autoridade e de poder, de bondade e de graça", que merece tôda a nossa confiança e todo o nosso amor.

VI

Auxilium christianorum

Com o fim de proclamar a imensa bondade e os benefícios inumeráveis da Santíssima Virgem, tanto para cada um de nós em particular, como para a humanidade inteira, a Igreja deu-lhe o título de "Auxílio dos cristãos": *"Auxilium christianorum* — e por quantos títulos não merece Maria êste nome!...

"Resplandecente de um fulgor inefável aos olhos do gênero humano, diz Santo Amadeu, dirigindo para nós os seus olhos cheios de ternura, com os quais ilumina o céu, ela dirige a Deus uma prece fervorosa pelo clero e pelo povo, pelos vivos e pelos mortos. Rainha de glória e onipotente por suas preces, ela vem em nosso auxílio do

alto do céu, desviando tudo o que nos pudesse danificar, proporcionando-nos tôda sorte de bens e dando-se a todos aquêles que a invocam de coração, como o sustento da vida presente e da vida futura".[12]

"Ela se fêz tôda para todos, diz S. Bernardo, e constituiu-se, em sua caridade imensa, a devedora de todos, dos sábios como dos ignorantes".[13]

Mas, se Maria é dêste modo o auxilio de todos que a invocam, a sua solicitude se estende sôbre a universalidade dos fiéis, e protege especialmente a santa Igreja católica.

Os anais da história aí estão, para provar que, em todos os tempos, a cristandade foi libertada dos múltiplos perigos que a cercavam pela intercessão da Mãe de Deus.

As festas que celebramos nada mais são que o testemunho de reconhecimento para com a Rainha do céu, libertadora dos cristãos, das invasões dos bárbaros, da perseguição dos infiéis, das revoluções, das guerras, ou de outras calamidades. Basta-nos ver a origem da invocação: *Auxilium christianorum,* para provar esta verdade. Relatemos o fato:

Quando, na segunda metade do século dezesseis, as guerras da Reforma dilaceravam a Europa, delas se aproveitaram os turcos, para invadir os países cristãos. Tomaram e devastaram a ilha de Chipre, ameaçavam Veneza e, orgulhosos de suas vitórias, juravam só depor as armas após haver submetido a cristandade ao Crescente. Fortes pelos recursos de um imenso império, contavam com tropas aguerridas, frotas numerosas, armas e munições mais que suficientes, e — o que era de maior valor — tinham coragem a tôda prova.

Os reis da Europa, impotentes, deixavam desmembrar-se o império dos cristãos. Houve, porém, um homem de bastante penetração de espírito que logo compreendeu o perigo e contava bastante coragem para saber que só Deus podia salvar a Europa: — Foi o Papa Pio V.

O santo Pontífice convidou os povos cristãos a formarem uma aliança contra o inimigo comum.

Realmente, Selim II, sultão dos turcos, já anunciava que assediaria o Ocidente. O perigo era iminente.

12) Homil. 7 de B. Virg. ad fin.
13) Sup. Sign. Magn.

Os venezianos e Filipe II da Espanha corresponderam ao apêlo da Santa Sé, mas as demais nações recusaram o seu concurso.

S. Pio V não desesperou, e, apesar do seu isolamento, não quis esperar a frota de Selim, mas resolveu ir ao encontro da mesma. Esta liga foi concluída no decorrer de maio de 1571.

O Santo Padre nomeou D. João d'Áustria general-chefe dos exércitos cristãos e recomendou-lhe que não recrutasse homem algum de má vida, afirmando-lhe que tropas compostas de bons cristãos não deixariam de atrair a bênção de Deus, Senhor da vitória.

Por ocasião do embarque, o general-chefe recebeu das mãos do Papa a bênção e a bandeira, à sombra da qual o exército cristão devia combater. Tôdas as fôrças da Liga se haviam concentrado na ilha de Corfú. Os navios cristãos estenderam as suas velas e partiram em demanda da frota otomana.

Encontraram-na em pouco tempo, porque havia ancorado no golfo de Lepanto (cêrca de trinta léguas de Atenas).

Na manhã do dia seguinte, 7 de outubro de 1571, os turcos, que esperavam um dia glorioso, puseram-se em ordem de combate, e, para isso, deram à sua frota, segundo o seu costume, a forma de um crescente.

A sua linha tinha maior extensão que a dos cristãos, e êstes, ao contrário, dispuseram os seus navios de modo a formar uma cruz.

Em cada navio se achava um religioso franciscano, que exortava e animava os soldados a combaterem valorosamente, e a morrerem, se preciso fôsse, pela boa causa.

Todos estavam reconciliados com Deus, antes da hora do perigo.

Ao sinal de combate, os generais cristãos dirigiram palavras calorosas aos seus soldados, prostrados ante o crucifixo e fizeram-nos porem os seus rosários ao pescoço, como um sinal distintivo no meio da refrega. Êles só se levantaram no momento em que a frota cristã se pôs em movimento para o ataque.

Neste instante D. João fêz hastear no navio almirante o estandarte que havia recebido do Papa, e que

representava a Santissima Virgem tendo nos braços o divino Filho.

Acima dêle dominava a cruz.

Reboou um brado de alegria, e o primeiro ataque do inimigo respondeu ao seu eco. Mas nem uma bala sequer atingiu o lábaro bendito, nem neste momento nem no decorrer da batalha.

Os turcos não duvidavam do êxito do combate e acreditavam no fácil resultado que lhes abriria a entrada para a Europa e atacaram o exército cristão com violência e impetuosidade.

A principio tudo lhes parecia favorável; pois êles tinham a vantagem não só do número, mas o próprio vento lhes ajudava.

Contudo, os soldados cristãos sabiam melhor ainda que o resultado está nas mãos de Deus, e, afrontando a morte, combateram todos como heróis.

Na mesma hora, em Roma, o Santo Padre acabava de recitar o rosário, e trabalhava com os seus cardeais.

De repente, êle se levanta, abre a janela e olha o céu. Em seguida exclama: "Deixemos o trabalho e pensemos sòmente em agradecer a Deus a vitória que acaba de conceder aos exércitos cristãos!"

Admirados, os cardeais seguem o Santo Padre até à basilica de São Pedro, interrogando uns aos outros donde lhe vinha esta revelação.

Informado, o povo atribui êste milagre à Santíssima Virgem, protetora da frota.

Canta-se a ladainha em sua honra; e o Papa, nesse mesmo dia, enriqueceu-a com nova invocação: *Auxilium christianorum* — Auxilio dos cristãos, e logo depois deu à Santíssima Virgem o titulo de *Nossa Senhora da Vitória.*

Ao mesmo tempo estabeleceu a festa do santo Rosário.

Na verdade, fôra uma revelação.

Os cristãos haviam alcançado a vitória. O vento se lhes tornara repentinamente favorável, e D. João dera a morte a Ali, o comandante da frota inimiga, e, às seis horas da tarde, após doze horas de combate, os turcos haviam perdido trinta mil homens e duzentos navios, sem contar oitenta outros desamparados, que logo depois foram incendiados.

Os vencedores apoderaram-se de 372 canhões e 372 escravos cristãos, a quem restituíram imediatamente a liberdade.

Tal foi a vitória alcançada pela Santíssima Virgem.

E esta não é a única!

Conhece-se a batalha de Muret, em que Simão de Montfort venceu mais de 100.000 albigenses com menos de 15.000 soldados, enquanto S. Domingos fazia recitar o rosário.

Ninguém ignora com que fervor Sobieski, o herói polaco, havia invocado a Santíssima Virgem no dia memorável em que esmagou o imenso exército turco diante dos muros de Viena d'Áustria.

Tantos fatos provam a grande solicitude de Maria para com os exércitos cristãos que a sabem invocar.

VII

A bondade de Maria, a irradiar do seu nome

Não nos podemos mais admirar, após tão diversos episódios, de tudo o que os santos disseram acêrca do nome de Maria.

Se a Virgem é tão boa e tão compassiva, não deveria ela ter um nome que refletisse alguma coisa dessa bondade e dessa doçura?

Observa Sto. Tomás que os nomes impostos pelos homens nunca ou só raramente têm uma significação importante. "Tal, porém, não se dá, diz êle, quando êstes nomes vêm do céu; pois então êles correspondem ao caráter e à dignidade das pessoas por êles designadas".[14]

Verifica-se esta observação, sobretudo, em relação ao nome de Maria, pois nos recorda o poder ilimitado da Virgem soberana, êle nos mostra também a sua amável bondade (Estrêla do mar, Esperança) e a sua proteção sempre certa.

E' assim que Santo Antônio de Pádua o chama "mais doce aos lábios que um favo de mel; mais suave aos ouvidos que um canto suave; mais delicioso ao coração que a alegria mais pura".[15]

14) S. Tomás, Summa, parte 3ª, q. 37, art. 2.

15) Serm. 2 in Domin. 3 Quadrag. Nomen Mariae, mel in ore, melos in aure, jubilum in corde.

Como os santos sabiam apreciar êsse nome bendito, saboreá-lo e descobrir nêle tôda a ternura e tôda a exuberante bondade de Maria!

"Tôdas as vêzes que pronuncio êste nome, dizia o venerável Juvenal Ancina, experimento uma doçura sensível".

De fato, como é belo e santo o sagrado nome de Maria!

Quantos mistérios êle revela!

Quantas esperanças nos traz!

Enche tôda a alma e cobre de delícias todo o infinito do coração do homem!

Êste nome encerra algo de tão atraente e tão calmo, tão delicado e tão poderoso, que nome algum está tão repleto de amor!

Pode-se dizer que êle resume tôdas as delícias de Deus e tôdas as felicidades da outra vida, tôdas as esperanças dêste mundo e tôdas as alegrias da doce paz das almas cristãs.

Nêle há tôdas as harmonias dos serafins e os mais doces perfumes do céu. E' um nome misterioso. Êle não fala senão de amor; êle não vem até nós senão por sôbre as asas graciosas da clemência e do perdão. Êle faz ouvir uma voz cujos sons não se podem reproduzir. Não é o estrondo da tempestade, nem mesmo o rumor imponente de uma floresta balouçada pelos ventos.

E' um quer que seja que tem as melodias mais puras e mais suaves, e também as mais conformes às afeições secretas de uma alma amante. E' assim que o compreende e o aprecia tão eminentemente a Igreja.

Já notastes como ela gosta de repetir êste nome tão doce, como parece comprazer-se em repeti-lo, como insiste sôbre a doçura que dêle dimana e sôbre a bondade de que êle é a imagem! Ela canta, sem cessar, os louvores de Maria e une em tôda parte o seu nome ao nome de Jesus. São duas belezas que fazem uma única beleza; são dois corações que reúnem uma mesma chama; são, em resumo, a Mãe e o Filho.

Porventura já observastes que a Igreja tem uma como predileção notória para os cantos em que se celebra a doçura de Maria?...

E a Igreja, por sua vez, não é também filha de Maria?...

"Salve, ó Mãe de misericórdia, ó doçura! — *Salve dulcedo!* E ao terminar, os vossos lábios murmuram esta palavra suave "ó doce Virgem Maria" — *Dulcis Virgo Maria!*

Ao entoardes o *Ave Maris Stella,* notai ainda o título de "doçura" — O' Virgem sem rival, a mais doce de tôdas as criaturas: *Virgo singularis, inter omnes mitis.*

Mas, não é só nos seus hinos e cânticos que a Igreja celebra a doçura de Maria. A liturgia inteira está animada do mesmo espírito.

Seria necessário percorrer a longa série de festas de Maria, para ver com quanta piedade industriosa a santa Igreja multiplica os seus louvores à Virgem tão doce.

Muitas vêzes ela se utiliza das palavras da Sagrada Escritura, das palavras de Deus que pesa tôdas as coisas no seu exato valor, e não dispensa os seus louvores senão na justa medida em que são merecidos.

Ouçamos algumas destas palavras sagradas que se referem à nossa Mãe. E nós somos seus filhos. E é tão doce ouvir falar de uma mãe querida.

Os vossos lábios, ó imaculada, *são lírios que distilam a mirra mais preciosa* (Cant 4, 13).

"O teu amor é melhor do que o vinho fragrante, como os mais preciosos bálsamos" (Cant 1, 1).

Tu és a formosíssima entre as mulheres (Ib 7).

As tuas faces têm a beleza da rôla.

Como és formosa, amiga minha!

Como és bela...

És a açucena dos vales!

A tua voz é doce... e a tua face graciosa (Ibid. 4, 14).

E quem avaliará a beleza dos vossos olhos mais doces que os olhos da pomba? — *Oculi tui columbarum.*

Mais límpidos que o cristal, mais serenos que os céus!

E a vossa voz, como é encantadora! Ela me lança na admiração. Ela encanta os meus ouvidos, e eu quereria ouvi-la sempre. Ela é verdadeiramente suave aos ouvidos de Deus: *Vox tua dulcis.*

Assim cantam os livros sagrados, que celebram a doçura da Imaculada. E a Igreja recolhe estas modulações divinas, dirigindo-as outra vez à mais doce das virgens.

Não sei quem foi o primeiro a usar desta tocante invocação: *"Dulcissima Mater dulcissimi Filii* — O' Maria, a mais doce Mãe do mais doce dos filhos!

Mas pouco importa o autor. Esta palavra é como um resumo sucinto, e, portanto, completo, dos textos dos nossos livros santos, que a Igreja aplica à Imaculada.

Doce palavra, cuja repetição é tão consoladora!

As fibras do coração parecem dilatar-se para repetilas com mais amor, fazer subir até aos lábios o perfume que a aureola e a virtude que dela emana. Ela é digna do coração de Agostinho, de Bernardo, de Montfort, ou Afonso de Ligório.

Repitamo-la muitas vêzes, sobretudo nas horas sombrias, em que a nossa alma, imersa nas trevas e na aflição, necessita dêste raio de suavidade e de ternura:

Dulcissima Mater dulcissimi Filii!

Ora pro nobis!

Mas o nome de Maria não é só uma melodia para os ouvidos e um júbilo para o coração. E' ainda um poder na terra e no próprio inferno.

Eis, a êste respeito, um fato muito notável, que se encontra na vida de S. Francisco de Sales:

Havia cinco anos um jovem do Chablais estava possuido do demônio.

Um dia, enquanto era exorcizado, os assistentes e o exorcista puseram-se a dizer: "O' santa Mãe de Deus, rogai por nós! O' Mãe de Jesus, ó Maria, auxiliai-nos".

A êste nome, o espírito infernal soltou gritos terríveis, e exclamou: "Maria! Maria! Não profirais êste nome! Êle me faz tremer!"

E acrescentou estas palavras muito dignas de nota: "Ah! se eu tivesse para mim uma Maria, como vós a tendes, eu não seria o que sou! Se eu tivesse um só momento de todos aquêles que vós perdeis, se, por um só instante, alguém fôsse para mim o que Maria foi para vós, eu não seria o demônio!"

E, dizendo isto, Satanás saiu do corpo do possesso, uivando horrivelmente de raiva e de desespêro.

Que lição e que advertência para nós, filhos de Maria!

Um só instante! Alguém como Maria! e Satanás tornar-se-ia um anjo luminoso do céu!...

VIII

A doçura do nome de Maria

Temos ouvido como a Igreja proclama a doçura da Virgem imaculada.

Ouçamos, agora, os santos, que porfiam em cantar a doçura de sua celeste Mãe. Esta doçura os arrebata, e o seu nome bendito aparece sem cessar sôbre os seus lábios.

Recolhamos piedosamente algumas de suas confissões, pois não é uma confissão a palavra que traduz os sentimentos mais íntimos de uma alma?...

S. Pedro Damião diz que o nome de Maria foi tirado do tesouro da divindade.[16]

E Ricardo de S. Lourenço, comentando esta palavra, ajunta: "Sim, ó Maria, o vosso nome sublime e admirável saiu do tesouro da divindade. As três pessoas da Santíssima Trindade vo-lo deram de comum acôrdo; e elas o cumularam de tanta majestade e poder que, quando êle é pronunciado, prostra-se tôda criatura e o venera, no céu, na terra e nos infernos".[17]

E alhures, diz ainda o mesmo autor: "Ah! se as riquezas consolam os pobres, tirando-os das suas misérias, quanto mais, ó Maria, o vosso nome nos consola em nossos sofrimentos, pois muito mais que as riquezas da terra, êle suaviza as angústias da vida presente".

S. Bernardo, em sua eloqüência tão terna, achava que o nome de Jesus é uma doce melodia para os ouvidos, um mel suave para os lábios e um néctar divino para o coração. Mas êle ajuntava imediatamente que, depois do nome de Jesus, nenhum nome é tão suave para se pronunciar como o vosso nome, ó Maria.

"O' grande, ó clemente, ó admirável Maria, ó Virgem Santíssima, exclamava êle, quão doce e amável é o vosso nome! Não podemos pronunciá-lo sem nos sentirmos abrasados de amor por vós e por Deus. E' até suficiente que êste nome se apresente ao pensamento daqueles que vos amam, para crescer imediatamente o seu amor e para consolá-los".[18]

---

16) De thesauro Divinitatis, Mariae nomen evolvitur (Sermo de Annunt.). 17) De laud. B. Virg. lib. I, c. 2.

18) O Magna, o pia, o multum amabilis Maria! tu nec nominari potes, quin accendas, nec cogitari, quin recrees affectus diligentium te (Depr. ad glor. B. Virg.).

Santo Antônio de Pádua, ao pronunciar o nome de Maria, sentia uma doçura tal, que a sua alma estremecia e os seus lábios rescendiam o seu perfume. E ia pelas cidades e vilas, pregando o nome de Jesus Redentor e de Maria co-redentora. Para ensinar às almas a amar a Jesus, êle antes as fazia amar a Virgem imaculada, e repetir o seu tão doce nome.

O *bem-aventurado Hermano José* não cessava de repetir o nome de Maria, e esta devoção lhe proporcionava uma alegria celeste. Mesmo quando estava só, êle se prostrava humildemente e dizia a cada momento: "Maria! Maria! Maria!"

Um dos seus amigos, também muito devoto de Maria Santissima, surpreendeu-o um dia num dêsses movimentos de piedade e, admirado de vê-lo tanto tempo tão profundamente prostrado, diz-lhe: "Que fazeis ai? Quais os sentimentos que experimentais?..."

Ao que Hermano respondeu: "Eu colho, mas com uma consolação divina, os frutos deliciosos do nome de Maria. Quando eu o pronuncio, parece-me que tôdas as flores e que todos os perfumes se reúnem em tôrno de mim, para impregnar de odores suavissimos o ar, enquanto a minha alma se inunda de uma alegria celestial. Refaço-me de minhas fadigas e trabalhos e esqueço as amarguras da vida, quando digo: Maria! Quereria também ficar sempre com a fronte por terra, para jamais cessar de repetir o nome, o santo, o doce nome de minha Mãe, Maria Santíssima".

O *bem-aventurado Henrique Suso* aprendeu também por experiência a doçura do nome de Maria! Pronunciando-o, êle se sentia penetrado de confiança, inflamado de amor e extremamente consolado.

Chorando de alegria e palpitando de felicidade, êle quis também que o coração lhe saltasse do peito aos lábios, pois o nome de Maria, como afirmava êle, liquefazia-se no âmago do seu coração, como um favo de mel. Em sua alegria, ouviam-no exclamar muitas vêzes: "O' nome cheio de suavidade, ó Maria; o que sereis vós mesma, se só o vosso nome já é tão amável e tão gracioso?"

Santo Afonso de Ligório amava também a divina Mãe. Sabe-se com que piedade filial êle a servia e a louvava, e quanto se esforçava por fazê-la louvar e amar pelos outros. E o nome de sua amada voltava-lhe conti-

nuamente sob a pena e sôbre os lábios, assim como estava em seu coração.

"O' Maria, cheia de graça, exclamava êle, fazei que o vosso nome seja a aspiração de minha alma! Não quero nunca deixar de recorrer a vós, repetindo sempre: Maria! Maria!

Eis o que espero e o que farei durante tôda a minha vida, para ir depois louvar eternamente, no paraiso, o vosso nome querido, ó clemente, ó boa, ó doce Virgem Maria!

Que consolação, que doçura, que ternura sente a minha alma, ó Maria, ó amável Maria, quando pronuncio o vosso nome!

Agradeço ao Senhor meu Deus o ter-vos dado, para minha felicidade, êste nome tão doce e tão amável".

Em outra parte, fora de si, exclama o mesmo santo:

"O' Maria, ó Jesus, vivam os vossos nomes no meu coração e no coração de todos os homens! Desapareça em mim a memória de todos os outros nomes, para lembrar-me sòmente de vossos nomes admiráveis!

"O' Jesus, meu Redentor, ó Maria, minha Mãe! quando vier a minha hora derradeira, fazei, eu vo-lo suplico, que os últimos esforços dos meus lábios sejam para dizer e tornar a dizer: Jesus, Maria, eu vos amo. Jesus e Maria, eu vos dou o meu coração e minha alma".[19]

Eis os santos e o lugar que o doce nome de Maria ocupava na vida de todos êles!

Êles tinham sempre presente no espírito a bondade de Maria. E esta bondade se lhes mostrava e personificava em o nome de Maria.

Oh! repitamos, pois, como êles, êste nome suave!

Repitamo-lo dia e noite, a fim de que êle se aclimate aos nossos lábios, impregne a nossa vida e nos faça viver na lembrança contínua das ternuras de nossa Mãe celeste.

Terminando, digamos mais uma vez esta bela prece de Santo Anselmo[20]: "O' veneranda Virgem, santa Maria, ouvi a minha prece... Eu vos conjuro e vos suplico em nome do vosso caríssimo Filho que graveis em mim a continua lembrança do vosso dulcíssimo nome. Que êle

19) Paráfrase de Salve Regina, c. X.
20) Orat. 48 ad B. Virg. Mariam.

seja a minha doce nutrição e o mais suave alimento de minha alma.

Venha êle em meu auxílio nos perigos e nas provações... Seja êle a minha alegria.

Se eu mereço obter esta graça da bondade de Deus e da vossa, é certo que não perecerei jamais, pois então terei sempre a vossa graça, a vossa misericórdia e a vossa proteção".

Digne-se Deus, pelos méritos e pela intercessão da Santíssima Virgem, fazer-nos gozar dêste benefício!

CAPÍTULO XIV

A MISERICÓRDIA DE MARIA

Maria é tão misericordiosa, tão atenta em vir em socorro dos infelizes, que parece não ter ela outro desejo, nem outra função que a de nos socorrer. (Santo Anselmo)

I

A Rainha de misericórdia

A Igreja sempre conduzida pelo Espírito de Deus, nos ensina em duas palavras o que Maria faz pelos homens. Ela a chama: "Rainha e Mãe de misericórdia — *Regina, Mater misericordiae*".

Como já dissemos precedentemente, Maria é Mãe da graça para todos os justos, pois ela os conserva na santidade e lhes obtém a perseverança final. Ela é, ao mesmo tempo, Mãe de misericórdia para os pecadores, porque os recebe com bondade, escuta favoràvelmente os seus pedidos, e para êles obtém de Deus a remissão dos seus pecados.

Êstes são os diferentes ofícios da misericórdia que vamos considerar aqui.

Por que é que Maria é chamada a Rainha de misericórdia?...

Uma Mãe, cujo Filho é rei, merece que se lhe outorgue o nome e as honras de Rainha.

Ora, aquêle que nasceu de Maria é Rei. Logo, ela é, com tôda verdade, rainha e soberana.

Entre a Mãe de Deus e o seu Filho não só sòmente a comunicação, mas há também a unidade de poder. A

Mãe participa da dignidade do seu Filho; ou, antes, o Filho e a Mãe têm ambos o mesmo cetro.

Jesus Cristo é o Rei do universo: Logo, é também sôbre o universo inteiro que a Virgem Maria reina, Rainha dos céus. Ela possui todo o império de seu Filho.

Tôdas as criaturas, sôbre as quais se estende o cetro de Jesus Cristo, estão, por conseguinte, submetidas ao cetro da Virgem.

Mas, se Maria é Rainha, ela deve ser uma Rainha de misericórdia. Todo outro titulo de realeza seria indigno da sua fronte virginal, e qualquer outro cetro, indigno da sua mão; qualquer outra dominação, incapaz de satisfazer os desejos de seu coração.

"Servir a Deus é reinar".

Maria não reina tão perfeitamente, tão divinamente, senão porque ela serve a Deus, como jamais o soube servir qualquer outra criatura.

Ela reina servindo. Serve antes de tudo a Deus, por êle mesmo, e serve também aos homens por Deus.

Serve a Deus pelo seu amor e pelas suas virtudes; e serve aos homens pela sua bondade e pela sua misericórdia.

Eis por que a sua misericórdia só é igualada pelo seu poder, e o seu poder está proporcionado à sua misericórdia.

Mas a realeza de Maria tem uma particularidade!

Tôda realeza da terra deve reunir a justiça e a misericórdia.

O poder de Deus, diz Santo Afonso de Ligório, consiste, ao mesmo tempo, na justiça e na misericórdia.

Mas êle o separou em duas partes: para si mesmo reservou a justiça, e depositou a misericórdia nas mãos de sua Mãe.

O Padre Eterno "deu a justiça ao Rei" e à Rainha a misericórdia, a fim de que esta não tivesse outra função que a de compadecer-se das misérias dos infelizes e aliviá-las.

Sim, é bem êste o oficio da nossa incomparável Mãe. Ela nos ama como Mãe. E poder-se-á esperar outra coisa do amor materno, a não ser a misericórdia?...

O amor é o centro de tudo. Revestido de graça e de luz, êle se chama caridade. O amor que se inclina para os pequenos é a bondade. O amor que recolhe os trans-

viados e absolve os maus e assegura o arrependimento é a misericórdia.

E como somos sobretudo pecadores aos olhos de Deus e de sua santa Mãe, é a misericórdia a forma sob a qual o seu amor manifesta as mais das vêzes o nome que lhe preferimos dar.

O' Maria, vós sois Rainha de misericórdia. E' êste o título que eu mais amo, e que parece ter sido feito para mim, pois, pecador como sou, é necessário o arrependimento, o perdão e a misericórdia. E tudo isso eu o encontro em vós.

A Santíssima Virgem, ela mesma, nos deu a conhecer êste privilégio, em uma revelação a Santa Brígida.

"Eu sou a Rainha do céu e a Mãe de misericórdia, lhe disse ela; eu sou a alegria dos justos e a porta aberta aos pecadores, para irem até ao céu.

"Não há no mundo homem, por mais maldito que seja, por causa dos seus pecados, que não participe da minha misericórdia. Enquanto o homem não está sob o pêso da irrevogável maldição pronunciada contra os réprobos, não está de tal modo rejeitado por Deus, que não possa realmente voltar a êle, e obter a sua graça e a sua misericórdia, se êle me chama em seu socorro.

"Todo o mundo me proclama a Rainha de misericórdia. Realmente, a misericórdia de Deus para com os homens me constituiu Rainha de misericórdia em favor dêles.

"Infeliz, pois, e para sempre desgraçado aquêle que, podendo recorrer a mim aqui na terra, deixa de implorar-me e se perde, assim, miseràvelmente".

Quisemos citar aqui na íntegra esta passagem notável em que se averigua a solicitude de Maria para a salvação de nossas almas, com o seu desejo de expandir sôbre nós os tesouros de sua misericórdia.

"Recorramos, pois, com confiança a esta doce soberana, se quisermos realizar a nossa salvação com mais segurança, diz ainda Santo Afonso de Ligório, pois ela não foi estabelecida Rainha de misericórdia senão para nos tomar sob a sua proteção e salvar aquêles que a imploram, por mais criminosos e desesperados que sejam".[1]

1) Glórias de Maria.

Portanto, diremos com S. Boaventura: "O' minha soberana, perdoai-me, a mim, o mais vil dos homens, que ouso apresentar-me diante de vossa Majestade!

Estou cheio de misérias, mas vós sois a Rainha da misericórdia. E quem são os que necessitam de vossa misericórdia, senão os miseráveis! Como, pois, ó Rainha, não manifestareis para comigo os sentimentos de vosso coração tão cheio de comiseração!?...

Sim, ó minha soberana, vós sois a Rainha de misericórdia, pois não há nesta vida homem algum tão desesperado, ou tão desgraçado, por quem não obtenhais os efeitos salutares da misericórdia, se êle se puser sob a vossa direção".[2]

"O' doce Rainha, exclama Santo Afonso, à vista da misericordiosa ternura de Maria; ó vós, que, pelas menores demonstrações de vosso amor e pelos vossos contínuos benefícios, arrebatais os corações daqueles que vos servem; arrebatai também o meu coração, que tanto deseja amar-vos. Como poderia eu viver sem vos amar, ó augusta Rainha e Mãe, a vós, que por vossa bondade tocastes o Coração de Deus e o atraístes do céu ao vosso seio?!"[3]

Não, não; isto nunca! E vos direi, a exemplo de S. João Berchmans: "Não descansarei, ó Virgem Santa, enquanto não tiver um terno amor por vós, ó minha Mãe".

II

A Mãe dos pecadores

Ser Rainha de misericórdia para aliviar tôdas as misérias humanas, e encorajar, erguer e estimular os fracos, não pode ser suficiente ao imenso amor de Maria.

Uma mãe ama a todos os seus filhos, mas presta uma atenção tôda especial aos mais fracos e aos mais transviados.

Não têm êles mais necessidade que os outros das ternuras maternas?...

Em nossos dias, sobretudo, em que a indiferença e o crime são tão comuns, a Virgem imaculada se mostra tão misericordiosa, que ela parece afeiçoar-se mais ao título de "Mãe dos pecadores".

---

2) Stimul. div. Amor. part. 3, C. 19.
3) Sup. Salv. Reg. Cap. I, p. 3.

Em *La Sallete* já se nos manifestou como a "Reconciliadora dos pecadores". Mas ela quer mais. Depois, mais recentemente (setembro de 1910), ela apareceu nas montanhas de Vercors (Drôme), onde se manifestou sob o título de *"Advogada e Mãe dos pecadores"*.

Em *Fátima* (Portugal), apareceu em 1917 a um grupo de crianças, incitando-as à recitação do rosário.

Recentemente ainda, em 1933, mostrou-se em Banneux, na Bélgica, intitulando-se a "Mãe dos operários".

O' Virgem incomparável, como me deleito agora em invocar-vos sob êste título! Evidentemente os pecadores estão longe da casa paterna; fogem de vós, e vos insultam, talvez. Mas não são êles vossos filhos, resgatados pelo sangue de vosso divino Filho e por vossas lágrimas?... Filhos transviados, infiéis, dignos de castigo, e, precisamente por isso mesmo, infelizes!

Mas poderá a desgraça de um filho encontrar indiferente o coração de sua mãe?...

Ah! sim, vós os amais ainda, pois o vosso olhar os segue nos seus desvarios e o vosso coração os cobre de sua ternura.

Cada dia e cada hora vós dizeis: "Êle, o pródigo, pode voltar, êle pode converter-se, êle será digno de sua Mãe, e a minha paciência e minha solicitude não terão sido perdidas".

Portanto, Maria é verdadeiramente Mãe dos pecadores, pois que, no mais forte dos seus desvios, ela não os abandona. Ela espera, chora, intercede por êles junto ao seu divino Filho, até que, enfim, tocado e convertido, o pródigo se vai lançar nos braços de seu Pai.

Se uma mãe soubesse que tenha surgido uma inimizade mortal entre os seus dois filhos, a ponto de um dêles atentar contra a vida do outro, que não faria ela para os reconciliar?...

E o que a mãe do nosso corpo faria, por que não o faria a Mãe de nossas almas?...

Maria é Mãe dos homens, ao mesmo tempo que Mãe de Jesus. Mãe do culpado e Mãe do vingador, ela não suportará que êles estejam desunidos; mas intervirá para restabelecer a paz entre êles.

Mãe dos pecadores que se querem converter, Maria não pode deixar de sentir por êles a mais natural com-

paixão. E isso a tal ponto que ela parece sentir, como seus próprios, os males de seus filhos.

A cananéia dizia assim a Jesus: "Tende piedade de mim! A minha filha está cruelmente atormentada pelo demônio".

Julgais, porventura, que ela deveria ter dito: "Tende piedade de minha filha", em lugar de "tende piedade de mim"?

De modo algum, pois as mães sentem sempre, como se fôssem seus próprios males, os males dos seus filhos que sofrem.

E é bem esta a prece que Maria dirige a Deus.

A vista do infeliz cristão, desfigurado pelos estigmas do pecado, coberto pelos andrajos do vício, ela se prostra aos pés de seu divino Filho, e lhe diz: "Senhor, tende piedade de mim, pois o meu filho está cruelmente atormentado pelo demônio; tende piedade de mim, pois o meu filho está doente".

Poderia Jesus rejeitar a prece de sua Mãe, êle, que morreu no Calvário para a salvação dos pecadores?...

E ela se identifica com êles, pois é uma prece em que pede compaixão para si mesma, e substitui aquêle que implora, para implorar no seu lugar.

Oh! certamente, diz ainda Santo Afonso, Deus não pode condenar os pecadores que recorrem a Maria, quando ela implora, por êles, a sua divina misericórdia.

"E o Filho sente prazer com as preces de sua Mãe, observa S. Teófilo de Alexandria, porque tudo o que êle nos concede vencido pelas súplicas desta santa Mãe, a ela é que o julga conceder".

Não eram precisamente os pecadores que êle lhe recomendou sôbre a cruz, como filhos a sua mãe?...

E ela igualmente desempenha com tal solicitude o seu ofício, que não deixa perecer qualquer que seja daqueles que lhe são confiados, se êles recorrem a ela e a invocam.

Qum jamais poderá explicar a bondade, a misericórdia e a perseverança que Maria emprega para nos salvar, quando nós reclamamos a sua assistência?...

Admirável condescendência do Senhor, que assim fixa limites à sua justiça, a fim de dar livre curso à misericórdia de Maria!

Prodigiosa bondade de Maria, que parece esquecer a ingratidão e a crueldade dos pecadores, e crucificar de novo o seu Filho para não cogitar senão de os proteger contra os raios vingadores da cólera divina!

Enquanto o pecador ficar obstinado nas vergonhosas cadeias que o prendem ao mal, êle faz de Maria uma mãe de dores, segundo uma revelação da própria Virgem.

De fato, um dia, em que um pecador a chamava: "Mãe de misericórdia", a Mãe de Jesus respondeu: "Vós, pecadores, quando quereis que eu vá em vosso auxílio, me chamais a "Mãe da misericórdia" e, precisamente, não cessais de fazer de mim, pelos pecados, uma "Mãe de miséria e de dores".

E a um outro que lhe dizia: *"Monstra te esse Matrem"*, "Mostrai que sois nossa Mãe", ela respondeu: "E tu, mostra que és meu filho".

Realmente, o que Maria quer é a conversão do pecador. Ela não é e não quer ser a sua Mãe, senão porque espera que o arrependimento o reconduzirá aos pés do seu Deus.

Além disso, desde que o infortunado pecador volve o seu olhar para a Virgem misericordiosa, e estende as suas mãos para ela, porque um desejo de conversão lhe faz pulsar o coração, ei-la que se inclina para êle, sorridente, prestes a acolhê-lo e a se encarregar, ela mesma, de lhe obter de seu Filho perdão e misericórdia.

Sem dúvida, o pecador que a invoca não é ainda digno de ser atendido. Mas os méritos de Maria intervêm em seu favor e Deus lhe atende às preces.

Invoquem-na, pois, os pecadores, e invoquem-na sobretudo com confiança, embora não tenham por si mesmos titulo algum aos favores divinos. Ao menos, Maria tem o privilégio de obter tudo o que pede. E precisamente porque somos indignos de receber a menor coisa, tudo foi dado a Maria, para que tudo recebamos das suas mãos.

Quando um pecador está decidido a mudar de vida, oh! que acolhimento não encontra êle junto a Maria!!!

"Jamais uma fonte deu com mais boa vontade as suas águas, do que a Virgem dispensa os seus benefícios e as suas misericórdias".

Tal é a bondade desta divina Mãe. E', ao menos, o que dela sabemos.

Mas importa dizer que tudo o que sabemos nada é em comparação da realidade. Uma coisa, porém, é certa, e é que tôda alma de quem ela se aproxima e que a não repele com obstinação, é uma alma que se pode dizer salva.

Aliás, a sua função própria como o seu papel no plano divino é se aproximar de tôdas as almas, a fim de salvá-las tôdas.

Ela emprega para isso todos os expedientes e, se o ousarmos dizer, tôdas as indústrias de sua delicada e vigilante ternura.

Ela é a "Transeunte misericordiosa", que anda por todos os caminhos por onde passam os pobres pecadores. Guia-os pela mão, segue-os com o olhar, ou espera-os na passagem. E não há nenhum dêles, mesmo entre os malditos do último dia, que não seja obrigado a dizer: "Sim, é verdade, em tal ocasião e em tal outra eu a encontrei, ela veio ao meu encontro e me ofereceu a salvação".

E ela sempre é doce, sempre indulgente, e sempre está à procura de novas indústrias, cada vez mais suaves umas que as outras, tôdas inspiradas ùnicamente pela sua insondável caridade de Mãe.

O seu programa resume-se nesta palavra: Atá-los-ei pelos vínculos da caridade (Os 11, 4).

Os outros meios não entram no seu plano. Ela não tem senão o domínio da misericórdia e conhece todos os seus recursos, e os varia ao infinito. Sendo necessário, ela os acomoda ao nosso temperamento, aos nossos gostos, aos nossos caprichos e às nossas manias.

Onde quer que nos assaltem as contingências da sorte, aí encontraremos os seus laços estendidos de antemão. E para escapar aos mesmos é preciso que o pecador seja de vontade muito obstinada, muito corrompida, muito tenaz e teimosa.

A Igreja está tão convencida da compaixão de Maria para com os pobres pecadores, e do seu poder de intercessão, que ela coloca sôbre os nossos lábios esta bela oração:

"Deus de bondade, concedei à nossa fraqueza o apoio de vossa graça. E assim como honramos a memória da santa Mãe do Salvador, fazei que, pelo socorro de sua

intercessão, nos possamos erguer das nossas iniqüidades".[4]

Prostremo-nos, pois, diante desta boa Mãe, beijemos-lhe os pés sagrados, e não a deixemos senão quando ela nos tiver dado a sua bênção e nos tiver adotado como filhos seus.

Digamos-lhe com Santo Afonso: "O' minha Rainha e minha Mãe, por meus pecados mereci ser banido de vossa presença; mas, mesmo se me rejeitásseis e désseis o golpe mortal, ainda eu teria esperança em vós.

Ah! que pelo menos possa eu ter a felicidade de morrer diante de vossa imagem, recomendando-me à vossa misericórdia. Então, sem receio algum, esperarei ir ao céu, para vos louvar, com a multidão dos vossos servos, que vos devem a sua salvação, porque, na hora de sua morte, êles reclamaram o vosso socorro, e obtiveram, por isso, a vossa poderosa assistência".[5]

III

Maria, nossa única esperança

Entre os louvores que a Igreja põe sôbre os lábios dos sacerdotes para os dirigir a Maria, na recitação do ofício divino, há um que volta várias vêzes durante o dia e traz ao coração uma consolação tôda especial. — E' o de *"Spes nostra, salve"*.

Há dois modos de depositarmos nossa esperança em alguém, segundo o consideramos como causa principal, ou como causa intermediária.

Aquêles que esperam algum favor real, esperam-no do rei, como soberano, e do ministro, como intercessor. E quando o favor é obtido, é do rei, evidentemente, que o obtemos, mas pelo intermédio do ministro. Aquêle, pois, que solicita e espera uma graça, pode dizer do seu intercessor que êle é a sua esperança.

Deus deseja ardentemente enriquecer-nos com suas graças; o seu coração quereria poder abrir-se todo, e atear nas almas êste "fogo que veio trazer à terra e quereria ver aceso por tôda parte".

Entretanto, como condição essencial, êle exige uma grande confiança de nossa parte. Êle nos dará, mas é preciso confiar inteiramente nêle.

---

4) Orat. post Ave Regina. 5) Ap. S. Alph. De visit. part. 2.

E é para aumentar esta confiança, que êle nos dá tudo o que pedirmos à sua própria Mãe, como nossa advogada e nosso sustentáculo. Ela recebeu todo o poder para ser o nosso auxílio.

Aprouve-lhe exaltar assim essa incomparável criatura, que, aliás, o amou e serviu aqui na terra melhor do que todos os homens e que todos os anjos. Êle quer que ponhamos nela a esperança de nossa salvação; que dela esperemos todo o nosso bem.

E', pois, com tôda a justiça que proclamamos Maria a nossa esperança, pois que esperamos obter por sua intercessão o que as nossas preces não bastariam para nos obter sòzinhas. Nós lhe pedimos para que ela supra por sua dignidade o que nos falta.

Portanto, depositar a nossa confiança em Maria e recorrer a ela, não é desconfiar da misericórdia de Deus, mas temer por causa da nossa própria indignidade.

Eu sou, diz Maria, a "Mãe da santa esperança".

Que outra coisa devemos esperar que a salvação de nossa alma? Logo, é dêstes bens que Maria é a Mãe.

"Ela é mesmo a nossa única esperança, diz Santo Afonso, porque na ordem atual da Providência ninguém se pode salvar senão pela intercessão de Maria".[6]

Tal é, de fato, o plano de Deus que tôdas as suas misericórdias passem pelas mãos de sua santa Mãe.

Êle mesmo quis resgatar o gênero humano, mas colocou o resgate de nossas almas entre as mãos de Maria, para que dêle disponha, à vontade.

Por ela veio êle até nós, e êle é a fonte e a causa de tudo. Mas é por Maria que êle quer que nos venham os seus benefícios, tôdas as suas graças, e, sobretudo, tôdas as suas misericórdias.

"Todo o bem nos vem por ela, diz Santo Afonso, e é por ela que nós somos preservados de todo mal.

Deus a constituiu o nosso recurso aqui na terra, o guia de nossa peregrinação, a fôrça de nossa fraqueza, a riqueza de nossa pobreza, o fim de nosso cativeiro e a esperança de nossa salvação. Ela é o nosso refúgio, a nossa vida, o nosso socorro, a nossa fôrça e a nossa esperança".[7]

---

6) Super Salve Regina. 7) Ibid.

Escutai a bela oração que lhe dirige S. João Crisóstomo:

"Se vós, ó Maria, desde a eternidade fôstes predestinada à dignidade de Mãe de Deus, é para que os miseráveis, que não poderiam ser salvos segundo as leis da divina justiça, o fôssem pela vossa doce misericórdia e a vossa poderosa intercessão".[8]

A grande função de Maria é afastar de sôbre a cabeça dos pecadores os castigos de que os ameaça a cólera divina.

"Antes de Maria, diz S. Boaventura, ninguém havia que pudesse dêste modo sustentar o braço vingador do Eterno. E ainda agora, ninguém mais do que ela é capaz de deter o seu terrível gládio".[9]

"A mediação de Maria, diz Santo Antonino, apazigua a ira do soberano Juiz, e faz descer sôbre nós o perdão, apesar dos esforços do demônio, em um negócio tão importante para nós.

E' como que um processo entre Deus e o homem, e em que criatura alguma ousaria intervir".[10]

Podemos, pois, dizer com São Boaventura: "Tivesse o Senhor pronunciado contra mim a sentença de reprovação, eu sei que êle não se pode recusar àquela que o ama e o procura de todo o seu coração. Eu o estreitarei entre os braços do meu amor; e, enquanto êle não me tiver abençoado, não o deixarei ir; e, se êle se retirar, deverá levar-me consigo".

"Como último recurso, eu me ocultarei em suas chagas, e aí ficarei. Desde então ser-lhe-á impossível não me encontrar consigo. E se o meu Redentor, por causa dos meus pecados, chegasse a me expulsar de perto dos seus sagrados pés, iria, então, lançar-me aos pés de Maria, sua Mãe, e não me ergueria daí, enquanto ela não me tivesse obtido o perdão. Pois esta terna Mãe de misericórdia não sabe, nem jamais soube recusar a sua compaixão às misérias dos homens, e repelir os infelizes que lhe vêm implorar o socorro".

O' Maria, tôda misericordiosa, volvei para nós os vossos olhos misericordiosos, pois nós somos vossos e em vós depositamos tôda a nossa eperança.

8) Homil. 3 de b. Virg.
9) Spec. B. Virg. lect. 12.
10) Summ. part. 4 lit. 15. c. c. 19.

Encontrar, pois, Maria é encontrar tôdas as graças e tôdas as virtudes, já que é por estas graças e por estas virtudes que devemos operar a nossa salvação e que Maria é a esperança da nossa salvação.

Eis por que a Igreja aplica à Santíssima Virgem estas palavras dos provérbios: "Entre as minhas mãos estão tôdas as riquezas de Deus e os seus imensos tesouros".

"Quem poderia não amar a Santíssima Virgem?...

Ela é tão amável e tão boa para com aquêles que a amam, diz Santo Afonso; qual seria o homem insensato e bastante desgraçado para a não amar?...

Nas dúvidas e nas perplexidades ela é a luz que ilumina todos aquêles que a imploram.

Nas aflições ela é a consolação daqueles que nela confiam. Nos perigos é o refúgio dos que reclamam o seu socorro". Em tudo ela é, pois, a esperança, a única esperança da nossa salvação, pois o seu divino Filho quer que pelas suas mãos passe, executando-se prontamente, o menor dos seus desejos.

Digamos-lhe, pois, com a Igreja, cheios de confiança e de amor:

Vita, dulcedo et spes nostra, salve!
Vida, doçura e esperança nossa, salve!

IV

O penhor da perseverança

A perseverança final, como o ensina o Concílio de Trento, é um dom de Deus, um dom tão grande quão inteiramente gratuito, pois está fora das graças que podemos merecer. Mas todos aquêles que o pedem a Deus, com instância, obtê-lo-ão infalìvelmente, se ousarem pedi-lo até ao fim de sua vida.

Para ter sempre a graça da perseverança, é preciso pedi-la sempre. E' o que faz dizer a Santo Agostinho, que de certo modo nós a merecemos pela oração.[11]

Ora, como já acima dissemos, Deus não concede aos homens graça alguma, sem a fazer passar pelas mãos de Maria, e nós só a esperamos e só a poderemos obter pelo intermédio de Maria.

---

11) Hoc Dei donum suppliciter emereri potest (De dono persev., c. VI).

"Com efeito, diz aqui Bossuet, a teologia reconhece três operações principais da graça, das quais depende a nossa salvação.

Deus nos *chama,* Deus nos *justifica* e Deus ainda nos dá a *perseverança.*

A vocação é o primeiro passo. A justificação constitui o progresso, a perseverança conclui a viagem.

Ora, se é de fé que nestes três estados a influência de Jesus nos é necessária, é também certo, pela sagrada Escritura, que Maria é associada a estas três obras. Testemunha-o a vocação de S. João, e a primeira exultação sobrenatural excitada nêle pela voz de Maria, assim que tinha chegado aos ouvidos de sua mãe; testemunha-o o milagre de Caná, realizado a pedido de Maria e cujo fruto foi produzir nos apóstolos a fé viva que lhes trouxe a justificação; testemunha-o, enfim, a perseverança dêstes mesmos apóstolos e dos primeiros discípulos, sob os auspícios da Mãe de Jesus.

Aquêles que sabem considerar — é sempre Bossuet quem fala — quão fecundas e quão misteriosas são as menores palavras da Sagrada Escritura, conhecerão por êstes três exemplos que Maria é, por sua intercessão, a Mãe dos chamados, dos justificados, dos perseverantes e, por conseguinte, a sua intervenção fecunda é um instrumento geral das operações da graça".

Não é, pois, sem razão que S. Germano proclama Maria a *"Respiração"* dos cristãos. De fato, assim como o corpo não pode viver sem respirar, também a alma não pode viver sem recorrer e se recomendar a esta divina Mãe.[12]

Se o sol deixasse de aparecer, diz S. Bernardo, o que se tornaria a terra, senão um caos de trevas e de horrores?...

Assim, se Maria desaparecesse de uma alma, não lhe restariam mais que trevas e confusões.[13]

Ainda Maria é chamada a lua, a aurora, o sol, que iluminam o caminho do céu".[14]

Lua, para os infelizes imersos na noite do pecado, ela lhes faz ver o estado de danação em que se encontram.

12) De Zona Deiparae.

13) Tolle corpus hoc solare, ubi dies? tolle Mariam, quidquid nisi tenebrae relinquentur (De aquaed.).

14) Luna in nocte, aurora in diluculo, sol in die (Innocent. III, in Assumpt.).

Aurora, isto é: "Mensageira do dia", para a alma que já reconheceu o seu estado e a quem ela ajuda a sair do pecado e a entrar na amizade de Deus.

Sol, enfim, para a alma em estado de graça, a qual impede de recair em algum precipício, mostrando-lhe claramente as ciladas do demônio.

"Deixe o sol de dar luz, diz Santo Afonso, e imediatamente estaremos nas trevas. Perca a alma a devoção para com Maria, e bem depressa será invadida pelas trevas do pecado. Retire-se a luz de Deus, e *"cerra-se a noite e nesta obscuridade divagam as feras da floresta",* isto é, os pecados e os demônios, que estabelecem nesta alma os seus covis.

E então, infeliz daquele que despreza a luz do sol, isto é, a devoção a Maria".

S. Francisco de Bórgia receava da perseverança daqueles que não tinham uma devoção especial à bem-aventurada Virgem.

Êle perguntou um dia a alguns noviços a que santo sentiam êles mais devoção. Tendo notado que alguns estavam desprovidos desta devoção especial a Maria, êle recomendou ao mestre de noviços que vigiasse êstes pobres jovens.

De fato, todos êles perderam miseràvelmente a vocação.

Um dia em que o bem-aventurado Alano, assaltado por fortes tentações, ia sucumbir por não ter recorrido a Maria, esta boa Mãe lhe apareceu e lhe deu uma bofetada, ajuntando: "Se me tivésseis invocado, não estaríeis em semelhante perigo".

"Bem-aventurado aquêle que, fiel em vir em frente à porta da misericórdia de Maria", reclama sem cessar as suas luzes e a sua assistência!

Encontrá-la-á pronto a lhe obter luz e fôrça para sair do pecado e seguir o caminho da virtude.

S. Filipe Neri repetia sempre aos seus penitentes:

"Meus filhos, se quereis perseverar, sêde devotos da Santíssima Virgem".

O abade Ruperto, fazendo uma reflexão sôbre o proceder do filho pródigo, de que fala o Evangelho, atribui a sua partida ao fato dêle não ter mais sua mãe. "Se êste jovem estouvado tivesse ainda a sua mãe, diz êle, ou

nunca teria deixado a casa paterna, ou para ali teria voltado muito mais cêdo".

O pensamento do piedoso abade é que um filho de Maria jamais se afasta de Deus, ou, ao menos, não tarda a ser reconduzido por ela, se porventura tem a desgraça de se ter afastado dêle.

Ah! se todos os homens amassem esta Rainha cheia de clemência e de ternura, exclama Santo Afonso; se em tôdas as tentações tivessem recorrido sempre a ela, jamais se presenciariam tantas quedas, jamais veríamos um só se perder!

Cai e se perde sòmente aquêle que não recorre a Maria.

"Quando, pois, o inimigo nos vem tentar, diz S. Tomás de Vilanova, não temos outra coisa a fazer que imitar os pintinhos, cujo primeiro instinto, ao perceber o gavião, é refugiar-se debaixo das asas de sua mãe".[15]

Desde que se fazem sentir os primeiros assaltos da tentação, corramos logo a Maria, sem ligar ao demônio. "Pois é a vós, ó nossa Rainha e nossa Mãe, continua o mesmo santo, que pertence defender-nos, pois que, depois de Deus, não temos outro refúgio a não ser vós mesma. Aliás, sois a nossa única esperança, e a única protetora em quem depositamos a nossa confiança e a nossa esperança".

Concluamos por estas palavras de S. Bernardo:

"O' vós que compreendeis que, no turbilhão dêste mundo, navegais sôbre um mar agitado pela tempestade, muito longe de caminhardes sôbre uma terra firme.

Quereis não ser submergidos pelos ventos contrários?.

Cuidai não desviar os olhos desta estrêla brilhante, que nos indica o caminho: *"Respice Stellam, voca Mariam"*.

Estais em perigo de cair no pecado, atormentados por tentação importuna?... Ou então não sabeis em vossas dúvidas que decisão tomar?...

"Respice Stellam, voca Mariam". Fitai a estrêla, pensai que Maria é bastante poderosa para socorrer-vos, invocai-a sem demora. Esteja sempre o seu nome poderoso

15) Sicut pulli, volantibus desuper milvis ad gallinae alas accurrunt, ita nos sub velamento alarum tuarum abscondimur (De Nat. V. B. Virg. Conc. 3).

em vosso coração pela confiança, e em vossos lábios pela fidelidade em invocá-la: *"Non recedat ab ore, non recedat a corde"*.

Seguindo a Maria não podereis jamais desviar-vos do caminho da salvação. E se tiverdes o cuidado de vos recomendardes sempre a ela, nunca tereis que desesperar: *"Ipsam sequens non devias, Ipsam rogans, non desperas"*.

Sustentados por ela, jamais caireis; se ela vos protege, não receeis pela vossa salvação; se ela vos guia, salvar-vos-eis sem dificuldade; em uma palavra, se Maria toma vossa defesa, chegareis seguramente ao reino dos bem-aventurados: *"Ipsa tenente, non corruis; Ipsa protegente, non metuis; Ipsa duce, non fatigaris; Ipsa propicia, pervenis"*.[16]

Seja, pois, Maria o caminho que nos conduz a Jesus. Tomemos êste caminho imaculado, sem demora e sem escolhos. Sigamo-lo até ao fim, e a perseverança será a coroação dos nossos esforços, e aquêle que tiver perseverado será coroado, pois a Santíssima Virgem será para êle um penhor de salvação e lhe abrirá as portas do reino dos céus.

V

O sinal de perseverança

Temos a provar aqui que a devoção à augusta Mãe de Deus é um sinal de predestinação.

A fórmula de S. Bernardo, a êste respeito, tornou-se clássica: *"E' impossivel perecer um filho de Maria"*.

Sei que esta proposição não é apreciada por todo mundo, e que ela encontrou contraditores em todos os tempos. Porém, seja-nos permitido dizer àqueles que já a combateram e àqueles que poderiam combatê-la ainda, que todos os seus raciocínios são incapazes de abalar os ensinos de nossa santa religião.

Pode-se dizer: o ensino da religião — pois esta proposição está fundada sôbre o testemunho mais autêntico dos maiores santos, dos mais célebres doutôres da Igreja e confirmada pela experiência cotidiana.

De fato, a Igreja põe sôbre os lábios de Maria estas palavras da Sabedoria: "Aquêles que me louvam terão a vida eterna". E' que Maria não poderia consentir em

16) De laud. V. M. hom. 2.

ver-se separada dos seus filhos. Ela os auxiliará, durante a sua vida a viver de modo que após a sua morte possam entrar no reino que ela habita. E' ainda neste sentido que a Igreja implora com tanta insistência o socorro de Maria na hora da morte: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte".

O ensino dos santos padres não é menos explícito. Segundo *Santo Anselmo,* "é tão impossível salvar-se aquêle que não tem devoção a Maria e que por isso não conta com a proteção dela, como é impossível condenar-se aquêle que se recomenda à Virgem Santíssima, e sôbre quem ela baixa os seus olhos com amor".[17]

Santo Antonino exprime a mesma coisa, quase nos mesmos têrmos, e chega a dizer que os devotos servos de Maria se salvam necessàriamente. "Como é impossível, escreve êle, que aquêles de quem ela desvia os olhos de sua misericórdia cheguem à felicidade celeste, assim aquêles para os quais ela dirige os seus olhares e cuja causa ela pleiteia, serão necessàriamente justificados e glorificados".[18]

S. Boaventura não é menos explícito: "Aquêle que se descuida e negligencia de servir a Maria, diz êle, morrerá no pecado, pois nenhuma esperança resta àqueles de quem ela desvia a sua face. Ao contrário, aquêle que se devotar ao vosso serviço, ó grande Rainha, estará muito longe de condenar-se".[19]

Santo Hilário ainda é mais expressivo: "Um servo de Maria não perecerá, diz êle, mesmo que tivesse sido no passado o maior dos pecadores".[20]

Foi esta inabalável confiança que ditou a S. João Damasceno esta bela oração: "Se vos dignais proteger-me, nada tenho a temer, pois todo aquêle que vos é devoto está, por isso mesmo, munido de uma armadura que

17) Sicut, o beatissima, omnis a te aversus et a te despectus necesse est ut intereat, ita omnis ad te conversus et a te respectus impossibile est ut pereat (orat. 51).

18) Sicut impossibile est quod illi, a quibus Maria oculos misericordiae suae avertit, salventur; ita necessarium quod hi, ad quos convertit oculos suos, pro eis advocans, justificentur et glorificentur (p. 4 t. XV. c. 14).

19) Qui neglexerit illam, morietur in peccatis suis — A quibus averteris vultum tuum, non erit spes ad salutem — Qui praestat in obsequio tuo procul fiet a perditione (Psalt. B. Virg.).

20) Quantumcumque quis fuerit peccator, si Mariae devotus exstiterit, numquam in aeternum peribit.

lhe assegura a vitória e que Deus só concede àquele cuja salvação ela pleiteia".

"Quando dizemos que é impossível condenar-se um servo da Santíssima Virgem, diz Santo Afonso, não entendemos falar daqueles que se aproveitaram de sua devoção a Maria para pecar mais livremente. Êstes temerários, por causa de sua presunçosa confiança, merecem ser tratados com rigor e não com bondade.

Fala-se daqueles que, pela fidelidade com que oram e invocam a Mãe de Deus, têm o desejo de emendar-se. E é moralmente impossível que êstes se percam".[21]

Santa Maria Madalena de Pazzi viu um dia uma barca em pleno mar, na qual estavam refugiados todos os servos de Maria. Ora, sob a direção da Santíssima Virgem, que fazia, por si mesma, o ofício de pilôto, esta barca chega felizmente ao pôrto.

Com isso a santa compreendeu que todos aquêles que, entre os perigos do mundo, vivem sob a proteção da augusta Virgem, escapam ao naufrágio do pecado e da condenação, pois que é a própria Maria que os conduz seguramente ao pôrto.

Cuidemos, pois, de entrar nesta bem-aventurada barca, diz Santo Afonso; e, ai, sob a proteção de Maria, teremos a certeza de nossa salvação.

E' pela graça de Deus, sem dúvida, que todos nós seremos salvos; devemos, porém, lembrar-nos de que esta graça está entre as mãos de Maria e que é ela quem a distribui.

Portanto, concluamos com um santo religioso, que ser servo de Maria é estar tão seguro do céu, como se já estivéssemos nêle.

Dir-vos-ei, pois, ó Maria, com S. Boaventura: "Depositei em vós a esperança de minha salvação, e jamais serei confundido".

"O' grande Rainha, exclama Santo Anselmo, dizei sòmente que quereis a nossa salvação, e não poderemos deixar de ser salvos"[22], pois, afirmava mais tarde Santo Antonino: "as almas protegidas por Maria salvam-se necessàriamente".[23]

---

21) Glórias de Maria, c. VIII.
22) De excell. V., c. 12.
23) P. 4, 1. 15, c. 14, part. 7.

E' assim que Maria é verdadeiramente o *comêço,* o *meio* e o *fim* de nossa felicidade. *"Tu felicitatis nostrae principium, medium et finis".*[24]

E' a palavra de S. Metódio. Diz êste santo que Maria é o *comêço* de nossa felicidade, porque ela nos obtém o perdão dos nossos pecados. O *meio,* porque nos obtém a perseverança na graça. O *fim,* porque na ocasião da morte nos obtém o paraíso. (Mais adiante explicaremos êste último ponto).

Dai ainda estas belas palavras de S. Bernardo a Maria: "Por vós ficou o céu repleto; por vós perdeu o inferno uma multidão de almas; por vós as ruínas do paraíso foram reerguidas; por vós, em uma palavra, a vida eterna foi concedida a uma multidão de infelizes que se haviam tornado indignos dela".[25]

Poderíamos multiplicar ao infinito os raciocínios que provam a consoladora verdade que desenvolvemos, e os textos dos santos padres que lhe dão uma autoridade irrefragável.

Contentemo-nos com citar aqui ainda uma passagem do bem-aventurado Grignon de Montfort, que resume em algumas palavras tudo o que os seus predecessores disseram a respeito.[26]

Após ter mostrado que a devoção à Santíssima Virgem não deve ser confundida com as outras devoções, como se ela não fôsse mais necessária, e de supererrogação, o piedoso apóstolo de Maria continua:

"O douto e piedoso Suarez, teólogo jesuíta, o sábio e devoto Justo Lipsio, doutor de Louvaina, e vários outros, provaram invencìvelmente, em conseqüência dos sentimentos dos santos padres, entre outros, Santo Agostinho, Santo Efrém, diácono de Edessa, S. Cirilo de Jerusalém, S. Germano de Constantinopla, S. João Damasceno, Santo Anselmo, S. Bernardo, S. Bernardino, Santo Tomás e S. Boaventura, que a devoção à Santíssima Virgem é necessária à salvação, e que não ter estima e amor

24) De Sim. et Ana.

25) In Assumpt. S. 4.

26) Tratado da verdadeira devoção à santa Virgem. Êste livrinho devia ser o manual de todos aquêles que votam amor a Maria. Nada, em nosso sentimento se escreveu sôbre a divina Virgem de mais substancial, de mais suave e de mais santificante que essas eloqüentes páginas, inteiramente impregnadas do espírito e do amor de Maria.

à Santíssima Virgem é um sinal infalível de reprovação, mesmo segundo o sentimento de Ecolampádio, e de alguns outros hereges luteranos; ao contrário, é um sinal infalível de predestinação ser-lhe inteira e verdadeiramente devotado ou devoto".

Queremos, pois, saber se nós somos do número dos predestinados?

Examinemos qual é a nossa confiança em Maria e a nossa devoção para com ela, pois "Deus não concede a devoção para com a sua Mãe senão àqueles que resolveu salvar", diz S. João Damasceno.

Pode-se, pois, dizer perfeitamente, tomando emprestadas as expressões de S. Paulo: Por êste sinal reconhece o Senhor aquêles que lhe pertencem: *"Habens signaculum hoc, cognovit Dominus qui sunt ejus"*.

Êste sinal é a devoção a Maria. Aquêle que está marcado com êle é reconhecido por Deus como sendo um dos seus.

"Servir a Maria é o sinal mais certo de que realizaremos a nossa salvação".[27] Esta afirmação é de um piedoso escritor, citado por Santo Afonso.

Detenhamo-nos ainda nesta expressão de S. Gabriel da Virgem Dolorosa:

"Ninguém chega à salvação senão por Maria, e só será salvo aquêle que ela quiser salvar".

Não se pode, de fato, pôr a menor dúvida na palavra de S. Bernardo, que disse que "nem o poder, nem a vontade de nos salvar podem faltar a esta divina Mãe".[28]

Se, pois, Maria pode e quer salvar-nos, seremos salvos, desde que o quisermos, isto é, com a condição de recorrermos a ela.

O' Maria, nossa doce e amável Mãe, nós vo-lo pedimos com S. Germano: "Que será de nós, que somos pecadores, mas que nos queremos emendar, e recorremos a vós, ó vida dos cristãos![29]

Santo Anselmo nos assegura, ó augusta soberana, "que não será condenado ao inferno aquêle por quem ti-

27) Servire Mariae est certissimum signum salutis aeternae consequendae (Pellart Stell. B. V. lib. 12).

28) Nec facultas ei deesse poterit, nec voluntas (In Assumpt. S. I.).

29) Quid autem de nobis fiet, o sanctissima Virgo, o Vita christianorum (De Zona Deip.).

verdes oferecido a Deus, fôsse uma só vez, as vossas santas preces".[30]

Ah! rogai, pois, por nós, e seremos salvos!

Quero salvar-me, ó doce soberana, quero ter êste penhor de salvação e de predestinação, e para isso quero amar-vos. Amar-vos na terra, a fim de amar-vos um dia no céu!

VI

A advogada dos míseros

"Quantos motivos temos nós, e que constituem uma lei de amor à nossa afetuosa Rainha! — exclama Santo Afonso de Ligório.

Mesmo se Maria fôsse louvada de um extremo a outro do universo, mesmo se todos os pregadores, em seus sermões, não falassem senão de Maria, mesmo se todos os homens dessem a sua vida por amor dela, isto seria ainda pouco para honrar e reconhecer o amor tão terno com que ela ama a todos os homens, que conservam para com ela algum sentimento de devoção".

O bem-aventurado Raimundo Jordão, que, por humildade, tomou o nome de Idiota, dizia que "Maria não sabe impedir-se de amar aquêles que a amam, que ela não desdenha mesmo servir aquêles que a servem; e que ela emprega, se êles são pecadores, todo o poder de sua intercessão, para reconciliá-los com o seu divino Filho. Tal é, continua êle, a sua bondade, e tal a sua misericórdia, que ninguém, por desesperador que pareça o seu estado, nunca deve recear lançar-se aos seus pés, pois ela não repele aquêle que recorre à sua proteção.

Desempenhando para conosco o ofício da mais dedicada advogada, Maria oferece a Deus as preces dos seus servos, e, especialmente, as orações que lhe são dirigidas, pois, se o Filho intercede por nós junto ao Pai, ela não cessa de tratar com um e com outro o grande negócio de nossa salvação, como não cessa de obter-nos as graças que lhe solicitamos".[31]

Dêste modo, ela é o único refúgio das almas transviadas, diz Dionísio, o cartucho, é a esperança dos infeli-

30) Aeternum vae non sentiet ille, pro quo semel oraverit Maria.
31) Cant. de B. Virg. in prob.

zes, a advogada de todos os culpados que imploram a sua piedade".[32]

E' sôbre o Calvário que Maria, como Mãe dos criminosos e sacrificando o Justo, começou as suas funções de advogada e chegou a subtrair-nos aos golpes da vingança divina.

Oh! como lhe custou caro êste primeiro triunfo!

Para fazer-nos justos, era preciso que Jesus Cristo se tornasse criminoso. Êle teve que tomar o nosso lugar, pois que nós tomamos o seu, tornando-nos filhos de Maria, por esta admirável substituição: *Eis o vosso filho; eis a vossa mãe.*

Jesus foi, pois, carregado de todos os nossos delitos, despojado de todos os seus privilégios, que não convinha levar ao patíbulo.

Desde esta hora sangrenta, a Santíssima Virgem, fiel ao seu papel de intercessão, sendo já mãe daquele por quem ela intercede, não abdica a sua função de advogada. E' o que ela fazia entender na sua aparição em La Salette, em 1846.

"Se o meu povo não quer se submeter, diz a celeste mensageira, eu sou forçada a deixar cair o braço de meu Filho; êle está tão pesado e insuportável, que não posso mais retê-lo.

"Depois, há quanto tempo que sofro por vós!... Se quero que o meu Filho não vos abandone, sou obrigada a pedir-lhe continuadamente por vós, que não fazeis caso algum.

"Por mais que peçais, e por mais que façais, jamais podereis recompensar o cuidado que tenho tido por vós".

Os santos padres porfiam em celebrar esta intercessão maternal de Maria em favor dos pecadores, mesmo dos mais criminosos.

"Maria, esperança daqueles que desesperam, pôrto daqueles que naufragam", diz Santo Efrém.

E alhures, "Maria é o refúgio e o asilo dos pecadores".

Dionísio, o cartucho, proclama-a a única esperança dos infelizes, e a advogada de todos os pecadores que recorrem a ela. *"Advocata omnium iniquorum ad eam confugientium".*

---

32) Singulare Refugium perditorum — Spes miserorum — advocata iniquorum ad eam confugientium (De laud. B. Virg. lib. 2, a. 23).

Falando da assunção de Maria, diz S. Bernardo: "Do meio dos exilados se elevou para a Pátria uma advogada, a que o seu duplo titulo de Mãe do Juiz e Mãe de misericórdia torna mais zelosa e mais apta a advogar o negócio de nossa salvação.

Mas, talvez algum pecador, embora persuadido do seu poder, desconfiará de sua misericórdia, crendo que a enormidade dos seus pecados impedirá que esta terna Mãe venha em seu auxílio!...

Oh! que recobre ânimo, diz S. Boaventura: "Maria goza junto ao seu Filho de um incomparável privilégio; ela é onipotente para obter, com a sua prece, tudo o que quer. Ora, acrescenta êle, de que nos serviria êste grande auxilio de Maria, se ela não pensasse em nossos interêsses?...

Não, não, não tenhamos a menor dúvida a êste respeito; mas antes estejamos sem receio, e não deixemos jamais de agradecer ao Senhor e à sua divina Mãe.

Assim como Maria ultrapassa, em crédito, junto de Deus, a todos os demais santos, ela intercede com mais amor por nós e mais solicitude por nossos interêsses".[33]

Quem, pois, se ocupa tanto dos nossos interêsses, quanto esta Mãe de misericórdia?

Quando estamos sob o aguilhão da dor, quem nos sustenta como ela?

Nunca chegaremos a compreender tudo o que emprega de seu poder e de seu amor para nos proteger.

"Os outros santos exercem, sobretudo, o seu direito de patrocínio sôbre aquêles que são especialmente confiados ao seu cuidado; e êles auxiliam muito mais os seus servos dedicados do que os demais fiéis".

Mas a bem-aventurada Virgem, assim como é a Rainha de tôdas as criaturas, é também a protetora e a advogada de todos os homens. Portanto, ela se dedica à salvação de todos.

Mas, ocupando-se de todos, ela tem uma atenção especial para os pecadores, e se gloria de ser a advogada de todos êles.

E' o que ela mesma declarou à venerável irmã Maria Villani: "Depois do titulo de Mãe de Deus, lhe diz ela, eu me glorio, sobretudo, de ser chamada a advogada dos pecadores".

33) Spec. B. Virg., lect. 6.

O bem-aventurado Amadeu afirma que a nossa Rainha se conserva, de continuo, na presença da divina Majestade e lhe oferece continuamente tôdas as suas poderosas preces em nosso favor.

"Do alto do céu, acrescenta êle, ela conhece perfeitamente as nossas misérias e as nossas necessidades; ela não pode deixar de ter compaixão de nós, e o seu coração verdadeiramente maternal, repleto de bondade e de ternura, não pensa senão em nos socorrer e em nos salvar".[34]

Por miseráveis que sejamos nós, apresentemo-nos com confiança diante desta dulcíssima advogada, para reclamar o seu socorro. Nós a encontraremos sempre pronta a vir em nosso auxílio.

Incessantemente está ela disposta a orar pelo universo inteiro.

Quem será capaz de compreender tôda a diligência que nos mostra Maria em intervir por nós continuamente junto a Deus?...

"Ela é insaciável em nos defender".[35] Esta bela expressão é de S. Germano.

"Sim, impelida por sua ternura, diz Santo Afonso, e pela sua compaixão para com as nossas misérias, Maria pede sempre, recomeça a pedir, nunca se cansa de orar, a fim de nos preservar dos males que nos ameaçam e de nos obter graças de que temos necessidade. O seu ardor em nos proteger é verdadeiramente insaciável".[36]

Pobres pecadores, o que nos tornaríamos nós sem esta grande advogada, tão poderosa e tão misericordiosa, e, ao mesmo tempo, tão prudente e tão sábia, que o seu Filho está como que na impossibilidade de reivindicar os direitos da justiça contra os culpados que ela toma sob a sua proteção!...

E' por querer usar de tôda a misericórdia possível para conosco, que o Padre eterno, não contente ainda em nos ter dado Jesus, como o principal advogado, nos dá ainda Maria por advogada junto ao próprio Jesus.

Portanto, seria injúria à bondade de Maria, diz S. Bernardo, recear ainda lançar-se aos pés desta doce advogada, que nada tem de severa ou de terrível, mas

34) De laud. B. Virg. hom. 8.
35) Non est satietas defensionis ejus (De Zona Delp.).
36) Sup. Salve Regina

que, ao contrário, não tem senão atenção, amabilidade e ternura.

Lede e tornai a ler, quanto quiserdes, tôda a história evangélica e, se ai encontrardes um só ato de severidade da parte de Maria, temei então aproximar-vos dela. Mas, se não o encontrardes, recorrei a ela com uma confiança jovial e salvar-vos-á ela por sua intercessão.[37]

E' um fato da experiência que as almas mais criminosas, que conservaram no intimo do coração um pouco de piedade e de devoção à Santíssima Virgem, se reconciliam com Deus, cedo ou tarde. Ao passo que aquêles que se atrevem a blasfemar o seu nome bendito, ou tiveram a audácia de reprovar o seu culto, são condenados para sempre: *"Omnes qui me oderunt diligunt mortem"*.

Jesus Cristo parece perdoar muito mais fàcilmente as injúrias feitas a si mesmo do que aquelas dirigidas à sua Mãe. Dir-se-ia que o Salvador não permite mais a advogada dos pecadores interceder por êles, mas os exclui para sempre de sua misericórdia.

Feliz daquele que, na hora dos seus desvarios e apesar das suas faltas, conserva no seu coração o amor da terna e amantíssima Virgem Maria.

E' um sinal de que êle voltará, é um germe de salvação.

Oh! quem quer que sejamos, amemos a Maria, amemo-la ardentemente. Pecadores, para nos erguer das nossas vergonhas. Justos, para prevenir as quedas.

Pusilânimes, para tomar coragem.

"Coragem, diz-nos S. Tomás de Vilanova, pois esta augusta Virgem, Mãe de vosso Juiz e de vosso Deus, é a advogada do gênero humano: — Advogada poderosa, que pode tudo o que quer, junto ao Senhor, advogada cheia de sabedoria, que conhece todos os meios de o acalmar, advogada universal, que acolhe a todo mundo e a ninguém recusa defender. *Advocata idonea, sapientissima, universalis*".[38]

---

37) Revolve diligentius Evangelicae historiae seriem, et, si quid forte durum occurrerit in Maria accedere verearis (In sign. magn.).

38) Sup. Salve Regina.

VII

A padroeira da boa morte

Não é na prosperidade que se conhecem os verdadeiros amigos. Para os conhecer, é preciso que o vento da provação tenha sibilado por sôbre nós até agitar o nosso ser, para o despojar de tudo o que os outros ambicionam. Quando nos assaltam a desgraça ou a impotência, assim como o vento do outono carrega as fôlhas mortas, é então, digo-vos, que aquêle que vem em nosso socorro nos acolhe, nos consola, pode verdadeiramente ser chamado nosso amigo.

Pois bem! o que se encontra raramente entre os homens, nós o encontramos sempre em Maria. Em nossos sofrimentos ela nos consola. Em nossas agonias ela nos fortifica. Em nossas provações ela nos sustenta.

A sua solicitude vai até mais além.

O amor não se prende a êste mundo. Êle tem asas e num vôo ela transpõe os umbrais do túmulo, para auxiliar e aliviar ainda, além das fronteiras desta vida, aquêle a quem ama.

O amor o faz, ou, antes, o faria, pois o amor humano é tão impotente que não tem a seu serviço senão aspirações e votos.

Com a oração podemos ainda acompanhar os nossos queridos mortos; mas pára necessàriamente no túmulo tôda solicitude. E além, é o dominio exclusivo de Deus.

Mas o que não pode a amizade humana, o que ela apenas sonha, Maria o executa.

Ela é Rainha dêste mundo; é Rainha também da eternidade; é, sobretudo, Rainha e padroeira dos moribundos.

O seu coração acompanha os seus servos ao saírem dêste mundo e, lá no céu, as suas mãos os recebem no seio de sua misericórdia.

Ela é a padroeira da boa morte. E' o que a própria Santíssima Virgem fazia entender falando a Santa Brígida a respeito dos últimos momentos dos seus servos: "Eu, a Mãe e a senhora muito amada dos moribundos, irei ao encontro dêles, quando os mesmos estiverem para morrer, a fim de que êles encontrem, na própria morte, consolação e alívio".

Eis por que a Igreja nos faz pedir a Maria que reze por nós, pobres pecadores, *agora* e, sobretudo, *na hora de nossa morte.*

São terríveis as angústias dos pobres moribundos aos quais ao mesmo tempo atormentam os remorsos dos seus pecados, os terrores do juízo, e a incerteza da sua sorte eterna.

E', então, sobretudo, que o inferno toma as armas. E vem empregar tôdas as suas fôrças contra esta alma prestes a passar à eternidade, sabendo que há pouco tempo para conquistá-la e que, se a perder, ela para sempre lhe escapará.

"Desde, porém, que Maria aparece, os demônios tremem e fogem, como flagelados por açoites.

"Virgem poderosa, diz S. Pedro Damião, por ela são reprimidas tôdas as violências dos espíritos infernais".[39]

"Coragem, exclama Santo Antonino, pois se Maria está conosco, quem nos ousará atacar?"[40]

O P. Manuel, jesuíta, estava para morrer, e Maria lhe apareceu e disse: "Eis, enfim, a hora em que vês recompensadas tôdas as tuas fadigas e mortificações!"

Neste mesmo instante foi visto um bando de demônios fugir, bradando, no seu desespêro: "Ai de nós! que podemos fazer? A Imaculada o defende".

Diz São Boaventura que, "quando um servo de Maria está para morrer, ela lhe envia S. Miguel e todos os anjos de que êle é chefe, para que o defendam contra os ataques dos demônios. Ela os encarrega de receberem as almas de todos aquêles que tiveram o feliz hábito de implorar com fervor a sua maternal proteção".[41]

Quando uma alma vai sair dêste mundo, o inferno se agita e envia o mais terrível dos demônios para acusá-la, em seguida, no tribunal de Jesus Cristo. Mas se Maria toma a defesa desta alma, afirma Ricardo de S. Lourenço, não há um só demônio que ouse acusá-la, pois sabem que jamais foi e jamais será condenada uma alma protegida pela augusta Mãe do Juiz supremo. Quem se

---

39) Haec est Virga illa, qua retunduntur impetus adversantium daemoniorum (Serm. de Assumpt.).

40) Si Maria pro nobis, quis contra nos?

41) Spec. B. Virg. lect. 3.

atreveria a acusar diante do juiz aquêle a quem patrocina a própria mãe do juiz?...[42]

São Jerônimo assegura até que, "não contente com socorrer os seus amados servos na hora da morte, Maria vem ainda ao seu encontro, quando êles passam à outra vida, anima-os pela sua doce presença, e os acompanha ao tribunal supremo".

S. Vicente Ferrer acrescenta que "ela recebe a alma dos mesmos"[43] como que nas dobras do seu manto e obtém assim a graça da salvação.

Um fervoroso servo de Maria, como narra o Pe. Binet, dizia ao seu confessor, antes de expirar: "Se soubésseis, meu pai, que contentamento se sente, no momento da morte, de ter procurado servir bem à Santíssima Mãe de Deus, no decorrer da vida, estaríeis admirado e consolado. Seria incapaz de dizer a alegria que sinto neste momento!"[44]

Assim morreu igualmente o teólogo Suarez, tão devoto da Santíssima Virgem, que teria dado tôda a sua ciência, dizia êle, pelo mérito de uma só *ave-maria!*

Êle declarou, no momento de expirar, que antes de a ter sentido, jamais poderia imaginar que a morte pudesse ser tão doce.[45]

S. Luis Gonzaga, cuja devoção a Maria é conhecida por todo mundo, exclamava no leito de morte: "Partimos e partimos alegres!"

E vós mesmo, querido irmão em Maria, na hora da morte gozareis da mesma paz, se tiverdes a certeza de ter amado muito a vossa boa Mãe.

"Quando alguém é fiel em servir-lhe durante a vida, diz ainda Santo Afonso, é impossivel que, por sua vez, ela não se mostre fiel para com os seus filhos".[46]

Mesmo que, no passado, tivésseis vivido no pecado, ser-vos-á concedida esta consolação, entretanto, na hora da morte, se vos aplicais em levar desde agora uma vida cristã e em servir a esta misericordiosa soberana.

Conta S. Pedro Damião que um dia o seu irmão Martinho, tendo tido a desgraça de ofender a Deus, fêz uma

42) Quis aqud Filium accusare audeat, cui viderit Matrem patrocinantem (De laud. B. Virg. 1. 2).

43) Beata Virgo animas morientium suscipit.

44) Obras primas de Deus, p. 3, c. VI.

45) Non putabam tam dulce esse mori.

46) Glórias de Maria, c. II.

santa confissão, quis expiar pùblicamente a sua falta e se dirigiu a um altar de Maria, para se consagrar a ela, na qualidade de escravo.

"O' minha soberana, disse êle, ofendi a Deus e a vós. O meu único recurso é oferecer-me a vós como escravo; aceitai-me, apesar de minha indignidade!"

Pouco tempo depois êle adoeceu mortalmente, e uma manhã ouviram-no exclamar repentinamente: "Levantai-vos, levantai-vos, saudai todos a minha soberana".

Em seguida acrescentou: "Que bondade, ó Rainha do céu, o terdes vindo visitar o vosso pobre escravo!" E êle adormeceu suavemente no Senhor.

Muitos outros servos de Maria tiveram a felicidade de ser assistidos na hora da morte por esta boa Mãe, como S. Félix de Cantalício, Santa Clara, Santa Teresa, S. Pedro de Alcântara, S. João de Deus, S. Gabriel da Virgem Dolorosa, etc....

Tal será também a vossa morte, ó piedoso filho de Maria, se permanecerdes fiel à vossa Mãe celeste.

Sim, apesar de tôdas as ofensas de que vos tornastes agora culpado contra Deus, ela bem saberá alcançar-vos uma morte doce e consoladora. Ela mesma prometeu nunca abandonar os seus servos na hora suprema.

S. João de Deus, estando para morrer, esperava a visita de sua divina Mãe. Não a vendo aparecer, lamentava-se desta ausência, quando, de repente, a Santíssima Virgem se achou diante dêle, e como para o repreender da sua pouca confiança, lhe diz: "Nunca faltei aos meus servos fiéis no momento supremo".[47]

Palavras muito consoladoras para todos aquêles que se esforçam em amar muito a Maria, e servir-lhe com fidelidade!

VIII

A porta do céu

No céu!... E' para lá que nos devem conduzir as nossas piedosas investigações sôbre as misericórdias da Mãe de Deus.

No céu!... é bem lá que a poderemos contemplar a descoberto; e que poderemos admirar durante tôda a eternidade as maravilhas que o Senhor nela acumulou.

47) Haec est hora qua devotis meis famulis deesse nunquam soleo (Boll. 8. Mart.).

E' aí que compreenderemos, enfim, tudo o que Maria foi para nós durante o nosso exílio, todos os tesouros do seu amor e todos os expedientes do seu coração de Virgem e de Mãe.

O' Maria! é consolador demais pensar nisso! Ver-vos, amar-vos, sem receio de se ver de vós separado! Lançar-se entre os vossos braços! Ser apertado contra o vosso coração! Inebriar-se de vossa felicidade! Louvar-vos, exaltar-vos e em vós exaltar o Altíssimo, que vos fêz tão maravilhosamente bela, doce e compadecida!

O' incomparável Virgem, é um excesso de felicidade, e aí não posso parar, pois o exílio da terra se tornaria insuportável; a veemência dos desejos romperia êste débil invólucro que conserva prisioneira a minha alma e a impede de voar para vós.

Oh! quando cair a muralha, quando, sôbre as suas ruínas, nós nos encontrarmos lá no céu pela vez primeira; quando o meu olhar encontrar o vosso; quando o meu coração se encontrar com o vosso e se abrasar ao contato desta chama que não se extinguirá jamais!

O' Maria, ó Maria! eu entrevejo e até sinto o inebriamento desta felicidade!

Oh! quando, ó minha Mãe! quando se realizará êste encontro? Quando? Fazei que tôda a minha vida seja uma preparação para esta hora, e que a previsão desta primeira entrevista me dê a coragem e a fôrça de caminhar generosamente no caminho da perfeição.

Chegaremos, pois, ao céu, ó amado irmão em Maria! Ali chegaremos, se amarmos sinceramente a Maria, porque esta Virgem Santíssima é a própria porta do céu, como o canta a Igreja: *"Janua caeli"*.

"A porta do céu se abrirá diante de todos aquêles que confiam na proteção de Maria", diz S. Boaventura.[48]

Eis por que Santo Efrém chama a devoção a esta augusta Mãe "a chave que abre as portas da Jerusalém celeste".[49]

E o devoto Luís de Blois lhe fala nestes têrmos: "Grande Rainha, é a vós que são confiados os tesouros e as chaves do reino dos céus".

"Quando temos uma viagem em projeto, diz um piedoso escritor[50], nós nos preocupamos muito a respeito dos

48) Psalt. B. V., ps. 99. 49) De laud. Dei Gen.
50) J. M. Texier: O reino de Jesus por Maria.

caminhos. De fato, é uma coisa importante. O caminho será longo e difícil?

Haverá costas escarpadas e rodeios perigosos?... Será cheio de precipícios, semeado de obstáculos, infestado de salteadores?...

Nós nos orgulhamos dos nossos belos caminhos, tão retos, tão largos, tão bem conservados; mais orgulhosos somos ainda das nossas vias férreas, sôbre as quais deslizam os carros, sem abalos e com uma rapidez vertiginosa, oferecendo-nos todo o confôrto do luxo moderno.

Ah! se houvesse um tal caminho para ir ao paraíso!...

Excellentiorem viam demonstro! Pois bem! Indicar-vos-ei um caminho sobrenatural e espiritual, munido de tôdas as graças e de tôdas as alegrias; doce, fácil, seguro, em uma palavra, perfeito.

Antes do nascimento da humilde Virgem, o céu estava fechado; Deus não descia mais dêle; e o homem não podia subir até êle. Mas desde que Maria desapareceu dêste mundo, recomeçaram as comunicações. Jesus, tomando, para chegar até nós, o caminho de Maria, nos indica que por êle podemos nós chegar até à pátria celeste.

Maria é o caminho mais curto, porque é por excelência o caminho reto. Ela conduz diretamente a Deus, e não vai senão a Deus.

Não tem subterfúgios, nem desvios.

Caminho doce e fácil. Êle não se parece com êstes caminhos que o bem-aventurado de Montfort pinta com tão negras côres, em que se passa por noites escuras, por lutas e angústias estranhas, por sôbre montanhas escarpadas, nos espinhos bem agudos nos desertos horríveis!

Se aí encontrarmos cruzes, esta boa Mãe se torna tão próxima e tão presente aos seus servos fiéis, para os iluminar nas trevas, para os esclarecer nas dúvidas, para os fortalecer nos seus receios, e para os sustentar nos combates e dificuldades que, na verdade, êste caminho virginal para encontrar Jesus Cristo é um caminho de rosas, em comparação dos outros.

Todos os obstáculos são desviados dêle, isto é, os pecados que afastam o homem do serviço de Deus. E', de fato, o caminho imaculado, que não conheceu o pecado original e nem o pecado atual.

Os inimigos do bem se vêem impotentes contra aquêles que seguem as veredas de Maria.

Êles podem ladrar, mas não mordem!

Maria preserva os seus servos das tentações; ou, ao menos, *ajuda a vencê-las.*

Graças à sua terna devoção à Santíssima Virgem, o bem-aventurado de Montfort passa o período da juventude, tão funesto a tantos outros, sem conhecer sequer o que é uma tentação contra a bela virtude da pureza.

O caminho de Maria é um caminho doce e fácil, em que a gente corre, porque tem-se o coração dilatado pela alegria das consolações celestes.

Viam mandatorum cucurri, cum dilatasti cor meum.

A Santíssima Virgem age sempre como Mãe excelente. Ela conduz os seus filhos pela mão, sustém-nos, quando estão prestes a cair, levanta-os, após as suas quedas; repreende-os, estimula-os, leva-os em seus braços.

Como se caminha depressa para Deus, nos braços de Maria!

Não nos devemos admirar se o bem-aventurado de Montfort nos afirma que por êste meio se faz mais progresso, em pouco tempo, do que em anos inteiros, seguindo a vontade própria e apoiando-se sôbre si mesmo.

Faça-me, dizia êle, um caminho novo para ir a Jesus Cristo, e que êste caminho esteja atapetado de todos os méritos dos bem-aventurados, ornado de tôdas as suas virtudes heróicas, iluminado e embelezado com tôdas as luzes e belezas dos anjos; e que todos os anjos e santos aí estejam, para conduzir, defender e sustentar aquêles e aquelas que nêle queiram caminhar.

Em verdade, digo ousadamente, e digo a verdade: preferiria a êste caminho tão perfeito, o caminho imaculado de Maria".

Digamos, pois, cheios de confiança, com Santo Ambrósio: "Abri-nos, ó Maria, as portas do paraíso, pois tendes as suas chaves. Ou antes, como o proclama a santa Igreja, vós mesma sois a porta do céu: — *aperi nobis, o Virgo, caelum, cujus claves habes!*

S. Fulgêncio chama a Maria, no mesmo sentido: "a escada do céu — *scala caelestis*". E S. Bernardo: "a carruagem que nos transporta ao céu: *vehiculum ad caelum clarissime currus*".

"Aquêle que serve a Maria, diz o Abade Guerico, e por quem Maria intercede, está tão seguro de ir ao paraíso, como se já estivesse nêle. *Qui Virgini famulatur, ita securus est de paradiso ac si esset in paradiso*".

"Escutai, pois, ó povos que desejais ir ao céu, exclama S. Boaventura, servi, honrai Maria, e obtereis seguramente a vida eterna".[51]

"Ah! quantos bem-aventurados há que hoje não estariam no céu, se ali Maria não os tivesse introduzido, pela sua poderosa intercessão!"

Uma revelação feita à irmã Serafina de Capri nos mostra o grande número de pecadores, para os quais a Santíssima Virgem é verdadeiramente a porta do céu.

Um dia, a serva de Deus pediu à Santíssima Virgem que lhe concedesse a conversão de mil pecadores. Como depois ela receasse ter pedido demais, Maria lhe apareceu e, repreendendo-a de sua vã apreensão, lhe disse: "Não sou talvez bastante poderosa para obter que o meu Filho te conceda a conversão de mil pecadores?" Depois, conduzindo-a em espírito ao paraíso, fêz-lhe ver uma multidão de pecadores que haviam merecido o inferno; mas que, por sua intercessão, se haviam salvo, depois — e já gozavam da eterna beatitude.[52]

Mas, para alcançar esta porta, há um caminho a seguir.

Ah! quanta razão tinha a Santíssima Virgem de predizer que tôdas as nações iam proclamá-la bem-aventurada, diz Santo Ildefonso, pois não há um só eleito, que não lhe seja devedor da beatitude eterna.

Por que vos inquietais em o saber, se estais, sim ou não, inscritos no "Livro da vida"?...

Temos uma certeza quase absoluta de ir ao céu, se amamos verdadeiramente a Maria. Portanto, nunca desesperemos.

Qualquer que seja o abismo em que o demônio nos tenha precipitado, elevemos o olhar e estendamos as

---

51) Psalt. B. V., ps. 48.

52) A aparição que vem depois do pedido da serva de Deus, a morte dêsses mil pecadores efetuou-se entre os dois fatos necessàriamente, e isso supõe que se trata de moribundos dêste mesmo dia. Sua contrição perfeita fêz-lhes evitar o purgatório? Não, certamente, pois que faltava satisfazer à justiça divina; mas a intercessão de Maria diminuiu-lhes consideràvelmente o tempo da expiação. E' a mais natural explicação que possamos disso dar.

mãos para a Virgem misericordiosa, e a imploremos com a Igreja:

"Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos e suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas.

Eia, pois, advogada nossa, êstes vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E, depois dêste destêrro, nos mostrai Jesus, bendito fruto de vosso ventre. O' clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria".

CAPÍTULO XV

AS DORES DE MARIA

> Tão grande foi a dor da Ssma. Virgem, que, distribuída por todos os homens, ela bastaria para fazê-los morrer a todos, na mesma hora.
>
> (S. Bernardino de Sena)

I

O fundamento destas dores

A maior prova de amor que podemos dar àqueles que amamos, disse Nosso Senhor, é dar a vida por êles.

Maria devia dar esta prova de amor para conosco, senão morrendo, ao menos sofrendo torturas capazes de dar mil vêzes a morte.

Associada à obra redentora, ela devia suportar o seu pêso e ter seu Calvário, como Jesus tivera o seu.

De fato, a obra da redenção é, antes de tudo, uma obra de expiação e de sacrifício, e poderíamos dizer: "uma obra de sangue". Pois, observa S. Paulo, *"sine sanguine non fit remissio"*, sem efusão de sangue não há perdão.

Além disso, tudo, neste drama, parece girar em tôrno de dois eixos: o amor e o sangue.

O amor irradia por tôda parte, com uma intensidade tôda divina e tudo se desenrola no seio de uma nuvem sombria e sangrenta, sem jamais poder sair dela.

Jesus Redentor segue primeiro o caminho do sacrifício e da imolação. Desde o primeiro instante até ao último, o sofrimento em sua vida é o elemento que domina todo o resto. Êle o acompanha a Belém, a Nazaré,

ao Egito. E no decorrer do seu ministério público, vemo-lo como semeado sôbre todos os caminhos da Judéia, da Galiléia, da Samaria. E, em Jerusalém, teve o seu apogeu, e no Calvário a sua última coroação.

Todos aquêles que colaboraram na obra de Jesus, foram submetidos também ao sofrimento, na medida em que tiveram de auxiliar o Redentor e que quiseram ser-lhe úteis.

Ora, dizem os santos padres, estava marcado nos desígnios de Deus que assim como um homem e uma mulher haviam perdido o gênero humano, também um outro homem e uma outra mulher deveriam reerguê-lo: o homem como redentor e a mulher como co-redentora.

Dêste modo Maria se encontra associada à grande restauração, em um grau de intimidade, que jamais criatura alguma possui.

Mas, o mesmo decreto divino que a proclamou "Mãe de Deus", proclamou-a também "Rainha das dores".

Associada como era à grande obra de seu Filho, ela sofreu a conseqüência necessária, que foi a sua participação nos sofrimentos de Jesus. À sua qualidade de Mãe valeu o privilégio de aí entrar muito antes que todos os outros, e ela devia ir assim até ao último extremo que uma criatura possa atingir no sofrimento.

Tal foi o fundamento das dores de Maria. Aquêles que realizam juntos uma obra, devem ter em comum as suas obrigações, como devem participar também dos seus benefícios. Maria estará na glória, quando tudo estiver realizado; mas, antes, ela deve estar no sofrimento.

Por conseguinte, Maria teve que sofrer como Mãe do Verbo encarnado, porque, por êste título, ela deveria estar submetida à lei da redenção, que é uma lei de sofrimento. Ela tinha que ser associada à paixão, não como um instrumento insensível, mas para que os seus sofrimentos se ajuntassem aos sofrimentos de Nosso Senhor, para a redenção dos homens.

Ora, a esta razão geral vêm juntar-se outros pontos de vista, que mostram quão conveniente era ser Maria a Mãe das dores. De fato, Deus devia fazer resultar, das dores de Maria, uma grande glória, pois êle manifestava magnificamente, neste mistério, os seus principais atributos.[1]

1) P. S. M. Ledoux: A mais aflita das mães.

Nada era mais capaz de pôr em relêvo o poder de Deus do que o concurso eficaz que daria ao reerguimento de todo o homem sobrenatural, uma criatura que, na aparência, não tem de notável senão a sua fraqueza e impotência.

A sabedoria divina não se mostra aí menos admirável.

Ao lado do homem novo que sofre para reparar os prazeres culpados do primeiro homem, felizes somos em saudar esta Virgem humilde, forte, imaculada, que sofre igualmente, que apaga a lembrança desoladora da Eva orgulhosa, a antiga vitima de Satanás.

Enfim, a caridade de Deus brilha aí com todo o seu esplendor. Êle nos dá, não só um pai, mas uma mãe, um amigo, um Salvador, que, pelos seus inexprimiveis sofrimentos, nos merece a felicidade eterna; mas também êle nos dá uma Mãe que é tanto mais Mãe, quanto mais teve que sofrer para o ser e para nos adotar.

Não é ainda tudo.

Suponhamos um instante que Maria tivesse sido isenta destas dores; o seu reconhecimento para com Deus não teria exigido, por assim dizer, que ela os pedisse?

Aliás, não tinha ela recebido de Deus a sua conceição imaculada e a sua maternidade divina, tão grande em si mesmas e fontes de tantos outros privilégios?

Portanto, as suas dores extremas e os seus martírios eram, evidentemente, a única moeda que lhe permitia pagar a sua divida, segundo os atrativos do seu coração.

Maria era Mãe perfeita de um Filho perfeito. Ela não podia, pois, repudiar esta lei do amor, a glória e a grandeza de tôdas as mães, que lhes impõe a participação nos sofrimentos de seus filhos, como também ao gôzo das suas alegrias, inseparáveis dêles em tudo, por tôda parte e sempre.

Também, em virtude dêste principio tão verdadeiro e tão nobre, Maria devia sofrer com Jesus e como Jesus.

Além disso, Maria, que se tornara a mãe da cabeça, tornava-se também a mãe dos membros da universalidade dos humanos. Mas podia ela aceitar êste titulo, todo de amor, sem provar pelas suas grandes dores, que, de fato, ela vinha imediatamente após o seu Filho, pelo amor que tinha a todos os homens, seus filhos?...

Depois, Maria devia ser também nossa Mãe. E era preciso que nós pudéssemos ir a ela, não só com confiança, mas também com diligência. E assim era preciso que a víssemos puríssima, verdadeiramente poderosa e soberanamente boa.

Não era bastante.

O mais poderoso atrativo para nós, neste vale de lágrimas, devia ser o vermos que ela também havia chorado, que havia tido uma vida saturada de tôda espécie de aflições, e o coração transpassado por mil gládios. Esta auréola, qual diadema que a estabelecia Rainha dos mártires e Mãe das dores, era como o motivo que determinaria sempre, de um modo triunfante, todos os corações, mesmo os mais endurecidos e os mais desconfiados, a irem lançar-se aos seus pés, e a depositar nela tôda esperança, no meio das maiores provações e das mais profundas misérias.

Vemos, por tôdas estas razões, quanto as dores de Maria se harmonizam com a glória de Deus, com a própria honra de Maria e com o bem dos homens.

Que motivo de amar a esta terna Virgem!

Triturada pelas nossas iniqüidades como o seu divino Filho, saturada de amarguras e de angústias, demos-lhe a consolação de verificar que ao menos não é em vão que ela sofreu por nós, e, sobretudo, que nós a amamos e que a nenhuma outra amamos senão a ela, depois de Jesus.

E que amor, aliás, será bastante forte para contrabalançar tantas dores sofridas por amor?...

II

A dolorosa paixão de Maria

Antes de considerarmos pormenorizadamente as imensas dores da Virgem-vítima, lancemos um olhar sôbre o conjunto do seu martírio, para compreendermos o seu lado íntimo, que é, sem contradição, o mais penoso e o mais comovente.

O Filho de Deus se fizera homem. A Virgem possuía o Desejado das colinas eternas. Êle se tornara seu Bem-Amado, o nosso Emanuel.

Haviam decorrido quarenta dias, dias de êxtase, quando ela é obrigada a se apresentar no templo de Je-

rusalém, para as cerimônias do resgate de Jesus, como o primogênito, para a sua própria purificação. Era a lei.

O velho Simeão acabava de entrar no templo, ao mesmo tempo que a sagrada Família. Toma o menino em seus braços, e, sob a inspiração do Espírito Santo que o animava, estava prestes a entoar um cântico de alegria.

De repente, o seu rosto se perturba, os seus olhos, cheios de lágrimas, fixam-se em Maria, e êle percebe, em uma visão profética, tudo o que esta Mãe terá que sofrer. Êle exclama, designando Jesus: *"Êle será o alvo de contradição"*. E, em seguida, dirigindo-se a sua Mãe: *"Uma espada de dor trespassará a vossa alma"*.

Maria escutara em silêncio esta terrível predição. Parece que Simeão não profetizou senão para ela sòmente, êle, que é o profeta do gládio!

O lúgubre porvir apareceu-lhe então: o seu Jesus será imolado um dia, e ela já se imola com êle.

Nobre filha de Israel, como o sofrimento já se torna, desde êsse momento, a vossa partilha!

Desde êsse dia ficais ciente da sorte que aguarda o vosso Filho e vosso Deus. E quem poderá descrever as vossas apreensões? Elas eram ao mesmo tempo terríveis e delicadas. Terríveis pela sua intensidade, e delicadas na sua formação, pois tinham, ao msmo tempo, algo de Virgem e algo de Mãe.

Receios virginais que uma sombra é suficiente para aumentar, terrores de mãe que lhe fazem apertar o seu tesouro contra o seio, como para ocultá-lo aí.

A nossa natureza, pecaminosa e endurecida, tem dificuldade em calcular semelhante inquietação.

Ela lhe provinha dos acontecimentos: o massacre dos inocentes, a fuga precipitada para o Egito, a perda de Jesus. Pobre Mãe, desde então ela não viveu mais!

Um único pensamento deve ter ocupado a sua alma: "Virão procurá-lo? Seria agora, quando me vejo separada daquele que é tôda a minha vida?"

Ela lhe sobrevinha no calmo retiro de Nazaré da leitura dos livros santos. "O Cristo será entregue à morte", dizia Daniel.

"Transpassaram minhas mãos e os meus pés, e contaram todos os meus ossos", lhe explicava Davi.

Que pressentimentos deviam dar-lhe estas passagens! Que terror secreto!...

Inquietação que trazia, enfim, o pensamento do pecado, e que era o mais terrível.

Ela sabia que o seu divino Filho era o Redentor, o Salvador; que êle vinha para resgatar os homens, e tomar sôbre si tôdas as suas iniqüidades. Êste pensamento enchia-a de admiração, mas também a mergulhava num terror horrível. A iniqüidade de todos cair sôbre o meu Filho, ó céus, que cargo terrível!

Um violento combate, diz S. Tomás de Vilanova, devia se travar nela então. Dois amôres gigantescos estavam em luta no seu coração, como em uma arena: o amor de seu Filho e o amor do gênero humano, que devia resgatar.[2]

O primeiro lhe fazia aborrecer a morte, e o segundo lhe fazia aceitá-la. Ela era mãe, e o seu coração, com tôda a sua energia, repelia a morte. Mas, como Mãe do Redentor, ela dizia ao gládio do dia da apresentação: "Oh! trespassai-me, antes de trespassá-lo!"

E, depois desta hora, decorriam os dias, cheios de alegria que lhe causava a presença do seu Jesus. Mas também cheios de amargura e dos sofrimentos, que trazia ao seu coração êste pensamento constante: um dia êle será imolado!

Apertando nas suas as mãos tão ternas de Jesus, parecia sentir já os pregos que deveriam atravessá-las. Abaixando a sua fronte tão pura, ela já sentia a coroa de espinhos. Estreitando-o ao coração, ela já o contemplava, em espírito, coberto de sangue e de feridas, com o lado aberto e derramando por sôbre os homens, até à última gôta, o seu sangue divino.

O' dor e angústia da ternura materna!

Como em liras perfeitamente acordes, que ressoam uníssonas, a oblação de Jesus era a oblação de Maria.

Seus corações estavam inebriados juntamente, com o pensamento do sacrifício. Depois, veio a hora da separação.

Jesus começa a sua vida pública. Novos temores para Maria! Sem dúvida, o dia do sacrifício se aproxima a grandes passos!

---

2) Pugnabant igitur in Virginis corde, ut in campo plano, duo illi gigantes amores, amor Filii et amor mundi, sensumque Virginis in diversa trahebant.

Ela o prevê e o espera. O ódio dos fariseus já lhe é conhecido. Perseguem o seu Jesus. Querem apoderar-se dêle. Depois, numa tarde, vêm-lhe dizer: Jesus está prêso.

Gente armada de bastões, cordas e gládios, prendeu-o no Getsêmani, guiada por um traidor, e o conduziu a Caifás.

Oh! que nos reserva o dia de amanhã?...

Que terrores não sentiu esta desolada Mãe!...

Jesus está prêso! e ela é impotente para libertá-lo, para aliviá-lo. Jesus, longe dela, nas mãos de seus mais implacáveis inimigos! Que tristeza, que dor!... estar separada de um Filho tão amado, já condenado infalivelmente, de antemão, e nada poder fazer para unir-se a êle!

E' o supremo sofrimento!

Que terror, quando lhe dizem: Quem o julga é Caifás, é Pilatos, é Herodes.

Pobre Mãe! Quantas dores!...

E quando ela reencontrou o seu Filho na encosta que conduz ao Calvário, êle havia sofrido de tal modo, desde a sua separação que lhe apareceu como não tendo mais algo de humano! Isaías lho havia feito compreender. E o seu coração não a enganara.

Que momento, quando os seus olhares se encontraram!

"Meu Filho!"

"Minha Mãe!"

E Jesus subia até ao lugar de execução; e Maria, acompanhada de algumas piedosas mulheres, seguia o "Homem das Dores".

Enfim, eis que o Cordeiro de Deus chegou até ao cume do Gólgota.

Maria bem sabia que êle devia ser o Homem das Dores. Mas, quando a realidade veio e apareceu aos seus olhos, quando ela percebeu o corpo de seu Filho dilacerado e triturado pelos azorragues da flagelação da manhã, quando ela viu o seu rosto, extenuado e irreconhecível, jorrando sangue, inundado do suor da morte, a cabeça encerrada num feixe de espinhos, o brado de sua alma foi: "Oh! como os profetas o haviam dito bem! e como são sobrepujados os meus receios! Em que estado, pois, puseram o meu Bem-Amado!"

De fato, as suas suspeitas e suas previsões eram excedidas. As profecias estavam realizadas ao pé da letra.

Agora compreendia melhor o sentido da palavra de Isaías; o seu coração de mãe se esforçava por compreender tôda a extensão do "Êle será o Homem das Dores!"

Seu espírito e seu coração procuraram penetrar a fundo o sentido destas outras palavras: "Transpassaram minhas mãos e meus pés e contaram todos os meus ossos".

Pobre Mãe, ela havia interpretado que êles contariam os seus ossos, depois que êle estivesse morto, ao passo que ela mesma poderia contá-los, no corpo hirto do seu Filho.

Chegou o momento supremo do holocausto!

Lágrimas e gemidos dos mártires nunca se podem igualar, mesmo em conjunto, à vivacidade e à imensidade das dores que a divina Mãe sofreu no seu peito oprimido!

Tão cruel era ao seu coração o espetáculo do deicídio, que se desenrolava ante seus olhos.

Os algozes lançam Jesus sôbre a cruz. Ela percebe então os cravos com que vão pregá-lo; ela ouve os golpes do martelo; ela vê a crueldade do suplício, que jamais fôra aplicado às vítimas imoladas no templo, ou aos criminosos executados fora dos muros.

Os buracos preparados na madeira da cruz, estão demais afastados; e êles empregam cordas, para puxarem violentamente os membros, que nêles devem ser pregados.

Ela ouve o estalar dos ossos, vê os músculos torcerem-se e percebe os suspiros de sofrimentos e os gemidos do seu Filho. Ergue-se, enfim, a cruz, e com que sofrimento balança-se um instante no ar, por cima dos assistentes, e fixa-se no solo.

Sôbre a cruz o corpo suspenso do Filho de suas entranhas... E a Mãe das dores, em face do Homem de dores, pôde dizer, a nós e aos pecadores de todos os séculos: *"O' vós que passais por êste caminho, considerai e vêde se há uma dor semelhante à minha dor!"*

E todos os séculos lhe responderam: *"A quem comparar-vos, ó Virgem, filha de Sião? O excesso dos vossos males é semelhante à extensão dos mares"*.

Sim, o profeta procurara em tôda a natureza a quem poderia comparar a imensidade desta dor, que o Espírito

Santo lhe mostrava numa visão longínqua, e não encontrou senão o mar, cuja extensão, profundidade e largura puderam figurá-la.

E esta dor, cuja amargura tinha o infinito, o horroriza, pois é o preço da salvação da humanidade; a Santíssima Virgem vem colocar-se, heróica e sublime, ao lado da cruz.

"Stabat"! Ela estava em pé! Esta única palavra basta para narrar o prodígio de sua intrepidez, assim como as palavras: *"Faça-se a luz", fiat lux,* haviam sido suficientes para dizer, desde a origem, que milhares de focos foram acesos no firmamento.

Jesus está abandonado por todos na terra, mas a sua Mãe está de pé ao seu lado. Ela reconhecia, através de tôdas as suas humilhações e de todos os seus sofrimentos, o Cristo Redentor, o Homem das dores, vítima de seu amor, o Homem-Deus.

Ela fica aí, de pé! E esta Virgem, seguramente a mais delicada e a mais tímida de tôdas as virgens, afronta os fariseus, os carrascos, a multidão, e até o inferno desencadeado contra o seu Filho.

Ela contempla as suas chagas lívidas, os cravos que o contundem, o sangue que o cobre, todos êstes sofrimentos e tôdas estas dores que o esmagam em um como lagar. E, esmagada ela mesma, sucumbe a estas chagas, a êstes cravos, a êste esmagamento, a êste esgotamento.

E' a paixão e a compaixão ao mesmo tempo.

Seus olhos se encontram, seus olhares se confundem, seus corações comunicam entre si os seus pensamentos, por uma linguagem secreta e cheia de ternura.

Êle se oferece, e ela o oferece pelos nossos pecados.

Jesus diz: "Perdoai-lhes". E Maria pede com êle êste perdão.

Jesus diz: "Tenho sêde". E, com êle, Maria, tem sêde, sêde de almas.

Êle diz: "Tudo está consumado". Êle deu tudo, e ela também deu tudo, não poupando sequer o seu próprio Filho, nem a si mesma.

Êle dá um alto grito e expira. Ela não pode expirar, mas o seu coração entra nos transes da morte.[3]

E quando o despregaram da cruz e o puseram nos braços de sua Mãe, ela pôde, então, contemplar à vonta-

3) Jos. Lémann: op. cit., c. II.

de êste corpo desfigurado e lívido, coberto de chagas e de sangue; ela pôde sondar as chagas das mãos e dos pés, a chaga do lado, sobretudo, que dava entrada ao seu coração. Um último brado escapava-se do seu coração de Mãe:

"Meu Filho!"

O' terna Mãe! dai-nos a graça de compreender êste oceano de angústias e de torturas que fizeram de vós a "Mãe das dores", para que participemos um dia das vossas dores por nós e vos consolemos pelo nosso amor e nossa fidelidade!

III

As fontes das dores de Maria

Após a consideração do conjunto das dores de que foi repleta a vida da Rainha dos mártires, e fizeram da sua existência um martírio prolongado, e de cada um dos seus dias uma etapa para o Calvário, detenhamo-nos nos pormenores dos seus sofrimentos.

De fato, em parte alguma o amor cintila tão puro, tão desinteressado e tão atraente, como através das lágrimas e das dores.

Aliás, a Virgem não sofre senão por amor. O seu corpo virginal não está crucificado, mas, ao contrário, que gládio trespassou a sua alma! gládio de duplo gume, afiado incessantemente pelo seu amor a Jesus e o seu amor aos homens.

Antes de tudo, quais eram as fontes principais destas dores?...

Quatro principalmente:

A *primeira*, era ver Jesus morrer, e não poder morrer com êle.[4]

Não há uma só mãe que, em semelhantes circunstâncias, não tivesse desejado vivamente a morte.

Para um coração triturado, a morte é preferível à vida. E, se a morte se apresenta, não como uma separação, mas como uma união realizada mais íntima, que mãe aflita a não consideraria um inexprimível favor?...

Tal se dá com Maria. Jamais um filho foi, aqui na terra, tão querido de sua mãe, como Jesus de Maria; jamais um filho foi tão bom e tão belo, tão amável e tão verdadeiramente "filho" como Jesus.

---

4) Cfr. F. W. Faber: Aos pés da cruz.

Os direitos do pai e da mãe concentravam-se, ao mesmo tempo, no coração da Virgem.

Ela só o havia gerado, e isto sobrenaturalmente, de tal modo que Jesus era como duas vêzes seu Filho. E êste seu Filho estava revestido, ao mesmo tempo, de todos os atrativos da humanidade e de todos os encantos da divindade.

Que amor veemente, digamos melhor, que paixão divina não devia excitar, no coração de Maria, a contemplação das amabilidades infinitas de Jesus!

E êste Filho, tão divinamente amado, partia desta vida, partia, deixando a sua Mãe só, desolada, com o coração transbordando do mais veemente desejo de seguilo, e com a sua alma cheia de dolorosas lembranças do Calvário.

Jesus ia-se embora... Desde então êle não estaria mais com ela, para falar-lhe do céu... E ela estaria separada dêle.

Mas, então, por que vivia ela ainda?...

Sua união com êle era tão habitual e tão estreita, que ela se tornara a sua vida; e agora, na hora suprema, esta união ia ser rompida, quando ela desejava o mais vivamente possível assemelhar-se a êle!

Como, pois, era prodigioso o amor de Maria, para obedecer assim à vontade de seu Filho no Calvário, vontade esta que lhe prescrevia a separação e a obrigava a prolongar a sua vida durante vinte e quatro anos[5] de um incompreensível martírio!

A *segunda* causa da aflição para Maria foi o ser ela testemunha ocular da paixão, sem poder aliviar os sofrimentos do seu divino Filho.

As revelações dos santos nos ensinam que a Santíssima Virgem, embora corporalmente ausente do Getsêmani, assistia em espírito e seguia interiormente às diversas fases da agonia do Salvador.

Mas ela estava corporalmente presente no caminho do Calvário, e na crucifixão; ela o seguia e assistia (com que dor!) a cada nova tortura que a impiedade judaica inventava para aumentar os sofrimentos do seu Filho. Ela assistia a tudo, via tudo e se desolava por não poder proporcionar o menor alívio a Jesus.

---

5) Dizemos 24 anos, na opinião de que Maria viveu até 72 anos; mas uma outra diz 63 anos.

Os espinhos faziam o sangue correr lenta e penosamente, sôbre os olhos do Salvador, e Maria não podia se aproximar para enxugá-lo.

Os lábios de Jesus estavam ressequidos e descorados pela sêde, e a Mãe desolada nem sequer podia ir depor nêles um beijo refrigerador.

Esta cabeça dolorida, admirável aos olhos dos anjos e tão divinamente radiante de dor e de amor, desaparecia sob o pó, o suor e o sangue... e a Virgem nem mesmo podia, como a Verônica, enxugá-la com o seu véu, e lavá-la com as suas lágrimas.

Depois, ela vê o seu Filho suspenso no patíbulo dos malfeitores, com as mãos e os pés trespassados, e com o corpo sangüinolento e lívido. A cabeça do divino paciente cai para trás, os espinhos penetram mais fundo, e, inclinando-se para a frente, todo o corpo fica suspenso dos pregos, que lhe dilaceram mais as suas mãos delicadas.

Oxalá pudesse ela sustentá-lo nas suas mãos maternais, e deixá-lo repousar nelas até à hora suprema, em que êle deve morrer!

Mas, não! Esta última consolação não lhe será dada, senão depois que êle tiver expirado.

Uma *terceira* fonte das dores de Maria é a visão distinta que ela tem do pecado, e a apreciação que lhe inspiram as cenas sangrentas da paixão e do Calvário.

Com efeito, não podemos duvidar de que Nosso Senhor tenha permitido que ela participasse, em certa medida, do seu conhecimento sobrenatural da extensão do pecado, da sua excessiva malícia e do ódio que êle excita em Deus, conhecimento êste que distinguiu Jesus e deu aos sofrimentos da sua paixão o seu verdadeiro caráter. Foi a visão do pecado que crucificou a alma de Jesus no jardim das Oliveiras; foi à visão da cólera do seu Pai contra o pecado, que êle pediu com tanta tristeza que se lhe afastasse êste cálice.

Lemos que Santa Catarina de Gênova caiu desfalecida, um dia, quando Deus lhe mostrou, em uma visão, que horror é preciso ter a um só pecado, mesmo venial.

Em Maria não podia haver êste desfalecimento, pois os dons que lhe havia outorgado o seu divino Filho ultrapassavam os dos santos, o mais que poderíamos dizer;

por conseguinte, o seu horror ao pecado sobrepujava a tôdas as nossas concepções.

Dêste modo, apareceu aos seus olhos, sôbre os ombros chagados do seu Filho, a visão hedionda e repelente dos pecados do mundo inteiro.

Ela via como era verdadeiramente a Deus que o pecado atingia, ofendia e cobria de opróbrios.

O terror que dêles sentia o Salvador fazia-lhe sofrer mil mortes interiores.

Faltam-nos palavras para pintar um tal suplício.

Enfim, a estas fontes tão cruéis de sofrimentos acrescenta-se a perda prevista de tantas almas, para as quais o sangue divino ia ser inùtilmente derramado. E' a *quarta fonte.*

Pensemos no valor de cada gôta dêste sangue divino. Êle foi derramado para cada alma em particular; e, entretanto, quantas almas perdidas para a eternidade!

Eis o preço que Cristo pagou para o resgate das almas; e, entretanto, êle vê desaparecer o seu valor.

Se uma só alma, para a qual tôda esta paixão foi sofrida de propósito, tivesse que perecer para tôda a eternidade, tornando inútil, pelas suas ofensas, o amor do seu Salvador, que angústia imensa era a sua dor, pois que não era só uma alma, um número incalculável delas que haviam de perder-se!...

Ah! Jesus sofria, sôbre a cruz, uma outra crucifixão invisível, e muito mais angustiosa do que aquela que aparecia aos algozes e aos espectadores; era a crucifixão de um coração saciado de sofrimento ao pensar na multidão inumerável dos que se separariam dêle, que deixariam de ser seus membros e que se perderiam irrevogàvelmente.

Também neste cálice Maria teve o seu importante quinhão. E se, neste momento, ela discerniu o que êste pensamento lhe fazia sofrer por causa do seu imenso amor a Jesus, e por via de conseqüência, por causa do seu imenso amor às almas, ela viu então dois abismos separados e hediondos, nos quais ela devia entrar voluntàriamente, apesar do horror que dêles a afastava.

E nesta multidão de pecados, cujo pêso torturava a alma virginal de Maria, estavam os nossos próprios pecados. A Virgem os distinguiu, e o seu olhar cheio de

lágrimas elevou-se ao céu, para implorar-nos o perdão e a misericórdia.

Quando, enfim, amaremos nós aquela que nos amou tanto, e que, para provar-nos o seu amor, submeteu-se a angustiosas torturas e a suplícios intensos!

Digamos-lhe, portanto, com a Igreja: "O' Mãe, ó fonte de amor, fazei que eu sinta a vossa dor, e que eu chore convosco".

"Eia Mater, fons amoris,
Me sentire vim doloris
Fac ut tecum lugeam!"

IV

Caracteres das dores de Maria

Os caracteres distintivos das dores da Santíssima Virgem têm uma relação estreita com as fontes de que tiram a sua origem.

Assinalemos alguns dêles. O seu estudo far-nos-á compreender mais o amor que Maria nos testemunha pelas suas dores e excitar-nos-á a corresponder-lhe por um amor recíproco mais extenso e mais generoso.

Êstes caracteres são em número de quatro.

1. O *primeiro* dêstes caracteres particulares das dores de Maria foi que êles duraram tôda a sua vida.

A dor que a nós se apega, algumas vêzes deixa-nos sentir menos fortemente o seu aguilhão.

A desgraça que persegue um homem no decorrer de tôda a sua vida parece, em certas ocasiões, fatigar-se de o perseguir, e muda então de direção, como se renunciasse à sua prêsa, ou como se quisesse conceder-lhe algum descanso.

Mas "para Maria tal não se deu, diz o P. Faber, a dor era-lhe como inerente".

"Quando Deus quer consolar uma alma, êle a inebria, disse mons. Gay, mas, quando êle quer desolar uma delas, êle a tritura".

"Êle me estabeleceu em uma aflição tão profunda, que permanece o dia inteiro", dizem os livros santos.

De que se trata?... Da sexta-feira santa, em que morreu o Salvador, depois de haver passado pelo crisol de sua paixão.

Mas êste dia começava desde a véspera, e, para Maria, ao menos, êle tinha um dia posterior. A véspera era o Getsêmani; o dia seguinte era o santo sepulcro, ou, para melhor dizermos, esta véspera era a vida terrestre e humilhada de Jesus; e êste dia seguinte eram todos os anos que Maria ainda devia passar na terra sem êle.

O Calvário era um círculo em que tudo se concentrou: o passado, o futuro, o céu, a terra e o próprio inferno; o inferno com o seu ódio, a terra com os seus crimes, o céu com os seus esplendores; mas o ponto central dêstes raios tão divergentes era o coração triturado de Jesus e o coração desolado de sua Mãe.

2. Mas as dores da Virgem não eram sòmente de todos os instantes de sua vida; elas também cresciam continuamente.

Mais familiar se lhe tornava a visão dos sofrimentos, mais ela sentia o seu doloroso amargor.

Quando os primeiros ventos da tempestade começaram a soprar sôbre o seu coração, ela apertou contra êle o seu Jesus. Êle lhe parecia mais amável que nunca. Dêste modo decorreram os doze primeiros anos. Depois vieram os outros dezoito anos, em que cada palavra, cada olhar, cada movimento de Jesus estavam repletos de mistérios divinos.

Finalmente, chegaram os três anos do ministério público do Salvador e as suas palavras, as suas obras, os seus milagres pareceram carregar o mundo de mais belezas sobrenaturais do que êle podia suportar. E então, ó dor, os homens se precipitaram com furor, para extinguir esta luz que os feria com o seu brilho e fulgor.

À medida que crescia assim a beleza de Jesus, crescia igualmente o amor de Maria, e com o seu amor crescia a sua agonia. Ah! é que a presença de Jesus se tornara para ela um hábito do qual não podia se afastar sem deixar de viver. E é assim que os seus sofrimentos aumentaram mais depressa do que crescem as plantas na primavera; e êles aumentariam com tanto maior rapidez, quanto mais se aproximava o têrmo fatal.

3. O *terceiro* caráter das dores de Maria é que ela suportou tudo voluntàriamente por amor. O' Deus, mil vêzes misericordioso e clemente, tereis, porventura, depositado esta coroa, êste fardo, esta montanha, êste mundo de aflições sôbre a cabeça de Maria, a vossa ima-

culada e a privilegiada do vosso coração, se ela mesma, vendo Jesus carregado por vós de iniqüidades, não vos tivesse pedido instantemente que a deixásseis participar dêste cargo?...

Quando a dor atinge aquilo que amamos, sobretudo aquilo que amamos infinitamente mais do que a nós mesmos, quando ela não só o atinge, mas o encerra, o esmaga, o penetra, o inunda, o desola, e acaba por matá-lo, proibir então ao amor de sofrer (supondo-se que isto fôsse possível), seria impeli-lo a um estado tão violento, e infligir-lhe um suplício tão grande que os sofrimentos mais atrozes, recebidos do objeto amado, ao lado dêles, pareceriam um refrigério e uma libertação.

Sim, Maria devia sofrer! Seu amor a Deus e o amor que Deus lhe tem o exigiam.

Não poderíamos conceber uma mãe sem lágrimas ao lado de um filho ensangüentado, e nem para Deus e nem para nós seria admissível tal suposição.

Qualquer coisa teria faltado eternamente à beleza moral de Maria, se Jesus a tivesse subtraído a esta imolação, pela qual êle resgata o mundo.

Parece que, amando-a por tantos títulos, êle não a teria amado até ao grau supremo do amor, pois que lhe teria recusado dar esta grande e alta prova do seu amor, que consiste em sofrer por aquêles que amamos, e em sofrer por amor.

Aliás, não há mérito onde não há amor habitual de Deus. Se as dores da Santíssima Virgem não tivessem tirado a sua origem de seu amor, elas não teriam sido meritórias: do excesso de amor vinha o excesso de sofrimento.

4. Um *quarto* caráter das dores de Maria é a resignação com que ela suporta o pêso de angústias que sôbre si se acumulam.

Nada podemos imaginar de maior do que a violência dos tormentos de que foi torturado o coração maternal desta Virgem Santíssima.

"Mas, não! enganamo-nos, diz Santo Amadeu; acima dos sofrimentos e das dores de Maria há qualquer coisa de maior e de mais admirável — é a coragem com que ela os suporta. O prodígio de sua resignação tão calma eleva-a infinitamente acima do prodígio dos seus sofrimentos.

"Vêde: a sua aflição está no auge, e, entretanto, ela não se entrega a gemidos. O que ela sofre é inexprimível, e, no entanto, ela não está abatida — ela fica de pé e imóvel, com uma constância e uma grandeza de alma que ultrapassam a grandeza do seu sofrimento".[6]

E Santo Anselmo acrescenta: "A sua face não manifesta qualquer sinal de impaciência; os seus lábios não proferem uma só palavra de murmúrio, de indignaou de vingança; o seu coração está repleto de amargura, e di-lo-iam impassível; a sua alma está abismada de dor e as lágrimas misturadas de lamentos. O' maravilhoso acorde de pudor e de coragem, de paciência e de amor! A mais pura, a mais delicada e a mais tímida de tôdas as virgens é a mais corajosa, a mais magnânima, a mais heróica de tôdas as mulheres".

Em sua alma mais do que crucificada é impossível descobrir-se o menor traço de indignação. Ela não faz o mínimo apêlo à justiça; ela vê tudo, mas só olha uma coisa: Jesus. O seu coração se entrega à justiça divina, com a doçura e a resignação de um cordeiro, e ela se lhe entrega tôda inteira, com êle e como êle.

Quanto a desejar qualquer castigo para os outros, quaisquer que sejam, dos crimes que causaram ou cercaram êste grande sacrifício, ela não teve necessidade, nem o pensamento e, muito menos ainda, a tentação.

Por tôda parte e sempre, mas sobretudo no Calvário, ela é a "mulher", a mãe, a Virgem clemente, a advogada dos pecadores, a Mãe de misericórdia.

O' Maria, incomparável Virgem e Mãe, possa tanta ternura tocar enfim o meu coração e penetrá-lo de reconhecimento e de amor! Para me salvar e para me santificar é que sofrestes tanto!

Eu não posso reconhecer um tal benefício senão pelo amor. Fazei, pois, que a minha alma seja penetrada por êle e que eu viva dêle, até à minha hora derradeira.

V

A imensidade das dores de Maria

De boa vontade empregamos, em nossa linguagem, esta grande palavra "imensidade". Raramente ela é justificada pela soma ou pelo pêso dos nossos sofrimentos.

6) Sto. Amadeu: Homil. 5 de mart. B. Virg.

De fato, qual é a dor humana, que em nada se possa atenuar, seja da parte da terra, onde temos e onde sabemos encontrar tantos refúgios, apoios e distrações, seja da parte do céu, tão poderoso para consolar-nos e sempre tão propenso a fazê-lo?

Mas, quando dizemos de Maria que a sua dor é imensa, é absolutamente e terrivelmente verdade.

"Todos os rios correm ao mar, escreve o Sábio, e o mar nunca transborda".

Compreendei que êstes rios são torrentes de angústias, e que êste mar, em que tudo se precipita, e que Deus fêz tão vasto para receber e conter tudo, é o coração da Virgem imaculada, e tereis aí uma imagem da imensidade da sua desolação.

E' ante o pensamento desta imensidade das dores de Maria que a Igreja exclama, com o profeta Jeremias:

"O' vós todos que passais pelo caminho, considerai vêde se há uma dor semelhante à minha dor! A quem vos hei de comparar, ó filha de Jerusalém? A quem direi que vos assemelhais?... Onde encontrarei alguma coisa igual aos vossos males? E como vos hei de consolar, ó filha de Sião? O excesso dos vossos males é semelhante a um mar. Quem porá nêle um limite?"

E' do mesmo modo que os doutôres e os santos falaram da grandeza dos sofrimentos de Maria.

Santo Anselmo disse: "Qualquer que tenha sido a crueldade maquinada contra os mártires, era superficial, ou antes, não era nada, comparada à crueldade da paixão de Maria".[7]

Um anjo revelou a Santa Brígida que "se Nosso Senhor não tivesse sustentado miraculosamente sua Mãe, ela não teria podido conservar a vida durante o seu martírio".

Eis o eco de todos os santos e de todos os doutôres. Procuremos compreender, por um rápido exame, que de fato foi assim.

Donde provém a imensidade das dores da Virgem imaculada?...

Provém, sobretudo, de quatro causas.

Meditemo-las aqui atentamente.

---

7) De excell. Virg. C. V.

O que nos mostra antes de tudo a imensidade destas dores é que elas ultrapassaram todos os tormentos dos mártires.

Não sòmente, diz o P. Faber[8], nunca houve um único mártir, por prolongadas ou complicadas que tenham sido as suas torturas, que igualasse a Maria em sofrimentos, mas mesmo as angústias de todos os mártires reunidas, com a sua variedade e intensidade, não se aproximaram da agonia de sua paixão.

Os mártires sentiram uma consolação inefável em contemplar a Jesus, cuja beleza e glória os fortificavam. O seu espírito estava repleto desta luz divina.

A sua agonia era mitigada e contrabalançada, quase metamorfoseada pela consolação interior que experimentavam na sua alma inundada de graça e de amor. Mas onde a visão interior de Maria procurará uma consolação? E' preciso que os seus olhos espirituais lancem os seus olhares lá onde os seus olhos corporais já estão fixos, isto é, sôbre Jesus, e é esta visão que causa a sua tortura.

Ela vê a sua natureza humana, e ela é a sua Mãe, e Mãe acima de tôdas as outras mães, amando como nunca outra mãe amara; e muito mais ainda como nunca poderiam amar tôdas as mães reunidas, se pudéssemos reunir a totalidade dos seus atos de amor, no mais enérgico e mais inexprimível dos atos.

Êle é o seu Filho!... e que Filho!... e de que modo maravilhoso!

Êle é o seu tesouro e o seu tudo! Que fonte de torturas agudas, vivas, mortais, incomparáveis, havia nesta contemplação!

E, entretanto, não estava tudo aí, pois havia mais ainda: aí havia a natureza divina do Salvador.

Jesus tinha direito às adorações de todos os homens, e ninguém o via como Maria. Jesus era Deus, e êle não recebia nenhuma das homenagens devidas à sua divindade.

Êle era Deus, e Maria o via, através da obscuridade do eclipse, coberto de sangue, de escarros, de lama, de chagas repelentes, de contusões lívidas.

Que significava tudo isso sôbre uma pessoa divina?...

---

8) Aos pés da cruz.

E' inútil indagar um nome para uma dor, como a que submergia a alma de Maria Santíssima.

Jesus, a alegria dos mártires, aqui é como o algoz de sua Mãe! Nenhum martírio foi igual àquele e não lhe podemos atribuir outro nome que o de "imensidade de dores", a "dor incompreensível".

Em *segundo lugar,* os sofrimentos da Santissima Virgem podem ser chamados imensos, em relação às suas proporções com as suas outras qualidades, isto é, que se depois de Jesus e para Jesus ela tivesse que ter a preeminência de dor, os seus sofrimentos deviam ser proporcionados à sua dignidade, à sua santidade e às suas luzes.

Dores proporcionadas à sua dignidade, e ela era Mãe de Deus. Dignidade tal, diz Santo Tomás, que a própria Onipotência não teria podido imaginar uma grandeza mais elevada. E' dizer que era impossível imaginar uma dor maior do que a da Mãe de Deus!

Dores proporcionadas também à sua *santidade.* As provações dos santos são sempre medidas sôbre a sua fôrça e a sua capacidade de sofrer, e análogas aos seus méritos, que elas igualam, e aos quais se ligam de um modo particular.

Ora, quem dirá a santidade e os méritos de Maria?...

Questão insolúvel, falta de algarismos, dissemos precedentemente.

Mas, se esta santidade não é absolutamente ilimitada (e é a menor coisa que dela se possa dizer), não sabemos ao menos que enorme fardo de sofrimento exigia uma tal santidade para alcançar o seu nível e fecundá-la, amadurecê-la, acrescê-la e coroá-la, por uma outra imensidade — a imensidade da dor.

Dores proporcionadas, enfim, às suas *luzes.*

O conhecimento aguça sempre mais a dor, e a sensibilidade aumenta a sua violência.

Ora, todo o ser da Santissima Virgem estava repleto de luz.

Não só uma razão e uma inteligência de perfeição extrema resplandeciam em tôdas as suas faculdades, mas a sua vida interior se passava no seio de uma atmosfera sobrenatural, tôda de luz.

Nas suas dores inenarráveis, êste conhecimento que a esclarecia era uma tortura terrível.

Podemos bem dizer que ninguém, exceto o Salvador, compreendeu perfeitamente a paixão, nem pôde avaliar e agrupar todos os horrores no que êle tem de mais hediondo; ao menos a compreensão que delas teve Maria é a única que se aproximou da que tinha o seu Filho.

Assim, pois, ainda aqui, a extensão das dores da Santíssima Virgem nos escapa, porque não podemos medir a extensão das luzes sobrenaturais a que elas eram proporcionadas e com as quais cresciam talvez simultâneamente.

As dores de Maria são ainda imensas por causa da sua *multidão*.

Cada olhar, cada palavra ou ação de Jesus causava à doce Virgem uma superabundância de sofrimentos nos quais o passado e o futuro se confundiam em uma visão única, mas terrível, sempre presente à sua alma.

E se, por causa da sua multiplicidade, não podemos contar tôdas as aflições da Santíssima Virgem, ao menos qual não foi a sua violência, quando tôdas se concentraram como que sôbre um ponto único e culminante, donde se espalharam a cada momento e de todos os lados sôbre a sua alma, com uma tal diversidade de sofrimentos que não poderíamos imaginar?...

Maria pôde dizer com justiça: "A minha amargura é a mais amarga de tôdas as amarguras".

Há também um outro ponto de vista, sob o qual as dores de Maria foram verdadeiramente imensas: — é a superioridade a tudo o que a fôrça humana pode suportar. De fato, elas ultrapassaram em energia ao mais robusto homem.

E' opinião unânime dos autores, apoiada sôbre as revelações dos santos, que Maria conservou a vida por milagre sob o pêso dos seus intoleráveis sofrimentos. A previsão que ela teve das suas dores foi tão viva, que, sem um socorro particular de Deus, ela não teria podido viver sob um aguilhão tão cruel. Não vemos, algumas vêzes, pais ou mães que morrem de desgôsto?...

Na expressão de nossas dores de ordinário há algum exagêro e a imaginação as aumenta.

Mas nos sofrimentos de Maria tudo era verdadeiro e real. Elas eram avivadas pela perfeição superior da sua natureza, pela sua graça superabundante, pela beleza perfeita e, sobretudo, pela divindade de Jesus.

Dêste modo, cada uma das suas dores era perfeitamente aceita, quer na sua intensidade, quer na sua extensão, quer na sua duração.

Sua natureza física, isenta dos estragos do pecado, estava repleta da mais enérgica vitalidade, dotada da mais terna e viva sensibilidade; por conseguinte, era de uma capacidade única para sofrer.

Logo, nada houve em Maria, quer na sua razão, quer nos seus sentimentos, que pudesse amortecer um só dos golpes que ela recebia.

Esta realidade das dores de Maria é, na verdade muito extraordinária, e foi preciso o coração de um Deus, para permitir que a sua Mãe sofresse tanto pela nossa salvação. E nós correspondemos às vêzes tão mal e tão covardemente às ternuras que tantas dores nos revelam.

Até quando seremos ingratos?... E quando, enfim, misturaremos algumas lágrimas de compunção à torrente de dores de nossa Mãe?...

VI

As razões das dores de Maria

A vista das imensas dores desta Virgem tão compadecida, perguntamos imediatamente a nós mesmos como Deus permitiu que ela fôsse triturada a êste ponto.

A questão merece seguramente uma resposta, pois ela supõe o conhecimento dos sublimes desígnios de Deus sôbre Maria, e nos ensina como é que devemos carregar as cruzes que a Providência coloca sôbre nossos ombros, e mesmo desejar o sofrimento por amor de Deus.

Os sofrimentos de Maria não eram necessários, por necessidade absoluta, para operar a redenção do mundo, mas Deus quis que fôssem necessários por necessidade de conveniência.

"O ódio da serpente infernal, diz S. Crisóstomo, começara por Eva a perpetrar o desastre original; convinha, por conseguinte, que Maria, nova Eva, interviesse no ato da reparação, efetuado pelo novo Adão".[9]

As razões das dores da Virgem co-redentora são, portanto, numerosas, mas há cinco, sobretudo, que merecem uma atenção particular.

Qual é a primeira?...

9) S. J. Chrys.: De interdict.

E' o *amor de Deus a Maria.*

Pode o amor dar algo de melhor do que a si mesmo?...

Ora, em Jesus tudo era sofrimento. Maria deverá, portanto, assemelhar-se ao seu divino Filho, deverá participar das suas dores, porque participa do seu amor.

A lei que atinge a Jesus deverá envolver Maria. E esta lei, nós o sabemos, era uma lei de sacrifício e de expiação, em que a ignomínia e a abjeção deviam chegar quase ao aniquilamento.

Maria teria sido um simples instrumento e não uma mãe, se ela tivesse sido separada de tôdas estas coisas.

O *crescimento dos méritos* da Santíssima Virgem foi mais uma razão dos seus sofrimentos.

E' sobretudo nos sofrimentos que se acumulam os méritos. A qualidade de Mãe de Deus não teria sido uma razão suficiente para que Maria fôsse elevada ao céu, sem a graça santificante que precedeu e seguiu esta dignidade da maternidade divina.

A elevação legítima de Maria devia depender dos seus méritos e os seus méritos deviam ser adquiridos evidentemente por uma longa série de sofrimentos.[10]

Como avaliar então os arrebatamentos que atualmente enchem no céu a alma de nossa Mãe querida e nos quais ela reconhece as recompensas especiais devidas a cada uma de suas dores?...

E por prodigiosa que seja a grandeza da recompensa, ela vê pormenorizadamente como correspondeu a cada um dos seus sofrimentos em particular, e como esta recompensa nasceu dos seus sofrimentos.

Setenta e dois anos de alegria extática jamais teriam, na ordem atual dos desígnios de Deus, elevado o seu trono tão próximo do trono de Deus.[11]

Uma *terceira razão* das dores da Imaculada era a *glória* que Deus devia receber dela.

A maior misericórdia de Deus para com as criaturas é o permitir-lhes contribuírem à sua glória e fazê-lo de um modo inteligente e livre.

Mas quem melhor do que Maria se achava em condições de procurar esta glória? Ela que era tão próxima de Deus e tão vibrante de amor e de vida sobrenatural?

10) Cfr. Bourdaloue: Sermão sôbre a Assunção.
11) Jamar: Maria Mãe da Dor.

Dela Deus pôde receber mais glória não só do que de qualquer outra criatura, mas ainda mais do que de tôdas as outras criaturas reunidas, excetuando-se, evidentemente, a natureza criada de Jesus Cristo.

A Mãe de Jesus estava cumulada, sem dúvida, das graças poderosas que exigia uma correspondência tão maravilhosa à vontade divina, mas ela nunca recebeu do seu divino Filho dom algum, ao qual ligasse tanto aprêço, como à sua compaixão. Não! para ganhar o mundo, ela não teria consentido em se privar da menor circunstância que pudesse agravar a sua dor.

Portanto, foi Maria quem pagou, por assim dizer, a dívida que os santos tinham contraído com Jesus pela sua paixão e que êles nunca podiam saldar.

Maria, ao pé da cruz, era o mundo em adoração, pois nenhuma criatura adorava então a Jesus em suas humilhações.

Tudo se concentrava, pois, na pessoa desta Virgem das dores; ela era como que o centro, o coração e a voz do mundo inteiro.

A *quarta razão* das dores de Maria é que ela era mãe, e qual é a mãe que não sofre para o seu filho?...

A mãe não é mãe por um título nobiliárquico, e, sobretudo, ela não pode ser "Consoladora dos aflitos", como Maria o deveria ser, por um simples decreto emanado da vontade. Poderia dar-se isto, mas Deus não o quis.

A sentença promulgada contra Eva: "Darás à luz na dor", é, ao mesmo tempo, uma lei e um mistério, uma condenação e uma profecia.

A partir dêste momento a dor se torna uma condição inevitável para a mulher se tornar mãe, tanto na ordem natural, como na ordem da graça. A qualidade de mãe é inseparável da qualidade de mártir.

"Maria, ao pé da cruz, diz S. Bernardino de Sena, adquiriu o título de Mãe dos cristãos com o preço das mais incompreensíveis dores e, gerando-nos à graça, ela sentiu, ao mesmo tempo, tôdas as dores suportadas pelas mães que comunicam a vida da natureza aos seus filhos. Maria sentiu-as tôdas ao mesmo tempo, gerando-nos à graça ou dando-nos à luz da graça, e, dêste modo, os seus sofrimentos igualaram os sofrimentos de tôdas as mães".

A razão por êle apresentada prova-nos que Maria tendo-nos gerado a todos para a salvação, teve que sofrer para cada um de nós em particular.

Uma *quinta e última razão* que entrevemos das dores da Virgem, é o desígnio de Deus em dar-nos Maria por modêlo.

A dor caracteriza mais ou menos tôda a vida humana e, encerrando em si os meios particulares de união com Deus, desarranja e perturba, mais do que qualquer outra coisa, as nossas relações com êle.

A dor enfraquece a nossa confiança em Deus, faz nascer tentações contra a fé, conduz-nos a uma espécie de mau humor, e até mesmo de revolta contra a Providência.

Suportar cristãmente a dor é talvez a obra mais elevada e mais árdua que temos nós a realizar, e está em grande parte nos desígnios de Deus que a soma das dores que devemos suportar cresça com o grau de santidade que nos torna capazes de as suportar.

E, sob êste ponto de vista, que horizonte luminoso se abre aos nossos olhos!...

A mais pura, a mais doce, a mais santa das criaturas nos aparece esmagada e triturada pela dor e nos ensina como devemos sofrer e como devemos galgar o Calvário da nossa vida.

Como é doce, nas horas de lassidão e de provação, apoiar a cabeça e o coração sôbre o coração sanguinolento de Maria!

Como aí irradia levemente o amor, através das lágrimas e das angústias!

Como êle atrai e repousa o coração! Como êle nos pede sobretudo um pouco de reciprocidade de amor, a pequena chama de nosso coração, para uni-la ao incêndio do coração da "Virgem das dores"!

VII

Maria, Rainha dos mártires

De tudo o que acabamos de dizer resulta que Maria é, verdadeiramente, em tôda a extensão da palavra, a "Rainha dos mártires".

Que mártir sofreu jamais dores semelhantes às suas? Qual entre os nossos heróis é aquêle em cujas torturas poderíamos verificar caracteres, imensidade e profunde-

za semelhantes àqueles que são o fundo e que formam o complemento das dores de Maria?

E' um sentimento admitido por todos os teólogos que uma dor suportada por amor de Deus é capaz de causar a morte e suficiente para constituir o martírio, mesmo que não ocasionasse a morte. E' assim que S. João Evangelista é reputado mártir, embora não tenha expirado na caldeira de óleo fervente, saindo dali mais forte do que antes.[12]

Para merecer a auréola do martírio basta, pois, segundo Santo Tomás, que levemos a obediência até ao seu grau supremo, que é oferecer-se a si próprio à morte.[13]

Ora, Maria o fêz em grau que ultrapassa a tôda concepção humana.

"Se o seu coração não caiu sob os golpes de um algoz, diz Santo Afonso, o seu coração bendito foi trespassado pela dor que ela sentiu da paixão de seu Filho, dor que bastava para lhe dar mil vêzes a morte.

Daí devemos concluir que Maria não foi sòmente mártir em tôda a fôrça do têrmo, mas que o seu martírio sobrepujava ainda a todos os outros"[14], visto ter sido êle mais longo, mais intenso e mais profundo.

O' Virgem Maria, vós bem podeis dizer com o salmista: "A minha vida se desvaneceu na dor, e os meus anos decorreram nos gemidos", pois a dor vos foi sempre presente, foi o vosso pão cotidiano, vos revestiu de tôdas as partes, penetrou-vos e vos consumiu inteiramente, vosso martírio atinge o infinito, sois verdadeiramente a Rainha dos mártires.

Não repercutiu em vosso coração a paixão do vosso Jesus, que foi mais do que o Rei dos mártires? E vós mesma não esperastes os dias da paixão para entregar o vosso coração às agonias mortais?...

Ainda jovem, aprendestes com os profetas a história antecipada dos sofrimentos do vosso Jesus. E a partir desta primeira revelação, quantas lágrimas ardentes correram sôbre as vossas faces virginais!

E tornando-vos Mãe de Deus, quem poderia exprimir os gládios que então se cravaram em vosso coração para trespassá-lo?

---

12) Brev. Rom. Dia 6 de maio.
13) Summ. 2. 2. q. 124 a 3.
14) S. Lig., Sermão sôbre as Dores de Maria.

E, no entanto, nada mais eram que os pressentimentos da paixão.

No dia em que ela se realizou, que martírio de sangue não produziu no vosso coração, ó boa Mãe! Pois tôdas as circunstâncias da paixão de Jesus, expirando em sofrimentos inauditos, reproduziram-se dolorosamente em vós, sua Mãe.

Sim, Jesus foi o Rei dos mártires, e vós, ó Maria, fôstes a Rainha dos mártires.

Duas coisas elevaram o martírio de Maria acima dos tormentos de todos os mártires reunidos — o *tempo* e a *intensidade*.

O *tempo*, que mitiga as dores comuns, não aliviou as dores de Maria, mas, ao contrário, aumentou-as.

De uma parte, Jesus aparecia a sua santa Mãe cada vez mais belo e mais amável, à medida que crescia. E, de outra parte, o dia de sua morte se aproximava sempre.

"Assim como a rosa cresce entre os espinhos, dizia o anjo a santa Brígida, assim também a Mãe de Deus progredia em anos, no meio das tribulações. E como os espinhos crescem ao mesmo tempo que a rosa, assim, adiantando-se em idade, Maria, esta rosa escolhida do Senhor, sentiu que os espinhos das suas dores penetravam mais profundamente em sua alma".

Segundo uma outra revelação a Santa Brígida, a Santíssima Virgem lhe diz que, mesmo depois da morte e da ascensão de seu Filho, ela tinha a paixão continuamente presente no seu pensamento; e, quer tomando os seus alimentos, quer trabalhando, o seu coração amante estava ocupado nesta lembrança.

Quanto à *intensidade*, é como um abismo insondável.

"Se Deus não tivesse conservado a vida a Maria por um grande milagre, diz Santo Anselmo, a sua dor teria sido suficiente para lhe dar a morte a cada instante que ela passava na terra".[15]

Como é que os sofrimentos da humilde Virgem foram muito mais intensos que os de todos os mártires?...

Êles o foram, sobretudo, de *três modos*.

Primeiramente, a alma sobrepuja o corpo, tanto quanto os sofrimentos da alma ultrapassam os do corpo.

15) De excel. Virg. c. 5.

Em certa ocasião, Nosso Senhor disse a Santa Catarina que entre as dores da alma e as do corpo não há comparação possível.[16]

Ora, foi no corpo que os mártires sofreram os golpes do ferro e do fogo. Maria, ao contrário, sofreu em sua alma, segundo a profecia do santo velho Simeão.

O segundo modo, como o faz notar Santo Antonino[17], consiste no fato de que o suplício dos mártires atinge à perda da própria vida; o da Santíssima Virgem consiste no sacrifício de uma vida que lhe era muito mais cara do que a sua própria vida — a vida de seu Filho.

Dêste modo ela sofreu não sòmente em sua alma tudo o que Jesus Cristo sofria em seu corpo, mas a vista dos sofrimentos de seu Filho afligiu mais o seu coração que se ela mesma tivesse padecido todos êles.

"Jesus sofria nos seus membros, e Maria no seu coração", diz o bem-aventurado Amadeu[18], "de modo que, ajunta S. Lourenço Justiniano, o coração da Mãe se tornou como o espelho das dores do Filho; os escarros, os golpes, as chagas, tudo o que Jesus sofria, vinha refletir-se nela".[19]

Dizem que os pais sentem mais vivamente os sofrimentos dos seus filhos do que os seus sofrimentos pessoais.

S. Bernardo nos dá a razão disto: "A alma está mais naqueles que ela ama do que naquele que ela anima".[20]

Se isto é verdade, podemos dizer, portanto, que "Maria sofreu mais vendo as dores do seu querido Jesus, do que se ela mesma tivesse sofrido tôda a paixão".[21]

E' a conclusão do bem-aventurado Amadeu.

Enfim, um terceiro modo é que o martírio de Maria foi privado de tôda consolação.

Sem dúvida, os mártires sentiram vivamente os tormentos que lhes infligiam os tiranos, mas seu amor a Jesus lhes tornava doces e amáveis os seus sofrimentos.

---

16) Inter dolorem animae et corporis, nulla est comparatio.

17) P. 4. t. 5. c. 24, par. I.

18) Ille carne, illa corde passa est (de laud. B. Virg. Hom. 5).

19) Passionis Christi speculum effectum erat cor Virginis; in illo agnoscebantur sputa, convicia, verbera, vulnera (De Trin. Chr. Ag. C. 21).

20) Anima magis est ubi amat quam ubi animat.

21) Maria torquebatur magis quam si torqueretur in se; quoniam supra se incomparabiliter diligebat id unde dolebat (De laud. B. Virg. Hom. 5).

Mais êles amavam a Jesus Cristo, menos sentiam os tormentos da morte; e a vista de um Deus crucificado bastava para os consolar.

Mas que consolação hauria a Mãe de Jesus ante o espetáculo dos seus sofrimentos, já que os próprios sofrimentos dêste Filho querido eram o objeto da sua aflição e o amor que lhe tinha era o seu único e mais cruel algoz?

Portanto, o martírio de Maria consistia precisamente na compaixão que ela sentia à vista do seu Filho inocente e querido entregue a tão horrorosos suplícios. E, por conseguinte, mais ela amava, mais amarga era a sua dor, e mais se afastava tôda consolação.

E' o que se quer representar, quando apresentamos os santos mártires, cada qual com o seu instrumento de suplício: S. Paulo, com a espada; Santo André com a cruz; S. Lourenço, com a grelha...

Quanto à bem-aventurada Virgem, representamo-la tendo em seus braços o seu divino Filho morto, porque só Jesus foi o instrumento do seu martírio, em razão do amor que ela lhe consagrava.

Depois disso, figuramo-nos a Mãe de Deus de pé, junto à cruz, na qual Jesus expira, dirigindo-nos estas palavras do profeta: *"O' vós todos que passais por êste caminho, considerai-me e vêde se há dor semelhante à minha dor"*.[22]

Vós que passais a vossa vida na terra, sem sequer lançardes um olhar de compaixão sôbre a vossa Mãe aflita, detende-vos um instante para considerar-me e ver se entre todos aquêles que são prêsa da aflição e dos tormentos, há um só cuja dor seja semelhante à minha.

"Não, ó Mãe desolada, responde-lhe S. Boaventura, não há dor mais cruel do que a vossa, porque não há filho mais querido do que o vosso".[23]

Eis como o martírio da amável Virgem ultrapassou as dores de todos os mártires, pois ela sofreu em sua alma, enquanto os mártires sofreram no corpo.

A sua dor cresceu durante tôda a sua vida, enquanto que a dos mártires tinha um têrmo muitas vêzes limitado.

---

22) O vos omnes qui transitis per viam! attendite et videte si est dolor sicut dolor meus (Thren. I).

23) Nullus dolor amarior, quia nulla proles carior (Off. comp. B. Virg.).

Enfim, ela não teve consolação alguma.

O' sim, ó Maria, vós sois verdadeiramente Rainha dos mártires. Ninguém merece melhor a soberania sôbre a dor do que vós, que sofrestes como nunca sofreu criatura alguma.

E quais são os nossos deveres para com a nossa Mãe desolada?...

Escutemos a própria Santíssima Virgem dizer a Santa Brígida: "Minha filha, eu passo em revista todos os habitantes da terra, para ver se há entre êles quem pense em meu martírio e se comova ao vê-lo; mas eu encontro muito poucos.

E tu, minha filha, não faças como o grande número, não te esqueças de mim, considera as minhas dores, e chora comigo tanto quanto quanto o podes".

O próprio Nosso Senhor revelou à bem-aventurada Verônica de Binasco que, de certo modo, êle se comprazia mais em ver-nos compadecidos das dores de sua Mãe, do que dos seus próprios sofrimentos.

Eis as suas palavras: "Minha filha, as lágrimas derramadas sôbre a minha paixão são por mim amadas; mas, como amo com um amor imenso a minha Mãe, Maria, é-me mais agradável a meditação das dores que lhe causou a minha morte".[24]

Acrescentemos que preciosos favores foram concedidos àqueles que meditam muitas vêzes sôbre as dores desta Mãe querida.

Em seu "Journal de Marie", Marchèse relata uma tradição antiga, que nos mostra S. João Evangelista chorando a morte daquela que êle tomara por todo o seu bem. Para consolá-lo, e por ter êle velado sôbre os últimos anos de Maria, Nosso Senhor dignou-se aparecer-lhe, em uma visão, acompanhado de sua Mãe.

O santo ouviu Maria pedir ao seu Filho que concedesse alguma graça particular àqueles que honram as suas dores.

Jesus prometeu quatro principais, que são:

1. Aquêles que invocam a Mãe das dores merecerão fazer, antes da morte, uma penitência sincera dos seus pecados.

2. O próprio Jesus os protege em suas tribulações, sobretudo na hora da morte.

---

24) Boll., 13 Jan.

3. Êle imprimirá nêles a memória de sua paixão, e lhes dará a recompensa do céu.

4. Colocá-los-á nas mãos de sua Mãe, a fim de que dêles disponha segundo o seu parecer, e lhes alcance tôdas as graças que quiser.

Portanto, amemos, honremos e consolemos a amável e doce Rainha dos mártires.

Choremos com ela na terra, a fim de têrmos a felicidade de um dia nos alegrarmos com ela no céu.

VIII

Conclusão

Após a consideração minuciosa das dores da augusta Virgem e das disposições que animaram a doce co-redentora, que nos resta ainda a dizer? Nada mais do que recolhermos êstes raios esparsos e reunir tôdas estas dores num foco imenso, escrevendo nêle a palavra "amor".

O amor é, de fato, o princípio, a base e coroação de todo êste drama doloroso, como êle é a fonte e o princípio da bondade e da misericórdia da divina Mãe.

Por que Maria é tão poderosa e tão cheia de ternura para conosco?

— Porque ela nos ama.

Por que Maria é tão transbordante de misericórdia para com os pobres pecadores?

— Porque ela os ama.

Por que a divina Mãe consentiu entregar o seu Filho aos algozes e à cólera dos malfeitores, e condenou-se a sofrer com êle e por êle?

— Porque ela ama os homens e quer salvá-los.

Depois de cada dor de Maria, como depois de cada sofrimento de Jesus, pode-se exclamar: *"Sic dilexit mundum.* — E' porque amaram o mundo".

A salvação do mundo! — *Eis, com efeito, o têrmo de tudo.*

Deus quis salvar o mundo, e quis salvá-lo pelo sofrimento. E, não contente de sofrer só, êle associou sua própria Mãe à sua obra redentora.

Podia êle dar-nos uma prova maior do seu amor?...

— Sofrer por outrem é sublime!

Mas fazer sofrer, para salvar um inimigo, àqueles que amamos mais terna, mais apaixonadamente, é divino!

E eis o que o nosso Salvador não hesitou em fazer.

Fixando o seu olhar sôbre esta criatura pura e ideal, que êle amava mais do que tôdas as outras criaturas reunidas, êle ousou dizer: O' minha Mãe, minha Bem-Amada, minha privilegiada, eis a humanidade perdida, eu poderia salvá-la por uma simples palavra; mas quero que ela saiba que eu a amo. E, para mostrar-lho, morrerei por ela. E não é o bastante!

Para mostrar-lhe tôda a intensidade e tôda a extensão de meu amor, vou sacrificar aquela que mais amo depois de minha divindade — minha Mãe!

Vai, pois, ó Virgem benigna; que a dor te triture como uma vitima! Que as angústias te estreitem como um círculo de ferro! Vai, sofre, imola-te comigo... vive e morre para a humanidade, e que, por êste sinal, ela compreenda o amor que lhe tenho, pois permito que a minha própria Mãe seja vitima para a sua salvação.

E foi visto tão grande espetáculo! — Uma Mãe imolando o seu filho e imolando-se a si mesma para a salvação dos seus algozes.

"Dêste modo, diz S. Bernardo, Maria vive e não vive, morre e não pode morrer. Ela vive, porém morrendo; morre, mas conservando a vida; ela morre e não pode morrer; tem uma vida mais penosa do que a morte".

Eis o que nos representa o Calvário. Eis como Maria se torna a nossa Mãe, e por que preço ela adquire êste titulo que devia proporcionar-lhe tão pouca consolação. Ela deu à luz o inocente, sem dores e sem sofrimento; mas deve dar à luz os pecadores entre angústias e dores.

E' preciso que o seu titulo de Mãe dos homens lhe custe o Filho. Ela não pode ser Mãe dos cristãos senão com a condição de dar à morte o seu Filho único.

Que dolorosa fecundidade!

Recordo-me aqui de S. Paulino de Nola, que, falando de sua parenta, Santa Melânia, a quem de numerosa família nada mais restava que uma criancinha, traça a sua dor por estas palavras: "Ela estava com esta criança, sobrevivente infeliz de uma grande ruína, que, bem longe de a consolar, aguçava as suas dores, e parecia que lhe fôra deixada para fazê-la lembrar-se do seu luto, antes que para reparar a sua perda".

Não vos parece que estas palavras foram ditas para representar as dores da divina Mãe?

"Mulher, diz Jesus, eis aí o vosso filho".

"Esta palavra, diz Bossuet, num arroubo de gênio, esta palavra mata-a e fecunda-a. Ela tira das suas entranhas, com a espada e gládio, êstes novos filhos, e entreabre-se o seu coração com uma violência incrível, para aí entrar êste amor de mãe, que ela deve ter a todos os fiéis.

"O' filhos de Maria, filhos de sangue e de dor, continua o eloqüente prelado, podeis ouvir sem lágrimas nos olhos os males que causais à vossa Mãe? Podeis esquecer os gemidos, entre os quais ela vos deu à luz?

Gemitus matris tuae ne obliviscaris. — Não esqueças os gemidos de tua mãe.

Lembra-te dos lamentos de Maria, lembra-te das dores cruéis com que dilaceraste o seu coração no Calvário; deixa-te comover pelos gemidos de uma mãe. O' pecador, qual é o teu pensamento?

Queres elevar uma outra cruz, para nela pregar Jesus Cristo?

Queres fazer com que Maria veja o seu Filho crucificado ainda uma vez?

Queres coroar a sua cabeça com espinhos, calcar aos pés, ante os seus olhos, o seu sangue do novo Testamento e, por um tão horrível espetáculo, reabrir ainda tôdas as feridas do seu amor materno?

Praza a Deus que não sejamos tão desnaturados!

Deixemo-nos comover pelos gemidos de uma mãe.

Meus filhos, diz ela, até agora nada tenho sofrido, tenho como nada tôdas as dores que me afligiram na cruz. O golpe que me dais por causa dos vossos pecados, eis o que me fere. Vejo morrer o meu Filho querido, mas, como êle sofre pela vossa salvação, consenti em imolá-lo, eu mesma; deixai que eu traga êste amargor com alegria.

Meus filhos, crêde no meu amor. Parece-me não ter sentido êste martírio, quando o comparo às dores que me causa a vossa impenitência. Mas, quando vos vejo sacrificar as vossas almas ao furor de Satanás, quando vos vejo a perder o sangue de meu Filho, tornando inútil a sua graça, é então que me sinto mais vivamente tocada.

Eis, meus filhos, o que me trespassa o coração; é isto que me arranca as entranhas".[25]

---

25) Bossuet: Sermão sôbre a compaixão da santa Virgem.

O ódio ao pecado e o desejo de reparar as nossas faltas, por uma vida pura e cheia de amor, eis, de fato, qual deve ser a conclusão do estudo das dores de Maria.

Amar é tornar-se semelhante, tanto quanto possível, ao objeto de nossas afeições.

Maria é a pureza, é o amor!... Como ela, sejamos puros, amemos e consolemos as suas dores pela nossa fidelidade em corresponder à graça, para que as suas lágrimas não se tornem inúteis, mas façam germinar em nossas almas uma seara de virtudes, um desabrochar de santidade!

CONCLUSAO DA OBRA

Que conclusão tirar destas páginas?...

Ela se impõe.

Vimos Maria proposta pelo próprio Deus como um ideal e compreendemos o lugar que ela deve ocupar em nossa vida.

Vimos a sua grandeza e a admiramos!

Vimos o seu poder, e êle nos encheu de confiança!

Vimos a sua beleza, e esta nos atraiu!

Vimos, finalmente, os seus benefícios, e êles nos excitaram ao reconhecimento.

Mas o *conhecimento,* a *admiração,* a *confiança,* a *preferência* e o *reconhecimento* nos conduzem a um termo único e central — o *amor.*

O amor?... Oh! sim! Tudo aqui vem do amor, e tudo deve produzir o amor!

Devemos amar a esta doce e arrebatadora Mãe, com o amor mais forte e mais extenso — digamos a palavra: com o amor mais apaixonado.

S. João Berchmans dizia: "Se amar a Maria, a minha perseverança é certa; Deus me concederá tudo o que eu quiser". E êle exclamava: *Quero amar a Maria! Quero amá-la!...*

O' filho querido de Maria, repitamos nós também: *Quero amar a Maria! Quero amar a Maria!*

Repeti-o ainda uma vez, repeti-o sempre.

Amai a Maria como Santo Estanislau Kostka, a quem não se podia falar de sua Mãe querida, sem se sentir impelido a amá-la com êle.

Para celebrá-la mais dignamente, êle imaginava expressões novas e novos títulos. Antes de cada ação, êle pedia a bênção à Santíssima Virgem.

Recitava êle o ofício ou o rosário? Era com uma efusão de tão vivos anelos que lhe parecia falar-lhe face a face. O canto da *"Salve Regina"* transportava-o de

amor e a alegria se irradiava no seu rosto. Perguntaram-lhe, certa ocasião, quanto êle amava a Maria.

"Ela é minha Mãe, exclamou êle, que posso dizer mais?"

Êle proferiu estas palavras com uma piedade tão terna, que não mais parecia um homem, mas sim um anjo falando da Mãe de Deus.

Amai a Maria como o *bem-aventurado Hermano José,* que em troca do nome de espôso com que o honrava a Virgem, não a chamava senão a sua espôsa de amor?

Amai a Maria como *S. Filipe Neri,* que a chamava suas delícias, que se sentia cheio de consolação ao lembrar-se dela.

Amai a Maria como *S. Boaventura,* que a proclamava sua soberana e sua Mãe, e a chamava "o seu coração e a sua alma".

Amai a Maria como *S. Bernardo,* que queria tanto bem à sua doce Mãe, ao ponto de denominá-la a *"Raptrix cordium"*.

Amai a Maria como *S. Bernardino de Sena,* que a visitava todos os dias, dizendo: "Quero encontrar a bem-amada da minha alma".

Amai a Maria como *S. Luis Gonzaga,* que não podia ouvir ressoar o doce nome desta Mãe querida, sem que o seu rosto, imediatamente inflamado, mostrasse a emoção do seu coração!

Amai a Maria como *S. Francisco Solano,* que, tomado de uma como loucura santa, punha-se a cantar, diante da imagem da Madona.

Amai a Maria como *Santo Afonso Rodriguez,* que desejava sacrificar-lhe a sua vida, como prova de amor.

Amai a Maria como *Santa Radegunda,* que gravou êste nome bendito sôbre o seu peito, com uma ponta de ferro.

Amai a Maria como *Santo Afonso de Ligório,* que se obrigou, por voto, a recitar o têrço todos os dias, e a pregar, todos os sábados, as glórias de Maria, contentando-se com um pedaço de pão como único alimento.

Amai a Maria como o *bem-aventurado Grignion de Montfort,* que, ainda criança, já se fazia o panegirista da Santíssima Virgem e que, prostrado ante a imagem da sua celestial Mãe, parecia desconhecer a todos, mas, ficando em uma como espécie de alienação dos sentidos,

orava, imóvel, em uma espécie de êxtase, ficando muitas vêzes a orar, a invocá-la, a honrá-la, a dedicar-lhe a sua inocência e a consagrar-se ao seu serviço.

Amai a Maria como *S. Gabriel da Virgem Dolorosa*, que, por voto, se obrigou a trabalhar, quanto pudesse, para a extensão do reino de Maria. E quem, para se animar aos mais difíceis atos de virtude, continuamente dizia de si para si: — "Pois bem! Não te quererias vencer por amor da Santíssima Virgem?"

Amai-a como o *bem-aventurado Teófano Vénard*, que escreveu e assinou com o seu sangue a sua consagração a Maria, segundo o bem-aventurado de Montfort, e que escreveu, em previsão do seu martírio: "Quando cair a minha cabeça sob o machado do algoz, ó Mãe imaculada, recebei o vosso pequeno servo como o cacho de uvas sazonado, que tombou sob a foice, ou como a rosa desabrochada colhida em vossa honra. *Ave, Maria!*

E do fundo de sua prisão, em que já previa a hora sanguinolenta, exclama: "Eu sou vosso, todo vosso, ó minha boa Mãe, e tudo o que me pertence é vosso".

Amai-a como a seráfica virgem de Luca, *S. Gema Galgani*, que a chamava a sua "querida mamã", e que foi por ela favorecida com aparições de uma ternura e de um amor sem limites.

Escutemos, um instante, êste inefável colóquio entre a Virgem do céu e a sua pequenina serva.

Numa tarde, Maria lhe apareceu, sentou-se, tomou sôbre os seus joelhos a humilde criança, fê-la repousar a cabeça sôbre os seus ombros, e perguntou-lhe, cheia de ternura:

— Minha filha, amas sòmente a mim?

— Oh! não, minha querida mamãe, antes de vós eu amo a outro.

— E quem é esta pessoa, minha filha?

— Alguém que me é muito caro, mais caro que tudo no mundo. Eu o amo tanto, que daria imediatamente todo o meu sangue por êle.

— Mas, dize-me quem é, minha filha?

— Se tivésseis vindo anteontem à tarde, minha Mãe, tê-lo-ieis encontrado comigo.

— Quem é, pois? replicou Maria.

— Não, não vo-lo direi: Vêde, querida mamãe. Êle é semelhante a vós pela sua beleza; seus cabelos têm a côr dos vossos.

— Mas, dize-me, minha filha, de quem é que falas? continuou a Santíssima Virgem, aparentando ignorá-lo.

— Vós não compreendeis, cara mamãe?... Quero falar de Jesus, de Jesus!

— Repete ainda com mais fôrça êste nome, diz a Mãe celeste.

"Depois, olhando-me com um doce sorriso, diz a seráfica extática, ela me estreitou ardentemente contra o coração e acrescentou:

— Sim, ama-o muito e não ames senão a êle.

— Não temais, respondi eu, ninguém no mundo, fora de Jesus, gozará da minha afeição.

Novamente ela me abraçou e me beijou na fronte".

Oh! que amor inefável e que intimidade incomparável com a doce Virgem Maria!

Oh! sim, piedoso filho de Maria, amai-a como todos êstes servos fervorosos da Rainha do céu... Amai-a ardentemente, amai-a apaixonadamente.

Será muito, sem dúvida, mas será pouco, em comparação do que ela merece, e também em comparação do que ela nos consagra.

Santo Afonso Rodriguez dizia, uma ocasião, a Maria Santíssima, em transportes de amor: "Minha Mãe, eu sei que vós me amais; mas não me amais tanto quanto eu vos amo!"

A Santíssima Virgem lhe respondeu: "Que dizes tu, Afonso? Que dizes? Oh! quanto o amor que te tenho sobrepuja o que me tens!

Fica sabendo que há menos distância entre o céu e a terra, do que entre o meu amor e o teu".

Felizes daqueles que têm em seu coração o amor de Maria e que lhes servem fielmente! Nossa Mãe amantíssima jamais se deixará vencer em amor pelos seus fiéis servos.

Ao nosso amor ela corresponde com um amor maior; aos seus antigos benefícios ela acrescenta sempre novos benefícios.

A exemplo de Jesus Cristo, nosso amantíssimo Redentor, ela retribui ao cêntuplo com os seus benefícios e os seus favores, o amor que lhe temos nós.

* * *

Começando esta obra, dizia que o melhor *prefácio* de um livro piedoso era a prece, para que Deus se dignasse abençoar-lhe as páginas.

Não será preciso acrescentar que a melhor *conclusão*, a se tirar do mesmo, é ainda uma prece!

Portanto, repitamos juntamente, piedoso leitor e filho de nossa doce Mãe, esta prece de um dos maiores servos de Maria, Santo Afonso de Ligório:

"O' Jesus, meu Redentor querido;

O' Maria, minha querida Mãe,

Abrasai-me o coração de amor por vós, consuma-se a minha alma de amor por vós. E já que vos não posso amar sem a vossa graça, concedei-me vós mesmos, ó Jesus e Maria, a graça de vos amar tanto quanto o mereceis. O' Deus tão possuído de amor para com os homens, quando ainda éramos tão culpados, vós nos amastes até morrer de amor por nós; e, agora, podereis recusar à nossa prece a graça de amar-vos, a vós e à vossa augusta Mãe?...

O' Jesus e Maria, que eu viva para vós, que eu sofra por vós, e que por vós eu morra!"

E sempre com a santo doutor: "Eu digo adeus ao piedoso leitor, a quem a devoção inspirou ler esta obra, adeus, até têrmos um dia a felicidade de nos reunirmos no céu, aos pés de nossa amável Mãe e de seu amantíssimo Filho, para louvá-los, agradecer-lhes, amá-los juntamente, face a face, durante tôda a eternidade.

O' Maria,

doce e encantadora Mãe,

a vossos pés deponho êste livro, fruto das minhas leituras, de minhas meditações e de minhas vigílias, mas sobretudo fruto do vosso amor que mo inspirou, que me guiou e me concedeu acabá-lo.

Eu o deposito aos vossos pés, para que vos digneis abençoá-lo, e já que vos comprazeis em vos inclinardes

para o que é pequeno e fraco, para que o coloqueis um instante sôbre o vosso coração, para nêle imprimir algo de vosso amor, de vossa ternura, para lhe dar um como perfume de vossa misericórdia, para fazer irradiar através de suas páginas um como raio de vosso sorriso.

Depois, que êle vá ao longe, forte pela vossa bênção, atraente pelo vosso sorriso, benfazejo pela vossa ternura; que êle vá até às almas puras, para inflamá-las de vosso amor; até às almas generosas, para lhes traçar um ideal; até às almas fracas, para reconfortá-las; enfim, até aos pobres pecadores, para mostrar-lhes o vosso coração e os vossos braços abertos para recebê-los.

Que êle murmure a todos os ouvidos e a todos os corações:

Honrai a Maria; invocai a Maria; amai a Maria; imitai a Maria, pois "é impossível que se perca para sempre um verdadeiro filho de Maria!"

ÍNDICE

Carta-prefácio 5
Introdução 9

Primeiro motivo: A VONTADE DE DEUS

Introdução 15

Cap. I: **Maria Santíssima nos desígnios de Deus**

1. No começo 17
2. A predestinação 19
3. O mistério de amor 21
4. As graças reservadas a Maria 25
5. Influência de Maria sôbre o mundo 28
7. As figuras de Maria 36
8. Os emblemas de Maria 48

Cap. II: **Maria Santíssima na Igreja**

1. A Igreja depositária do culto de Maria 54
2. Maria Santíssima no Evangelho 56
3. Os apóstolos, servidores de Maria Santíssima 61
4. Maria na primitiva Igreja 72
5. O desenvolvimento do culto de Maria 75
6. O concílio de Éfeso 78
7. Maria através dos séculos 82
8. O século de Maria 88

Cap. III: **Maria nas almas**

1. Incapacidade ao falarmos de Maria 124
2. Maria, traço de união entre Jesus e os homens 95
3. A união imediata a Maria 99
4. Maria forma Jesus em nós 102
5. Maria, Rainha dos corações 106
6. Maria, escada da perfeição 110
7. As espôsas de Jesus 114
8. Conclusão 118

Segundo motivo: AS GRANDEZAS DE MARIA

Introdução 123

Cap. IV. A Maternidade divina

1. Incapacidade ao falarmos de Maria 124
2. A preparação 128
3. Os fundamentos 131
4. União hipostática 136
5. A maternidade espiritual 139
6. A tríplice maternidade 143
7. A intermediária 147
8. Os cimos 151

Cap. V: A família divina

1. As relações 155
2. Maria e a Santíssima Trindade 160
3. A Filha de Deus 165
4. A Mãe de Deus 168
5. A irmã de Deus 172
6. A espôsa de Deus 175
7. A plenitude de Maria 179
8. A beatitude de Maria 184

Cap. VI: O complemento divino

1. Maria completa a Santíssima Trindade 189
2. Complemento do Pai 194
3. Complemento do Filho 196
4. Complemento do Espírito Santo 198
5. Estado quase divino 201
6. A Virgem sacerdotal 204
7. A Virgem-hóstia 211
8. Conclusão 217

Terceiro motivo: O PODER DE MARIA SANTÍSSIMA

Introdução 223

Cap. VII: A fonte dêste poder

1. Sua extensão 224
2. Os títulos dêste poder 227
3. Filha e irmã de Deus 229
4. Mãe do Filho 231
5. A lei da santidade 236

6. A espôsa do Espírito Santo 238
7. A muito Amada do Altíssimo 243
8. A co-redentora 247

Cap. VIII: **A glória dêste poder**

1. Jesus, prisioneiro de Maria 252
2. A rainha do céu e da terra 256
3. Realeza do amor 260
4. A Mãe dos homens 204
5. O testamento de Jesus 269
6. A nova Eva 272
7. A divina reparadora 277
8. O centro de tôda religião 282

Cap. IX: **O exercício dêste poder**

1. A iniciadora das graças 286
2. A medianeira 291
3. A dispensadora 296
4. A consoladora 300
5. Nosso socorro e nosso apoio 304
6. Tudo por Maria! 308
7. Visões dos santos 318
8. Conclusão 322

Quarto motivo: A BELEZA DE MARIA

Introdução 329

Cap. X: **As belezas de Maria**

1. O ideal 330
2. Maria, bela em sua conceição 334
3. O crescimento continuo 339
4. Quae est ista?... 344
5. Maria, resplandecente de glória 349
6. Maria, radiante de virtudes 352
7. Deus, enamorado da beleza de Maria 355

Cap. XI: **As belezas do coração de Maria**

1. A obra-prima do amor 359
2. O amor de Deus 363
3. As causas dêste amor 366
4. O amor supremo 369
5. O amor dos homens 372
6. O amor de mãe 376
7. Os princípios dêste amor 379
8. Os caracteres do amor de Maria para conosco.... 383

Cap. XII: **A beleza do espírito e do corpo de Maria**

1. O espírito de Maria 387
2. Os conhecimentos de Maria 390
3. A chave dos corações 395
4. O retrato de Maria 398
5. O esbôço de Maria pelos Santos Padres 401
6. Ela era muito bela 404
7. O sorriso de Maria 406
8. Conclusão 408

Quinto motivo: OS BENEFÍCIOS DE MARIA

Introdução 415

Cap. XIII: **A bondade de Maria**

1. A fonte da bondade de Maria 416
2. O desenvolvimento ad bondade de Maria 419
3. As aspirações de Maria 422
4. Os benefícios temporais 426
5. Os benefícios espirituais 430
6. Auxilium christianorum 433
7. A bondade de Maria, a irradiar do seu nome 437
8. A doçura do nome de Maria 441

Cap. XIV: **A misericórdia de Maria**

1. A Rainha de misericórdia 444
2. A Mãe dos pecadores 447
3. Maria, nossa única esperança 452
4. O penhor da perseverança 455
5. O sinal da perseverança 459
6. A advogada dos míseros 464
7. A padroeira da boa morte 469
8. A porta do céu 472

Cap. XV: **As dores de Maria**

1. O fundamento destas dores 477
2. A dolorosa paixão de Maria 480
3. As fontes das dores de Maria 484
4. Caracteres das dores de Maria 490
5. A imensidade das dores de Maria 493
6. As razões das dores de Maria 498
7. Maria, Rainha dos mártires 501
8. Conclusão 507
Conclusão da obra 511